

**NONA**

**jornada**



de **extensão**

universitária



ufpa

# SUSTENTABILIDADE E DIVERSIDADE NA AMAZÔNIA

# Anais

**A N A I S**

Nona Jornada de  
Extensão Universitária

U F P A

Sustentabilidade e Diversidade na Amazônia



## UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor  
Alex Bolonha Fiúza de Mello

Vice-Reitora  
Regina Fátima Feio Barroso

Pró-Reitora de Extensão  
Ney Cristina Monteiro de Oliveira

Departamento de Ação Comunitária  
Wilson Barroso

Departamento Cultural  
Paulo Sérgio Assunção

Assessora da PROEX  
Elizabete Nepomuceno Raiol Lopes



Diretora da EDUFPA  
Laís Zumero

Divisão de Editoração  
José dos Anjos Oliveira

### **Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) – Biblioteca Central / UFPA, Belém – PA**

---

Jornada de Extensão Universitária UFPA (9.: 2006: Belém, PA)  
Sustentabilidade e diversidade na Amazônia: anais / Nona Jornada  
de Extensão Universitária UFPA. Belém: UFPA/PROEX/EDUFPA,  
2007.

ISBN 85-247-0378-4

1. Desenvolvimento sustentável – Amazônia. 2. Diversidade  
cultural – Amazônia. I. Título. II. Universidade Federal do Pará.  
CDD: 21. ed. 363.709811

---

**Pró-Reitoria de Extensão da UFPA-PROEX**  
Av. Augusto Correa, 01 – Campus Universitário do Guamá  
Prédio da Reitoria – 2º andar – [proex@ufpa.br](mailto:proex@ufpa.br) – [www.ufpa.br/proex](http://www.ufpa.br/proex)  
Fone: (91) 3201-7127/7260 – Fax: (91) 3201-7256

# SUMÁRIO

## COMUNICAÇÃO

1.	Recortes urbanos: diálogos com a cidade	Bruno Macêdo de Cantuária Erinaldo da Conceição Cirino Thiago Ramon Soares Siqueira	9
----	---	---	---

## CULTURA

2.	Um passeio pela obra amazônica de Dalcídio Jurandir e a obra de Graciliano Ramos	Ana Paula Ribeiro da Silva Luís Guilherme	20
3.	Planejamento urbano, práticas participativas e identidade territorial ribeirinha na orla fluvial de Belém	Beatriz de Sousa Vilar Rovaine Ribeiro Tiago Veloso dos Santos	27
4.	Uma visão panorâmica sobre o Fórum de Pesquisa em Artes	Danielle Barbosa da Silva	39
5.	PROCRIAR: espaço de pesquisa e extensão para o entendimento resiliência nos atendidos do Programa Luamim: peças interventivas na realidade	Leidiany Marques de Souza	46
6.	Programa Luamim: Medidas sócio-reflexivas junto a crianças e adolescentes de bairros com alto índice de violência em Belém/PA	Priscila Pereira Sarquis Flaviana Aparecida de Moraes Araújo Marcilene da Silva Oliveira	53
7.	Teatro: o despertar de uma visão crítica para a formação da cidadania de crianças e adolescentes	Priscila Pereira Sarquis Gleidson Alves Pantoja Heliana Baía Evelin	64
8.	O cinema como elemento de discussão dos diversos modos de ser contemporâneo	Ricardo Pimentel Mélo Amanda Pereira de Carvalho Cruz Angela Flexa Di Paolo Elaine Andrade Arruda	72
9.	Territórios híbridos: fórum permanente de pesquisa em arte	Valzeli Sampaio Orlando Maneschy	76
10.	História e memória: levantamento histórico das atividades do Núcleo de Arte nas áreas de ensino, pesquisa e extensão universitária	Ysmaille Ferreira de Oliveira	82

## DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

11.	Capacitação de educadores e técnicos sociais de programas governamentais e não-governamentais na área da infância e adolescência	Geise do Socorro Lima Gomes Maria de Nazaré Palheta e Silva	93
12.	Trabalho Social com adolescentes retiradas do trabalho doméstico e suas famílias	Rita de Cássia Pinto Melo Roberta Kelly Tavares dos Santos	100
13.	O processo de favelização e o plano de desenvolvimento local/ Riacho Doce e Pantanal	Sibely de Oliveira Pantoja	107

## EDUCAÇÃO

14.	Protagonismo juvenil em ação na Rádio Comunitária	Andréa Silva Vieira Mariléia Pereira Trindade	117
15.	Esporte Educacional: desenvolvimento integral de crianças e adolescente no PRD	Clauber Pereira Teles Karina dos Santos Moraes	119
16.	Projeto pré-vestibular solidário/UFPA	Edilena Neves Reale	120
17.	Guimarães Rosa nos processos seletivos	Elissandro Lopes Araújo	122

18.	Construção de uma proposta para a prática participativa escolar como instrumento de gestão	Heloisa Helena Meireles Bahia Terezinha Fátima Andrade Monteiro dos Santos	129
19.	Questões de Avaliação: Guimarães Rosa visto pelos Instrumentos Educacionais	Everton Teixeira	136
20.	A recepção crítica de "Campo Geral"	Francisco Ewerton Almeida dos Santos	144
21.	Formação e identidade: uma experiência no município de Viseu	Gillys Vieira da Silva Yasmin Navarro Tuji	153
22.	Ação Pedagógica no Projeto Riacho Doce: Um desafio na construção de conhecimentos multiculturais na Amazônia	Janiete Dias da Silva Jacqueline Pereira Brito	154
23.	O pensar e o fazer docente no Clube de Ciências da UFPA	Jesus de N. Cardoso Brabo Alex Tadeu Pina Monteiro Márcia Barbosa Ferreira	155
24.	Ajustes das Atividades Complementares do Projeto Pedagógico do Curso de Letras de Soure	José Orlando Ferreira de Miranda Júnior	171
25.	O Projeto Educação Cidadã na Transamazônica e a construção de educação do campo nas ações desenvolvidas pela ITCPES	Maria Celeste Gomes de Farias Armando Lírio de Souza	178
26.	O Ensino da Ética na Formação Cidadã do Educando no Ensino Médio	Merynilza Santos de Oliveira	188
27.	A Situação da Filosofia no Currículo do Ensino Médio: Prática Docente e a Formação Cidadã do Educando	Milena Bessa Costa Maria Neusa Monteiro	194
28.	A música como instrumento de socialização	Rafael Guerreiro Giese Ana Maria de Castro Souza	202
29.	O projeto artístico pedagógico no Encontro de Arte de Belém	Rita de Cássia Souza da Silva Milton José Athayde Monte Lia Braga Vieira	208
30.	A formação continuada de professores de arte articulada pelo pólo Arte na Escola – UFPA/Campus Belém	Sandra Suely dos Santos Francisco Iza Cristina Pardo da Luz Luiz Gonzaga Lima de Souza	215
31.	A escolarização de textos literários: o caso de Guimarães Rosa	Sílvio Augusto de Oliveira Holanda	220
32.	Informalidade e Parentesco: perspectivas econômicas e antropológicas sobre a transferência de patrimônio familiar na Feira da Prainha	Breno Alencar Carla Carvalho	227
33.	A relação universidade e sociedade: a perspectiva de avaliação dos egressos	Marizete Martins da Silva Thais Karina Souza do Nascimento Marcos Henrique Almeida dos Santos	240

## MEIO AMBIENTE

34.	A recuperação do rio Cereja junto às escolas que o margeiam em Bragança-PA	Andressa Galvão Iglesias Francisca Lucicléia da Silva Maciel Maely Rosa de Brito Maria de Lima Gomes	249
35.	O planejamento ambiental através da prática do turismo e a integração da comunidade no processo de planejamento	Josiel Rodrigues Guedes Liliane Carrera Barbosa	255
36.	Projeto Biomet: biometeorologia da malária em Cotijuba-PA	João Batista Miranda Ribeiro Venize Assunção Teixeira Lourival Gomes da Silva Renata Kelen Cardoso Câmara	262
37.	A inclusão dos saberes da pesca no currículo da E. E. F. Domingos de Sousa Melo, na vila José Bonifácio, em Bragança-PA	Rafaela Santos Rosário Alcides Rufino de Oliveira Neto Marta do Socorro Moura da Silva Halana Lúcia Silva Santos Maria de Lima Gomes	271
38.	Conscientização social e educação sexual para populações tradicionais da região bragantina	Sílvia Clícia Corrêa dos Santos Danielly de Oliveira Guimarães Damyson Patrick Alves Ramos Adryane Gorayeb Nelane do Socorro Marques da Silva	276

**SAÚDE**

39.	Microrganismos envolvidos nos casos de lesão pré-maligna e maligna, corados pela técnica de papanicolaou	Aline Holanda Sousa	284
40.	Elaboração de um manual de orientação a cuidadores de crianças com desnutrição primária com enfoque na adesão ao tratamento	Ana Paula de Andrade Sardinha Shirley dos Santos Carmona Eleonora Arnaud Pereira Ferreira Eunice Carvalho do Amaral	288
41.	Avaliação dos conhecimentos dos professores da Creche Sorena sobre a higiene bucal como promoção de saúde: uma ação de prevenção coletiva	Andréa Custódio Barros da Silva Camila Lima de Andrade Corinta dos Santos Amazonas Larissa de Souza Macedo Ney Alexandre Sousa Alencar Izamiir Carnevali de Araújo	301
42.	Prevenção da cárie dentária através do controle do uso da mamadeira na infância	Andréa Custódio Barros da Silva Camila Lima de Andrade Corinta dos Santos Amazonas Larissa de Souza Macedo Ney Alexandre Sousa Alencar Izamiir Carnevali de Araújo	302
43.	Análise de manchas brancas em crianças da Creche Sorena utilizando como tratamento a remineralização através do uso da profilaxia, escovação supervisionada e aplicação de flúor	Andréa Custódio Barros da Silva Camila Lima de Andrade Corinta dos Santos Amazonas Larissa de Souza Macedo Ney Alexandre Sousa Alencar Izamiir Carnevali de Araújo	303
44.	Projeto Cinemed: o estudo da ética em saúde	Annie Caroline Arraes Vieira	304
45.	Construção e ratificação das propostas abordadas no Projeto Cinemed	Annie Caroline Arraes Vieira	305
46.	Serviço de assistência psicossocial aos discentes da Universidade Federal do Pará: uma análise quantitativa dos atendimentos no ano de 2005	Benedito Paulo Bezerra Rosana Nazaré Leão Souza Tatiane de Fátima M. Martins	314
47.	As diferentes atividades lúdicas utilizadas como motivação para a promoção de saúde bucal dos escolares da Creche Sorena	Andréa Custódio Barros da Silva Camila Lima de Andrade Corinta dos Santos Amazonas Larissa de Souza Macedo Ney Alexandre Sousa Alencar Izamiir Carnevali de Araújo	319
48.	Importância da Detecção dos Casos de Hepatite B no Estado do Pará – Impacto na Saúde Pública	Daniela Maria Raulino da Silveira Vitória Carvalho Cardoso Eliete da Cunha Araújo Manoel do Carmo Pereira Soares	320
49.	Saúde e conhecimento da riqueza fitoterápica da Amazônia	Suanne Coelho Pinheiro Helem Rose Jastes Alves	328
50.	O Grupo de Alta como recurso terapêutico para efetuar o desligamento do paciente do ambulatório de ansiedade e depressão	Eliana de Jesus da Costa de Souza Rose Daise Melo do Nascimento Marco Aurélio Valle de Moraes	329
51.	Grupo de Acolhimento: uma modalidade de atendimento humanizado aos pacientes do Ambulatório de Ansiedade e Depressão	Girlyany Barbosa Tavares Marilene Silva dos Santos Ana Maria Pires Mendes Rose Daise Melo do Nascimento Eliana de Jesus da Costa de Souza	338
52.	Climatério e Câncer de colo de útero	Gisele de Siqueira Rosa	346
53.	Prevenir a amputação através da educação	Jacqueline Lima dos Santos Eliana da Silva Sousa Lidiane Nogueira da Silva	348
54.	Perfil nutricional dos alunos universitários inscritos no Projeto de Atenção Multiprofissional em Saúde com Baixo Peso, Sobrepeso e Obesidade do HUBFS/UFPA	Janete Silva Conceição	350
55.	Produção do material didático digital de testes manuais de goniometria	Laura Maria Tomazi Neves Iraci Soares de Oliveira	360
56.	Análise da saúde oral em pacientes idosos atendidos na UFPA	Lúcia Helena Moura Taketomi Luciana de Vasconcelos Leão Helder Henrique Costa Pinheiro Marizeli Viana de Aragão Araújo	368

57.	Atendimento clínico-laboratorial de pacientes com suspeita de apresentar uma doença metabólica hereditária (DMH)	Luiz Carlos Santana da Silva Erik Artur Cortinhas Alves Lorena Matins Cunha Cleber Monteiro Cruz Thais Silva Vieira	374
58.	Opiniões e sentimentos da família na relação com pacientes portadores de episódios depressivos	Marco Aurélio Valle de Moraes Marina Dalmácio dos Anjos	386
59.	A extensão universitária e o programa de políticas públicas e seguridade social na área de saúde	Maria Cristina G. Cardoso Liliam dos Reis Souza Rosa Maria Maia Paes	397
60.	O Grupo de Acompanhantes: uma Possibilidade de Parceria Terapêutica	Marilene Silva dos Santos Girlyny Barbosa Tavares Alane Gláucia Brito Cruz Marco Aurélio Valle de Moraes Ana Maria Pires Mendes	407
61.	Aspectos clínico-epidemiológicos de pacientes hansenianos portadores do vírus da imunodeficiência humana matriculados no Ambulatório de Medicina Tropical UFPA	Marília Brasil Xavier Rita de Cássia Neves Noronha	415
62.	Pacientes hebiatras e a odontohebiatria	Marizeli Viana de Aragão Araújo Cleysiane Gonçalves Farias Mônica Cristina Benassuly Cardoso	422
63.	Conhecimento dos acadêmicos de enfermagem acerca do serviço de apoio psicossocial da UFPA	Misma Suely Gonçalves Araújo de Lima Rafael Santiago	432
64.	Relação entre cariótipo e estigmas da Síndrome de Turner	Nilza Nei Gonçalves Torres Bárbara de Alencar Oliveira	440
65.	Índice de massa corporal como indicador do estado nutricional	Sara Araújo da Silva Rosilene Costa Reis Rosa Maria Dias	442
66.	Caracterização da clientela atendida no serviço de psicologia pediátrica do ambulatório de um hospital universitário	Shirley dos Santos Carmona Ana Paula de Andrade Sardinha Jenifer Leda Figueiredo Muniz Eleonora Arnaud Pereira Ferreira	444
67.	A expressão do humor das crianças da Creche Sorena frente ao tratamento odontológico e a figura do dentista	Thaíse Macedo da Costa Gesilene Fernandes Tavares Henderson Campos Vanessa Milhomem Emily Jamile Silva da Anunciação Edilson Santos da Silva Izami Carnevali de Araújo	456
68.	Educação em Saúde: estratégia da prevenção em sífilis congênita na atenção básica da saúde do adolescente do projeto "Menor Carente"	Vitória Carvalho Cardoso Daniela Maria Raulino da Silveira	463

## TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

69.	Experiências em Empreendimentos Comunitários no Baixo Tocantins: o caso da COFRUTA	Ronildes Moraes Cardoso Wesley Pereira de Oliveira	465
-----	--	---	-----

## TRABALHO

70.	Saúde mental do trabalhador	Ana Carolina dos Santos Bentes Heliana Maria	473
71.	O processo de incubação na COAFTA e na Associação Mutirão no nordeste do Pará	Christiane Pimentel e Silva Núbia Cristina Assunção Miranda Wesley Pereira de Oliveira	475
72.	Extensão Universitária: vivenciando a incubação de empreendimentos solidários na Região Metropolitana de Belém	Lissany Braga Gonçalves Maria José de Souza Barbosa	485
73.	A Cooperativa de Serviços Gerais sob a perspectiva da incubação	Maria Estrela Costa de Sousa Michele Lima de Souza Núbia Cristina Assunção Miranda	491

## APRESENTAÇÃO

A Universidade Federal do Pará, em sua Nona Jornada de Extensão Universitária/2006, tem como tema Sustentabilidade e Diversidade na Amazônia. A escolha do mesmo e sua importância estão ligadas à visão de Extensão que queremos ver enraizar-se em todas as dimensões acadêmicas da formação universitária da UFPA. Temos que compreender a Extensão como processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade e coloca para o ensino outras possibilidades inovativas de construção do conhecimento. A Extensão é uma via de mão dupla, assegurando à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis e um conhecimento acadêmico socialmente referenciado.

Nesse sentido o Tema destaca alguns de nossos principais desafios: a pertinência, atualidade e comprometimento social sustentável de nossas ações; a socialização de experiências, projetos e programas que visam a emancipação dos grupos sociais e não apenas sua instrumentalização; a garantia de espaços e canais de diálogo com os diversos segmentos da sociedade; a interlocução entre o acadêmico, o governamental, as organizações sociais no dimensionamento das ações extensionistas; a consolidação da indissociabilidade entre Ensino, Extensão e Pesquisa nas ações acadêmico-curriculares que devem nortear a formação de um profissional com visão crítica do contexto social em que está inserido, amadurecendo, neste processo, uma consciência cidadã.

Estes são desafios que, certamente, deparamo-nos no dia a dia de nossas ações extensionistas na UFPA. Uma Universidade pública, responsável pela produção científica, socialização do conhecimento e intervenção na sociedade paraense e amazônica.

Esta Jornada é de grande valia para a troca de experiências, socialização dos projetos e conhecimento do já feito, permitindo que a atividade de extensão ganhe a expressão de importância que a caracteriza neste momento histórico da Universidade Federal do Pará. Momento este de mudanças na sua estrutura institucional, no estabelecimento de novas metas e na afirmação de seu princípio de sustentabilidade, o que atribui a esta universidade pública, de qualidade, a missão inadiável de atuar na formulação e execução de políticas públicas que levem a um processo de transformação de nossa realidade social, no sentido de torná-la mais justa e mais fraterna.

Sua programação está estruturada através de conferências, mesas-redondas, sessões de comunicação oral e pôster e intensa programação cultural, o que possibilitará a visualização e a interação entre as ações desenvolvidas. Essa é uma boa oportunidade institucional para a universidade confrontar os conhecimentos por ela produzidos com a realidade, a fim de realimentar o ensino e a pesquisa que realiza.

Belém, outubro de 2006.

*Profa. Dra. Ney Cristina Monteiro de Oliveira*  
Pró-Reitora de Extensão da UFPA





---

## *Artigos*

---

ÁREA TEMÁTICA

# COMUNICAÇÃO E CULTURA

---

## **Recortes urbanos: diálogos com a cidade**

---

*Bruno Macêdo de Cantuária (brunomc9@yahoo.com.br)*  
*Erinaldo da Conceição Cirino (trilocirino@yahoo.com.br)*  
*Thiago Ramon Soares Siqueira (thuardo@yahoo.com.br)*

Faculdade de Artes Visuais; Instituto de Ciências da Arte/UFPA

Área temática: COMUNICAÇÃO E CULTURA

Palavras-chave: *Imagem, Comunicação e Cidade.*

### **SOBRE A OBRA DE ARTE**

A arte contemporânea cria novos conceitos a cada dia, o próprio conceito de arte tende a se reinventar na busca por novos referenciais e objetivos que dêem validade a sua existência e possibilite desdobramentos para a produção artística.

Grandes cidades se formam por redes de relações cada vez mais densas e complexas, inviabilizando a apreensão de seus componentes separadamente. É o caso dos Sistemas da Arte. Nesse contexto contemporâneo o conceito de arte se alarga e nos perguntamos, qual seria o conceito apropriado de obra de arte? É válido o conceito de obra de arte como tal? Afinal, o que seria obra? E seu sistema correspondente de validação institucional, no caso os Museus, Galerias e outras instituições de arte, trazem questões acerca do valor da obra de arte neste momento atual ou de pós-modernidade. Mas questões antigas ainda permeiam as mentes de todos ligados ao sistema da arte. A obra de arte ainda hoje é validada por espaços simbólicos dentro de uma rede de instituições que ainda tem o poder de definir o valor da exibição de uma obra de arte. Em meio a questões sobre a validação institucional da obra de arte surgiram discussões a respeito da utilização do espaço físico para exposições em busca por novos corredores artísticos.

A Arte Conceitual que norteou esta experiência compõe um trecho significativo da história da arte contemporânea, apresentando novos conceitos, que se configuram através de questões feitas pelos agentes da arte e que estabelecem formas distintas de relação com os objetos do mundo, de maneira em que a idéia é a matéria principal do trabalho. Estas questões já eram discutidas desde o Dadaísmo, no início do séc. XX e são premissas históricas que possibilitam, dão suporte para discutir o que se convencionou chamar Arte Contemporânea e seus desdobramentos. Discussões essas, bastante significativas a respeito do papel do artista, das instituições de arte e da sociedade. Quem define o que é obra de arte? Questões que não esgotam interpretações a serem suscitadas por essa rede de indivíduos que tem como lugar para tudo isso a cidade.

O problema de definição e entendimento está na sua apresentação. No atrito entre a forma de apresentá-la, no Museu ou Galeria e tirá-la desse meio, deslocá-la para um lugar mais amplo, criando a possibilidade de entender e criticar propostas dos artistas e as questões suscitadas nessa circulação de informações ligadas ao sistema da arte, dos trabalhos, do campo de idéias, nas poéticas contemporâneas.

Tais reflexões originam conflitos entre o Museu como um Templo que cristaliza valores para o sistema da arte e as novas formas de efetivação das propostas artísticas que ganham canais de circulação e informação alternativos que se valem de outros meios de produções e reproduções de conteúdos reprimidos pelo padrão de narrativa imposto pelas instituições competentes. Os papéis dos artistas passam por novas definições. Tornam-se agentes e críticos que definem, questionam, interagem com o espaço de experimentação que foge dos Museus valendo-se de outros suportes.

Desta forma todo o sistema da arte composto por artistas, instituições e público, cria pressupostos para a busca de reflexões acerca do papel da arte contemporânea, das formas de circulação de informações artísticas, que cada vez mais, tem o intuito de possibilitar o acesso a um público mais amplo e à fuga do mercado ligado a galerias e museus. No entanto, não se pode negar o papel das instituições, pois elas ainda têm sua função como difusoras de processos artísticos. Nesse sentido, importante é colocar-se frente às novas propostas artísticas voltadas a espaços alternativos que se valem da transitoriedade e das várias formas de circulação e recepção entre público e obra.

#### AS PRIMEIRAS QUESTÕES PROPOSTAS

Diante de tantas reflexões que apontam para o conflito entre espaço e a legitimação da obra de arte, está a cidade. Um espaço que se recria a cada momento em um constante processo de transformação a que ela está submetida e em virtude da multiplicidade de cenários urbanos, faz-se necessário a utilização de um recorte inicial, voltado para as sobreposições de signos que abordam a expressão pictórica marginal e sua relação com outras formas pictóricas (pichação, grafite, panfletagem e manchas), que adotam o meio urbano como suporte, como conteúdo reprimido pela forma tradicional de apresentação artística voltada para museus e galerias.

Os idealizadores do projeto, cientes de toda a rede de comunicação que se forma a partir dessas “manchas urbanas” tomaram a cidade como objeto de pesquisa e a partir de abordagens artísticas contemporâneas procuraram criar um diálogo entre os sujeitos urbanos e sua relação com a cidade e o tempo.

A cidade é comparada a “um grande campo” que abriga vários indivíduos, cada pessoa quer organizá-lo também por motivos etimológicos conceituais de uma forma e desta forma sem perceberem, criam intervenções permanentes com esse meio urbano, depositando de maneira muitas vezes espontânea pensamentos, expressões e códigos que vão fundindo-se com outros criando sobreposições de signos que formam enredos no contexto da vida cotidiana.

Esse aglomerado de signos sobrepostos forma redes de comunicações visuais em sua maioria abstrata, geradas pela relação das pessoas, cidade e tempo. Cria-se uma “organização pictórica” própria para cada cidade, logo, a estrutura que se forma em Belém é diferente de qualquer outra cidade, em virtude de vários fatores, que incidem principalmente o espaço físico, o tempo e seus habitantes. Nesse jogo permanente de relações, a cidade torna-se um espaço de exposição dessas configurações de signos. Cada signo tem como função básica transmitir uma mensagem, se comunicar. Nessa perspectiva, o intuito de gerar abordagens perceptivas das pessoas para as transformações sofridas por esse espaço, usando o meio para criticar o próprio meio através de recortes, é tido como primeiro objetivo.

#### O LOCAL, LUGAR E ESPAÇO DE EXPOSIÇÃO: A CIDADE

O espaço em que a obra é apresentada passa a ser componente essencial para trabalhar esse local e os desdobramentos que ele terá, torna-se um imperativo para um movimento que faz recair a identificação de uma obra como obra de arte, não sobre conteúdo, mas sobre sua afirmação como tal. É nesse sentido que convém interpretar a *Land art*. Na verdade, o que está em jogo é exatamente a concretização, a visibilidade presumida nas categorias do espaço, do tempo.

...“traçar uma linha sobre quilômetros de paisagem, dispor círculos de pedras em um local afastado, chamar a atenção sobre a constituição de uma cena que passaria despercebida sem essas marcas, sobre a composição de toda cena em geral. Marcas que se fundem na paisagem natural, apagando-se com o tempo, ou exigem tempo para descobri-las ou percorrê-las”. – Anne Cauquelin (p. 141. *Arte Contemporânea*. 2005, Martins Fontes)

Os recortes urbanos trazem grandes influências da *Land art*, já que é um trabalho realizado fora do atelier de arte, dos Museus e Galerias, mas não mais distante do público em um deserto ou floresta, mas sim interagindo com ele. Nesses pressupostos o trabalho ganha características de intervenção urbana.

#### DESDOBRAMENTOS E APROPRIAÇÕES

Se apropriar de uma pichação ou de um muro deteriorado, deslocando a imagem para evidenciar a condição do homem urbano, abre um campo de possibilidades para se olhar à cidade.

No pensamento contemporâneo a arte necessita ser levada a um diálogo cada vez mais amplo, a um espaço cada vez mais dinâmico, onde possa haver um maior jogo entre as pessoas, como por exemplo, no período pré-industrial a sociedade voltava-se ao jogo entre as pessoas e suas inter-relações. Não é de se estranhar que uma das tendências da arte contemporânea são as intervenções urbanas, práticas essas que ganhariam mais visibilidade em Belém a partir do “III Fórum de Pesquisa em Arte: Arte, hibridismo e interculturalidade”, no início do ano de 2006.

O papel do artista hoje não é ser mais um sujeito criador e centrado, mas um articulador crítico, que em certos momentos até desaparece como pintor, como é o caso de Duchamp, tornando-se aquele que mostra e cria situações para um debate, valendo-se do papel contemporâneo da obra de arte que mudou seu valor e a relação com o espaço e o tempo. O observador agora também se coloca como produtor e crítico das condições de sua observação. O artista ganha função de mediador entre a obra e espectador.

## REFLEXOS

A pesquisa de campo “recortes urbanos: Diálogos coma cidade” constitui-se de apropriações de elementos visuais da cidade e registro fotográfico de algo que já existe, classificado banal e marginal, fazendo isolamentos em fragmentos dessa forma de comunicação permanente buscando o debate acerca da cidade.

As formas de comunicação existentes na cidade jamais estão prontas ou acabadas, pelo contrário, estão em constante mutação. A cidade como um todo é uma dinâmica Galeria onde cada parte se apresenta como um fragmento, uma minúscula peça, os muros com anúncios, as performances dos transeuntes e o ambiente arquitetônico são o acervo coletivo da arte na cidade, criando um campo de forças pulsantes marcadas por conflitos pela sobrevivência no espaço urbano.

Os grafites, pichações, manchas, sujeiras e poluições visuais presentes, mas descartadas pela retina dos transeuntes são recortadas para chamar a atenção desse público, mostrando os reflexos da sociedade, outros cenários urbanos se comunicando através dessas marcas pictóricas feitas pelos próprios membros da sociedade, formas de expressão onde o tempo também é agente transformador e integrante nessa construção de comunicação, outras formas de linguagem que são ignoradas e no corre-corre da metrópole tornam-se invisíveis. Para as pessoas que olham esses muros e portões com pichações e marcas do tempo, vêem apenas sujeira ou atos de sujeitos desocupados interessados somente em poluir visualmente a cidade. Pode-se ver muito além do que riscados e manchas em muros, questionar e refletir

sobre a indiferença criada em torno destas formas de expressão, que podem ser comparadas a uma cicatriz presente e ao mesmo ausente no corpo de um indivíduo, o que está despercebido do olhar chama-se a atenção para seu valor estético, para perceber que essa forma de expressão se comunica com as pessoas, de formas indiretas, silenciosas, sutis ou provocativas.

### O ATO FOTOGRÁFICO

O ato fotográfico incorporado no presente trabalho não é menos importante que ele em si. Poderia ser encarado como um mero registro deste determinado evento, mas seria pouco, pois ele (registro fotográfico) faz parte desde a primeira idéia esboçada das interferências, registro do processo ou como resíduo, poderá sofrer desdobramentos e caminhar por outros meios, visto que a foto torna-se obra, pois com o passar do tempo àquela forma pictórica vai tornar-se diferente frente à interferência do tempo e do homem que serão constantes, modificando essa “paisagem” continuamente, tornando-se a foto único registro daquela forma específica de intervenção.

O papel do resíduo é mais amplo, sendo ele registro e parte do processo ao mesmo tempo, já que as interferências têm como objetivo falar sobre canais de comunicações, mensagens, expressão e tempo. O registro fotográfico fortalece essas idéias tornando-as atemporais e possíveis de circular por vários lugares e para várias pessoas.

Documentá-la é interessante, do ponto de vista que, fortalece a idéia de que outras mudanças acontecerão e aquelas imagens que estão guardadas poderão ainda desdobrar-se para observações futuras sobre a ação do tempo e os reflexos dos sujeitos urbanos da cidade. As próprias interferências sumirão com o tempo, apenas o questionamento proposto ficará para ser guardado.

### O PROCESSO, AÇÃO E MEIOS DA INTERVENÇÃO

“Recortes Urbanos: um diálogo com a cidade”, nasceu da idéia conjunta dos três alunos para interagir com a cidade, tema o qual é estudado desde 2004 pelos mesmos. A forma de fazer essa interação até então não era definida de maneira explícita, mas intencionava criar possibilidades de levar questionamentos e conceitos contemporâneos de arte à população e constituir um sistema de comunicação artística fora dos Museus e Galerias. Para fazer com que este conjunto de sites específicos apareça como uma “exposição itinerante”, o público tem que percorrer a Avenida Gov. José Malcher para ver as interferências; reforçar o papel do tempo, do deslocamento, que transforma, faz com que as pessoas interfiram sem estarem conscientes disso. A escolha desta Avenida deu-se por ter em

sua extensão, grande quantidade de pichações e poluição visual, junto ao critério de possuir grande fluxo de pessoas, carros e ônibus.

As interferências começaram a ser realizadas às 15:30h do dia 29/11/06 pelos graduandos em Artes Plásticas Bruno Cantuária, Erinaldo Cirino e Thiago R.Siqueira; perto da Av. José Bonifácio e subindo a Av. Gov. José Malcher até a Tv. Benjamin Constant.

No dia anterior, 28, foram entregues aos residentes e responsáveis pelos imóveis escolhidos para serem feitos os recortes, cartas de solicitação para tal atitude ter o consentimento dos mesmos. Após esse aviso, a colagem das fitas era feita nos muros e portões, em seguida fotografada para registro (resíduo).

Esse processo, que parte da relação do público, como muros pintados, pichados, sujados, manchados ou que estão para serem feitas tais manifestações, como o recorte proposto, com fitas de isolamento (preta e amarela cruzadas em diagonal), tem o intuito de chamar a atenção do espectador, fazê-lo prestar atenção naquilo que está presente e ausente, desapercibido do olhar, questioná-lo a buscar uma reflexão sobre o papel da arte na atualidade.

Mas para o público estar ciente de que este trabalho é uma manifestação artística, seriam necessárias mais explicações, e é aí entra o papel do 'Mapa do percurso com texto' e da conversa com alguns dos residentes, para uma rápida explicação sobre a idéia do trabalho que é falar sobre valores de arte e poluição visual, basicamente.

Inicialmente os recortes seriam feitos através de molduras ou semelhantes pintados, mas com o uso da fita, o processo teve reforçado o papel da provocação, algo que exige, chama a atenção do espectador. Questões serão levantadas: O que é isso? Porquê a pichação está marcada? Porquê só aquela mancha? Isso é arte? E assim, a participação do público que perceberá uma série de demarcações ao longo da Avenida já está em evidencia desde a catalogação dos muros e paredes para o mapa itinerário desenvolvido, o qual estará anexado aos recortes nas ruas para guiar os interessados em observar de forma mais cautelosa o trabalho. Cada ponto foi escolhido pelo tipo de imagem que possuía (tipos de pichações, colagens, sujeiras, manchas) seguindo critérios de composição visual e variedade.

Como resultado de interferência e interação do público, houve apenas um local que não permitiu a colagem das fitas para registro neste trabalho, embora a mesma tenha ao lado de sua fachada cartazes diversos de shows, outras ações e diversas pichações. Outros proprietários de alguns locais ficaram desconfiados a princípio, mas colaboraram no desenvolvimento do trabalho. Dentro dos desdobramentos do trabalho, algumas fotografias que realizadas destes muros receberam, posteriormente, interferências digitais.

## CONCLUSÃO

Olhar a cidade requer reflexão para se pensar a respeito do papel dos sujeitos urbanos, as pessoas.

O sujeito só conhece o mundo quando conhece a si próprio. Com essa atitude de “ver”, não simplesmente olhar, um dos pontos fundamentais para que se compreenda que a arte não é mais uma questão de conteúdos formais, mas pertence ao regime da comunicação, o trabalho coloca para o espectador questões como: É isso que é arte hoje? Tudo então pode ser arte? Por que não e por que sim? Quando a ação em si (intervenção e apropriação) ainda não estava concluída, notou-se que o público colaborou ajudando a tirar coisas da frente dos muros e portões, perguntando ‘o que é aquilo com as fitas? Para que é isso?’ etc; colegas do curso de arte dos proponentes desta ação, pediram cópias do trabalho para estudar, pois não se tem com facilidade esse tipo de material ou de forma direta ações que articulam sobre arte-cidade na região. Até o dia 01/12/06, parte das fitas tinha caído ou sido arrancadas, o que reforçou a questão do tempo e dos agentes transformadores do meio que habitam, e mesmo que parte do trabalho possa ter durado minutos ou talvez dias, ele serviu como prova de diversos fatores que vão da falta de educação, sensibilidade das pessoas, falta de informação dos conceitos atuais de arte, falta de cuidado com o seu ambiente e de respeito com a sociedade, com o próximo, consigo mesmo. O trabalho Recortes Urbanos foi concluído, documentado e guardado para posterior estudo sobre questões referentes à cidade, aos sujeitos urbanos e canais de comunicação ainda precários acerca da arte contemporânea na sociedade.

“A arte não é mais emoção, ela é pensada; o observador e o observado estão unidos por essa construção e dentro dela”. – Anne Cauquelin (A. Contemporânea. 2005, Martins Fontes)



ANEXOS (carta de solicitação, mapa da exposição e recortes com fitas)



Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências da Arte – ICA  
Curso de Educação Artística – Hab. Artes Plásticas

## Carta de Solicitação

Sr.(a) Morador(a) ou responsável pelo imóvel nº \_\_\_\_\_, viemos através desta solicitar seu consentimento e compreensão para contribuir com o trabalho “Recortes Urbanos: diálogos com a cidade” inscrito na 9ª Jornada de Extensão Universitária da UFPA. Mais detalhes abaixo.

Os alunos **Bruno Cantuária, Erinaldo Cirino e Thiago Siqueira**, graduandos do curso de Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, estarão no dia **29/11/06 (quarta-feira) pela parte da tarde**, na extensão da Avenida Gov. José Malcher fazendo interferências e apropriações com fitas de isolamento nas pichações, manchas e sujeiras dos muros de casas e prédios da rua. Não haverá qualquer risco de dano ou destruição de qualquer parte do imóvel, apenas a demarcação das imagens e manchas com as fitas no local. Em anexo colocamos o resumo do artigo inscrito.

### Resumo do trabalho

A partir de estudos e do projeto "Territórios Híbridos: fórum permanente de Pesquisa em Arte", e do pressuposto de que a arte mudou o seu valor e a relação da obra está ligada com o espaço e o tempo, o observador agora coloca-se como produtor das condições de sua observação, transformando o 'objeto' observado. Cria-se a divisão entre arte e estética usando o meio para criticar o próprio meio através de recortes urbanos. A pesquisa de campo, apropriação de elementos visuais da cidade, registro fotográfico e intervenções do que existe como forma de comunicação permanente, justificam novos valores estéticos para algo rotulado 'banal', mas que tem sua própria identidade cultural, diante do tempo que interfere constantemente nessa relação intervencionista do homem com seu espaço. O grafite, a pichação e outras intervenções vem sendo pesquisadas há algum tempo como novos processos deflagradores de sentidos artísticos e estéticos, assim como seus sentidos sócio-culturais, abrindo novas possibilidades de debate e pesquisa acerca do papel dos sujeitos urbanos. A arte agora busca novas saídas para além da galeria, questionando as condições, as possibilidades da obra e uma atividade que adota como suporte uma expressão pictórica onde o tempo também é agente transformador. Criam-se pequenas situações que buscam o diálogo das pessoas com o meio urbano, uma saída para um rompimento com a rotina da cidade, possibilitando novas formas de análise para as técnicas de comunicação urbana e sua relação com o meio, o tempo e os sujeitos urbanos.

Bruno Macêdo de Cantuária

Matricula - 0408301101

Erinaldo da Conceição Cirino

Matricula - 0408300501

Thiago Ramon Soares Siqueira

Matricula - 0408302301

Prof. Ms. Néder Charone  
Coordenador do Curso

Prof. Néder Charone  
COORD. DO COLEGIAL DE  
CURSO DE ARTES PLÁSTICAS

## “Recortes Urbanos: diálogos com a cidade”

*O que o artista quis dizer?*

*O que isso quer dizer?*

*O que é isso?*

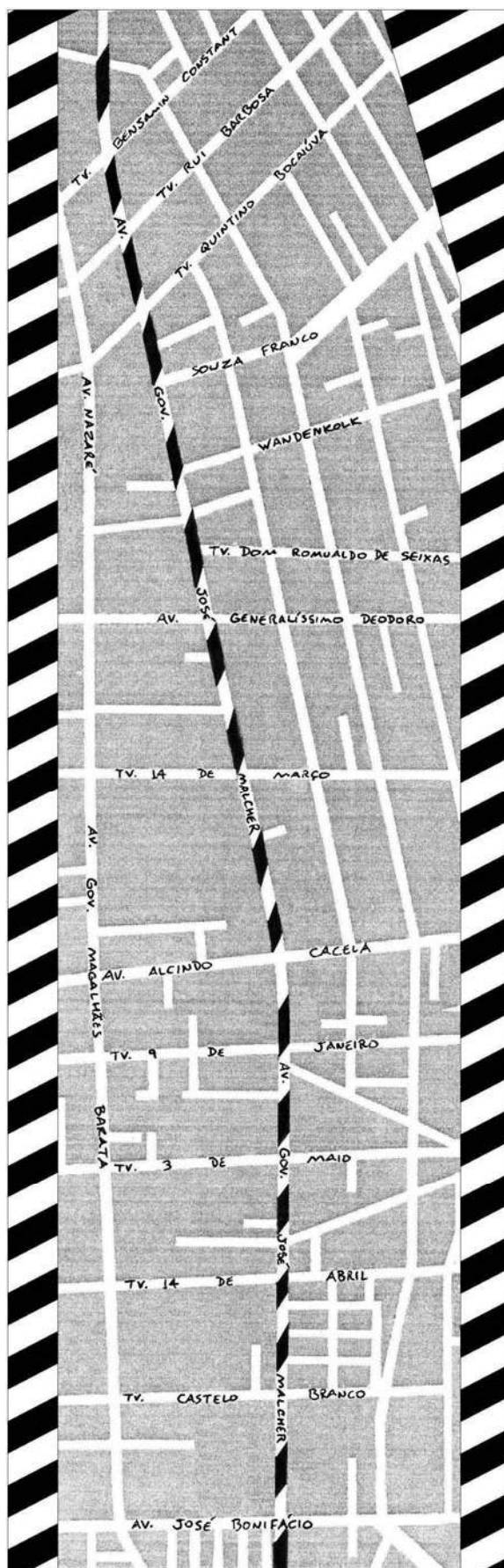
*Isso é arte?*

*Faz qualquer coisa, qualquer m que  
é arte!*

*Isso é arte... é coisa de artista!*

Freqüentemente, artistas e estudantes dessa área escutam essas perguntas e afirmações. A maioria das pessoas nesse meio, aceita na brincadeira, mas às vezes soa grosseira e preconceituosa a visão que se tem dos artistas. Tudo isso por causa de falta de informação. Com tantas técnicas e conceitos sobre arte contemporânea, as pessoas pensam ainda em arte moderna na atualidade. Esses recortes feitos nas pichações, manchas e sujeiras, podem ser tanto um trabalho de arte (não uma obra de arte) como denúncia sobre poluição visual ou problemas sociais, pois essas paredes e muros são reflexos, espelhos de nós mesmos nas ruas.

Bruno Cantuária, Erinaldo Cirino e Thiago R. Siqueira são graduandos do Curso de Educação Artística com Hab. em Artes Plásticas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, Jacques. A imagem, 1993, São Paulo: Papirus.
- CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea. São Paulo: Martins, 2005.
- CAUQUELIN, Anne. Teorias da Arte. São Paulo: Martins. 2005.
- DOMINGUES, Diana. Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Unesp, 2004.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos e o que nos olha. Editora 34, 1998.
- DUARTE, Paulo Sérgio. A trilha da trama e outros textos sobre arte/ organizadora: Luisa Duarte – Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.
- FREIRE, Cristina. Poéticas do Processo: Arte Conceitual no Museu. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- LEÃO, Lúcia (org). Interlab: labirintos do pensamento contemporâneo. São Paulo: Iluminuras, 2002
- LEMOS, André. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: SUlin, 2002.
- SANTAELLA, Lúcia; Barros, Anna (orgs). Mídias e artes: os desafios da arte no século XXI. São Paulo: Unimarco.



---

## *Artigos*

---

ÁREA TEMÁTICA  
**CULTURA**

## **Um passeio pela obra amazônica de Dalcídio Jurandir e a obra de Graciliano Ramos**

---

*Ana Paula Ribeiro da Silva  
Prof. M.sc. Luís Guilherme*

Universidade Federal do Pará

Área temática: CULTURA

**RESUMO:** *Este artigo traz uma sucinta análise comparativa da prosa moderna de Dalcídio Jurandir e Graciliano Ramos, sendo levado a objeto de análise as obras: Chove nos Campos de Cachoeira e Vidas Secas. Assim, o mesmo cumpre o papel de esmiuçar as funções representativas e universais dos heróis presentes nessas, bem como a multiplicidade que cada personagem das respectivas obras trazem em suas características, assim como as vozes ressoantes em cada um, pois segundo Bakhtin (1993: 106) “Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição sócio-ideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos da sua época.”*

Palavras-chave: *Romance; ficção; herói; personagens; vozes sociais.*

### INTRODUÇÃO

Segundo Luiz Lafetá (1974: 17) “O decênio de 30 é marcado, no mundo inteiro, por um recrudescimento da luta ideológica: fascismo, nazismo, comunismo, socialismo e liberalismo medem suas forças em disputa ativa; os imperialismos se expandem, o capitalismo monopolista se consolida e, em contraparte, as Frentes Populares se organizam para enfrentá-lo. No Brasil é a fase de crescimento do Partido Comunista, de organização da Aliança Nacional Libertadora, da Ação Integralista de Getúlio e seu populismo trabalhista. A consciência da luta de classes, embora de forma confusa, penetra em todos os lugares, na literatura inclusive, e com uma profundidade que vai causar transformações importantes.”

E foi neste contexto histórico-social que nasceram as grandes obras universais e regionalistas de Graciliano Ramos e Dalcídio Jurandir. Obras que por sinal necessitam de olhares que promovam novos olhares, de outros novos leitores.

1- Alunas de graduação da disciplina Literatura Portuguesa IV. Departamento de Literatura e Línguas Vernáculas, CLA-UFPA, Belém-Pará, 1º Semestre 2006.

Conforme Barthes (2004: 12) “O valor das obras da modernidade proviria de sua duplicidade. Cumpre entender por isso que elas têm sempre duas margens. A margem subversiva pode parecer privilegiada porque é a da violência; mas não é a violência que impressiona o prazer; a destruição não lhe interessa; o que ele quer é um lugar de uma perda, é a fenda, o corte, a deflação, o fading que se apodera do sujeito no imo da fruição. A cultura retoma, portanto, como margem: sob não importa qual forma”.

Percebe-se assim, a identificação de artes e imagens que nos são propostas ao longo das duas obras, não se trata meramente de um simples regionalismo, mas no adentramento das cadeias sociológicas e até mesmo psicológicas da mente humana.

Temos assim, com a leitura de Dalcídio Jurandir, um mergulho na região Norte, especificamente em Cachoeira do Arari, local cujo rio representa a simbolização dos desejos e conseqüentemente permeia a subversão presente nos conflitos humanos, destacados em cada personagem da obra.

Massaud Moisés (1996: 240) afirma que “Dalcídio Jurandir Ramos Pereira (1919-1979) representa o regionalismo amazônico, mais precisamente o paraense. Concebeu e executou com mão de ferro um ciclo, o do ‘extremo norte’, composto de dez volumes (...) Painel da Terra e gente de Marajó e Belém do Pará, a série define-se como um romance-rio, ou melhor, uma novela-rio, por sinal desenvolvida a beira-rio-vasta narrativa de aprendizagem, obedece ao fluxo histórico do tempo, com personagens recorrentes, em meio a outras que saem de cena, após cumprir o seu papel. Hesitando entre o documentário e autobiográfico, colocando lado a lado as notas psicológicas e as líricas, narra a trajetória existencial de um menino pobre, mestiço, que pouco a pouco descobre o mundo e suas injustas discriminações. O homem perante, o universo natural e citadino, num diálogo dramático que a progressiva tomada de conseqüência dos problemas sociais aguça, eis, em síntese, a substância deste ciclo torrencial, apaixonado, estante da vida em movimento (...) Dalcídio Jurandir é bem o fabulista popular, engajado na reconstituição do mundo em redor do Amazonas, um estilo desativado, permeável de coloquialismo e expressões locais.”

Essa natureza, que é simbolizada e personificada pelo narrador, participa dos conflitos interiores e exteriores dos personagens, bem como, ocorre na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

O que pode ser verificado nos seguintes trechos das obras.

“Voltou muito cansado. Os campos o levaram para longe (...) Os campos não voltaram com ele, nem as nuvens, nem os passarinhos e os desejos de Alfredo caíram pelo campo, como borboletas mortas, mais para longe já eram os campos queimados, a terra preta do fogo e os gaviões caçavam no ar os passarinhos tontos. E a tarde parecia inocente, diluída num sossego humilde e descia sobre os campos queimados como se os consolasse.”(Chove nos Campos de Cachoeira; 1995: 15).

“Fabiano seguiu-a com a vista e espantou-se: uma sombra passava por cima do monte. Tocou o abraço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo agüentando a claridade do Sol. Enxugavam as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencido pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente.

Entrava dia e saía dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente.” (*Vidas Secas*, 1991: 13).

Tem-se presente em ambos os romances, um paradoxo em relação a paisagem exterior, pois o plano regional que se revela nos personagens é marcado pelo meio físico e social. O plano universal presente nos dois romances é colocado por meio dos sentimentos complexos dos seus personagens. Trata-se de dois planos, portanto, que chegam a espantar o leitor: o prosaísmo-mais ainda: uma espécie de vulgaridade – da vida ordinária dos personagens e a alucinação da sua vida psicológica a linguagem trivial dos diálogos e a linguagem literária do autor propriamente; figuras de aparência simples e rústica – agitadas por sentimentos complexos e sensações fora do comum.

Nos dizeres de Bella Josef (1993:77): “O regionalismo (...) deve ser crítico (com alto nível de auto consciência crítica), afastando dos intentos ingênuos de reviver elementos locais e formas perdidas (...) regionalismo e universalismo não possuem relação de oposição.”

Portanto, o regionalismo e o universalismo encontram-se nas obras analisadas pelo viés paradigmático narrativo, no qual Graciliano Ramos caracteriza espaço, tempo, personagens pela aridez da linguagem representada na secura do sertão nordestino, no qual todos os personagens são de fato “vidas secas”. Em Dalcídio Jurandir, temos a voz do autor submersa a um grande rio, a uma grande abundância narrativa banhada por chuvas que acabam assinalando a poeticidade de sua linguagem, bem como, o entrecruzamento psico-social carregado na alma interior de cada personagem que permeia esse romance.

Falando em personagem, não podemos esquecer da figura heróica de Fabiano, em *Vidas Secas*, personagem que desce ao fundo material da condição humana entretanto consegue suportar o período da seca e até mesmo sonhar, ou ter a esperança de encontrar uma vida melhor. “Fabiano, você é homem, exclamou em voz alta (...) Você é um bicho, Fabiano (...) Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tirava dali. Aparecera com um bicho, mas criava raízes, estava plantado.” (*Vidas Secas* 1991:18-19).

“(...) Fabiano estava contente e acreditava nesta terra porque não sabia como ela era e nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinhá Vitória, as palavras que sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andava para o Sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como baleias. Que iriam fazer? Retardaram-se temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos.” (*Vidas Secas* 1991:126).

Em Eutanázio, personagem que pela parodização do nome – morte sem dor contradiz paradoxalmente sua condição humana, visto que, ele morre sofrendo.

De acordo com Affonso Romano de Sant Anna (1995: 28) “Do lado da contra ideologia, a paródia é uma descontinuidade (...), portanto, falar de paródia é falar da intertextualidade das semelhanças”.

Com isso, Eutanázio assume uma personagem atormentada, sensível e angustiada. Personagem que procura por meio da palavra, uma ponte que possa identificá-lo. A todo o momento, ressoam em sua faceta interior, a presença de vozes que o levam a destruir e construir imagens. Trata-se, portanto, de um personagem multifacetado e até mesmo, subvertido à condição última da precariedade humana.

No fragmento da página 140 e 141 de *Chove nos Campos de Cachoeira*, identificamos essas vozes que mudam e transmutam as personagens que lhe atormentam.

“Passava o dia todo na rede, sem lavar o rosto, sem comer, mudo. Irene corrompera-lhe o sexo também. Há tempos que seu prazer era solitário. Irene imaginada surgindo da sombra ou dos olhos dele correndo ou deslizando por cima do seu corpo. Irene sem corpo e com ele na solidão. Felícia tinha sido aquela dolorosa circunstância. Foi uma vingança contra si mesmo. Foi uma sede de degradação. E logo lhe apareceu a imunda moléstia. Sim, que ele teve quase a certeza de que ia adquirir o mal de Felícia. Estava fora de si, como nunca esteve. Tinha chegado a Belém. Tanto tempo afastado de Irene e Irene tratara-o daquela maneira. Mas os prazeres que Irene lhe dava eram puros, doces, cheios dela. Tinham uma corrupção diferente do prazer solitário dos adolescentes. Não era a necessidade sexual de Irene. Era apenas uma contingência para a completa posse espiritual, era o seu terno predileto e dito em segredo. Agora para ter sensações teria de lutar contra a moléstia, seria agoniado e doloroso e Irene voltaria com um sabor de pus e sangue de Felícia, das feridas de Felícia. Afinal tinha apodrecido o seu orgulho e o seu sexo. Sentia-se mais ridicularizado por si mesmo do que se fosse vaiado por todo o povo de Cachoeira.”

Contudo, ainda que Eutanázio sofra diante de toda essa circunstância, ele acabava por tornar-se um herói no percurso da obra, pois consegue suportar tudo o que lhe é acometido, de forma heróica. Tanto que, Eutanázio é tragado pelo fado, entretanto no grau de descida para a morte, ele consegue reconhecer que talvez tivesse corrido atrás de uma ficção que lhe dava o puro prazer de sentir a maldade em seu interior.

“Irene estava bela com a sua gravidez de terra inundada. O silêncio dela era uma voz que percorria tudo com doçura e desespero. Seus olhos cobriam-no de maternidade, de vida em germinação de beleza. Ele queria beijar, se ajoelhar diante daquele ventre poderoso da criação. Deixou talvez de sentir qualquer revolta ou ódio. Mas ficou maior a consciência da sua miséria e de sua culpa. Viu que levava de Irene o riso mau, aqueles modos, o olhar tudo que constituía a “outra” Irene, a sua Irene, a inimiga. Não, não era a mesma. Não era a mesma que levava para as caminhadas noturnas, para Felícia, para aquele fundo de rede na saleta, para aquela insondável necessidade de degradação. Irene era outra. Seria capaz de amar essa desconhecida? De cair pelos caminhos, de furtar trinta mil reais de Felícia, de morrer afinal, por uma Irene assim sem o riso, o olhar, a maldade da outra.”(*Chove nos Campos de Cachoeira*, 1995:286).



É importante dizer, que a todo momento ressoa em Eutanázio, uma polifonia caracterizada por Bakhtin (1993:127) como plurilingüismo, que é “a intenção direta do personagem, que fala e a intenção refrangida do autor.”

Nesse discurso, há duas vozes, dois sentidos, duas expressões. Ademais, essas duas vozes estão dialogicamente correlacionadas, como se conhecessem uma à outra (como que se duas réplicas de um diálogo se conhecessem e fossem construídas sobre esse conhecimento mútuo), como se conversassem entre si.

Partindo desse pressuposto, o autor procura projetar em Eutanázio, as circunstâncias de nossa dada sociedade, em querer ajudar a família de Irene, por amá-la e entre prejudicar a pobre Felícia, que pela parodização do nome é infeliz e doente.

Podemos comprovar nesse seguinte excerto:

“(…) Tira o dinheiro do meu bolso. Corre, Felícia. Já não posso voltar para te entregar o dinheiro. O meu último esforço, parece, se reserva para subir esta escada. Vem, Felícia. Matarás a tua fome, pagarás Ribeirão. Tuas feridas ficarão secas. Cantarás então no fundo do quintal, estendendo a tua camisa cerzida no capinzal. Comprarás anil e água sabonosa para desencardir a tua pobre mágoa. Então aqui no meu bolso as duas notas sujas e úmidas, daquele suor do bolso dos barqueiros. São duas miseráveis notas, Felícia (...) Na escada, sumido na sombra, Eutanázio espera ter forças para subir. Felícia se distanciou dele como as estrelas da noite. Deve estar esperando o barqueiro. Felícia volta para ele, num instante, como uma estrela cadente. A lamarina consome a última gota de querosene e Felícia esperará no escuro. Depois chorará baixinho junto do crucifixo, se queixando da maldade do barqueiro. Tinha zombado dela. Esperará toda noite, ouvindo os sapos, as corujas e os grilos atrás da barraca. Os carapanãs a cobrirão como poeira. Esperará no seu banquinho até cair no sono, rolar no chão, desamparada pelo crucifixo e esmagada pelos arranha-céus.” (Chove nos Campos de Cachoeira, 1995:167).

Destarte, Eutanázio, enquanto personagem heróico que é, possui a perspicácia para receber os problemas alheios assim como, a perseverança, embora tímida em conquistar o amor de Irene.

Há em Eutanázio, o que Barthes (2004:21) caracteriza como sujeito anacrônico “aquele que mantém os dois textos em seu campo e em sua mão as rédeas do prazer e da fruição, pois participa ao mesmo tempo e contraditoriamente do hedonismo profundo de toda cultura (que entra nele pacificamente sobre a cobertura de uma arte de viver) e da destruição desta cultura: ele frui da consciência de seu ego (é seu prazer) e procura sua perda (é sua fruição). É um sujeito duas vezes clivado, duas vezes perverso.”

É importante dizer que por hora, tanto em “Vidas Secas” quanto em “Chove no Campo de Cachoeiras”, há a utilização de um discurso indireto livre que conforme Ingedore (2000:56) constitui também um caso interessante de polifonia. “Nele, mesclam-se as vozes de dois enunciadores (na narrativa, personagem) e narrador. Daí deriva a ambigüidade desse tipo de discurso, isto é, a dificuldade de distinguir o ponto de vista (perspectiva) de onde se fala.”

“Ai, meu pai! Ai, meu pai! Eutanázio parálítico, os olhos revirados, na rede sebeta, entre roupas sujas e azedas, gemia, chamando o pai. Tinha caído, seu corpo batido de tanto caminhar para a casa de seu Cristóvão não se levanta mais. Suava frio, tremendo todo, os dedos lívidos agarrados na beira da rede. Seus olhos humilhados e aterrorizados envolveram o pai. Nunca se queixava de doença, sempre firme, sempre resistindo às caminhadas, passando fome, chegando tarde, fora de horas em casa, magro, fraco, extenuado.” (Chove nos Campos de Cachoeira, 1995:64).

“Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria cheio de preás, gordos, enormes.” (Vidas Secas, 1991: 91)

Além das figuras heróicas de Fabiano e Eutanázio, não podemos deixar de discutir a presença marcante da força feminina em ambas as obras, pois sinhá Vitória é uma personagem, forte, decidida, que submerge em meio a seca, a miséria, com bastante particularidade e evasão, diante de um mundo carregado pelo destino cego e fatalista e, por sua vez, Irene ainda que morasse dentro de Eutanázio, como um mal, uma doença mais grave que a venérea que o mesmo adquiriria no prostíbulo, constitui e ganha espaço dentro do romance, por meio de uma força inabalável, força que não enfraquece mesmo perante a um gravidez não-assumida. E do alto inferno, chega ao céu decorrer da história, isto é, de demônio transforma-se em anjo, em santidade e pureza, ao final da obra.

“Saíram de madrugada. Sinhá Vitória meteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente com a taramela. Atravessaram o pátio. Deixaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios, e de porteiras abertas, o carro de bois que apodrecia, os juazeiros. Ao passar junto às pedras onde os meninos atiravam cobras mortas, Sinhá Vitória lembrou-se da cachorra Baleia, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro.” (Vidas Secas, 1991:116)

“Estava vendo ali a criação, a Gênese, a vida. Haveria nela qualquer coisa de satisfeito, de profundamente calmo e de inocente. Não dava mostra nenhuma de sofrimento, nem de queixa, nem de ostentação. Era como a terra no inverno. Seu ventre recebeu o amor como uma terra. Como a terra dos Campos de Cachoeira recebia as grandes chuvas. Por isso ela já humilhava-o de maneira diferente. Tinha sido falada em Cachoeira e não mostrava senão a aceitação do filho como um triunfo. Tinha um filho, tinha, um filho, seu ventre estava alto e belo.” (Chove nos Campos de Cachoeira, 1995:185)

Cabe enunciar aqui, a importância que os demais personagens, como o filho mais velho, o filho mais novo e Baleia, a cachorra que com sua força coragem e fidelidade conseguiu ajudar a si e a família de Fabiano. Vale ressaltar que Baleia é personificada e uma voz lhe é introduzida, fazendo-a refletir e sofrer juntamente com a família. Trata-se de recortes de personagens, tipos humanos que sobreviveram no interior dessa dura, cruel e áspera ficção, assim como, Alfredo em “Chove nos Campos de Cachoeira”, personagem que através do seu caroço de tucumã, objeto que se transforma em magia, sonho, dispersão, o leva a transfigurar a incômoda realidade concreta que o cercava, bem como os demais Major

Alberto, Sinhá Rosália, Irene, Raquel etc., personagens inúmeros e únicos que fazem a riqueza e a profundidade da obra dalcidiana, obra que por meio de uma relação metonímica estabelecida entre a cidade e seus habitantes representa-a humanizada, a medida que é explorada e experienciada pelo sentimento do homem ou dos personagens amazônicos.

Assim, conseguimos navegar em um rio (*Chove nos Campos de Cachoeira*) transpostos por uma aridez textual. (*Vidas Secas*)

Consoante Barthes (2004:75):

“Texto quer dizer Tecido; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um relacionamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se faz nele, qual uma aranha que se dissolvesse nela mesma nas secreções construtivas de sua teia.”

Por tudo o que aqui foi discutido, comprova-se que a universalidade presente nas obras em estudo, obras de arte historicamente eternas, resistem no percurso do tempo e demonstram uma consciência em relação aos problemas sociais. Traçando assim, no decorrer da própria linguagem – meta-linguagem – o caráter estético. Eis (Barthes, 2004:20):

“O brio do texto, sem o qual, em suma, não há texto, seria sua vontade de fruição: lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapasse a tagarelice, e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos – que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética. A Teoria do Romance*. 3.ed. São Paulo: Unesp, 1993.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*. 4.ed. Belém: Cejup, 1995.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela Linguagem*. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- LAFETÁ, João Luiz. *A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.
- MOISÉS, Massaud. *Histórico da Literatura Brasileira*. 3.ed. São Paulo: Modernismo: Cultrix, 1996.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 60.ed. Rio, S. Paulo: Record, 1991.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase e Cia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas Malhas da Letra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

## **Planejamento urbano, práticas participativas e identidade territorial ribeirinha na orla fluvial de Belém**

---

Beatriz de Sousa Vilar (*bbgeo2004@yahoo.com.br*)

Rovaine Ribeiro (*rovaine@ufpa.br*)

Tiago Veloso dos Santos (*tiveloso@ufpa.br*)

Universidade Federal do Pará

Área temática: CULTURA

A orla fluvial de Belém, enquanto síntese de temporalidades diversas, possui também em seu contexto a atuação de diferentes modelos de gestão e planejamento urbanos, empreendidos pelo poder público no âmbito da esfera estadual e municipal<sup>1</sup>. Tais modelos contribuem sobremaneira para as formas de representação e organização deste fragmento da cidade.

Atualmente, observamos maneiras diferenciadas de atuação dessas esferas de governo nos espaços que compõem a orla fluvial de Belém, diferenças que se manifestam a partir dos parâmetros que constituem os modelos de planejamento e as práticas gestoras implementadas nas intervenções realizadas em outras frações do espaço urbano de Belém.

Para melhor caracterizarmos as ações do poder público tomamos como parâmetro alguns elementos diferenciadores das formas de planejamento indicados e definidos por SOUZA (2002), a saber: a) *idéia força-central, que se refere ao objetivo mais essencial perseguido no âmbito da modalidade de planejamento considerada;* b) *filiação estética, definida a partir de elementos relacionados principalmente às formas espaciais decorrentes das intervenções, como questões de traçado e estilo;* c) *grau de interdisciplinaridade, referente a interface entre disciplinas diferentes como um ponto favorável a efetividade do planejamento e da gestão;* d) *grau de abertura para com a participação popular, que define o caráter participativo dos diferentes setores sociais;* e) *o referencial político-filosófico, que define concepções teóricas norteadoras das ações e da concepção de cidade.*

Assim, conquanto se admita que o planejamento sempre é orientado por determinado objetivo e concepções gerais, concordamos com SOUZA (2000, p. 273), para quem estas concepções mais gerais constituem um substrato metateórico<sup>2</sup> da prática do planejamento e

---

<sup>1</sup>Em um estudo anterior (VILAR, 2004), sob o título “As Estratégias das Águas: Estação das Docas e Ver-o-Rio” verificou diferentes formas de planejamento e gestão na orla fluvial de Belém, adotados pelo Governo do Estado e pela Prefeitura Municipal de Belém. Nesse momento, dois projetos foram analisados: o “Complexo Estação das Docas” e “Ver-o-Rio”, do Governo do Estado e da PMB, respectivamente.

<sup>2</sup> O metateórico ao qual nos referimos é tomado de SOUZA (2004) como conjunto de balizamentos epistemológicos, político-filosóficos e éticos que, ao mesmo tempo em que são nutridos por e sintetizam ou combinam reflexões teóricas e estudos empíricos específicos, motivam, influenciam e orientam pesquisas e reflexões subsequentes. As metateorias das ciências sociais não são “superteorias” substantivas integradoras,

gestão urbanos; e demonstram que o objetivo mais essencial perseguido por uma determinada modalidade de planejamento, juntamente com a atitude deste face ao mercado em conjunto com o seu horizonte político-filosófico, define em larga medida a visão de mundo proposta pela modalidade de planejamento em questão.

As práticas de planejamento e a gestão urbanos fazem-se presentes na orla de Belém de duas formas diferenciadas: o planejamento estratégico (com um viés pautado, sobretudo, no ideal de modernização da cidade, buscando torná-la competitiva em face ao mercado), e o planejamento participativo (com ações que primam pela escala humana no sentido de tornar a cidade mais aprazível para aqueles que dela fazem uso), implementados pelo Governo do Estado e pela Prefeitura Municipal de Belém (1997 a 2004), respectivamente.

No que diz respeito ao modelo de planejamento implementado pela esfera estadual de governo, reconheceu-se no Complexo “Estação das Docas” os seguintes identificados por SOUZA (2002) para fins de caracterização do projeto: a) Idéia força-central: modernização da cidade. b) filiação estética: pós-modernismo, buscando estabelecer uma “harmonia” com o passado e presente e a combinação de diferentes concepções arquitetônicas e estéticas. c) grau de interdisciplinaridade: pequeno, pois a elaboração contou com a participação de técnicos que em sua maioria eram arquitetos. d) grau de abertura para com a participação popular: restrito, visto que a população não teve oportunidade de opinar e optar quando da tomada de decisão e na estrutura de gestão montada para o seu funcionamento. e) referencial político filosófico: pautado no ideário de competitividade do mercado turístico (VILAR, 2004, p. 12).

Desta forma, no que compete ao governo do Estado, analisando os projetos já implementados, podemos considerar que seu objetivo volta-se para uma standardização da orla, levando em conta somente de maneira secundária as diferenças apresentadas pelos grupos sociais que compõem a cidade e que produzem e vivenciam os diversos fragmentos da orla.

A segunda tendência de planejamento e gestão urbanos presentes na cidade de Belém, e que será objeto de nossa maior atenção, tinha como características a implementação de práticas e instrumentos voltados à participação popular na condução das políticas de planejamento e gestão urbanos. Esse modelo de planejamento orientou um conjunto de políticas de intervenção para a orla fluvial da cidade que, na perspectiva do discurso do poder

---

mas são grandes matrizes de referência que, não raro são híbridos epistemológicos e político-filosóficos (como o materialismo histórico).

municipal, procurou enfatizar a participação popular visando resgatar o rio como elemento simbólico representante da dinâmica territorial ribeirinha da cidade.

A estratégia de atuação desta forma de planejamento buscou orientar-se pelo ideário mais geral das propostas de reforma urbana pensadas para a realidade brasileira. Neste sentido, pode-se destacar alguns elementos centrais desta forma de pensar a cidade, como, por exemplo, a participação popular, que, nos moldes propostos pelo ideário da reforma urbana, pressupõe a criação de mecanismos por parte dos governos, que incentivem e possibilitem a participação ativa da população na condução de políticas de planejamento para a cidade. Dessa forma, mecanismos como congressos temáticos, assembléias, fóruns, conselhos administrativos, plenárias, tribunas populares são possibilidades de canais de participação popular. Tais mecanismos devem abarcar os múltiplos agentes sociais, considerando toda a sua diversidade. Um segundo elemento tomado como referência na estratégia de planejamento e gestão alternativo seria a inversão de prioridades, Por esse princípio, as ações dos governos devem considerar prioritárias as necessidades básicas daqueles grupos mais excluídos, buscando minimizar os efeitos da segregação e espoliação urbana, procurando estabelecer a justiça social, objetivando, assim, fazer uma cidade de todos e para todos, fazendo com que os cidadãos possam usufruir os diversos espaços que compõem a cidade por eles produzida. Para o ideário mais geral da reforma urbana, inversão de prioridades significa por em prática um projeto de desenvolvimento em que a questão social possui um papel primordial dentre os desafios do governo, promovendo, assim, uma ruptura com os padrões dos governos anteriores, que garantem e legitimam os privilégios das elites locais.

#### INTERVENÇÕES URBANÍSTICAS E PARTICIPAÇÃO POPULAR: A REVITALIZAÇÃO DO COMPLEXO VER-O-PESO

Este modelo de planejamento alternativo colocado em prática pelo poder público municipal em Belém orientou um conjunto de políticas de intervenção para a orla fluvial da cidade, tal como a ocorrida no complexo do Ver-o-Peso (localizado na zona central da orla), esta intervenção, pelo seu caráter simbólico para a cidade será objeto de análise, sendo considerada referencial empírico da forma de planejamento.

O Ver-o-Peso surgiu em 14 de agosto de 1682, fruto de um pedido realizado pelo governador do Estado do Maranhão e Grão Pará, general Gomes Freire de Andrade ao rei de Portugal, Dom João, para instalação de uma pequena balança e mesa para a instalação do “Haver do Peso”. O rei concedeu o pedido. (MEIRA FILHO, 1976). Não havia moeda corrente na época. Assim, o “Haver do Peso” servia de ponto de escambo. Os ribeirinhos que atracavam no “Haver do Peso” com farinha, por exemplo, e depois de deixarem a cota do

Senado, podiam trocar a mercadoria por feijão, arroz e outras. Tudo valia o que pesava. Só em Belém o “Haver do Peso” ganhou a linguagem coloquial do caboclo, entrando para a história como Ver-o-Peso. (MEIRA FILHO, 1976).

O Complexo do Ver-o-Peso é formado pela Praça do Relógio, Praça dos Velames, Palacete Bolonha, os Mercados de Peixe e de Carne e a Feira do açaí. Estão instaladas diversas barracas e casas comerciais populares onde são vendidos, desde carnes, peixes, legumes, frutas, artigos regionais, artigos de umbanda, ervas medicinais, roupas e bijuterias. Apesar de parecer um grande varejão, comum a outras realidades, a mistura e combinação de cores, cheiros e objetos é muito interessante, pois revela, ao mesmo tempo, uma pluralidade existente no espaço urbano, assim como uma particularidade da cidade.

O Ver-o-Peso é um lugar onde se encontra uma amostra do universo de variedades da realidade social paraense. O intenso movimento dos barcos e o vai e vem das pessoas empresta um belíssimo colorido à paisagem, já bastante atraente pela variedade de produtos expostos à venda.

Apesar de ser considerado símbolo da cidade, o Ver-o-Peso encontrou-se durante vários anos abandonado. Em virtude disso, a Prefeitura Municipal de Belém decidiu promover a revitalização do Complexo. Procurou-se através da Lei Mecenato, conseguir R\$ 25 milhões para recuperar os prédios e garantir a limpeza e segurança do complexo, proporcionando um melhor local de trabalho para os feirantes e revitalizar um dos símbolos da história paraense.

Para restaurar o Ver-o-Peso, porém, foram necessárias várias ações. Não se pode negar que, apesar da importância histórica do complexo, o Ver-o-Peso concentra uma gama de problemas, muitos de difícil solução. A Secretaria Municipal de Saneamento procurava garantir a limpeza da área. Na primeira etapa da obra ocorreu a retirada de ocupações – isso inclui feirantes irregulares. Essas providências envolveram uma ação conjunta da Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL), com a Secretaria de Urbanismo (SEURB), Secretaria de Saneamento (SESAN) e Secretaria de Economia (SECON). A outra fase do projeto, inclui a restauração física do complexo e sua revitalização cultural. Para tanto, promoveu-se concurso público que buscou selecionar propostas metodológicas e projetos para restauração das edificações do complexo, visando à melhoria da qualidade e a revitalização de espaços urbanos contíguos do centro histórico de Belém.

O Plano Setorial de Revitalização do Centro Histórico de Belém “Ver – Belém”, é um plano urbanístico de área. Seu objetivo principal foi estabelecer diretrizes norteadoras de programas e projetos, que proporcionem o desenvolvimento urbano de Belém. Dentre os projetos elaborados, a PMB selecionou o Projeto Boulevard para iniciar o processo de

revitalização do Centro Histórico de Belém. Tal projeto apresenta como objetivo principal a restauração e requalificação urbana e arquitetônica do Setor I<sup>3</sup>, preservando as características sócio-econômicas e culturais.

Para promover as primeiras obras na área, a PMB promoveu o I Colóquio do Ver-o – Peso, que buscou aprofundar as discussões sobre questões como segurança, legislação e saneamento da área e contou com a participação daqueles agentes direta e indiretamente impactados, feirantes, lojistas, ambulantes e representantes da administração. O objetivo principal do Colóquio foi discutir a minuta de um decreto, que regulamenta o uso do Ver-o-Peso. Também foi discutida a constituição de um condomínio participativo com caráter consultivo, formado por variados agentes, como feirantes, reconhecidos pela Secretaria de Economia, lojistas, taxistas, fruteiros, barqueiros, balanceiros e guardadores de carro, que fazem parte da cooperativa que controla o estacionamento da área e do Distrito Administrativo de Belém. Tal condomínio apresentava como propósito auxiliar a PMB na gestão e administração da área, considerando a participação dos agentes. Com isso verificou-se que, no modelo analisado, a organização dos agentes constituía-se em um ponto crucial, para efetivar sua participação.

O que se vislumbra com isso é a validação de alguns quesitos levantados no plano teórico como a inversão de prioridades e a participação popular, ao se possibilitar, por exemplo, que os agentes que vivenciam direta e diariamente a realidade do “Ver-o-Peso” decidam os melhores caminhos para um melhor uso do espaço. Dessa forma, as decisões não se restringem a apenas uma esfera, possibilitando-se, assim, descentralizar as decisões, que prima pela participação popular e envolve diversos agentes e setores.

No que diz respeito ao alcance da obras, com a conclusão do projeto vislumbrou-se que as metas foram alcançadas quanto à infra-estrutura, melhorando as condições de trabalho dos feirantes e tornando mais agradável esse belo cartão postal de Belém, reaquecendo o turismo e proporcionando um melhor uso do espaço por parte dos cidadãos. Nesse sentido não ocorreu só uma melhoria física, mas também uma melhoria na qualidade de vida da população.

Vale lembrar que procuramos analisar mais intensamente se ocorreu a participação da população nessa intervenção urbanística. O que verificamos foi que durante a execução das obras a administração municipal teve a preocupação de inserir a população no processo, considerando os variados agentes, buscando saber quais as principais necessidades e de que

---

<sup>3</sup> O Setor I compreende áreas como o Complexo Ver-o–Peso, o cais do porto e o Boulevard Castilho França.



maneira poderia se ter um melhor uso do Ver-o-Peso, expressado no Colóquio do Ver-o-Peso e no decreto que regulamenta o uso da área.

O que verificamos foi uma preocupação em consolidar a participação popular, buscando inserir no processo agentes envolvidos tanto direta quanto indiretamente. No entanto, torna-se necessário ressaltar que quando se busca informações sobre a origem, concepção e escolha do projeto, verifica-se que não ocorreu a participação dos agentes que seriam diretamente impactados, como os feirantes, por exemplo. Dessa forma, observa-se que embora tais agentes apresentem-se organizados e buscassem participar dessa fase fundamental do projeto, não ocorreu uma correspondência da PMB para fomentar a participação.

Nesse sentido, ao analisarmos mais especificamente a intervenção ocorrida, podemos dizer que houve muitas conquistas e avanços, no entanto o princípio da participação popular apresenta limitações no que concerne à sua concretização, já que não foi levado em conta em sua plenitude, pois os agentes direta e indiretamente impactados não foram ao menos consultados sobre os rumos norteadores do projeto de revitalização.

Dessa maneira, observamos limitações no que diz respeito à efetiva concretização do modelo de planejamento e gestão democrático e participativo, já que a participação popular não deve se dar somente no âmbito mais imediato, mas também no âmbito mais prospectivo, o planejamento, visto que tal elemento é distinto, no entanto, complementar à gestão.

Desta forma, identificamos alguns limites na ação do planejamento participativo, no que cabe a uma intervenção ocorrida em um elemento representativo da identidade ribeirinha na metrópole. Embora na concepção de planejamento pensada pelo Poder Público Municipal, os elementos de justiça social, participação popular e inversão de prioridades sejam centrais no sentido de perceber a cidade como totalidade, o que se percebe e que quando verificamos a forma como foram pensadas as intervenções na orla da cidade, chega-se a conclusão que foram pensadas de forma pontual – considerando que o Ver-o-Peso fica localizado na orla central da cidade – e não a se considerar a totalidade da orla enquanto elemento fragmentário da cidade.

Isso nos leva a uma questão ainda mais grave, pois quando se analisa a diversidade de usos na orla fluvial de Belém, se verifica que em uma porção significativa deste espaço – a sua porção sul – existem espaços que revelam uma identidade territorial ribeirinha presente no contexto da metrópole, e que não foram consideradas nas políticas de intervenção para a orla.

Estes espaços serão analisados aqui como espaços que resguardam um importante resíduo de identidade ribeirinha em Belém.

## AS “MARGENS” DA CIDADE NÃO VISUALIZADAS PELO PLANEJAMENTO

Para além dos projetos realizados, entretanto, na orla fluvial da cidade, identificamos espaços que representariam a identidade territorial ribeirinha e que não tiveram a mesma atenção do ponto de vista das intervenções urbanas. Tratam-se de espaços de feiras, portos e trapiches como o Porto da Palha e o Trapiche do Ponto Certo (localizados na orla sul<sup>4</sup> da cidade), que se destacam pela existência de uma dinâmica *territorial* ribeirinha, que resiste no contexto metropolitano de Belém e que está envolvida por relações espaciais complexas e diversas. Estes espaços apresentam um conjunto de elementos espaciais/geográficos que nos permitem vê-los como portadores de uma cotidiana (re)produção de um tempo de vida ribeirinho existente na metrópole.

Para identificar uma identidade ribeirinha que se encontra em permanente transformação, é preciso recorrermos ao conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações que, presentes nestes espaços, permitem a (re)produção cotidiana de um tempo que não é hegemônico e que a cidade se esforça para esquecer.

A orla fluvial de Belém, enquanto fragmento, estabelece uma relação de complexidade com a totalidade da cidade, tal como sua importância enquanto lugar de vivência, de sociabilidades presentes nesta porção do espaço urbano belenense que possui um conteúdo tão particular, refletindo aspectos residuais de relações materiais/simbólicas representantes de uma identidade territorial ribeirinha ainda existente na cidade de Belém, identificada em espaços de feiras, portos e trapiches, como o ‘Porto da Palha’ e o e o ‘Trapiche do Ponto Certo’.

Estes espaços possuem como característica o fato de resguardarem uma identidade ribeirinha que é permanentemente (re)elaborada na metrópole, esta identidade (re)elaborada segundo MALHEIRO e PIMENTEL (2004) deve ser resignificada. Para os autores a localização próxima ao rio, exposta em trabalhos como os de CORRÊA (2003) e RIEPER (2003) é responsável por uma absolutização da noção de identidade ribeirinha, não permitindo considerar as transformações nas quais essa identidade está envolta. Contudo, trata-se, portanto, de privilegiar tempos, ritmos, relações e, neste sentido, privilegia-se a relação com o rio como o primeiro critério para considerar esta identidade, pois são as interações desenvolvidas *com* este último as responsáveis por levarem a elegerem ser o tempo da natureza um dos principais elementos a influenciar a identidade ribeirinha. Um outro elemento pode ser encontrado no trabalho de TRINDADE JR. (2003). Este autor, com base

---

<sup>4</sup>No conteúdo do Plano de Reestruturação da Orla de Belém – PRO-BELÉM –, da Prefeitura Municipal de Belém (PMB), não são pensadas ações para a porção sul da orla de Belém (cf. BELÉM, 2000).

em SANTOS (1999) e LEFEBVRE (1974), aponta que esta identidade se constitui por um conjunto de sistema de objetos espaciais/geográficos e sistema de ações histórico/culturais dialeticamente articulados, em meios aos quais devemos considerar

[...] interações e modos de vida que são estabelecidos entre os cidadãos e rio, seja este tratado como via de transporte de importância fundamental, seja este considerado como fonte de recursos econômicos e de subsistência, seja ainda como um referencial simbólico intrinsecamente relacionado à vida do homem amazônico (TRINDADE JR., 2003, p. 3)

Além disso, a associação da identidade ribeirinha à localização absoluta não permite considerar suas transformações cotidianas. Entretanto, se a localização às margens dos cursos d'água não é responsável pela determinação desta identidade, tão pouco podemos pensá-la distante das margens de rios, baias, furos e igarapés. Neste sentido, concordando com TRINDADE JR. (2003), destacamos ser necessário considerar as orlas fluviais como critério alternativo ao de localização absoluta, pois sendo uma das frações do espaço urbano de maior contato com as vias fluviais, ela se apresenta como expressão sócio-espacial da interação cidade-rio. Assim, “a especificidade dessa orla está, em muito, relacionada aos tipos de usos decorrentes da interação imediata entre terra e água, que estabelecem, em geral, um contato/dependência, material e/ou simbólico(a), de maior intensidade em relação às águas” (TRINDADE JR., 2003, p.5).

Tal complexidade nos revela a importância de se resgatar aqueles espaços de vivência, enquanto elementos fundamentais do conteúdo urbano singular da cidade de Belém. Neste sentido, consideramos essencial o resgate de espaços como feiras, portos e trapiches, nas políticas públicas de intervenção urbanas, pensadas a partir do planejamento e da gestão municipal de Belém. Entretanto, ao analisar os conteúdos dos documentos referentes a tais intervenções, pôde-se observar que os espaços residuais como o Porto da Palha e o Porto do Ponto Certo, não têm sido potencializados nas atuais políticas urbanas de intervenção na orla fluvial de Belém, como tem demonstrado estudos feitos por TRINDADE JR *et al* (2003).

Deste modo, ressaltamos a necessidade de compreender porque esses espaços não são pensados enquanto espaços de territorialidades ribeirinhas. Isso porque espaços como o 'Porto da Palha e o Porto do Ponto Certo', resguardam uma dimensão ribeirinha decorrente de vivências que precisam ser resgatadas no âmbito das políticas públicas<sup>5</sup>, visto que possuem

---

<sup>5</sup> A busca pelo “resgate” da identidade ribeirinha através de projetos de intervenção urbana têm sido cada vez mais recorrente no jargão tecnocrático do planejamento urbano municipal, de modo que é possível observar no conteúdo do Plano de Reestruturação da Orla de Belém – PRO-BELÉM –, da Prefeitura Municipal de Belém (PMB), que nas principais ações propostas são considerados somente 9 (nove) “conjuntos urbanos e arquitetônicos significativos”, de modo que para as feiras, portos e trapiches constituintes da identidade ribeirinha desta parte da cidade, são pensadas somente ações de reorganização funcional e de normatização

um conteúdo raro e residual daquilo que em algum momento foi fundamental às relações materiais e simbólicas do contexto urbano belenense.

Esse conteúdo está imbricado de um conjunto de características que pudemos identificar através de observação sistemática no Porto da Palha e no Trapiche do Ponto Certo, a partir dos diversos elementos representativos da identidade territorial ribeirinha presentes nestes espaços de representação. Dentre estes elementos, como já afirmado anteriormente por MALHEIRO e PIMENTEL (2004), estão: o rio, o barco e o trapiche. Estes elementos constituem a essência das relações materiais e simbólicas desenvolvidas no Porto da Palha e no Ponto Certo. Outros elementos correspondentes ao valor de troca, mas que fazem parte deste cotidiano singular, são os diversos tipos de produtos que podem ser encontrados ali, como a farinha e os variados frutos, que vêm das ilhas, marcando a relação entre a cidade e seu entorno, bem como as relações de vivência cotidiana, da proximidade entre os agentes que ali estão presentes diariamente. Neste sentido, outro elemento fundamental são as relações que possuem valor de uso, que podem tão facilmente ser apreendidas no Porto da Palha e no Ponto Certo.

A análise até então desenvolvida, demonstra que embora tenham sido criados espaços, que promovessem aberturas da cidade para o rio, tais espaços não resgatam o caráter ribeirinho na orla fluvial de Belém, criando o que o poder público denomina de “janelas para o rio”, visto que estas servem apenas para a contemplação do rio, não permitindo um verdadeiro acesso da cidade para o rio, promovendo um distanciamento das relações simbólico/materiais tão marcantes da identidade territorial ribeirinha, em que o rio, os barcos e o trapiche constituem a essência das relações sócio-espaciais desenvolvidas no Porto da Palha e no Ponto Certo, de modo que, a todo o momento pode-se observar ali a ida e vinda dos barcos, as trocas comerciais, as relações de proximidade entre os indivíduos, fortalecendo a identidade territorial ribeirinha neste fragmento da cidade.

Neste sentido, a compreensão do Porto da Palha e do Ponto Certo, enquanto espaços em que existem relações de vivências cotidianas fortemente ligadas às sociabilidades ribeirinhas, por parte do planejamento e da gestão urbanas, deve primar pelo reconhecimento de um potencial participativo das organizações e interações, no sentido de resgatar, através dos agentes produtores das sociabilidades ribeirinhas, o caráter particular destes espaços. De modo que, a existência de tal potencial requer que o mesmo seja visualizado e reconhecido de maneira a mobilizá-lo face às políticas urbanas colocadas para a orla fluvial de Belém.

---

jurídica, como se elas fossem somente desorganizadas e compostas unicamente de atividades informais (cf. BELÉM, 2000).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos ao iniciar este artigo apresentar duas tendências de planejamento e gestão urbanas que se colocam atualmente pra a cidade de Belém, especialmente no que se refere as recentes intervenções urbanísticas em sua orla fluvial. Encobrimo a concepção de planejamento das duas esferas de governo analisadas (municipal e estadual) há um discurso sobre o resgate da identidade ribeirinha – supostamente perdida – no contexto da Belém metrópole.

As estratégias para o suposto resgate desta identidade ribeirinha são por parte do Governo do Estado uma concepção de planejamento que se mostra muito mais a interesse de uma estandardização da orla fluvial – como visto no Complexo “Estação das Docas – levando em consideração aspectos ligado a questão do mercado turístico do que propriamente refletindo os elementos ribeirinho na orla de Belém.

Por outro lado, uma segunda estratégia de planejamento levado a frente pela esfera municipal de governo, alia elementos representativos da cultura ribeirinha em Belém, a um planejamento voltado a questões como justiça social e participação popular na condução destas mesmas políticas – como visto na revitalização do Complexo Ver-o-Peso. Entretanto, mesmo esta estratégia de planejamento urbano alternativo não consegue levar a seu último termo as propostas que visa implementar, isto fica claro quando analisamos a forma pouco participativa que se deu a condução do projeto de revitalização, ainda que esta forma de planejamento tenha conseguido implementar processos de inversão de prioridades no que tange a própria revitalização de um símbolo da identidade ribeirinha presente na cidade.

Desta forma, percebe-se a dificuldade das práticas de planejamento e gestão encontrarem os conteúdos mais vivos da cidade, aqueles que não vemos, mas estão sendo (re)produzidos cotidianamente nas sociabilidades presentes na produção da vida social. Esta percepção fica mais evidente quando consideramos os espaços de vivência ribeirinhas negados pelo planejamento e que estão presentes, ainda que como resíduo, na representação da metrópole. O fragmento da vida urbana, representado pela identidade ribeirinha ainda presente na cidade de Belém, o qual não pode ser pensado sem que consideremos suas articulações com a cidade da qual faz parte, possui uma ordem espacial constituída por um conjunto de objetos espaciais/geográficos e de ações que compreendem *o rio, os barcos e o trapiche*, além de outros objetos característicos dessa identidade que se combinam no e por meio do trapiche, como os paneiros, as sacas de farinha, os sacos de carvão, objetos da troca de seus agentes.

Neste caso, há de se considerar as feiras, os portos e os trapiches objetos de nosso estudo como constituídos por relações de vivências, marcadas pelo desenvolvimento de interações; e de sobrevivências, as quais têm no circuito inferior (SANTOS, 1979) um de seus principais atributos.

O cotidiano urbano desses espaços nos mostrou que, por um lado, as atividades econômicas existentes nesses lugares, como o comércio de verduras e de frutas regionais; a comercialização do açaí, da farinha, do carvão, da banana, entre outros que, por se prestarem a atender a uma demanda da população local, pouco capitalizada e imersa ainda em relações de troca baseadas em muito no crédito pessoal, ilustram a existência do circuito inferior e representam a feira enquanto *espaço para sobrevivência*, tal qual nos falam MALHEIRO e PIMENTEL (2004).

Entender estes espaços e dar-lhes a importância que tem para a cidade é também uma tarefa a ser lavada adiante pelo planejamento, um planejamento que possa finalmente pensar a cidade enquanto mediação<sup>6</sup> e para tanto pensar a partir disto em uma cidade regulada por uma política da diferença.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Maria Terezinha. *Ribeirinhos do Madeira*. Disponível em: <<http://www.unir.br/~primeira/artigo95.html>> Acesso em: 14/fev./2003.

LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MALHEIRO, B. C. P; PIMENTEL, M. A. A face ribeirinha de Belém: espaços de (sobre) vivência na diferença. In: TRINDADE JR, S. C. (Org.). *A orla fluvial de Belém: paisagens, usos e representações*. Belém: UFPA, 2004. (relatório de pesquisa)

RIEGER, Ana *A economia ribeirinha e os tempos da natureza*. Disponível em: <<http://www.naveiadorio.fot.br/aeconomiaribeirinhaeostemposdanatureza.doc>> Acesso em: 03/out./2003.

RODRIGUES, E.; NOVAES, J. S. (Orgs.). *Luzes na floresta: o governo democrático e popular em Belém (1997-2001)*. Prefeitura Municipal de Belém, 2002.

RODRIGUES, E.; NOVAES, J. S.; ARAÚJO, R. L. S. *Congresso da cidade: construir o poder popular reinventando o futuro*. Belém: Labor Editorial, 2002.

RODRIGUES, E.; NOVAES, J. S.; ARAÚJO, R. L. S. *O futuro de Belém é o povo que decide*. Belém, 2001.

---

<sup>6</sup> “A cidade é uma mediação entre as mediações. Contendo a ordem próxima, ela a mantém; sustenta relações de produção e de propriedade; é o local de sua reprodução. Contida na ordem distante ela se sustenta; encarna-a; projeta-a sobre um terreno (o lugar) e sobre o plano, o plano da vida imediata; a cidade inscreve essa ordem, prescreve-a, escreve-a, texto num contexto mais amplo e inapreensível como tal e não ser para a mediação” (LEFEBVRE, 2001, p. 46, grifos do autor).

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, M. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987(Coleção espaços).

SOUZA, M. L. *O Desafio Metropolitano: Um Estudo sobre a Problemática Sócio-Espacial nas Metrôpoles Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SOUZA, M.L. *Mudar a Cidade: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e a Gestão Urbanos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. *A Orla de Belém: espacialidades e temporalidades na interação cidade-rio*. Belém, 2000. (Mimeo).

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. *Imagens e representações da cidade ribeirinha na Amazônia: uma leitura a partir de suas orlas fluviais*. Belém: UFPA, 2003 (Mimeo).

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. *Imagens e representações da cidade ribeirinha na Amazônia: uma leitura a partir de suas orlas fluviais*. Belém: 2003 (Mimeo).

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair. Cordeiro da. et alii. De “cidade ribeirinha” à “cidade das águas”: apropriação espacial e gestão do uso do solo na orla de Belém. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13, 2002, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2002, n/p. 1 CD-ROM.

## Uma visão panorâmica sobre o Fórum de Pesquisa em Artes

*Danielle Barbosa da Silva*

Instituto de Ciências da Arte – Faculdade de Artes Visuais e Design/UFPA

Área temática: CULTURA

**RESUMO:** *Trata-se de fazer um panorama do Projeto Fórum de Pesquisa em Arte, realizado pela Universidade Federal do Pará e o Instituto de Ciências da Arte especificando a importância desta iniciativa para o campo das Artes e áreas afins. Realizado em 2002 o I Fórum Amazônico de Pesquisa em Arte com o tema Arte e Linguagem, contou com a participação de vários especialistas da região e outros estados, apresentando conferências e comunicações em torno das diversas vertentes da arte. Como este evento é realizado bianualmente, o II Fórum de Pesquisa em Arte aconteceu em 2004, com o dobro de participantes entre profissionais e estudantes de Arte, abordou o tema Arte, Corpo e Tecnologia contando com exposições de trabalhos publicados de diversos artistas e Mostras de Arte. O tema abordado abriu novos espaços de percepção acerca da Arte Contemporânea e suas tendências e fez nascer a expectativa do novo no sentido artístico em nossa região. Para apresentação deste artigo é importante ressaltar a experiência adquirida como bolsista de extensão no III Fórum de Pesquisa em Arte realizado este ano, onde o contato com a Comissão Científica Organizadora desde o planejamento desta edição e posteriormente sua execução deixou clara a importância do evento para o campo das Artes. O III Fórum abordou o tema Arte, Hibridismo e Interculturalidade e contou com Mostras de Artes, Performances e Interferências Urbanas num fluxo de informações e questionamentos voltados para o cenário contemporâneo.*

Palavras-chave: *Arte; pesquisa; interculturalidade.*

### APRESENTAÇÃO

O Projeto Fórum de Pesquisa em Arte, nasceu da necessidade de ampliar e criar novos espaços de produção artística envolvendo as diversas linguagens da arte, teatro, dança, música, filosofia, literatura, etc.

Esta iniciativa que partiu dos professores José Afonso Medeiros Souza e Valzeli Figueira Sampaio, naquele momento, diretores do Núcleo de Artes da Universidade Federal do Pará, foi e continua sendo um grande marco para a produção cultural da nossa região, envolvendo não somente alunos de graduação em artes, como profissionais e pesquisadores de outros estados, proporcionando uma relação intercultural.

Os conceitos da *A Arte Moderna* se misturam com os do Contemporâneo, e esses encontros como estes proporcionam esta troca de conhecimento, as propostas e defesas de novas idéias estimulam ainda mais pesquisadores em busca deste espaço transcendental que é a arte, se perdem e se acham neste labirinto a procura do néctar da sabedoria.

Em outubro de 2002, ainda timidamente e sem muitos recursos, porém com muita força de vontade de seus diretores de funcionários, o Núcleo de Artes da Universidade Federal do Pará, realiza o que inicialmente se chamou **I Fórum Amazônico de Pesquisa em Arte**. Estava aberto, portanto o espaço que por muitos anos havia sendo imaginado por artistas, estudantes, profissionais e pesquisadores que precisavam de um incentivo para mostrar sua



produção e até então só tomavam conhecimento das tendências artísticas do momento por revistas e viagens não muito econômicas para encontros em outros estados, quando na verdade poderiam encontrar aqui tesouros intelectuais.

O I Fórum de Pesquisa em Arte adotou o tema **Arte & Linguagem** e contou com apenas 5 (cinco) conferências que abordaram o tema da linguagem na arte iniciando um percurso de discussão epistemológica do fazer artístico, entre esses professores estavam Winfried Nöth, Lúcia Santaella, Lia Braga, Valzeli Sampaio e Afonso Medeiros.

O Fórum abriu espaço para a inscrição de comunicações de alunos, professores e pesquisadores, sendo selecionadas 28 (vinte e oito) comunicações e 1 (uma) exposição no Museu de Arte de Belém, sem contar com mesas-redondas e outras idéias que viriam ser realizadas nas próximas edições.

Apesar dos poucos recursos este evento conseguiu um considerável número de participantes, o que foi bastante gratificante tanto para os idealizadores como para os muitos estudantes de artes e áreas afins que puderam de alguma forma interagir com o mesmo.

O Tema proposto levantou questões em torno da arte e suas vertentes causando assim, surpresas e inquietações com discursos inovadores em relação ao espaço híbrido que se formou.

Este projeto realiza-se bianualmente, portanto em maio de 2004 foi a vez do **II Fórum de Pesquisa em Arte**, que adquiriu depois de sua 1ª edição uma estruturada Comissão Científica Organizadora composta por membros, não somente vinculados a Universidade Federal do Pará, como também por outras Instituições, são elas: UNAMA (Universidade da Amazônia), UEPA (Universidade do Estado do Pará), IESAM (Instituto de Ensino Superior da Amazônia), SECULT (Secretaria da Cultura), IAP (Instituto de Artes do Pará), FUMBEL (Fundação Cultural do Município de Belém) e Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, que seriam parceiras desta e das edições que se seguirão, de um projeto que ganhou repercussão nacional, uma equipe de produção que trabalhou assiduamente para a evolução deste âmbito artístico.

Com a parceria dessas Instituições e o apoio da FADESP (Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa) e Sol Informática o evento se expandiu pelos museus da cidade, Museu de Arte Sacra, Museu de Arte de Belém e o próprio Núcleo de Arte da UFPA.

O II Fórum de Pesquisa em Arte dividiu-se em 5 (cinco) dias e apresentou 11 (onze) conferências, 19 (dezenove) Comunicações, 6 (seis) Comunicações Artísticas, 4 (quatro) mesas-redondas, 1 (uma) Exposição, Lançamento de 2 (dois) livros dos Pesquisadores, Prof. Dr. Sílvio Zamboni, intitulado “Poesia Visual e Pirenópolis: pedras, janelas, quintais” –

(UNB) e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jerusa Pires, intitulado “Poéticas da Luz (tradição e tecnologia)” – (PUC-SP) e 1 (uma) Defesa de Mestrado Inter-Institucional (UFPA-UFBA) em Artes Cênicas, da Prof<sup>ª</sup>. Karine Jansen da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, com o tema da tese “Belém Apaixonada: Um estudo sobre o Corpo Devoto nas Paixões de Cristo Contemporâneas em Belém do Pará”, finalmente as idéias iniciais foram executadas e esta segunda edição obteve o dobro do que se viu no I Fórum.

O II Fórum adotou o tema **Arte, Corpo e Tecnologia** trouxe a discussão de questões importantes para a arte. A questão do Corpo desdobrando-se em múltiplas facetas, dialogando com o espaço, tornando-se obra, seu desenvolvimento físico-mental num processo de comunicação, deslocamento do corpo e mente em ação a interagir de forma sensual e por que não dizer feroz, plasmar a si, plasmar em si, obra aberta, livre, viva, o suporte ideal.

Sem esquecer, no entanto de citar tecnologicamente a capacidade de captar impulsos do cérebro pelo computador ligado ao corpo real e faz-lo exercer movimentos, este foi o assunto abordado pela pesquisadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Zuanon da (PUC – SP), apresentado como conferência intitulada “Interfaces co-evolutivas: Processo de Comunicação entre Cérebro, Computador e Corpo que dança”.

Tecnologia também foi um dos grandes focos de discussão, até que ponto essas influências se manifestam na arte, se entrelaçam no que se chama de contemporâneo. Esse sistema evolutivo nos faz perceber que existe uma íntima relação entre ser humano e máquina, cada vez mais meios digitais nos proporcionam outros caminhos, outros espaços perceptivos e outras realidades.

Como diria Carlota Brito em sua comunicação intitulada “Desafios na Criação de Mídia Digital sobre a Ciência na Amazônia”: “A evolução acelerada das tecnologias e sistemas computacionais apresenta novos modelos de manipulação de códigos que possivelmente conformam novas formas de comunicação entre espectador e cenários digitais”.

Comentamos no início da trajetória deste II Fórum, sobre Comunicações e Comunicações Artísticas, especificando alguns trabalhos apresentados em forma de comunicação oral. A Comunicação Artística se diferencia por ser expositiva no sentido de produção de estudos sonoros e exposições em ambientes separados (salas), possibilitando aos participantes interagir no espaço proposto, é o caso das comunicações de pesquisadores como Marta Georgea com seu “Haicai Multimídia” e Armando Queiroz com o seu “Anima”.

A repercussão desta 2ª edição foi tão bem recebida, que no **III Fórum de Pesquisa em Arte** em maio deste ano (2006), que a cidade recebeu artistas internacionais, estendendo para outros fóruns de discussão sobre arte nacional como internacional.

Depois de haver passado pela experiência de expectadora no II Fórum de Pesquisa em Arte, em 2005 iniciei minha participação na equipe de produção como bolsista de extensão do projeto e pude ter contato direto com as questões de planejamento acompanhando as reuniões da nova Comissão Científica Organizadora composta pelos seguintes membros: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Valzeli Figueira Sampaio (Presidente do Fórum) representante do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará (UFPA), Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy também representando o Instituto de Ciências da Arte(UFPA), Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Del Tabor representante da Universidade da Amazônia (UNAMA), Prof<sup>ª</sup>. MsC. Eliana Cutrim representante da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Prof. Tadeu Lobato representante do Sistema Integrado de Museus e Secretaria da Cultura (SIM/SECULT), Prof<sup>ª</sup>. MsC. Fabize Muinhos representante do Museu de Arte de Belém e Fundação Cultural do Município de Belém (MABE/FUMBEL), Prof<sup>ª</sup>. MsC. Márcia Mendes representante do Instituto de Ensino Superior da Amazônia (IESAM) e a Jornalista Rose Silveira representante do Instituto de Artes do Pará (IAP).

Graças a essas e outras parcerias como a RKE Design e Comunicação, Fundação Rômulo Maiorana, Emissoras Cultura, Mellisa Barbery (que foi reponsável por pelas peças gráficas e produziu o logotipo do Fórum em cima de uma obra de Armando Queiroz), Sol Informática (que cedeu alguns equipamentos como computadores e data show) e Loja Ná Figueiredo (que produziu as camisas e sacolas) o Fórum ganhou amplitude em seus meios de comunicação, ganhou um site (produzido pela RKE Design e Comunicação) que resume um pouco de sua trajetória e indica o que vem sendo descoberto de novo no sentido artístico da nossa região, oportunizando comentários e envio de propostas para divulgação, conta ainda com um mapa dos principais pontos de apresentação do evento como Museu de Arte Sacra, Museu de Arte de Belém, Casa das Onze Janelas, Ná Figueiredo e até mesmo praças onde fica clara a expansão na área urbana causando interferências da cidade e chamando a atenção de muitos artistas e leigos, disponibiliza ainda uma lista de hotéis mais próximos ao evento para facilitar a vinda de pesquisadores de qualquer região do mundo e as inscrições que antes eram feitas apenas presencialmente, agora também podem ser feitas on-line um recurso que foi de extrema importância para aumentar a participação de estudantes e profissionais que se encontram fora da cidade. No site encontram-se ainda os nomes dos integrantes da equipe de

produção, os artistas com obras em exposição, os patrocinadores, a programação e o caderno de resumo das comunicações.

A edição deste ano foi dividida em 4 (quatro) dias e composta por 6 (seis) conferências, 60 (sessenta) comunicações, 3 (três) Mesas-Redondas, 10 (dez) operações intituladas “Entorno de Operações Mentais que se dividiram em exposições, coletivos, intervenções públicas, experimentações sonoras, performances e exposição de dois painéis.

O tema deste ano foi um dos grandes motivos para esse número de acontecimentos em apenas um único evento. **Arte, Hibridismo e Interculturalidade** inspiraram artistas e conduziu os participantes a uma viagem diferente para cada cenário a ser visitado, descobertas e polêmicas exposições causaram um alvoroço na sociedade artística paraense, o foco principal foram sem dúvida as interferências urbanas desencadeando uma guerra intelectual transmitida pelos principais veículos de comunicação da nossa região.

A ousadia de trazer a tona assuntos artísticos tão complexos quanto os conceitos de contemporaneidade especificados por de Anne Cauquelin no livro *Arte Contemporânea uma Introdução:*

“a *modernidade*, termo abstrato, designa o conjunto dos traços da sociedade e da cultura que podem ser detectados em um momento determinado, em uma determinada sociedade. A esse título, o termo ‘modernidade’ pode ser aplicado da mesma forma à época que nos é contemporânea, agora em 1991 (‘nossa modernidade é 1991’), como poderia ser aplicado a qualquer outra época, do momento em que a adesão à cultura dessa época fosse reivindicada.”

No entanto, não é de hoje que se discute essa complexidade em busca de um único conceito que especifique o que realmente é moderno e o que é contemporâneo, primeiro por que é impossível argumentar este estado atual sem conhecer as tendências passadas agarradas em suas tradições, só se pode fugir da tradição quem conhece a tradição, quem se inquietou com o seu tempo e começou a levantar questionamentos para este estado de repetições.

Por seguir à risca o conceito de contemporâneo, a arte do agora, corremos o risco de banalizá-la, porém para se abrir os olhos para o novo significa ignorar a tradição, é preciso aceitar novos desafios, refletir sobre eles e desenvolver a capacidade de dialogar com o que nos olha.

Georges Didi-Huberman em sua publicação “O que vemos O que nos olha”, faz um estudo sobre o nosso olhar diante da obra, uma relação “inelutável” da imagem que se torna viva em nossas deduções e lembranças de um passado tradicional, esse é o olhar da obra perante o expectador, segundo Didi-Huberman geralmente a imagem traz lembranças de perdas, o que para o olhar imediato do expectador diante da obra é uma simples compreensão de formas e cores, imagem superficial, um objeto muitas vezes sem sentido.

O Hibridismo proposto no tema desencadeou estratégias de representação no entrelaçamento de manifestações culturais. Este ano as comunicações foram divididas em 4 (quatro) comitês para facilitar a ordem de apresentação:

- História, Teoria e Crítica das Artes
- Ensino-Aprendizagem em Artes
- Linguagens: Corporal, Sonora, Verbal, Visual
- Restauro, Conservação e Materiais.

O Fórum em suas 3 edições contou com a presença de autoridades importantes para o reconhecimento desse projeto foram eles: o Reitor da Universidade Federal do Pará Alex Bolonha Fiúza de Melo, a Vice-Reitora Regina de Fátima Feio Barroso, Pró-Reitora de Administração Iracy Gallo Ritzmann, Pró-Reitor de Ensino de Graduação e Administração Acadêmica Licurdo Peixoto de Brito, Pró-Reitora de Extensão Ney Cristina de Oliveira, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação Roberto Dall’Agnol, Pró-Reitor de Planejamento e desenvolvimento Sinfrônio Brito Moraes, Prefeito do Campus Marcus Vinicius Menezes Neto e Secretária Geral da UFPA Sílvia Brasil.

## OBJETIVOS

Conforme podemos perceber nesta breve trajetória, Fórum de Pesquisa em Arte visa dar continuidade às suas ações, ampliando os espaços de discussão e a troca de conhecimento.

Os objetivos maiores deste evento são especificados em seu projeto:

- Proporcionar intercâmbio entre pesquisadores
- Divulgação da Pesquisa em Artes
- Propiciar a reflexão sobre mecanismos da arte contemporânea a da pesquisa em arte.
- Seleção e edição de textos, artigos e comunicações produzidas nas primeiras versões, ou seja, a publicação dos ANAIS do Fórum.

## PRINCIPAIS RESULTADOS

O Fórum proporcionou seminários, mostras de arte, workshops, oficinas e exposições, podemos exemplificar como eventos que ocorreram dentro da programação do Fórum, o III Colóquio de Fotografia e Imagem, que resultou na exposição dos trabalhos realizados das oficinas ministradas com a participação de fotógrafos renomados de nossa região, sem esquecer de citar ainda o Curso de Edição e Imagem realizado, ministrado pela presidente do Fórum Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Valzeli Figueira Sampaio.

## CONCLUSÕES

Acreditamos que a realização deste evento, desde a sua origem até o momento abalou as estruturas do nosso cenário artístico provocando os artistas e pesquisadores a repensar o seu fazer e os paradigmas conceituais sobre este fazer. Para além disso, instaurou um ambiente de troca de pesquisas, processos e também como espaço de convergência da produção da produção dos artistas residentes em Belém e de fora da fronteira do estado. O Fórum, ainda, propiciou um espaço de visibilidade da produção artística contemporânea, enchendo-nos de orgulho de poder mostrar ao mundo que neste estado existem pesquisadores realizando um trabalho digno de reconhecimento, o Fórum está aí para mostrar a rica produção cultural, poética, filosófica e literária que possuímos e criando novos espaços abertos ao público de qualquer região do mundo para ampliar ainda mais este espaço Intercultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Hermetes Reis (org). *Tecnologia e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*. – São Paulo: Estado Liberdade, 1998.
- AUMONT, Jacques. *A imagem*, 1993, São Paulo: Papirus.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins. 2005
- CAUQUELIN, Anne. *Teorias da Arte*. São Paulo: Martins. 2005
- DOMINGUES, Diana. *Arte e Vida no século XXI: tecnologia, ciências e criatividade*. São Paulo: Unesp, 2004.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos e o que nos olha*, 1998: Ed 34
- LEÃO, Lúcia (org). *Interlab: labirintos do pensamento contemporâneo*. São Paulo: Iluminuras, 2002
- LEMOS, André. *Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulin, 2002.
- ROSENBERG, Haroldo. *Objeto Ansioso*. São Paulo: Cosac & Naify. 2004
- SANTAELLA, Lúcia & Barros, Anna (orgs). *Mídias e Artes: os desafios da arte no século XXI*. São Paulo: Unimarco.

## **PROCRIAR: espaço de pesquisa e extensão para o entendimento resiliência nos atendidos do Programa Luamim: peças interventivas na realidade**

---

*Leidiany Marques de Souza<sup>7</sup>*

Universidade Federal do Pará

Área temática: CULTURA

*RESUMO: o trabalho se propõe a entender o fenômeno da Resiliência dentro do PROCRIAR que é um projeto inserido no Programa Luamim: peças interventivas na realidade, e tem como objetivo estudar e desenvolver tecnologias para a ativação e promoção da resiliência no Serviço Social. Faça alguns questionamentos e colocações de como o conceito poderá ser aplicado pelos profissionais de nossa área, e especificamente uma experiência com o programa que trabalha a arte como a norteadora na construção de agentes (os atendidos pelo Programa) que lutam pela transformação de suas realidades.*

Palavras-chave: *PROCRIAR, arte, resiliência.*

### 1. CAPTANDO O REAL

Captar o real é sempre tão difícil até porque depende do olhar do pesquisador. Ele não é ausente de vivências que o fazem ter certa visão de um determinado fenômeno, porém é necessário arriscar-se diante de uma tentativa sempre embasada no real. Este real não necessariamente precisa ser algo que se veja, mas que também se sente nesse mundo de tantas experiências. É sobre esse olhar que me proponho a pesquisar a resiliência buscando compreender esse fenômeno de forma que venha esclarecer um pouco mais tantos questionamentos e poder contribuir para novos.

É notável em várias defesas sobre um ideal de mundo em que todos devem possuir os mesmos direitos; também os defendo, acontece que na realidade isso é bem pouco efetivado, logo a pergunta que se faz é como a humanidade continua caminhando, produzindo conhecimento, ultrapassando as barreiras colocadas pela história?

Em primeiro lugar é notável que essa história seja construída por seres que tendo ou não consciência de sua construção a cria. A pergunta que se faz: quais as características desses seres que reconstroem sua história geral e pessoal a cada queda? Que atitudes as pessoas têm diante das dificuldades colocadas por outros seres como, nesse caso, enfatizando a falta de garantia de direitos?

Muito já foi feito no campo jurídico para que o maior número de pessoas seja abarcado pelo direito de ter seus direitos respeitados, porém há permanência de injustiças sociais. Pouco acesso à educação, lazer, habitação, cultura, vestuário, entre outras coisas que não são

---

1. Estudante de Serviço Social, 6.º semestre, bolsista PIBIC/UFPA. Orientada pela Prof. Dr. Heliana Baia Evelin Soria.

de cunho material como felicidade, companhia, solidariedade, diversão e paz. Porém, diante das adversidades admitimos existir algo que faz com que as pessoas prossigam e esse é o meu interesse como pesquisadora do tema resiliência.

## 2. DISCURSO SOBRE RESILIÊNCIA

Temos preocupação para que o nosso discurso não pareça individualista e focalizado, esse não é o caso de dualidade individual / social, considerando que um depende e influencia o outro de forma positiva ou negativa dependendo da relação.

O estudo sobre resiliência iniciou na Psicopatologia do Desenvolvimento com E. J Anthony (1974) que após pesquisas com crianças identificou que algumas apesar de vivências de adversidades, tinham um bom desenvolvimento social e psicológico. Classificou essas crianças como “invulneráveis”.

De 1974 aos dias de hoje o conceito de resiliência foi estudado, sobretudo por psiquiatras, psicólogos e pedagogos e no geral estão relacionados com a capacidade humana. Esses estudiosos se perguntam o que faz com que algumas pessoas mesmo envolvidas por adversidades apresentem um desenvolvimento social, e por que outras não conseguem.

Buscaram entender que capacidade humana é essa que faz com que as pessoas mudem suas trajetórias de vida, e em alguns casos transformem uma situação de dor em recompensa. Buscaram entender se é uma capacidade de todos ou de poucos, de onde vêm, quais os fatores que contribuem para que as pessoas sejam resilientes, tais questionamentos que nos cercam até o atual momento.

Durante os estudos, autores como E.J. Anthony (1984) e Wener(1993) foram os principais responsáveis pela divulgação da idéia de que a resiliência seria uma capacidade extraordinária de indivíduos que poderiam viver situações de risco (violência, pobreza, e perdas familiares) e saírem ilesos.

Esses estudos sofreram críticas pelo autor Rutter (1985 e 1993), que defendeu que a resiliência não significava “invulnerabilidade”. Este psiquiatra foi responsável pela nova idéia de resiliência, que nos mostra que para as crianças serem resilientes necessitava de apoio externo, ressaltando que a resiliência seria algo que mudava de acordo com a mudança de meio externo.

Atualmente os autores que estudam esse fenômeno dão ênfase na questão dos fatores externos, defendendo que a resiliência é uma interação dos aspectos internos e externos esse discurso é mais conivente com o Serviço Social e sua visão quase que hegemônica da defesa e garantia de direitos principalmente dos menos favorecidos economicamente.



Como o estudo sobre resiliência relacionado com o Serviço social é muito recente usamos idéia de duas psicólogas brasileiras que atentam para a necessidade de estudar a resiliência de forma que aja a interação dos fatores já colocados YUNES e SZYMANSKI (2001) “Focalizar a resiliência numa perspectiva individual dificulta o desenvolvimento de políticas e intervenções que tenham condição de transformar o sistema social”(In, Tavares,2001:32).

### 3. PROCRIAR

Tendo como observatório no Programa LUAMIM: peças interventivas na realidade, que tem em seu corpo o PROCRIAR (Projeto Crianças e Adolescentes Resilientes) observei que as crianças através das oficinas de cunho artístico reconstroem suas histórias pessoais se tornam pequenos agentes de transformação social. Resignificam suas marcas, formam laços sociais, desenvolvem a capacidade de reflexão transformando ação-reação em ação-reflexão-ação.

Percebe-se que o projeto torna-se um espaço onde se pode construir uma nova forma de ver o mundo. A realidade nos locais onde o Luamim intervém há precariedade de acesso a tudo para que qualquer ser humano possa se desenvolver sadicamente: saneamento básico, saúde, equipamentos culturais, educação, necessidades básicas Tal situação é sentida desde cedo pelas crianças, pois percebemos que trazem muitas marcas da violência e da pobreza proporciona.

O conceito de adolescência torna-se bastante relativo para essas crianças e adolescentes, pois desde cedo já estão em busca ou são induzidos a procurarem alguma atividade para ganharem algum dinheiro, para contribuição à própria subsistência e de suas famílias. A idéia de que nessa fase deve aprender algum ofício e/ou estar estudando é um fato distante da realidade em que esses jovens estão inseridos.

Ao chegarem ao projeto suas falas são de conformidade com a realidade como se ela fosse uma realidade natural, em alguns casos mostram seus planos de vida relacionados à violência ou a assuntos relacionados, porém há aqueles que mesmo envoltos nessa realidade planejam seus futuros de forma diferente, relatando que querem ir mais longe, que desejam mudar suas condições materiais e poder ajudar também as outras pessoas.

Como exemplo de uma conversa com um dos garotos atendidos pelo Luamim, eu perguntava se ele pretendia ser músico já que tocava bem; respondeu que gostava de tocar, mas que não desejava ser músico e sim marinheiro. Então senti uma alegria e continuei a ouvi-lo; disse-me então que não poderia ser o que desejava, pois tinha uma deficiência visível

nos olhos. Fiquei surpresa porque apesar de ser tão visível eu ainda não tinha percebido até aquele momento. Então, me disse “sabe professora (como nos chamam), mas eu não vou desistir porque eu aprendi aqui que se deve lutar pelo que se quer, mesmo que às vezes pareça tão difícil”.

Não sabia como reagir diante dessa situação, pois sabia que segundo as normas da marinha isso era muito pouco provável de ser realizado. Após estudo discussões com colegas de estágio, chegamos a conclusão que deveríamos mostrar a realidade a ele das dificuldades que enfrentaria, e depois mostraríamos outras possibilidades de satisfazer essa vontade, como cursando o nível superior de Engenharia Naval.

Enquanto estudantes de Resiliência acreditamos que há casos irreversíveis, em que a pessoa tem que aceitar o fato de não poder mais ter como a perda de entes queridos, o caso do garoto relatado era aparentemente irreversível muito dificilmente ele teria a visão de volta, mas procuramos uma forma de não abafar esse sonho, digo que a nossa postura foi resiliente, encontramos nova estratégia para que o outro entendesse suas limitações e que por causa dela poderá ir mais longe.

O Procriar busca identificar quais os fatores de proteção que fazem com que esses jovens mesmo diante de tal condição relatada buscam novos rumos, e o que fazem outros até da mesma família deixar se envolver pelo ambiente. Que fique claro que em nenhum momento estamos fazendo apologia à pobreza, focando a idéia de superação que parte apenas do individuo, como um material que tudo suporta.

Após as identificações levar a idéia do que seria ser um artista, qual a sua importância para a continuação de pessoas que conseguem ver a realidade com uma determinada sutileza e sensibilidade. Tendo a compreensão que a resiliência é algo que pode ser promovido o Luamim através do PROCRIAR se propõe a desenvolver técnicas de ativação dessa atividade através da arte e de seu significado.

O momento de reflexão que as oficinas de arte proporcionam resignificam as marcas trazidas, e permitem que os participantes passem a questionar a realidade e formas de enfrentamento delas, mostramos que são seres de direitos e deveres, que são humanos e que precisam ser respeitados, respeitarem o grupo e as pessoas com as quais convivem.

Sabemos que as mudanças estruturais políticas são sempre tão demoradas, e a questão social é tratada até com ar de desprezo apesar de ser sempre tema de jornais, congressos, plenárias políticas, locais de discussão em geral. Propomos então mostrar a pessoa que ela procurar mecanismos de enfrentamento através da arte, e se engajar na busca de transformação de suas realidades e daqueles que estão ao seu redor.

Demonstrar que não precisam efetivar o conceito de resiliência que coloca o indivíduo como aquele que tudo suporta sem nada ser modificado em sua estrutura psicológica. Mostrar que todos têm um limite de suportabilidade, que precisam de um mínimo de suporte social para que desenvolvam habilidades normais às pessoas, como saber ler e escrever.

A autora Edith Herdenson Grotberg (2005) representante mundial no estudo sobre resiliência tenta delimitar algumas características de análise para identificar crianças resilientes como: autonomia interior (controle interno), senso de humor, melhores estilos de enfrentamento, e capacidade de promover a pacificidade, maior coeficiente intelectual e habilidades na resolução de problemas. Percebemos que em síntese a resiliência está envolvida a enfrentamento das dificuldades de forma positiva e a criatividade.

O que já acontece dentro do Luamim, Jorgeane Corrêa ex- pesquisadora do Programa Luamim, em seus questionamentos perguntou aos garotos da oficina de musica (que são o que estão a mais tempo inseridos) o que eles gostariam que tivesse no bairro deles a resposta foi, um campo de futebol e uma piscina, e para sua surpresa na análise de dados quando perguntou como eles se divertiam, eles responderam que fizeram um “campinho de futebol” atrás da casa de um dos integrantes, e que tomavam banho no igarapé próximo a suas casas.

Com o pouco de informação que possuíam mudaram o meio as suas necessidades, essa foi à forma que encontraram de enfrentar o descaso e a pobreza em que se encontram. Neste caso ocorreu o que os psicólogos chamam de “adaptação positiva” que nada tem a ver com conformismo social. Segundo Melillo (2004) caso não conseguissem transformar logo poderiam desenvolver algumas doenças psicológicas como a psicose e a neurose.

O PROCRIAR propõe-se a formar novos agentes de transformação social, desenvolver crianças resilientes que entendam a arte como direito e cidadania. E não como alienação, resquícios da política pão e circo de forma aperfeiçoada, cito isso por que compreendo que a arte pode ser também instrumento de alienação quando ela se dar apenas com a função de divertir sem se ater o porquê, e a representação da realidade através dela.

Artes como a dança tem a função também de distração, alegria que são fatores que contribuem para a resiliência interna a ponto de deixar as pessoas mais abertas à escuta, relaxadas. Porém, nosso estudo se dá também, por exemplo, quando se tem uma conotação discursiva e questionadora de valorização da nossa realidade local, como o Carimbó, a sua raiz, de onde vem. Podemos também citar o Balé, uma dança considerada elitista, mas que também é direito dos menos favorecidos.

De acordo com a relação que é dialética, de troca onde nos traz resultados satisfatórios e de momentos de reflexão, ao vermos que em muitos casos esses atendidos passam por

problemas maiores que os que às vezes já nos encontramos. Onde o rigor científico, que em alguns momentos nos deixa frios diante dos fenômenos, dá lugar a sentimentos e atitudes de partilha entre o profissional e a pessoa.

Buscamos entender qual o conceito que tínhamos em nossas mentes sobre o termo, para que assim não haja a disseminação de idéias com caráter como já dissemos puramente individuais. Além, de nos atermos como estamos trabalhando um assunto tão pouco estudado e como será o reflexo de nossa defesa não só no campo teórico, mas também no campo prático.

Não entendemos que esse é um fenômeno novo se tratando de seres humanos, e nem tão pouco nas ciências que se debruçam no estudo das relações e comportamentos humanos. No Serviço social desde sua fundamentação ainda na perspectiva funcionalista já colocava a importância do Serviço social entender que as pessoas precisam enfrentar determinadas tarefas. É notório que nossa defesa não é conservadora, porém há de se convir que esse conceito seja fundamental para a nossa profissão.

O que queremos ao estudar a Resiliência dentro do PROCRIAR e ter um espaço para a discussão sobre esse fenômeno e como o Serviço Social com a sua prática poderá contribuir para uma melhor intervenção, assim como o conceito ajudará o Serviço Social a entender de que forma as pessoas reagem diante de seus problemas, ao menos geralmente.

Poder contribuir para que outros Programas que utilizam a Arte e cultura como forma de enfrentamento das adversidades, possam aprofundar seus estudos e dividir experiências. O Serviço Social, esta inserido nas Organizações não governamentais, que quase sempre trabalham com projetos ou programas relacionados à utilização da arte queremos dessa forma contribuir para a efetivação da utilização do termo na profissão e se possível relacionando sempre com as diversidades culturais e expressões artísticas de varias regiões de nosso país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda muito jovem é o PROCRIAR, e seu campo de estudo se dá apenas com crianças e adolescentes, mas temos uma prospecção muito positiva de que seus resultados sejam alcançados e que ele possa resultar em estudos que levem outras áreas a usarem o termo “Resiliência”.

Como já foi dito a Resiliência começou a ser estudado na área da psicopatologia do desenvolvimento humano, e esta relacionada com as etapas da vida que as pessoas passam, infância, adulto e velhice as coisas que tem que enfrentar para sobreviver, o nosso discurso vai um pouco mais além não só as dificuldades naturais que a pessoa tem que passar para ir

para novas fases de sua vida, mas principalmente as dificuldades que o meio passa para ela, como a falta de infra-estrutura cultural, econômica, social, religiosa.

As teorias são ideais, formas de ver o mundo, às vezes justificá-lo às vezes propositivas, que o discurso sobre Resiliência seja racionalizado e colocado em prática, por isso o PROCRIAR se debruça a estudar a GROTEBERG (2005) “capacidade de enfrentamento, superação e fortalecimento”, mas sempre colocada de forma concreta depois de uma interação teoria e prática realizada nas oficinas do PROCRIAR, podendo então ver as situações se dando também no campo prático, o que nos gera grande satisfação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARLETT, Harriet. M. *A Base do Serviço Social*. 4.ed. São Paulo. Pioneira, 1976.

GROTEBERG, Edith Henderson. *Introdução: novas tendências em resiliência*. In: MELILLO, Aldo e OJEDA, Élbio Nestor Suárez Ojeda (orgs). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005.

KHOURY, Hilma Tereza Tôrres e MATOS, Luana Cristina Rodrigues. Perdas e lutos em idosos: formas de enfrentamento e resiliência. *Cadernos de Resumos*. IV Jornada de Estudos e Pesquisas sobre Envelhecimento na Amazônia.

TAVARES, José (org). *Resiliência e Educação*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

**PROGRAMA LUAMIM:  
Medidas sócio-reflexivas junto a crianças e adolescentes de  
bairros com alto índice de violência em Belém/PA**

---

*Priscila Pereira Sarquis (sarquispriscila@yahoo.com.br)*

*Flaviana Aparecida de Moraes Araújo (vidamamazonida@yahoo.com.br)*

*Marcilene da Silva Oliveira (marcileneufpa@yahoo.com.br)*

Acadêmicas de Serviço Social/ UFPA, bolsistas PROINT/UFPA

*Heliana Baía Evelin (hbesoria@ufpa.br)*

Orientadora, doutora em Serviço Social, Professora do Curso de Serviço Social/UFPA.  
Coordenadora do Programa Luamim: peças interventivas na realidade

Área temática: CULTURA

**RESUMO:** *Há incidência de casos de violência entre adolescentes, principalmente nos bairros onde há escassos equipamentos culturais como no Guamá e Terra Firme, na cidade de Belém do Pará, comprovado pelo grande número de gangues, retenção e evasão escolar. Registra-se a oportunidade de intervir nessa realidade resgatando ou construindo a cidadania através da difusão dos direitos humanos previstos no ECA-Estatuto da Criança e do Adolescente – atendendo o objetivo do Programa Luamim: peças interventivas na realidade, que articula os instrumentos da Arte-Educação, Comunicação e Serviço Social, constituindo-se como alternativa viável no combate à exclusão social e à violência na escola. Pode ser concebido como possibilidade de inserção de crianças e adolescentes à sociedade.*

Palavras-chave: *resiliência, Serviço Social, direitos humanos.*

**INTRODUÇÃO**

A realidade brasileira aparece marcada de um lado, pelo autoritarismo do Estado, marcado pela corrupção e, de outro, pela marginalização sócio-econômica de amplas camadas da população. Nesse contexto, a violência tem sido uma constante no cotidiano por consistir em um dos produtos de um sistema político econômico injusto, que contamina todas as atividades do homem pois, baseado na desigualdade, produz cada vez mais poder e riqueza para poucos e pobreza e submissão para muitos. Compartilhando desse pensamento BICUDO (1994:10 e 11) afirma que:

“O povo sofrido do Brasil sempre foi vítima da violência: dos colonizadores sobre os índios; dos senhores sobre os escravos; dos fazendeiros sobre os latifundiários; dos patrões sobre os operários; dos poderosos sobre os que lutam pela liberdade...”

De fato, são diversas as violências sofridas por crianças e adolescentes, dentre elas temos: a violência doméstica, violência psicológica, violência sexual, simbólica e física (trabalho infantil) e a negligência. Todas elas, embora distintas, são de mesma natureza-partem da assimetria de poderes entre adulto e criança e da negação do ser, como sujeito e direitos, apresentando a ameaça de perda da vida precocemente ou de seqüelas físicas e/ou mentais que permanecerão gravadas por toda a vida.

Escolas situadas em locais onde a exclusão social se manifesta de modo mais acentuado, não ficam isoladas do contexto da violência, o que amedronta pais, professores e alunos, visto que a violência nas escolas tem uma esfera de complexidade, uma vez que, esta é diferente da violência nas ruas, pois insere-se no meio escolar, alimenta-se da sua dinâmica e de seus vícios.

Não podemos deixar que as crianças e adolescentes se transformem em futuros marginais, só porque não tiveram referências positivas na infância e porque as diversas entidades educativas foram esquecendo que os jovens também necessitam de carinho, de afeto e que também são seres humanos como todos os outros.

## A VIOLÊNCIA

A violência configura-se num fenômeno que, historicamente tem se manifestado nos mais diferentes espaços, tanto nacionais como internacionais, não discriminando cor, credo ou posição social. Perpetuada através do selvagem regime capitalista implementado na sociedade que se faz capaz de afastar as noções de amor e respeito que deveriam permear as relações entre os indivíduos, pode ser encontrada de diversas formas: a violência física, que é o uso da força com o objetivo de ferir deixando ou não marcas evidentes; a violência psicológica ou agressão emocional, que é caracterizada por rejeição, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas; a violência verbal, que geralmente ocorre ao mesmo tempo em que a psicológica, configurando-se por insultos dirigidos à vítima ou entes queridos da mesma; entre outras.

A violência praticada pela humanidade contra suas crianças e adolescentes está associada ao contexto histórico, socioeconômico, cultural e político, não devendo ser compreendido então, apenas como uma questão decorrente do conflitos interpessoais e suas manifestações são diversas. Essa prática desrespeita direitos previstos pela Constituição Federal de 98 art. 227 e também do ECA art.4 que asseguram ser:

“Dever da família, da sociedade e do Estado assegurar a criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito a vida, a saúde, a alimentação, a educação, a profissionalização, a cultura, a dignidade, ao respeito, a liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-las a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”(1998, p. 128).

As crianças e adolescentes vitimados, sofrem frequentemente traumas tornando-se tristes, agressivas, rebeldes, tensos ou infantis para sua idade, apresentando por vezes dificuldades em compreender os ensinamentos escolares, recusando-se a participar das atividades propostas e faltando às aulas, comprometendo a sua própria cidadania, pela tomada de sua dignidade.

## O PROGRAMA LUAMIM: PEÇAS INTERVENTIVAS NA REALIDADE

Criado em Outubro de 1992 na condição de projeto, o atual Programa Luamim é o desdobramento político do poema homônimo de Paulo R. Martins publicado em 1991. O poema descreve a história de Luamim, uma criança que vive em situação de risco pessoal e social nas ruas de uma grande cidade e se corporifica com as esculturas da criança LUAMIM, o filho da lua minguante, enxergava através das fotografias e falava através do poema, fortalecendo a maneira de atuação contra as mazelas que pairam no universo de crianças e adolescentes em situação de risco, utilizando as linguagens artísticas a fim de tocar de forma efetiva o público, fazendo com que se voltem não apenas para ver mas, para conhecer e lutar contra essa situação instalada em nossa sociedade.

O Programa ofereceu, inicialmente, oficinas sócio-educativas de algumas linguagens artísticas como: Vídeo, música, fotografia, escultura, entre outros trabalhos que articulados e em conjunto formaram uma “Exposição Itinerante luamim” em torno de um tema.

Suas atividades começaram em 1992 em trinta centros comunitários e associação de moradores do bairro do Guamá em Belém e no ano de 1993 o Programa levou sua proposta para algumas escolas estaduais do município supra-citado. Essa trajetória de ações possibilitou o mesmo a dar um salto de qualidade a partir de 1997, ano que o Programa se ingressou junto ao curso Serviço Social entrando em uma fase de caráter científico.

Da interação entre a experiência empírica do programa Luamim e a reflexão conceitual de autores como o filósofo Martin Heidegger, o alemão Jurgens Habermas, o cientista social Max Weber e o educador Paulo Freire, criou-se o conceito de “peças interventivas” com o intuito de articular os instrumentos da arte-educação, comunicação e Serviço Social.

O programa Luamim traz a proposta de valorização da cultura vinculada ao contexto social, na medida em que realiza ações conscientes, através de suas peças interventivas (teatro e canto coral) que levam as crianças e adolescentes atendidos a um processo de interação com os colegas, construindo respeito ao outro, o sentido de coletividade, abertura para novos conhecimentos e, principalmente, fazendo-os reconhecer-se como sujeito capaz de criar, recriar e agir no mundo. Para isso lhes é dada a oportunidade de internalizar valores respaldados pela lei, que os farão enfrentar e até mesmo superar o quadro de exclusão e alienação a que estão submetidos, uma vez que estes, encontram-se em áreas carentes de infra-estrutura urbana, sem espaços artísticos, culturais e de lazer.

Atualmente o Programa Luamim engloba o Proluamim – Profissionalização de adolescentes atendidos pelo programa; e o Procriar – Projeto Crianças e Adolescentes Resilientes. O primeiro visa, através a da arte e comunicação, despertar aptidões e vocações



artísticas entre os participantes através de suas oficinas de canto, dança e inclusão digital, a fim de direcioná-los para atividades geradoras de renda. Enquanto que o segundo visa desenvolver a capacidade de resiliência “*a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade*.” (GROTBORG, p. 14, 2005 apud Melillo e Ojeda in Resiliência – descobrindo as próprias fortalezas); através das oficinas de canto coral, teatro e balé.

#### PEÇAS INTERVENTIVAS ATRAVÉS DO PROGRAMA LUAMIM

Martins (2001) define “Peças Interventivas” como “uma parte da unidade, documento, a parte que falta no processo, na coleção de instrumentos utilizados na intervenção social entre as novas exigências sociais e comunicacionais”.

#### O TEATRO

A palavra Teatro deriva do vocábulo Grego **Théatron** “lugar aonde se vai para ver” e define tanto o prédio onde podem se apresentar várias formas de artes quanto uma determinada forma de arte. Sua consolidação, enquanto espetáculo, na Grécia antiga, deu-se em função das manifestações em homenagem ao deus do vinho, Dionísio, pois, a cada nova safra de uva, era realizada uma festa em agradecimento ao Deus, através de procissões que, com o passar do tempo, foram ficando cada vez mais elaboradas com cânticos, danças e apresentações de diversas cenas das peripécias de Dionísio. Surgiu, posteriormente, o uso de máscaras para aqueles que não conseguissem acompanhar auditivamente, devido ao grande número de pessoas, pudessem pelo menos ver.

A tragédia, segundo Aristóteles, não era vista com pessimismo pelos gregos e sim como uma proposta educativa. Tinha a função de ensinar as pessoas a buscar a sua medida ideal, não pendendo para nenhum dos extremos de sua própria personalidade. Esta tinha como função principal à catarse, descrita por ele como o processo de reconhecer a si mesmo como num espelho e ao mesmo tempo se afastar do reflexo, como que “observando a sua vida” de fora. Tal processo permitiria que as pessoas lidassem com problemas não resolvidos e refletissem no seu dia-a-dia, exteriorizando suas emoções e internalizando pensamentos racionais. A reflexão oriunda da catarse permitiria o crescimento do indivíduo que conhecia os limites de seu métron (sua medida ideal).

É resgatando o pensamento de Aristóteles que encontramos no teatro uma forma de conhecimento muito importante, que pode servir para a luta de conquista de direitos, pois seu conteúdo pode ser direcionado não só ao entretenimento, mas também à sensibilização, denúncia, mobilização e conscientização de crianças e adolescentes cujas oportunidades são

negadas nas escolas e espaços culturais, fazendo com que elas encenem a problemática do seu dia-a-dia, a fim de torná-las mais conscientes e críticas.

“O teatro deve modificar o espectador, dando-lhe consciência do mundo em que vive e do movimento desse mundo. O teatro dá ao espectador a consciência da realidade, e é ao espectador que cabe modificá-la” (BOAL; 1987:22)

A peça teatral está fundamentada nos direitos e deveres previstos na Constituição da República Federativa do Brasil e no Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, Lei 8069/90, que inaugurou um novo paradigma no atendimento a crianças e adolescentes no Brasil, na perspectiva democrática de inclusão social. Considera-se a Arte do Teatro uma medida reflexiva sobre direitos e que contribui efetivamente para por em xeque o processo de exclusão social gerado por um sistema político-econômico injusto que produz cada vez mais poder e riqueza para poucos e submissão e pobreza para muitos.

## O CANTO CORAL

O canto coral é o mais antigo entre os grandes agentes sonoros coletivos. Antigos documentos do Egito e Mesopotâmia revelam-nos a existência de uma prática coral ligada aos cultos religiosos e as danças sagradas.

Em sua origem Grega, Chorus, representava um conjunto de aspectos: poesias, canto e dança. Foi modificado pelo cristianismo antigo, passando a significar grupo de comunidade que faz o agradecimento final (coro da igreja).

Somente após o século XV, escolas e conservatórios assumiram compromissos com a prática do canto coral; e em meados do século XIX, essa prática passa a ser disciplina obrigatória das escolas de Paris, contribuindo para a idéia de formulação de festivais de música, assumindo um caráter de compromisso social.

Resgatando o caráter de compromisso social do canto coral, busca-se a inserção da arte na vida de jovens e adolescentes como um instrumento muito importante, pois resgata e fortalece sua identidade, uma vez que, muitos jovens estão sendo atraídos para o caminho da criminalidade. Desde cedo alguns cometem pequenos furtos, homicídios ou tornam-se presa fácil para os chefões de tráfego de drogas, que utilizam adolescentes para trabalharem na entrega. Jovens que deveriam estar na escola, ou em cursos profissionalizantes, estão sendo levados para os centros de reabilitação onde muitos se tornam mais violentos, devido a falta de investimento do Estado nas políticas sociais que abrangem esses segmentos. Segundo o artigo 18 do Estatuto da criança e do adolescente-ECA, lei 8069 “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

Desenvolver um trabalho social na escola pública utilizando como ferramenta a arte, em particular o canto coral, possibilitará que adolescentes descubram em si mesmo algum Dom artístico e através dele resgatem ou construam sua cidadania, obtendo assim as inter-relações, valorizando o diálogo, e conseqüentemente melhorando o relacionamento com os pais, familiares e amigos, a fim de obter conhecimentos através das trocas de experiências, gerando mudanças de comportamento e estimulando o desejo de completar a sua formação escolar e assim, contribuir para a construção do projeto de vida profissional, propiciando o conhecimento e segurança dos direitos e deveres como cidadãos.

## O BALÉ

As origens do balé surgiram em celebrações públicas italianas e francesas nos séculos XV, XVI e XVII, como entretenimento, e sempre continham um toque político. A impulsiva representação dramática resultou no balletto, – de ballo ("dança") e ballare ("dançar") – enormes espetáculos durando horas (e até mesmo, dias) e utilizando dança, poemas recitados, canções e efeitos cênicos, todos organizados em torno de um enredo principal e com homens e garotos ricamente trajados no lugar da corte encenando os principais papéis. O rei Luís XIV desempenhou importante papel na história do balé. O seu interesse pela dança ajudou na transição da dança de corte para uma ocupação profissional. Noverre foi o primeiro a argumentar que o balé não era um “mére divertissement” (mero divertimento), mas uma arte nobre, destinada à expressão e ao desenvolvimento de um tema.

Noverre reclamava maior expressão integrada na própria dança, maior simplicidade e comodidade nos trajes, mais vastos conhecimentos para os maîtres-de-ballet (especialmente de anatomia), a necessidade de um tema de fundo para cada balé e não meras danças esparsas e mecânicas. Há esse tempo, salientaram-se os grandes bailarinos Gaetano e Augusto Vestris, criadores de novos passos.

A dança, expressão corpórea de sentimentos e desejos dos seres humanos tem seu nascimento datado dos primórdios da raça.

“A dança (...) tem como finalidade à expressão dos sentimentos mais nobres e mais profundos da alma humana: aqueles que nascem dos deuses em nós, Apolo, Pan, Baco, Afrodite. A dança deve implantar em nossas vidas uma harmonia que cintila e pulsa – ver a dança apenas como uma diversão agradável e frívola é degrada-la.”(CHENEY, apud. OSSONA, 1988, p.9).

Essa possibilidade em trabalhar com a dança, uma forma de lidar com o mais profundo das crianças, de perceber suas formas de expressão, ainda tímidas ou mesmo, desinibidas, mas com total vontade em compreender aquilo novo, em absorver o que lhes é ensinado, incentivando-as a compreender que naquele momento se constroem conhecimentos sobre seus

direitos efetivando o processo de conscientização levando para casa a certeza de que não se trata de favores de pessoas generosas que se dispõe a trabalhar com elas, mas sim que os instantes que se constituem, são nada mais que seus direitos sendo respeitados. O acesso à cultura como a outras situações era em suma o que deveriam tomar como seus e lutar dentro de quaisquer situações para serem garantidos.

“A Cultura como Política Social está prevista constitucionalmente: (...) o Estado garantirá (...) a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Art.215

Sabemos que não se trata de algo fácil, mas nossa luta é para que conheçamos a verdade e a partir dela, a realidade para que cada um conte os primeiros tijolos a fim de reconstruir-se, pessoal e socialmente. Até com o intuito de que não consagremos no futuro a cultura de violência que se expande.

## OBJETIVOS

O Programa Luamim tem a intenção de, através de suas Peças Interventivas, intervir na realidade de crianças e adolescentes de escolas públicas do bairro do Guamá e Terra Firme, desenvolvendo através da arte do teatro, do canto coral e do balé, instrumentos de socialização e valorização pessoal.

Contribuir para o avanço de tecnologias sociais no Programa Luamim.

Fomentar a importância das inter-relações, valorizando o diálogo com o intuito de melhorar o relacionamento com os pais, familiares e amigos, a fim de obter conhecimentos através das trocas de experiências, chegando a uma socialização, engajamento comunitário e a cidadania à esses jovens.

Estimular a formação artística das crianças e dos adolescentes, bem como, a visão crítica da realidade vivida por eles.

Desenvolver mecanismos de defesas, enfrentamento e fortalecimento, através da resiliência, fazendo com que as crianças e adolescentes atendidos consigam superar as diversas situações com que possam se deparar.

Amenizar a problemática da violência e evitar o problema da evasão escolar entre os jovens atendidos pelo Programa.

## METODOLOGIA

Em primeiro lugar, foram realizados levantamentos e pesquisas bibliográficas sobre temas relacionados a infância e adolescência, principalmente sobre as problemáticas da exclusão social, violência na escola e violência doméstica, visto que estes temas se constituem os principais focos de discussão.

As articulações com as escolas serão preciso para que possamos administrar as oficinas, não apenas como oferta de oficinas, mas de um método de intervenção de trabalho; aplicaremos questionários para investigar a cultura musical e cênica de um grupo social (crianças e adolescentes atendidos pelo Programa Luamim) a fim de contribuir para sua cidadania; além da entrevista individual, pois ficaremos mais próximos dos adolescentes aprofundando nossos conhecimentos da realidade vivida por eles e constatar seus valores e visão de mundo, viabilizando a avaliação da evolução desse conhecimento; observações sistemáticas e diários de campo.

A Metodologia desenvolvida nas oficinas (teatro, canto coral e balé), é a do “Círculo de Cultura” de Paulo Freire, como espaço de discussão de temas relevantes para o grupo, despertando a reflexão sobre as suas condições sociais, suas vidas e possibilitando, através da arte e da comunicação, o expressar sentimentos (catarse).

A proposta de utilização das Brincadeiras Livres e Orientadas em grupo surge do próprio pedido das crianças e da observação de que realmente se fazia importante e interessante, assim como se faz necessário o uso de reflexões e problematizações, buscando continuamente o enfoque à problemática da Violência.

O uso tais metodologias, parte do próprio respeito à necessidade e direito que a criança tem de “ser criança”, respeitando o direito de brincar e jogar que, aliás, se encontra registrado da *Declaração Universal dos Direitos da Criança* “A criança terá direito à alimentação, habitação, recreação e assistência médica adequada” (PEREIRA, 1981). Uma vez que, no instante das Dinâmicas “a criança lida com sua realidade interior e sua tradução livre da realidade exterior: é também o que o adulto faz quando está filosofando” (MACHADO, 2003). Corporificando um dos momentos ideais para observação pois, estando livres das imposições sociais de suas casas ou da própria escola, demonstram os sentimentos ou mesmo refazem brincando situações do cotidiano, o que denuncia comportamentos agressivos ou submissos que podem representar algum acontecimento relevante para aquele ser, além disso, aprende a vencer e perder, a dividir, trabalhar o raciocínio lógico pessoal e grupal, reconhece limites, e as noções de respeito e, exercitam-se ao movimentarem de um lado para outro, contribuindo ao desenvolvimento biopsicofísico e social, aprendendo a enfrentar situações difíceis e superá-las.

É importante perceber que o trabalho com dinâmicas é previamente sistematizado para que realmente alcancem os objetivos propostos, de atingir o público a ser trabalhado em suas especificidades, como idade, interesse, dificuldades. Assemelham-se de certo modo as Dinâmicas de Grupo de Integração, pois “procuram despertar o sentido de solidariedade,

adormecido pelo individualismo e pelo egoísmo, buscam diretamente uma colaboração efetiva, afastando a frieza, o indiferentismo, a agressividade, o desejo de dominação, o tratamento da pessoa como objeto.” (FRITZEN, 2002:8)

Condutas que por vezes são reflexos de situações dolorosas vividas e que devem ser enfrentadas e superadas fomentando a capacidade de crescimento do indivíduo em um grupo. Dentre algumas dinâmicas utilizadas, temos: brincadeira da serpente; cabra cega; bola em círculo; brincadeira da corrente; o Lobo e os Pintinhos; pé com pé; descobrindo imagens; pega-pega, salada de frutas, estátua, se conhecendo, entrelaçamento, banana podre entre outras.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabemos que em trabalhos de grupos há a incidência de dificuldades encontradas que, muitas vezes chegam a desestimular as pessoas. Levando esse fator em consideração, já iniciaremos as oficinas pretendendo trabalhar as dificuldades encontradas. Para isso temos a consciências de algumas delas: dificuldade de comunicação, que estará presente nas primeiras intervenções, acrescida da falta de concentração das crianças e/ou adolescentes, mas que será superada no decorrer da convivência e através da segurança que passaremos durante as reflexões; desvalorização pessoal que caracteriza-se pelo discurso da descrença de desenvolvendo artístico, devido a condição de exclusão em que vivem; dificuldade de convivência com os colegas, caracterizado por isolamentos e/ou ameaças, as quais pretendemos superar através de dinâmicas orientadas sobre noções de respeito; a falta de Infra estrutura suficiente para o desenvolvimento das aulas; falta de incentivo por parte de pessoas relacionadas (professores, pais, diretores).

Durante as articulações com as escolas, houve um dos principais impasses para a realização de oficinas: a falta de interesse da escola para com o trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construir peças interventivas, registra-se a oportunidade de intervir na realidade de crianças e adolescentes, atendendo o objetivo do Programa Luamim, que articula os instrumentos da Arte-Educação, Comunicação e Serviço Social, visando desenvolver a resiliência no combate à exclusão social e as diversas formas de violência através de suas oficinas de teatro, canto coral e balé, recursos pedagógicos de grande importância para as crianças e adolescentes, assim como para outros segmentos sociais em situação de risco, pois ajudam a promover o desenvolvimento pessoal e coletivo, a partir da vivência dos mesmos,

fomentando a formação de consciências críticas e a mudança de postura frente aos problemas apresentados pelos alunos.

Para o Serviço Social esses recursos pedagógicos tornam-se indispensáveis na medida em que seus instrumentais técnicos como: a reunião, palestras, observações etc. Terão melhor eficiência com a inserção das técnicas artísticas, potencializando as diversas ações profissionais, discussões e debates possibilitando a concreta apreensão da realidade.

Verificamos que há uma distância muito grande entre as leis que protegem as crianças e adolescentes e a realidade a que são submetidos esses pequenos cidadãos, pois embora questionadas, a violência e a exclusão social continuam presentes na vida dos mesmos. Podemos interferir no futuro das crianças e adolescentes atendidos pelo programa, através das oficinas supra-citadas, minimizando o tempo de convivência dos mesmos com a violência, além de promover reflexões e dinâmicas orientadas que resgatem e/ou construam a cidadania.

A violência, por ser um fenômeno muito amplo que surge em variadíssimos contextos, leva-nos a cogitar que toda a sociedade deveria se mobilizar para proteger os cidadãos do amanhã, para que não tenham um futuro sombrio, rodeado de sofrimentos, privações e sem projetos de vida. Para isso torna-se de extrema importância promover atividades comunitárias e o uso das instalações para eventos ou para o lazer dos moradores das imediações, contando com a participação e o envolvimento dos diretores, professores e outros profissionais, levando-os a substituir o medo por novas posturas que contribuam para a superação de uma mentalidade violenta.

O trabalho de integração e inserção da população marginalizada, principalmente de crianças e adolescentes vítimas de exclusão social, à sociedade, bem como a formação de consciência crítica para a luta por seus direitos sociais são algumas das metas almejadas pelo Projeto Luamim e responsabilidade de todos os segmentos sociais, visto que são cidadãos integrantes de um Estado e portanto merecedores de melhores condições de vida.

O contato de crianças e adolescentes com a arte e comunicação, mostrou-se muito relevante, não só para a difusão da cultura e para a intervenção nas questões sociais, mas para a organização comunitária, uma vez que estes podem tornar-se grupos representativos da comunidade. Nessa organização, a comunicação e a informação tendem a permear as atividades e os processos de decisão nas diferentes esferas da sociedade, incluindo o governo federal, estaduais e municipais, a cultura e as artes, enfim, para que haja essa comunicação a nível de organização comunitária é necessário que haja um trabalho de cidadania, o qual o Programa Luamim realiza através de suas peças interventivas.

Neste sentido, as ações culturais desenvolvidas pelo governo municipal devem ter um caráter voltado ao educacional e o visual, voltados para públicos diversificados, dentro e fora da escola. Assim como na construção de espaços culturais e esportivos em bairros que surgiram de áreas de ocupação, que atualmente são os que mais necessitam, pois, são os que menos dispõem dessas políticas, encontrando-se em situações de exclusão social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICUDO, Hélio Pereira. *Violência: o Brasil cruel e sem maquiagem*. São Paulo: Moderna, 1994.

BOAL, Augusto. 200 Exercícios e jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. Coleção Teatro Hoje. Volume 30. 7ª Edição. Civilização Brasileira. 1987.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. São paulo: Ática, 1998.

ECA – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, LEI 8.0690

FERREIRA, Paulo R. M. *Luamim: Peças Interventivas na Realidade (Dissertação de Mestrado)*. Belém: UFPA- Curso de Mestrado em Serviço Social, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. In GRACIANE, Maria Stela Santos. *Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida*. Prefácio de Moacir Gadotti. 4ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

GROTBERG, apud Melillo e Ojeda in *Resiliência-descobrimo as próprias fortalezas*, p. 14, 2005.

PEREIRA, Salete Maria. *Jogos na Escola, nos grupos, na catequese*. Edições Paulinas, 7ª ed, São Paulo, 1981. SOUZA, Jaime Luiz de. *A masculinidade violenta como construção social*. In. Trilhas revista do Centro de Ciências Humanas e Educação. Belém- UNAMA, v.7, n.15, 2005.



## **TEATRO: o despertar de uma visão crítica para a formação da cidadania de crianças e adolescentes**

---

*Priscila Pereira Sarquis (sarquispriscila@yahoo.com.br)*

Graduanda de Serviço Social/UFPA, bolsista PROEX/UFPA

*Gleidson Alves Pantoja (gleidsonpantoja@hotmail.com)*

Graduando de Serviço Social/UFPA  
Voluntário no Programa Luamim

*Heliana Baía Evelin (hbesoria@ufpa.br)*

Doutora em Serviço Social, Professora do Curso de Serviço Social/UFPA  
Orientadora e Coordenadora do Programa Luamim

Área temática: CULTURA

**RESUMO:** *O Teatro, visto pelos gregos como uma proposta educativa de externar sentimentos e despertar uma visão crítica, tinha a função de ensinar as pessoas a buscar a sua medida ideal, não pendendo para nenhum dos extremos de sua própria personalidade, tendo como função principal a catarse, processo que permitiria que as pessoas lidassem com problemas não resolvidos e refletissem no seu dia-a-dia, exteriorizando suas emoções, internalizando pensamentos racionais e permitindo o crescimento do indivíduo. É resgatando esse pensamento de Aristóteles que encontramos no teatro uma forma de minimizar o tempo de convivência das crianças e adolescentes (atendidos pelo Programa Luamim) com a violência e buscar a inclusão da comunicação não formal no ensino público, como forma de construção de cidadania e contribuição para o avanço de tecnologias sociais no Programa Luamim. A peça teatral coloca as crianças e adolescentes a par de seus direitos e deveres previstos na Constituição da República Federativa do Brasil e no Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, Lei 8069/90, que inaugurou um novo paradigma no atendimento a crianças e adolescentes no Brasil, na perspectiva democrática de inclusão social; além de ter um conteúdo direcionado não só ao entretenimento, mas também à sensibilização, denúncia, mobilização e conscientização de crianças e adolescentes cujas oportunidades são negadas nas escolas e espaços culturais, fazendo com que elas encenem a problemática do seu dia-a-dia, a fim de torná-las mais conscientes e críticas.*

Palavras-chave: *Teatro, violência, cidadania.*

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O presente trabalho é resultado do contato estabelecido com o Programa Luamim: peças interventivas na realidade, na condição de voluntário e bolsista de extensão da Universidade Federal do Pará – UFPA.

O interesse pelo tema violência nas escolas se deu em virtude de discussões no seio do Programa Luamim, através das quais podemos avaliar a questão da inserção da arte no âmbito escolar, principalmente no que diz respeito à elaboração e execução de projetos sociais voltados para tal temática. Tais discussões resultaram na proposta de inserção da arte, através da oficina de teatro, como forma de gerar nos adolescentes atendidos uma reflexão sobre os valores que o cercam e sobre o seu próprio existir nesse mundo.

No atual cenário de desigualdade social é notória a disputa acirrada no mercado de trabalho gerado pela lógica do mercado neoliberal, que garante o mínimo das necessidades básicas de uma pequena parcela da população, alimentando a questão do “querer e não poder” que leva alguns de nós a cometer atos incorretos como roubos, depredações, enfim, a violência de um modo geral. Sendo assim, constata-se a relevância de, através de um trabalho social que tenha como medida interventiva a arte do teatro como provedor de resiliência e que propicie, aos adolescentes atendidos, a reflexão e debates que clarifiquem temáticas que possam surgir a partir da realidade dos mesmos.

A concretização da oficina de teatro em uma escola pública, com a finalidade de atendimento no âmbito do Serviço Social, configura-se como aspecto inovador e motivador para a educação pois, é uma forma de unir o ensino formal e o não-formal, a fim de contribuir para o desenvolvimento biopsicosocial das crianças e adolescentes atendidos.

Como já foi dito, a discussão para a realização da oficina de teatro em uma escola de ensino público da cidade de Belém, foi realizada no Programa Luamim, entidade localizada na Universidade Federal do Pará (UFPA), com fins lucrativos no âmbito da geração de conhecimentos e tecnologias, que tem como proposta de atuação atender crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. O Programa apresenta as seguintes atividades: oficina profissionalizante de música, dança e confecção de instrumentos musicais, através do PROLUAMIM – profissionalização de adolescentes atendidos pelo Programa Luamim; oficina de canto coral, balé e teatro, através do PROCRIAR – projeto crianças e adolescentes resilientes. As ações do Programa supracitado concentram-se em Belém, nos bairros do Guamá e Terra-Firme.

O atual trabalho de inserção da arte no ensino público, através da oficina de teatro, centrado no PROCRIAR, que tem como objetivo desenvolver a capacidade de resiliência nas crianças e adolescentes atendidos. Capacidade de resiliência, segundo GROTBORG (2005:14) “*é a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade.*”, proporcionando a construção de novas formas de sociabilidade e exercício da cidadania, com caráter crítico e consciente de que a participação da sociedade civil no processo de resolução dos problemas sociais é importante para a criação de parceria entre sociedade e Estado, em que cada um tenha seu papel definido.

Escolas situadas em locais onde a exclusão social se manifesta de modo mais acentuado, não ficam isoladas do contexto da violência, o que amedronta pais, professores e alunos, visto que a violência nas escolas tem uma esfera de complexidade, uma vez que, esta é

diferente da violência nas ruas, pois se insere no meio escolar, alimenta-se da sua dinâmica e de seus vícios.

Não podemos deixar que as crianças e adolescentes se transformem em futuros marginais, só porque não tiveram referências positivas na infância e porque as diversas entidades educativas foram esquecendo que os jovens também necessitam de carinho, de afeto e que também são seres humanos como todos os outros.

## A VIOLÊNCIA

A violência configura-se num fenômeno que, historicamente tem se manifestado nos mais diferentes espaços, tanto nacionais como internacionais, não discriminando cor, credo ou posição social. Perpetuada através do selvagem regime capitalista implementado na sociedade que se faz capaz de afastar as noções de amor e respeito que deveriam permear as relações entre os indivíduos, pode ser encontrada de diversas formas: a violência física, que é o uso da força com o objetivo de ferir deixando ou não marcas evidentes; a violência psicológica ou agressão emocional, que é caracterizada por rejeição, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas; a violência verbal, que geralmente ocorre ao mesmo tempo em que a psicológica, configurando-se por insultos dirigidos à vítima ou entes queridos da mesma; entre outras.

São diversas as violências sofridas por crianças e adolescentes, dentre elas temos: a violência doméstica, violência psicológica, violência sexual, simbólica e física (trabalho infantil) e a negligência. Todas elas, embora distintas, são de mesma natureza – partem da assimetria de poderes entre adulto e criança e da negação do ser, como sujeito e direitos, apresentando a ameaça de perda da vida precocemente ou de seqüelas físicas e/ou mentais que permanecerão gravadas por toda a vida.

A violência praticada pela humanidade contra suas crianças e adolescentes está associada ao contexto histórico, socioeconômico, cultural e político, não devendo ser compreendido então, apenas como uma questão decorrente do conflitos interpessoais e suas manifestações são diversas. Essa prática desrespeita direitos previstos pela Constituição Federal de 88 art. 227 e também do ECA art.4 que asseguram ser:

“Dever da família, da sociedade e do Estado assegurar a criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito a vida, a saúde, a alimentação, a educação, a profissionalização, a cultura, a dignidade, ao respeito, a liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-las a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”(1998, p. 128).

As crianças e adolescentes vitimados sofrem freqüentemente traumas tornando-se tristes, agressivas, rebeldes, tensos ou infantis para sua idade, apresentando por vezes

dificuldades em compreender os ensinamentos escolares, recusando-se a participar das atividades propostas e faltando às aulas, comprometendo a sua própria cidadania, pela tomada de sua dignidade.

## O TEATRO

A palavra Teatro deriva do vocábulo Grego Théâtreon “lugar aonde se vai para ver” e define tanto o prédio onde podem se apresentar várias formas de artes quanto uma determinada forma de arte. Sua consolidação, enquanto espetáculo, na Grécia antiga, deu-se em função das manifestações em homenagem ao deus do vinho, Dionísio, pois, a cada nova safra de uva, era realizada uma festa em agradecimento ao Deus, através de procissões que, com o passar do tempo, foram ficando cada vez mais elaboradas com cânticos, danças e apresentações de diversas cenas das peripécias de Dionísio. Surgiu, posteriormente, o uso de máscaras para aqueles que não conseguissem acompanhar auditivamente, devido ao grande número de pessoas, para que pudessem pelo menos ver.

A tragédia, segundo Aristóteles, não era vista com pessimismo pelos gregos e sim como uma proposta educativa. Tinha a função de ensinar as pessoas a buscar a sua medida ideal, não pendendo para nenhum dos extremos de sua própria personalidade. Esta tinha como função principal à catarse, descrita por ele como o processo de reconhecer a si mesmo como num espelho e ao mesmo tempo se afastar do reflexo, como que “observando a sua vida” de fora. Tal processo permitiria que as pessoas lidassem com problemas não resolvidos e refletissem no seu dia-a-dia, exteriorizando suas emoções e internalizando pensamentos racionais. A reflexão oriunda da catarse permitiria o crescimento do indivíduo que conhecia os limites de seu métron (sua medida ideal).

É resgatando o pensamento de Aristóteles que encontramos no teatro uma forma de conhecimento muito importante, que pode servir para a luta de conquista de direitos, pois seu conteúdo pode ser direcionado não só ao entretenimento, mas também à sensibilização, denúncia, mobilização e conscientização de crianças e adolescentes cujas oportunidades são negadas nas escolas e espaços culturais, fazendo com que elas encenem a problemática do seu dia-a-dia, a fim de torná-las mais conscientes e críticas.

“O teatro deve modificar o espectador, dando-lhe consciência do mundo em que vive e do movimento desse mundo. O teatro dá ao espectador a consciência da realidade, e é ao espectador que cabe modificá-la” (BOAL; 1987:22)

A peça teatral está fundamentada nos direitos e deveres previstos na Constituição da República Federativa do Brasil e no Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, Lei 8069/90, que inaugurou um novo paradigma no atendimento a crianças e adolescentes no Brasil, na

perspectiva democrática de inclusão social. Considera-se a Arte do Teatro uma medida reflexiva sobre direitos e que contribui efetivamente para por em xeque o processo de exclusão social gerado por um sistema político-econômico injusto que produz cada vez mais poder e riqueza para poucos e submissão e pobreza para muitos.

## METODOLOGIA

Em primeiro lugar, foram realizados levantamentos e pesquisas bibliográficas sobre temas relacionados à infância e adolescência, principalmente sobre as problemáticas da exclusão social, violência na escola, visto que estes temas se constituem os principais focos de discussão.

As articulações com a Escola Frei Daniel foram necessárias para que a realização da oficina de teatro, não apenas como oferta de oficinas, mas de um método de intervenção de trabalho, pois, aplicamos questionários para investigar a cultura musical e cênica de um grupo social (crianças e adolescentes atendidos pelo Programa Luamim) a fim de contribuir para sua cidadania; além da entrevista individual, pois ficamos mais próximos dos adolescentes aprofundando nossos conhecimentos da realidade vivida por eles e constatamos seus valores e visão de mundo, viabilizando a avaliação da evolução desse conhecimento; observações sistemáticas e diários de campo.

No desenvolver da oficina de teatro, disponibilizamos um momento de discussão de temas relevantes para o grupo, despertando a reflexão sobre as condições sociais das crianças e adolescentes atendidos, possibilitando, através da arte e da comunicação, o expressar sentimentos (catarse).

A proposta de utilização de dinâmicas livres e orientadas em grupo, surgiu a partir da observação de que realmente se faz importante e interessante, assim como se faz necessário o uso de reflexões e problematizações, buscando continuamente o enfoque à problemática da Violência. Através das metodologias utilizadas e estando livres das imposições sociais de suas casas ou da própria escola, os jovens atores demonstram os sentimentos ou mesmo refazem brincando situações do cotidiano, o que denuncia comportamentos agressivos ou submissos que podem representar algum acontecimento relevante para aquele ser, além disso, trabalham o raciocínio lógico pessoal e grupal, reconhecem limites e as noções de respeito e, exercitam-se ao movimentarem de um lado para outro, contribuindo ao desenvolvimento biopsicofísico e social, aprendendo a enfrentar situações difíceis e superá-las.

É importante perceber que o trabalho com dinâmicas é previamente sistematizado para que realmente alcancem os objetivos propostos, de atingir o público a ser trabalhado em suas

especificidades, como idade, interesse, dificuldades e analisar condutas que por vezes são reflexos de situações dolorosas vividas e que devem ser enfrentadas e superadas fomentando a capacidade de crescimento do indivíduo em um grupo.

Dentre algumas dinâmicas utilizadas, temos: *entrelaçamento*, que trabalha a questão do raciocínio lógico, da união e da superação dos problemas vividos; *estátua*, trabalhando a questão corporal, além da disciplina; *você é disciplinado?*, que trabalha a disciplina; *encenado o dia-a-dia*, na qual pedimos para que os jovens atores encenassem sua interação com alguém muito próximo a eles; entre outras. Cabe aqui ressaltar a última dinâmica citada, pois, através desta, observamos alguns tipos de violência que eles vêm sofrendo em seu dia-a-dia, a exemplo da violência doméstica, na qual os pais ou responsáveis e até irmãos mais velhos, os agredem; a violência na escola, gerada por colegas, professores e até os seguranças que os recebem fardados e portando cacetetes, o que representa ameaça e intimidação, ao mesmo tempo que deveria representar apenas segurança social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construir peças interventivas, registra-se a oportunidade de intervir na realidade de crianças e adolescentes, atendendo o objetivo do Programa Luamim, que articula os instrumentos da Arte-Educação, Comunicação e Serviço Social, visando desenvolver a resiliência no combate à exclusão social e as diversas formas de violência através de sua oficina de teatro, recurso pedagógico de grande importância para as crianças e adolescentes, assim como para outros segmentos sociais em situação de vulnerabilidade social, pois promove o desenvolvimento pessoal e coletivo, a partir de sua vivência, fomentando a formação de consciências críticas e a mudança de postura frente aos problemas apresentados pelos alunos.

Para o Serviço Social esse recurso pedagógico torna-se indispensável na medida em que seus instrumentais técnicos como: reuniões, palestras e observações, terão melhor eficiência com a inserção das técnicas artísticas, potencializando as diversas ações profissionais, discussões e debates possibilitando a concreta apreensão da realidade.

Verificamos que há uma distância muito grande entre as leis que protegem as crianças e adolescentes e a realidade a que são submetidos esses pequenos cidadãos, pois embora questionadas, a violência e a exclusão social continuam presentes na vida dos mesmos. Podemos interferir no futuro das crianças e adolescentes atendidos pelo programa, através da oficina supra-citada, minimizando o tempo de convivência dos mesmos com a violência, além de promover reflexões e dinâmicas orientadas que resgatem e/ou construam sua cidadania.

Sabemos que em trabalhos de grupos há a incidência de dificuldades encontradas que, muitas vezes chegam a desestimular as pessoas. Levando esse fator em consideração, já iniciamos as oficinas pretendendo trabalhar as dificuldades encontradas. Para isso temos a consciências de algumas delas: dificuldade de comunicação, que estiveram presente nas primeiras intervenções acrescida da falta de concentração das crianças e/ou adolescentes, que foi superada no decorrer da convivência e através da segurança que passamos durante as reflexões; desvalorização pessoal que caracteriza-se pelo discurso da descrença de desenvolvendo artístico, devido a condição de exclusão em que vivem; dificuldade de convivência com os colegas, caracterizado por isolamentos e/ou ameaças, as quais pretendemos superar através de dinâmicas orientadas sobre noções de respeito; a falta de Infra estrutura suficiente para o desenvolvimento das aulas; falta de incentivo por parte de pessoas relacionadas (professores, pais, diretores).

O contato de crianças e adolescentes com a arte e comunicação, mostra-se muito relevante, não só para a difusão da cultura e para a intervenção nas questões sociais, mas para a organização comunitária, uma vez que estes podem tornar-se grupos representativos da comunidade. Nessa organização, a comunicação e a informação tendem a permear as atividades e os processos de decisão nas diferentes esferas da sociedade, incluindo o governo federal, estaduais e municipais, a cultura e as artes, enfim, para que haja essa comunicação a nível de organização comunitária, é necessário que haja um trabalho de cidadania, o qual o Programa Luamim realiza através de suas peças interventivas.

Neste sentido, as ações culturais desenvolvidas pelo governo devem ter um caráter voltado ao educacional e ao visual, voltados para públicos diversificados, dentro e fora da escola. Assim como na construção de espaços culturais e esportivos em bairros que surgiram de áreas de ocupação, que são os que mais necessitam, pois, são os que menos dispõem dessas políticas, tendo em vista que nesses locais evidencia-se, em maior proporção, situações de violência geradas pela exclusão social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BICUDO, Hélio Pereira. *Violência: o Brasil cruel e sem maquiagem*. São Paulo: Moderna, 1994.

BOAL, Augusto. 200 Exercícios e jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. Coleção Teatro Hoje. Volume 30. 7ª Edição. Civilização Brasileira. 1987.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. São paulo: Ática, 1998.

ECA – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, LEI 8069/90.

FERREIRA, Paulo R. M. *Luamim: Peças Interventivas na Realidade* (Dissertação de Mestrado). Belém: UFPA- Curso de Mestrado em Serviço Social, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. In GRACIANE, Maria Stela Santos. *Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida*. Prefácio de Moacir Gadotti. 4ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

GROTBERG, Edith Henderson. Introdução: novas tendências em resiliência. In. MELILLO, Aldo e OJEDA, Élbio Nestor Suárez (orgs.). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Trad. Valério Campos – Porto Alegre: Artmed, 2005.

SOUZA, Jaime Luiz de. A masculinidade violenta como construção social. *Trilhas revista do Centro de Ciências Humanas e Educação*. Belém- UNAMA, v.7, n.15, 2005.

PEREIRA, Salete Maria. *Jogos na Escola, nos grupos, na catequese*. 7.ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

SEMINÁRIO NACIONAL DE EXPERIÊNCIAS NA ATENÇÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SEXUAL: Conquistas, desafios e proposições. Curitiba, 2006.



## **O cinema como elemento de discussão dos diversos modos de ser contemporâneo**

---

*Prof. Dr. Ricardo Pimentel Mélo*

*Amanda Pereira de Carvalho Cruz*

*Angela Flexa Di Paolo*

*Elaine Andrade Arruda*

Departamento de Psicologia Social e Escolar/UFPA

Área temática: CULTURA

O cinema pode ser considerado um instrumento de interação social e, enquanto tal, apresenta possibilidades de criar e veicular repertórios<sup>1</sup>, além de ter um poder transformador capaz de reestruturar espaços de interação e propiciar novas configurações aos processos de produção de sentidos.<sup>2</sup>

Utilizar o cinema no espaço acadêmico é estimular outras formas de vê-lo: não como um simples filme, mas como um poderoso instrumento de interação social. Trata-se de possibilitar a emergência de várias perspectivas do olhar. Olhar o cinema e por meio dele, entendendo-o como possibilidade de criação e circulação de sentidos de diferentes perspectivas, que nos permitem discutir sobre os modos humanos de concretizar experiências (modos de ser). Em outras palavras é discutir os enigmas da vida cotidiana na moldura do espaço imagético.

Esta discussão permite explicitar a reconceituação da noção de interação proposta por John Thompson (1995) em estudos sobre mídia. Para o autor, há pelo menos três modalidades de interação no cotidiano contemporâneo: a interação face-a-face, que seriam as conversas cotidianas, caracterizadas pelo contato social, trocas diretas de idéias e informações que se situam no mesmo tempo e espaço, envolvendo a possibilidade de se fazer uso dos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato); a interação mediada, que através de meios técnicos (papel, cabos elétricos, ondas eletromagnéticas, etc.) permite a troca de conteúdos lingüísticos em distâncias espaciais e temporais (os correios, comum e eletrônico, o sistema telefônico são exemplos); e a interação quase-mediada, que também rompe barreiras espaciais e temporais, mas refere-se ao advento da comunicação de massa e, por isso, não é dirigida a uma pessoa, mas a um grupo maior e o fluxo de idéias não é imediatamente recíproco (p. ex., os livros, jornais, televisão, etc.).

---

<sup>1</sup> Repertórios, no caso, referem-se à definição proposta por Jonathan Potter e Margareth Wetherel (1987): dispositivos lingüísticos disponíveis em nosso contexto sociocultural, que são utilizados para construir versões de ações e eventos que configuram fenômenos sociais. Carregam as noções de variabilidade e polissemia que caracterizam os discursos e narrativas cotidianas.

<sup>2</sup> Sobre o assunto, ver, p.ex., Spink & Medrado (2000), Medrado (2000), Spink, Medrado & Mélo (2002), Mélo (2006).

Todas essas modalidades envolvem o processo de interanimação dialógica, proposto por Mikhail Bakhtin (apud SPINK & MEDRADO, 2000), que envolve trocas de enunciados, numa animação mútua de construções dialógicas – em formas de diálogos. Interação que não exige a presença física de um interlocutor, mas que pode se efetivar através de vozes – diálogos, negociações que se fazem presentes nos momentos de produção de um enunciado (Ibid.) e posicionamentos – enquanto processo constante de construções identitárias, localizado em determinados contextos de relações sociais (DAVIES e HARRÉ apud SPINK & MEDRADO, 2000).

Aliando essas discussões à perspectiva construcionista, uma vertente crítica em Psicologia Social, que tem como enfoque de estudos as práticas discursivas (uma abordagem teórico-metodológica), pode-se entender os momentos de interação como formas de ação social, que colocam em jogo diálogos, repertórios, vozes, posicionamentos..., configurando variadas formas de produção de sentidos.

Participando dessa trama de interações, o projeto *Através do Cinema* propõe não apenas ver um filme, mas sim, discuti-lo falando sua trama e, a partir dele, discutir a vida humana. O projeto favorece aos participantes “um rito de passagem” de simples espectadores para críticos debatedores da vida que os circunda e os atravessa. Ou seja, ao utilizar imagens para discutir os nossos modos contemporâneos de ser, busca-se dar visibilidade para o emaranhado de construções de sentidos e práticas que os seres humanos se enredam e, ao desnaturalizar essa construções, permitir que se reestruture espaços de interação, tornado-os mais libertários.

Com isto, o projeto visa possibilitar que pessoas de diversas áreas possam trocar experiências e falar sobre ciências e artes, história e religião, violência e esperança, psicologia e direito, enfim. E ao transitar sobre as diferentes áreas de saber, discutindo os nossos modos de ser, por intermédio do cinema, o Projeto cria um espaço onde a comunidade acadêmica possa ampliar suas perspectivas, ter referenciais diversos de outras disciplinas ou indisciplinas sobre um mesmo assunto-tema.

## OBJETIVOS

Despertar nos estudantes e professores o interesse em utilizar os meios de comunicação para refletir criticamente sobre a sociedade e o cotidiano;

Favorecer o debate sobre a “indústria cultural”, em especial o cinema, não só em relação ao seu valor estético, mas também sobre seu uso como instrumento, onde se veiculam modos de ser, sistemas simbólicos, práticas discursivas e construção de sentidos;

Proporcionar uma interação de membros da comunidade acadêmica, favorecendo o encontro de membros de diversas áreas do conhecimento.

#### PÚBLICO ALVO

Pessoas da comunidade acadêmica e da comunidade em geral.

#### DINÂMICA DE FUNCIONAMENTO

O filme é projetado na primeira sexta-feira de cada mês, no Auditório do Centro de Capacitação, às 18h30, com entrada gratuita, facultada a qualquer pessoa da comunidade universitária e da comunidade em geral. Imediatamente após a exibição do filme, o (a) convidado (a) expõe e problematiza um tema, previamente escolhido por ele, durante até 30 min. Após isto, a palavra é franqueada aos participantes e o debate tem duração 1 hora.

#### AValiação

A cada exibição, são distribuídos questionários aos participantes para que opinem sobre itens como: a programação, data e hora, debatedores, temas, ambiente de projeção, recursos técnicos utilizados, divulgação, condução dos debates, frequência de participantes e sugestões. Também são preparados relatórios semestrais ao Departamento de Psicologia Social e Escolar, detalhando a programação realizada, seus efeitos e uma análise dos questionários distribuídos. Por outro lado, o “grupo organizador”, realiza reuniões específicas para avaliar o andamento do projeto, tomando como base os itens citados acima.

#### Participação

A participação nas exibições foi, preponderantemente, de estudantes, com média acima de 90 pessoas. A intervenção dos participantes tem sido de excelente nível e são feitas através de perguntas orais ao debatedor, comentários sobre o filme e sobre o tema.

#### EFEITOS

O projeto possibilitou a interação entre estudantes e profissionais, levando ao aprimoramento das discussões sobre a diversidade do humano, ao dar visibilidade aos seus variados modos de ser, conjugados às práticas discursivas cotidianas.

Atualmente, o projeto está em fase de conclusão, na criação de uma publicação que compilará alguns textos apresentados pelos (as) convidados (as) que participaram dos eventos, relacionados aos filmes apresentados.

#### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Towards a methodology for the Human Sciences. In: C. Emerson & M. Holquist. *Speech genres and others late essays* (p. 159-173). Austin, Texas, University of Texas Press, 1994.

SPINK, Mary Jane Paris. *Práticas discursivas e produção de sentidos: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo, Cortez, 1999.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO Benedito; MELLO, Ricardo Pimentel. Perigo e probabilidade: a linguagem dos riscos na mídia. In: *Psicologia: reflexão e crítica*, 15(1): 151-164, 2002.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 2a. ed. Petrópolis, Vozes, 1998.

## Territórios híbridos: fórum permanente de pesquisa em arte

*Profa.Dra. Valzeli Sampaio*  
*Prof. Dr. Orlando Maneschy*

Faculdade de Artes Visuais e Design-ICA/UFPA

Área temática: CULTURA

A arte no século XXI pode se apresentar para um observador distanciado como uma sucessão de eventos um tanto caóticos. Diversos conceitos que serviram de base à apreciação e criação ao longo da história da arte foram sistematicamente postos em questão, e depois acabaram sendo repensados, com seus conteúdos alargados, por artistas. Na arte como na imaginação não existem limites, e isto pode ser comprovado a partir do que artistas têm procurado constituir. O percurso das produções da arte no contemporâneo evidencia rupturas com conceitos tradicionais e, em alguns casos, até colocando em questão a própria estética.

A arte contemporânea institui a reflexão sobre toda a história da arte. Os artistas não têm parado de questionar limites, conceitos e dicotomias que sustentaram a linguagem artística durante séculos: representação-realidade; idéia-forma; obra de arte-objeto cotidiano; arte-vida; razão-emoção; mundo exterior-mundo interior; criador-fruidor; forma-fundo; superfície-suporte... Em pesquisas laboriosas, a "arte" tornou-se um território de reflexão contínuo sobre o próprio sentido que *enforma* o mundo, a significação que desponta em cada gesto, em cada objeto.

Vivemos uma contemporaneidade que, em muitos casos, principalmente no das instituições de arte no Brasil, quase sempre esbarram em formatos modernos, que não comportam certos discursos. A herança da modernidade, como qualquer outra herança da humanidade, está aí, disponível, para ser usada e cabe ao produtor entendê-la como fonte de conhecimento para refletir sobre o presente e como geradora de possibilidades para pensar o mundo. Somos contemporâneos de um momento de reinvenção da relação arte-tecnologia, em que a hibridação entre arte, ciência e pensamento produz novos paradoxos e questões. Relação que não é nova, mas que sem dúvida é problematizada de forma aguda no contexto atual, em que a arte busca uma revitalização e acha nas tecnologias emergentes um campo de experimentação.

É nesse contexto que o projeto *Território Híbridos – Fórum Permanente de Pesquisa em Arte* passa a ser desenvolvido. A partir do estabelecimento de relações entre pesquisadores, artistas e proposições. O projeto *Território Híbridos – Fórum Permanente de Pesquisa em Arte* resulta do envolvimento e reflexão do projeto de extensão *Forum Pesquisa*

*em Arte*<sup>1</sup>, que vem solidificando a cena de pesquisa e extensão em âmbito nacional tem na Faculdade de Artes Visuais e Design – ICA/UFPA ponto de convergência. Os temas discutidos no Fórum estão no cerne de problemas que movimentam pesquisadores, artistas, curadores, produtores da arte contemporânea. Este projeto de pesquisa é desenvolvido de forma colaborativa e instaura um território permanente de pesquisa e produção em arte. Trata-se, em certa medida, de um projeto híbrido de pesquisa e extensão, que cria um espaço relacional, onde artista e pesquisadores podem contribuir na construção de um *sítio*, com proposições artísticas e discussões críticas sobre a produção contemporânea.

Este projeto possibilitará a constituição de um banco de dados disponível de forma material e on-line, bem como a realização de eventos presenciais e não-presenciais através da internet. *Território Híbridos* permitirá a interligação de setores, projetos, pesquisadores, artistas e, sobretudo, de pessoas que atuam e pensam a arte e cultura contemporânea.

O projeto busca constituir um sistema relacional para a arte, constituído a partir do princípio de rede, para articular situações da produção artística nacional e sua constituição, com a troca efetiva de informações e acesso a esse conhecimento, bem como sua disponibilização. O projeto prevê a constituição de um espaço que funciona como um desdobramento do Fórum de Pesquisa, evento bienal, mas também estabelece uma rede de diálogo e intercâmbio para pesquisadores da área, que através da *net* poderão trocar informações, planejar ações conjuntas, bem como dar acesso a pesquisas hospedadas no site, o que permitirá acompanhar o seu desenvolvimento, assim como, contribuir para a instauração de conexões entre esses projetos.

*Territórios Híbridos* é uma pesquisa que põe em foco o ambiente relacional para reflexões sobre o fazer artístico, a crítica, o sistema da arte, buscando constituir espaço permanente de produção de conhecimento entre situações e campos correlatos a arte. Este projeto propõe-se a abrir espaço de discussão duradouro, buscando uma organização estável.

O estabelecimento de um núcleo digital através de laboratório digital com configuração possibilitará o acesso às pesquisas e o desenvolvimento de parcerias interinstitucionais, transnacionais e internacionais no âmbito da graduação e da pós-graduação, com base na Internet com pesquisadores locais e de outras instituições que articulam questões do conhecimento artístico contemporâneo, como universidades, faculdades, fundações e associações de artistas.

---

1 Projeto institucional, na sua 3a. Edição realizado pelo Instituto de Ciências da Arte com o evento Fórum de Pesquisa em Arte

*Territórios Híbridos: Fórum Permanente de Pesquisa em Arte* é a resposta aos desafios e oportunidades que o espaço líquido e rizomático que este sistema de comunicação e de conectividade impõe. Trata-se de uma interface de informação e cultura digital. O projeto disponibilizará banco de dados, de imagens, textos e fóruns para relações e conexões *online* e em “tempo real”, favorecendo assim um processo descentralizado e plural de construção e atualização do hipertexto construído nessas relações.

Esta interface, quando estabelecida no digital deverá expressar a idéia-síntese de uma comunidade qualificada, diversificada e interligada na sua diversidade, através de suas ramificações dinâmicas. O laboratório digital permitirá a implementação e a continuidade do fórum permanente de pesquisa em arte, permitindo a constituição de espaço contíguo de trabalho de pesquisa e criação, troca de conhecimento, debate e difusão do conhecimento presencial e via Internet.

Nesse ambiente será possível constituir um campo para diversas ações de pesquisa e extensão do projeto, como a hospedagem de artigos, textos, livros e projetos de artistas numa biblioteca virtual, o acesso ao resultado de pesquisas, com implementação de versões virtuais da mesma e a edição de projetos/revistas temáticas em que o formato do design será também fruto de trabalho que vinculará pesquisa e extensão.

O projeto *Territórios Híbridos*, em fase de implantação do laboratório, primeiro projeto de pesquisa na área desenvolvido na região a estabelecer espaço de vinculação com outros, tem na sua própria constituição e ações o objeto de trabalho, uma vez que se desenhará a partir de ações e relações constituídas internamente, no ambiente virtual e na vida, na interface entre arte e ciência, ampliando de forma única a ação da Universidade Federal do Pará como instituição de fomento e produção da pesquisa em arte.

O projeto *Territórios Híbridos* estabelece-se na efetiva reunião entre pesquisadores para o desenvolvimento de projetos, relato de andamento de pesquisas e troca de material e informações, neste sentido, já existe adesões de pesquisas individuais como o projeto que mapeia a produção imagética contemporânea paraense, e os projetos artísticos: como *Sabores e Línguas* do artista catalão Antoni Miralda, o *Por Fazer* que é uma publicação *copyleft* sob a curadoria da Prof<sup>a</sup> Dra Regina Melim, da UDESC, entre outras experiências da arte.

O projeto de Miralda aborda o tema do ritual enfocando a alimentação é recorrente e provoca no fruidor uma vivência lúdica e poética. Miralda trabalha também com instalações/performances como a festa de casamento imaginário da Estátua da Liberdade com o monumento a Colombo em Barcelona. Este artista é um dos participantes do projeto residência da 27a. Bienal de São Paulo (2006).

Outro projeto significativo é a exposição/livro/proposição *Por Fazer* de Regina Melim, projeto de desenvolvido na UDESC, em que a curadora define:

“Conjuga reflexão e prática de estratégias curatoriais e modos de circular um trabalho artístico. Seu formato portátil constitui-se por uma série de proposições em desenhos e textos, endereçadas para uma publicação. De baixo custo, possui o objetivo expresso de alargar o espectro de audiência e participação através de uma tiragem impressa, além de uma tiragem ilimitada para reprodução. Uma tentativa de vislumbrar uma obra como deflagradora de um contínuo movimento participativo, existindo não como obra pronta, fechada em si, mas como uma superfície aberta e distributiva. Em permanente circulação. Construtora de uma temporalidade diferenciada, resiste ao tempo formatado da cultura de exposição que se estabelece através da fórmula: começou-acabou. E que quando desmanchada, tudo é novamente pintado de branco.”<sup>2</sup>

*Territórios Híbridos* além de agregar a produção de pesquisadores e instituições, configura um trabalho em processo, uma vez que o processo de construção de suas relações e ambiente se dão com base em princípios de contigüidade, relacionando aquilo que se aproxima conceitualmente, criando uma rede estabelecida pela produção de sentido e com princípio agregador. Assim, artistas e ações cuja aproximação se dá pelo conceito são relacionadas e, com isto, ampliam seu significado dentro do campo da arte.

Então, eventos em que artistas e pesquisadores passam a colaborar no design de um espaço estabelecem sítios que irão se conformar dentro do ambiente virtual proposto pelo projeto. Com isto, edições temáticas serão desenvolvidas, em que desde a criação das obras, através da utilização dos laboratórios, até os princípios teóricos que o nortearão serão constituídos dentro do ambiente do *Territórios Híbridos*, que se firmará com ambiente da experiência do conhecimento – do fazer a reflexão. Esta perspectiva é fundamental para o desenvolvimento de projetos de iniciação científica, que encontrarão suporte no ambiente do projeto, uma vez que o laboratório digital tem como finalidade viabilizar a produção de trabalhos direcionados à pesquisa em arte.

O emprego e o acesso a estas informações a partir da Rede Nacional de Pesquisa será de suma importância para a difusão e troca de informações e interação com outros projetos que poderão deter interesse de cambio de informações e processos. Aqui o projeto alarga suas possibilidades, pois além de trabalhar no tripé: ensino, pesquisa e extensão, ele estimula uma cena política da produção cultural através da reflexão sobre o sistema da arte, ao ampliar o espaço para o escoamento da produção do conhecimento específico da área e a integração entre o conhecimento científico na área de arte e a produção local, nacional e internacional.

Daí, suas ações se configurarem também através de seminários, cursos, colóquios e oficinas, cujo objetivo de preparar técnica e teoricamente pesquisadores e estudantes de

---

<sup>2</sup> Publicado no site: <http://www.unifacs.br/anpap/autores/45.pdf>, 2006.



graduação e pós-graduação da área e afins; fórum on-line, bem como pretende constituir espaço editorial de publicação e divulgação das atividades de ensino, pesquisa e extensão através de livros, revistas voltados tanto para a produção teórica, crítica e artística docente e discente, em, *hardcopy* e on-line.

O projeto também percebe que a reflexão da arte não se constitui apenas no pensamento acadêmico, mas no fazer artístico e na sua fruição. Com isto, o projeto pretende realizar, em suas ações extensivas, mostras e exposições coletivas, individuais e temáticas, para dar um outro corpo a reflexão da produção artística contemporânea, dentro de uma perspectiva do conhecimento e sociabilizando esta produção. Além de fomentar reuniões periódicas, presenciais e on-line, com pesquisadores associados para definição de planos, estratégias e formas desenvolvimento e operacionalidade deste projeto, motivando assim o intercâmbio não só de idéias, mas também, de técnicas e de conhecimentos e experiências diferenciadas em arte.

O projeto *Territórios Híbridos: forum permanente de pesquisa em arte* conta com uma equipe de desenvolvimento e manutenção organizadas em um núcleo operacional composto de dois coordenadores, estes professores doutores Orlando Maneschy e Valzeli Sampaio -, dois estagiários de arte, e pretende contar com estagiários de computação e técnico de informática.

O grande desafio do projeto é estabelecer, em conjunto com outras instâncias institucionais de ensino, pesquisa e produção artística em uma cultura de rede (presencial e virtual) que possibilite uma maior integração neste sistema em que são agregados projetos de pesquisa e produção em arte com vistas à reflexão teórica, prática e criativa dos processos criativos. Nesses projetos vinculados ao *Territórios Híbridos* procura-se compreender e analisar os modos de produção, transmissão, armazenamento, recepção da produção artística contemporânea.

O projeto é organizado através de duas coordenações que julgaram o mérito acadêmico dos pedidos de utilização do laboratório e equipamentos, seguindo a orientação conceitual para a agregação dos projetos a esse sistema. Cabe aos coordenadores dar suporte, verificar e manter escalas de horários e funcionamento dos equipamentos e instalações do laboratório, que está diretamente ligado ao projeto.

Compreender que esta pesquisa científica fixa-se conceitualmente num princípio relacional que encontra seu princípio na arte conceitual, também denominada "arte da idéia", saída de um ensaio de Henry Flynt, justamente intitulado "Concept Art" (1961), e que é oriunda de transformações na arte contermporânea que se desenharam a partir das vanguardas,

como o Dadaísmo é fundamental para compreender que este projeto se realiza no próprio fazer, com conexões, encontros, associações e trocas de conhecimentos e idéias. É neste fluxo que Territórios Híbridos pretende estabelecer seu espaço de conhecimento e desdobramentos para a arte, numa projeção que se estabelece na sociedade, em ações instauradas na própria vida.

## **História e memória: levantamento histórico das atividades do Núcleo de Arte nas áreas de ensino, pesquisa e extensão universitária**

---

*Ysmaille Ferreira de Oliveira*

Universidade Federal do Pará

Área temática: CULTURA

*RESUMO: O presente trabalho pretende mapear as atividades do Núcleo de Artes nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão universitária, buscando entender quais foram as políticas dessa unidade para com esses três eixos temáticos. O texto propõe-se a compreender um esboço da própria história dessas subunidades, e por isso, desdobra-se num panorama temporal, desde a década de 60, que analisa a luta para que a arte galgasse seu espaço nas entranhas da academia e da sociedade. Conhecendo, assim, a história da unidade e suas subunidades. Com isso, permite-nos entender a construção de um processo que marca a história da arte paraense, processo esse de superação de conceitos e preconceitos para uma nova maneira de se ver e compreender a produção artística. A criação do Núcleo de Artes, hoje Instituto de Ciências da Arte (ICA), e as atividades que este desenvolve, representa a conquista de uma política de maior apoio às atividades voltadas para a arte e conseqüentemente a criação de grupos artísticos, realização de fóruns, encontros, produções e publicações de textos artísticos. Desvelar essas ações significa forjar uma história de lutas para o fomento da arte num ambiente político muitas vezes adverso.*

Palavras-chave: *História, arte, NUAR.*

Para conhecer o levantamento histórico das atividades do Núcleo de Arte da Universidade Federal do Pará nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária é preciso entender que esse tripé é almejado desde a década de 50. Todavia, quando ele relaciona-se com a arte temos, então, uma história construída a partir da luta para superação de formas míopes de se ver e compreender o fazer artístico.

As atividades do NUAR na área de ensino, pesquisa e extensão na Universidade Federal do Pará e, é claro, de suas subunidades é o exemplo mais notório deste processo ao qual tentaremos tangenciá-los pela categoria tempo, uma vez que o passado explica e relaciona-se diretamente com o presente. O presente sobrevive em decorrência do passado e o passado em decorrência do presente. O presente e o passado por sua vez não estão circunscritos apenas a um instante ou a um limite. Assim, passado/presente relacionam-se de forma constante e dinâmica operando, como propôs Marc Bloch, em duas direções: uma que procura compreender o presente a partir do passado e outra que busca compreender o passado tendo como referência o presente.

Então, trataremos de compreender o presente a partir do passado e no sentido contrario também. Assim, a ETDUFPA e a EMUFPA, faziam parte do Núcleo de Arte da UFPA. Essas subunidades começaram a desenvolver suas atividades na área de ensino desde a década de 60 cada uma com a sua peculiaridade as quais veremos a seguir de forma resumida:

Na década de 60 do século XX, ainda subsistia o legado da borracha, presente nas condições arquitetônicas da cidade, na mentalidade e no próprio florescimento artístico. Esse cenário foi importante para a necessidade da busca por uma qualificação que se materializava na forma de ensino através do teatro, dança e música.

O ensino na área do teatro dá-se com o empenho dos grupos que existiam em Belém (Teatro Equipe do Pará, Norte teatro Escola e outros).

Cláudio Barradas (ator e diretor), Benedito Nunes e Maria Sylvia Nunes tinham grupos que faziam produções teatrais. Algumas das apresentações dos espetáculos desses grupos eram realizadas no colégio Nazaré nos finais de semana. Os grupos de teatro reuniam-se nesse colégio pelas manhãs de domingo, onde discutiam peças apresentadas e idéias referentes à promoção do teatro.

Como conseqüência dessas reuniões, Cláudio Barradas propõe a formação de uma federação de teatro com representantes dos principais grupos de teatro de Belém. Cria-se, então a Federação Paraense de Teatro.

Os representantes da federação, Benedito Nunes (do Norte do Teatro), Cláudio Barradas (do teatro Equipe) e Alberto Bastos (do teatro de Mosqueiro) apresentaram a proposta do projeto de implantação de um curso de teatro ao reitor da UFPA o Dr. José da Silveira Neto. A proposta foi aceita e designou-se o prof. Benedito Nunes para organizar a viabilização do curso.

Desta forma, o ensino começa como um curso de Iniciação Teatral no ano de 61 com o financiamento da reitoria. O curso veio para oferecer técnicas na preparação da profissão do ator. A escola foi baseada no modelo da Escola de Arte Dramática de São Paulo, sofrendo adaptações levando em consideração a realidade paraense.

A escola de teatro da UFPA nasce oficialmente com as comemorações do dia internacional do teatro (27 de março de 1962). A escola surge com o nome de Serviço de Teatro da Universidade Federal do Pará (STFP). O curso tinha a duração de três anos, porém não era reconhecido pelo Ministério da Educação. A sede da escola localizava-se no nº 1632, na travessa Quintino Bocaiúva, de dois andares, entre Braz de Aguiar e Nazaré, prédio alugado pela Reitoria da UFPA.

A professora Maria Sylvia Nunes foi a primeira diretora do STFP. O professor Benedito Nunes, o primeiro coordenador e o vice Carlos de Moura.

Depois de algum tempo, a reitoria comprou uma casa adiante de um andar e a escola foi adaptada, contando inclusive com um teatro cuja capacidade de público era em média de

oitenta pessoas: O teatrinho “Martins Pena” também funcionava como um cine clube sob a responsabilidade de Pedro Pino.

“De todas as unidades universitárias, o [então] Serviço de Teatro é a que exerceu maior atuação junto ao povo, tanto através das suas exibições teatrais como das suas programações cinematográficas” (Moreira, p.84). A escola procurava utilizar o teatro com um veículo de cultura, tendo em vista o refinamento intelectual da juventude universitária e a educação da comunidade, além de manter os serviços de teatro promovendo atividades artístico-culturais também incluíam mostras cinematográficas, espetáculos e conferências.

Em 1971, um incêndio destruiu o prédio e com ele os arquivos da escola, figurinos e algo muito precioso para a classe artística: a biblioteca que tinha obras raras que não se encontravam em outros lugares.

A partir desse momento, a escola amarga tempos difíceis e começa a sua peregrinação rumo a um lugar digno. A escola vai para a Padre Pudrêncio perto do Largo da Trindade. Depois, graças à política de restringir as atividades da universidade ao Campus a escola vai parar no Ip-alto do “Profissional” depois, através de abaixo-assinados e pressões por causa do incômodo para outros cursos, a escola mudou-se para o “Vadião”. Neste local houve vários problemas como a questão das salas de aula sem infra-estrutura adequada às atividades de teatro e as festas que dificultavam o trabalho. Além disso, a própria localização da universidade era distante para a grande maioria dos alunos do curso livre.

Nesse período a professora Marya Silva Nunes retorna da Europa, mas apenas para lecionar (teoria do teatro) sem mais outros cargos. O motivo do exílio foi por causa do Regime Militar em 1964. A escola de teatro era considerada subversiva e ela e o seu esposo, Benedito Nunes, foram exilados.

“A atual condição da escola é um reflexo do que ocorre com a comunidade teatral paraense, que por sua vez, é a cara do que vem ocorrendo com a cultura no país. Hoje quem se digna a fazer um curso de três anos é doido. Precisamos urgentemente de um local adequado, com condições para revitalizarmos o teatro e a formação” (Cláudio Barradas). Na época, Barradas ministrava a disciplina de interpretação.

Depois, em virtude da matéria que saiu no jornal “O Liberal”, intitulada de “A Procura de uma Dignidade”, falando da situação da Escola, ela foi para o Telégrafo alugando uma casa na mesma rua onde morou o Líbero Luxardo (na Dom Pedro próximo à Praça Brasil). Enfim, a universidade resolveu comprar uma casa na Avenida da Independência, hoje Magalhães Barata próximo ao museu Goeldi.

Além do mais, o curso de Formação de ator foi reduzido para dois anos, passou-se a cobrar uma taxa para realizar o curso; após aprovação algumas disciplinas foram suprimidas, tais como psicologia e o curso foi para o regime modular, segundo entrevista de Cláudio Barradas.

É necessário lembrar também o ensino voltado para a dança, no ano 1968, integra-se na UFPA graças à iniciativa da prof<sup>a</sup>. Eni Corrêa que fundou e dirigia um grupo coreográfico. Nos trinta e cinco anos de existência desse grupo foi impulsionado o ensino da dança através do curso experimental de formação de bailarino implantado na década de 90 e o curso técnico de Dança (implantado em 2004).

Em 1993 as atividades para o ensino de teatro e dança foram desenvolvidas em conjunto. Neste ponto houve divergências, pois para alguns a possibilidade de agregar dois “centros” artísticos implicava conflitos em virtude do espaço e da questão do poder. Por outro lado, há aqueles que percebem esse momento como uma oportunidade para juntar forças para garantir melhores condições para o favorecimento da produção artística.

Hoje o prédio do governo federal (atualmente em processo como patrimônio definitivo da UFPA) localiza-se na Dom Romualdo de Seixas com a Jerônimo Pimentel onde funcionou a antiga Delegacia do MEC. Esse prédio foi compartilhado com o CEFET em caráter provisório durante quase dois anos..

Os cursos de Teatro e Dança atendem à legislação brasileira em vigor a respeito da educação profissionalizante, pois foi deliberado pelo Conselho Universitário da UFPA (CONSUN) para que os cursos fossem inseridos no Cadastro Nacional de Cursos Técnicos da Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação (CNCT/SETEC/MEC). Isso significa verbas e recursos destinados às escolas profissionalizantes e o reconhecimento da habilitação e qualificação do profissional em âmbito nacional.

Nesse novo tempo os cursos continuam com duração de dois anos e com leves modificações no desenho curricular, todavia os cursos passaram da condição de livre para Técnico-Profissionalizante.

Antes estes cursos eram cobrados. Com essas mudanças até 2005 pagava-se apenas uma taxa no ato da matrícula (destinado a custear o material de limpeza) e hoje em 2006 essa taxa foi suprimida. Ressalta-se que no ano de 2005 houve a criação de mais um curso profissionalizante, o de Cenografia, também com duração de dois anos.

A partir de 2005, a Escola de teatro lançou-se na maior empreitada de sua existência que é a criação do curso de graduação em Artes Cênicas. Atualmente sendo desdobrado em

graduação em Dança e graduação em Teatro, com o processo do curso de Dança quase já concluído.

Quanto ao ensino da música podemos salientar que ele obteve uma forte influência dentro do cenário paraense na década de 60. Desta forma, as professoras de piano do Instituto Carlos Gomes Donina Benaccon e Guilhermina Nasser organizaram um coral cujos componentes eram os próprios professores. Esse coral era chamado de Ettore Bosio, uma homenagem ao maestro italiano e ficava sob a regência do maestro João Bosco Castro.

O maestro Nivaldo Santiago propôs ao Reitor a criação de um Centro de Atividades Musicais, o CAM tendo em vista o ensino dos jovens para instrumentos de orquestra visando também manter os conjuntos existentes e outros que fossem criados.

A criação dos cursos livres de Música deu-se em 1964 e no ano de 1968, diante de uma reforma universitária o CAM atrelou-se ao Núcleo Pedagógico Integrado da UFPA – NPI (Ensino Fundamental e Médio) e foi oficialmente inaugurado juntamente com os cursos livres no ano de 1970 na gestão do reitor Aluysio Chaves. Cabe destacar que 1972 é a data provável da transição do Centro de Atividades Musicais – CAM para o Serviço de Atividades Musicais – SAM (há indícios cronológicos dos programas de recitais datados deste mesmo ano). O curso de música foi autorizado a funcionar, a nível administrativo, como uma das habilitações do 2º grau do NPI. Contudo, o curso continuava a ser desenvolvido pelo SAM.

Dentro da incipiente proposta de extensão do SAM, foi realizado em Belém um seminário de música envolvendo artistas locais e de outras regiões. Quanto à pesquisa o SAM não tinha um setor que integrasse a pesquisa científica, contudo os trabalhos eram feitos por pessoas interessadas como o caso de Nivaldo Santiago que fez visitas aos terreiros de candomblé e trabalhou os cultos afro-derivados resultando tanto na pesquisa em si, quanto na composição. Sendo importante destacar a criação de periódicos chamados de “Camerata”.

O cenógrafo Marbo Gianaccini (diretor do CAM em 1972) procurou dar continuidade ao projeto do Nivaldo Santiago montando um fluxograma atendendo ao ensino, extensão e a pesquisa, apesar de ficar apenas oito meses na direção as diretrizes firmadas por Marbo Gianacini para o ensino foram cruciais para o SAM.

Em 1973 assume o professor Altino Pimenta que organizou pequenas mudanças na estrutura do curso levando a cabo o planejamento de Marbo Gianaccini. Com isso, oficializaram-se os cursos de musicalização, teoria aplicada, instrumentais e o curso de dança voltados para a área de ensino.

Dentro da perspectiva da extensão deste ensino foram criados diversos grupos artísticos estáveis como a Orquestra Profissional, Orquestra Juvenil, Coral da Universidade,

Madrigal da Universidade e O Grupo Coreográfico da UFPA e os grupos eventuais como os de Câmara: conjunto de Flauta doce do SAM, Conjunto de Câmara do SAM, Grupo Potfritz, Duo de Flauta e Piano, Duo Pianístico do Pará, Trio da UFPA e o Conjunto Pau e Corda.

Nesse contexto, dão-se os Encontros de Arte (o primeiro em 1974) como frutos das produções artísticas que pulsavam pela cidade por via dos diversos grupos artísticos existentes. Os encontros foram criados no período das festas de Nossa Senhora de Nazaré para contribuir para as festividades e ao mesmo tempo aproveitar a ocasião para trocar experiências e mostrar seus trabalhos.

As Semanas Pró-Arte foram criadas em 1975 no mês de abril após a semana santa que consistia em cursos, palestras e concertos acontecendo em varias locais artísticos da cidade. Era um evento menos expressivo que os Encontros de Arte, mas que congregava outros setores artísticos: artes plásticas, cênicas e musicais com artistas locais e convidados. Além disso, salientamos o Projeto EXPO-SAM criado em 1981 e destinava-se a ser mais um espaço de divulgação e produção das atividades musicais do SAM.

A EMUFPA também foi peregrina,funcionando em diversos cantos como: João Balbi, Gentil Bittencourt, Generalíssimo Deodoro, Almirante Barroso, Praça da República, José Bonifácio e Conselheiro Furtado. Ela integra-se à Rede Federal de Educação e Tecnologia do MEC concomitantemente a reconhecimento de escola profissionalizante vinculada a UFPA (2003). Assim, a Escola de Música vem a quarenta anos lutando pela promoção da música via os cursos de profissionalização e da inserção desses músicos na sociedade.

A estrutura de funcionamento dessas unidades vinculava-se a Pró-reitoria de Extensão – PROEX junto ao departamento de arte e cultura (SAM, STFP e o Grupo Coreográfico).

Esse processo de luta para e pela arte na relação academia e comunidade resultou na década de 90 na criação do Núcleo de Artes da Universidade Federal do Pará pela resolução nº. 569 de março de 1990, do CONSUN, como órgão ligado diretamente ao reitor para criar condições para as atividades de pesquisa, ensino e extensão desenvolvendo, assim, uma política artístico-cultural na UFPA.

Durante o processo de sua implantação, o NUAR funcionava na própria reitoria até ir para a sua futura sede, um antigo restaurante de luxo localizado próximo ao monumento da Praça da República construído com os poucos recursos oriundos da borracha: “Da arte que alimenta o corpo às artes que alimentam os sentidos o homem trata da sobrevivência do seu patrimônio mais expressivo: a cultura”. “(Vicente Salles 1992)”.

Por conseguinte, a criação do NUAR vem atender o desejo da UFPA, enquanto instituição, de socializar a cultura através das unidades de ensino: teatro, dança e música.



Deste modo, essas unidades, antes atreladas à PROEX, designadas como STFP e SAM transformaram-se respectivamente em Escola de Teatro e Dança e Escola de Música somando-se também os Serviços de Produção e Extensão: Madrigal da UFPA, Coral Cênico “Helena Coelho”, Octeto “Vox Brasilis”, Grupo Folclórico “Paraguara”, Grupo Coreográfico e Teatro Universitário.

O NUAR desenvolveu inúmeras atividades, em articulação com diversos setores da UFPA, tais como: coleção “Nós Originais” discos com obras de compositores paraenses, “Música e Memória” valorização e divulgação de compositores paraenses contemporâneos, “Edições NUAR” produções intelectuais na área artística nas séries Poesia, Ensaio, História e Dramaturgia.

Sobre os projetos que o NUAR realizou cabe destacar que em 1993 nasce o projeto Auto-do-Círio sob a consultoria do teatrólogo Amir Hadda que ministrou uma oficina de teatro de rua e dirigiu as montagens nesse mesmo ano e em 1994. O projeto é destinado a revitalizar o centro histórico de Belém através do teatro de rua na época do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Isso torna-se possível por meio das oficinas gratuitas de inserção no processo da comunidade artística das diversas áreas do conhecimento e a comunidade em geral (resultou em 2003 na dissertação de mestrado do professor Miguel Santa Brígida em artes cênicas UFPA/UFPA).

Também organizado pelo NUAR bienalmente, o Fórum de Pesquisa em Artes que é um evento que foi criado em 2002 para aguçar o debate artístico por meio das comunicações de textos, apresentação de painéis, lançamento de livros e mostras de artes visuais proporcionando, assim um diálogo nas diferentes áreas do conhecimento voltado para a arte e que, aliás, neste ano entra na sua terceira edição com o tema: “Arte, Hibridismo e Interculturalidade”.

Ademais, a escola de Música com o apoio do NUAR, viabilizava o ENARTE concebido em 1974 pelo maestro Altino Pimenta para promover a integração dos setores artísticos da UFPA nas áreas de música, dança, teatro, cinema, artes visuais e literatura tendo como clientela acadêmicos, artistas e a comunidade de forma em geral.

Em 2003 a extensão se consolida pelo reconhecimento por parte da PROEX, dos projetos do NUAR como projetos de extensão universitária. Isto é, os projetos mantêm a relação academia e comunidade por meio de ações mais efetivas, constituindo, assim, um aspecto cultural, científico e educativo da universidade em busca da transformação da sociedade. Dispondo para isso de recursos, de acordo com as normas da UFPA, para a viabilização dos mesmos.

O NUAR principiou pós-graduações Lato Sensu em 2003 na área de Semiótica e Artes Visuais e depois, até hoje, com a denominação de Semiótica e Cultura Visual, desenvolvendo também com os grupos de trabalhos os projetos de pesquisa, “Relações: Palavra e Imagem” (Coord. Drº. Afonso Medeiros) “Corpos Híbridos” (Coord. Drª. Valzeli Sampaio) e “Espacialidade e Visualidade” (Coord. Drº. Orlando Maneschy).

Em fevereiro de 2006, pelo empenho e necessidade de uma política maior para as artes o Conselho Universitário da Universidade Federal do Pará (CONSUN) extinguiu o NUAR e junto com ele o departamento de Artes. As graduações que este último comportava foram integradas ao Instituto de Ciências da Arte (ICA), ou seja, as ações do NUAR foram unidas com os cursos de Educação Artística (habilitação em artes plásticas e habilitação em música) que antes ficavam sob a incumbência do Centro de Letras e Artes. Assim, o Curso de Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas, passa a configurar a Faculdade de Artes Visuais. Enquanto, o Curso de Educação Artística, Habilitação em Música, passou integrar a Escola de Música.

Neste novo porvir o texto dos Links do ICA, bem descreve a sua missão no tópico 2: “Gerar, sistematizar e divulgar o conhecimento estético-artístico em todas as suas modalidades (sonoras, visuais, verbais e cênicas), em constante interação, visando a formação de profissionais da arte e do seu ensino, mediante processos integrados de pesquisa, ensino e extensão através da prática profissional crítica, reflexiva investigativa, pretendendo contribuir para o exercício pleno da cidadania, promovendo relações com o contexto sócio-econômico-cultural na contemporaneidade, sem jamais prescindir da perspectiva histórica e humanística, particularmente na (re) significação da complexa identidade do ser amazônico.”

Sendo assim, a criação do Instituto vai integrar e fortalecer o setor das artes dentro do contexto da universidade, proporcionando novos horizontes, pois este órgão além das atividades de extensão e produção, também comportará mais graduações na área das artes através de suas unidades de ensino; Escola de Teatro e Dança, a Escola de Música e a Faculdade de Artes Visuais.

Por tudo isso, é crucial imprimir uma releitura desses fatos no tempo presente sobre a luta para que a arte se emaranhasse nas veias da academia e da sociedade, através de suas atividades assentadas no tripé ensino, pesquisa e extensão universitária.

Logo, o ensino da arte via teatro, dança e música foi se organizando de forma esporádica, com as suas dificuldades metodológicas, estruturais e orçamentárias buscando nesses anos reconhecimento enquanto mecanismos socializadores da cultura, embora a situação atual precise ser melhorada, pois elas ainda permanecem na condição de cursos de

educação profissional misturadas as graduações na estrutura do ICA. Com isso, a academia perde em pesquisa, ensino e a sociedade é amputada de seu potencial criativo, sensível e crítico.

Alguns cursos como de teatro e música tem pesquisas sobre sua história graças a iniciativas de alunos da universidade que mantém vínculos com as escolas, todavia a história do curso de dança permanece “intocável” á inquietações. Ao me ver, um crime contra a identidade e a memória dos artistas que acreditaram neste sonho.

As políticas em detrimento da arte pela universidade estão dispersas num rio de águas turvas, ou seja, forças políticas fecham os olhos para a cultura e os arregalam para outros campos de pesquisa e a arte pára e não pára na nebulosa intempérie do poder da academia.

Esse esforço através das atividades no âmbito do ensino, pesquisa e extensão universitária permite-nos observar idiossincrasias que se materializam na produção e divulgação de conhecimentos na esfera da arte (diversos ramos que se tocam e entrelaçam-se para uma maior compreensão do fazer artístico) proporcionados também a comunidade. Buscando engendrará-la no processo de fomento da cultura por meio das conferências, encontros cursos profissionalizantes, oficinas e atividades artística. Vale ressaltar que a Universidade Federal do Pará tem demonstrado na atualidade um olhar mais sensível para este campo refletindo no apoio dado as ações do ICA.

Desta forma, a universidade chama para si a responsabilidade ao favorecer essas atividades e reconhecendo-as, por parte da PROEX, como atividades de caráter extensionista. Ademais, garantir um local as peregrinas Escola de Teatro e Dança e Escola de Música, é sobretudo assegurar um compromisso com a arte. Além disso, a partir de 2000 foi alargado a perspectiva intelectual, através dos convênios feitos com outras Instituições Federais de Ensino Superior, permitindo, assim a qualificação de mestres e doutores oriundos da Escola de Teatro e Dança, Escola de Música, Artes Visuais e também inclusos nesse programa os professores do Núcleo Pedagógico Integrado e do departamento de Arquitetura.

Por conseguinte, a transformação do NUAR no Instituto de Ciências da Arte representa o esforço de uma multidão de rostos conhecidos, anônimos e outros “esquecidos” pelo movimento constante e dinâmico da memória coletiva em seus aspectos psicológicos e biológicos durante a inversibilidade do tempo na historia para a invenção de identidades artísticas amazônicas conquistando, assim bravamente o direito á cultura, e à uma vida poeticamente mais digna e sensível às cores da imaginação.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Líliam, GOMES, Luciane. *Memória e História: 40 anos da escola de música da UFPA*. Belém EDUFPA, 2004.
- BELÉM. Núcleo de Arte. *Projeto: Em Busca de Novas Linguagens Artísticas*. Proposta de Intercambio Artístico-Cultural entre a Universidade Federal do Pará e a Universidade de Tirol e Tiroler Landes Theater. Belém, PA [s.n],1993.
- COIMBRA, Oswaldo. Cláudio Barradas. *O lado invisível da cultura Amazônica*. Belém: CNPq, 2004.
- GOFF, Jaques Le. *História e Memória*. SP: UNICAMP, 2003
- MARTINS, Adriana. MARQUES, Daniele e ALMEIDA, Juliana. *Uma Escola em Atos: A trajetória da escola de Teatro e dança da Universidade Federal do Pará*. Monografia do curso de jornalismo. Belém, 2005.
- MOREIRA, Eldorte. *Para a história da universidade Federal do Pará* (panorama do primeiro decênio) Belém: Grafisa, 1971.
- SALLES, Vicente. *Catálogo de Inauguração do Núcleo de Artes*. Belém: Ed. da UFPA, 1992.
- SARGES, M. Nazaré. Belém: *Riquezas Produzindo a Belle-Époque (1970-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.



---

## *Artigos*

---

ÁREA TEMÁTICA

**DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA**

---

## Capacitação de educadores e técnicos sociais de programas governamentais e não-governamentais na área da infância e adolescência

---

*Geise do Socorro Lima Gomes (geise@ufpa.br)*

Graduando em Psicologia/UFPA

*Maria de Nazaré Palheta e Silva (enaza@ufpa.br)*

Psicóloga-Especialista/UFPA

### Área temática: DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

**RESUMO:** *Em sua maioria, nas instituições que atuam na área da política de atenção à infância e adolescência, os programas e projetos são desenvolvidos com os usuários, não sendo desenvolvido trabalhos com os educadores sociais. A complexidade do universo de vivência cotidiana dessas crianças e adolescente exige por parte dos educadores e técnicos sociais uma atualização constante de saberes e práticas embasadas em princípios sociais e psico-pedagógicos. Visando a importância de se dar também atenção e esses educadores, este projeto desenvolve um trabalho na prática de capacitação psicossocial a Educadores Sociais e Técnicos, com objetivos de: participar na elaboração e reflexão coletivas e individuais, visando à reformulação de estratégias no cotidiano institucional; realizar intervenções grupais, visando maior interação dos atores sociais envolvidos nos programas; fomentar a troca de saberes entre a universidade e as Organizações Governamentais e Não governamentais na área da infância e adolescência. Através de encontros agendados realizam-se oficinas sócio-educativas, reuniões, discussões de textos didáticos, dinâmicas de grupo e técnicas grupais. Os resultados apontam para um fortalecimento, integração e socialização do grupo, uma prática interdisciplinar pautada em conhecimentos sólidos que possibilita o desenvolvimento de um acervo bibliográfico especializado na área da infância e adolescência, vislumbrando uma relação produtiva entre comunidade e universidade, resultados positivos os quais se pode verificar em relatos como: “Ouvir, falar, gritar, ler, sorrir, confiar... Nossa! Foram tantas atitudes e emoções. Foi realmente emocionante do primeiro até o último momento. Ouvir o grupo falar dos seus valores, desejos e expectativas, foi um privilégio”. (Técnico-Psicólogo)*

Palavras-chave: *educadores sociais, infância e juventude.*

### APRESENTAÇÃO

*“Dizes que sou o futuro,  
Não me desampares no presente.  
Dizes que sou a esperança da Paz  
Não me induzas à guerra.  
Dizes que sou a promessa do bem,  
Não me confies ao mal.  
Dizes que sou a luz dos teus olhos,  
Não me abandones às trevas.  
Não espero somente o teu pão,  
Dá-me luz e entendimento”.*

*Chico Xavier*

Este trabalho surgiu das atividades desenvolvidas pelo Projeto “A escuta dos Educadores sociais em organizações de atenção à infância e adolescência”, que vem efetivando e sistematizando uma qualificação através de capacitações aos profissionais do Movimento Cultural do Tapanã (MOCULTA) e a pais da Fundação da Criança e Adolescente do Pará (FUNCAP/Escola da Família), vinculado ao Programa Infância e Adolescência (PIA). Este programa foi criado em 1992, com objetivo de discutir no âmbito do Curso de Serviço Social e da Universidade Federal do Pará (UFPA), a questão social da infância e da adolescência, visando estimular e subsidiar ações sistemáticas junto ao segmento infanto-juvenil, sobretudo o que vive em situação de pobreza. Sua trajetória remonta ações em curso há quinze anos em parceria com o Movimento República de Emaús (MRE); Fundação Papa João XXIII (FUNPAPA) e recentemente com a organização não-governamental MOCULTA e a governamental Fundação da Criança e do Adolescente do Pará (FUNCAP).

Desde sua criação, o PIA executou vários projetos em parcerias com organizações governamentais e não-governamentais, atingindo os mais variados objetivos, dentre estes: fortalecimento do vínculo institucional entre UFPA e instituições conveniadas através de Estágio Curricular em Serviço Social; assessoria e parceria com o Centro de Defesa da Criança e Adolescente (CEDECA/Emaús) na organização e execução de ações conjuntas de defesa dos direitos de crianças e adolescentes; assessoria ao Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMNR) e ao Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDCA/PA), com objetivo de estimular a implantação das comissões locais do MNMNR.

Diante destas práticas realizadas por este programa percebeu-se que a formação de educadores e técnicos que desenvolvem sua ação em programas de educação social para crianças e adolescentes se faz necessária para o desenvolvimento de sua prática profissional, garantindo assim o que coloca o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) no cap. II Art.15: “A criança e o adolescente tem Direito à liberdade, ao respeito e a dignidade como pessoas humanas em processos de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas Leis”. (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOELSCENTE, 1993). Estas crianças estão tendo – por quaisquer motivos – seus direitos ameaçados ou violados, então se torna desse modo um desafio de grandes proporções a capacitação de educadores e técnicos através de reflexões e discussões de suas práticas institucionais a fim de que se tornem facilitadores abertos a novas experiências. Com isso justifica-se a criação do Projeto “A Escuta dos Educadores Sociais em organizações de atenção a infância” reafirmando a importância de se estimular e apoiar iniciativas capazes de

contribuir com a capacitação de educadores e grupos sociais para identificação das necessidades, interesses e perspectivas de segmentos expressivos da população como crianças e adolescentes e suas respectivas famílias que vivenciam situações de risco social e pessoal.

### O QUE É O PROJETO “ESCUTA”?

O “Escuta” visa contribuir no processo de capacitação psicossocial de educadores e técnicos sociais vinculados a Programas Governamentais e Não-Governamentais na área da infância e adolescência participando na elaboração de ações e reflexões coletivas e individuais, que objetiva a reformulação de estratégias no cotidiano institucional, realizando intervenções grupais, visando maior interação dos atores sociais envolvidos nos programas que por sua vez fomenta a troca de saberes entre a Universidade e as Organizações Governamentais e Não Governamentais na área da infância e adolescência.

Sabemos que todo ato educativo é um fenômeno complexo que pressupõe uma abordagem interdisciplinar, com a interação de várias áreas do conhecimento assim, para que possamos dar conta de descrever, explicar e propor estratégias de atualização de educadores e técnicos sociais parte-se do entendimento de que:

“Partilhar experiências configura-se como um movimento rico e complexo. A riqueza reside na possibilidade de, ao relatar trajetórias, estabelecer espaços de troca e reflexão que sejam propulsores de idéias, saberes e novos caminhos. A complexidade se materializa quando se projeta dialogar com olhares diversos, exigindo que significados, princípios, crenças, opções teóricas sejam re (visitados) e postos em debate”. (BATISTA, 1999, p. 149).

Em sua maioria, os programas sociais envolvem crianças e adolescentes que vivem em famílias desprovidas de bens e serviços básicos necessários à sua sobrevivência, acarretando implicações comprometedoras no seu processo de socialização.

Não raro, a rua torna-se o espaço privilegiado de vivências que tendem a prejudicar o processo psíquico das crianças e adolescentes, como: drogas, furto, delitos, violência sexual e muitas outras questões (WALLON, 1998; LOBATO & RÊGO, 1999; KESSLER et al., 2003).

A complexidade do universo de vivência cotidiana dessas crianças e adolescentes exige por parte dos educadores e técnicos sociais uma atualização constante de saberes e práticas embasados em princípios sociais e psico-pedagógicos, para que possam enfrentar as adversidades colocadas.

### A ESCUTA

Partindo do princípio que o planejamento de qualquer atividade é desenvolvida com as demandas que os próprios grupos de educadores apresentam, o primeiro passo que é desenvolvido tem sido a observação participativa, onde temos a oportunidade de realizar um



reconhecimento psicossocial e espacial do grupo. No segundo, discutimos com o grupo as observações realizadas e com base nesta discussão formulamos e realizamos a proposta de capacitação em temáticas do interesse e necessidades dos grupos. Esta discussão poderá ser de forma sistemática ou assistemática dependendo da situação, já que nossa finalidade é que esta promova o processo de auto-gestão do grupo.

O terceiro passo consta em apresentar ao grupo, a proposta de trabalho formulada, que se desenvolverá com a utilização de técnicas psico-pedagógicas como: o desenvolvimento de oficinas, técnicas de trabalhos com grupos sociais (dinâmicas de grupo, jogos, etc.), grupos de discussão, leitura e discussão de textos e outros, enfocando os temas que dizem respeito à relação entre educador e educando, bem como temas de ordem social e peculiar à realidade do trabalho comunitário dirigido a crianças e adolescentes em contexto de pobreza.

Assim são identificados aspectos envolvidos na tarefa educativa promovendo discussões e novas formas de organização grupal. Nestas capacitações são suscitadas reflexões acerca da relação dos educadores com a comunidade, sobretudo em relação às crianças e famílias atendidas pelas duas instituições parceiras deste projeto.

#### TRABALHANDO COM OS EDUCADORES: EXEMPLO DE UMA CAPACITAÇÃO.

Temática: “Adolescência”

Nesta temática objetivou-se trabalhar com o grupo de educadores o conceito de adolescência como uma fase natural do desenvolvimento humano, explanando suas dificuldades peculiares (FARIAS, 2006). Foi ressaltada a importância da participação efetiva da família, principalmente como suporte emocional na reestruturação das crises que ocorrem devido às mudanças tão significativas desta fase, ajudando assim a dar uma melhor base psicológica para a construção da idade adulta deste adolescente. Apontamos também algumas particularidades na relação educadores e adolescentes evidenciando seu papel na formação destes.

Baseados em teorias psicológicas sobre o desenvolvimento da adolescência (FARIAS, 2006; ALVES, 2006), foi colocado que as transformações ocorrem em três aspectos: Biológico, Psicológico e Social, ressaltando questões como a transformação corporal (hormônios), engajamento em grupos de iguais em busca de plena integração social, os processos psíquicos conflituosos e persistentes esforços de auto-afirmação.

Ressaltamos que devido a estas amplas e profundas mudanças, é comum a ocorrência freqüente de crises, e que, porém não devem ser vistas como distúrbios indesejáveis, mas sim

como fenômenos necessários para ensaios e erros, na busca de um novo sentido para si, do outro e de seu papel social.

Evidenciamos também, uma possível explicação, com bases na psicanálise, em que, estas crises ocorrem devido aos processos de luto em que o adolescente vivencia ao se deparar com três perdas fundamentais neste período evolutivo, que são: a perda do corpo infantil, a perda dos pais da infância, e a perda da identidade e do papel sócio-familiar infantil (DOMINGOS & MALUF, 2003). Sendo assim, o eixo central da reestruturação biopsicosocial dos adolescentes seria que estes conseguissem vivenciar a elaboração destes processos de lutos. Um educador fez um comentário relevante nesta capacitação, que foi discutida amplamente:

“Eu percebo isso como uma questão social, os valores de antigamente eram baseados naquela sociedade. Mas hoje, com toda a influência das tecnologias, da globalização, os valores são outros, e até que ponto isso influencia no comportamento deles? É mais fácil alienar os adolescentes do que os adultos, que já tem mais uma opinião amadurecida. Hoje a mídia é muito mais formativa do que informativa”. Educador Social

Demonstramos a grande importância da presença e participação ativa da família, principalmente neste momento da vida de seus filhos, como suporte que eles necessitam, pois são seus modelos, por mais que se rebelem contra os pais, continuam a vê-los como modelos basicamente valorizados e a construção de sua identidade será consideravelmente influenciada por isso, pois é na família que ocorre o desenvolvimento psicológico do adolescente.

Posteriormente colocamos algumas considerações sobre a relação educador e adolescente (MACIEL, 2005; SILVA, 2006) explanando que a relação pedagógica deve ser construída com o educando e não sobre ele, e que não haja uma imposição de valores por parte do educador sobre o desejo do adolescente, ocorrendo assim a comparsaria pedagógica.

Na arte da aproximação, o educador experimenta o reencontro com a sua adolescência, com o que poderia ter sido. Neste momento educador e adolescente pactuam, buscando produzir novos caminhos para ampliar as possibilidades de vida.

Ressaltamos a importância da paciência pedagógica, pois em alguns momentos o educador avalia que em seu trabalho as “coisas não estão caminhando”, ou pelo menos não estão conforme o desejo do educador. É a experiência desafiando a paciência pedagógica.

A oficina foi finalizada com algumas considerações dos educadores, como:

“Acho que o mais difícil de trabalhar é a comparsaria pedagógica, temos que ter esta pedagogia de fazer com o adolescente e não para ou sobre ele, porque se você faz para ele, ela não vai aprender a assumir aquela responsabilidade”. Educador Social.

“As imposições da sociedade faz com que a gente realmente esqueça que um dia fomos adolescentes e crianças também. Na minha opinião, a gente não deve deixar adormecer a criança que existe em nós”. Educador Social.

## RESULTADOS GERAIS DAS CAPACITAÇÕES

Nas capacitações os grupos têm demonstrado que estão mais coesos, mostrando interesses pelos temas escolhidos e participam das atividades e expressam desejo de continuar o trabalho como se pode observar nos relatos:

“A formação contínua sendo de extrema importância e grande valia para mim e espero que prossiga uma vez que é através dessa que conseguiremos alcançar nosso ideal”.Educador social.

“Essas atividades têm sido bastante produtivas, representando uma oportunidade de expor o que estava sentido e ouvir os colegas”.Educador Social.

“A parceria que o PIA tem desenvolvido com seu trabalho, cuja experiência contribui para o conhecimento e esclarecimento junto aos nossos usuários, tem permitido também a reflexão das experiências vivenciadas”.Técnica Funcap

“O processo formativo de educadores e técnicos que desenvolvem ações cotidianas à população infanto-juvenil, torna-se de suma importância para a capacitação e reavaliação das dimensões da prática profissional, o projeto a Escuta, transcende os muros da universidade contribuindo com a formação dos atores envolvidos com a temática da infância e adolescência.” Técnica do Moculta

As reflexões e discussões fazem com que a composição do grupo varie. Respeita e faz respeitar as diferenças de opinião levando-os a concluir que é o modo de agir de cada um, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem e qualidade de relação, fundamentando-se numa determinada concepção do papel de educador, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade. Concluímos assim, que estes resultados das atividades em parcerias com entidades fora do âmbito da universidade muito têm contribuído para o desenvolvimento das atividades tanto destas quanto do projeto “Escuta”, pois o aprender tornou-se mais interessante com a troca de saberes, por meio de valiosas discussões e reflexões sobre diversas temáticas que despertavam cada vez mais a curiosidade de todos permitindo que novas experiências fossem vivenciadas no cotidiano de suas práticas: as educacionais, com os técnicos e educadores e dos pais e mães no dia a dia de suas relações afetivas com seus filhos.

A Capacitação de educadores e técnicos sociais de programas governamentais e não-governamentais na área da infância e da adolescência desenvolvido no Projeto “A Escuta de Educadores Sociais em organizações de atenção à infância e adolescência”, são propostas de trabalho enriquecedoras tanto para aqueles a que se destinam como para os que podem fazer dele seu campo de atuação e de aprendizagem.

Ao decorrer do trabalho, algumas dificuldades surgem, como por exemplo: falta de recursos, falta de material para as capacitações, alguns fatores externos que dificultam a realização destas, entre outras, mas que devem ser vividas e enfrentadas.

A experiência da realização deste trabalho tem demonstrado significativa importância para a formação acadêmica e profissional dos que desenvolvem essa atividade e mais importante ainda é poder estar realizando esta troca de conhecimentos com a expectativa de que ao final, crianças e adolescentes possam receber melhor atendimento, melhor educação, de pessoas que conhecem e compreendem o processo de desenvolvimento que estão vivenciando, respeitando assim suas peculiaridades. Dessa forma, favorecem-se situações em que estes se sentem a vontade para expressar seus sentimentos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. *O imaginário da infância e do adolescente*. Disponível em: <http://www.moderna.com.br>. Acessado em: 10/09/2006.

DOMINGOS & MALUF. *Experiência de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16 (13), p. 577- 589. 2003.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Centro Brasileiro para a infância e adolescência. Ministério do bem estar social, 1993.

FARIAS, M. A. *ADOLESCÊNCIA – do que estamos falando?* Disponível em: <<http://www.brazilpednews.org.br/setem99/ar9903.htm>>. Acessado em: 12/10/2006.

KESSLER, F. *et al. Psicodinâmica de adolescentes envolvidos com drogas*. Revista de psiquiatria.Rio Grande do Sul, vol. 25 (1), Porto Alegre. 2003.

LOBATO, D. M.; RÊGO, S. M. A. *Drogas e reincidência: um estudo dessa relação no espaço recomeço – EREC e Centro de internação de adolescentes femininos – CIAF*. Trabalho de conclusão de curso. Belém: UFPA. 1999.

MACIEL, M. *Sobre a relação entre Educação e Psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação*. Interface: Comunicação, Saúde, Educação, vol.9, n.17 Botucatu Mar./Aug. 2005.

SILVA, C. S. R. da. *A Relação Dinâmica Transferencial entre professor-aluno no ensino*. Ciências & Cognição; ano 3, v. 8. Disponível em <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acessado em 05/09/2006.

WALLON, Henri. *Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes. 1998.

## **Trabalho Social com adolescentes retiradas do trabalho doméstico e suas famílias**

---

*Rita de Cássia Pinto Melo (ritacmel@yahoo.com.br)*  
*Roberta Kelly Tavares dos Santos (piatidufpa@yahoo.com.br)*

Graduandos em Serviço Social da UFPA  
(Bolsa de Extensão – PIBEX)

Área temática: DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

Palavras-chave: *trabalho infantil doméstico; infância e adolescência; família.*

### **APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVAS**

A sociedade contemporânea vem lidando com uma complexa gama de fenômenos sociais resultantes das conseqüências mais diretas da desigualdade na apropriação de renda, bens e serviços. Um desses fenômenos é o desemprego, presente de forma crescente num mercado cada vez mais competitivo e automatizado. Para famílias pobres, o desemprego dos pais redundando, entre outras conseqüências, em trabalho infantil em suas diversas formas. A inserção de crianças e adolescentes no trabalho doméstico é multifatorial: a pobreza estrutural; o baixo nível de renda dos adultos, insuficiente para assegurar a sobrevivência da família; abandono materno e paterno; separação conjugal dos pais; desemprego dos pais; alcoolismo; orfandade; a ineficiência do sistema educacional brasileiro que não é capaz de atrair e manter crianças das classes populares nas escolas; o sistema de valores e tradições da arraigados na cultura da valorização do trabalho como contraponto ao ócio e a prática de atos infracionais; o desejo da própria criança ou adolescente de trabalhar desde cedo de modo a buscar sua independência em relação à família e, a possibilidade sedutora de ter acesso a determinados bens de consumo.

Mais recentemente, a ação de organismos internacionais, governos e entidades da sociedade civil vêm descortinando um tipo de trabalho infantil pouco visível ao olhar comum – o trabalho infanto-juvenil doméstico. A doutrina de proteção integral preconizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei 8.069/90) constitui-se em novo paradigma para a defesa de direitos sociais no Brasil, iniciando então, um processo de mudança do cenário brasileiro no qual milhões de crianças e adolescentes sofrem com a exploração de sua força de trabalho. A exploração pelo trabalho é uma das piores formas de exclusão social, levando em conta que uma criança que trabalha compromete seu desenvolvimento físico, psicológico e social de maneira integral. No entanto, a configuração histórica da política, econômica, social e cultural do Brasil colaboram para a manutenção do senso comum de grande parte de famílias que têm crianças e/ou adolescentes trabalhadores, essas crêem que

trabalhar desde a infância é possibilidade de romper com a pobreza. A literatura disponível sobre essa temática indica que a substituição da infância pelo trabalho forma adultos com enormes dificuldades de competir no mercado de trabalho, pois o trabalho precoce inviabiliza a frequência regular na rede de ensino, causam problemas físicos e psicológicos com reflexos nas áreas afetivas, comportamentais e sociais, influencia na capacidade produtiva em razão de longas e penosas jornadas de trabalho, em especial para crianças que executam atividades insalubres, penosas e perigosas. E, por fim, o trabalho na infância compromete a capacidade de pensar e realizar projetos de vida em patamares de dignidade e respeito, na perspectiva de cidadania. Portanto, o processo de erradicação do trabalho infantil é uma tarefa urgente que exige ações de diversas naturezas e campos, como a prevenção e a promoção de condições efetivas de sobrevivência baseados no respeito e dignidade. Envolve a participação de todos os segmentos da sociedade brasileira, inclusive as universidades através de seus programas de pesquisa, ensino e extensão. “A tarefa de retirar a criança e o adolescente do trabalho precoce e muitas vezes perigoso, insalubre, penoso ou degradante não é só do governo, mas deve se tornar uma preocupação da sociedade brasileira como um todo” (MPAS,2002). Nesse sentido o engajamento de estudantes de Serviço Social nesse processo é, ao mesmo tempo, uma ação de ensino e extensão, considerando que para intervir é necessário o conhecimento dos determinantes históricos, econômicos, políticos e sociais. A proposta deste Trabalho é, portanto, uma possibilidade de inserção em ações pedagógicas junto a crianças e adolescentes retirados do trabalho doméstico, com vistas a transformar o quadro de vulnerabilidade física, social e psicológica a que foram submetidas, levando-as a socialização para uma vida cidadã, além de buscar fortalecer as bases familiares destes atores. Nas oficinas, discute-se a concepção de família na perspectiva das configurações de famílias concretas e não de modelos idealizados, como foi observado quando o grupo se expressou a respeito de como é a sua família. Assim, se desconstrói e se reconstrói na perspectiva de levar o grupo a pensar a sua realidade de forma reflexiva. Discute-se também o papel dos pais na criação dos filhos, em especial, o da mãe que cria os filhos sem a presença de um parceiro; as dificuldades cotidianas, as relação com as bases de apoio familiar, as relações no campo da afetividade e as relações com o poder público na garantia de seus direitos enquanto cidadãos.

## NOSSOS PARCEIROS

Este Trabalho faz parte de um projeto vinculado ao PIA que no ano de 2003, incluiu entre suas ações de extensão um trabalho em parceria com o Movimento República de Emaús, através do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente – CEDECA EMAÚS – em parceria

com entidades governamentais e não-governamentais: UNICEF, Ministério Público, Ministério Público do Trabalho, Delegacia Regional do Trabalho, Sindicato das Trabalhadoras (as) Domésticas – SINTDAC, Secretaria Estadual de Proteção Social – SETEPS, Fundação da Criança e do Adolescente – FUNCAP, Fundação Papa João XXIII – FUNPAPA, FUNDACENTRO e, pela Universidade Federal do Pará – UFPA. A participação da Universidade se faz de duas formas: no campo da pesquisa, por meio do Grupo de Estudo e Pesquisa da Infância e Adolescência – GEPIA, que produziu o primeiro estudo local sobre a temática servindo de base para a implementação do Programa voltado para o enfrentamento ao trabalho infantil doméstico, e através da Extensão com o PIA. Que tem contribuído para o fortalecimento, como recurso de empoderamento pessoal, de famílias de crianças e adolescentes retiradas do Trabalho Infantil Doméstico. O PIA tem criado inúmeros resultados positivos no Programa do CEDECA, dentre os quais se podem destacar a escolha do Programa do TID como uma experiência de “Boas Práticas”, pela Organização Internacional do Trabalho – OIT. Nesse sentido, o presente Trabalho visa dar continuidade a esta ação que tem por objetivo dar visibilidade para a situação de crianças e adolescentes envolvidos no trabalho doméstico, que é considerada a forma mais cruel de exploração, dada à vulnerabilidade em que as vítimas se encontram, que atinge esferas em caráter físico, psicológico e sexual. No decorrer das ações executadas nesse trabalho anterior, notou-se a necessidade de ampliar o público alvo e atender as famílias dessas crianças e adolescentes envolvidos em trabalho doméstico. No campo teórico está sendo utilizada a teoria sistêmica que analisa a família como um sistema de interação, sendo assim, se faz necessário conhecer os membros desta família e captar a forma como estes se relacionam e interagem. Desta forma visamos promover junto às crianças e adolescentes, envolvidos em trabalho doméstico, o fortalecimento de suas bases familiares buscando junto com estes o crescimento de cada membro de sua família, destacando seus papéis e funções dentro dessa dinâmica. A ação de enfrentamento ao trabalho infantil doméstico tornou-se uma preocupação mundial e, no Brasil organizações internacionais como o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, a Organização Internacional do Trabalho – OIT, Cordad, Save de children, Fundação Abrinq estão engajadas nesta causa, além do envolvimento do setor público e privado e ainda da sociedade em geral. Muitas crianças e adolescentes encontram-se com seus direitos violados pelo trabalho, apesar das leis brasileiras, dentre elas o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, e do Brasil ser signatário das Convenções Internacionais rezarem contra essa prática. Estatisticamente, somente no Brasil, meio milhão de crianças e adolescentes estão envolvidos em trabalho doméstico, desde contingente 10% encontra-se na região norte do país. O estado

do Pará apresenta especificidades, dentre elas a migração de meninas do interior do estado para a capital tendo o trabalho doméstico como esperança de melhores oportunidades de vida. Essa estratégia acaba criando novos problemas: além da exploração desta em casa de terceiros podemos ainda observar o enfraquecimento do vínculo familiar. Neste sentido, a participação de alunos de Serviço Social em atividades de extensão que visem a contribuir com políticas públicas de assistência à infância, adolescência e também as famílias que se encontra em risco social e pessoal, buscando enfrentar essa questão é de fundamental importância dada à gravidade situacional dessa parcela da sociedade.

Nossos objetivos são o de contribuir no processo de prevenção e erradicação ao trabalho infantil, em especial ao trabalho infantil doméstico através de oficinas sócio-educativas para crianças e adolescentes e suas famílias e com isso facilitar o processo de expressão de conteúdos que compõem a auto-imagem de crianças e adolescentes envolvidos em trabalho doméstico, estimulando a auto-estima, buscando possibilitar a construção de referenciais saudáveis para estruturação de suas vidas e de suas famílias. Estimular a participação do grupo familiar no processo de prevenção e combate ao trabalho infanto-juvenil doméstico; Incentivar, o protagonismo juvenil a partir do conhecimento dos direitos da criança e do adolescente. Elaboração de perfil das famílias cadastradas no projeto, moradoras no bairro do Benguí e Pantanal para identificar, a partir desse perfil, as potencialidades pessoais e sociais das famílias, como recurso de empoderamento para o enfrentamento de situações cotidianas; Produzir e reproduzir informações atualizadas sobre o papel da família no processo de estruturação de seus filhos adolescentes para sua emancipação com responsabilidade; Sistematizar os conteúdos elaborados pelos familiares e pelas meninas de modo a servir de base para a intervenção junto aos dois grupos; Identificar o potencial do entorno (comunidade, bairro) para elaboração do mapa de base de apoio familiar e social.

Como desenvolvemos o TID: este trabalho se desenvolve por meio de um processo que se denominou de grupalização que consiste em estimular a participação em um grupo, identificado por uma característica em comum, neste caso crianças, adolescentes e famílias, em situação de trabalho doméstico. A idéia é de fortalecimento de habilidades pessoais e sociais, de modo que o grupo venha a se constituir numa unidade autônoma, com identidade própria. As oficinas sócio-educativas são o meio pelo o grupo se desenvolve e consistem no planejamento e realização das atividades a partir de um tema selecionado em função dos objetivos do projeto e das demandas do grupo que interage na apreensão de informações sistematizadas por meio de exposição com uso de transparência, leitura de textos, de gráficos, de mapas, projeção de vídeos, trabalhos em grupo, discussões e reflexões. Os participantes



são estimulados a exercitarem uma experiência individual, em duplas ou em grupo de modo que possam sentir e internalizar o conteúdo da técnica aplicada. Os processos de vivência vão desde uma dança até uma dramatização. As técnicas vivenciais reforçam e completam a apreensão de informações adquiridas pelo processo cognitivo.

Tanto no grupo das crianças e adolescentes quanto no grupo de pais/responsável familiar, por ser um trabalho seqüencial e progressivo, utiliza-se, como facilitador do trabalho, as técnicas da escuta por meio do “jornal falado”, feito na parte inicial de todas as Oficinas. Dá-se atenção às queixas iniciais, geralmente relacionadas com necessidades materiais imediatas: doenças, desemprego, alcoolismo, violência doméstica, conflitos familiares. A escuta também é feita na forma de intimidade verbal – momento durante as oficinas que sucedem alguma reflexão ou vivência no qual a pessoa é estimulada a compartilhar suas percepções, seu processo durante o exercício. Os participantes são estimulados a se reconhecerem enquanto membro de um grupo com objetivos comuns, que tem uma geografia, que tem um território, que tem uma cultura; As relações do grupo se dá em forma de um círculo no qual com as mãos entrelaçadas buscam qualificar as relações interpessoais pelo contato corporal, pelo contato visual, pela expressão vocal, pela auto-nutrição e, concentração. As oficinas buscam incentivar a cultura amazônica através de dança, música e de textos, de poemas e poesias. No desenvolvimento das oficinas é assegurado o direito a privacidade e a livre expressão de idéias, fatos e sentimentos, o que garante a formação de vínculo de confiança.

O projeto se norteia em vários ramos do conhecimento no campo das Ciências Humanas, em especial no instrumental teórico-metodológico do Serviço Social no que se refere ao trabalho com grupos. Nesse sentido são utilizados textos de autores do Serviço Social tais como os de IAMAMOTO (2001) no que concerne a garantia dos direitos sociais. Para essa autora, na sociedade encontram-se os elementos intrínsecos das relações sociais, ou seja, as contradições e os impasses pelos quais se realizam como conseqüências das desigualdades e das lutas de classes, da relação: dominados e explorados, dos que estão à margem da sociedade. Na experiência com os pais/responsáveis familiares, esse elemento torna-se ponto-chave na obtenção de ganhos qualitativos, como: o esclarecimento dos direitos, o incentivo à mobilização grupal, o fortalecimento das relações sociais na família e na comunidade e a apreensão de conhecimentos que permitam construir um processo de conquista da qualidade de vida dos participantes na condição de sujeito social, neste caso – os pais/responsáveis familiares, na construção de uma sociedade menos desigual. Nesse contexto, o desafio maior do profissional de Serviço Social é, portanto, de enfrentamento da

questão social, na perspectiva da condição do sujeito social como indivíduo que tem potencial para enfrentar as situações adversas e não como vítimas passivas da exploração e da exclusão social. Daí a ênfase em estimular a busca pelo exercício de seus direitos, construindo ações que garantam melhores condições de vida, conforme enfatiza IAMAMOTO (2001, p.199) “*Cidadania voltada para a incorporação política progressiva dos setores excluídos de direitos na prática social, ainda que tidos como necessários e válidos para a produção da riqueza social, como riqueza para todos*”.

## RESULTADOS ESPERADOS

A execução do trabalho trará avanços práticos e teóricos para o discente e docente de Serviço Social, técnicos e a comunidade envolvida, em decorrência da experimentação de técnicas de trabalhos grupais no contexto sócio-político e cultural da comunidade, possibilitando inovar a ação do profissional no trabalho de grupo, a partir dos resultados obtidos tais como: desenvolvimento de habilidades de competência interpessoal que favorecem uma nova forma de relacionamento com a escola, a família e a comunidade (Art. 4º do ECA); elevação da auto-estima do grupo familiar; aumento da capacidade de organização das famílias na comunidade; identificação por cada família de suas bases de apoio e, disseminação da experiência para outros grupos sociais.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, M. A. GUERRA, V. N. A. *Infância e Violência Doméstica: Fronteiras do Conhecimento*. São Paulo: Cortez, 1993.
- BOFF, Leonardo. *O despertar da Águia*. O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.
- CAVALCANTE, Lilia Iêda Chaves. *O afeto e seu avesso: um estudo sobre abandono e violência na família*. UFPA, 1999.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Democrática*. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.
- ECA-*Estatuto da Criança e do Adolescente*.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma*. 4. ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.
- HAZEU, Marcel. *Direitos Sexuais da Criança e do Adolescente*. Belém. Movimento República de Emaús/TXAI. 2004.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela. *O Serviço Social na Contemporaneidade*. São Paulo. Cortez. 2001.
- LAMARÃO, Maria Luiza Nobre, MACIEL, Carlos Alberto Batista. (org). *Mulheres do Benguí: contando historias de Trabalho Infantil Domestico*. Belém, Gráfica Alves, 2006.

LAMARÃO, Maria Luiza. O Trabalho Infantil Doméstico e a Condição feminina. In: VIVARTA, Veet (Coord.). *Crianças Invisíveis: o enfoque da imprensa sobre o Trabalho Infantil Doméstico e outras formas de exploração*. São Paulo, Cortez, 2003.

LAMARÃO, Maria Luiza.MENEZES, Stela Maria Lima. FERREIRA, Wanderléa Bandeira. *O Trabalho Doméstico de Meninas em Belém*. Cedeca Emaús, 2002.

Ministério da Previdência e Assistência Social –MPAS. 1ª edição. Brasília, maio de 2002.

MONTEIRO, Luiza Pereira. CARDOSO, Norma. A família e a criação dos filhos. In. SOUZA, Sônia M. Gomes. RIZZINI, Irene. *Desenhos de família criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais*. Goiânia. Cãnone Editorial, 2001. p. 95-115.

PILOTTI, Francisco, RIZZINI, Ireni (Orgs.). *A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano Del Niño, ed. Universitária Santa Ursula, Amais livraria e editora, 1995.

RIZZINI, Irene. *Olhares sobre a criança no Brasil: séc.XIX e XX*. Rio de Janeiro. Petrobrás BR. Ministério da Cultura. USU Es. Universitária: Amais, 1997.

*Trabalho Social com Família* - Série em defesa da convivência familiar e comunitária. Terra dos Homens.

# O processo de favelização e o plano de desenvolvimento local/ Riacho Doce e Pantanal<sup>1</sup>

---

Sibely de Oliveira Pantoja

Serviço Social da UFPA

Área temática: DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

**RESUMO:** *A cidade de Belém, assim como todas as cidades brasileiras, foi ocupada de maneira desordenada e sem planejamento urbano. Isso ocorreu devido a um acelerado processo de urbanização das cidades, que as tornou em um atrativo para as pessoas oriundas do meio rural que buscavam no espaço urbano melhores condições de vida: trabalho, saúde, educação, habitabilidade etc. Porém, quando se deparavam com uma realidade totalmente diferente em um espaço bastante segregador, eram obrigadas a ocupar áreas periféricas, sem condições de acesso aos bens de serviços para uma habitabilidade adequada. As áreas do Riacho Doce e do Pantanal são exemplos de áreas que foram ocupadas sem planejamento urbano, sem acesso aos equipamentos comunitários, como: saneamento ambiental; escolas; postos de saúde etc. A partir de 2001 foi iniciado, pela Prefeitura Municipal de Belém, um projeto, o Plano de Desenvolvimento Local (PDL), na tentativa de solucionar as problemáticas urbanas vivenciadas pelos moradores, baseado em uma forte participação dos mesmos em todo o processo do projeto. No entanto, a partir de 2005, os moradores afirmam que têm muitas dificuldades em participar de reuniões sobre o projeto e relatam que as obras do mesmo ocorrem lentamente, quase estagnadas. É nesse contexto que se coloca a necessidade de intervir nas áreas através do referido plano de trabalho vinculado ao Programa de apoio à Reforma Urbana (PARU) do Curso de Serviço Social/UFPA, que concretizou seminários; oficinas; minicursos; audiências públicas (o que resultou na retomada do PDL), objetivando sempre a capacitação e formação política dos residentes das referidas áreas.*

Palavras-chave: *Favelização; urbanização; desenvolvimento local.*

## INTRODUÇÃO

Todos os modos de produção imprimiram nova dinâmica à cidade, o modo capitalista de produção a colocou como produtora de riqueza, um lugar de possibilidades, de oportunidades, onde o homem poderia se realizar. Diante disso, ocorre a grande migração para as cidades em busca de melhores condições de vida, a grande questão é que para a maioria dos homens ela acaba se tornando um espaço de aprisionamento, de exploração, de segregação, de desencontro. Como diz Lefebvre (2001) apud Tavares (2006): “*a cidade é observada como um lugar ilusoriamente civilizado e desenvolvido e que suas ações e seu dinamismo intensificam a desigualdade, a partir da segregação sócio-espacial, ocasionando uma crise social*”.

Assim é a cidade urbana, com seu crescimento vertiginoso trouxe consigo um processo de urbanização desorganizado e excludente. Exclusão que é percebida pelo elevado número de favelas, principalmente, nos países da América Latina, dentre eles o Brasil, que apresenta as suas principais cidades com um número muito elevado de favelas com seus moradores vivendo na extrema miséria, sem acesso a nenhum tipo de benefício social.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado à PRO-REITORIA (PROEX) para a Nona Jornada de Extensão Universitária UFPA.

Nesse contexto do processo de favelização encontramos a capital do estado do Pará, a cidade de Belém, que apresenta uma intensa configuração de segregação sócio-espacial, o que pode ser comprovado pela diversidade de problemas habitacionais resultantes dos processos de ocupações de áreas periféricas, como a área do Riacho Doce.

Essa configuração urbana vivenciada expostamente em Belém, deve-se, principalmente, a uma longa trajetória histórica de total descaso governamental, com o qual a população teve que conviver, adquirindo assim um quadro exorbitante de miséria. Partindo dessa análise, foi proposto à Bacia Hidrográfica do Tucunduba (Bairros: Marco, terra Firme, Canudos e Guamá) um Plano de cunho urbanístico e social, denominado “Plano de Desenvolvimento Local Sustentável –PDLS. O PDLS abrange dois projetos: o Projeto “Tucunduba” e o Projeto “Plano de Desenvolvimento Local Riacho Doce e Pantanal (PDL).

O Plano de Desenvolvimento Local Riacho Doce e Pantanal visava intervenções físico-ambientais e sócio-econômicas para possibilitar condições de desenvolvimento, abrangendo aspectos urbanísticos, sociais, políticos, econômicos, ambientais, culturais etc. A implementação do projeto se efetivaria através de monitoramento, acompanhamento, avaliação e controle social tanto pelo órgão gestor como também pela comunidade atendida.

Será enfatizado no presente artigo o projeto “PDL” e sua perspectiva de potencializar as ações de urbanização na bacia do Tucunduba, contribuindo para mudanças na qualidade de vida da comunidade local, no que tange à moradia e habitação.

## 01. FAVELIZAÇÃO NO BRASIL

A partir da década de 1940, o poder público brasileiro começou a investir intensamente em programas de urbanização das cidades. Foi nesse período que houve um grande crescimento demográfico e desenvolvimentismo elevado, que atraiu para os centros das cidades uma enorme quantidade de migrantes em busca de emprego e de melhoria na qualidade de suas vidas.

Esse desenvolvimento foi marcado por uma urbanização das cidades de maneira segregadora, partindo da necessidade de atrair investimentos. Constituiu-se, com isso, uma forte política de investimentos apenas nas áreas centrais das cidades, possibilitando o seu “embelezamento”, o que se tornou em um atrativo às pessoas oriundas do meio rural. As mesmas vinham em busca da concretização de seus sonhos: moradia, saúde, educação, emprego etc. Porém, ao se depararem com um ambiente segregador, eram obrigadas a ocupar locais afastados dos centros urbanos: o que deu início ao processo de “favelização” do país.

Dessa forma, a constituição das cidades se deu no processo de formação e reprodução do capital, formado um aglomerado de diferentes espaços por ter sido resultado de uma lógica de interesses particulares:

O capitalismo tem se mantido através do tempo pela conquista, incorporação e integração do espaço ainda não-capitalista para poder formar o capital. Esse processo de formação do capital se encontra, sem dúvida alguma, incrustado na organização das cidades e na sua relação com as regiões próximas e distantes tanto em termos sociais, históricos e econômico. (TATIANA SCHOR).

Pode-se considerar que as primeiras favelas surgiram no Rio de Janeiro logo após a Guerra de Canudos e em São Paulo por volta da Segunda Guerra Mundial. Começam, no entanto, a ser mais "visíveis", quando se expande o processo de industrialização-urbanização. A partir da década de 1950 passam a ser vistas como "problema", adquirindo várias visões, como: local de marginais – nessa visão teria que eliminar as favelas para acabar com os marginais; como local onde se conseguem votos – nessa visão é necessário se aproximar das favelas, fazer promessas; como resultado do processo de migração, e os favelados vivem desta forma, porque, estão se "integrando" ao meio urbano.

Segundo a autora Arlete Moysés Rodrigues, o conceito de favela que se mantém ao longo do tempo, é o que se refere aos seus ocupantes como proprietários ilegítimos da terra, ou seja, sujeitos de uma ocupação juridicamente irregular. *“Sem condições de ‘resolver’ a falta de moradias e pressionado pelos moradores, o poder público mantém programas de urbanização de favelas. Os moradores lutam pelo direito de concessão real de uso ou usucapião urbano”* (RODRIGUES, 1988).

## 02. FAVELIZAÇÃO EM BELÉM

O desenvolvimento das cidades foi marcado por um processo de urbanização de modo segregador, através da valorização dos centros urbanos e de uma política de ocupação de terra. Com isso, a população de baixa renda ia se afastando dos centros urbanos e se deslocando para localidades distantes, o que exemplifica tal segregação é o fato dos espaços das cidades serem reconhecidos por zonas, periferia, comércio, favela etc.

Diante dessa segregação, e não somente esta, as ocupações nas áreas periféricas vão crescendo e os problemas sociais aumentando, já que essas áreas não estavam preparadas para absorver a população da cidade, tão pouco a população oriunda do interior.

No caso de Belém do Pará, as ocupações de maneira desordenada, ou melhor, o crescimento da favelização, não aconteceu diferente de muitas capitais do País.

A partir das décadas de 60 e 70, com o incentivo do governo federal na implantação dos grandes projetos, a Amazônia passa a ser ocupada de maneira bastante intensa, já que o

governo massifica a idéia de que a Amazônia precisa ser ocupada e que as pessoas teriam melhores condições de qualidade de vida se fossem trabalhar na Amazônia.

O problema é que, com o passar do tempo, o processo de industrialização no campo de mão de obra qualificada e outros fatores provocam uma expulsão da população do campo para as cidades, e no caso da Amazônia, o deslocamento, em grande número, se deu para a capital do Pará, lembrando que esse processo se dá devido a uma grande visibilidade que as cidades passam a ter, por conta de alguns investimentos e principalmente o city marketing. Com isso a população, como perspectiva de mudança de vida, se desloca para as médias e grandes cidades, como é o caso de Belém. Porém, as cidades não estavam totalmente estruturadas, e tão pouco preparadas para absorver a população oriunda do campo.

Contudo o crescimento urbano de Belém vai tomando novas feições tão logo o crescimento demográfico seja intensificado e haja um processo de migração campo – cidade. Essa configuração de contornos dos acidentes hídricos foi sendo modificada, pois a população de menor renda, que num primeiro momento ainda conseguia morar próximo ao centro foi gradativamente ocupando as baixadas, que são áreas alagadas das cidades. (ALVES, 1997: 32).

Segundo Alves (1997) o crescimento da população em Belém nos anos de 80 a 90 aumentou em torno de 32,38%, já que nos anos 80 a população girava em torno de 999.165 e em 1991 a população passou para 1.332.723. De acordo com Alves (1997) a partir da década de 50 foi intensificada a ocupação nas áreas de baixadas ocupadas por pessoas de baixo poder aquisitivo oriundas de outras localidades do Estado e do País “*Com a corrida do campo para a cidade e de cidades menores para a capital, além da pressão exercida pela população nativa sem condições econômicas, o problema habitacional se agrava, as áreas alagadas de Belém, as ‘baixadas’, vão se transformando em enormes ‘favelas’*”. (ABELÉM, 1988 apud ALVES, 1997, p.32).

### 03. O HISTÓRICO DO PROCESSO DE OCUPAÇÃO DAS ÁREAS DENOMINADAS “RIACHO DOCE” E “PANTANAL”

A história de ocupação da Bacia do Tucunduba, data do final do século XIX e início do XX, na administração do Intendente Antônio Lemos, que proibiu a construção de estábulos e olarias nas áreas centrais da cidade de Belém, pois pretendia iniciar o processo de valorização do centro da cidade. Com isso, as pessoas que exerciam atividades agropecuárias, passaram a se decidir para as áreas mais afastadas do centro, principalmente, as margens dos Igarapés.

O processo de valorização do centro de Belém foi se intensificando e ocasionando a expulsão (afastamento) da população de baixa renda do centro, os quais não possuíam nenhum tipo de infra-estrutura para receber tal demanda, dando margem ao início de um processo de segmentação sócio-espacial na cidade de Belém.

É nesse contexto que ocorreram as ocupações nas áreas do Riacho Doce e do Pantanal, localizada às margens do Igarapé Tucunduba. A ocupação da área do Riacho Doce ocorreu exatamente no dia 04 de Setembro de 1990, em meio a muitos conflitos com os supostos proprietários do terreno. Mesmo assim, a ocupação se efetivou: os lotes foram divididos; a construção de barracos de madeira foi ocorrendo de maneira desordenada, ocupando até mesmo porções do terreno recortadas por pequenos igarapés, sem saneamento básico, sem energia, água potável etc. A água usada era retirada diretamente do Igarapé.

Na busca de solucionar os principais problemas vividos pela comunidade do Riacho Doce, sob a liderança do Senhor Juvenal Batista, foi fundado o Centro Comunitário do Riacho Doce. Os benefícios só começaram a surgir após dois anos da efetivação da ocupação e organização do Centro Comunitário. Benefícios como abastecimento de água, ligações da rede de energia elétrica, foram conquistados pelos moradores organizados pelo Centro Comunitário com apoio de organizações não governamentais e da Igreja (Católica e Evangélica).

A área do Pantanal foi ocupada durante os meses de Maio e Agosto de 1990, sem planejamento urbano. A área recebeu essa denominação pôr se tratar de uma pequena ilha pertencente ao Igarapé do Tucunduba. A ocupação e criação da comunidade do Pantanal se deu em três passagens: a Primeiro de agosto a João Monteiro e a Beira Mar pôr esta localizada às margens do Igarapé do Tucunduba e a última a ser ocupada.

As ocupações se constituíram em uma nova configuração urbanística, um grande empecilho para o desenvolvimento da cidade em toda sua totalidade.

#### 04. O PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL COMO PERSPECTIVA DE MUDANÇA NO RIACHO DOCE E PANTANAL

A transformação urbana implica na renovação e ocupação de novos espaços, valorização do solo e aumento dos impostos, despertando a especulação imobiliária. A população de menor poder aquisitivo é expulsa, sendo obrigada a ocupar áreas afastadas do centro de serviços urbanos e do mercado de trabalho.

Na cidade de Belém esse processo não foi diferente, com a valorização do centro, a população menos favorecida foi ocupando as áreas mais afastadas, muitas caracterizadas como áreas de baixadas sujeitas a alagamentos periódicos, áreas impróprias para a instalação de infra-estrutura e serviços urbanos. Como ocorreu na ocupação Riacho Doce que se deu de forma desordenada e as margens do Igarapé Tucunduba, recheada de problemas como: a falta de esgotamento sanitário, água potável, energia elétrica, habitação adequada, transporte etc. Situação sempre presente nas áreas de ocupação irregular.



Diante desses problemas, os governos sempre buscam soluções no sentido de desenvolver programas para recuperação das áreas de baixada, com a transferência dos residentes para conjuntos habitacionais. A grande questão está em se manter os moradores nestes conjuntos porque, geralmente, são afastados do centro da cidade, o que faz com que muitos moradores voltem para a ilegalidade habitacional, surgindo assim o ciclo vicioso da ocupação.

Com o propósito de romper com esse ciclo vicioso, foi idealizado o Plano de Desenvolvimento Local (PDL), para a área do Igarapé Tucunduba, que compreende a área de ocupação Riacho Doce. Ou seja, o que se pretende é que a população não seja remanejada de um local onde ela já criou vínculos, onde já se tem um modo de vida consolidado.

O Plano de Desenvolvimento Local se fundamenta na prática da mobilização e participação da comunidade local. Sua implementação subdivide-se em: elaboração e adesão comunitária; execução das obras físicas e monitoramento. (PMB, 2001).

Essa experiência no Riacho Doce foi pioneira na cidade de Belém, no sentido de reconstrução de uma área urbana e revitalização de um igarapé, recuperando seu potencial hidroviário de navegabilidade com o intuito de promover um desenvolvimento urbano sustentável.

Com relação à mudança, pode-se colocar uma espécie de inclusão social, porque esta experiência teve como ponto principal, a participação comunitária, e isto elevando o grau de conscientização dos moradores em relação a seus direitos e deveres; o fortalecimento das lideranças comunitárias e facilidade para identificar seus problemas e propor soluções, já que ampliaram seus conhecimentos e perceberam a sua importância no espaço, no processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos tempos modernos em que vivemos, marcado pelo avanço tecnológico, considerando-se a intensidade do uso de novas tecnologias, é contrastante a persistência de velhos problemas relativos às formas de ocupação do espaço e as correspondentes relações sociais que nele se produzem e reproduzem.

Esses velhos problemas estruturais como: moradia, saneamento, transporte, assim como os sociais do desemprego, renda, segurança, continuam tão presentes reforçando a segregação sócio-espacial, que as cidades historicamente produzem, exatamente por falta de planejamento urbano.

O planejamento urbano é praticamente inexistente no Brasil. Na cidade de Belém, essa situação se agrava com o passar dos anos, e poucas providências estão sendo tomadas.

Durante as décadas de 60 a 80 as ocupações em Belém cresceram de maneira desordenada, destacaríamos, dentre alguns fatores, a valorização dos espaços urbanos centrais e a especulação imobiliária, o que possibilitou a atração das camadas populares de baixa renda a ocuparem áreas distantes, mas também áreas próximas ao centro, como é o caso do Riacho Doce. Um grande agravante neste caso está relacionado ao meio ambiente, pois além de ser uma área de baixada, essas populações acabam sendo vítimas, dentre tantos fatores, dos problemas ambientais decorrentes da ausência de política de saneamento ambiental, muitas das vezes, da própria poluição que causam no Igarapé Tucunduba, que muitas vezes é poderia ser essencial para a sua estratégia de sobrevivência.

Ao passar dos anos o crescimento demográfico no Riacho Doce aumentou significativamente, provocando sérios problemas na área. O governo, buscando mecanismos que amenizassem tal situação, traz como estratégia o Projeto intitulado Plano de Desenvolvimento Local Riacho Doce e Pantanal, tendo como objetivo recompor a mata nativa ao longo do Igarapé Tucunduba, como também melhorar significativamente a qualidade de vida dos moradores.

O Projeto foi aprovado, as verbas foram liberadas e as obras iniciadas, ao passar do tempo, já eram notória as mudanças nas áreas do Riacho Doce e Pantanal, casas foram construídas, ruas asfaltadas, foi dada uma atenção especial ao Igarapé Tucunduba. Porém o projeto não foi concluído, vieram mudanças de gestão municipal e inversão de prioridades.

O PDL não foi prioridade da atual gestão municipal, as obras estão bastante lentas, há famílias que saíram das suas casas e foram para casas alugadas bastantes distantes do Riacho Doce, há mais de 3 anos, e não tem previsão para a volta dessas famílias. As famílias que continuam no Riacho Doce, e que ainda não foram beneficiadas pelo projeto, e são muitas nessa situação, estão vivendo em situações precárias, casos em que o esgoto, ou melhor, a água da fossa está invadindo o interior de muitas casas, famílias sem nenhuma renda vivendo em condições sub-humanas, grande índice de violência, muitas continuam na parte alagada desprovidas de qualquer política social, verifica-se:

retirada do Estado como agente econômico, dissolução do coletivo e do público em nome da liberdade econômica e do individualismo, corte dos benefícios sociais, degradação dos serviços sociais, degradação dos serviços públicos, desregulamentação do mercado de trabalho, desaparecimento de direitos históricos dos trabalhadores; estes são os componentes regressivos das posições neoliberais no campo social, que alguns se atrevem propugnar como traços da pós – modernidade. (MONTES, 1996 apud BEHRING, 2003.p.58).

Ao verificar todas essas problemáticas no interior do Riacho Doce e na apropriação do conceito de favela, muito discutido no País nos últimos anos, vemos a possibilidade de apreender se o Riacho Doce e o Pantanal já não tinham muitas características de favela?.

Olhando alguns conceitos de favela como sendo aglomerações pobres, de ocupação ilegal e irregular, ou segundo o dicionário Aurélio, favela: “*conjunto de habitações populares, em geral toscamente construídas e usualmente deficientes de recursos higiênicos*”. (AURÉLIO, 2000) e ainda, o conceito de Rodrigues (1988), favela é uma ocupação ilegal da terra; constatamos que o Riacho Doce, tinha e ainda tem muitas características de uma favela, ou melhor, é mais uma favela de Belém, já que Belém é hoje uma das capitais do Brasil em que o índice de favelização vem aumentando bruscamente.

Portanto, o grande desafio é não cair na banalização e naturalização do social, é preciso olhar esse processo de forma crítica e consciente, pois muito ainda precisa ser feito.

o decisivo e a contraface desta naturalização do social: ao naturalizar a sociedade, a tradição em tela é compelida a buscar uma especificação do ser social que só pode ser encontrada na esfera moral. Naturalizada a sociedade, o específico do social tende a ser situado nas suas dimensões ético-morais- e eis que franqueia o espaço para a psicologização das relações sociais. (NETO, 2001.p.45).

A Universidade Federal do Pará (UFPA) é espaço de produção de conhecimento e objetiva cumprir com a responsabilidade social de tanto socializar o que é produzido no meio acadêmico quanto intervir contribuindo com possíveis respostas a sociedade como um todo. Logo, responde a essas demandas das áreas do Riacho Doce e Pantanal através do Programa de Apoio à Reforma Urbana, em seu âmbito de ensino e extensão, no intuito fortalecer a organização comunitária da comunidade citada.

A necessidade de continuar o trabalho de intervenção nas áreas se faz presente na capacitação e formação política contínua dos moradores em meio à relação com o Estado na tentativa de garantir seus direitos conquistados, bem como para contribuir na formação discente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, O. M. *Elaboração de referências: NBR 6023 – Informações e documentação – Referências – Elaboração*. 2. ed. rev. aum. Belém: Banco da Amazônia, 2004. 51p.

BEHRING, E. R. *Brasil em Contra Reforma; Desestruturação do Estado e Perda de Direitos*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 53.

CARDOSO, A. F. *Organização espacial, novas tecnologias e intervenção no espaço publico*. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/neamp/artigos/artigos\\_49.html](http://www.pucsp.br/neamp/artigos/artigos_49.html) > Acesso em: 24 de jun. 2006.

NETO, J. P. *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 45.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. *Plano de Desenvolvimento Local – Riacho Doce e Pantanal*. Belém, 2001.

TAVARES, L. P. de O. *O urbano e o rural na Amazônia: critérios e definições para as agências oficiais*. 2006. 56 f. TCC (Bacharel em Serviço Social) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

IV CONGRESSO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DA AMAZÔNIA, 2005, Belém. *ANAIS...* Belém: Unesco-Cress, 2005. 384p.



---

*Artigos*

---

ÁREA TEMÁTICA  
**EDUCAÇÃO**

## **Protagonismo juvenil em ação na Rádio Comunitária**

*Andréa Silva Vieira (andreeasilva@hotmail.com)*  
*Mariléia Pereira Trindade (marileiapt@yahoo.com.br)*

Graduandas do Curso de Pedagogia da UFPA e Bolsistas de IC – PIBIC/CNPq

Parceria: ONG *Novos Curupiras*  
Financiamento: *Instituto Telemar*

### Área temática: EDUCAÇÃO

**RESUMO:** *O Projeto “Tucumanduba no Ar”, vinculado ao Programa Novos Brasis, do Instituto Telemar, é fruto de investimentos deste Instituto em ações inovadoras, que promovem transformações sociais, contínuas e permanentes. Neste sentido, a implantação de uma rádio comunitária, coordenada por jovens do bairro de Tucumanduba, faz parte dos objetivos de tal projeto, por se tratar de um trabalho que além de convocar jovens ao protagonismo juvenil também envolve a comunidade para o desenvolvimento da sustentabilidade local na interação com as inúmeras informações importantes para a formação de grupos sociais que garantam o trabalho cooperativo. O Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventude, Representações Sociais e Educação – GEPJURSE abraça a realização deste projeto em parceria com a ONG Novos Curupiras e o Instituto Telemar. O trabalho desenvolvido tem por objetivo geral: – capacitar jovens para a atuação na rádio comunitária. Como objetivos específicos: – estímulo ao debate à reflexão entre os (as) jovens tucumandubenses sobre as seguintes temáticas: identidade juvenil, cultura e etnia; interação social, violências, drogas, prostituição, ações comunitárias preventivas; meio ambiente, desenvolvimento e empreendedorismo sustentável; protagonismo juvenil; e – criação e atuação na mídia fala comunitária a partir de ilhas de edição utilizando as temáticas para a elaboração de sessões de rádio. O trabalho desenvolveu-se a partir de oficinas que contemplaram temáticas educativas, culturais e informativas importantes para o protagonismo juvenil na perspectiva do trabalho comunitário de implantação da mídia em Tucumanduba. Espera-se que os 25 jovens participantes das oficinas despertem para a importância e responsabilidade de um trabalho na mídia comunitária falada que contemple os interesses da comunidade local.*

Palavras-chave: *Juventude; rádio comunitária; protagonismo.*

### JUSTIFICATIVA

Este trabalho, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivany Pinto Nascimento, versa sobre a capacitação de jovens do bairro de Tucumanduba, localizado no município de Soure-Pará, para empreendimento na mídia falada, atuando em uma rádio comunitária. O Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventude, Representações Sociais e Educação – GEPJURSE, sob a responsabilidade da mesma coordenadora, assumiu a realização desse trabalho, compreendendo que o estímulo ao desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e criativo dessa juventude é fundamental para a construção e encaminhamento de uma rádio comunitária na região. A mídia falada, como um instrumento de comunicação, é importante para a comunidade, no sentido de fortalecimento de sua cultura, no universo dos seus significados e representações, que ultrapassa o individual para se estender à noção de coletividade.

## OBJETIVOS

Geral: Capacitar jovens para o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e criativo a partir de temáticas que visem à consolidação de ações para a atuação dos mesmos na rádio comunitária **“TUCUMANDUBA NO AR”**.

Específicos:

– Estimular o debate à reflexão entre os jovens do bairro de Tucumanduba sobre as temáticas: identidade juvenil, cultura e etnia; diálogos com a juventude (interação social, violências, drogas, prostituição, ações comunitárias preventivas); meio ambiente, desenvolvimento e empreendedorismo sustentável e protagonismo juvenil;

– Capacitar jovens do bairro de Tucumanduba para a criação e atuação na mídia falada comunitária a partir de ilhas de edição para elaborações de sessões de rádio.

## METODOLOGIA

O trabalho desenvolveu-se na região de Tucumanduba, no município de Soure (Marajó), envolvendo 25 jovens através de oficinas que contemplaram o debate e a reflexão de temáticas educativas, culturais e informativas as quais instigaram os jovens a pensarem a partir do meio em que vivem e como sujeitos protagonistas nesse espaço. Realizou-se ainda momentos de ilha de edição, nos quais estes interagiram com equipamentos radiofônicos. Visou-se, desse modo, o trabalho na mídia falada como instrumento de poder que corresponda aos interesses da comunidade tucumandubense através de jovens captadores e divulgadores de informações.

## RESULTADOS

Espera-se que os jovens participantes das oficinas empenhem na responsabilidade da implantação de um trabalho de mídia falada comunitária que contemplem os interesses da comunidade local.

## BIBLIOGRAFIA

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOHN, M. G. M. *Educação não-formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 1999.

Programa de formação de radiocomunicadores(a) e de dirigentes de entidades do movimento de radiodifusão comunitária. Disponível em: <<http://www.fndc-ba.ufba.br/formacao.doc>>. Acesso em: 06 de Outubro de 2006.

## **Esporte Educacional: desenvolvimento integral de crianças e adolescente no PRD**

---

*Clauber Pereira Teles*  
*Karina dos Santos Moraes*  
Projeto Riacho Doce – UFPA

Área temática: EDUCAÇÃO

No Projeto Riacho Doce (PRD), alunos de 07 a 14, anos têm oportunidade de conhecer e participar de várias modalidades esportivas tais como: futsal, futebol de campo, tênis de quadra e de mesa, basquete, voleibol, handebol e atividades aquáticas.

Nosso intuito é o de oportunizar a crianças e adolescentes desenvolverem suas potencialidades e competências a partir do esporte educacional, ao contrário do esporte de rendimento que exige habilidades específicas.

O modelo de esporte desenvolvido pelo PRD visa promover a inclusão social e tem por finalidade consolidar atitudes de respeito, tolerância, espírito de cooperação e despertar a capacidade de conviver tanto com a vitória quanto com a derrota.

Todo esse contexto está sistematizado na tecnologia da Educação Pelo Esporte para o Desenvolvimento Humano, como um elemento transformador da realidade social a que muitos estão inseridos, visto que o esporte é mais do que uma ferramenta, um método privilegiado que contribui de forma significativa para a educação integral das novas gerações, preparando-os para enfrentar com competência os desafios presentes na vida pessoal, social e profissional, formando assim, campeões para a vida.



## **Projeto pré-vestibular solidário/UFPA**

---

*Profa. Edilena Neves Reale*

Coordenação do Projeto, Campus Universitário de Santarém/UFPA  
Centro Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico / CPADC

Área temática: EDUCAÇÃO

OBJETIVOS:

GERAL: Contribuir para a diminuição das desigualdades sociais na região por meio de ações que possibilitem o ingresso da população da classe baixa em instituições de ensino superior.

ESPECÍFICOS:

- Proporcionar à população de baixo poder aquisitivo, curso de preparação para os vestibulares das Instituições de Ensino Superior da região;
- Contribuir para a elevação do nível educacional da população regional;
- Diminuir a exclusão social sofrida pela população com baixo poder aquisitivo;
- Promover a prática pedagógica dos acadêmicos da UFPA – Campus de Santarém, dando, aos mesmos, oportunidade de transmitir os conhecimentos adquiridos em sala de aula;
- Estabelecer um intercâmbio entre a Universidade e a Comunidade por meio de parcerias com Associações de Moradores de Bairros e Conselhos Escolares.

HISTÓRICO

PÓLOS ATUAIS

1 – Pólo Caranazal

Escola Municipal de Ensino Fundamental Rotary: 1 turma com 30 alunos

2 – Pólo Interventoria

Escola Municipal de Ensino Fundamental Mário Imbiriba: 1 turma com 25 alunos

3 – Pólo Laguinho

Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Sra. de Fátima: 1 turma com 25 alunos

4 – Pólo Santíssimo

Escola Municipal de Ensino fundamental Hilda Mota: 1 turma com 35 alunos

5 – Pólo Aldeia

Escola Estadual de Ensino Fundamental Barão do Tapajós: 1 turma com 20 alunos

6 – Pólo São José Operário

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Belo de Carvalho: 1 turma com 30 alunos

## PARCERIAS ATUAIS

- Associação de Moradores do Bairro do Caranazal;
- Associação de Moradores do Bairro da Interventoria;
- Associação de Moradores do Bairro Laginho;
- Associação de Moradores do Bairro da Aldeia;
- Conselho Escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Hilda Mota
- Associação de Moradores do Bairro de São José Operário

## PRINCIPAIS NECESSIDADES DO PROJETO

- Material de consumo: giz; apagador; papel; transparência; tinta para impressora.
- Estrutura de apoio aos professores-acadêmicos: computador; impressora; retroprojeter; TV; DVD.
- Pagamento da contribuição mensal
- Estrutura de apoio aos alunos
- Fornecimento de apostilas
- Permanência dos alunos no curso

## VISÃO DO FUTURO COM NOVAS PARCERIAS

- Atender um número maior de bairros e comunidades
- Atender preferencialmente a população com renda média até dois salários mínimos
- Fornecer material didático aos alunos
- Diminuir o preço das taxas cobradas aos alunos
- Atingir maior adesão e permanência dos acadêmicos no projeto

## CONCLUSÃO PARCIAL

Entendemos que as dificuldades são muitas quando se trata de buscar melhorias no processo ensino-aprendizagem mas, não nos abatem as dificuldades. Buscamos novos rumos para um melhor desempenho de nossas atividades, principalmente a participação efetiva do corpo docente do *Campus* de Santarém, em especial aqueles que querem integrar-se ao CPADC.

## Guimarães Rosa nos processos seletivos

---

*Elissandro Lopes Araújo (sandro.tatarana@gmail.com)*

Curso de Letras, Bolsista PIBIC/CNPq/UFPA

Área temática: EDUCAÇÃO

Palavras-chave: *Guimarães Rosa, Processos Seletivos, Educação.*

A obra de Guimarães Rosa possui uma vasta bibliografia que se estende pelas mais variadas leituras e abordagens metodológicas, desde as primeiras impressões em 1946 com o lançamento de *Sagarana*, o primeiro livro publicado, até as comunicações apresentadas no Seminário Internacional Guimarães Rosa, as narrativas roseanas têm sido submetidas às mais diversas perspectivas – filosófica, semiótica, lingüística, psicanalítica, histórica, geográfica, comparativa, da construção narrativa, da tradução, da ecdótica e da análise do discurso – asseverando que, de acordo com Dante, a obra literária “não tem sentido simples, mas ao contrário, pode-se até chamá-la de *polisema*, isto é, que tem mais de um significado”<sup>1</sup>.

Diante da complexidade e riqueza dos contos de 1946, do ciclo de novelas de *Corpo de Baile* (1956) e do extenso e intrigante monólogo de Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas* (1956), a recepção crítica da obra roseana mostra-se, com algumas exceções, notadamente, positiva em relação às características estilísticas e ficcionais dos volumes, mesmo quando, sobre um único livro há diferentes abordagens, como bem o ilustra o Seminário Internacional, organizado por Lélia Parreira Duarte e realizado em Belo Horizonte, um evento que apesar de ser monotemático apresenta uma imensa contribuição à fortuna crítica roseana, pois gerou os volumes *Veredas de Rosa* (2000) e *Veredas de Rosa II* (2002), onde se encontram uma boa quantidade das comunicações apresentadas durante o evento. Todavia, com algumas exceções, a maior parte destes trabalhos retoma os textos fundamentais da recepção crítica de Guimarães Rosa e constituem, assim, um conjunto de comunicações ansilar aos estudos de nomes consagrados, como Antonio Candido, e que pouco avança na hermenêutica das pesquisas roseanas, ainda que aponte em alguns textos as novas tendências interpretativas, inter-relações das narrativas com outros campos semióticos e esboços comparativos com autores africanos e de outras nacionalidades.

Um dos aspectos que torna a obra de João Guimarães Rosa fecunda em interpretações é a habilidade com que o escritor mesclou as mais diferentes matrizes do conhecimento. Encontram-se nas linhas do mineiro elementos da cultura popular e da erudita, assim como, a

---

<sup>1</sup> ALIGUIERI (s.d., p. 307): “Ad evidentiam itaque dicendorum sciendum est quod istius operis non est simplex sensus, immo dici potest *polysemum*, hoc est plurium sensum”.

construção da paisagem sertaneja ligada fortemente à pesquisa documental, vale lembrar as cadernetas de anotações, confunde-se com as formas e caminhos criados pela ficção e muitas são as referências filosóficas, artísticas e não-literárias. Em Guimarães Rosa, não são nítidas as fronteiras entre o rigoroso narrar de um fato e a invenção de um caso ou, ainda, as várias digressões ao sabor da memória no decorrer do contar, como no caso de Riobaldo. Outro ponto a ser destacado é a relação entre a obra do cordisburguense e os romances da década de trinta, precursores imediatos do autor de *Grande Sertão: Veredas*. Neste caso, inevitavelmente vem à discussão a temática regionalista, tão cara aos romances da época, em que a escritura roseana, de acordo com as palavras de Antonio Candido (1991, p. 245),

construiu um regionalismo muito mais autêntico e duradouro, porque criou uma experiência total em que o pitoresco e o exótico são animados pela graça de um movimento interior em que se desfazem as relações de sujeito a objeto para ficar a obra de arte como integração total de experiência.

A temática regional adotada em algumas obras, principalmente, nos romances de trinta, vincula-se a exploração do ambiente humano e geográfico, o pitoresco e o narrativo, modulando a região sob uma espécie de olhar clínico dos autores que se posicionam como sujeito e objeto da literatura em questão. Assim, empreende-se uma dissecação regional onde os personagens são arquétipos pitorescos e a geografia e nuances locais são o cenário de uma narrativa que, apesar de *trazer* a região até os leitores, se mantém distante e ausente daquele espaço em que é construída. A obra roseana transcende esta natureza regionalista, pois proporciona a vivência da experiência regional, alçada na riqueza lexical e inventiva da literatura de Guimarães Rosa, por exemplo, *Sagarana*, a que se refere Antonio Candido, ultrapassa a temática regional ao subverter as convenções ficcionais da literatura nativista das obras que lhe foram anteriores. O léxico, as temáticas, a geografia, a fauna, a flora, e tantos outros temas caros ao regionalismo são revigorados e universalizados no especial trato com a língua nas narrativas roseanas.

*Sagarana* nasceu universal pelo alcance e pela coesão da fatura. A língua parece finalmente ter atingido o ideal da expressão literária regionalista. Densa, vigorosa, foi talhada no veio da linguagem popular e disciplinada dentro das tradições clássicas (Cândido, 1991, p. 245).

Em sua obra, Guimarães Rosa dispõem das mais variadas técnicas de subversão e manipulação da língua vernácula, a fim de alcançar o instrumento estilístico necessário à construção de uma nova harmonia e ritmo à sua literatura, para tanto, lança mão de expressões onomatopaicas, uso especial da pontuação, inversão da ordem sintática, entre outros recursos assinalados por Eduardo Portella que, também, refere-se ao trânsito contínuo entre o erudito e o popular em *Grande Sertão: Veredas*, ainda assim, as observações de Portella cedem espaço

ao conjunto da obra de Guimarães Rosa: “*Grande Sertão: Veredas* se desenvolve numa forma estilística ao mesmo tempo culta e popular. Onde o culto não artificializa a frase e nem lhe rouba a espontaneidade. E onde, por outro lado, ao popular não lhe falta dignidade estética” (Portela, 1958, p. 87-94). É exatamente na linguagem que repousa a grandeza e a dificuldade da obra roseana. O vigor e habilidade imaginativa que Guimarães Rosa emprega na construção estilística de uma linguagem própria, correspondente a seus objetivos estéticos, faz com que surjam as passagens de maior beleza, ritmo e cor da literatura brasileira, no entanto é este mesmo trato com a língua, na realidade, as línguas, visto que o autor utilizou elementos de vários idiomas, que provoca estranheza e certa reação adversa por parte do leitor ainda iniciado.

Estes dois pontos, o regionalismo e a linguagem, são capitais às questões fundamentalmente imediatas para a contextualização da obra roseana no cenário literário brasileiro e no processo de ensino escolar; o primeiro ponto, a questão regional, por situar a obra de Guimarães Rosa num quadro familiar ao aluno, estabelecendo uma comparação com a produção literária anterior a prosa roseana, assim, o estudante que já conhece as obras de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, ou mesmo, possui alguma referência sobre *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, pode estabelecer afinidades e reconhecer o que é próprio à obra de Guimarães Rosa; o segundo, a linguagem, num primeiro contato pode gerar estranheza e dificuldade, no entanto este estranhamento é desejável por constituir a experiência de leitura e contribuir de maneira significativa ao processo de formação do leitor, pois demonstra a versatilidade e dinâmica da língua portuguesa, neste ponto, o aluno pode conhecer mais a fundo as estruturas do idioma vernacular e verificar as muitas possibilidades de criação do texto literário.

Estas são apenas alguns pontos sobre a obra roseana que se referem ao ensino no nível médio e fundamental, não obstante os livros de Guimarães Rosa serem considerados de difícil leitura, nos últimos anos, assistiu-se a um processo de expansão das obras do autor nos processos seletivos e no mercado editorial, seja com novas edições para estudantes, caso de *Grande Sertão: Veredas*, seja, por outro lado, na quantidade de instituições de ensino superior públicas e privadas que utilizam algumas narrativas em seus processos seletivos. Neste sentido, cabe analisar algumas destas questões no intuito de averiguar quais eixos da literatura roseana são mais proeminentes no ensino escolar.

Questão 18 – FUVEST (2005)

Texto para as questões 18 a 19.

“Sim, que, à parte o sentido prisco, valia o ileso gume do vocábulo visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado. Porque, diante de um gravatá, selva moldada em jarro jônico, dizer-se apenas drimir ou amormeuzinho é justo; e, ao descobrir, no meio da mata, um Angelim que atira para cima cinqüenta metros de tronco e fronde, quem não terá ímpeto de criar um vocábulo absurdo e brada-lo – Ó colossalidade! – na direção da altura?” (João Guimarães Rosa, “São Marcos”, In: *Sagarana*)

prisco = antigo, relativo a tempos remotos.

gravatá = planta da família das bromeliáceas.

Neste excerto, o narrador do conto “São Marcos” expõe alguns traços de estilo que correspondem a características mais gerais dos textos do próprio autor, Guimarães Rosa. Entre tais características só NÃO se encontra

- a) o gosto pela palavra rara.
- b) o emprego de neologismo.
- c) a conjugação de referências eruditas e populares.
- d) a liberdade na exploração das potencialidades da língua portuguesa.
- e) a busca da concisão e da previsibilidade da linguagem.

Nesta questão o teor principal repousa na questão da linguagem, o conto referido, “São Marcos”, denota exatamente este motivo. Em determinado momento, o personagem principal do conto, José, dirige-se ao mato com espingarda, matula e outros acessórios de caça, no entanto, ele não pretende caçar, mas sim contemplar os pequenos movimentos da natureza. Em toda a extensão do conto é este um dos principais motivos, observar a natureza num exercício ecológico e poético de nomear cada planta, descrever o pouso incerto das aves e o desenho meticuloso das folhas. “Porque não é a esmo que se vem fazer uma visita: aqui, onde cada lugar tem indicação e nome, conforme o tempo que faz e o estado de alma do crente” (Guimarães Rosa, 1964, p. 239). A questão propõe a identificação de uma característica que não seja própria da escritura de Guimarães Rosa, os nomes da fauna e flora sertaneja colhidos pelo autor em cadernetas denunciam o cuidado na classificação de cada espécie, todavia este procedimento documental é parte essencial de um exercício poético, de tal maneira feito que é muito difícil separar o que fictício do que é real na descrição de uma paisagem. Assim, entre os “traços de estilo” que caracterizam o autor a “previsibilidade” das palavras é o que não corresponde aos textos roseanos, pois, segundo Daniel Piza, “Rosa quer a língua viva, rica, em transformação contínua, não um conjunto de regras; um processo, não um procedimento”. Portanto, dentro da proposta da questão, a alternativa correta é a letra e.

### Questão 19 – FUVEST (2005)

Comparando-se as concepções relativas à natureza presentes no excerto de Guimarães Rosa com as que se manifestam nos poemas de Alberto Caeiro, verifica-se que em Rosa ....., ao passo que, em Caeiro .....

Mantida a seqüência, os espaços pontilhados podem ser preenchidos corretamente pelo que está em:

- a) a observação da natureza provoca um desejo de nomeação e até de invenção lingüística / o ideal seria o de que os elementos da natureza valessem por si mesmos, sem nome nenhum.
- b) a natureza é pura exterioridade, desprovida de alma / ela é um ente anímico dotado de interioridade e personalidade.
- c) a natureza vale por seus aspectos estéticos e simbólicos / ela tem valor prático e utilitário, ou seja, é valorizada na medida em que, transformada pela técnica, serve para suprir as necessidades humanas.
- d) a relação é com a natureza é pessoal e até íntima / a natureza apresenta caráter hostil e, mesmo, ameaçador.
- e) a natureza é misteriosa e indecifrável / ela é portadora de uma mensagem mística que o homem deve decifrar servindo-se dos instrumentos da razão.

Esta questão avança um pouco mais nas habilidades requeridas ao vestibulando, estabelece-se uma temática comparativa entre a obra de Guimarães Rosa e a de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, observando o excerto de “São Marcos”, é solicitado ao aluno que identifique a diferença de concepção da Natureza em cada autor. A resposta correta é a primeira alternativa porque nela figura o contraste entre os autores, para Rosa o nome de cada espécie de planta ou animal, principalmente o nome popular, guarda um tipo de significado especial, a construção textual de suas narrativas necessariamente passa pela pesquisa documentária no intuito de alcançar a dimensão estética desejada ao texto literário. Ao contrário, para Caeiro a sensação mesma da natureza é mais importante do que o nome, pois este cerceia a imaginação, facultando-a de limites para a experiência do contato com os elementos naturais.

O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!  
O único mistério é haver quem pense no mistério.  
Quem está ao sol e fecha os olhos,  
Começa a não saber o que é o sol  
E a pensar muitas cousas cheias de calor.  
Mas abre os olhos e vê o sol,  
E já não pode pensar em nada,  
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos (Pessoa, 1986, p. 207)

Cabe observar que em apenas duas questões analisadas moveram-se diferentes premissas da obra roseana, a primeira relacionada ao trabalho com a linguagem requer ao

estudante algum conhecimento do texto literário de Guimarães Rosa e de seu comprometimento em manter longe do lugar-comum, em contínua suspensão, seu leitor, aspecto muitas vezes estudado pela crítica roseana; já a segunda, apresenta uma instância comparativa com a poesia moderna lusitana não muito comum aos estudos literários, uma vez que a maior parte das aproximações, pelo menos em *Veredas de Rosa* (2000), é feita com autores africanos e brasileiros, mas seu principal objetivo é verificar se o estudante atentou para a diferença de concepção de Natureza que é esboçada no texto dos autores, não de maneira direta, mas por meio das suas obras. Em última instância, a décima nona questão refere-se a uma diferenciação do traço estético de Fernando Pessoa, como o heterônimo Alberto Caeiro, e de Guimarães Rosa.

#### Questão 4 – UFES (2005)

Leia abaixo algumas das acepções da palavra “hora”, no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, e indique qual delas é adequada para os textos “A hora e a vez de Augusto Matraga” e *A hora da estrela*, de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, justificando sua escolha, a partir do enredo das narrativas:

- a) Tempo considerado sob o ponto de vista de alguma atividade (regular ou não) [...].
- b) Momento combinado ou fixado para realização de algo; horário [...].
- c) Momento relevante, importante em que alguém ou algo ganha devido destaque [...].
- d) Momento fugaz.

Neste outro exemplo, novamente encontra-se o tópico da linguagem, dessa vez, focado numa única palavra que atinge uma significação especial no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, última e destacada narrativa de *Sagarana*, e no romance *A hora da estrela* de Clarice Lispector. Embora a alternativa correta seja a terceira (c), na qual o vocábulo designa um momento de destaque na vida de alguém, nas obras relacionadas no comando da questão a palavra *hora* designa um instante de transformação das personagens. Na narrativa de Guimarães Rosa, a mudança do modo de vida Nhô Augusto Estêves para simplesmente Matraga, segundo a leitura antropológica de Roberto da Matta, implica em sanções na figura social do personagem.

(...) a novela começa com Nhô Augusto que se transforma em Matraga apenas no final, podendo-se considerar a mensagem narrativa como o estudo deste processo de transformação de um nome em outro, já que tais designações são índices fortemente marcados dos papéis sociais desempenhados por seu portador. A novela seria, assim, também um estudo de caso onde Nhô Augusto, o “alteado”, o de “peito largo”, o “pisoteador”, o “varador das massas”, o prepotente e poderoso é transformado no Matraga (...), simples instrumento divino, ordenador e anunciador da paixão prototípica de Cristo nos dias de sua morte. (...). O que quer dizer, passa de manipulador dos recursos da ordem para ser apenas um instrumento da paixão daqueles que se dedicam à comunhão e à mediação entre as divisões da ordem (MATTÁ, 1976, p. 107).



Assim como em *A hora da estrela*, o vocábulo selecionado à questão refere uma reviravolta no percurso dos personagens, desta forma, a questão reduz a carga significativa da palavra em benefício de uma resposta mais clara e que não atinge um estrato mais profundo das obras.

Diante dos processos seletivos aqui explorados, das muitas manifestações artísticas e do cuidado editorial com a confecção de volumes acessíveis aos estudantes, pode-se inferir que a literatura de João Guimarães Rosa, aos poucos, torna-se um fenômeno também escolar, seja pela maior quantidade de questões e solicitação de sua obra nos vestibulares, seja por sua presença em outros meio da mídia. Focando as obras de menor porte, como os contos de *Sagarana* e *Primeiras estórias*, uma leitura, até então, considerada de difícil acesso começa a fazer parte do cotidiano das instituições de educação e a formar leitores mais sofisticados e maduros.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIGUIERI, Dante. *Epístolas (Epistolae)*. Trad. Pe. Vicente Pedroso. v. 10. São Paulo: Ed. das Américas, s.d.
- CANDIDO, Antonio. *Sagarana*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 243-247.
- DUARTE, Lélia Parreira et alii (org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000. 765p.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Sagarana*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964. 365p.
- MATTA, Roberto da. Literatura – Antropologia: análise de “A hora e vez de Augusto Matraga”. *Cadernos/PUC*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 107, 1976.
- PORTELLA, Eduardo. *Dimensões I*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958. 224p.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo; Brasília: INL, 1973. 240p.

## **Construção de uma proposta para a prática participativa escolar como instrumento de gestão**

---

*Heloisa Helena Meireles Bahia (heloisa59@yahoo.com.br)*

Bolsista PROEX – UFPA

*Profa. Dra. Terezinha Fátima Andrade Monteiro dos Santos, Coordenadora*

Departamento de Planejamento da Educação – Centro de Educação/UFPA

Área temática: EDUCAÇÃO

**RESUMO:** *Este texto resulta de trabalho que venho desenvolvendo como parte do projeto Observatório de gestão escolar democrática – Observe, cujo objetivo é contribuir para construção de proposta coletiva para a prática participativa escolar, por intermédio da preparação de lideranças escolares, visando à efetivação de uma gestão escolar democrática. Metodologia: A metodologia utilizada é a partir da realização de mini-cursos, palestras, oficinas, textos, resenhas, painéis, transparências, dinâmicas de grupos, apresentação de filmes e vídeos, realização de eventos com professores e alunos relativos às práticas de gestão democrática, sobretudo de metodologias participativas na relação com os alunos, da direção com professores, dos alunos, com a direção, e professores com a família. Resultados: Contribuímos para a implantação de uma proposta de gestão participativa de uma escola estadual de ensino médio de Belém por meio da realização de oficinas para as lideranças escolares, mini-cursos, palestras. Conclusão: Continuamos a desenvolver trabalhos com a Escola, de acordo com suas demandas e realizamos duas oficinas com alunos da UFPA. Produzimos materiais didáticos (textos) para utilização na Escola.*

**Palavras-chave:** *lideranças escolares, participação, democracia.*

A base de nossa atuação no Laboratório de Gestão Escolar é a escola pública por meio de ações conjuntas, onde se destacam os trabalhos de construção da democratização da gestão escolar; as reuniões com a comunidade escolar; as palestras, as oficinas realizadas desde 2000 e, sobretudo o atendimento individual ou coletivo que se efetivam nas dependências do Laboratório no Centro de Educação da Universidade Federal do Pará.

Consideramos a extensão universitária como um pilar do tripé ensino e pesquisa, na perspectiva de construir e fortalecer um relacionamento mais amplo com a sociedade e o veículo mais próximo para a consecução desse objetivo é usar aquilo de que dispomos e colocar à disposição da população, aproximando a produção do conhecimento que se faz na Universidade, com a transferência desse conhecimento, por intermédio de ações educativas que possa estimular e/ou contribuir para a melhoria da qualidade dos serviços públicos, no caso particular estudado, de nossas escolas públicas de ensino básico de Belém. A grande meta do LAGE é manter relações próximas com a sociedade, fazendo interlocuções com os sujeitos escolares, mostrando as interfaces com a pesquisa e o ensino.

Neste sentido dentro de nossas condições temos desenvolvido algumas atividades com as escolas e com os alunos de Graduação, que, aos poucos vem se transformando em programações permanentes, que são aguardadas pela comunidade escolar e pelos alunos de

Graduação em Pedagogia. Nas três pesquisas já realizadas, voltamos aos locais da amostra para apresentar os seus resultados e discutir com a comunidade possíveis alternativas para melhorar o funcionamento e o desempenho daquelas Escolas.

Como nossos projetos não recebem recursos financeiros, realizamos o que está dentro de nossas possibilidades objetivas, com ações de extensão ainda limitadas, mas que segundo os depoimentos dos usuários de nossas atividades Vêm servindo até para inserção no mercado de trabalho, para constituições de associações ou instituições de representação das categorias escolares, como o Grémio Estudantil, por exemplo.

Entendemos que a Universidade Federal do Pará, como uma instituição de ponta na Amazônia precisa devolver à sociedade aquilo que produz, que reflete e que organiza sistematicamente, não formando profissionais competentes e qualificados como também prestando outros serviços em formas de ações diversas, num processo de integração da universidade e sociedade, em cumprimento a sua função social.

No decorrer de nossas atividades já produzimos diversos textos científicos, apostilas e material de apoio pedagógico: Apresentamos os seguintes trabalhos em eventos científicos: Uma proposta de construção da participação ativa dos discentes na gestão das escolas públicas de Belém; A participação dos alunos no Conselho Escolar de uma escola pública estadual de ensino médio de Belém; A participação dos sujeitos escolares na gestão da escola pública; etc. Apontamentos sobre gestão e liderança; Apontamentos sobre avaliação de políticas educacionais; Noções sobre produção textual: Noções sobre correspondência oficial; Noções sobre a produção de relatórios; Apontamentos sobre instrumentos de pesquisa científica.

Os princípios fundantes buscados pelo trabalho desenvolvido pelo LAGE/OBSERVE são: AUTONOMIA administrativo-pedagógico-financeira e valorização do trabalho docente, por meio de um processo conjunto entre professores, alunos, técnicos e administradores apenas como mais uma reivindicação profissional para melhorar o processo de tomada de decisão, como comumente vem acontecendo. Entende-se que a autonomia como condição primordial para permitir a elaboração de critérios próprios de ação. Autonomia tem sempre um caráter relacional e precisa ser pensada em dado contexto concreto, possuindo uma dimensão social e política. É difícil concretizá-la porque a estrutura do poder real é muito forte e os espaços internos de governabilidade das instituições educacionais meio nebulosos, em função da forma como vem se dando o processo de descentralização das responsabilidades no ambiente escolar. Não apenas, nem principalmente em sua gestão, mas devido à concepção de autonomia que perpassa a política educacional das reformas educacionais brasileiras: uma desresponsabilização do Estado para com a educação.

De outro lado, faz-se importante enfatizar que a autonomia aqui é compreendida como princípio educativo balizador das práticas escolares, numa dimensão mais ampla, onde se faça uma educação para autonomia, para que os alunos se eduquem para questionar, para emancipação, em que se valorize e estimule a cultura indagativa, numa perspectiva curiosa do: O quê, por quê, como e para quê? Uma autonomia que possibilite a construção e cidadania efetiva e não apenas de letra morta do papel. Nesse sentido ela é conquista, é construção. (Freire, 2001, p. 35)

Outro princípio é a **PARTICIPAÇÃO** da comunidade interna e externa na escola, como integrantes do processo educativo (redes de suporte mútuo, intercâmbio de experiências, aproveitamento de recursos de toda natureza); Uma atuação na perspectiva de formação para humanização, para elevação da auto-estima dos alunos e do corpo escolar como um todo, enquanto educadores e cidadãos, que construam relações de comprometimentos com todo o processo educativo, na construção efetiva de uma democracia participativa, para que possamos ter uma sociedade com igualdade, equidade e ética.

A **LEGITIMAÇÃO** também deve fazer parte de uma escola, universidade ou outro ambiente educacional que seja mais afinada com as mudanças científico-tecnológicas, com novas linguagens, novos métodos de ensino-aprendizagem, novas concepções e, não apenas, com a implantação de equipamentos eletrônicos e didáticos modernos. Uma educação que dê abertura para a que o aluno busque outras fontes de conhecimento, que os habilite a participar das mudanças sucessivas e céleres da sociedade, que não os limite. Educação para abertura constante ao novo, onde os processos pedagógicos, por exemplo, sirvam para estimular o auto-didatismo permanente, em que a formalização dos atos administrativos possam ser acatados pelos dirigidos com consentimento.

A **DIVERSIDADE** como princípio tem o sentido de direito de ser diferente e recusa radical à exclusão e qualquer tipo de discriminação ou segregação; A diversidade como aceitação de realidades plurais, como uma forma de ver a realidade social, não como técnica ou metodologia, mas como projeto educativo e cultural. A escola precisa fomentar e contribuir para o respeito à diversidade, e não só isso com o aproveitamento da riqueza propiciada por isso para a realização de trabalho consequente para formação de cidadãos integrais. (Frigotto, 1995, p. 39)

A **EDUCAÇÃO POLÍTICA** para a democracia, sobretudo por intermédio dos fóruns de discussão coletiva: Conselhos escolares, associações corporativas e outras formas, enquanto espaços de formação política permanentes, necessários para a construção de uma nova democracia – a participativa.

A **DOCÊNCIA CONSTRUTIVA**, que passa pela reformulação do papel do professor, que, dentre outros, passa pela superação de mero ensinador, de mestre para orientador, para gestor de um processo constante de mudanças interativas, compartilhadas e de formador do cidadão emancipado;

O **RECONHECIMENTO E INTERAÇÃO COM OUTROS ESPAÇOS EDUCATIVOS**, na busca da construção da superação da cultura do individualismo e do trabalho isolado, numa perspectiva multidisciplinar e global, hoje tão disseminado na sociedade, sobretudo quando se fala em empregabilidade, que a mídia hegemônica forma opinião, com a exatidão de exemplos que mostram que as mudanças dependem de cada um, de seu empreendedorismo, quando temos consciência de que isso é uma falácia, pois não há postos de trabalhos para todos, neste capitalismo globalizado.

A **BUSCA RADICAL DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**, compreendendo a pesquisa como algo inerente ao trabalho interativo e construtivo presentes no processo pedagógico organizado e sistemático, na prática docente, que se dá nos espaços escolares: “*Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa.*” (Freire, op. cit. p. 32). Tal perspectiva se afina com os princípios preconizados no projeto político-pedagógico do Curso de Pedagogia atual, que diz “A pesquisa como atividade pela produção de conhecimento e, concomitantemente, pela intervenção na realidade escolar, traduz a inseparabilidade entre teoria e prática, saber e mudança...” (2001, p. 28).

A **ÉTICA E A ESTÉTICA** como valores a ser construídos e perseguidos permanentemente, como diz Freire (op. cit. p. 36) “Decência e boniteza de mãos dadas”, num processo de formação interativa

As **METODOLOGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM E DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DIALÓGICAS DEMOCRÁTICA** que contribuam efetivamente para a construção de uma cidadania plena e novas relações de poder no espaço escolar e que estejam afinadas com as mudanças requeridas pela sociedade. A gestão democrática envolve atitude e método. A atitude democrática é necessária, mas não basta. Necessitamos de métodos democráticos de efetivo exercício da democracia, o que é um aprendizado, demanda tempo, atenção e trabalho (GADOTTI, 1980, p. 4).

As construções de tais mudanças podem ocorrer de forma lenta e vagarosa, porque envolve condições subjetivas e objetivas na reformulação do processo educativo institucionalizado, que significa, dentre outros, a estrutura organizacional dos espaços educativos: desde a arquitetura das escolas, passando pela gestão, organização material do mobiliário, pelos rituais, pelas aulas, estrutura de funcionamento, horários, organização e

distribuição do tempo e espaço, currículos... Nossa profissão se mobiliza pela esperança, pela busca do novo, daí a crença na possibilidade de construir o cenário desejado.

Tais possibilidades envolvem mudanças de pessoas e contextos, das pessoas em seus contextos educativos e sociais, numa perspectiva coletiva, que exigem algum tempo de maturação, mas em educação não se deve trabalhar com resultados imediatos, mas com processos de construção.

Certamente é um grande desafio a ser enfrentado, que exige trabalho, responsabilidade, estudo, disponibilidade e muitos outros fatores, muitos dos quais se encontram fora do espaço de governabilidade dos atores educacionais envolvidos nas ações. Hoje, o mundo é outro, a educação precisa ser outra, o que implica em educar para a mudança, para estimular a criatividade, a iniciativa, o gosto pelo novo, como afirma Imbernón (2001, p. 88) estão de volta algumas expressões, já há muito identificadas, como “o saber, o saber fazer, o saber ser, o saber conviver”, de forma ressignificada. Todas tiveram a primazia em alguma época.

Hoje se fala muito na sociedade do conhecimento, que predomina nas relações, que consideramos uma meia-verdade, porque se tem muito mais uma sociedade da informação, que é diferente, porque esta só se transforma em conhecimento quando os sujeitos conseguem processá-la, por meio da análise e crítica, embasadas em teorias e acúmulos de reflexões, que só existem a partir de muita dedicação e estudo. Um dos lócus prioritários para isso é a escola de qualidade.

É inquestionável que vivemos num mundo diferente, o que não quer dizer melhor ou pior. As inovações científico-tecnológicas e a expectativa ou promessa de uma sociedade mais democrática, mais justa, e ao mesmo tempo mais consumista, mais seletiva causou mudanças profundas nas práticas culturais e na disseminação de novas contradições, entre o capital e o trabalho, entre as relações sociais, de um modo geral. Há fortes indícios de que o estágio atual do capitalismo está derrubando a esperança de equidade, de justiça social, de uma sociedade mais humana, na sua recente crise.

Parece-me que estão ficando cada vez claros, os problemas gerados pelo modelo de desenvolvimento hegemônico no mundo capitalista, o que vêm ocasionando às populações, veja-se as diversas manifestações dos últimos anos na Europa, na América Latina e até nos Estados Unidos. Tira-se tudo dos mais pobres para doar aos mais ricos, o que Peter McLaren (2000, p. 119) denominou de capitalismo cleptocrático, que se dá em todos os níveis, desde países, regiões, estados, corporações financeiras. Mas, a máscara está se rasgando, haja vista as próprias manifestações dos organismos internacionais de financiamento como o Banco

Interamericano de Desenvolvimento – BID, que acaba de criar seu Instituto interamericano para o desenvolvimento social cujo objetivo precípua é formar gerentes sociais.

Preste-se atenção ao movimento mundial contra a globalização, nos diferentes fóruns de discussão, sobretudo na América Latina, onde os governos neoliberais estão vivendo uma crise de governabilidade, por conta dos projetos implantados na direção de incorporar-se ao mundo globalizado. É emblemático o caso da Argentina, em que seu modelo de desenvolvimento está superado para atender as exigências da sociedade, ainda que tenha seguido todas as recomendações do Fundo Monetário Internacional.

Observe-se a tal da flexibilização – apresentada e disseminada à sociedade como uma palavra mágica que está servindo para a destruição e solapamento dos direitos dos trabalhadores, das condições de vida, a supressão de ganhos históricos, o desemprego estrutural. O que antes se restringia às relações internas da sociedade, agora se espalha entre países. São os ricos capitalistas e os pobres proletários, mediados pelo super poder dos organismos de financiamento mundial. (McLaren, op. cit. p. 121).

A globalização do capitalismo a ideologia daí advinda, o neoliberalismo estão conseguindo democratizar o sofrimento, a desigualdade, a destruição da natureza, o assassinato da justiça e a violência crescente. Estão sendo paulatinamente construídas novas configurações de cidadania. (Santos, 2000, p. 37), em que as responsabilidades pela execução de medidas sócio-econômicas estão sendo paulatinamente transferidas para os cidadãos. Não se discorda das parcerias, da solidariedade, desde que o Estado tenha efetivamente uma política séria de ataque aos históricos problemas da educação, da saúde, por exemplo, dentre outros.

Isto tudo se reflete na escola, onde as políticas estabelecidas pelo Governo se concretizam na prática e também como espaço de relações, daí a necessidade de acompanhar-se e analisar-se as diversas experiências de gestão educacional, para fermentar e contribuir para o surgimento de um novo tipo de intervenção organizada para mudança do cenário. Penso que seja essa uma das funções precípuas da Academia, no caso a Universidade Federal do Pará, sobretudo na região amazônica, em que os problemas rebatem de forma grave, dadas as próprias condições de desigualdades em que vive a maioria de seus habitantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já realizamos uma série de ações de extensão no Observe/LAGE, cujo rebatimento tem sido favorável conforme fala dos usuários desse trabalho. Contribuímos para a implantação de uma proposta de gestão participativa de uma escola estadual de ensino médio de Belém por meio da realização de oficinas para as lideranças escolares, mini-cursos, palestras,

apresentação de filmes e vídeos. Continuamos a desenvolver trabalhos com a Escola, de acordo com suas demandas e realizamos duas oficinas com alunos da UFPA, estamos no momento concluindo um curso em três módulos para funcionários de escolas, alunos da graduação do curso de Pedagogia, alunos do mestrado, estudantes de modo geral. Produzimos materiais didáticos (textos) para utilização na Escola e também para as atividades desenvolvidas na universidade.

#### REFERÊNCIAS:

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais. In: JANTSCH, Ari Paulo e BIANCHETTI, Lucídio. (orgs.) *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 25-49.
- GADOTTI, Moacir. *Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez, 1980.
- IMBERNÓN, F. Ambiente e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã. In: IMBERNÓN, F. (org.) *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*, tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p. 77-94.
- MCLAREN, Peter. Pedagogia revolucionária em tempos pós-revolucionários: repensar a economia política da educação crítica In IMBERNÓN, F. (org.) *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p. 119-140.
- SANTOS, T. F. A. M dos. Algumas reflexões sobre gestão escolar pública. *Ver a educação*, Belém-PA, v.6, n.1, jan./jun., 2000.



## **Questões de Avaliação: Guimarães Rosa visto pelos Instrumentos Educacionais**

---

*Everton Teixeira (nominedomine@hotmail.com)*

Mestrando, Curso de Letras, Centro de Letras e Comunicação Social/UFPA

Área temática: EDUCAÇÃO

Palavras-chave: *Guimarães Rosa, Instrumentos Avaliativos, Educação.*

### INTRODUÇÃO

O espaço sertanejo elaborado pela ficção de Guimarães Rosa (1908-1967) aproxima o autor mineiro do projeto estético pensado pelos modernistas de 1922. Através da recriação da palavra, a obra rosiana conseguiu interpretar as inúmeras vozes existentes na formação da cultura brasileira, imensamente marcada por movimentos de choque e de convívio intrínsecos do *modus vivendi* da nação, tais como a tradição arcaica da atmosfera rural e dos anseios de modernização presentes nos meios urbanos.

Guimarães Rosa seguindo, a maneira de aprendiz, grande parte do caminho literário traçado por Mário de Andrade (1893-1945), construiu a sua escritura partindo, sobretudo, da pesquisa *in loco* dos elementos documentais que atestariam as manifestações culturais dos habitantes das regiões periféricas do país. O turista aprendiz, na década de 20, alcançou a Amazônia, Rosa, por outro lado, preferiu a paisagem sertaneja em suas viagens, examinando detidamente como a porção central do Brasil é dominada pela presença do gado, cuja função primordial é, segundo Sandra Teixeira Vasconcelos, dar unidade ao sertão<sup>1</sup>.

Uma vasta gama de informações acerca da cultura bovina e da gente que lida com ela diretamente em seu cotidiano fora devidamente transposta para as páginas de *Sagarana*. Nessa obra, Guimarães Rosa pôde exercer uma de suas últimas aptidões, a de naturalista, etnógrafo das belezas deslindadas por ele no interior do país, imprimindo em papéis a sua tentativa de apossar-se dos instantes em que as coisas vistas foram captadas, numa atitude quase parafraseada livremente de sua contemporânea, Clarice Lispector.

Nesses sessenta anos de publicação de *Sagarana* (contando a partir da edição lançada pela Universal, em abril de 1946), a palavra-invenção do autor mineiro instigou e continua instigando um contingente de leitores que anseiam por decifrar o enigma complexo da novelística rosiana. Dentre esses, muitos estudantes prestes a concorrer aos programas de ingresso das Instituições de Ensino Superior que, ao se enredarem nas malhas rudes dessas

---

<sup>1</sup> VASCONCELOS, Sandra Gardini Teixeira. Guardados de memória: as cadernetas de campo de Guimarães Rosa. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.) *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000.

lendas sertanejas, percebem, aos poucos, estar diante de um gênio, de uma esfinge magnífica que lançou abismo abaixo a verborragia preciosista e instaurou uma revolução vocabular.

Não obstante, a sua saga – rica em múltiplos significados<sup>2</sup> – atravessou caminhos tortuosos em busca de ser interpretada e qualificada como obra genial. Isso apenas ocorreu por ocasião da recepção feita pela crítica que, tomando o caminho inverso, lera primeiro o romance *Grande Sertão: Veredas* (1956) e só então procurou compreender aquela obra primogênita, como nos conta o filósofo Benedito Nunes:

Li *Grande Sertão: veredas* em 1956, ano em que surgiu, e logo antes, muito antes de ter conhecido *Sagarana*, já publicado uma década, li o comparsa novelístico do retumbante romance, *Corpo de baile*. Acho que esse foi um repetido incidente bibliográfico, de Norte a Sul do país, em nossa geração [...] sem o saber, estávamos, os então leitores com menos de trinta anos, reproduzindo um fato de recepção crítica de Rosa na época<sup>3</sup>.

A obra que marca a introdução da escrita rosiana na Literatura Brasileira recebeu, ainda em 1946, o olhar arguto de Antonio Candido. Este compreendeu os contos de *Sagarana*, como escritos de uma obra revolucionária, tanto no aspecto lingüístico, que o crítico denomina como “inovadores da linguagem<sup>4</sup>”, transpondo assim a tendência regionalista vigente na literatura do país. Em sua análise da obra, o autor de *A Educação pela Noite* conclui que o sucesso literário de *Sagarana* se deve ao virtuosismo do escritor mineiro que, ao romper com as convenções literárias e sociais do regionalismo, transformou “todos os fracassos de seus predecessores, noutros fatores de vitória.”<sup>5</sup>

De acordo com Antonio Candido, Guimarães Rosa

Construiu um regionalismo muito mais autêntico e duradouro, porque criou uma experiência total em que o pitoresco e o exótico são animados pela graça de um movimento interior que se desfazem a relações de sujeito e objeto para ficar a obra de arte como integração total de experiência<sup>6</sup>.

Dito assim por um professor como Antonio Candido, respeitável nome da crítica literária no Brasil e o exterior, só nos resta considerar que a relevância de *Sagarana* está no seu tratamento da região como universal. O mundo rosiano é um lugar de diversas paradas e de parada nenhuma, um Sertão parafraseado do compositor popular Catulo da Paixão Cearense, um não mais sertão. Este lugar trazido para a literatura por Guimarães Rosa não apresenta uma extensão definida, apenas possui o contorno “moldador” da língua regional por elementos populares e clássicos oriundos do ecletismo rosiano.

<sup>2</sup> WILLER, Claudio. In: ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. São Paulo: Circulo do Livro, 1988. p. 325.

<sup>3</sup> NUNES, Benedito. *Crivo de Papel*. São Paulo: Ática, 1998. p. 247-248.

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p.162.

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio. *Sagarana*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 245.

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*. p. 245.

Em síntese, o autor de *Literatura e Sociedade* caracteriza *Sagarana* como uma novelística em que algumas de suas obras-primas são tecidas pela “paixão de contar”. Ora, Guimarães Rosa gostava de se autoproclamar contador de histórias, portanto, mestre do narrar e do descrever como nos lembra mestre Candido:

Deixa-se ir ao sabor dos casos, não perdendo vasa para contá-los, acumulando detalhes, minuciando com pachorra, como quem dá a entender que em arte, o fim não tem a mínima importância, porque o que importa são os meios<sup>7</sup>.

No universo do contador-contista Guimarães Rosa, onde homem e natureza se colocam no mesmo plano de valoração, surgem algumas verdadeiras obras-primas, que, segundo Antonio Candido, traçam um caminho reto levando Guimarães Rosa à “linha dos nossos grandes escritores<sup>8</sup>”.

Uma vez rompida a barreira do silêncio e da indiferença, *Sagarana* tornou-se prova irrefutável do desejo lingüístico rosiano: assemelhar-se à complexidade da vida e do seu mistério. A obra de Guimarães Rosa provoca e faz a sua função artística segundo Roland Barthes (1915-1980), que é *estremecer o sentido do mundo*<sup>9</sup>. Coube a recepção crítica colocá-la em sua arte de destino e compreender as suas muitas significações.

## SAGARANA E OS PROCESSOS SELETIVOS

Guimarães Rosa, em certo momento afirmou:

Em meus textos, quero chocar o leitor, não deixar que ele repouse na bengala dos lugares-comuns, das expressões acostumadas e domesticadas. Quero obrigá-lo a sentir uma raridade nas palavras<sup>10</sup>.

Pode-se dizer que essa declaração é a pedra de toque do universo imaginado por este escritor, uma síntese da fundação de sua complexa e enigmática escrita formada a partir de processos, às vezes, muito radicais, como a criação de vocábulos para atender a necessidade expressiva do autor, não satisfeita pelas limitações recorrentes da língua cotidiana. Rosa inventou uma linguagem com forma e tonalidade particularidades, um sertão reelaborado através da existência do outro sertão (o real) e, por eles, teceu *estórias* de homens, sertanejos simples que se fizeram complexas como a vida – ao adentrar no exame das motivações humanas mais profundas, repletas de contradições.

Alguns desses seres oriundos da genialidade rosiana habitam as “lendas rudes” de *Sagarana* (1946) que como constata Sônia van Dijck Lima, foi a obsessão rosiana pelo

---

<sup>7</sup> CANDIDO, Antonio. *Sagarana*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 246.

<sup>8</sup> *Idem, ibidem*. p. 247.

<sup>9</sup> In: ÁVILA, Affonso. *O poeta e a consciência escrita*. São Paulo: Summus, 1978. p. 97.

<sup>10</sup> In: *Super Interessante*. São Paulo, v. II, n. 6, p. 106, 1997.

aperfeiçoamento de sua escritura. Examinaremos, portanto, como a invenção lingüística de Rosa foi percebida e cobrada pelo vestibular da UNESP em 2001.

#### Questão – UNESP

As questões de números 01 e 03 tomam por base um fragmento da crônica *Conversa de Bastidores*, do ficcionista brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953), e um trecho da narrativa *O Burrinho Pedrês*, do ficcionista brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967).

#### *Conversa de Bastidores*

[...]

Em fim de 1944, Ildefonso Falcão, aqui de passagem, apresentou-me J. Guimarães Rosa, secretário de embaixada, recém-chegado da Europa.

— O senhor figurou num júri que julgou um livro meu em 1938.

— Como era o seu pseudônimo?

— Viator.

— Ah! O senhor é o médico mineiro que andei procurando.

Ildefonso Falcão ignorava que Rosa fosse médico, mineiro e literato. Fiz camaradagem rápida com o secretário de embaixada.

— Sabe que votei contra o seu livro?

— Sei, respondeu-me sem nenhum ressentimento.

Achando-me diante de um inteligência livre de mesquinhez, estendi-me sobre os defeitos que guardara na memória. Rosa concordou comigo. Havia suprimido os contos mais fracos. E emendara os restantes, vagaroso, alheios aos futuros leitores e à crítica [...].

Vejo agora, relendo *Sagarana* (editora universal – Rio – 1946), que o volume de quinhentas páginas emagreceu bastante e muita consistência ganhou em longa e paciente depuração. Eliminaram-se três histórias, capinaram-se diversas coisa nocivas. As partes boas se aperfeiçoaram: *O Burrinho Pedrês*, *A Volta do Marido Pródigo*, *Duelo*, *Corpo Fechado*, sobretudo *Hora e Vez de Augusto Matraga*, que me faz desejar ver Rosa dedicar-se ao romance. Achariam aí campo mais vastos as suas admiráveis qualidades: a vigilância na observação, que o leva a não desprezar minúcias na aparência insignificante, uma honestidade quase mórbida ao reproduzir os fatos. Já em 1938 eu havia atentado nesse rigor, indicara a Prudente de Moraes numerosos versos para efeito onomatopaico intercalados na prosa [...]

A arte de Rosa é terrivelmente difícil. Esse antimodernista repele o improvisado. Com imenso esforço escolhe palavras simples e nos dá impressão de vida numa nesga de caatinga, num gestop de caboclo, uma conversa cheia de provérbios matutos. O seu diálogo é rebuscadamente natural: desdenha o recurso ingênuo de cortar *ss*, *ll* e *rr* finais, deturpar flexões, e aproximar-se, tanto quanto possível, da língua do interior.

Devo acrescentar que Rosa é um animalista notável: fervilham bichos no livro, não convenções de apólogo, mas irracionais, direitos exibidos com peladuras, esparavões e os necessários movimentos de orelha e de rabos. Talvez o hábito de examinar essas criaturas haja aconselhado o meu amigo a trabalhar com lentidão bovina.

Certamente ele fará um romance, romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando os meus ossos começarem a esfarelar-se.

(Graciliano Ramos, *Conversa de Bastidores*. In: *Linhas Tortas*)

#### *O Burrinho Pedrês*

[...]

Nenhum perigo, por ora, com os dois lados da estrada tapados pelas cercas. Mas o gado gordo, na marcha contraída, se desordena em turbulências. Ainda não abaixaram as cabeças, e o trote é duro, sob vez de aguilhoadas e gritos.

— Mais depressa, é para esmoer?! – ralha o Major. – Boiada boa!...

Galhudos, gaiolos, estrelos, espácios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... E os tocos da testa do mocho macheado, e as armas antigas do boi cornalão.

— P’ra trás, boi-vaca!

— Repele Juca... Viu a brabeza dos olhos? Vai com sangue no cangote.

— Só ruindade e mais ruindade, de em-desde o *redemunho* da testa até na volta da pá! Este eu não vou perder de olho, que ele é boi espirrador.

Apuram o passo, por entre campinas ricas, onde pastam ou ruminam outros mil e mais bois. Mas os vaqueiros não esmorecem nos eias e cantigas, porque a boiada ainda tem passagens inquietantes: alarga-se e recomprime-se, sem motivo, e mesmo dentro da multidão movediça há giros estranhos, que não os deslocamentos normais do gado em marcha – quando sempre alguns disputam a colocação na vanguarda, outros procuram o centro, e muitos se deixam levar, empurrados, sobrenadando quase, com os mais fracos rolando para os lados e os mais pesados tardando para trás, no coice da procissão.

— Eh, boi lá!... Eh-ê-ê-eh, boi!... Tou! Tou! Tou...

As ancas balançam, e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampos, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão.

*“Um boi preto, um boi pintado,  
cada um tem sua cor.  
Cada coração um jeito  
de mostrar o seu amor.”*

Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando... Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando.

*“Todo passarinh’ do mato  
tem seu pio diferente.  
Cantiga de amor doido  
não carece ter rompante...”*

Pouco a pouco, porém, os rostos se desempanam e os homens tomam gesto de repouso nas selas, satisfeitos. Que de trinta, trezentos ou três mil, sé está quase pronta a boiada quando as alimárias se aglutinam em bicho inteiro – centopeia —, mesmo prestes assim para surpresas más.

01. No artigo *Conversa de Bastidores*, publicado em 1946, Graciliano Ramos revela haver votado em *Maria Perigosa*, de Luís Jardim, e não em *Contos*, de Viator (pseudônimo de Guimarães Rosa), no desempate final de um concurso promovido em 1938 pela Editora José Olympio. Sem desanimar com a derrota, Guimarães Rosa veio a publicar seu livro, com modificações, em 1946, sob o título de *Sagarana*, que o revelou como um dos maiores escritores da modernidade no Brasil. Releia as duas passagens e, a seguir,

a) interprete o que quer dizer Graciliano Ramos, com contexto, com a expressão “achando-me diante de uma inteligência livre de mesquinhez”;

b) localize, numa das cinco falas de personagens do fragmento de Guimarães Rosa, um exemplo que confirme a observação de Graciliano, de que o autor de *Sagarana*, ao representar tais falas, “desdenha o recurso ingênuo de cortar *ss*, *ll* e *rr* finais”.

02. O estilo narrativo de Guimarães Rosa, como o próprio Graciliano lembra em seu artigo, é caracterizado, entre outros aspectos, pelo alto índice de musicalidade, pelo recurso a procedimentos rítmicos e rítmicos característicos da poesia, como por exemplo no nono parágrafo, que pode ser lido com uma seqüência de 16 versos de cinco sílabas (*As ancas*

*balaçam,/ e as vagas de dorsos,/das vacas e touros,/batendo com as caudas,/etc.)* ou de 8 versos de onze sílabas (*As ancas balançam, e as vagas de dorsos,/ das vacas e touros, batendo com as caudas,/etc.*). Depois de observar atentamente este comentário e os exemplos,

a) indique, no trecho de *O Burrinho Pedrês*, outro parágrafo que possa ser integralmente lido sob a forma de versos regulares;

b) estabeleça, com base em sua leitura, o número de sílabas de cada verso e o número de versos que tal parágrafo contém.

03. Muitas palavras podem atuar nas frases como representantes de diferentes classes e exercer, portanto, diferentes funções sintáticas. Tendo em mente esta informação,

a) determine, com base em características formais da frase em que se encontra, a classe de palavras em que se enquadra a palavras *eias*, empregada por Guimarães Rosa no sétimo parágrafo do trecho citado;

b) considerando que, no quarto período do antepenúltimo parágrafo de seu texto, Graciliano Ramos representou três palavras visualmente por meio das letras dobradas *rr*, *ll* e *ss*, reescreva esse período, substituindo tais letras dobradas pelas palavras correspondentes.

Primeiramente a Instituição solicita que os candidatos tenham um conhecimento prévio acerca da recepção da obra *Sagarana*. Seguiremos o comando traçando um breve histórico do surgimento desse livro.

*Sagarana*, no final de 1937, já havia consumido sete meses de longo e cansativo trabalho de Guimarães Rosa que, sob o pseudônimo de Viator (viajante) escrevera aquela obra, com o singelo título de *Contos*, no concurso Humberto de Campos, da editora José Olympio. Nesta ocasião, o livro era uma versão árida e imatura daquela que em meados da década de 40, transcenderia o regionalismo literário do país, como comenta Graciliano Ramos, um dos julgadores daquele certame literário.

[A]bri um cartapácio de quinhentas grandes: uma dúzia de contos enormes (...). Admirei um excelente feitiço, a patifaria de Lalino Salatiel e, superior a tudo, uma figura notável, dessas que se conservam na memória do leitor: seu Joãozinho Bembém. Por outro lado um doutor impossível, feito cavador de enxada, o namoro de um engenheiro com uma professorinha e passagens que me sugeriam propaganda de soro antiofídico. (...)

Em conversa com José Olympio, referi-me a ele [Viator]. Se se cortassem alguns contos, publicar-se-ia um bom livro<sup>11</sup>.

E fora o que fizera João Guimarães Rosa, através de um exaustivo trato com o texto literário, sendo, de acordo com Sônia van Dijck, um “crítico de seu próprio texto e dos editores, enquanto continua escrevendo a obra<sup>12</sup>”, relendo e refazendo páginas do livro, retirando dele narrativas e alterando nomes de estórias como no caso de “Envoltamento”, que passa a ser chamar “São Marcos”.

<sup>11</sup> RAMOS, Graciliano. Conversa de Bastidores. In: *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968. p. 38-45.

<sup>12</sup> LIMA, Sônia Maria van Dijck Lima. Documentos da gênese de *Sagarana*. In: DUARTE, Lélia Parreira et alii (org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000. p. 661.

O episódio ocorrido e que lhe dera o segundo prêmio do concurso, denota um traço importante da percepção genial de Rosa: o de observar humildemente a relevância do exame da crítica literária, que com seu olhar lançado sobre a obra de um autor, realiza o amadurecimento desta e *a posteriori*, a sua canonificação literária.

Curiosamente, Graciliano Ramos conseguira antever a publicação da obra-prima rosiana *Grande Sertão: Veredas*, cujo lançamento se daria em 1956, pela Editora José Olympio, três anos, portanto, depois da morte do autor de *Vidas Secas*. Quanto a *Sagarana*, a obra continuou a ser lapidada por Guimarães Rosa até o ano de 1958, momento em que vem a público a sua 5ª edição em versão retocada e definitiva de acordo com o próprio autor.

Livre dos exageros desequilibrantes proporcionados pelas narrativas “Questões de Família”, “Uma história de amor” e “Bicho Mau” – esta última reescrita e passando a integrar a obra póstuma *Estas Estórias* (1969). Desse modo, pode-se dizer que em *Sagarana*, a palavra é o caminho por onde passa a ação principal de suas narrativas. No conto “O Burrinho Pedrês”, todo o decorrer da estória épica de Sete-de-Ouros, o burrinho “miúdo e resignado<sup>13</sup>”, é tocado pela palavra poética de um narrador que arquiteta a poesia através de um concerto musical animado pela versificação da prosa rosiana. Esta, atrai para si a missão de nomear e descrever todas as peças que enfeitam a natureza daquele sertão forjado.

Em outro momento, na narrativa “São Marcos”, a palavra perigosa e proibida ao ser proferida se constitui na salvação do enfeitado Izé, cuja entoação da “oração sesga, milagrosa<sup>14</sup>” e que dá nome ao conto, o liberta da escuridão provocada pela sua súbita cegueira, fruto de um vudu feito pelo João Mangalô, feiticeiro desejoso de ver o sofrimento do outro que tanto o humilhou com palavras. E é a palavra, sem dúvida, o condutor de tal estremecimento provocado pelas significações que brotam da novelística rosiana. É ela a matéria a construir as trajetórias seguidas pelas personagens nas nove narrativas presentes nesse livro que, segundo Nelly Novaes Coelho, assim como em *Grande Sertão: Veredas*, se inicia por uma “valorização da palavra-narrativa<sup>15</sup>”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Affonso. (org.) *O modernismo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ÁVILA, Affonso. *O poeta e a consciência escrita*. São Paulo: Summus, 1978.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

---

<sup>13</sup> ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964. p. 3.

<sup>14</sup> *Idem, ibidem*. p. 230.

<sup>15</sup> In: ÁVILA, Affonso. (org.) *O modernismo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 208.

CANDIDO, Antonio. *Sagarana*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LIMA, Sônia Maria van Dijck Lima. Documentos da gênese de *Sagarana*. In: DUARTE, Lélia Parreira et alii (org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000.

NUNES, Benedito. *Crivo de Papel*. São Paulo: Ática, 1998.

RAMOS, Graciliano. Conversa de Bastidores. In: *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.

*Super Interessante*. São Paulo, v. II, n. 6, p. 106, 1997.

VASCONCELOS, Sandra Gardini Teixeira. Guardados de memória: as cadernetas de campo de Guimarães Rosa. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.) *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000.

WILLER, Claudio. In: ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.



## A recepção crítica de “Campo Geral”

---

Francisco Ewerton Almeida dos Santos (saohol@amazon.com.br)

Graduando em Letras – Iniciação Científica/UFGA

Área temática: EDUCAÇÃO

**RESUMO:** *Corpo de Baile (1956) comporta sete novelas, a partir de 1964, em sua terceira edição, foi dividido em três livros, a saber, Noites do sertão, No Urubuquaquá, no Pinhém e Manuelzão e Miguilim, contendo este último a novela “Campo geral”, a qual examinaremos nesta comunicação. Apesar da escassez de textos críticos acerca de “Campo geral”, esta narrativa é riquíssima em detalhes da temática infantil, pois, a partir do ponto de vista de uma criança, Miguilim, o protagonista, observam-se vários aspectos do sertão e a profundidade dos personagens envolvidos nesta trama. Neste trabalho, busca-se analisar os poucos textos considerados seminais, escritos sobre “Campo geral”. Dante Leite, Lázaro Barreto e Elizabeth Faria estão entre os críticos que estudaram esta novela, e, a partir dos seus estudos, abordaremos temas como: a perspectiva do narrador, que, apesar de heterodiegético, focaliza-se apenas no ponto de vista de Miguilim assim como vários conflitos vividos pelas personagens da estória se apresentam filtrados pela consciência da criança, a dificuldade que esta sente em compreender, em se adaptar neste mundo e como ela reagirá as densas tragédias que se abatem sobre sua família. Tudo isso envolto em um contexto social sertanejo de pobreza, dificuldades, tradicionalismos e convenções.*

Palavras-chave: *Recepção crítica; Guimarães Rosa; “Campo Geral”.*

*Corpo de baile (1956)* é um nome sugestivo, um conjunto de artistas, ou de pessoas que têm uma visão e percepção diferentes das coisas, uma sensibilidade poética. Assim são os protagonistas das novelas desta obra, e neste trabalho veremos um exemplo destas personagens excepcionais criadas por Guimarães Rosa.

Miguilim, protagonista de “Campo Geral”, novela contida no volume *Manuelzão e Miguilim*, nos é apresentado como uma criança de oito anos, que reside no distante Mutum, no meio dos Campos Gerais, junto a seu pai, sua mãe e seus irmãos, e que, desde já, conhece as agruras da vida, pois, apesar de viver em um lugar descrito como tranqüilo e belo (“– um lugar bonito, entre morro e morro (...) distante de qualquer parte; e lá chove sempre...”) <sup>1</sup>, tem uma família conflituosa e marcada por infortúnios. Conflitos evidenciados na melancolia da mãe, por morar em lugar tão isolado; na dureza do pai, que trabalha incessantemente; na distancia afetiva existente entre eles; nas brigas causadas pelas suspeitas de adultério e nas tragédias por isso acarretadas, além da morte prematura de Dito, irmão preferido de Miguilim.

Um dos pontos mais debatidos pela crítica acerca de “Campo Geral” é a posição do narrador, que, apesar de narrar a estória em terceira pessoa, focaliza-se apenas no ponto de vista de Miguilim, ou, numa linguagem mais estruturalista usada por Elizabeth Faria: “Entrelaçam-se, portanto, na narrativa de “Campo Geral”, a instância da narração assumida

---

<sup>1</sup> ROSA, João Guimarães. “Campo Geral”. In: *Manuelzão e Miguilim: Corpo de baile*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.13.

pelo narrador heterodiegético, e a instância da focalização, que compete ao protagonista, fato que evidencia a escolha de um ponto de vista restrito na regulação da informação narrativa(...)”<sup>2</sup>. O narrador observa e transmite todos os aspectos íntimos do protagonista, utilizando-se do discurso indireto livre, observamos as impressões e concepções de um menino excepcionalmente sensível e sua maneira de compreender (ou não compreender) as coisas que se passam ao seu redor no tempo em que elas acontecem, sobre estas particularidade, comenta Dante Leite “Em “Campo Geral” a novela é descrita em terceira pessoa, mas apreende apenas a experiência do menino (...) Esse recurso era necessário, pois a história não poderia ser narrada pelo herói a não ser por evocação, e isso (...) destruiria o seu núcleo fundamental, que é a perspectivada criança. A narrativa através do romancista onisciente também destruiria o elemento básico da novela pois fatalmente eliminaria o fato de as pessoas e as coisas serem vistas e compreendidas pelo menino.”<sup>3</sup>

Observam também Dante Leite e Elizabete Faria que, algumas vezes, a aproximação entre narrador e personagem torna-se ainda maior e o focalizador sutilmente intromete-se no discurso, como nos excertos: “Tinha lua-cheia, e de noitinha mãe disse que todos iam executar um passeio (...). Eta, *fomos*, assim subindo, para lá dos coqueiros”<sup>4</sup>; ‘Os cachorros latiam lá fora, de cada um, o latido, *a gente* podia reconhecer.”<sup>5</sup> Como podemos perceber, tanto o *fomos* quanto o *a gente* agem como marcadores da primeira pessoa do plural, evidenciando que o narrador sai de cena por um instante e deixa predominar o fluir da consciência do personagem focalizador e este toma as rédeas da narração.

Como consequência dessa perspectiva de narração, o principal conflito, o adultério, é abordado de maneira indireta, apenas sugerido através de fatos que chegam ao conhecimento ou são presenciados por Miguilim: primeiro a brigas entre pai e mãe por causa do Tio Terêz, expressa nas palavras de Dito: “Pai está brigando com mãe. Está xingando ofensa muito, muito. Estou com medo, ele queira dar em mãe...”<sup>6</sup>; “– Eu acho, pai não quer que mãe converse mais nunca com o Tio Terêz...”<sup>7</sup>. Logo depois Tio Terêz chega, Vovó Izidra manda-o embora para nunca mais voltar e compara-o a Caim, que matou Abel. O pai leva Luizaltino

<sup>2</sup> FARIA, Elizabete Brockelman de. O papel do narrador em “Campo Geral”. In: DUARTE, Lélia Parrera (Org). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2003. p. 186.

<sup>3</sup> LEITE, Dante Moreira. “Campo Geral”. In: *Psicologia e literatura*. São Paulo: Cia das Letras / Nacional/ Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977. p.179.

<sup>4</sup> ROSA, João Guimarães. “Campo Geral”. In: *Manuelzão e Miguilim: Corpo de baile*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 93.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, p. 94.

<sup>6</sup> ROSA, João Guimarães. “Campo Geral”. In: *Manuelzão e Miguilim: Corpo de baile*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 21.

<sup>7</sup> ROSA, João Guimarães. “Campo Geral”. In: *Manuelzão e Miguilim: Corpo de baile*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 22.

para ajudá-lo na roça. Enquanto Miguilim levava almoço para o pai e Luizaltino, Tio Terêz abordou-o no caminho para entregar-lhe um bilhete endereçado à mãe, mesmo sem entender muito bem o que havia de errado naquilo, Miguilim não entregou o bilhete. Em outra passagem, Miguilim observa que a mãe e Luizaltino conversavam sozinhos durante um passeio, e ele ouve um trecho da conversa: “Uma hora, o que o Luizaltino falou: que judiação do mal era por causa que os pais casavam as filhas muito meninas, nem deixavam que elas escolhessem os noivos.”<sup>8</sup> E, por fim o assassinato de Luizaltino pelo pai, e o suicídio do mesmo.

Esses fatos são reveladores, porém Miguilim não os sabe interpretar, não os compreende, é o leitor quem junta as peças e tira suas conclusões. O perfil dos personagens também é apresentado de maneira indireta, assim como a intencionalidade de seus atos, muitas vezes ambíguos, que faz com que o leitor perceba sua profundidade psicológica e seus conflitos.

A mãe de Miguilim, Nhanina, desde início é apresentada como uma pessoa melancólica: “Mas sua mãe, que era linda com os cabelos pretos e compridos se doía de tristeza de ter de viver ali. Queixava-se principalmente nos demorados meses chuvosos, quando carregava o tempo, tudo tão sozinho, tão escuro, o ar ali era mais escuro; [...] – O ê, ah, o triste recanto”<sup>9</sup>. Essa sensibilidade e tristeza contrastam com a brutalidade do marido, Berno, pai de Miguilim. Ela provavelmente não o ama, tanto seu envolvimento com o Tio Terêz e, posteriormente com Luizaltino, como a distância afetiva que existe entre ela e seu marido e, ainda, a já citada passagem com a conversa com Luizaltino, que deixa a entender que a família lhe arranhou casamento quando era muito jovem, remete essa hipótese. Contudo, ela demonstra grande respeito e até temor ao marido, o que é normal na sociedade patriarcal e tradicionalista em que vive.

O pai de Miguilim, apesar de sua rudeza, demonstra gostar de sua esposa e oferece raras demonstrações de afeto:

Ah o pai não ralhava – ele tinha desmudado, de repente, soável risonho; mesmo tudo ali no instante, às asas: o ar, essas pessoas, as coisas – leve, leve, tudo desmudava simples, sem desordem: o pai gostava de mamãe, com o ser, com os olhos como que ele olhava, tanto querendo o bem<sup>10</sup>.

Outro personagem de extrema importância é o Dito, irmão mais novo de Miguilim: *O Dito era menor, mas sabia o sério, pensava ligeiro as coisas, Deus tinha dado a ele todo*

---

<sup>8</sup> *Idem, ibidem*, p. 94.

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p. 43-44.

<sup>10</sup> ROSA, João Guimarães. “Campo Geral”. In: *Manuelzão e Miguilim: Corpo de baile*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 21.

*o juízo*. Ele é uma criança extraordinária, tem a percepção imediata das coisas, e a sabedoria para a verdade dessas coisas com transparência. Com serenidade e confiança resolvia as dificuldades, convencendo aos adultos, salvando a si e a seu irmão dos castigos, por exemplo, quando Patori, filho de seu Deográcios estava importunando Miguilim, Dito apareceu: “– ‘Sabe, Patori, o vaqueiro Salúz está caçando você, pra bater, disse que você furtou dele uma argola de laço!’ Aí o Patori pegava medo, corria para dentro de casa, não saía mais de perto do pai.”<sup>11</sup>. Qualquer dúvida que Miguilim tinha, tirava-a com Dito, e outras vezes, no meio das conversas, demonstrava sua inteligência através de seus pensamentos.

De onde era que o Dito descobria a verdade dessas coisas? Ele estava quieto, pensando noutros assuntos de conversa, e de repente falava aquilo. – “De mesmo, de tudo, essa idéia consegue chegar em sua cabeça, Dito?” Ele respondia que não. Que ele já sabia, mas não sabia antes que sabia<sup>12</sup>.

Dito mostrava-se interessado por assuntos da fazenda, tinha empatia com os adultos, porém, um corte no pé transmitiu-lhe tétano, doença que o matou prematuramente, segundo as palavras de Lázaro Barreto: “O Dito possuía a sabedoria de quem vai morrer antes do tempo”<sup>13</sup>. Ainda antes de morrer, ele deixou um último ensinamento a Miguilim: – “Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!...”<sup>14</sup>. E a simbologia se fecha quando a morte de Dito coincide com a apresentação do presépio montado por Vovó Izidra.

Miguilim é diferente de Dito, ele não se ajusta ao mundo por que tem uma sensibilidade extraordinária, uma forma de expressão poética, uma natureza introspectiva e singular. Inventa histórias, tem grande empatia com os animais, busca um nome para seus sentimentos, para sua melancolia e não gosta da crueldade dos adultos, a maneira impiedosa como matam os tatus, a dureza de suas conversas. Lázaro Barreto diz ainda: “Miguilim é a pureza da infância, a meditação pueril e poética dos mistérios e das realidades, a pequena (infantil) observação das coisas grandes (adultos), como o amor, o desamor, a bondade, a violência, a morte e a vida em estado puro [...]”<sup>15</sup>. Miguilim tem medo da morte e conversa com Dito sobre o assunto, porém, Dito, não tem a mesma angústia que Miguilim, pois se interessa mais pelo mundo que o cerca. Miguilim chega mesmo a imaginar que tem uma

---

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*, p. 41.

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*, p. 122.

<sup>13</sup> BARRETO, Lázaro. Manuelzão e Miguilim de João Guimarães Rosa. In: DUARTE, Lélia Parrera (Org). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2003. p. 350.

<sup>14</sup> ROSA, João Guimarães. *Op. cit.*, p. 108.

<sup>15</sup> BARRETO, Lázaro. Manuelzão e Miguilim de João Guimarães Rosa. In: DUARTE, Lélia Parrera (Org). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2003. p. 349.

doença que o matará, faz um trato com Deus, para que este o leve no prazo de dez dias ou não o leve mais, e Deus não o veio buscar. Porém, é Dito quem morre, ocasionando a profunda depressão em Miguilim. Este também é míope, fato que se revela apenas no final da estória, quando aparece o Dr. Lourenço e lhe dá os óculos, explicando o fato de ele enxergar imprecisamente e decifrar as coisas através de suas características fisionômicas.

Sua forma de expressão e sensibilidade o aproximam da mãe, contudo, se choca com o pai, um homem rude que trabalha demais e preocupa-se apenas com as coisas práticas do mundo e, por isso, não consegue compreender seu filho. “– ‘O que ele quer é sempre ser mais do que nós, é um menino que despreza os outros e se dá muitos penachos. Mais bem que já tem prazo para ajudar em coisa que sirva, e calejar os dedos, endurecer casco na sola dos pés, engrossar esse corpo!’”<sup>16</sup>. A morte de Dito, além de trazer insuportável tristeza a Miguilim, também, intensifica seu conflito com o pai, crescendo o ódio entre os dois. O pai chega a afirmar que era Miguilim quem devia ter morrido em vez de Dito. Em outra passagem, a briga do malino Liovaldo (irmão mais velho recém chegado de visita, da cidade onde mora com o tio) contra Grivo, leva Miguilim a interceder em favor do último, o que lhe rende uma surra do pai:

Pegou o Miguilim, e o levou para casa, debaixo de pancadas. Levou para o alpendre. Bateu de mão, depois resolveu: tirou a roupa toda de Miguilim e começou a bater com a correia da cintura. Batia e xingava, mordida a ponta da língua, enrolada, se comprazia. Batia tanto, que Mãe, Drelina e a Chica, a Rosa, Tomezinho e até Vovó Izidra, choravam, pediam que não desse mais, que já chegava. Batia. Batia, mas Miguilim não chorava. Não chorava, porque estava com um pensamento: quando ele crescesse, matava Pai.<sup>17</sup>

E depois afirma: “– ‘Pai é homem jagunço de mau. Pai não presta.’”. Neste ponto culminante, o já citado Dante Leite, no seu *Psicologia e Literatura*, aproxima o conflito familiar de “Campo Geral” com *Hamlet* de Shakespeare, pois, após a morte do pai, Miguilim vê sua mãe se casar com o tio. Salvo a diferença que em *Hamlet* há uma aproximação afetiva entre pai e filho. Mas também, na narrativa, apresenta-se o conflito edipiano, pois pai e filho são personagens antagônicos, o filho promete matar o pai. Porém, em ambas as tragédias, não há o convívio entre pai e filho, o que torna o caso de “Campo Geral” mais complexo e ambíguo. Essa ambigüidade torna-se evidente quando Miguilim adoece, por não agüentar o intenso trabalho na roça, ao qual o pai o submeteu então este, assolado por culpa e desespero: “Pai chorava estramontado, demordia de morder os beiços. Miguilim sorriu. Pai chorou mais

---

<sup>16</sup> ROSA, João Guimarães. “Campo Geral”. In: *Manuelzão e Miguilim: Corpo de baile*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 115.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p. 124.

forte: – ‘Nem Deus não pode achar isto justo direito, de adoecer meus filhinhos todos um depois do outro, parece que é a gente só quem tem de purgar padecer!’”<sup>18</sup>.

Ainda doente, Miguilim acorda com os gritos, ouve sua mãe lhe dizer que seu pai matou Luisaltino e fugiu para o mato, em seguida, vovó Izidra diz-lhe que seu pai foi encontrado enforcado em uma árvore, suicidou-se. A mãe pergunta a Miguilim, ainda convalescente, se ele se importaria caso ela casasse com o tio Terêz. Miguilim diz que isso são bobagens. Da cidade, então vem o Dr. Lourenço que diagnostica a miopia de Miguilim, dando-lhe óculos, através dos quais descobre um mundo novo. Depois, Dr. Lourenço leva-o consigo para a cidade. E assim termina “Campo Geral”.

Nesta novela, podemos encontrar um sentido muito mais amplo do que a simples estória de uma criança. No âmbito social, Guimarães Rosa, apresenta-nos a pobreza e a dificuldade do sertão. Aspecto evidenciado no pai de Miguilim, que trabalha de sol a sol buscando a ascensão social, reclamando da pobreza em que vive “em ponto de virar miserável, pedidor de esmola, a casa não era dele, as terras ali não eram dele, o trabalho era demais, e só tinha prejuízo sempre, acabava não podendo nem tirar para sustento de comida da família.”<sup>19</sup>. Na morte de Dito, o que evidencia a grande dificuldade e a falta de assistência do lugar onde vivem, não tendo como ser levado a um médico, por ser extremamente longe, a criança acaba morrendo, assim como acontece com tantos outros nessa região. Na submissão da mãe, que teme o marido, nunca se opondo a ele, nem para proteger Miguilim das sua judiações (como o próprio observa) e tendo se casado, por convenção familiar, não ama o marido, mas não pode deixa-lo, pois está presa a uma relação tradicionalista e patriarcal, o que a leva ao adultério; e nas palavras do Seo Deográcios, “– ‘Pois é, seo Nhô Berno, isto aqui vai acabar, vai acabar... Não tem recursos, não tem proteção do alto, é só trabalho e doenças, ruindades ignorâncias... De primeiro, eu mesmo pensei de poder ajudar a promover alguma melhora, mesmo pouca. Ah, pensei isso, mas foi nos ocos da cabeça! Agora... O que eu sei, o que há, é o mundo por se acabar...’”<sup>20</sup>.

No âmbito filosófico, pode-se também observar o princípio nuclear da obra de Guimarães Rosa: a sua veia trágica, onde se purga o ódio e a maldade através do sofrimento e, assim, encontra-se a redenção. Vale ainda ressaltar, para concluir, que “Campo Geral” é a primeira novela de *Corpo de Baile* (1956) e que alguns de seus personagens aparecem,

---

<sup>18</sup> ROSA, João Guimarães. “Campo Geral”. In: *Manuelzão e Miguilim: Corpo de baile*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 134.

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*, p. 55.

<sup>20</sup> ROSA, João Guimarães. “Campo Geral”. In: *Manuelzão e Miguilim: Corpo de baile*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 118.

posteriormente, em outras novelas da obra: Tomé, Drelina e Chica aparecem adultos em “A estória de Lélío e Lina”; o Grivo reaparece em “O Cara-de-Bronze”; e o próprio Miguilim volta a aparecer, adulto, em “Buriti”.

## CORPUS DE QUESTÕES SOBRE O AUTOR EM PROCESSOS SELETIVOS

### 1. PUCCAMP – 2005

Será que o encontro entre os povos e as raças, entre praticantes de diferentes religiões costuma ocorrer como aquele bem sucedido diálogo entre os distantes tambores. referido no texto? Atente para este fragmento da novela *Campo geral* (Miguilim), de Guimarães Rosa:

Vovó Izidra quizilava com Mãitina:

— Traste de negra pagã, encostada na cozinha, mascando fumo e rogando para os demônios dela. africanos. Vem ajoelhar gente, Mãitina!

Mãitina não se importava, com nenhum, vinha, ajoelhava igual aos outros, rezava. Não se entendia bem a reza que ela produzia, tudo resmungo; mesmo para falar, direito, ão se compreendia.

Considerando-se o contexto da novela, esse fragmento exprime

- (A) o contraste entre as convicções do dominador a as do dominado.
- (B) a complementaridade entre duas seitas distintas.
- (C) um processo de conversão do paganismo ao cristianismo.
- (D) a indiferenciação entre valores católicos e valores pagãos.
- (E) o contraste entre a compaixão cristã e a magia negra.

### 2. PUCCAMP – 2003 (C. JURÍDICAS)

Em *Campo Geral* – a novela que conta a história de Miguilim – o Início a o fim do texto parecem atar-se num círculo simbólico: o menino que vivia nos confins do sertão mineiro, no triste Mutum, experimenta os óculos do doutor, que o levará embora para a cidade, e passa a ver tudo diferente. Essa passagem do meio rural, primitivo e sem letras, para o espaço urbano fala muito da ficção de Guimarães Rosa, tanto quanto fala de um Brasil dividido entre velhas estruturas fundiárias a as metas de progresso e desenvolvimentismo dos anos 50 do século XX.

O trecho acima aponta para um **contraste** histórico e social que também se expressa no estilo do autor, já que a linguagem de Guimarães Rosa

- (A) satiriza o modo de falar dos sertanejos, contrastando-o com a expressão do homem culto da cidade.
- (B) opõe a fala das personagens a linguagem do narrador, de modo a criar um abismo estilístico entre esses discursos.
- (C) combina elementos da fala regional com os recursos de uma refinada e inventiva expressão lingüística.
- (D) traduz com absoluta fidelidade a fala do sertanejo, reservando o experimentalismo lingüístico para a fala dos homens da cidade.
- (E) parodia a linguagem dos homens letrados, ao imaginá-la na boca dos sertanejos iletrados do sertão.

### 3. PUCCAMP – 2002

Sobre Monteiro Lobato, afirma o texto que essa autor *reuniu a seu modo as realidades de um país ainda arcaico e já moderno, contradição nossa até hoje*. Sobre Guimarães Rosa, levando em conta narrativas suas como *Manuelzão e Miguilim (Campo geral)*, é correto afirmar

- (A) O Brasil arcaico, rural, e o Brasil moderno, industrial, são representados com igual peso pelo grande escritor mineiro, empolgado com os ideais do Modernismo de 22.
- (B) Também o escritor mineiro tornou para si a tarefa de representar o atraso e o progresso do País, com o propósito de proclamar as vantagens da sociedade industrial.
- (C) As grandes contradições entre o mundo rural e o urbano, que motivam as migrações do campo para a cidade, constituam o tema preferencial de sua ficção regionalista.
- (D) A realidade regional, arcaica, surge nos cenários e nas personagens do sertão, mas na linguagem do autor há evidentes aspectos de invenção estética e de modernidade.
- (E) A realidade regional surge idealizada, sendo intenção do autor manifestar seu desprezo pela cultura urbana, o que o levou a uma linguagem simples, natural e espontânea.

#### 4. Tipo II – Literatura Brasileira

As questões de 41 a 44 referem-se à obra *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa.

##### QUESTÃO 41

A narrativa de *Uma história de amor (A festa de Manuelzão)* é permeada de citações de versos.

**ASSINALE** a justificativa **CORRETA** para a frequência com que esses versos aparecem.

- A) O fato de a personagem principal, Manuelzão, ser poeta.
- B) A estreita relação entre a novela e a narrativa de tradição oral.
- C) O fato de se tratar de um romance romântico.
- D) desejo do narrador de transpor para o texto o entusiasmo dos convivas na festa de Manuelzão.

#### 5. UNICAMP

Mas, a mal, vinha vesprando a hora, o fim do prazo, Miguilim não achava pé em pensamento onde se firmar, os dias não cabiam dentro do tempo. Tudo era tarde! De siso, devia de rezar, urgente, montão de rezas. (João Guimarães Rosa, “Campo geral”, in *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1972.)

- a) O trecho acima refere-se a uma espécie de acordo que Miguilim propôs a Deus. Que acordo era esse?
- b) Sabendo-se que o acordo se relaciona às perdas sofridas por Miguilim, cite as duas que mais profundamente o marcaram.
- c) Se “vesprando” deriva de “véspera”, que se associa a Vésper (Estrela da Tarde), como se deve interpretar “vinha vesprando a hora”?

#### 6. FUVEST – 1998

Neste trecho de *Campo Geral*, de Guimarães Rosa, as expressões grifadas pelo autor retomam, ao final da narrativa:

- a) os versos sertanejos cantados pelo vaqueiro Salúz, em seu desejo de consolar Miguilim.
- b) a mensagem inicial de Tio Terêz, unindo, assim, o princípio e o fim da história.
- c) as lições de conformidade e alegria de Mãitina a Miguilim, enraizadas no catolicismo popular.
- d) a derradeira lição da sabedoria do Dito, reforçada depois por seu Aristeu.
- e) o ensinamento do Grivo, cuja pobreza extrema era, no entanto, fonte de doçura e alegria.

#### 7. FUVEST – 1997 (SEGUNDA FASE)

O fragmento abaixo é da novela “Campo geral” (“Miguilim”), de João Guimarães Rosa.



E o Dito mesmo gostava, pedia: “Conta mais, conta mais...” Miguilim contava, sem carecer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não esbarrava de contar, estava tão alegre nervoso, aquilo para ele era o entendimento maior.

a) As qualidades aqui atribuídas ao Miguilim contador de histórias aproximam-no ou distanciam-no do modo de narrar que celebrou Guimarães Rosa? Justifique sua resposta.

b) O desfecho da novela estaria a sugerir que Miguilim encontrará limitações para desenvolver suas qualidades de contador de histórias? Justifique sua resposta.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Lázaro. Manuelzão e Miguilim, de João Guimarães Rosa. In: DUARTE, Lélia Parreira e et alii (org). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CEPUC, 2000. p. 348-353

FARIA, Elizabete Brockelmann de. O papel do narrador em “Campo Geral”. In: DUARTE, Lélia Parreira e et alii (org). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC/CEPUC, 2003. p. 184-289.

LEITE, Dante Moreira. *Campo Geral*. In: *Psicologia e Literatura*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1997.p.178-192.

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim: Corpo de baile*. 17. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

## **Formação e identidade: uma experiência no município de Viseu**

*Gillys Vieira da Silva (gillysvieira@yahoo.com.br)*

Graduada em Pedagogia/ Membro GEPERUAZ/ CED–UFPA

*Yasmin Navarro Tuji (yasmin\_navarro@yahoo.com.br)*

Graduada em Pedagogia/Membro GEPERUAZ/ GEPJURSE/ CED– UFPA

Área temática: EDUCAÇÃO

**RESUMO:** *Este trabalho socializa resultados da experiência de uma ação educativa realizada no município de Viseu, localizado no Nordeste do Estado do Pará. Esta intervenção se deu através do Programa Saberes da Terra na Amazônia Paraense que prevê a formação de educadores/as do Campo em 15 municípios do Estado. O Programa do Governo Federal tem como parceiros a Universidade Federal do Pará, Universidade do Estado do Pará, Universidade Federal Rural da Amazônia e Escola Agrotécnica.*

### **OBJETIVOS**

O trabalho desenvolvido teve como principal objetivo a dialogicidade, construção coletiva e a troca de saberes e experiências vivenciadas pelos educadores/as envolvidos na formação, realizada no Município de Viseu, através do Programa Saberes da Terra na Amazônia Paraense.

### **METODOLOGIA**

Este trabalho desenvolveu-se através das formações realizadas pelo Programa Saberes na Terra da Amazônia Paraense no Município de Viseu, o qual teve como público alvo professores que atuam no programa e os da rede ensino municipal, tendo como base uma abordagem qualitativa, visto que foram analisadas as narrativas dos participantes.

### **RESULTADOS**

Através das narrativas dos participantes percebemos a fragilidade identitária destes sujeitos ao que diz respeito à educação do Campo no Município de Viseu. Isto se revela à medida que estes sujeitos não percebem no contexto escolar sua identidade, lutas e histórias. Em que pese o reconhecimento conquistado na legislação vigente quanto ao direito à educação do e no Campo, os resultados revelaram que muitos esforços ainda são necessários para que o Campo seja visto como lugar não só de produção, mas também de conhecimento e cultura.

## **Ação Pedagógica no Projeto Riacho Doce: Um desafio na construção de conhecimentos multiculturais na Amazônia**

---

*Janiete Dias da Silva*  
*Jacqueline Pereira Brito*  
Projeto Riacho Doce / UFPA

Área temática: EDUCAÇÃO

(1) Ensinar crianças e adolescentes a conhecer e valorizar a cultura da Região Amazônica é uma de nossas propostas pedagógicas.

Através das atividades de Orientação de Estudos, Oficinas lúdico-pedagógicas, o jogos pedagógicos, o aluno é capaz de compreender o contexto cultural no qual está inserido, valorizando assim sua própria identidade. Esse constitui num dos elementos fundamentais para a promoção da “Educação para o Desenvolvimento Humano” através dos Quatro Pilares da Educação: (Aprender a ser, Aprender a conhecer, Aprender a conviver e Aprender a fazer) preconizado pela UNESCO.

(2) A equipe de pedagogia do Projeto Riacho Doce, além de desenvolver projetos educativos que envolvem vários temas multiculturais de valorização de diversas culturas, realiza periodicamente encontros com o Grupo de Pais, promovendo assim uma parceria fundamental. A relação família-escola constitui assim, uma ferramenta integradora capaz de auxiliar na ação educativa. Esse modelo educativo tem por objetivo a possibilitar o acesso a experiências no campo da leitura, da escrita, do raciocínio lógico e do saber social. Contribuindo dessa forma, para o desenvolvimento de potencialidades e o aprimoramento de competências pessoais, cognitivas e produtivas.

(3) Um dos objetivos da proposta educativa desenvolvida pela equipe pedagógica é a de criar estratégias metodológicas que possibilitem a formação de pessoas capazes de agir com base em princípios éticos e de forma cada vez mais autônoma e transformadora, tanto no nível pessoal, quanto no nível coletivo. Além de contribuir para a melhoria do desempenho escolar, minimizando assim, o índice de reprovação e evasão escolar.

## **O pensar e o fazer docente no Clube de Ciências da UFPA**

---

*Jesus de N. Cardoso Brabo  
Alex Tadeu Pina Monteiro  
Márcia Barbosa Ferreira*

Universidade Federal do Pará

Área temática: EDUCAÇÃO

**RESUMO:** *Este trabalho relata algumas das atividades da turma Ensino Médio B do Clube de Ciências da UFPA em 2005, destacando algumas reflexões pessoais sobre a prática docente do grupo de professores dessa turma. A partir do relato das atividades desenvolvidas em 2005, procuro compreender de que modo as atividades foram realizadas discutindo elementos que surgiram no decorrer do trabalho, que envolveram o pensar e o fazer dos professores-estagiários que compuseram a turma. Para isso recorri ao planejamento das atividades realizadas, aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos e a entrevistas com os professores que compuseram o grupo. Primei pela busca das relações entre as idéias dos professores sobre as atividades e a execução destas atividades, encontrando certo distanciamento. Esse distanciamento é discutido em confronto às opiniões dos alunos sobre essas atividades, estabelecendo-se como ponto principal de comparação visões sobre a atividade científica, que poderiam determinar a forma como os conhecimentos dos alunos seriam tratados pelos professores e como as atividades poderiam modificar visões distorcidas de alunos e professores sobre a ciência. Foi possível para mim, com os resultados da pesquisa, refletir sobre minha prática docente, a partir das experiências vivenciadas na turma, adquirindo lições que demonstram o quanto é importante para o professor avaliar seu pensar e seu fazer.*

**Palavras-chave:** *Formação docente; ensino de ciências; espaço não formal de ensino.*

Envolver os professores em pesquisa tem sido apontado como um dos caminhos válidos para melhorar a educação brasileira. O conhecimento sobre a complexidade que envolve o processo de ensino-aprendizagem, a inter-relação teoria e prática e o crescimento intelectual e profissional pode ser desenvolvido e mediado por práticas de pesquisa. Assim, a pesquisa sobre a própria prática pode possibilitar mudanças significativas na atuação do professor, seja na formação inicial ou continuada.

Este artigo trata de discussões e reflexões a partir da prática docente de um grupo de professores-estagiários, do Clube de Ciências da UFPA – CCIUFPA, durante o ano de 2005, em que trabalharam com uma turma do ensino médio. O CCIUFPA, situado no Núcleo Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico – NPADC/UFPA, é um espaço que desenvolve a prática de ensino antecipada e compartilhada (GONÇALVES, 2000). Incentiva e orienta a formação do professor pela pesquisa, compartilhando com a idéia de professor-pesquisador, como defendida por Maldaner (1999).

Por se tratar de um espaço não-formal de ensino de Ciências, o Clube de Ciências da UFPA propicia um ambiente de aprendizado diferente. Por meio do desenvolvimento de atividades variadas com estudantes de ensino fundamental e médio, os alunos têm oportunidade de adquirir uma *bagagem cognitiva* de assuntos relacionados à ciência, podendo

eles mesmos desenvolver projetos de pesquisa, articulando teoria e prática no processo de aprendizagem.

Com a idéia de incentivar/possibilitar uma visão de ciência, diferente do que é comumente disseminado, e em função de perceber que a produção do conhecimento precisa ser vista de outra maneira, o grupo de professores-estagiários organizou um conjunto de atividades que buscaram atingir estes objetivos. Vários são os autores que se propõem a estudar o trabalho dos cientistas como algo distinto das idéias recorrentes sobre a atividade científica, que podemos caracterizar como impessoal, neutra, universal e em busca da Verdade. Esta visão, transmitida por grande parte dos livros didáticos, é a que se apresenta como correta para os estudantes. Vários dos autores que criticam tal visão acreditam no uso da História da Ciência no ensino de Ciências como via de mudança. Uma análise de alguns casos ao longo da história das descobertas científicas mostra que há muito mais em jogo do que simplesmente a busca pela Verdade por alguns poucos gênios excepcionais, envolvendo antes de tudo o caráter ambíguo e socialmente construído das ciências surgidas no curso do tempo. São construções humanas, portanto suscetíveis a erros, interesses, paixões, disputas, intrigas e consensos, o que é muito diferente daquela visão de ciência neutra, objetiva e infalível que se convencionou trabalhar no ensino tradicional, por meio da desconexão entre as várias disciplinas, menosprezo às formas de conhecimento construídas pelos estudantes em sua vida e a ênfase à transmissão de conteúdos pelo professor sem qualquer base crítica.

Silenciosamente, o conteúdo transmitido é acompanhado de um ideário que o próprio professor por vezes não tem consciência, que, de um modo geral, são idéias que remetem à ciência como maneira única de pensar o mundo, neutra, ahistórica e infalível. Gil Pérez *et al.* (2001) apontam sete concepções deformadas sobre o trabalho científico que são transmitidas pelos professores. Em vista dessas concepções com que os professores representam a ciência para os estudantes, perde-se a noção do que constitui de fato o trabalho científico.

Diante das considerações apresentadas, procuro responder à questão: A partir do relato das atividades desenvolvidas em 2005, que elementos/relações/discussões envolveram o pensar e o fazer dos professores-estagiários que compuseram a turma?

Para responder esta questão, busco, ao longo do trabalho, discutir as visões dos alunos e professores da turma Ensino Médio B sobre a atividade científica e sobre o desenvolvimento das atividades do ano letivo de 2005, além de identificar, nos discursos de ambos os lados, elementos que denotem a influência ou não das atividades do ano nas visões sobre ciência que alunos e professores demonstraram.

Optei pela pesquisa narrativa no desenvolvimento do trabalho por considerá-la uma metodologia de investigação que atende aos propósitos apresentados. Trata-se de uma re-análise das experiências vividas pelos indivíduos participantes, incluindo-se aí o próprio pesquisador. Cunha (1997) destaca a importância dos significados atribuídos aos fenômenos pelo sujeito da pesquisa, devendo este estar disposto *a analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enfiadamente afetivos presentes na caminhada, a pôr em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a desconstruir seu processo histórico para melhor poder compreendê-lo.*

Na condição de sujeito diretamente envolvido no processo de pesquisa, tanto quanto objeto, portanto suscetível a re-interpretar as narrativas, percebo na pesquisa narrativa uma possibilidade de auto-análise e de análise das falas dos demais professores e dos alunos, constituindo assim *um processo coletivo de mútua explicação em que a vivência do investigador se imbrica na do investigado* (idem).

Partindo do princípio de que dentro de uma pesquisa nessa vertente *a narrativa é tanto o fenômeno que se investiga como o método da investigação* (GONÇALVES, 2000), apresento, na forma de narração, algumas reflexões sobre as várias interpretações sobre o desenvolvimento das atividades, emitidas pelos professores e estudantes, algumas dessas tendo sido realizadas em 2005 na turma que permitirão compreender de que modo as atividades foram realizadas, discutindo elementos que surgiram no decorrer do trabalho.

## O CLUBE DE CIÊNCIAS DA UFPA COMO ESPAÇO NÃO-FORMAL DE ENSINO DE CIÊNCIAS

Define-se educação não-formal como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino (BIANCONI e CARUSO, 2005). Diferencia-se da educação informal, que se adquire na convivência cotidiana na família, em clubes, associações de moradores, centros religiosos e outros espaços, de forma assistemática. Também se diferencia da educação formal por não se realizar no ambiente escolar. Como exemplos de espaços não-formais de educação temos museus, parques zoológicos, planetários e clubes de ciências. As atividades da educação não-formal são geralmente desenvolvidas de modo a atingir um objetivo específico (VIEIRA et al., 2005), podendo favorecer a aquisição de bagagem cognitiva pelo aluno em auxílio ao processo escolar (idem). Dentro destes espaços, é possível o desenvolvimento de determinados conteúdos que podem ou não seguir a organização curricular do ensino formal. O Clube de Ciências da UFPA (CCIUFPA), exemplo de espaço não-formal em Belém, corresponde à definição mencionada e possui características próprias que a diferenciam da

educação formal de Ciências. No ano de 2005, neste espaço não-formal de ensino de Ciências, foram desenvolvidas atividades que buscamos descrever/discutir neste trabalho.

A turma de ensino médio em que se realizou a pesquisa (Ensino Médio B) foi formada por seis professores-estagiários de cinco cursos da UFPA (Biologia, Filosofia, Física, Matemática e Química), com diferentes tempos de estágio no Clube de Ciências. A equipe se formou por compatibilidade de horários e interesse comum pela proposta de trabalho que foi definida durante a realização da Semana de Capacitação de professores-estagiários do CCIUFPA, realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2005. Passo a apresentar algumas informações sobre cada professor do grupo.

Armando<sup>1</sup> iniciou seu estágio no Clube em 2004, ano em que cursava Pedagogia. Em 2005, mudou-se para o curso de Filosofia através da Mobilidade Acadêmica (“vestibulinho”). Nesse mesmo ano teve sua primeira experiência com uma turma de Ensino Médio, sendo um dos primeiros, juntamente comigo, a se interessar pelo tema História da Ciência e integrar o grupo de professores.

Danilo ingressou no Clube em 2005, tendo ingressado no curso de Licenciatura em Matemática em 2002. Possui experiência em algumas escolas particulares da Grande Belém.

Maurício ingressou no Clube em 2003, tendo se afastado no segundo semestre de 2004 e retornado em 2005. É concluinte de Licenciatura em Física, cujo início foi em 2001. Trabalha como professor de cursinhos pré-vestibulares da Grande Belém.

Rodrigo também iniciou seu estágio no Clube em 2003, tendo ingressado na Licenciatura em Física em 2002. Tem experiência em cursinhos pré-vestibulares e como monitor em um programa de inclusão digital.

Walter participa do Clube desde 2004, tendo em 2005 sua primeira experiência no Ensino Médio. Encontrava-se no quinto semestre do curso de Bacharelado em Química, no qual ingressou em 2003, na época da realização da pesquisa; tem experiência docente com aulas particulares.

Integrei o grupo de professores de 2005 tendo ingressado no estágio em 2003. Entrei no curso de Licenciatura em Biologia em 2002, e de agosto de 2004 a maio de 2006 fui bolsista da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) pelo Clube de Ciências.

Na turma de Ensino Médio B se inscreveram 35 sócios-mirins. Apenas 19 compareceram no primeiro dia de atividades no Clube. Neste dia, foi aplicado o questionário

---

<sup>1</sup> Os nomes foram alterados para preservação da identidade dos participantes da pesquisa

sócio-cultural. Este questionário e as fichas de inscrição forneceram os subsídios para as informações que compõem o perfil dos alunos.

Para os propósitos da pesquisa, selecionamos diferentes instrumentos que nos ajudarão a discutir/refletir sobre o pensar e o fazer no Clube de Ciências da UFPA.

a) Avaliação de concepções prévias (sondagem inicial)

Esta sondagem foi realizada ainda no primeiro dia de aula e consistiu em um questionário com duas perguntas de resposta livre, que versavam sobre as concepções dos alunos em relação à ciência e à atividade do cientista. Foi distribuído após uma breve exposição da proposta de trabalho com a turma.

b) Atividade sobre Razão Áurea

O tema da aula do dia 9 de abril de 2005 foi Razão Áurea. A aula iniciou com o eixo temático Corpo, proposto pelo grupo de professores. Foi elaborado um material escrito com algumas informações históricas e matemáticas sobre a Divina Proporção. Este material continha no final uma tabela na qual cada aluno deveria anotar, após medições, sua altura, a distância do umbigo ao chão e a razão entre as medidas anteriores, para estimarem o quanto aquela se aproxima da Razão Áurea ou Número de Ouro ( $\phi$ ).

c) Pesquisa aberta sobre Padrões de Beleza

Como forma de ambientar os alunos aos projetos de iniciação científica que seriam realizados ao longo do ano, adotamos o procedimento de, a cada semana, elegermos uma dupla de alunos para realizarem uma pesquisa sobre o tema da aula seguinte, na qual seriam apresentados os resultados. Como primeira pesquisa, delegamos a uma dupla a função de entrevistarem no mínimo dez pessoas sobre padrões de beleza, a partir da pergunta-chave *Para você, o que é o belo?* Os resultados apresentados na segunda aula tornaram-se base para o assunto do dia.

d) Construção de hipóteses

Esta atividade que durou duas aulas foi particularmente importante, pois envolveu a habilidade de levantamento de hipóteses pelos alunos. Diante de uma experiência envolvendo um recipiente cheio de água, uma vela acesa dentro do recipiente e um copo, os alunos deveriam responder à questão: se colocarmos o copo sobre a vela acesa, o que acontece com a chama da vela e com a água do recipiente? Os alunos deveriam levantar hipóteses antes da realização do experimento e buscar explicações para o resultado obtido, o que seria feito oralmente e por meio de um relatório a ser entregue no segundo dia da atividade. Esse trabalho escrito foi entregue por apenas uma aluna.



e) Texto sobre elementos para uma investigação

Este texto, adaptado de Hennig (1986), foi apresentado como parte do eixo temático *Elaboração de um trabalho científico*, em que pretendíamos discutir com os alunos elementos de um trabalho científico a partir da experiência relatada por Lazzaro Spalanzani com morcegos, que levou séculos mais tarde à invenção do sonar. Os alunos responderam a uma série de questões referentes às hipóteses levantadas pelo pesquisador, os objetivos da pesquisa e outras relacionadas com os elementos de um trabalho científico.

f) Sondagem final

No dia da Feira de Ciências, que marcou o final das atividades do Clube de Ciências em 2005, foi distribuído para os alunos um questionário sobre as atividades desenvolvidas na turma. Dos cinco questionários entregues, três foram respondidos e devolvidos aos professores-estagiários; destes, serão analisadas algumas respostas na tentativa de discutir aspectos da prática, de acordo com as questões propostas.

g) Entrevistas com os professores

Os professores-estagiários da turma Ensino Médio B foram entrevistados cinco meses após o encerramento das atividades de 2005 no CCIUFPA. Foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas com base em um modelo de entrevista com questões relativas ao trabalho no Clube de Ciências, à influência deste trabalho em sua formação profissional e às concepções que possuem sobre a atividade científica em comparação com a que possuíam antes de entrar na Universidade. Estas entrevistas foram registradas com o auxílio de um gravador e os trechos considerados mais relevantes para a análise foram transcritos.

## A EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ENSINO DE CIÊNCIAS DO CCIUFPA

Para os propósitos do trabalho a ser desenvolvido em 2005, foi interessante conhecer que concepções sobre a atividade científica os alunos apresentavam inicialmente. Para esta sondagem inicial, foram feitas duas perguntas na forma de questionário de livre resposta, *Como você imagina a ciência?* e *O que faz um cientista?* Embora sejam perguntas diferentes, as respostas estão diretamente relacionadas, o que me fez preferir analisá-las em conjunto. As respostas seguintes representam algumas das idéias que os alunos apresentaram ao início das atividades, com suas possíveis interpretações entre parênteses<sup>2</sup>.

Um meio [em] que se estuda a vida e os demais assuntos relacionados à existência dos seres na terra. (ciência unicamente como estudo da vida)

Seu trabalho é criar e descobrir para a melhoria da vida humana. Tudo parte de uma

---

<sup>2</sup> Os erros gramaticais e ortográficos que algumas respostas apresentam foram corrigidos, sem, contudo, haver qualquer alteração de palavra e/ou conteúdo.

necessidade que os seres humanos possuem e eles, os cientistas, procuram a solução. (ciência para a melhoria da vida humana)

Um cientista tenta descobrir coisas novas. (ciência composta por descobertas, em detrimento da construção histórica da ciência)

(...) Alguns cientistas fazem da ciência um instrumento para causar destruição, outros salvam (...) vidas. (caráter ambíguo da ciência)

As diferentes respostas mostram algumas das diversas visões possíveis sobre ciência que os alunos trouxeram naquele primeiro dia de aula. Essas visões podem ser o reflexo tanto da visão que é transmitida pela escola quanto da visão parcializada dos meios de comunicação, em especial da *mídia televisiva* (KOSMINSKY E GIORDAN, 2002). Identificar estas visões iniciais sobre ciência e a atividade científica nos permitiu enxergar a variedade de concepções que os alunos podem trazer sobre a ciência. Estas várias concepções também foram identificadas pelos professores nas entrevistas. Armando e Rodrigo, por exemplo, emitiram as seguintes respostas quando interrogados a cerca de uma possível mudança de idéia sobre a ciência em relação ao que pensavam antes do ingresso na universidade:

Via a ciência como algo realmente fantástico e até certo ponto feito por gênios, devido às publicações da mídia de massa que expõem o cientista como gênio (...) muitas vezes confundia a ciência com seu produto, a tecnologia (...). (ARMANDO, 23, Filosofia)

Quando a gente é aluno de ensino médio, a gente pensa que cientista é o cara que tá no laboratório de jaleco... faz um estereótipo de cientista... cabelo arrepiado... e hoje em dia a gente vê que não é assim (...). (RODRIGO, 24, Física)

Armando e Rodrigo, por exemplo, trazem em seus depoimentos visões estereotipadas sobre a figura do cientista, que refletem como vêem a própria ciência. Estas concepções distorcidas sobre a atividade científica podem persistir nos professores, quando se preocupam unicamente em transmitir conteúdos da ciência sem analisá-los criticamente, apesar da formação científica da academia (GIL PÉREZ et al., 2001). De maneira implícita ou bem clara, o fazer científico é tratado nas salas de aula como uma atividade neutra, eminentemente empírica, rigorosamente metódica e fruto de idéias geniais de indivíduos isolados, dentre outras características que não correspondem à realidade das universidades e centros de pesquisa (idem).

Nas aulas seguintes, foram desenvolvidas diversas atividades, das quais algumas foram selecionadas e indicadas anteriormente para análise do pensar e do fazer dos professores-estagiários da turma.

A Razão Áurea, segunda atividade, ( $\phi$  ou  $\phi$ ) foi tema da aula seguinte, na qual foi trabalhada uma atividade prática que consistiu na medição das alturas dos alunos pelas

distâncias de seus umbigos ao chão, cuja razão entre as medidas resultaria aproximadamente no número 1,618, que corresponde à Razão Áurea. Este número adquiriu uma conotação mística desde a Antiguidade, onde se imaginava que era possível encontrar um número que regesse a natureza. Como esta proporção pode ser encontrada em vários aspectos naturais, desde o padrão da espiral da concha de algumas espécies de moluscos marinhos até a razão entre várias medidas do corpo humano, muitos artistas a utilizaram para imprimir apuro estético em suas obras. Algumas relações matemáticas em figuras geométricas também se configuram em relações áureas (BIEMBENGUT e HEIN, 2003). Os valores obtidos se aproximavam da Razão Áurea, alguns mais, outros menos. Apenas em um aluno houve coincidência entre a razão de suas medidas e o Número de Ouro. Porém, ele não foi considerado como um “padrão de beleza” pelos colegas, o que os levou à conclusão de que não é possível determinar a beleza de maneira matemática. Tratou-se de uma aula interessante, onde pudemos exercitar a interdisciplinaridade que é uma das metas do Clube de Ciências da UFPA.

Com a finalidade de introduzirmos os alunos no desenvolvimento de projetos de iniciação científica que seriam desenvolvidos na feira de ciências interna do CCIUFPA, foi proposto a dois deles uma pesquisa, que consideramos com terceira atividade Eles deveriam realizar entrevistas com no mínimo 10 pessoas de seu convívio, baseando-se na questão: *Para você, o que é o belo?* As respostas deveriam ser agrupadas e os resultados obtidos apresentados na aula seguinte, como forma de iniciar o assunto *padrões de beleza*. A pesquisa, porém, foi além do que havia sido solicitado.

Os dois estudantes haviam entrevistado 10 homens e 10 mulheres para responder à pergunta que foi proposta e a outras perguntas complementares, como *Que exemplo você pode dar de homem/mulher bonito (a)?* e *O que você acha da maquiagem?*, para os homens e *O que você acha de homens musculosos?*, para as mulheres. Os estudantes, ao apresentarem o trabalho, interagiram bastante com a turma, repetindo as perguntas das entrevistas aos colegas e aos professores. Para ilustrar o resultado da pesquisa, eles elaboraram um cartaz com recortes de vários exemplos de beleza mencionados pelos entrevistados. Alguns viam beleza em pessoas bonitas, outros viam beleza na religião, outros viam beleza em paisagens, enquanto outros viam beleza em bens materiais.

A abordagem deste eixo temático agradou aos professores e à maioria dos alunos, pelo que pudemos perceber com uma avaliação posterior das atividades do primeiro semestre. Apenas um manifestou seu desagrado em relação às atividades. Este aluno, que participava do Clube desde 2004, já havia desenvolvido um projeto de iniciação científica premiado, estando

talvez entediado de trabalhar algo onde não “via ciência”. Como incentivar o interesse daquele aluno por meio daquela atividade. Naquele momento isso não foi percebido como pelo professores-estagiários, levando-os a não dar maior atenção ao caso.

A quarta atividade, que envolveu a realização de um experimento, é particularmente relevante para a questão proposta neste artigo. Com um jarro de vidro, duas velas, uma vasilha rasa de vidro, uma caixa de fósforos e água, seria possível incentivar os alunos a levantarem hipóteses de previsão do experimento e hipóteses de explicação, depois de realizado. O experimento consistiu em cobrir o fundo da vasilha com água e nela colocar uma vela acesa. Sobre a vela acesa, o jarro de vidro deveria ser emborcado. A questão inicial foi especular o que acontece com a chama da vela e com o nível da água da vasilha. As alunas presentes na aula foram incentivadas a emitirem suas hipóteses sobre esta questão. Uma das hipóteses iniciais considerava que a vela permaneceria acesa por influência da água do recipiente, enquanto as demais hipóteses consideravam que a vela iria se apagar. Uma outra hipótese considerou que o nível da água dentro do jarro subiria, enquanto as demais consideravam que o nível permaneceria o mesmo. O experimento foi realizado por elas e resultou na extinção da chama e na subida do nível da água dentro do jarro. A partir daí, as alunas foram incentivadas a construir hipóteses para explicar o porquê daquele resultado. Essas hipóteses foram registradas de forma escrita no primeiro dos dois dias em que se realizou esta atividade.

A nosso ver esse foi o momento mais interessante da aula, pois elas passaram a emitir suas explicações sobre o fenômeno. Uma delas sugeriu que havia oxigênio dentro do jarro alimentando a chama da vela, que foi transformado em energia pelo calor da chama e por isso fez com que se apagasse. Outra aluna propôs que o nível da água dentro do jarro impediria a vela de ficar acesa. A outra aluna introduziu a idéia de uma pressão no interior do jarro que aumentaria com a subida do nível da água, sendo essa subida provocada pelo acúmulo de calor no jarro. Os professores-estagiários faziam uma ou outra intervenção no sentido de estimular a inclusão de novos fatores nas hipóteses. Uma destas intervenções foi insinuar a influência do lado externo do jarro no resultado do experimento. As hipóteses, a partir daí, passaram a considerar a existência de uma pressão de fora para dentro, que surgia pela “falta de ar” dentro do jarro. Uma hipótese considerou que a chama “puxa” o ar para dentro do jarro, mas a água forma uma barreira e acaba sendo “puxada”.

Foi permitido às alunas repetirem o experimento quantas vezes considerassem necessárias, alterando alguns fatores, como o tamanho da vela utilizada, para comprovação ou descarte das hipóteses. Algumas ainda se mantiveram, como a existência de uma pressão

interna no jarro que “puxa” água para dentro, que poderia ser criada tanto pela ausência do ar quanto pelo excesso de calor no interior do jarro. Uma nova hipótese surgiu, sobre a transformação de substâncias devido à influência do calor, que no experimento era representada pela transformação do oxigênio em outra substância que não tinha a propriedade de alimentar a chama da vela. Como tempo estava se esgotando, foi solicitado que as estudantes fizessem um relatório sobre o experimento, incluindo suas hipóteses antes do experimento e suas explicações para o que havia ocorrido. Apenas uma delas preparou o relatório, no qual constam suas hipóteses. As hipóteses levantadas podem ser resumidas da seguinte forma: uma das alunas acreditava no acúmulo de calor dentro do jarro como causador de uma pressão interna que puxou a água; outra acreditava que a falta de oxigênio dentro do jarro induzia a entrada de ar no jarro, o que fazia a água subir; a outra aluna concordava com esta última opinião.

Essa atividade pode ser analisada sob a ótica de uma evolução científica diferente daquela tradicionalmente repassada pela mídia e pela educação acrítica. Algumas das hipóteses levantadas antes da realização da experiência foram derrubadas diante do fato, mas as hipóteses para a explicação do fenômeno se sustentaram em essência, mesmo com as intervenções dos professores. Esta forma de trabalhar com o experimento guarda semelhanças com o tratamento que Karl Popper (1902-1994) dá ao desenvolvimento científico, isto é, por meio do abandono de teorias refutadas e adoção de teorias até o momento capazes de explicar o fenômeno em questão. Com esta abordagem, seria possível, como orientam Calor e Santos (2004), mostrar que a construção científica não reflete somente um conjunto de sensações individuais, estando este conjunto atrelado à elaboração de hipóteses e teorias na busca de se explicar a realidade. Desta forma, os alunos poderiam desenvolver visões de mundo próprias sem perder a noção dos princípios científicos (*idem*).

No entanto, não foi o que aconteceu. As intervenções que foram emitidas não alteraram significativamente as hipóteses levantadas, mantendo-se idéias como a da influência de uma pressão interna na subida do nível da água no jarro. Comparamos esta insistência das estudantes em manter suas hipóteses com a evolução científica defendida por Imre Lakatos (1922-1974), em que uma teoria se mantém enquanto um corpo de teorias auxiliares puder anular as refutações ao *núcleo duro* da questão. As intervenções dos professores-estagiários e as repetições do experimento incluíram novos elementos nas hipóteses, em vez de as refutarem.

As idéias que os alunos têm sobre determinados fenômenos, chamadas atualmente de concepções alternativas (SILVEIRA, 1992), conflitam com as idéias que se pretende que

sejam aprendidas, vindas da ciência. Autores como Zylbersztajn (1991) e Silveira (1991) propõem um tratamento destas concepções alternativas a exemplo das idéias de construção do conhecimento científico propostas por Thomas Kuhn (1922-1996) e Karl Popper, respectivamente. Retomamos aqui as falas dos professores-estagiários sobre o papel que atribuem como professores diante da confrontação entre diferentes idéias, neste caso a respeito da própria atividade científica:

Eu não costumo chamar de professor, costumo chamar de orientador, porque professor pra mim é aquele cara que sabe tudo, e a gente sabe que ninguém sabe tudo, então costumo falar que o orientador é fundamental na vida do aluno porque (...) ele pega as idéias do aluno e tenta orientar esse aluno para seguir algum caminho que dá em geral para um resultado da ciência ou qualquer coisa assim, ou seja, o aluno sem o orientador ou professor pode ou não chegar naquele resultado, se ele chegar ele vai demorar um pouquinho, e com o professor ele chega ao mesmo resultado rapidamente. (DANILO, 23, Matemática)

Danilo enxerga o aluno como alguém que precisa do professor/orientador para chegar de forma segura no *resultado da ciência*. O aluno parece não ser possuidor de idéias próprias, carecendo das idéias científicas para as quais o professor o direciona.

Tem uma coisa que o Paulo Freire coloca que é preciso ouvir o que eles [os estudantes] têm, qual é o mundo em que realmente eles vivem, então, de posse desse mundo que eles vivem, muitas das coisas são mitos, que eles já têm... muitas das coisas acabam sendo transmitidas de pai pra filho, parentes e coisas... senso comum, né?(...) A gente acaba contribuindo no sentido de resolver alguns desses problemas que eles têm: isso é verdade, não é, como é que é, então? (...) (MAURÍCIO, 26, Física)

Maurício acredita que as visões que os alunos trazem são mitos, originados do que se chama *senso comum*. Neste sentido, estas visões se tornam problemas a serem resolvidos pelo professor, que deve indicar o que é certo e verdadeiro, ou melhor, o que é científico.

Resgatando as idéias sobre a ciência que os alunos manifestaram no questionário de sondagem inicial, muitas visões não remetem ao que seja de fato a ciência. Porém, não acreditamos que romper com estas visões que os alunos possam trazer signifique aos professores impor suas próprias idéias. Ressaltamos novamente que estas também podem ser idéias distorcidas, afastando mais ainda o aluno da possibilidade de ver a ciência criticamente.

Paradoxalmente, em vez de ser uma experiência enriquecedora, a multiplicidade de idéias se tornou um empecilho para o desenvolvimento da atividade. Isso porque tínhamos em mente trazer as alunas para a ciência, mostrar-lhes as explicações científicas dos fenômenos, desconsiderando, por isso, suas próprias idéias como explicações igualmente válidas e coerentes, as quais elas ainda procuravam manter, mesmo com as intervenções dos professores e as reproduções do experimento com alteração dos dados.

Outra atividade, quinta atividade, realizada no segundo semestre foi a leitura do texto *A atuação de um investigador e as etapas do Método Científico*, adaptado de Hennig (1986) e a resolução de um questionário sobre o texto. Com esta atividade, pretendíamos introduzir aos alunos elementos de uma investigação. Nas aulas anteriores, havíamos feito a leitura de um projeto de pesquisa de uma aluna de outra turma do Clube de Ciências, identificando cada uma das partes e relacionando-as com perguntas como *Para que a pesquisa vai ser realizada?*, *Por que a pesquisa vai ser realizada?*, *Como a pesquisa vai ser realizada?*, entre outras. O uso do texto tinha por objetivo verificar se os alunos haviam aprendido a identificar elementos de um projeto de pesquisa, relacionando-as com o relato da execução de uma investigação científica.

Após a resolução do questionário, realizou-se a discussão do texto sobre elementos importantes em um projeto de investigação. A discussão abordou elementos de um projeto de investigação que diferencia a produção do conhecimento científico em relação a outras formas de conhecimento. Além disso, também se colocou em questão a crença na validade do método que a doutrina positivista tornou quase um “fanatismo”. Para os alunos, talvez o que considerássemos mais relevante fosse conhecer os elementos de uma pesquisa para que, a partir dela, eles pudessem desenvolver seus próprios projetos de iniciação científica.

Trago como elemento de análise dessa atividade as respostas dos estudantes ao questionário. A maioria delas consistiu em transcrever trechos do texto que para eles serviu de resposta às questões. Estas transcrições, no entanto, demonstraram muitas incompreensões sobre as etapas da investigação, como uma das respostas à pergunta *Para que Lazzaro desenvolveu este estudo?: Os morcegos, sendo constatado através de consulta bibliográfica, são mamíferos dotados de asas e de hábitos noturnos. Convivem em cavernas escuras e sótãos.* (17 anos, 2º ano, ensino médio)

Mesmo após a discussão posterior à resolução dos questionários, os estudantes permaneceram sem compreender as etapas de um projeto de pesquisa, o que percebemos mais tarde quando os orientamos a escreverem seus projetos para concorrerem a bolsas de iniciação científica oferecidas por um órgão estadual.

Naquele momento, pareceu adequado trabalhar com os alunos os elementos da investigação científica de maneira inicialmente teórica para posteriormente incentivar a prática. Isso não se mostrou produtivo naquela situação, podendo ter sido diferente (ou não) caso tivessem incentivado inicialmente a prática para depois buscar a compreensão teórica. Na perspectiva de educar pela pesquisa (MORAES, 2002; DEMO, 2003), teoria e prática não são campos distintos, estando intimamente atreladas e articuladas na produção de

conhecimento. Se o grupo de professores-estagiários tivessem esta compreensão naquele momento, possivelmente teriam procurado outros caminhos para o desenvolvimento da atividade.

No último dia de atividades no Clube de Ciências em 2005, no qual se realizou a Feira de Ciências interna, aplicamos aos alunos o questionário de sondagem final, com o intuito de avaliar as atividades desenvolvidas e obter informações a respeito das idéias dos alunos sobre ciência. Os alunos que responderam ao questionário consideraram o ensino no CCIUFPA mais interessante e mais aprofundado que na escola, bem como destacaram a realização de projetos de iniciação científica como importantes para seu aprendizado. Entretanto, quando questionados sobre ter havido mudança em suas opiniões sobre a ciência, as respostas não foram tão claras.

Para os professores, o trabalho desenvolvido refletiu perspectivas diferentes:

Fazer uma aula em que o tópico abordado abranja todas essas áreas não é uma coisa trivial; então, no início eu achei difícil, mas depois fui me acostumando e fui desenvolvendo meu potencial e eu acho que consegui fazer boas aulas, orientar bons trabalhos e eu acho que também ajudei meus colegas no que foi preciso nos termos da matemática em relação a cada área, respectivamente. (DANILO)

Danilo acredita que conseguiu romper com a visão fechada que trouxe do curso de matemática, na qual enfatizou o desprezo pela educação. Sua primeira experiência no Clube de Ciências como o único novato da equipe foi difícil para ele, mas diz ter desenvolvido seu potencial, fazer boas aulas e orientar bons trabalhos.

A gente aprendeu muito aqui [no CCIUFPA] que o professor tem que fazer pesquisa em sala de aula, então antes de entrar no Clube de Ciências eu pensava que o professor era só chegar e dar o conteúdo (...) para o aluno. Hoje em dia eu já sei que não é bem assim, que o aluno (...) tem o conhecimento dele, que a gente tem que trabalhar esse conhecimento do aluno também e trabalhar com pesquisa, pesquisa educacional, pesquisa em sala de aula, professor pesquisador. (RODRIGO)

Rodrigo acredita que a maior contribuição do CCIUFPA à sua formação foi aprender o papel do professor como pesquisador, que Demo (2003) enfatiza. Trabalhar os conhecimentos dos alunos também foi um aprendizado adquirido com as atividades.

As atividades tiveram significados diferentes para alunos e professores. Aos alunos, o aprendizado no CCIUFPA foi mais aprofundado e mais amplo em relação à escola, permitiu contato com a estrutura acadêmica de pesquisa e trouxe melhorias na realização de trabalhos escolares. Para os professores, o CCIUFPA se tornou um espaço de prática docente que modificou muitas de suas visões sobre educação, ciência e pesquisa.

Um ponto que quero destacar aqui em relação a essa diferença de significados das atividades desenvolvidas para alunos e professores diz respeito às idéias sobre atividade



científica. Alguns professores reconheceram a mudança de idéia a partir do trabalho desenvolvido na turma Ensino Médio B, que visava romper com as idéias científicas dos alunos. No entanto, não foram detectadas mudanças de concepção nas repostas dos alunos na sondagem final, percebendo-se mesmo uma manutenção do ideário positivista, como em uma das repostas à pergunta referente à mudança de opinião sobre ciência com as atividades desenvolvidas: (...) *antes não tinha tanta curiosidade sobre ela [a Química], mas a partir do momento que entrei no laboratório me apaixonei* (16 anos, 2º ano, ensino médio). A “paixão” da aluna pela Química ocorreu com sua entrada no laboratório, e não ao percebê-la em seu cotidiano, por exemplo. Isso mostra que, apesar do discurso dos professores revelar uma preocupação em desmistificar a ciência para os alunos – por mais que os professores pudessem manter idéias mistificadas sobre ela – na fala da aluna não se percebe esta mudança de visão.

#### O PENSAR E O FAZER DOCENTE NO CLUBE DE CIÊNCIAS

As imprevisibilidades do processo de ensino/aprendizagem me mostraram o quanto pensar e fazer não estão dissociados. Boa parte das reflexões que apresento neste trabalho é resultante da reconstrução feita de um processo vivido, que me permitiu refletir sobre a prática pedagógica de um grupo de professores estagiários do CCIUFPA.

Assim, em resposta à questão inicial do trabalho, que elementos envolveram o pensar e o fazer dos professores-estagiários que compuseram a turma?, posso dizer que:

Entendi a importância dos conhecimentos prévios de alunos e professores em relação à atividade científica para a construção consciente e democrática de uma visão crítica e realista da ciência para ambos os lados. Na turma, percebemos que esta construção foi perceptível apenas para alguns dos professores, enquanto que os alunos e os outros professores não manifestaram indícios de mudança de concepção.

Percebi que o envolvimento da turma com as atividades é um fator de grande importância para seu aprendizado. Nas atividades em que os alunos se envolveram menos, notamos maior incompreensão deles dos assuntos abordados.

Apreendi que, mesmo que uma aula seja considerada simples, do ponto de vista de não apresentar algo tão novo, pode trazer resultados bastante positivos, como foi o experimento para o levantamento de hipóteses. A partir dele, foi possível ver o apego das alunas às suas concepções alternativas, apesar das tentativas dos professores de as confrontarem com explicações científicas. Para o objetivo da aula em si, pode ter sido um fracasso, pois os alunos demonstraram por suas falas que não mudaram suas idéias. Porém, para uma reflexão docente, foi uma atividade importante.

Compreendi que teoria e prática se vinculam e se articulam mutuamente, sendo que uma não pode ser priorizada em detrimento da outra, como fizemos na atividade sobre as etapas da investigação científica.

Com nossa prática, com o nosso fazer, aprendemos que não éramos os únicos a ter idéias. Os alunos também tinham as suas, com o mesmo valor que as nossas. Algumas vezes, nossas idéias não nos permitiram enxergar as idéias dos alunos, assim como as idéias deles não os permitiram enxergar nossas idéias. Esta dificuldade de consenso, como algumas atividades demonstram com clareza, não nos permitiu incentivar a adoção de uma idéia mais crítica sobre a ciência. Creio que não há por que se procurar culpados ou inocentes por esse objetivo não ter sido alcançado. Há que se pensar na importância do erro para a prática docente, como Popper pensou nela para o desenvolvimento científico, e na possibilidade que temos de ter clareza disso, nesse momento. Se pensamos, fazemos e não compreendemos o que fizemos, como podemos mudar nossa maneira de pensar? Como podemos mudar nossa maneira de fazer?

O espaço experimental no Clube de Ciências da UFPA me permitiu aprender um outro modo de perceber e vivenciar a profissão de ser professor. Ensina-nos a ser professores-pesquisadores, autores de nossas feitura, lembrando Paulo Freire. Espero que este trabalho sirva para incentivar outros colegas, futuros professores de Ciências, a experimentar alternativas de ensinar, aprender e refletir.

#### BIBLIOGRAFIA

BIANCONI, M. L. e CARUSO, F., (2005). *Educação não-formal*. Ciência e Cultura. São Paulo, v. 57, n.4, p. 20.

BIEMBENGUT, M. S. e HEIN, N., (2003). *Modelagem Matemática no Ensino*. São Paulo: Contexto.

CALOR, A. R. e SANTOS, C. M. D., (2004). Filosofia e ensino de ciências: uma convergência necessária. *Ciência Hoje*. São Paulo, v. 35, n. 210.

CUNHA, M. I., (1997). Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista da Faculdade de Educação da USP*. São Paulo, v. 23, n. 1-2.

DEMO, P., (2003). *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 10. ed. São Paulo: Cortez.

GIL PÉREZ, D.; MONTORO, I. F.; ALÍS, J. C.; CACHAPUZ, A.; PRAIA, J., (2001). Para uma imagem não deformada do trabalho científico. *Ciência e Educação*. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 125-153.

GONÇALVES, T. V. O., (2000). *Ensino de Ciências e Matemática e formação docente: marcas da diferença*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

HENNIG, G. J., (1986). *Metodologia do ensino de Ciências*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

KOSMINSKY, L. e GIORDAN, M., (2002). Visões de Ciências e sobre cientista entre estudantes do Ensino Médio. *Química Nova na Escola*. Belo Horizonte, n. 15, p. 11-18.

MALDANER, O. A., (1999). Professor-pesquisador: uma nova compreensão do trabalho docente. *Espaço da Escola*. Ijuí, ano 4, n.31, p. 5-14.

MORAES, R., (2002) Educar pela pesquisa: exercício de aprender a aprender. In: MORAES, R. e LIMA, V. M. R. (orgs.). *Pesquisa em Sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

SILVEIRA, F.L., (1991). A Filosofia da Ciência de Karl Popper e suas implicações no Ensino da Ciência. In: MOREIRA, M.A. e AXT, R. (orgs.). *Tópicos em Ensino de Ciências*. Porto Alegre: Sagra.

SILVEIRA, F.L., (1992) A Filosofia da Ciência e o ensino de Ciências. *Em aberto*. Brasília, ano 11, n. 55, p. 36-41.

VIEIRA, V; BIANCONI, M. L. e DIAS, M., (2005). Espaços não-formais de ensino e o currículo de Ciências. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 57, n.4, p. 21-23.

ZYLBERSZTAJN, A., (1991). Revoluções científicas e ciência normal na sala de aula. In: MOREIRA, M.A. e AXT, R. (orgs.). *Tópicos em Ensino de Ciências*. Porto Alegre: Sagra.

## **Ajustes das Atividades Complementares do Projeto Pedagógico do Curso de Letras de Soure**

---

*José Orlando Ferreira de Miranda Júnior*  
Graduando, Bolsista/PROINT UFPA/SOURE

Área temática: EDUCAÇÃO

Palavras-chave: *Projeto político-pedagógico, ajustes, atividades extensionistas.*

A qualidade do ensino-aprendizagem na graduação depende do acompanhamento sistemático dos PP's que estão sendo implementados a partir de um diagnóstico que possibilitou ver este processo de forma diferenciada, atentando para a identidade regional. Este deve ser o diferencial que distingue as ações da UFPA como uma universidade multicampi em rede. Planejar deve ser a primeira ação de qualquer proposta inovadora pois, ao propormos um novo perfil de profissional por meio de uma formação diferenciada, devemos pensar em tudo o que decorre das ações que desejamos implementar: gerir as situações novas, corrigir erros, sistematizar propostas etc. Se não houver, então, um planejamento do PP como um todo, a qualidade da graduação fica comprometida. Assim, este projeto tem como principal objetivo a sistematização das ações propostas no PP para a melhoria do ensino-aprendizagem do Curso de Graduação em Letras, por meio de uma avaliação criteriosa das habilidades e competências desenvolvidas ao longo do curso. Planejar o PP significa também refletir sobre a postura do docente diante das novas propostas curriculares, sobretudo no que diz respeito aos processos avaliativos das habilidades e competências exigidas no arcabouço das atividades curriculares. Buscar novos procedimentos de avaliação das ações dos discentes e docentes deve ser meta primordial na proposta de novas atividades curriculares pois a avaliação, como sabemos, é um dos grandes desafios na prática pedagógica: de elemento de referência do andamento do processo para a compreensão com o educando no seu desenvolvimento, tornou-se elemento de controle e dominação. Há uma relação fundamental, porém rompida, entre avaliação e (re)planejamento. Este constante planejar proporciona ao processo de ensino-aprendizagem o dinamismo e a interação dialética entre os conhecimentos, favorecendo um despertar crítico dos atores envolvidos nesta troca de experiências.

Assim, os ajustes das propostas do PP do Curso de Letras do Campus de Soure visam promover ações pedagógicas para melhorar o desenvolvimento das habilidades e competências dos eixos uso, reflexão e prática do PP do Curso de Letras do Campus de Soure. O PP foi implantado com o PSS/2004, com início no segundo semestre no mesmo ano e, vem

sendo acompanhado sistematicamente em reuniões de planejamento e por meio de instrumentos de avaliação, cujas discussões culminaram em uma primeira resolução que regulamenta as atividades de planejamento, de práticas extensionistas e avaliação dos Seminários Interdisciplinares. Porém, ainda há a necessidade de se discutir questões importantes como: o sistema de equivalência de atividades curriculares, oferta de disciplina de cursos intervalares (o Campus de Soure ofertou vagas do Curso de Letras – Habilitação em Língua Inglesa em Bragança), mobilidade acadêmica (antigo vestibulinho), metodologia de oferta de disciplina, instrumentos de avaliação, aproveitamento de estudo e equivalência para discentes provenientes do sistema de currículo mínimo e de outros cursos com PP's diferentes.

Neste sentido, o projeto prevê uma formação mais abrangente norteado sobretudo pela vocação regional. A Região do Marajó abre, atualmente, diversificadas possibilidades de atuação profissional que envolve desde atividades voltadas para a economia pecuária e comércio como para o desenvolvimento do turismo sustentável. Assim, a formação do graduando não pode estar alheia à realidade de seu entorno. As propostas do Projeto Pedagógico do Curso de Letras do Campus Universitário do Marajó – Soure desenha um perfil de profissional que não está necessariamente atrelado às atividades de ensino-aprendizagem. Neste contexto, o projeto pedagógico em questão atentou para as habilidades e competências que devem contemplar o perfil do profissional que se deseja formar. Um profissional que seja capaz de observar, analisar e criticar a realidade que o circunda, formulando problemas, levantando hipóteses e apontando soluções viáveis para as dificuldades do cotidiano. Para tanto, deve desenvolver habilidades que o tornem competentes para correlacionar teoria e prática, empregando em seu exercício de docência métodos que utilizem os conteúdos disciplinares como realidades em construção, permeados de valores e atitudes coerentes, éticas e científicas, que possibilitem a criação de uma sociedade democrática, na qual ele passa a ser um agente formador de opiniões e um cidadão consciente de seu dever, bem como de seus direitos sociais e profissionais.

Didaticamente esse profissional deverá gerenciar seu conhecimento formal, quer pela formação continuada, quer pela utilização de pesquisa em variadas fontes (bibliografias especializadas, informações *on-line*, etc.) a fim de manter-se atualizado e preparado para as múltiplas possibilidades de atuação de sua área. A realização das atividades propostas no projeto pedagógico estão estruturadas segundo os Eixos Estruturantes: reflexão, uso e prática profissional, como podemos observar no quadro abaixo:

1 EIXO	<i>Reflexão</i>	
COMPETÊNCIAS	HABILIDADES	CONTEÚDOS CURRICULARES
Reconhecer a língua como um produto social a partir da conscientização evolutiva da linguagem na sociedade através de um panorama diacrônico e sincrônico.	Identificar, analisar e compreender os processos evolutivos da linguagem a partir dos aspectos sócio-políticos culturais; Identificar, analisar e compreender os processos constitutivos do texto no uso real da língua, nos diferentes gêneros e tipos textuais, nas modalidades oral e escrita; Relacionar a oralidade e a escrita pelos seus aspectos peculiares e interativos no processo de comunicação humana; Distinguir elementos constitutivos das culturas que estão vinculadas à língua em estudo.	Estudos Indígenas Linguística Textual Filologia Românica Língua Estrangeira Instrumental Latim Instrumental Cultura Brasileira História da Arte Contemporânea Panorama da Literatura Clássica da Antigüidade Língua Instrumental Francês Básico I, II, III Inglês Básico I, II, III Inglês Intermediário I, II Francês Intermediário I, II Inglês Avançado I, II Francês Avançado I, II Cultura Anglófona Cultura Brasileira Panorama histórico da língua francesa
Adquirir posição investigativa sobre os fatos lingüísticos nos diferentes níveis como componentes do papel do professor de línguas.	Compreender os processos morfossintáticos da língua portuguesa nas relações de construção do significado; Analisar e compreender o sistema fonético-fonológico da língua portuguesa; Contrastar os aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos do português; Utilizar diversificadas metodologias de pesquisa.	Fonética e Fonologia do Português Morfologia do Português Sintaxe do Português Metodologia do Trabalho Científico I e II Semântica e Pragmática Estágio Supervisionado (Ensino Médio e Fundamental) Sociolingüística Morfossintaxe Fonética e Fonologia do Português Estudos Indígenas Panorama Histórico da Língua Inglesa Panorama Histórico da Língua Francesa Seminários interdisciplinares
Conhecer as principais correntes e as obras mais representativas da literatura luso-brasileira.	Diferenciar o texto literário do não literário; Analisar, interpretar e contextualizar os textos literários; Analisar contos, romances, poemas e peças de teatro, integrando diversos saberes humanísticos em uma perspectiva interdisciplinar; Reconhecer as principais características dos estilos literários pertinentes a cada período; Identificar traços constitutivos de textos literários a partir das abordagens teóricas utilizadas; Contrastar os elementos mais significativos das obras literárias estrangeiras com as da literatura luso-brasileira.	Psicanálise e Literatura Estética Modernismo e Arte Contemporânea Folclore Fundamentos da Teoria Literária Filosofia Fundamentos da Linguística Política educacional Literatura Brasileira Comparada Literatura Portuguesa Comparada Romantismo e suas Ramificações I e II Panorama da literatura clássica da Antigüidade
Conhecer as principais teorias da poética, da narrativa e da dramaturgia.	Conceituar poética, narrativa, dramaturgia, crítica literária confrontando pontos de vista diferentes sobre os temas; Analisar conceitos e funções da literatura; Identificar os elementos marcantes dos gêneros literários.	Introdução à Literatura Brasileira Introdução à Literatura Portuguesa Introdução à Literatura Comparada Cinema e outras práticas Semióticas Ensino-Aprendizagem em Literatura Luso-Brasileira TCC Introdução à Literatura Anglófona-francófona

Refletir sobre as questões político-educacionais no ensino público e privado, levando em consideração o público alvo e suas particularidades	Reconhecer as principais diretrizes educacionais que regem o processo de ensino-aprendizagem no ensino público e privado; Analisar teorias do ensino-aprendizagem que envolvem áreas diversificadas de conhecimento, como a psicologia, de forma interdisciplinar; Diferençar os mecanismos psíquicos que influenciam no processo de ensino-aprendizagem e sua relação com o meio em que o conhecimento é socializado.	Política educacional Psicologia da aprendizagem Seminários Educacionais Metodologia aplicada ao ensino-aprendizagem do francês-inglês
Dominar a metodologia de pesquisa e teorias para a elaboração de trabalho científico	Reconhecer as principais teorias metodológicas; Analisar textos de diferentes áreas do conhecimento humanístico dentro de uma abordagem interdisciplinar; Diferençar posicionamentos teóricos através de análise crítico-argumentativa.	TCC Metodologia do Trabalho Científico II

Entendemos que essa formação continuada do graduando deve estar articulada com sua experiência acumulada tanto em seu percurso acadêmico como em atividades que envolvam projetos junto à comunidade local. As atividades curriculares devem, então, contemplar uma prática coletiva e participativa na construção do Projeto Pedagógico de Letras do Campus de Soure.

Para tal, os ajustes propostos ao longo de trabalho de construção deste Projeto Pedagógico não devem perder de vista o perfil eminentemente humanístico das atividades curriculares, em que as práticas extensionistas estão inseridas de forma institucional, perfazendo um total de 272 horas da totalidade da carga horária de integralização do curso, como pode ser visualizado no quadro abaixo:

#### INTEGRALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES CURRICULARES

ATIVIDADE CURRICULAR	CH		
	T	P	TOTAL
Língua Estrangeira Instrumental (inglês, francês, alemão)	34	34	68
Fundamentos da Linguística	34	17	51
Metodologia do Trabalho Científico I	34	17	51
Metodologia do Trabalho Científico II	34	17	51
Fundamentos da Morfossintaxe, Fonética e Fonologia	34	17	51
Introdução à Literatura Comparada	34	17	51
Semântica e Pragmática	34	17	51
Estética	34	17	51
Literatura e Psicanálise	34	17	51
História da Arte Contemporânea	34	17	51
Romantismo e suas ramificações I	34	17	51
Fundamentos da Teoria Literária	34	17	51
Cinema e outras práticas semióticas	34	17	51
Panorama da Literatura Clássica da Antiguidade	34	17	51
Cultura Brasileira	34	17	51
Filosofia	34	17	51
Psicologia da Aprendizagem	34	17	51
Política Educacional	34	17	51
Inglês Básico I	34	34	68
Inglês Básico II	34	34	68
Inglês Básico III	34	34	68
Inglês Intermediário I	34	34	68

Inglês Intermediário II	34	34	68
Inglês Avançado I	34	34	68
Inglês Avançado II	34	17	51
Morfossintaxe, Fonética e Fonologia do Inglês	34	17	51
Introdução à Literatura Anglófona	34	17	51
Romantismo e suas ramificações II	34	34	68
Panorama histórico da Língua Inglesa	34	34	68
Cultura Anglófona	34	34	68
Metodologia Aplicada ao Ensino-aprendizagem do Inglês	34	34	68
Trabalho de Conclusão de Curso	34	17	51
Ensino e Aprendizagem em Língua Inglesa	-	51	51
Ensino e Aprendizagem em Literatura Inglesa	-	51	51
Estágio Supervisionado em Escolas de Ensino Fundamental e Médio	-	204	204
Estágio Supervisionado em Cursos Livres de Inglês	-	102	102
Seminário Interdisciplinar I	-	34	34
Seminário Interdisciplinar II	-	34	34
Seminário Interdisciplinar III	-	34	34
Seminário Interdisciplinar IV	-	34	34
Seminário Interdisciplinar V	-	34	34
Seminário Interdisciplinar VI	-	34	34
Seminário Interdisciplinar VII	-	34	34
Seminário Interdisciplinar VIII	-	34	34
Oficina de conversação em Inglês I	-	68	68
Oficina de conversação em Inglês II	-	85	85
Oficina de produção escrita e tradução em Inglês	-	85	85
Laboratório de Língua Inglesa I	-	51	51
Laboratório de Língua Inglesa II	-	51	51
<b>TOTAL</b>	2.839		

As atividades práticas são realizadas desde o primeiro semestre e se estendem até o último semestre do curso e são desenvolvidas por meio dos seminários interdisciplinares em ambientes formais e não formais, caracterizando-se como práticas extensionistas. Conseguimos, então, ajustar a operacionalização destes SI, no sentido de elencar os eixos temáticos de forma a favorecer um aprendizado que complemente os conteúdos curriculares articulados com saberes associados à cidadania, ética, inclusão social, educação ambiental e outros domínios do conhecimento humano que prepare o indivíduo para exercer sua profissão de forma atuante em sua sociedade.

Essa metodologia consiste em favorecer ambientes de aplicação prática e a experiência na pesquisa. Para tal, as atividades curriculares são ministradas em dois blocos alternados, de períodos de 10 dias cada. A cada bimestre, ocorre um intervalo de 03 dias, sem as aulas tradicionais, para o desenvolvimento de atividades discentes como Seminários Interdisciplinares (SI) que representam as atividades complementares de extensão. São oito os SI, com carga horária de 34 horas cada um a serem integralizadas em dois momentos no bloco semestral (17hs em cada momento). Os SI são organizados em equipes de discentes, com a orientação e acompanhamento de docentes e culminam em apresentações, durante as quais podem também participar docentes e alunos de outros campi para contribuir com seu conhecimento, proferindo palestras ou ministrando minicursos e oficinas.



Além dos ajustes relativos aos SI, tem-se aprofundado as discussões sobre a prática de elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso que, neste novo currículo, está vinculada à atividade curricular Metodologia do Trabalho Científico II. Esta atividade trata especificamente da elaboração do projeto e da metodologia de elaboração da monografia de TCC, com apresentação pública dos projetos para efeito de qualificação.

As discussões ainda em pauta versam sobre questões que ainda representam importantes gargalos no processo de construção deste trabalho pedagógico, dentre elas o sistema de aproveitamento e equivalência de estudos, que resultou nas seguintes propostas:

#### Sistema Cumulativo de Aproveitamento e Equivalência de Estudos – SICAE:

O SICAE visa regularizar e normatizar a equivalência de estudos em casos específicos, tais como:

1. Alunos que não alcançaram rendimento em disciplinas, que sejam ou não pré-requisitos para a continuidade do curso, independentemente do percentual de frequência registrado;
2. Alunos que ingressam no curso através de processos seletivos especiais e que desejam creditar disciplinas;
3. Alunos que perdem disciplinas seja por motivo de saúde ou outro impedimento;
4. Alunos que têm conhecimento acumulado em área pertinente ao seu curso e desejam avançar seus estudos em até 20% da CH total do curso;

Alunos que trancaram seu curso e desejam acelerar seu tempo de permanência na Instituição.

#### Da dinâmica de ensino-aprendizagem:

- O conteúdo das disciplinas deve ser introduzido a partir de uma prévia seleção de autores que envolvam conceitos aplicados a áreas do conhecimento pertinentes à formação totalizante do aluno;
- Estratégias multidisciplinares devem ser utilizadas no sentido de abordar conhecimentos ainda não adquiridos;
- As aulas podem ser ministradas em ambientes não formais quando se tratar de atividades práticas que venham favorecer o ensino-aprendizagem;
- Pelos menos três aulas devem ser ministradas na modalidade de conferências com a participação de docentes de outras unidades ou instituições;
- Os SI devem funcionar como atividades práticas complementares.

#### Da inscrição:

- O aluno se inscreve normalmente nas disciplinas de sua escolha, ofertadas pelo colegiado;
- O aluno deve se inscrever no mínimo em 03 disciplinas e creditar no máximo duas pelo SICAE por semestre;
- As disciplinas a serem creditadas pelo SICAE devem ser mencionadas no ato da inscrição;
- Os alunos regularmente inscritos na graduação só poderão participar do SICAE após terem cursado as disciplinas do tronco comum;
- O aluno deve preencher, no ato da inscrição no SICAE, um formulário sobre

suas atividades acadêmicas que informará o docente responsável pela disciplina.

Das avaliações:

- As avaliações dos alunos inscritos no SICAE envolverão conteúdos relativos ao programa das disciplinas para as quais foi solicitado aproveitamento e equivalência de estudos;
- Os alunos deverão fazer, ao final da disciplina, uma prova escrita de equivalência de estudos e apresentar uma atividade prática durante o SI;
- Ao alunos só poderão solicitar crédito da mesma disciplina por 02 semestres consecutivos e só poderá solicitar uma nova disciplina caso tenha tido êxito na totalidade das disciplinas para as quais pediu e aproveitamento e equivalência;
- As provas escritas dos alunos inscritos no SECAE deverão ser elaboradas e corrigidas por professores indicados pelo colegiado e a atividade prática será avaliada pela equipe de professores responsáveis pelas disciplinas do período equivalente ao SI de cada semestre;
- Os alunos que ficarem reprovados 02 vezes na mesma disciplina pelo SICAE terá que cursá-la em regime regular no campus em que a mesma for ofertada;
- Só serão permitidas provas de aproveitamento e equivalência de estudos aos alunos inscritos no SICAE que tiverem no mínimo 75% de frequência.

A integração ensino, pesquisa e extensão se dará por meio de atividades expositivas em eventos como seminários, workshops, minicursos e oficinas, abertas à comunidade interessada. Cada GE, após reuniões e discussão sobre seu eixo temático, apresentará propostas concretas para os ajustes necessários a serem feitos no PP do curso de Letras do Campus de Soure. Estas propostas serão inicialmente discutidas no âmbito da comunidade universitária e, após sistematização, serão apresentadas em eventos abertos ao público interessado.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AEC do Brasil. Planejamento e Participação. Revista de Educação AEC, n. 54. Brasília: AEC, 1984.

BACHELARD, G. A Formação do espírito científico – contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraopondo, 1996.

BATISTA, Myrian Veras. Planejamento: introdução à metodologia do planejamento social, 3ª ed.. São Paulo: Moraes, 1991.

CAMBI, Franco. História da pedagogia. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. FONSECA, A. Personalidade, Projetos Vocacionais e Formação Pessoal e Social. Porto: Porto Editora, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – Campus de Soure. Projeto Político-pedagógico do Curso de Letras do Campus de Soure, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – Campus de Soure. Projeto PROINT: desafios e práticas pedagógicas para a melhoria das ações de ensino-aprendizagem propostas no projeto pedagógico do Campus Universitário de Soure

VASCONCELLOS, C. Planejamento: Projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 1989.

## **O Projeto Educação Cidadã na Transamazônica e a construção de educação do campo nas ações desenvolvidas pela ITCPES**

---

*Maria Celeste Gomes de Farias  
Armando Lírio de Souza*

ITCPES – Sócio – Econômico /UFPA

Área temática: EDUCAÇÃO

Palavras-chave: *Educação do Campo, PRONERA.*

O presente artigo visa apresentar as ações que vêm sendo desenvolvidas pelo Projeto Educação Cidadã na Região do Tapajós através do Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES/ CSE/ UFPA. O referido Projeto faz parte do Programa Educação Cidadã na Transamazônica em construção a vários anos na Amazônia Paraense e conta o financiamento do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Envolve numa parceria várias instituições sociais como universidades, secretarias de educação, sindicatos de trabalhadores rurais, cooperativas, associações, organizações não governamentais, educadores entre outros.

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários vem atuando desde 2000 em ações bastante diversificadas que visam promover a incubação de empreendimentos solidários, tanto em âmbito urbano quanto rural através da formação/capacitação e transferência de tecnologia, além de projetos de alfabetização/ escolarização na Transamazônica. Assim, na área de educação as ações da ITCPES vêm sendo construídas desde 2002/2003 com o Projeto Alfabetização Cidadã na Transamazônica em que promoveu a alfabetização de 2.235 educandos em 9 municípios. Em 2004/2005 o Projeto promoveu a formação de 2,411 alfabetizadores para trabalharem nos Projeto de Assentamento da Reforma Agrária em 11 municípios da Transamazônica.

Atualmente o Projeto Educação Cidadã na Região do Tapajós, vem promovendo a formação/escolarização no primeiro segmento do Ensino Fundamental (1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup>), atendendo aproximadamente cerca de 2.209 educandos dos Projetos de Assentamentos localizados nos Municípios de Aveiro, Itaituba, Placas, Rurópolis e Trairão.

O Projeto busca construir uma educação do campo voltada para promover a emancipação dos atores do campo, partindo da realidade dos sujeitos do processo educativo. Dessa forma, esta inserido em contexto mais amplo de luta pela construção de uma educação no e do campo com qualidade social. Assim, entendemos ser de suma importância destacarmos o movimento que vem sendo construído a nível nacional pelo direito a

implementação de políticas públicas educacionais que leve em consideração as diversidades e peculiaridades dos sujeitos do campo.

### A TRAJETÓRIA DE BUSCA POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO

O processo histórico de construção da educação no e do campo, remonta a década de 60, quando os movimentos sociais como sindicatos, pastorais da terra passaram a reivindicar e atuar diretamente na formação política das lideranças do campo, na luta pela conquista de direitos sociais básicos como: acesso a terra; água; saúde; moradia e educação entre outras.

A partir desse momento através da educação popular (jovens e adultos) foi se construindo novas praticas pedagógicas o que proporcionou o surgimento de diversos movimentos de educação no campo em muitos estados do país.

Entretanto, segundo Documento da I Conferência por uma educação do campo (1998) foi na década de 80 que os movimentos sociais de luta pela educação do campo ganharam “visibilidade” devido entre outros fatores o processo de redemocratização política do país que proporcionou momentos como o debate pela Constituição Federal de 1988. Desde então os movimentos sociais vêm expondo à sociedade de um modo geral a realidade social de negação de direitos sociais aos quais as populações do campo são submetidas. Assim, os problemas da educação do campo são muitos e graves:

- Faltam escolas para atender a todas as crianças e jovens;
- Ainda há muitos adolescentes e jovens fora da escola;
- Falta infra-estrutura nas escolas e ainda há muitos docentes sem formação necessária;
- Falta uma política de valorização do magistério;
- Falta apoio às iniciativas de renovação pedagógica;
- Falta financiamento diferenciado para dar conta de tantas faltas;
- Os mais altos índices de analfabetismo estão no campo;
- Curriculos são deslocados das necessidades e das questões do campo e dos interesses dos seus sujeitos. (p. 10).

Souza (2006) destaca que é na década de 90 que as proposições políticas se estruturam no seio do movimento que se articula a partir de pressupostos alternativos para a educação. Dessa forma, percebe-se que a própria denominação criada nacionalmente passa a ser denominada Educação **do** Campo, como referencia político pedagógica estruturada a partir dos modos de vida de todos os segmentos que habitam o campo, levando em consideração o seu horizonte cultural, político social, as suas lutas e necessidades, ou seja, busca-se construir uma educação do campo a partir do cotidiano e da identidade dos povos do campo, lutando tanto pela diferenciação quanto e pela valorização dos diversos atores que vivem no campo.

É nesse contexto que os movimentos vêm lutando para que as diferentes alternativas de educação do campo que vêm sendo desenvolvidas tanto pelo poder público em vários Estados

brasileiro como pelos movimentos sociais, sejam reconhecidos pelo poder público como também pela sociedade de um modo geral. A luta vem se dando pelo reconhecimento por parte do Estado brasileiro da necessidade de construção de políticas públicas voltadas para atender a realidade diversa do campo.

Dessa forma, as lutas dos diversos movimentos sociais em defesa de uma educação do campo com qualidade passaram a construir de maneira coletiva com os atores inseridos na realidade do campo, encontros nacionais, seminários estaduais e municipais e a I Conferencia Nacional Por Uma Educação do Campo em 1998 promovida por diversas instituições como MST – Movimento dos Sem Terra, UNICEF, UNESCO, CNBB. Tal Conferencia foi um marco no processo de construção de uma educação do campo:

Foi uma ação que teve papel significativo no processo de rearticulação da questão da educação da população do campo para a agenda da sociedade e dos governos, e inaugurou uma referencia para o debate e a mobilização popular. A educação do campo que é contraponto tanto ao silencio do Estado como também às propostas da chamada educação rural ou educação para o meio rural no Brasil. Um projeto que se enraíza na trajetória da educação popular e nas lutas sociais da classe trabalhadora do campo (p. 25).

A Conferencia possibilitou que os movimentos sociais intensificassem as suas lutas junto aos governos tanto em âmbito nacional, estadual e municipal. Das lutas e reivindicações do conjunto das organizações e de trabalhadores e trabalhadoras do campo, em termos de políticas públicas consistentes por parte das instancias governamentais resultou na aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo (Parecer nº 36/ 2001 e Resolução nº 1/ 2002 do Conselho Nacional de Educação).

Desde então a luta pela construção de uma educação do campo vem avançando cada vez mais e conta com a participação das mais diversas instituições sociais inclusive as universidades enquanto formadoras de agentes diretamente envolvidos com a realidade educacional do campo.

Dessa forma, na II Conferencia de Educação do Campo em 2004 foi possível contar com a participação de vários atores sociais imbuídos do interesse para discutir a elaborar políticas públicas educacionais voltadas para o campo. Assim, os princípios foram reafirmados e a preocupação maior vem no sentido de reivindicar perante aos governos para que sejam garantidas a construção de forma participativa de políticas que atendam a realidade diversa do campo, ou seja, é preciso que os gestores compreendam a importância de se implementar ações no interior dos sistemas de ensino que atendam as especificidades do campo, pois os movimentos em defesa da educação do campo entendem que a mesma precisa ser garantida pelo Estado por ser a educação um direito constitucional, o slogan é Educação do Campo direito nosso dever do Estado.

No ano de 2003 foi instituído no MEC – Ministério da Educação o Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo com objetivo de fazer um levantamento da realidade educacional do campo, como também construir elementos que subsidiassem as políticas públicas voltadas para atender as necessidades das populações do campo.

O levantamento do Grupo deu origem a um Relatório que destaca as ações de vários estados no Brasil que inseriram em suas constituições elementos que buscam garantir a construção de políticas públicas educacionais em colaboração com as demais esferas administrativas federal e municipal) específicas para o campo.

O referido Relatório aponta para a necessidade de construção de políticas que venham resolver o problema como o baixo grau de formação dos professores que atuam nas escolas do campo, bem como para a importância da formação ofertada pelas instancias formadoras levarem em consideração as especificidades da realidade do campo. Outra problemática levantada pelo Grupo de Trabalho é o alto índice de analfabetismo no campo que é bem maior do que do meio urbano.

O Relatório aponta entre outros fatores que a valorização dos professores do campo precisa vir acompanhada de um conjunto de elementos que garantam condições adequadas de trabalho, plano de carreira e salários e formação inicial e continuada com qualidade (p. 22).

No que tange a legislação vigente a Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação – LDB estabelece no artigo 28 que na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino precisam promover adaptações necessárias à sua articulação às peculiaridades da vida rural e regional. Dessa forma, os conteúdos curriculares e metodologias apropriadas as reais necessidades dos alunos da zona rural. A Lei expõe ainda que a organização escolar é própria e que o calendário pode se adequar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas como também a adequação à natureza do trabalho na zona rural (art. 28, I, II, III).

Percebemos que a referida Lei instituí uma nova forma de sociabilidade no âmbito da política de atendimento escolar no país. Pois reconhece a diversidade sociocultural e o direito à igualdade e à diferença ao possibilitar a definição de diretrizes específicas para a educação do campo, mas sem um caráter exclusivista e de ruptura com um projeto mais global de sociedade.

Com relação à formação dos professores a LDB expõe no artigo 61 que para atender os objetivos dos diferentes níveis de ensino, a mesma precisa ser construída levando em consideração a relação teoria e pratica inclusive com a capacitação em serviço. A referida lei expressa que a formação docente para atuar na educação básica deve ser de nível superior em

cursos de licenciatura plena, admitida a formação mínima para as primeiras séries do ensino fundamental, o magistério na modalidade normal.

No que diz respeito a formação continuada a LDB expressa que os sistemas de ensino assegurem a formação continuada aos professores. A Lei expõe no artigo 67, II, que a valorização será garantida mediante ao aperfeiçoamento profissional continuado.

Baseado nesse princípio a Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 1, de 3 de Abril de 2002, estabeleceu as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do campo, destinada a orientar as políticas públicas educacionais implementadas no interior dos sistemas de ensino.

A Resolução no artigo 12 parágrafo único expõe que os sistemas de ensino de acordo com a LDB deverão desenvolver políticas de formação continuada, habilitando todos os professores leigos e promovendo o aperfeiçoamento dos mesmos. A mesma Lei expõe que a formação dos professores que atuam nas escolas do campo deverá seguir os seguintes princípios:

I-Estudo a respeito da diversidade e o efetivo protagonismo das crianças dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social, da vida individual e coletiva, da região do país e do mundo.

II\_ Propostas pedagógicas que valorizem na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas.

Os princípios que devem nortear as políticas para a formação dos professores do e no campo por parte dos sistemas são muito importantes se forem efetivamente considerados no momento de definição das políticas para a formação dos professores do campo no interior de cada sistema de ensino.

De um modo geral os princípios e fundamentos que estão explícitos nas Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo, representam um avanço e ao mesmo tempo o anseio dos movimentos em defesa de uma educação do campo com qualidade social venha se efetivar na realidade brasileira, pois a Lei expressa entre outros que a proposta pedagógica das escolas do campo deve respeitar as diferenças, contemplando a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero e etnia. Destaca também o esforço conjunto que as diferentes esferas do poder público (federal, estadual e municipal) através de seus sistemas de ensino devem implementar no sentido de promover políticas públicas educacionais para a educação do campo visando alcançar a sua universalização (Art 5º, Art 7º).

No caso específico do Estado do Pará, Souza (Idem) expõe que a educação do campo vem sendo construída em conjunto envolvendo vários setores da sociedade, mais intensamente a partir da década de 90 com as experiências da Pedagogia da Alternância em 95 em Medicilândia, a Casa Família Rural (CFR) em 1996 no Município de Marabá como a Escola Família Agrícola (EFA) além das ações dos Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra que impulsionam processos educativos. O autor destaca ainda ações de Prefeituras, projetos educacionais desenvolvidos por ongs, cooperativas, cursos de graduação e pós – graduação desenvolvidos por diversas universidades voltados para estudar e pesquisar a realidade do campo paraense, a experiência de projetos educacionais do PRONERA no Estado, todas essas ações em andamento estão criando condições apesar de todas as dificuldades, para a edificação de proposições consistente para a Educação do Campo no Estado do Pará.

É preciso evidenciar que as lutas e reivindicações dos diferentes segmentos sociais possibilitaram a criação do Fórum Paraense de Educação do Campo, com o objetivo de discutir proposições de políticas públicas para a educação do campo. Nesse sentido, o Fórum se articulou e construiu o I Seminário Paraense de Educação do Campo em Belém em 2004, onde no final foi elaborada a Carta de Belém que propõe esforço em torno da elaboração e implementação de políticas públicas em educação. O II Seminário de Educação do Campo Paraense foi construído visando a sua ampliação com a participação de mais atores sociais envolvidos na luta pela educação do campo enquanto direito público subjetivo.

#### O PROJETO EDUCAÇÃO CIDADÃ E AS AÇÕES EDUCATIVAS NO CAMPO PARAENSE

O Projeto Educação Cidadã na Região do Tapajós faz parte de um acúmulo de experiências de projetos anteriores na âmbito do Programa Alfabetização Cidadã na Transamazônica em que a Universidade Federal do Pará através dos grupos de pesquisa em seus diferentes Centros dos vários Campi (Marabá, Altamira, Belém entre outros) vem construindo em parceria diversas instituições como CEPLAC, EMATER, ARCAFAR.

Assim, o Projeto visa desenvolver a escolarização aos educandos na Região do Tapajós focalizado em nível de 1ª a 4ª série, sintonizados e comprometidos com a transformação da realidade social da região amazônica, ancorado nos princípios da educação libertadora, procura garantir a articulação entre teoria e prática em todo o processo de formação dos educandos, promovendo o acesso aos bens culturais por meio da socialização de múltiplas formas de conhecimento cultural, social e linguagem. Dessa forma, busca-se construir uma educação voltada para as especificidades do homem do campo no processo de ensino e aprendizagem. Além de fornecer elementos teóricos – metodológicos específicos aos



educadores/as de forma que possam subsidiar cientificamente as experiências educacionais a serem implementadas no campo Paraense.

O Projeto Educação Cidadã na Região do Tapajós vem sendo desenvolvido nos Projetos de Assentamento de Reforma Agrária nos Municípios de Aveiro, Itaituba, Placas, Rurópolis e Trairão com total de 2.209 educandos distribuídos em 110 turmas como fica visível no quadro abaixo

#### TOTAL GERAL POR MUNICÍPIO

MUNICÍPIO	TOTAL DE TURMAS	TOTAL DE ALUNOS NO PROJETO POR MUNICÍPIO
AVEIRO	38	439
ITAITUBA	22	446
PLACAS	12	373
RURÓPOLIS	29	476
TRAIRÃO	09	125
<b>TOTAL</b>	<b>110</b>	<b>2.209</b>

Fonte: Projeto Educação Cidadã na Região do Tapajós

O Projeto conta ainda com a atuação de cerca de 110 educadores que atuam diretamente com os educandos nas salas de aula.

A sistemática metodológica do Projeto consistiu primeiramente em um levantamento da demanda nos diferentes Assentamentos. Logo em seguida, foram feitas a seleção dos formadores que são os encarregados em fazer a orientação pedagógica e o acompanhamento aos assentamentos junto aos educadores. O Projeto conta ainda com a participação de cerca de 14 alunos universitários que fazem o assessoramento junto aos educadores e educandos nos Projetos de Assentamentos – PAs. Os Coordenadores Locais são representantes dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais tem um importante papel ao promoverem a articulação com os diferentes atores nas comunidades dos assentamentos, para que os mesmo participem do Projeto de maneira ativa.

São desenvolvidas ainda formações pedagógicas coletivas envolvendo os coordenadores, formadores, educadores, alunos universitários, com o objetivo de subsidiar os sujeitos envolvidos no processo educativo, os princípios teóricos e práticos que orientam a concepção do projeto.

Os pressupostos sócio-políticos e culturais que orientam proposta do projeto baseia-se na educação para a cidadania de um ser humano integral, enquanto agente de transformação. Incluem a socialização, a produção e a construção de conhecimentos articulados às experiências de vida, de luta social e do mundo do trabalho dos sujeitos, fundamentada no

desenvolvimento de uma consciência crítica, na criatividade, na convivência social, na cooperação, na participação, na responsabilidade e na solidariedade, tendo o trabalho como princípio educativo.

Busca-se dessa forma, construir um currículo orientado escola formadora de sujeitos articulada a um projeto de emancipação humana em que considere os seguintes princípios:

- ✓ valorização dos diferentes saberes no processo educativo
- ✓ compreensão dos tempos e espaços de formação dos sujeitos da aprendizagem
- ✓ escola vinculada à realidade dos sujeitos
- ✓ educação como estratégia para o desenvolvimento sustentável
- ✓ autonomia e colaboração entre os sujeitos do campo e o sistema nacional de ensino
- ✓ trabalho como princípio educativo

A matriz desses princípios pauta-se pelo compromisso em estimular nos/as jovens do campo a criatividade, sociabilidade, valorização da condição humana em suas múltiplas dimensões – econômica, social, cultural, ambiental, ética, estética –, pluralidade de saberes, singularidades dos sujeitos do campo e de suas dinâmicas existenciais; vinculadas a um projeto sustentável e solidário de desenvolvimento, de construção coletiva e participativa.

O currículo, nessa perspectiva, busca ser expressão das reflexões de Silva (1999), que nos diz:

Em suma, depois das teorias críticas e pós-críticas, não podemos mais olhar para o currículo com a mesma inocência de antes. O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (Silva, 1999: 150).

Ancorados nessa concepção de currículo enunciada por Tomaz Tadeu da Silva em uma de suas obras (1999), a proposta curricular ora apresentada vem ao encontro dos referenciais do Projeto Político Educação Cidadã na região do Tapajós, das experiências pedagógicas compartilhadas que expressam o acúmulo de vivências educativas sintonizadas com a realidade do campo da Amazônia Paraense, respaldadas pela legislação educacional vigente.

A educação integral do/a educando/a e educador/a requer a superação de práticas pedagógicas e de formação reduzidas a uma visão de treinamento operacional, imediatista, segmentada e pragmatista.

O currículo integrado pressupõe a formação humana numa perspectiva de totalidade, holística, em que as múltiplas dimensões do sujeito – econômica, social, ambiental, cultural, cognitiva, intelectual, afetiva, ética, estética – estejam baseadas num projeto pedagógico

libertador, que tenha como eixos articuladores dos eixos temáticos o **trabalho** e a **cidadania**, na perspectiva de inserção de jovens no mundo do trabalho e sua participação social e política perpassados por uma formação técnico-científica, sociopolítica, ambiental, metodológica e ético-cultural comprometida com a emancipação humana.

A Educação do Campo que os movimentos sociais e os atores que residem no campo buscam construir, está inserida em uma concepção de políticas públicas em que a educação é direito de todos em que **No** o povo tem o direito a ser educado no lugar onde vive e **Do** em que o povo tem o direito a uma educação pensada com a sua participação, vinculada a sua cultura e às suas necessidades (Kolling, Molina 2002).

### POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES

O Projeto Educação Cidadã na Região do Tapajós, ao longo do ano de 2006 apesar das várias dificuldades de ordem financeira além da falta de infra – estruturas das salas de aula nos assentamentos, vem conseguindo atingir um número significativo de pessoas nos municípios atendidos, concretamente esta sendo possibilitado o acesso à educação do campo. Garanti o alcance do objetivo que o projeto se propõe, qual seja, o de desenvolver a escolarização aos educandos na Região do Tapajós focalizado na formação escolarização em nível de 1ª a 4ª série, sintonizados e comprometidos com a transformação e realidade social da região amazônica, ancorado nos princípios da educação libertadora. Além de garantir um ensino voltado para as especificidades do homem do campo no processo de ensino e aprendizagem.

Observa-se que o projeto vem provocando alterações significativas nas vidas dos agentes envolvidos, pois há mudanças de atitudes na forma de pensar e agir de maneira individual para formas coletivas de superar as dificuldades vivenciadas por todos. Os relatos de educadores e educandos nos mostram que muitos têm no Projeto Educação Cidadã a única e talvez a ultima possibilidade de acesso à educação, conseqüentemente a melhores condições de vida no campo a partir do desenvolvimento de suas potencialidades. O acompanhamento às turmas realizado pela coordenação geral, que atua desde 2002 na região do Tapajós, evidencia as transformações sociais possibilitadas pelo PRONERA.

Pode-se observar por outro lado, que os educadores que tiveram sua formação em outros processos formativos que não a escola dita formal, têm muito mais facilidades de trabalhar os princípios pedagógicos e teóricos que orientam o projeto Educação Cidadã do que os educadores que tiveram sua formação construída na escola secular, sistematizada, o que

demonstra a importância e as possibilidades do projeto de poder construir novas formas de construção do conhecimento embasados na realidade do homem do campo

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Lei nº 9.394 da LBD – *Lei de Diretrizes e Base da Educação* de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL, Resolução nº 1 do Conselho Nacional de Educação e Institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação, *Grupo Permanente de Educação do Campo*. Referências para uma política de educação do campo/ Caderno de Subsídios, Brasília, 2004.

I CONFERÊNCIAS NACIONAL. *Por Uma Educação do Campo*, Luziânia, GO, 1998.

II CONFERÊNCIA NACIONAL. *Por Uma Educação do Campo*. Luziânia, GO, 2004.

KOLLING, E., NERY, MOLINA, M. (Org). *Por uma Educação Básica do Campo*. Brasília: Editora da UNB, 1999.

SILVA, Tomaz T. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica 1999.

SOUZA, Orlando Nobre B. de. Educação do Campo e Poder Local na Amazônia: articulações e possibilidades. IN: GEMAQUE, Rosana M. e LIMA, Rosângela (Org) *Políticas Públicas Educacionais: o Governo Lula em questão*. Belém: Cejup, 2006.

## **O Ensino da Ética na Formação Cidadã do Educando no Ensino Médio**

---

*Merynilza Santos de Oliveira*

Universidade Federal do Pará

Área temática: EDUCAÇÃO

O presente trabalho está integrado ao projeto de extensão “A Metodologia do Ensino de Filosofia no Ensino Médio em Belém: Educação Continuada como extensão”, coordenado pela professora Maria Neusa Monteiro. A finalidade desse plano de trabalho é desenvolver com os alunos do Ensino Médio a conscientização do que é Cidadania e Ética por meio do aprendizado de seus conceitos.

A educação brasileira prevê em seus Parâmetros Curriculares Nacionais em Temas Transversais o ensino de ética e cidadania aos alunos. Valores humanos e sociais que norteiem os relacionamentos, pois percebe o educando como indivíduo participante de sociedade com direitos e deveres a exercer. Dessa maneira, precisa estar cômico do seu contexto, questioná-lo e reconstruí-lo na medida do fazer possível de um emancipado, uma vez que as aparências devem dar lugar à essência das coisas para a busca dos valores morais.

A ética e a cidadania precisam ser conhecidas para realmente serem exercidas sem servidão do que se vê e não se questiona. Sendo assim, a busca leva ao conhecimento, e o que se aplica, torna-se hábito e emancipa aos demais. As contribuições desse trabalho visam não apenas o âmbito educacional, mas também a sociedade de maneira geral.

Para esse aprendizado, pensamos em um curso voltado para o educando, com discussões sucessivas dentro de uma pesquisa contínua, que envolva a sua vivência e que o faça percorrer por um caminho autônomo para discutir demais questões afins, levando em consideração o conteúdo apreendido em sala de aula, perpassando por outras disciplinas, reforçando também o teor programático do vestibular.

Assim, o projeto tem por finalidade: apresentar aos alunos do Ensino Médio a Filosofia como conhecimento relacionado à vivência cotidiana; reforçar o conteúdo programático necessário para o vestibular, já que o plano abrange parte das competências exigidas pelo processo seletivo; discutir relações sociais envolvendo questões políticas, familiares, fraternais, entre outras; questionar a participação do indivíduo na sociedade por meio do método emancipador.

Sabemos que as idéias de ética e cidadania são conhecidas por quase todos dentro da sociedade, porém poucos possuem uma compreensão satisfatória para que verdadeiramente

exercem-nas. Mas, enfim, qual a co-relação entre as duas para um conhecimento útil de um indivíduo da *pólis*?

Aristóteles escreve em *Ética A Nicômaco* sobre como as virtudes conduzem o indivíduo da cidade eticamente na busca de um Bem que é a Felicidade experimentada por todos os cidadãos. Discute sobre temas comuns da vida cotidiana como: Coragem, Temperança, Generosidade, Amizade, Justiça, Felicidade, entre outras.

Expõe sua teoria sobre a sabedoria prática, discute acerca das moderações das atitudes voltadas para uma moral humana. No livro primeiro, afirma que o Bem é “aquilo a que todas coisas tendem”, é desejado, é um Fim buscado em si mesmo, e, se um fim é desejado os meios conseqüentemente o são, logo a conduta virtuosa é o meio para se alcançar o Bem. Porquanto, as virtudes, segundo ele, são o meio para uma vida ética.

Sendo que, as virtudes não são dádivas divinas, pois se fosse de tal forma, não existiria mérito para as práticas virtuosas humanas. Deste modo, o homem precisa esforçar-se para atualizar o hábito de praticá-las. O exercício das virtudes implicava em buscar a moderação de acordo com o contexto da situação, pois tudo que excede ou falta não é equilíbrio para levar-se uma vida feliz, “a virtude é uma espécie de mediania, já que, como vimos, ela põe a sua mira no meio-termo”, e mais, não é só buscar a moderação, [...] mas senti-los na ocasião apropriada, com referência aos objetos apropriados, para com as pessoas apropriadas, pelo motivo e da maneira conveniente, nisso consiste o meio-termo e a excelência característicos da virtude (ARITÓTELES, parágrafo 20; capítulo 6; livro II).

Por isso o procedimento deliberativo está ligado às virtudes, pois como essas são o meio para uma vida virtuosa, inscreve o homem no rol das causas para chegar-se a um fim, junto a natureza, a necessidade e o acaso.

Sendo pois, o fim aquilo que desejamos, e o meio aquilo acerca do qual deliberamos e que escolhemos, as ações relativas ao meio devem concordar com a escolha e ser voluntárias. Ora, o exercício da virtude diz respeito aos meios. Por conseguinte, a virtude está também em nosso poder, do mesmo modo que o vício, pois quando depende de nós o agir, também depende o não agir, e vice-versa (ARITÓTELES, parágrafo 05; capítulo 5; livro III).

Portanto, o procedimento deliberado e voluntário da virtude torna um homem virtuoso. Logo, a vida virtuosa está diretamente ligada à ética social.

Ser cidadão é proceder de acordo com os valores estabelecidos pela sociedade em que estamos inseridos, pensar no outro como um *outro* eu, nisto se estabelece o direito e o dever, respeitar a todos que me rodeiam como gostaria de ser respeitado e fazer pelo outro o que gostaria que fizessem por mim, esse é o princípio geral da *Ética*.

Assim, pensamos numa educação ética voltada para o aluno do Ensino Médio, para um questionamento e conscientização de sua vida social como cidadão. No entanto, o ensino atualmente sofre críticas severas acerca da sua utilidade, pois muitos alunos não percebem, além do vestibular, a proficiência do conhecimento apreendido na sala de aula. No entanto, buscamos o conhecimento da sabedoria prática do emancipado a quem Rancière (2002) se refere em seu livro *O Mestre Ignorante*.

A aprendizagem sempre foi concebida pela pedagogia através da explicação, que auxilia os gênios que podem repetir o que o mestre lhes ensinou, por esse motivo Jacotot, professor emancipador protagonista da análise de Rancière, passou a conceber o método explicativo como princípio do *embrutecimento*. O embrutecedor não é o professor que não consegue repassar o conhecimento aos alunos, que os deixa cheios de dúvidas, mas aquele que faz um ótimo trabalho, que explica com eficiência, que busca dar cada vez melhores explicações para uma boa “compreensão”.

O aluno desde a infância concebe o método da incapacidade da compreensão por si mesmo, fica atrelado a necessidade da explicação, torna-se inteligente pelas explicações do professor, compreende que jamais compreenderá algo sozinho. O embrutecimento se instaura no espírito, o pensamento sente a necessidade do professor-explicador, a incapacidade de aprender por si só está instaurada. “Eis a virtude dos explicadores: o ser que inferiorizaram, eles o amarram pelos mais sólidos dos laços ao país do embrutecimento: a consciência de sua superioridade (p.42)”. Após a apreensão do conhecimento por meio das explicações do mestre, o aluno, por sua vez, se formará também em um ótimo explicador para o repasse desse conhecimento a outros.

Entretanto, a vontade de ensinar do professor e a vontade de aprender do aluno juntaram-se para que Jacotot concebesse que os alunos eram capazes de aprender sem um mestre explicador, mas com um mestre, então a que estava relegado o papel do mestre? O método não era mais o do professor e sim o do aluno, porque se acreditava na capacidade intelectual de cada ser humano, então a questão se intercalava entre o mestre embrutecedor e o mestre emancipador, que respectivamente supunha um mestre sábio e um mestre ignorante.

A idéia de um mestre ignorante soava-lhe um pouco rústica, mas se propôs a repetir a experiência por qual passara, se propôs a ministrar cursos aos quais era visivelmente ignorante, pintura e piano, entre outras mais. Entendeu então que poderia ensinar o que ignorava, desde que estimulasse o aluno a sua própria inteligência. Assim, a resposta da questão acima feita estava exposta:

Mestre é aquele que encerra uma inteligência em um círculo arbitrário do qual não poderá sair se não se tornar útil a si mesma. Para emancipar um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos, nós mesmos, emancipados; isso é, conscientes do verdadeiro poder do espírito humano (RANCIÈRE, 2002, p.34).

O mestre ignorante estimula o aluno a buscar o que ignora, pois acredita que ele é capaz de aprender o que deseja. Por outro lado, o então denominado Método Velho se centra na incapacidade do aluno, como já foi explicado, visto que este precisa sempre da explicação do mestre. Muitos aprendem algo sem necessitar de que os explique alguma coisa e como não exista pessoa que não tenha experimentado esse procedimento, denominamos então o Método Emancipador de Método Universal.

A potência intelectual já foi exposta, um ignorante tem o que ensinar ao outro, sem fazê-lo dependente de explicações como no outro método. O rumo que cada aluno emancipado irá tomar será o que escolher, talvez não aprenda nada, mas saberá que pode aprender o que queira desde que tenha vontade para fazê-lo, pois todo mundo tem inteligência igual. Porquanto, o Ensino Universal consistia em *“aprender qualquer coisa e a isso relacionar todo o resto, segundo o princípio de que todos os homens têm igual inteligência<sup>3</sup>”*.

Enquanto, o Velho atrofia, inibe, embrutece, trabalha apenas a memorização, a técnica mnemônica, fazendo o aluno apenas repetir o que lhe é explicado. O Universal liberta, trabalha a inteligência, a criatividade, a imaginação e a autonomia. O que alicerça o Velho método é a desigualdade, pois acredita em inferiores e superiores, em rituais de aprendizado e em gênios escolhidos, enquanto o Universal se centra na igualdade da busca do conhecimento, acreditando no potencial de todos os seres humanos.

Todos podem tudo que pode o ser humano, a atenção no que está se aprendendo e a vontade determinam a aquisição do conhecimento, pois está em todos os lugares a nossa volta e em todo o nosso desenvolvimento aprendemos coisas sem a presença do explicador. As palavras implicam uma nas outras, facilitam na correlação, o contexto de cada um e o saber já obtido serve como comparação, para aprender a ler, ou qualquer outra coisa. O papel do mestre emancipador é revelar a inteligência a ela mesma.

O novo método também utiliza a opinião, observa-se o fato e opina-se sobre ele, e caso seja da vontade do aprendiz, o aprofundamento para conhecer melhor o objeto pode ser buscado. Enquanto o Velho veria se o aluno progrediu na sua busca. O Universal se preocuparia em ver se o aluno buscou, qual foi o esforço e a atenção que dispôs na aprendizagem, isso avaliaria o trabalho que teve para chegar nos resultados obtidos e é nisso que se instaura a igualdade.

---

<sup>3</sup> Destaque feito pelo autor.



Poder de igualdade que é, ao mesmo tempo, de dualidade e de comunidade. Não há inteligência onde há uma agregação, uma *ligadura* de um espírito a outro espírito. Há inteligência ali onde cada um age, narra o que fez fornece os meios de verificação da realidade de sua ação. a coisa comum, situada entre as duas inteligências é a caução dessa igualdade, e isso em duplo sentido (RANCIÈRE, 2002, p.55).

Contudo, o emancipado precisa ter objetivo do que busca, e para emancipar a outrem precisa conhecer a si mesmo e conceber-se igual a todos no caminho da busca do conhecimento.

Todas as inteligências são diferentes, mas não no sentido de desigualdade entre diferentes pessoas, não há inteligências superiores ou inferiores, como os detentores do conhecimento do Método Velho fizeram acreditar, apesar das variadas tentativas de convencimento. Ora, quando se trata de inteligências iguais de um sistema que diz que a desigualdade é imposta pelo nível de conhecimento de cada um, abre-se um novo pensamento de igualdade pelo conhecimento que pode ser adquirido por todos. Todavia, uma instituição, uma comunidade não pode emancipar, somente um homem emancipará outro homem.

Rancière resalta a importância de emancipar a população quanto a conhecimentos sociais, pois a maioria das pessoas é ciente apenas dos direitos, sem saber dos seus deveres, porém um indivíduo emancipado e consciente de seu papel é capaz de cumprir os seus deveres e reivindicar os seus direitos. O posicionamento político dentro da *pólis* já direciona em boa parte o sujeito para a busca do seu bem estar e dos outros em sua comunidade. Além de reforçar o conteúdo exigido para o vestibular, uma vez que o presente trabalho trata de uma das unidades exigidas.

Nesse sentido, pensamos na formação social do educando através da emancipação deles efetuada na escola, em que cada um será responsável pela construção do conhecimento. Também, intencionaremos não somente a construção do conhecimento ético do aluno cidadão em diversos âmbitos da sua vida, mas também a incessante busca do conhecimento para o desejo de conquista da amizade da sabedoria, da filosofia.

A metodologia empregada para o desenvolvimento desse trabalho tem seu início com uma conversa com os professores de Filosofia da escola definida para a realização do projeto. Perguntamos sobre o conteúdo e método que eles utilizam para o ensino da disciplina e em seguida conversamos com os alunos para saber o que acham da disciplina e qual a concepção acerca de sua utilidade.

Apresentamos o curso, que é desenvolvido em cinco mini-cursos de 2h cada, totalizando 10h de aula, sendo realizado um por mês. Nas reuniões, centramos nos alunos o debate das discussões acerca de questões atuais que envolvem os temas trabalhados por

Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, Freire em *Pedagogia da Autonomia*, Olgária Matos em *Polifonia da Razão*, entre outros autores.

A meta dos mini-cursos será fazer com que os alunos desenvolvam sua capacidade de questionamento crítico e percebam as melhorias de vida trazidas pelo conhecimento apreendido tanto na escola como em outros ambientes frequentados por eles. Para isso, utilizaremos textos literário-filosóficos, dinâmicas de grupo e recursos didáticos.

O curso é desenvolvido dentro das seguintes etapas, a saber: discussão com os professores da escola o projeto em questão; organização das programações a serem desenvolvidas de acordo com a disponibilidade dos alunos e da escola; execução da programação planejada e avaliação permanente dos educandos.

É interessante que em cada sessão os alunos escrevam acerca do que apreenderam e na conclusão do programa esses textos serão socializados e analisados conjuntamente entre alunos e professores.

Ao final, elaboraremos um artigo para a publicação, relatando a experiência, bem como fazendo uso dos textos elaborados pelos próprios educandos, expressando as principais conclusões obtidas, ressaltando os avanços e recomendações, considerando os pontos de dificuldade e contribuições para a vida social e para o ensino da Filosofia no Ensino Médio.

#### BIBLIOGRAFIA

ARITÓTELES, *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. 2.ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATOS, Olgária. *A polifonia da razão: filosofia e educação*. São Paulo: Scipione, 1997.

MONTEIRO, Maria Neusa. *Filosofia da Educação no Ensino Médio em Belém*. Belém: E. F. S., 2000.

RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução Lílian do Valle. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2002.

## **A Situação da Filosofia no Currículo do Ensino Médio: Prática Docente e a Formação Cidadã do Educando**

---

*Milena Bessa Costa (milena\_ufpa@hotmail.com)*

Bolsista PIBEX – UFPA

*Maria Neusa Monteiro (Mestra em Filosofia)*

Coordenadora do Projeto. Departamento de Fundamentos da Educação  
Centro de Educação/UFPA

### Área temática: EDUCAÇÃO

**RESUMO:** *Pensar um desenho curricular que visa a promoção da cidadania e a qualificação profissional é pensar necessariamente as possibilidades criadas pela Filosofia, enquanto disciplina do currículo da educação média paraense. O presente estudo tem por objetivo mostrar qual a situação do ensino filosófico no ensino médio de Belém, além das contribuições deste ensino para o exercício da cidadania dos educandos. Para alcançarmos os nossos objetivos percorremos as seguintes fases metodológicas: levantamento bibliográfico, observamos como os professores trabalham a disciplina Filosofia, assim como quais as metodologias utilizadas pelos professores que contribuem para a formação da cidadania no educando. Os resultados parciais do estudo revelam que a metodologia do ensino de Filosofia trabalhada pelos docentes oferece conteúdos referentes a cidadania, a ética e a política contribuindo para o debate crítico, criativo, reflexivo sobre a realidade vivenciada pelo educando levando-o a reaprender a ver o mundo. Porém, observamos também a necessidade de uma educação continuada, do aprimoramento das práticas docentes e metodológicas do ensino de filosofia. Portanto, ressaltamos que o professor de Filosofia deve ser um educador comprometido com a construção da cidadania, aberto à criatividade, ao risco de assumir-se como ser social envolvido com as transformações históricas, sociais e políticas da sociedade.*

Palavras-chave: *Filosofia. Ensino. Cidadania.*

### INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende ser uma reflexão ainda que em construção, mostrando a importância da disciplina Filosofia e analisando como concretamente se efetiva o ensino de Filosofia no Ensino Médio em duas escolas públicas do município de Belém, verificando também se a metodologia utilizada pelos professores de Filosofia contribui para a construção da cidadania do educando.

As contribuições da Filosofia no Ensino Médio e as metodologias utilizadas pelos docentes de Filosofia são objetos de estudo de uma pesquisa em andamento entregue no Projeto de Extensão intitulado “A Metodologia do Ensino de Filosofia no Ensino Médio em Belém: Educação Continuada como Extensão” que está sendo desenvolvido pela Universidade Federal do Pará. Acreditamos que a realização deste estudo trará significativas contribuições para os discentes e docentes do Ensino Médio e da UFPA enquanto agência formadora do homem amazônida.

## 1 – A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE FILOSOFIA

O ensino de Filosofia nos dar a base para entender o mundo, não aceitar as coisas de imediato, não acreditar no que parece ser óbvio, a compreender conceitos, mitos a ponto de nós criarmos os nossos próprios conceitos. O conhecimento da Filosofia faz com que sejamos críticos, não aqueles que criticam apenas por criticar, mas aqueles capazes de criticarem e reelaborarem novos conceitos, conceitos estes capazes de mudar, transformar e até mesmo revolucionar, tudo para chegar a um ponto de equilíbrio. Para Cipriano Luckesi (1990) o exercício de filosofar requer um levantamento, uma seleção e uma reelaboração de novos conceitos e novos valores; a ação de pensar e criar os próprios conceitos e valores direciona o resultado para a humanidade.

O resultado do ensino de Filosofia é tão importante que existem vários autores que fazem esta discussão. Marilena Chauí (1996) confirma que a atitude filosófica, surge quando nós começamos a não admitir como evidente as coisas, os fatos, as situações, os valores, as idéias, os comportamentos de nossa existência cotidiana. Quando passamos a indagar o que são as crenças e os sentimentos que regem nossa vida.

Para Alejandro Cerletti (2004) o ensino da Filosofia faz com que tenhamos uma atitude problematizadora e questionadora, causando assim uma nova maneira de lidar com o mundo e com os conhecimentos. Faz com que o indivíduo seja capaz de criar seu próprio pensamento e não apenas reproduzir de outros. Toda educação deveria ter o essencial da Filosofia e geraria assim uma auto-educação.

Essa auto-educação que o autor deseja infelizmente em nosso país está muito difícil de ser concretizada. Pois, os conhecimentos mais elaborados estão com a pequena elite social do nosso país, e esta dificulta ao máximo o acesso da população a forma de conhecimento eficaz.

O Governo Federal sabendo da importância do aprendizado e conhecendo o resultado que ele traz para as ações humanas, estas quando bem pensadas, foi que no período da Ditadura Militar proibiu o ensino da Filosofia em colégios secundaristas e no Ensino Superior ele era vigiado, tentando assim impedir que o conhecimento do poder do questionamento e o poder de ver que através deste questionamento conseguia-se mudar a sociedade da época, chegassem às mãos de quem era capaz de saber usar muito bem este conhecimento, a juventude. Por isso é que Cipriano Luckesi considera que:

“[...] Entendem que a filosofia é uma forma de saber que é perigosa nas mãos dos cidadãos e, por isso, deve ser abolida, mas que é importante nas mãos dos poderes constituídos. Isso foi o que ocorreu no Brasil pós-64, por exemplo. O governo militar brasileiro suprimiu o ensino de filosofia nas escolas de ensino médio e dificultou-o nas universidades[...]” (LUCKESI, 1990, p.37)

Já passamos pela Ditadura Militar e o ensino da Filosofia não está mais sendo vigiado, porém atualmente como toda a educação ele sofre muitas restrições: as péssimas condições materiais do ensino médio público; no Ensino Superior as Universidades lutam para manter o curso de Filosofia funcionamento devido ao fato das poucas ou quase inexistente verbas para financiar pesquisas; as condições sócio-culturais dos educandos e o aspecto ideológico-político.

O conhecimento, a apropriação da Ciência liberta um país político, cultural e economicamente do subdesenvolvimento. Não se faz Ciência por si só, mas para si, porque fazendo-a para si faz-se filosofia. Os efeitos da Filosofia se dão no espírito e na cultura de um povo ou de um indivíduo. Álvaro Vieira Pinto ver uma intrínseca relação entre a compreensão do ensino filosófico e o como fazer da ciência uma ferramenta para conseguir a liberdade:

“[...] A ciência só pode tornar-se um instrumento de libertação do homem e do seu mundo nacional se for compreendida por uma teoria filosófica que a explique como atividade do ser humano pensante e revele o pleno significado da atitude de indagação em face da realidade natural e social [...]” (VIEIRA PINTO, 1979, p.4)

Fazendo com que esta ciência, a Filosofia, entre outras cheguem ao conhecimento do educando em sua educação básica e este seguindo os princípios do filosofar viverá, atuará, exercerá melhor a democracia; conseguirá por consequência uma educação com qualidade; a cidadania plenamente e até mesmo uma velhice com dignidade; conseguirá respeitar os conceitos e valores de outras pessoas, de outro povo e também o respeito dos mesmos para com ele.

O exercício do filosofar nos leva a nos conscientizarmos que podemos superar as dificuldades encontradas no mundo em que vivemos, inclusive de derrubar as barreiras impostas pela classe dominante encontradas no nosso percurso para chegar aos nossos objetivos, seja eles de ordem econômica, cultural ou até mesmo político.

A maior manifestação do filosofar dar-se na juventude, como já foi mencionado, pois todo jovem tem como característica própria da fase em que se encontra a tendência natural de criticar de imediato. Aproveitando isto o ensino da disciplina de Filosofia no Ensino Médio pode contribuir para formar as bases para o espírito crítico. Para tanto é necessário coloca a disciplina entrelaçada como modo de produção de sistemas de significação. Celso Favaretto mostra que:

“Contra a tendência natural dos jovens de tudo criticar de imediato, supostamente traduzindo com isto a força do desejo, o ensino de filosofia pode contribuir para gerar as condições da criticidade. A crítica, como é sabido, não se coaduna com a pressa, com a velocidade, o sucesso, a prospecção, o prazer; com o “ganhar tempo”, com a eficiência, com tudo isto que nos fala e em que freqüentemente nos afundamos, pois a crítica suspende a realidade para melhor vê-la. A crítica é uma intervenção na realidade; pelo

menos neste domínio que nos diz respeito, aqui e agora, o da relação de educação”(FAVARETTO, 2004, p.46)

Para o autor a importância do ensino da Filosofia nesta etapa escolar gira em torno da mesma importância que seu ensino em outros níveis de escolarização. Se dá pela formação que ele produz, pois, tem como resultado o desenvolvimento do pensamento crítico devido a mistura dos conhecimentos filosóficos, a cultura e a experiência de vida.

“A presença da Filosofia no currículo do ensino médio é justificada pelo seu valor, historicamente consagrado, de formação. Cumpre, entretanto, esclarecer qual é a formação a que se refere quando pensada como uma disciplina educativa; ou seja, qual a sua contribuição específica para a efetivação dos objetivos gerais da educação de nível médio. Considera-se, sem dificuldade, que a filosofia é requisito indispensável para a elaboração de referências que permitam a articulação entre os conhecimentos, a cultura, as linguagens e a experiência dos alunos” (FAVARETTO, 2004, p.48)

## 2 – O ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO MÉDIA EM BELÉM

A importância do estudo acerca das contribuições da Filosofia no Ensino Médio para a formação da cidadania se dá essencialmente pelo fato da Filosofia buscar uma compreensão mais profunda da realidade, o que permite mergulhar em diversos conhecimentos para a aquisição dessa compreensão, quando percebemos a Filosofia nessa dimensão abrimos caminhos para que o educando entenda que o cidadão para compreender a si mesmo e a sua realidade precisa ter clareza da relevância da Filosofia em suas ações, enquanto ser político e social situado na sociedade contemporânea. Nessa perspectiva, é que o educando poderá dar um importante passo como cidadão em formação, ou seja, quando começar a entender por esses meios as contribuições da Filosofia em sua educação média.

O que é ser cidadão? Alguns compreendem o cidadão como o indivíduo que possui direitos políticos; outros como aquele que possui deveres sociais; outros, ainda, como aquele que, no contexto de uma sociedade de mercado, tem acesso aos bens de consumo. No entanto, o cidadão está para, além disso. Tal palavra deriva do latim *civis*, que designava o habitante da *civitas*, a cidade-estado romana; se voltarmos um pouco mais, rumo à polis grega, encontraremos uma categoria de cidadãos muito parecida, da qual tomavam parte os homens adultos, proprietários, nascidos na cidade; estavam excluídos da cidadania as mulheres, as crianças, os escravos e os estrangeiros.

Estamos acostumados a falar e a ouvir de cidadania como reivindicação de direitos; sobre a situação brasileira, Caetano Veloso e Gilberto Gil cantaram, na música Haiti, que “ninguém é cidadão”. Justamente porque nossos direitos ou são inexistentes ou não são respeitados. Isso fica claro, por exemplo, quando vemos a situação de fome nas áreas mais

carentes do nosso país. Muitos brasileiros não têm as mínimas condições de sobrevivência. São cidadãos de fato?

Por outro lado, a cidadania nada é se não a exercitarmos. Sendo inerente à condição de humano, ela depende de nossas ações. Somos cidadãos de fato quando a conquistamos e construímos coletivamente, e se alguns estão alijados dela, então ninguém é cidadão. O que fazem as nossas escolas? No programa de Filosofia no Ensino Médio, existe um eixo “Ética e Cidadania”, como esse eixo vem sendo trabalhado?

No Brasil de hoje, portanto é urgente que arregacemos as mangas e nos dediquemos a conquistar e construir uma cidadania que, se é inerente à nossa condição de humanos, só terá sentido quando a exercemos de fato. Para essa empreitada, poderá a educação colaborar de alguma forma? Qual o papel da escola enquanto comunidade? A educação moral permeia, portanto, toda a estrutura e a vida da escola. Ela está presente na sala de aula, na forma como o professor se relaciona com os alunos e estes, entre si, está presente na forma como a direção da escola relaciona-se com os professores, alunos, funcionários e vice-versa; está presente nas relações que se travam no pátio da escola nos momentos de recreio; está presente durante as aulas de filosofia. Está presente nas avaliações.

O professor de Filosofia deve ser antes de tudo um educador comprometido com a construção de uma cidadania ativa deve está aberto à criatividade, ao risco de assumir e realizar experiências, buscando caminhos para a construção da cidadania e construindo uma sociedade na qual direitos e deveres dos cidadãos sejam o exercício da vida cotidiana de cada um e de todos.

Como já foi mencionado anteriormente estamos realizando uma pesquisa no Ensino Médio no município de Belém com a parceria da Universidade Federal do Pará, que possui como objetivo geral perceber através do acompanhamento das aulas de Filosofia, no Ensino Médio, se a metodologia utilizada pelos professores contribui para a construção da cidadania dos educandos. E como objetivos específicos verificar que metodologias o professor utiliza em sala de aula para saber se essas condizem com as teorias propostas pelo professor; realizar reflexão com a comunidade escolar na perspectiva de apontar caminhos para os possíveis problemas apresentados no decorrer do estudo e oferecer oficinas para os professores do ensino médio, visando demonstrar aos mesmos algumas metodologias que possam facilitar a prática deles em sala de aula.

Na tentativa de se alcançar o objetivo geral, visitamos duas escolas: A e B, ambas de nível médio e estadual e conseguimos acompanhar algumas aulas de Filosofia para as turmas

de ensino médio, para então fazermos a análise da metodologia do professor e verificarmos se ela contribui para a construção da cidadania nos educandos.

Já com relação aos objetivos específicos, podemos afirmar que, o primeiro foi efetivado também através do acompanhamento das aulas de Filosofia nas escolas A e B, acima citadas, estamos analisando os dados coletados o que irá nos auxiliar para alcançarmos o nosso segundo objetivo que é de refletir com a comunidade escolar sobre possíveis soluções para os problemas que foram encontrados no decorrer desse estudo.

Com relação ao último objetivo, podemos dizer que tais oficinas já estão sendo preparadas para que com as informações da pesquisa e com o embasamento teórico, possamos demonstrar aos professores algumas metodologias que possam facilitar a prática deles em sala de aula.

Estamos na metade da pesquisa e já podemos apresentar alguns resultados que de certa forma trarão benefícios para o ensino da disciplina de Filosofia no Ensino Médio.

Com a aprovação deste plano de trabalho, no mês de julho de 2005, começamos a fazer uma pesquisa bibliográfica de obras filosóficas e educacionais que tratam da temática de Filosofia no Ensino Médio.

A partir do mês de setembro começamos a realizar as observações das aulas de Filosofia nas escolas A e B, ambas da rede estadual de ensino, localizadas na capital paraense.

Na escola A, podemos fazer as observações no turno da manhã e constatamos que a metodologia utilizada pela professora da disciplina Filosofia, oferece conteúdos referentes a cidadania, ética e política contribuindo para o debate crítico, criativo e reflexivo sobre a realidade vivenciada. A professora possui várias estratégias de ensino e as realizava com a turma, resultando em aulas prazerosas e até divertidas, 90% da turma comenta que a aula de Filosofia nesta escola é diferente das de outras instituições de ensino. Era bem descontraída, a professora conseguia fazer um leque entre a teoria e a realidade dos educandos. Esta mesma porcentagem da turma confirma que além da aula de Filosofia que eles recebiam ser diferente das ministradas em outros colégios, ela era diferente também das aulas das outras disciplinas, os educandos não ficavam à vontade com os outros professores como ficavam com a professora de Filosofia, até mesmo a organização da sala de aula na hora da aula de Filosofia era diferente-a professora ao entrar na sala pedia para que os alunos fizessem um círculo.

Já na escola B que também é da rede estadual de ensino, as observações foram realizadas pelo turno da noite e foi possível notarmos bastante diferença entre as metodologias das educadoras e também o interesse dos alunos para com a disciplina. Nesta escola a professora infelizmente não conseguia chamar e prender a atenção dos alunos para o ensino



da disciplina. Ela usava metodologias que não era possível fazer com que o educando manifestasse um interesse mínimo pela disciplina o que acabava por resultar também, em uma barreira que impedia com que o objetivo do ensino da disciplina Filosofia fosse alcançado. Utilizava muito da metodologia do resumo, porém a análise e a discussão destes resumos nunca se concretizavam. Por tanto na escola B, não foi possível percebermos uma ajuda significativa do ensino de Filosofia para a formação do educando no que diz respeito a formulação do debate crítico, criativo e reflexivo sobre sua realidade, tão pouco contribuir para a construção da cidadania deste educando.

De certo que a educação encontra várias e diversas condições que dificultam a sua realização, isto infelizmente não é uma realidade somente do ensino de Filosofia, temos como exemplo disso as péssimas condições materiais do ensino médio público, as condições sócio-culturais dos educandos e o aspecto ideológico – político.

Mas se queremos alcançar os objetivos do Ensino de Filosofia no Ensino Médio, que segundo Ricardo Navia (2004) é o de discutir e fazer refletir sobre vários temas e problemas de ordem estéticos, antropológicos, éticos, sócio-históricos e culturais; fazer surgir uma concepção que tenta achar um antídoto contra o dogmatismo, o fanatismo e a intolerância e o maior deles que é o de desenvolver as capacidades de argumentação e discussão de idéias explicitamente fundamentadas temos que superar as barreiras encontradas e tentar aproximar o educando do ensino de Filosofia criando estratégias como: modificando um pouco a linguagem, trocando os textos clássicos por outros que possuem até mesmo uma linguagem cômica, claro não exagerada, e que possuem também as inquietações dos adolescentes, uma vez que os alunos deste nível escolar a maioria é adolescente.

Por tanto o ensino de Filosofia no Ensino Médio deve ser baseado nos grandes temas de nosso tempo, analisar filosoficamente os acontecimentos teóricos ou práticos que compõem a história de nossa época, que tem ligações com a vida dos jovens e adultos que neste momento vivem e atuam, tendo o cuidado para não esquecer dos grandes da história da Filosofia, da história da Ciência ou da história da cultura em geral.

### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que um indivíduo possa conseguir uma participação livre em uma sociedade democrática, este deve possuir uma estrutura que possibilite à ele uma atitude de conscientização e de discussão e o ensino de Filosofia na Educação Média serve como uma instância de coesão, explicitadora e reforçadora dessa capacidade.

Na capital paraense a disciplina Filosofia vem ganhando uma importância relevante, uma vez que ela está sendo cobrada no Processo Seletivo da mais importante Universidade do Pará. O que faz com que os professores, o sistema escolar der um papel de maior destaque à disciplina.

O ensino da Filosofia no Ensino Médio contribuirá para com que o aluno desenvolva em si uma cultura filosófica, gerando uma consciência crítica tornando este um ser mais ativo e participativo em sua própria realidade. A Filosofia pode então estar contribuindo para uma melhor formação dos jovens, situando estes em seu momento histórico e dando-lhes base para que possam deixar de serem jovens “alienados” pelas idéias dominantes, para que assim possam ter idéias próprias e possam expor suas idéias conscientemente.

Levando em consideração o objetivo do ensino da Filosofia ela não pode ser vista apenas como mais uma disciplina do currículo escolar, principalmente nesta fase de escolarização em que o jovem está mais aberto a mudanças, mais sim como algo que pode ajudar na transformação dos educandos em cidadãos críticos que conhecem a realidade em que estão inseridos e que buscam melhorar não só para eles usufruírem da mudança, mais também todo o restante da sociedade.

#### REFERÊNCIA

CELSONI, Favaretto. Filosofia, ensino e cultura. In: KOHAN, Walter (org.). *Filosofia: caminhos para o seu ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

CERLETTI, Alejandro A. Ensinar Filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica. In: KOHAN, Walter (org.). *Filosofia: caminhos para o seu ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

CHAUÍ, Marilena. Para que Filosofia? In: *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1997, capítulo 1.

GALLO, Sílvio (coord.). *Ética e Cidadania: caminhos da Filosofia: elementos para o ensino de Filosofia*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LUCKESI, C.C. *Filosofia, exercício do filosofar e prática educativa*. Em aberto. Brasília, ano 9, n. 45 jan.-mar., 1990.

MONTEIRO, M. N. *Filosofia da educação no ensino médio em Belém*. Belém: 2000

NAVIA, Ricardo. Ensino Médio de Filosofia nas presentes condições culturais e sociais de nossos países. In: KOHAN, Walter(org.). *Filosofia: caminhos para o seu ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

## **A música como instrumento de socialização**

---

*Rafael Guerreiro Giese*

*Profa. Ana Maria de Castro Souza, orientadora*

ICA – Escola de Música/UFPA

Área temática: EDUCAÇÃO

### 1. INTRODUÇÃO

O protocolo de Integração assinado entre as instituições UNAMA, CEFET, UFRA, CESUPA, UEPA e UFPA, vem atender uma das ações na região amazônica, maximizando assim as áreas de ensino, pesquisa e extensão. A área do Igarapé Mata Fome foi selecionada a partir de um estudo realizado pela UNAMA E UFPA entre 1998 e 2001, mediante a Consulta Urbana promovida pela Prefeitura de Belém e a Organização das Nações Unidas.

Das 12 comunidades que compõem a área, foi escolhida a comunidade Bom Jesus, como foco das ações deste projeto para os próximos quatro anos, período que pode garantir a perenidade do processo e possibilidade de multiplicação entre as demais comunidades do entorno.

Para a viabilização do Projeto Integrado de Extensão Universitária – Igarapé Mata Fome, a cada instituição envolvida coube um compromisso de necessidades. A Universidade Federal do Pará, através da Pró-reitoria de Extensão responsabilizou-se pelas artes, sendo as competências das Escolas vinculadas ao Instituto de Artes: Escola de Música e Escola de Teatro e Dança e Faculdade de Artes Visuais.

A Escola de Música assumiu compromissos de elaborar oficinas de música que proporcionassem a Educação Musical de crianças e jovens, utilizando recursos naturais como a voz e o corpo, e recursos materiais com instrumentos alternativos. As oficinas são realizadas no bairro da Pratinha, na comunidade Bom Jesus todos os sábados desde o mês de maio de 2006.

Foram traçadas algumas estratégias para alcance com os seguintes objetivos como: proporcionar a prática musical pelo canto coral, expressão corporal e percussão popular; desenvolver as potencialidades individuais artísticas, promovendo a auto estima; estimular a disciplina, integração e comportamento em grupo e fomentar novas perspectivas de vida.

### 2. METODOLOGIA

Na metodologia utilizada, todas as crianças e adolescentes com interesse em música participaram num mesmo grupo. Foram ensinadas cantigas de roda e canções regionais, com noções de educação vocal, impostação, afinação, além de percepção musical e rítmica. Na

seqüência, também foram estimulados a expressarem-se corporalmente com gestos e movimentos da dança, da expressão facial gestual e corporal, da poesia, da movimentação no espaço, de adereços complementares, do estilo de vestir e da interpretação musical.

A percussão corporal foi desenvolvida a partir de ritmos que utilizavam palmas, pés, batidas no corpo, estalos de dedos, estimulando a criatividade e conhecimento dos estilos de ritmos paraenses com a utilização de instrumentos confeccionados pelos próprios participantes através de material alternativo como: baldes, cabos de vassoura, latas e outros.

As oficinas são acompanhadas por um instrumentista para dar suporte harmônico e rítmico nos diversos estilos musicais. Naturalmente as oficinas se juntaram pela necessidade interdisciplinar na prática musical: do canto que utiliza a voz sonoramente; do corpo com a expressão facial e corporal pelo gestual; da base harmônica que enriquece a melodia; e da percussão que marca ritmos da música, havendo finalmente uma integração: canto, expressão, ritmo e conjunto.

A inter-relação de áreas diferentes na educação está baseada na teoria da interdisciplinaridade, com princípios aplicáveis às artes. Segundo Luck (1999: 62), a interdisciplinaridade:

corresponde a uma nova consciência da realidade, a um novo modo de pensar, que resulta num ato de troca, de reciprocidade e integração entre áreas de conhecimento, visando tanto a produção de novos conhecimentos como a resolução de problemas, de modo global e abrangente.

As oficinas estão sendo ministradas por alunos bolsistas da Proex e Escola de Música coordenados pela Profª. Ana Maria Souza.

### 3. CRONOGRAMA

MÊS	ATIVIDADES
Maio	Conhecimento da área e inscrição
Junho	Introdução às linguagens musicais
Agosto/setembro	Aprendizagem e aplicação de repertório
Outubro	Apresentação no 33 ENARTE – S.José Liberto e Vadião
Novembro	Preparação para o Natal da UFPA
Dezembro	Apresentação na UFPA

### 4. DESCRIÇÃO DAS OFICINAS

**4.1 Oficina de canto coral para crianças e adolescentes**, ministrada pela aluna Gilda Maia, concluinte do 3º Técnico em Canto Lírico.

Na formação familiar e social do povo brasileiro, a música ocupou sempre um lugar importante em seu universo, com as canções de ninar, com as cantigas de roda, com as serestas e serenatas; e através do Canto Coral, que é essencialmente uma atividade coletiva, permitindo a harmonia das vozes, o despertar dos sentimentos e a harmonização do ser com o

universo. As crianças e adolescentes da Comunidade “Bom Jesus”, do igarapé “Mata Fome”, provavelmente e em sua maioria, não tiveram a oportunidade de receber informações básicas sobre a linguagem musical vocal, ou de ter qualquer conhecimento musical. Por isso, a grande importância do projeto, que visa proporcionar a oportunidade de realizar este desafio em suas vidas, demonstrando à todos que o necessário é somente a vontade de cantar e o gosto pela música.

Desta forma, se estará não apenas trazendo o conhecimento de mais uma linguagem, mas enriquecendo fundamentalmente a vida dessas crianças e adolescentes, estimulando uma das coisas essenciais ao espírito: a motivação para vencer em conjunto novos desafios.

*Objetivos:* estimular a atenção e reação, concentração e prontidão, discriminação pelo ouvido da altura, intensidade, duração, ritmos e formas musicais; incentivar a integração, a cooperação e a desinibição, uma vez que o canto coletivo tem como uma de suas riquezas a necessidade de relacionamento, trabalhando no indivíduo a disciplina.

**4.2 Coral e expressão cênica para adolescentes**, ministrada pela aluna Maria Juliana Souza, do 4º ano básico de piano erudito.

O Canto coral e a expressão cênica favorece uma oportunidade de Educação Musical utilizando o canto assim como pretende trabalhar temas relacionados ao cotidiano dos adolescentes da comunidade do Igarapé Mata Fome. O conhecimento de algumas músicas amazônicas e a música brasileira abordando a violência urbana, a guerra, a paz, o desarmamento e drogas enfatizando a discriminação e o pré-conceito social e racial.

O Trabalho a ser desenvolvido utiliza-se de recursos cênicos que facilitam a compreensão dos textos literários e temas selecionados, podendo alcançar significativos resultados de educação musical para os participantes além de proporcionar uma nova perspectiva de vida para os mesmos.

*Objetivos:* integrar o grupo utilizando o coral e jogos ritmos musicais; possibilitar a disciplina, a prontidão, a memorização, a concentração e a musicalidade; estimular o interesse e a criatividade do adolescente; e proporcionar a reflexão de temas de relevância.

**4.3 Oficina de percussão corporal e com instrumentos**, ministrada pela aluna Vilma Monteiro, 2º ano básico de Percussão Erudita.

A oficina objetiva o desenvolvimento rítmico nas crianças, com aulas apresentadas de forma estimulante e prazerosa através de linguagem simples e didática acessível, obtendo como consequência o estímulo da coordenação motora e o aumento do nível de atenção, raciocínio rápido, disciplina e interação.

Formação artística e cultural do aluno, abrangendo ritmos nacionais, com enfoque aos ritmos paraenses, de forma a musicalizar e sensibilizar o aluno, inovando com sons vocais, toques corporais e confecção de instrumentos percussivos, oferecendo uma nova maneira de aprendizagem e estabelecendo esclarecimentos acerca da origem de cada ritmo ensinado.

*Objetivos:* permitir a aprendizagem de toques simples dos ritmos que serão apresentados; destacar o trabalho em grupo, de forma que sejam subdivididas células entre os alunos, para que se forme um mesmo ritmo; e desenvolver a junção percussiva com diferentes áreas artísticas, como o teatro e o canto coral.

**4.4 Um toque harmônico no canto do Igarapé,** ministrada pelo aluno Rafael Guerreiro Giese, do 2º técnico de Violão Erudito.

Para o repertório musical dos coros, é necessário o acompanhamento de um instrumento harmônico como o violão, que além de se adequar muito bem no acompanhamento da Música brasileira (samba, baião, xote, bossa, choro, bolero e outros), é também um instrumento mais fácil de transportar.

A inclusão do violão no Projeto Mata Fome como facilitador musical dos ritmos brasileiros vai sem dúvida trazer segurança, prazer e interesse nos integrantes para realizarem as atividades de todas as oficinas desenvolvidas.

*Objetivos:* dar suporte à aprendizagem musical dos conjuntos formados no Projeto; facilitar a percepção rítmica e melódica dos participantes; completar harmonicamente e ritmicamente as músicas selecionadas; despertar o interesse dos participantes pela prática do Canto Coral e o estudo do violão.

## 5. AVALIAÇÕES E RESULTADOS

Considerando as dificuldades enfrentadas durante as oficinas, os resultados foram satisfatórios. A primeira dificuldade enfrentada diz respeito às condições do local onde as oficinas foram realizadas, devido este ser uma área aberta onde acontecem festas durante a noite, logo, não possui infra-estrutura básica para um bom funcionamento das aulas. A irregularidade na frequência dos alunos foi outra dificuldade que foi superada através das apresentações que motivaram muito os alunos a frequentar as aulas e até mesmo a divulgar as oficinas dentro da comunidade.

As avaliações das oficinas são realizadas através do acompanhamento da coordenação, através de relatórios e os resultados práticos e artísticos foram apresentados no mês de outubro dentro do 33º ENARTE, Encontro de Arte de Belém, evento artístico organizado pela Escola de Música.

## APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS DO PROJETO IGARAPÉ MATA FOME-MÚSICA

LOCAL	DIA	HORA	EVENTO
Comunidade Bom Jesus	14/10/2006	09h	Gravação <i>Programa Bem feito</i> – TV Cultura
Vadião	16/10/2006	18h	33º ENARTE
S.José Liberto	18/10/2006	18h	33º ENARTE

## 6. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A TV Cultura através do Programa Bem Feito programou uma gravação no local das atividades do Projeto para o dia 14 de outubro, tendo levado ao ar no mês de novembro. Após todas estas apresentações houve um salto na produtividade dos alunos, pois estes se sentiram motivados. A musicalidade inibida das crianças foi sendo superada aos poucos através de aulas onde músicas da realidade deles eram tocadas e discutidas em contraponto com músicas da cultura de raiz (carimbó, lundu) e outros ritmos brasileiros (samba, baião, cantigas de roda).

O resultado final foi reflexo da motivação e dedicação das crianças da comunidade, no que diz respeito a conhecimentos musicais específicos (afinação, ritmo) houve uma evolução à medida que o contato e a vivência musical foram se intensificando de forma que criou-se um vínculo afetivo entre todo o grupo e osicineiros. As produções realizadas atende aos objetivos das oficinas, pois o contato dos alunos com outras realidades e locais através das apresentações teve grande representatividade para as crianças.

## BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Líliam. *Música e Identidade Indígena na Festa de Santo Alberto em São Gabriel da Cachoeira*, AM Diss. Mestrado. UFBA. Salvador. 2002.
- BEUTTENMULLER, Glorinha; LAPORT, Nelly. *Expressão vocal e Expressão Corporal*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.
- CAMPOS, M. C. *A Educação Musical e o Novo Paradigma*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CHAN, Telma. *Um conto que virou canto*. Canções para coral infantil. São Paulo: Fermata do Brasil, 1997.
- CHAN, Telma; CRUZ, Telmo. *Dia de festa*. Canções infantins para ler, cantar e tocar. [São Paulo]: [edição dos autores], [1998].
- CHAN, Telma; CRUZ, Telmo. *Divertimento de corpo inteiro*. São Paulo: T. Chan, 2001.
- CHAN, Telma; CRUZ, Telmo. *Dos pés à cabeça*. São Paulo: Fermata do Brasil, 1990.
- JACOB, Mingo. *Método Básico de Percussão – Universo Rítmico*. São Paulo. Ed. Irmãos Vitale, 2003.

LEHMANN, Lilli. *Aprenda a cantar*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984.

LOBATO, Jarbas e MAIA, Silvério. *Elementos Teóricos de Música para Instrumentistas*. Belém: Ed. Universitária UFPA, 1997.

MATHIAS, Nelson. *Coral um canto apaixonante*. Musimed: Brasília, 1986.

NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser criativo, o poder da improvisação na vida e na arte*.

ROCCA, Edgard Nunes. *Ritmos brasileiros e seus instrumentos de percussão*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Música, 1996.

SALZER Jacques. *A Expressão corporal, uma disciplina da comunicação*. São Paulo. Difel. 1982.

SANTIAGO, Adelina Barretto. *Música e percussão*. Nossas raízes musicais. São Paulo: Irmãos Vitale, 1999.



## **O projeto artístico pedagógico no Encontro de Arte de Belém**

*Rita de Cássia Souza da Silva*

*Orientação: Prof. Milton José Athayde Monte*

*Co-orientação: Profa. Dra. Lia Braga Vieira*

Instituto de Ciências da Arte – Escola de Música/UFPA

Área temática: EDUCAÇÃO

### 1 INTRODUÇÃO

A Escola de Música da Universidade Federal do Pará – EMUFPA promove desde 1973, o Encontro de Arte de Belém – ENARTE, idealizado pelo pianista e professor Altino Pimenta. Esse evento culmina com apresentações de recitais, espetáculos teatrais, palestras, *master class*, oficinas de artes visuais e lançamento de livros. O evento sempre acontece no mês de outubro para aproveitar o grande contingente de pessoas que circulam na cidade em virtude da festividade do Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

O Encontro tem como objetivos: promover a integração das linguagens artísticas: música, teatro, dança, literatura, artes plásticas com a comunidade acadêmica e a sociedade; possibilitar aos docentes e discentes a atualização de sua práxis por meio de palestras, cursos, oficinas, *master class* oferecidas pelo Encontro; disseminar a produção artística local por meio de palestras, concertos, espetáculos cênicos, sessões de cinemas, lançamentos de livros e CDs; formar platéia e inculcar na população em geral o gosto pelas artes. Para tanto, o ENARTE mobiliza docentes, discentes e funcionários da EMUFPA, além de outras subunidades do ICA/ UFPA, como a Escola de Teatro e Dança – EDTUFPA e a Faculdade de Artes Visuais – FAV.

A intenção deste trabalho é o registro de minha experiência como bolsista de extensão na EMUFPA. Iniciei o estágio na EMUFPA tendo como *objetivo conhecer a prática pedagógica do Encontro por meio do levantamento do acervo do ENARTE e da observação da prática educativa dos professores com os educandos e da participação da família nesse processo.*

A temática torna-se importante devido ao fato de, ao se fazer o levantamento do acervo do ENARTE, ter-se percebido que não havia registro algum sobre a prática pedagógica aplicada no mesmo. Este trabalho também tem sua importância por registrar e difundir um estudo sobre o evento junto à comunidade da acadêmica da UFPA e comunidade em geral.

## 2 METODOLOGIA DO ENARTE

A vivência do período de estágio, que foi de dez meses, proporcionou-me conhecer não apenas a prática pedagógica aplicada no Encontro, mas a importância do mesmo para os alunos, pessoas que estão envolvidas diretamente na organização e culminância do evento e ainda para a comunidade em geral, enquanto prática educativo-artística. Isto porque as atividades do ENARTE direcionam o saber fazer artístico das subunidades que estão envolvidas na sua realização para fomentar na sociedade o gosto pelas artes. Sabe-se que é muito comum não haver em escolas de educação básica a música como parte do processo educativo, cabendo apenas às artes plásticas um lugar nesse processo de assimilação de conhecimento. Logo, o aluno desde as séries iniciais, na maioria das vezes, é educado apenas a conhecer as artes plásticas como importante para o seu processo de formação, ficando a educação musical restrita às escolas especializadas.

No entanto, não se deve deixar a missão de promover nos educandos a educação musical apenas no âmbito das escolas de música, uma vez que as escolas de educação básica também têm esse papel. Segundo Bruno (2000, p. 14), “a escola apresenta um papel social já definido – espaço de construção e transmissão de cultura”. Logo, os educadores devem oportunizar aos alunos conhecer todo tipo de música, não apenas aquelas de “periferia”, e dotá-los de costumes de ir ao teatro.

Para realizar o ENARTE, meses antes do evento a direção da EMUFPA, o coordenador pedagógico da escola e a presidente da Sociedade Amigos da Música – SAM (sociedade que funciona como apoio à escola) realizam reuniões junto com os professores, funcionários, estagiários e os responsáveis das outras subunidades do ICA envolvidos no Encontro, para definir metas, tarefas a serem realizadas, a busca de patrocínio para a realização do evento, escolha das oficinas que serão ministradas e dos professores que serão convidados a ministrá-las entre outros aspectos.

Nesse momento as reuniões tornam-se importantes, como em todo evento que se planeja, como nos elucidava Libâneo (1986, p. 222):

O planejamento é uma atividade de reflexão acerca das opções e ações. Se não pensarmos detidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes na sociedade. A ação planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é, antes a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em ações políticas-pedagógicas, e tendo como referência permanente as situações didáticas concretas (isto é problema social, econômico, político e cultural que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que interagem no processo de ensino).

Para Menegolla (2003), planejar consiste em pensar sobre a realidade que existe, sobre os objetivos que se quer alcançar, os meios pelos quais se pretende agir e avaliar o que se pretende atingir.

A atividade de planejar faz-se necessária como forma de sistematizar tudo aquilo que é discutido e decidido nas reuniões, embora muitas vezes algo que se arriscou colocar como meta a ser atingida não seja levado por alguns à risca. Segundo Torres (1994), críticas e descrédito às reuniões pedagógicas vêm mostrando grandes distanciamentos entre o desejado e o real.

Os professores planejam as apresentações e as preparam por meio de ensaios, que são *locus* de processos de ensino aprendizagem-musical. Por meio das apresentações, é exposto não só aos pais dos alunos, mas à comunidade em geral, o conhecimento musical adquirido pelo aluno durante o ano letivo. Nesse período de ensaio e apresentações, é conhecido o importante papel que a família deve ter para a construção do conhecimento do aluno, uma vez que os pais são responsabilizados em levar e trazer os alunos para os ensaios e são a platéia mais importante nos ensaios e nas apresentações do aluno. Família e Escola têm os mesmo objetivos: fazer a criança se desenvolver em todos os aspectos e ter sucesso na aprendizagem. Por isso torna-se importante a família participar junto com a escola no processo de construção do conhecimento musical do aluno.

As avaliações feitas ao término do ENARTE serviram para tornar a prática pedagógica do encontro mais reflexiva sobre as melhorias para um bom desenvolvimento do evento. O momento de reflexão crítica sobre a prática é fundamental para que a técnica aplicada hoje seja melhor amanhã. A reflexão crítica sobre a própria experiência e em interação não só com os outros membros da comunidade escolar, como também com outros segmentos da sociedade é importante na formação do ser humano.

### 3 RESULTADOS

O 33º ENARTE contou com 41 apresentações artísticas durante o evento. Foram convidados 7 professores para ministrarem as oficinas e *master class*, sendo os professores oriundos de Belém, Ceará, Bahia e São Paulo. Foram ofertadas 10 oficinas e 1 *master class*. Vários locais de Belém serviram como palco para as apresentações artísticas, como: Teatro da Paz, Igreja de Santo Alexandre, São José Liberto – Coliseu e Capela, Teatro Maria Sylvia Nunes, Praça da República (anfiteatro), Vadião – UFPA, Theodoro Soares – Fundação Ipiranga. Foram envolvidos vários grupos da escola e grupos convidados. Prestigiaram o

evento aproximadamente 6.210 pessoas. Inscreveram-se 229 pessoas nos cursos, oficinas e *master class*, conforme quadro abaixo:

QUADRO 1  
Número de inscritos nos cursos, oficinas e *master class* ofertados no ENARTE. Belém, 2006.<sup>1</sup>

CURSOS, OFICINAS E <i>MASTER CLASS</i>	NÚMEROS DE INSCRITOS
Música na educação especial	14
Técnicas de arranjo Instrumental	23
Percepção Auditiva – manhã	24
Percepção Auditiva – tarde	23
Dança de salão	14
Técnicas de arranjo para música popular	26
Historia da Música	28
Aplicação de métodos alternativos para classe de piano	15
<i>Master class</i> de piano	13
Regência Coral	23
Musicoterapia	26
<b>TOTAL DE INSCRITOS</b>	<b>229</b>

No encontro realizado no ano de 2006, houve uma inovação quando à temática dos cursos ofertados, sendo oferecido o curso Música na Educação Especial, que mostra que o evento também está abrindo portas para a inclusão social. Essa mudança de paradigma implica em um novo olhar, um novo compreender e fazer educação. Deve-se ver que a pedagogia da inclusão não só aceita, como também valoriza as diferenças porque entende que é na diferença que o indivíduo cresce, afirma-se e se constitui como sujeito.

O 33º ENARTE teve como parceiros: o Instituto de Artes do Pará (IAP), Centro Federal Tecnológico do Pará (CEFET), Espaço São José Liberto, Igreja de Santo Alexandre, Estação das Docas, Universidade do Estado do Pará (UEPA), Sociedade Amigos da Música (SAM) e como patrocinador o Banco do Estado do Pará (BANPARÁ), sendo realizado pela Escola de Música (EMUFPA)/ Instituto de Ciências da Arte (ICA) da Universidade Federal do Pará.

#### 4 CONCLUSÕES

As avaliações feitas durante o ENARTE não se restringiram apenas aos professores e coordenadores envolvidos, buscou-se também a avaliação do público que prestigiou o evento. Até então nunca tinha sido feito na história do ENARTE esse tipo de trabalho, embora ele ainda não seja um trabalho completo, pois abrangeu apenas uma pequena amostragem da opinião das pessoas para avaliar o desempenho dos professores que ministraram as oficinas,

<sup>1</sup> Os quadros apresentados neste texto tomaram como base a pesquisa realizada pela Prof.<sup>a</sup> Nazaré Arouck, assessora pedagógica da EMUFPA.

os locais que serviram como palco para as apresentações, a organização geral do evento, a infra-estrutura oferecida, entre outros.

Abaixo, os resultados obtidos nas avaliações junto à comunidade que participou do evento. Deve-se considerar que foram aplicados 55 questionários avaliativos nos variados locais de apresentações.

#### QUADRO 2

Avaliação da comunidade em geral sobre os cursos, oficinas e *master class*. Belém, 2006.

CURSOS / ITENS	ORGANIZAÇÃO			LOCAL			CONTEÚDO		
	B	R	PM	B	R	PM	B	R	PM
<b>Musicoterapia</b> (22 questionários aplicados)	97,5%	0%	4,5%	9,1%	9%	0%	100%	0%	0%
<b>Percepção Auditiva</b> (13 questionários aplicados)	77%	23%	0%	85%	15%	0%	100%	0%	0%
<b>Música na Educação Especial</b> (9 questionários aplicados)	100%	0%	0%	100%	0%	0%	100%	0%	0%

B: Bom R: Ruim PM: Precisa Melhorar

#### QUADRO 3

Avaliação da comunidade em geral sobre os locais do evento. Belém, 2006.

LOCAIS	CONCEITOS		
	Bom	Regular	Inadequado
Praça da República	78,1%	20%	1,9%
Vadião (UFPA)	37%	39%	24%
ICA	57,8%	35,5%	6,7%
São José Liberto	88%	8%	4%
Maria Sylvia Nunes (Estação das Docas)	96%	2%	2%
Igreja de St° Alexandre	74%	18%	8%
Theatro da Paz	100%	0%	0%
Teodoro Soares (Ipiranga)	66,7%	33,3%	0%

Na avaliação da comunidade em geral sobre a organização geral, obteve-se o seguinte resultado:

Bom: 81,8% Regular: 11% Precisa Melhorar: 7,2%

Quanto à avaliação da comunidade em geral sobre a programação geral e qualidade das apresentações, foram considerados:

Bom: 90,9% Regular: 7,2% Precisa Melhorar: 1,9%

No que tange à avaliação da comunidade em geral sobre a divulgação, as respostas foram:

Bom: 27,3% Regular: 32,7% Precisa Melhorar: 40%

A avaliação dos professores sobre os cursos, oficinas e *master class* foi extraída de 20 questionários respondidos.

Quanto à organização geral, os professores consideraram o evento:

Bom: 50%                      Regular: 35%                      Precisa Melhorar: 15%

Quanto aos locais dos cursos, oficinas e *máster class*, o quadro a seguir apresenta os seguintes resultados obtidos a partir das respostas dos professores:

**QUADRO 4**  
Avaliação dos professores sobre locais do evento. Belém, 2006.

<b>LOCAIS DOS CURSOS, OFICINAS E MASTER CLASS</b>	<b>BOM</b>	<b>REGULAR</b>	<b>PRECISA MELHORAR</b>
IAP	75%	5%	0%
ICA	45%	25%	5%
EMUFPA	55%	25%	5%

Sobre o conteúdo dos cursos, oficinas e *máster class*, os professores consideraram:

Bom: 70%                      Regular: 10%                      Precisa Melhorar: 0%

A avaliação dos professores sobre a comissão organizadora (organização geral) foi a seguinte:

Bom: 59%                      Regular: 17%                      Precisa Melhorar: 24%

Quanto aos locais das apresentações artísticas, o quadro a seguir apresenta os seguintes resultados a partir das respostas dos professores:

**QUADRO 5**  
Avaliação dos professores quanto aos locais das apresentações artísticas. Belém, 2006.

<b>LOCAIS</b>	<b>CONCEITOS</b>		
	<b>BOM</b>	<b>REGULAR</b>	<b>INADEQUADO</b>
Praça da República	52,4%	23,9%	0%
Vadião (UFPA)	14,3%	14,3%	28,6%
ICA	66,7%	19%	14,3%
São José Liberto	66,7%	14,3%	0%
Maria Sylvia Nunes (Estação das Docas)	66,7%	4,8%	4,8%
Igreja de Stº Alexandre	71,5%	4,8%	0%
Theatro da Paz	95,3%	0%	0%
Teodoro Soares (Ipiranga)	52,4%	9,6%	4,8%

A avaliação dos professores quanto à programação e qualidade das apresentações considerou.

Bom: 71,3%                      Regular: 23,9%                      Precisa Melhorar: 4,8%

Sobre a avaliação dos professores quanto à divulgação, obteve-se o seguinte resultado:

Bom: 36,8%                      Regular: 35,6%                      Precisa Melhorar: 28,6%

Enfim, o ENARTE não é só entretenimento, mas um evento artístico-educacional que envolve planejamento, processos de ensino e aprendizagem, elementos essenciais para que uma prática pedagógica tenha êxito.

O Encontro também é palco de constante avaliação para que o evento seja aprimorado. Como se sabe, não se constrói uma prática sem reflexão avaliativa, é necessário pensar nas possíveis mudanças para que aconteçam melhoras, e esse pensar deve ser coletivo, pois quando se pensa conjuntamente constrói-se um projeto para todos. Com isso, exercitam-se os papéis de educador e educando ao mesmo tempo, pois ensina-se e se é ensinado.

O ENARTE busca valorizar as artes, promover a integração das linguagens artísticas: música, dança, teatro, literatura, artes visuais; atualizar docentes e discentes; disseminar a produção artística local; despertar na população o conhecimento e o gosto pelas artes assim. Portanto, não é apenas na sala de aula que se educa o ser humano; as artes também são um processo importante na construção do conhecimento e formação do homem.

#### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. L e PLACCO, S. N. M. V. *O coordenador pedagógico e o espaço da mudança*. São Paulo: Loyola, [200-].
- BARROS, Liliam, GOMES, Luciane. *Memória e História: 40 anos da Escola de Música da UFPA*. Belém: EDUFPA, 2004.
- BRUNO, E. B. G. *O Coordenador Pedagógico e a Educação Continuada*. São Paulo:Loyola, 2000.
- LIBÂNEO, J. C. *O Processo de Ensino na Escola*. São Paulo: Cortez, 1986.
- MENEGOLLA, MAXIMILIANO; SANT'ANNA, ILZA MARTINS. *Por que planejar? Como planejar?* 13. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.
- TORRES, S. *Um exercício necessário na interação de docentes e não docentes*. 1994. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica: São Paulo.

## **A formação continuada de professores de arte articulada pelo pólo Arte na Escola – UFPA/Campus Belém**

---

*Prof<sup>a</sup> Sandra Suely dos Santos Francisco (sandraf@ufpa.br)*

Secretaria Municipal de Educação de Belém, cedida para a UFPA

*Iza Cristina Pardo da Luz (izahoje@yahoo.com.br)*

Graduanda do Curso Pedagogia, Centro de Educação/UFPA

*Luiz Gonzaga Lima de Souza (luiartsou@yahoo.com.br)*

Curso Educação Artística (Hab. Artes Plásticas), Instituto de Ciências da Arte /UFPA

Área temática: EDUCAÇÃO

Palavras-chave: *Formação Continuada de Professores; Arte-Educação.*

O Projeto Arte na Escola, Pólo Universidade Federal do Pará/BELÉM, está implantado desde o ano de 1995 e faz parte da Rede Arte na Escola que é uma rede articulada de universidades, instituições culturais e secretarias de educação que têm como objetivo a qualificação do professor de artes por meio de parcerias diversas com o ideal de melhorar o Ensino de Arte no país. A Rede é composta por 55 pólos, está presente em todas as regiões do Brasil e tem como seu articulador o Instituto Arte na Escola cuja estratégia de trabalho é a valorização e incubação de projetos frente aos resultados advindos da avaliação dos mesmos, disseminados por meio de parcerias em rede.

O objetivo do Pólo Arte na Escola UFPA/Belém, é contribuir para o desenvolvimento do Ensino da Arte na escola no município de Belém, região metropolitana e em alguns municípios próximos, através dos campi da UFPA, alicerçando a proposta de extensão da universidade.

A partir desse objetivo são realizadas ações de planejamento, organização e realização de formação continuada de professores de arte, fundamentada em teorias para o desenvolvimento do ensino da Arte, que possibilitem a construção de práticas significativas e a construção de indivíduos autônomos. Além disso, o pólo promove a disseminação do acervo da MEDIATECA Arte na Escola, em escolas, universidades, comunidade, etc; o incentivo ao uso do DVD nas aulas de Arte nas escolas das Redes de Ensino como instrumento pedagógico, ampliação dos grupos de Estudos e Reflexões sobre o Ensino da Arte na escola, incentivo à produção de textos relativos às experiências com o ensino da Arte, pesquisas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento do ensino de arte, implantação de Pólos Disseminadores no interior do Estado do Pará, através dos campi da UFPA, acompanhamento e assessoramento de professores de arte no desenvolvimento de projetos educacionais na sua



prática educativa, convênios com Secretarias de Educação, Prefeituras e outras Instituições, formação continuada de professores de arte através de um programa de parcerias e de incentivos, implantação de um banco bibliográfico com títulos de arte educação para empréstimo aos docentes, acadêmicos e outros profissionais da área de arte, Laboratório de Educação Estética e a manutenção e ampliação do acervo da DVDteca.

Os Pólos da Rede Arte na Escola, desenvolvem programas permanentes de Educação Continuada, MEDIATECA e o Prêmio Arte na Escola Cidadã. O Programa de Educação Continuada adota princípios que são comuns as demais atividades desenvolvidas pelo Arte na Escola. Esses princípios são:

1. Arte é um direito de todos e cabe à educação uma parcela significativa de responsabilidade pela sua socialização;
2. A arte a ser trabalhada no espaço da educação reconhece as diferentes manifestações culturais – o erudito, o legitimado e o popular, em distintas culturas, tempos e espaços;
3. A ação educativa parte do contexto sócio-cultural do grupo e respeita as especificidades locais e regionais, destacando a arte produzida na atualidade;
4. As alternativas de formação continuada apresentadas precisam explicitar seus fundamentos epistemológicos, de modo a viabilizar uma reflexão sobre a prática. Ou seja, precisam indicar que concepções de mundo, de ser humano, de educação e de arte dão fundamento às ações educativas em arte na escola (extraído do GUIA ORIENTADOR ARTE NA ESCOLA).

O objetivo da formação continuada proporcionada pela Rede Arte na Escola aos professores dos níveis infantil, fundamental e médio, é a qualificação desses profissionais no sentido de estimular a formação de jovens mais perceptivos, criativos e críticos de sua realidade, partindo de um ensino significativo da Disciplina Arte, e criando meios para uma reflexão sistemática sobre a prática e dos processos educacionais em arte, fomentando uma atitude investigativa. No Pólo Belém, esta formação continuada é realizada em parceria com instituições de educação e promoção da cultura respeitando a especificidade local.

A formação continuada, do Pólo Arte na Escola – Belém, é desenvolvida por ações que promovem socialização e construção de conhecimentos na busca da realização de uma atitude que promova intervenções críticas na realidade “uma vez que a consciência crítica não se constitui através de um trabalho intelectualista, mas na práxis – ação e reflexão” (Freire apud Vasconcellos, 1981a: 82). A reflexão da prática realizada pelo professor em sala de aula, assim como o processo de construção do conhecimento, deve ser algo permanente no contexto escolar.

As ações desenvolvidas pelo Pólo Arte na Escola-Belém, consistem na instrumentalização do professor de Arte com materiais pedagógicos, através de uma

Midioteca, realização de seminários, oficinas, grupos de estudos e reflexões, dentre outras em articulação com outras instituições.

A Midioteca Arte na Escola, Pólo Belém, através de seu acervo de vídeos especializados em artes visuais, tem como objetivo instrumentalizar o ensino proporcionando ao professor o recurso à imagem móvel como elemento motivador ao aprendizado do aluno; composta por um acervo com títulos de vídeos especializados em artes visuais, DVD's, CD room e outras mídias pedagógicas está disponível gratuitamente aos professores. Além dessas mídias, o Pólo Arte na Escola – UFPA/Belém, possui um acervo de imagens fixas para uso pedagógico disponíveis aos professores da Educação Superior, Básica, alunos da graduação em Artes e outros cursos a favor do aprendizado do aluno da Educação Básica e ainda do Ensino Superior, pois é freqüente o empréstimo de materiais a alunos e professores de cursos de graduação da UFPA e de outras instituições.

Para fazer parte do acervo da Midioteca, o Pólo-Belém lançará a nova DVDteca Arte na Escola, composto por 130 títulos. São DVDs de várias categorias – arte contemporânea, arte popular, fotografia, gravura, vídeo artísticos, documentários – de autores como Siron Franco, Guto Lacaz, Nuno Ramos, Mestre Didi, Regina Silveira e dos Irmãos Campana. Esses DVDs, são acompanhados de material didático com sinopse, ficha técnica, informações sobre o artista e as várias possibilidades de leitura, para auxiliar o professor a refletir sobre o foco que vai dar a sua pesquisa e sala de aula e estão divididos em nove áreas temáticas: Patrimônio Cultural; Linguagem Artística; Forma e Conteúdo; Formação: processos de ensinar e aprender; Processo de Criação; Conexões Transdisciplinares; Materialidade; Mediação Cultural; e Saberes Estilísticos e Culturais.

O Grupo de Estudos e Reflexões do Pólo-Belém tem como objetivo debater sobre o ensino da arte trazendo a prática para o centro das discussões, permitindo criar uma situação de aprendizagem com foco na especificidade individual de cada participante, suas inquietações, necessidades formativas e contexto escolar. Tal Grupo reúne-se uma vez ao mês, com a participação de professores da Educação Básica e de alunos da graduação dos cursos de arte e pedagogia.

O Prêmio Arte na Escola Cidadã é realizado anualmente e tem por objetivo identificar, reconhecer, valorizar e divulgar o trabalho pedagógico do professor de Arte. Dá ênfase à ampliação do repertório dos alunos e ao comprometimento com sua formação cultural, visando a construção da cidadania e a transformação social.

No Brasil o ensino de Arte tornou-se componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional – LDB. Este ensino, conforme consta no artigo 26 § 2º desta lei, promove o desenvolvimento cultural dos alunos. No final da década de 90, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Arte, como disciplina, passa a compor a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias sendo apresentada constituída por quatro linguagens: artes visuais danças, música e teatro.

O papel da arte na educação, porém, é algo que vem sendo discutido desde o início do século XX, sob diferentes perspectivas. No entanto, consideramos necessário pensar o papel da arte na educação, inserido em um projeto de democratização do acesso à cultura, e lógico, do acesso à arte. Considerando, com isso, esta como um importante fator cultural na integração do indivíduo à sociedade. Apesar da existência de um caráter formal relacionado à arte, na condição de área de conhecimento específico, que sem dúvida, não deve ser negligenciada, é necessário que a arte seja trabalhada através de uma forma acessível a todos (que experienciam a cultura popular e/ou a cultura erudita), a fim de promover essa democratização.

Por outro lado, outros entraves estão relacionados ao ensino da Arte: a concepção de arte com ênfase no fazer artístico e o fato de não haver uma compreensão mais geral de que a arte, como qualquer outro campo do conhecimento específico possui conteúdos próprios capazes de promover situações adequadas para a construção de conhecimento somadas à produção artística por parte do aluno. Ao contrário, ensinar arte é produzir o conhecimento. Não é para menos que é conhecida e compreendida, por Porcher, apud Penna, 1995, como importante meio de desenvolver tanto a formação intelectual quanto à formação da personalidade do aluno.

Desse modo, ao considerarmos que o fim último da educação escolar é dar acesso às diversas formas de conhecimento, de forma geral, dar acesso à cultura (entendida como produção coletiva de uma sociedade construída ao longo de sua história) podemos perceber a forte presença da arte como integradora do indivíduo à sua realidade social.

O Ensino de Arte na escola propicia o respeito e o desenvolvimento da sensibilidade para as questões da diversidade cultural. A escola, enquanto instituição de ensino pode possibilitar aos educandos a ampliação do olhar sobre as culturas a partir de vivências, sejam elas eruditas ou populares, e conforme Biasoli (1999), a educação artística deve propiciar a vivência das linguagens específicas expressivas da arte, o que envolve o fazer artístico e a criação de formas de expressão oriundas de sínteses emocionais e cognitivas.

Assim sendo, faz-se necessário o olhar atento para a formação continuada de professores de arte, no sentido de propiciar a esses, pensar o seu fazer. Refletir a prática

possibilita desenvolver ações educativas significativas, onde os alunos dominem os conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade, de modo a tornarem-se autônomos e críticos. Para isso, o professor precisa estar, ele próprio, apropriando-se desse saber e tornando-se também, cada vez mais autônomo e crítico diante das situações do cotidiano.

A formação continuada é entendida por Bittencourt, 2003, p. 67, “como uma das novas funções das universidades em cooperação com as Secretarias de Educação ou com escolas públicas”. Neste sentido, atentando para essa necessidade, o Projeto Arte na Escola – UFPA/BELÉM, busca promover a formação continuada de professores de Arte, em parceria com os sistemas de ensino da Educação Básica Estadual (Secretaria Executiva de Educação – SEDUC), Municipal (Secretaria Municipal de Educação – SEMEC), Instituições Culturais (Sistema Integrado de Museus/Secretaria Executiva de Cultura e Museu Paraense Emílio Goeldi), Associação de Arte Educadores do Pará e outras instituições, cumprindo seu objetivo junto à sociedade.

O Pólo UFPA/Belém está localizado em um espaço no Atelier de Artes da UFPA, o qual abriga o acervo do Projeto, que é constituído de DVD's, Vídeos, materiais didáticos pedagógicos de auxílio às aulas de arte, Kit's pedagógicos e outros materiais os quais são disponibilizados gratuitamente aos professores e alunos de arte cadastrados ao Pólo. Em Belém, o Arte na Escola é desenvolvido com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão desde 1999 e conta com professores coordenadores, sendo um cedido da Prefeitura Municipal de Belém/Secretaria Municipal de Educação, e dois bolsistas para o desenvolvimento das ações propostas.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Agueda Bernadete. Sobre o que falam as coisas lá fora: formação continuada dos profissionais da educação. In: Carapeto, Naura Syria. *Formação continuada e gestão da educação*. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretária de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

<<http://www.artenaescola.org.br>>. Acesso em 20 de novembro de 2006.

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. *Guia orientador*. Rede Arte na Escola. São Paulo. 2004.

PEREGRINO Yara Rosas (Coord.). Da camiseta ao museu. o ensino das artes na democratização da cultura. João Pessoa: UFPB, 1995. 150p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula*. São Paulo: Libertad, 2004.

## A escolarização de textos literários: o caso de Guimarães Rosa

*Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (saohol@amazon.com.br)*

Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada  
Universidade Federal do Pará

Área temática: EDUCAÇÃO

RESUMO: *Trata-se de um breve exame de alguns textos didáticos que abordam a obra de Guimarães Rosa (1908-1967). Busca-se analisar os processos que permitem a escolarização, no âmbito do cânone literário brasileiro, da narrativa rosiana. A Universidade Federal do Pará, entre outras instituições, tem abordado a obra de Guimarães Rosa em seu Processo Seletivo Seriado, elegendo obras como “O burrinho pedrês” (Sagarana) e “Famigerado” (Primeiras Estórias), o que contribui com o processo de escolarização já mencionado. Segue-se a metodologia estético-recepcional, dada a interação entre o texto e o leitor. Esta comunicação vincula-se ao projeto MULTILETRAS, que visa a articular práticas pedagógicas relativas ao ensino de Literatura, abarcando a Literatura Brasileira, a Literatura Portuguesa, a Teoria Literária e as Práticas de Ensino, bem como permitir, por meio de cursos de curta duração, uma relação maior com a rede de ensino, o que possibilitará aos graduandos experiências capazes de articular o ensino universitário e a realidade educacional do Estado do Pará.*

Palavras-chave: *Guimarães Rosa; escolarização; recepção; ensino-aprendizagem.*

*Se na história da interpretação de obras de arte, respostas divergentes não se falsificam mutuamente, mas atestam a historicamente progressiva concretização de sentido que se realiza por meio do conflito das interpretações, a que isso seria devido senão à possibilidade de conciliação de perguntas legítimas – manifestada ao menos na vivência da arte?<sup>1</sup>*

Com sua linguagem recriativamente regionalista, a publicação de *Sagarana* em 1946 abriu novas perspectivas para a prosa regionalista no sentido de incorporação do mágico – que convive com o realismo – e do poético, exigindo da crítica novos conceitos e métodos de análise. A interpretação desta obra exigirá dos críticos que discutam (ou rediscutam) seus pressupostos hermenêuticos, o que levará alguns a perceber, por exemplo, que o regionalismo a cuja tradição *Sagarana* estaria vinculada não oferece todas as possibilidades para a compreensão e explicação da obra em questão. Livia Santos oferece-nos uma bela síntese do impacto causado na prosa brasileira pela publicação do primeiro livro de Guimarães Rosa:

*Sagarana* (1946) aparece no panorama do conto brasileiro como um leque de penas mágicas, capaz de fazer movimentarem-se os ares do ambiente sombrio e restrito do conto regionalista, sertanejo ou urbano. Difere igualmente das coletâneas de contos modernistas pela fuga ao descuido na linguagem e pela perfeição pensada da estrutura de cada texto. Livro de dois mundos, é capaz de unir em sua composição a cultura universal mais elevada e o mais construído primitivismo. Constitui uma espécie de redescoberta do Brasil, de forma e conteúdo profundamente revelador do homem brasileiro, visto aqui por um olhar ao mesmo tempo crítico e complacente<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> JAUSS, Hans Robert. O texto estético na mudança de horizonte da leitura. In: LIMA, Luiz Costa (sel.). *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 2, p. 350.

<sup>2</sup> SANTOS, Livia Ferreira. *Sagarana*, um livro de dois mundos. *Revista de Letras*. São Paulo, n. 28, p.37, 1988.

A problematização do conceito de regionalismo em relação à obra de Guimarães Rosa aparece desde as primeiras críticas até as obras mais recentes. Os quatro críticos escolhidos – Álvaro Lins, Wilson Martins, Paulo Rónai e Antonio Candido – posicionam-se de modo diferente na discussão do caráter regionalista da obra rosiana.

Álvaro Lins e Paulo Rónai sustentam, contra Wilson Martins, a superação do regionalismo por Guimarães Rosa, superação essa que se daria, segundo o crítico pernambucano, pela estilização do documental. Wilson Martins, apontando a “massa esmagadora” do regional em *Sagarana*, defende a tese de que o regionalismo foi superado restritamente por Guimarães Rosa, não se desligando totalmente da tradição regionalista da literatura brasileira (Afonso Arinos, Simões Lopes Neto, Valdomiro Silveira).

Antonio Candido aproxima-se de Álvaro Lins na defesa da superação do regionalismo no autor, chegando a formular o conceito de “transregionalismo”, que seria, daí por diante, muito usado pela crítica brasileira. Tal conceito visa a mostrar a universalidade da região construída pela linguagem rosiana. Com base no conceito gadameriano de história dos efeitos (*Wirkungsgeschichte*) – que, na compreensão de um fenômeno histórico, determina antecipadamente o que podemos interrogar e examinar —, podemos dizer que sobre a discussão que hoje empreendemos sobre o regionalismo e sua (im)pertinência à obra de Guimarães Rosa opera a história dos efeitos, uma vez que, por um contestável objetivismo histórico, não podemos interpretar o(a) regionalismo(dade) de *Sagarana* sem considerar as soluções estéticas que o autor, sobretudo a partir de *Grande sertão: veredas*, dá a esse aspecto de sua obra. O próprio conceito de “transregionalismo” só foi possível com a publicação do romance de 1956.

Como se demonstrou, a crítica brasileira, na recepção da obra rosiana, viu-se diante da necessidade de reformular seus conceitos, seus métodos e pressupostos teóricos. O conceito aqui discutido (regionalismo) mostrou-se insuficiente para dar conta das plurissignificações da obra rosiana, tentando alguns revê-lo em suas bases teóricas, enquanto outros não conseguiram reformular as matrizes teóricas, presas ao regionalismo tal qual ele foi praticado pelo Romantismo, pelo Realismo e pela geração de 30. A análise e interpretação – embora não exaustivas dos contos de *Sagarana* revelaram diversos pontos de ruptura à pauta naturalista do regionalismo corrente por nós antes considerado, quer no plano da narração, quer no plano da forma narrativa. No plano da narração a causalidade natural é desviada pela idéia de destinação, como vimos nos contos “A volta do marido pródigo”, “Minha gente”, “O burrinho pedrês”, “A hora e vez de Augusto Matraga” e “Duelo”. Neste último, por exemplo, os personagens Cassiano Gomes e Turíbio Todo, em “Duelo”, envolvem-se em um conflito

do qual não conseguem libertar-se quando, por acaso, o segundo mata um irmão do primeiro, sendo desconsideradas as características negativas ou positivas dos personagens envolvidos pelas malhas da *Anankê*. Ainda nesse plano vale retomar a relação homem x animal, adquirindo este um vulto ético e religioso, o que faz deixar de ser dado paisagístico, à maneira do que sucede em “O burrinho pedrês” e “Conversa de bois”. No que diz respeito ao narrador, verifica-se que este, culto e refinado, se identifica ao meio rústico.

Os homens (vaqueiros, majores, capatazes) e os animais (bois, burros, cavalos, etc.) – personagens da saga rosiana – habitam realisticamente o sertão mineiro, fazendo-se, às vezes, portadores dos valores a que parece aderir o narrador: o estoicismo (“O burrinho pedrês”), o poder da palavra (“A volta do marido pródigo”), o fingir dentro fingir (idem), a crítica à arrogância racionalista (“Conversa de bois”). O mesmo espaço em outra dimensão, serve de palco à eclosão do mágico – elemento que atravessa muitas das narrativas de *Sagarana* (sobretudo “Corpo Fechado” e “São Marcos”). A maneira como o autor compreende a relação entre o mágico e o realista relaciona-se à peculiaridade da expressão do regional em *Sagarana*, em que o real e o maravilhoso se combinam num prelúdio à fusão de *Grande sertão: veredas*, realçando uma visão de mundo já esboçada na primeira obra. O intuitivo e o contemplativo desconfiam da razão discursiva e de suas tradicionais separações. Tal concepção de mundo importa numa revalorização do comportamento humano, polarizado por uma sabedoria calma, que tira partido da ingenuidade dos animais. Assim, os animais de “Conversa de bois” são elementos que revelam uma determinada região no plano da ficção e que, ao mesmo tempo, no plano temático, veiculam críticas ao comportamento humano e ao racionalismo insolente; a relação entre a intuição e a razão – universal – é apresentada a partir de elementos tomados a determinada região brasileira, numa perfeita adequação entre tema e paisagem. É possível, então, a partir dessa relação e de outras possíveis, inferir que o regional em Guimarães Rosa foge ao sentido reducionista que se empresta ao vocábulo “regionalismo”, podendo-se falar de uma regionalidade de expressão não expressão não regionalista – paradoxo, como tantos outros, imposto pela magia poética do criador de Augusto Matraga. Embora a crítica insista em falar de transcendentalismo em relação à obra de Guimarães Rosa, este, como se vê em vários episódios das narrativas de *Sagarana*, não anula o interesse pela beleza sensível e imanente ao mundo; os personagens de *Sagarana* são grandes apaixonados pelo sensível, sensível esse que se manifesta pela exuberância de formas e cores da flora das Gerais. Isso pode ser exemplificado pelas incontáveis descrições entrecidas na narrativa. Quanto ao tempo da história, observa-se que, ao lado do tempo cronológico, há na obra estudada uma dimensão humana do tempo: o tempo psicológico.

Filtrado pelas vivências subjetivas das personagens, tal tempo ocorre, por exemplo, nos lances dramáticos de “A hora e vez de Augusto Matraga”.

No plano da forma narrativa, é de notar a presença do humor (a relativizar os juízos morais do narrador onisciente), as constantes digressões por meio de interpolações de “subestórias”, o lúdico e o poético. Este último surge na medida em que as palavras (o tão insistente vocabulário regional) passam de elementos documentais a catalisadores da transfusão poética do real, o que alcança o mágico e o maravilhoso. A prosa de *Sagarana*, por ser regional, não suprime o real, embora o submetendo, pela ficção, a novas e imprevisíveis combinações. Neste texto, procura-se, de acordo com a Estética da Recepção, perceber as diferentes exegeses de que foi objeto *Sagarana*. Moveu-nos, também, o intuito de mostrar que o rótulo de regionalista aplicado a uma obra literária não implica anular-lhe os méritos e o valor estético. Assim, uma obra pode ser boa do ponto de vista estético e regionalista; não queiramos estabelecer uma relação de causa e efeito entre qualidade estética e regionalismo (boa porque regionalista/regionalista porque boa) numa atitude estreita de provincianismo literário, incapaz de reconhecer os méritos de qualquer obra publicada fora de um determinado perímetro geográfico. É preciso, ainda, lembrar que a expressão lingüística da regionalidade, numa perspectiva ampla, não precisa ser escrava dos dialetos regionais, ficando-lhes preso por um mimetismo que se pretende fotográfico. A escritura<sup>3</sup>, no sentido barthesiano de travar relação – sempre conflitante – com a linguagem, não pode desvanecer-se num fotografismo que nega o poder criativo da linguagem. Nesse aspecto, a prosa de *Sagarana*, longe de qualquer apatia criativa, segue o impulso modernista de busca permanente de renovação estética, de acordo com Mário de Andrade. O autor de *Sagarana*, em entrevista a Günter Lorentz, enfatiza a relação entre a linguagem e a vida na busca da renovação estética:

[...] como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isto significa que, como escritor, devo me prestar contas de cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinza. Daí resulta que tenho que limpá-lo, e como é expressão da vida, sou eu o responsável por ele, pelo que devo constantemente *umsorgen* [cuidar dele]. [...] Sim, com isto eu já disse todo o fundamental sobre minha relação com a língua. É m relacionamento familiar, amoroso. A língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente, mas a quem até hoje foi negada a bênção eclesiástica e científica. Entretanto, como sou sertanejo, a falta de tais formalidades não me preocupa. Minha amante é mais importante para mim<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 202: “[...] escrever não é engajar uma relação fácil com uma *média* de todos os leitores possíveis, mas engajar uma relação difícil com a linguagem [...]”.

<sup>4</sup> LORENTZ, Günter W. *Diálogos com a América Latina*. São Paulo: E.P.U., 1973. p. 340.



Em nossas leituras de *Sagarana*, procuramos, em síntese, enfatizar a circularidade desta obra em que personagens, episódios e cenas

repercutem, atuam, influem ou modelam os de outra história, deste fato resultando a unidade superior de *Sagarana*, da qual por isso mesmo, cada novela deve ser lida como capítulo de um romance e não apenas tomada isoladamente como história autônoma inserida num livro de contos<sup>5</sup>.

## EXAME DE QUESTÕES DE VESTIBULAR

1. João Guimarães Rosa (1908/1967) é conhecido na literatura brasileira pela experimentação lingüística de sua obra, que recria o universo sertanejo por meio de uma linguagem própria. A cena abaixo foi retirada do conto *O burrinho pedrês*, que é um exemplo da temática e da linguagem do autor.

“Foi de repente: o cavalo de Benevides, que guiava a fila, passarinho. Os outros empacavam, torcendo os pescoços.

— O que é? Alguma coisa?

— É o desgraçado desse bichinho espírito. Olha só como ele canta!

— João, corta pau! João, corta pau!

— Passa fogo, Bastião!

— Espera, gente. Não é de pássaro nenhum que os cavalos estão com medo. É a enchente!...

(...)

— Vamos deixar chegar o Badú, mais o burrinho caduco, que vêm vindo ai na rabeira, minha gente!

— Isso mesmo, Silvino. Vai ser engraçado...

— Engraçado?! E mas é muito engano. O burrinho é quem vai resolver: se ele entrar n'água, os cavalos acompanham, e nós podemos seguir sem susto. Burro não se mete em lugar de onde ele não sabe sair!

— E isso! O que o burrinho fizer a gente também faz.”

(ROSA, João Guimarães. In: – *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 60-61)

No conto, o que acontece depois dessa cena é fundamental tanto para o desfecho do enredo, quanto para o significado do burrinho na trama, enquanto personagem. **Descreva** o que vem a seguir a essa cena.

## 2. (Questão 06 – Fuvest – 2004)

No conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa, o protagonista é um homem rude e cruel, que sofre violenta surra de capangas inimigos e é abandonado como morto, num brejo. Recolhido por um casal de matutos, Matraga passa por um lento e doloroso processo de recuperação, em meio ao qual recebe a visita de um padre, com quem estabelece o seguinte diálogo:

— Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?

---

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Franklin de. Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A Literatura no Brasil*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986. v. 5, p. 493.

— Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum... (...) Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito.

a) A linguagem figurada amplamente empregada pelo padre é adequada ao seu interlocutor? Justifique sua resposta.

b) Transcreva uma frase do texto que tenha sentido equivalente ao da frase **não regateia a nenhum coração contrito**.

### 3. Questão 18 – Fuvest – 2005

Texto para as questões de 18 a 20

“Sim, que, à parte o sentido prisco, valia o ileso gume do vocábulo visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado. Porque, diante de um gravatá, selva moldada em jarro jônico, dizer-se apenas drimirim ou amormeuzinho é justo; e, ao descobrir, no meio da mata, um Angelim que atira para cima cinquenta metros de tronco e fronde, quem não terá ímpeto de criar um vocativo absurdo e brada-lo – Ó colossalidade! – na direção da altura?” (João Guimarães Rosa, “São Marcos”, in: *Sagarana*)

prisco = antigo, relativo a tempos remotos.

gravatá = planta da família das bromeliáceas.

Neste excerto, o narrador do conto “São Marcos” expõe alguns traços de estilo que correspondem a características mais gerais dos textos do próprio autor, Guimarães Rosa.

Entre tais características só NÃO se encontra

- a) o gosto pela palavra rara.
- b) o emprego de neologismos.
- c) a conjugação de referências eruditas e populares.
- d) a liberdade na exploração das potencialidades da língua portuguesa.
- e) a busca da concisão e da previsibilidade da linguagem.

4. Considere os seguintes versos, que fazem parte de um poema em que Carlos Drummond de Andrade fala de Guimarães Rosa e de sua obra:

(...) ou ele mesmo [Guimarães Rosa] era  
a parte de gente  
servindo de ponte  
entre o sub e o sobre  
que se arcabuzeiam  
de antes do princípio,  
que se entrelaçam  
para melhor guerra,  
para maior festa?

(arcabuzeiam = lutam com arcabuzes, espingardas)

a) A luta entre Augusto Matraga e Joãozinho Bem-bem (do conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”) apresenta, conjugados, os aspectos de guerra e de festa referidos nos versos de Drummond. Você concorda com esta afirmação? Justifique sucintamente.

b) O conflito entre Turíbio Todo e Cassiano Gomes (do conto “Duelo”) apresenta essa mesma junção de aspectos de guerra e de festa? Justifique sucintamente.

## 5. Questão 04 – UFES – 2005

Leia abaixo algumas das acepções da palavra “hora”, no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, e indique qual delas é adequada para os textos “A hora e vez de Augusto Matraga” e *A hora da estrela*, de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, justificando sua escolha, a partir do enredo das narrativas:

- a) Tempo considerado sob o ponto de vista de alguma atividade (regular ou não) [...].
- b) Momento combinado ou fixado para realização de algo; horário [...].
- c) Momento relevante, importante em que alguém ou algo ganha devido destaque [...].
- d) D) Momento fugaz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970. 234 p.
- DUARTE, Lélia Parreira (org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000.
- DUARTE, Lélia Parreira; ALVES, Maria Theresa Abelha (orgs.). *Outras margens: estudos da obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Autêntica/Ed. PUC-Minas, 2001. 367 p.
- JAUSS, Hans Robert. O texto poético na mudança de horizonte de leitura. Trad. Marion S. Hirschman. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da Literatura em suas fontes*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 2, p. 305-358.
- LORENTZ, Günter W. *Diálogo com a América Latina*. Trad. Rosemary Costhek Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: E.P.U., 1973. 405 p.
- NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. 279p.
- OLIVEIRA, Franklin. Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Niterói: UFF, 1986. v. 5, p. 475-526.
- ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 13.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1971. 370 p. il.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969. 210 p.
- SANTOS, Livia Ferreira. *Sagarana*, um livro de dois mundos. *Revista de Letras*, Assis, n. 28, p. 37-51, 1988.

**Informalidade e Parentesco:  
perspectivas econômicas e antropológicas sobre  
a transferência de patrimônio familiar na Feira da Prainha**

---

*Breno Alencar*

Curso de Ciências Sociais/ Projeto Extracurricular Temático/UFPA

*Carla Carvalho*

Curso de Letras /PROEX/UFPA

Área temática: EDUCAÇÃO E TRABALHO

*RESUMO: Este ensaio resulta de uma pesquisa realizada no espaço denominado pelos habitantes da cidade de Belém como Entroncamento. Dentre os inúmeros complexos espaciais encontrados ali se destaca a Feira da Prainha, cuja história e desenvolvimento se confundem com o próprio surgimento daquele lugar. Neste sentido objetivamos aqui a apreciação de um trabalho que envolve a análise de dois importantes aspectos, informalidade e parentesco, presentes neste local, cujas conseqüentes manifestações reservam ao estudioso dos comportamentos e mentalidades urbanos uma exploração crítica acerca destes elementos, tão caros a elaboração de trabalhos que aqui nos precedem, tanto no campo da economia como da antropologia.*

#### A INFORMALIDADE ENQUANTO CONCEITO ECONÔMICO

Desde sua aparição o termo informal, enquanto conceito postulado para explicar atividades econômicas desenvolvidas marginalmente, buscou abranger inúmeros grupos e formas de relações comerciais que se ocorriam fora de normas, regras, estatutos e registros legais de controle social e político. É importante observar que muitos autores de diferentes áreas têm utilizado-o para tratar de temáticas relativas as transformações no mundo do trabalho, porém apresentando em suas discussões posturas epistemológicas diferenciadas, que são em geral marcadas pela modalidade de análise e referencial metodológico abordado. Noronha (2003) apresenta um bom argumento e refere-se ao mesmo afirmando que há uma carência por “adjetivos” para que este seja melhor interpretado. Porém não é de nosso interesse divagar sobre tais perspectivas, uma vez que este é um campo por demais polissêmico para que seja interpretado de maneira unívoca.

Nosso objetivo aqui é observar a instrumentalização teórica de diferentes propostas que ao longo dos últimos séculos conjecturaram sobre o movimento econômico global, competindo por diferentes perspectivas de interpretação do mundo, a medida em que visamos correlacioná-las aos sujeitos investigados na feira-livre da Prainha.

É importante ressaltar que nossa formação científica, no entanto valorizou historicamente e constituiu-se mediante os pressupostos elaborados pela corrente economista de tradição ortodoxa, cuja preocupação com o modelo formal de organização e estruturação do mundo não tem conseguido mais dar conta de compreender contextos específicos de

conflitos e transformações pelas quais passam inúmeros grupos sociais na atualidade. Suas afirmações levam em consideração o desenvolvimento de uma realidade externa a eles, pois localiza-se culturalmente através da interferência do modelo de desenvolvimento ocidental, cristão e capitalista.

No entanto é impossível negar as contribuições da teoria político-econômica clássica dos séculos anteriores. Segundo os autores neoclássicos os conceitos econômicos são praticamente universais e dão conta de explicar a realidade econômica seja na sociedade urbana industrial, seja na sociedade tribal ou camponesa, não havendo inconveniente teórico em usar tecnicamente os termos mercado, feira, moeda, comércio, etc, para descrever qualquer tipo de sociedade humana, ocidental ou não (Mott *apud* Ferretti, 2000).

Isto que vem sendo criticado severamente por um grupo de cientistas sociais, principalmente antropólogos, serviu de pressuposto para se pensar o amplo campo das trocas, uma vez que suas análises reverberam sobre temáticas concernentes a sociologia do afeto, ao princípio da reciprocidade e fundamentalmente acerca da questão da dádiva. E disso pode-se extrair inúmeras contribuições, como é o caso verificado nos estudos desenvolvidos por Marshall Sahlins, Jacques Godbout e Amartya Sen, cujas abordagens, de forte inspiração econômica, não se encaixam as tendências anteriores e sim se revelam periféricas em relação à ortodoxia "tabelar"<sup>1</sup>, desenvolvida pela linha econômica formalista. Estes autores são em todo caso responsáveis por uma tendência que segundo Luís Mott (*apud* Ferretti, 2000) é denominada substancialista, pois postulam que as economias tribais, e inclusive as camponesas e antigas, em grande parte, se regem por princípios tão específicos, que torna inviável o uso da maioria dos conceitos da economia clássica, posto que foram abstraídos a partir da realidade específica da sociedade mercantil, seja capitalista ou socialista. “Os, substancialistas”, continua Mott, “preferem conceitos mais amplos e com inspirações antropológicas, tal como fenômeno social total, princípio de reciprocidade--conceitos que para eles seriam mais explicativos da realidade econômica e tribal ou camponesa, do que aquelas definições clássicas que tentam enquadrar a realidade não ocidental ao conceitual específico das sociedades modernas” (id.: p. 19).

No caso latino-americano e principalmente brasileiro o que se percebe a partir dos inúmeros estudos é que a questão relativa à informalidade se torna fluida à medida que a contextualizamos a realidade cultural existente em cada local. No entanto, apesar desta

---

1 Algumas das principais referências sobre o assunto informalidade são tratadas por meio de inúmeros gráficos e tabelas. Ao longo desta pesquisa foi possível verificar que muitos deles não traduzem contextos que englobam transformações muito mais sutis do que “evoluções ou decréscimos anuais do número de desempregados vivendo em estado de informalidade”

aparente ausência de sincronia, verifica-se uma estrutura comum vivenciada pelos grupos sociais que a ela estão associados, isto é, a soma de seus fatores, cuja atuação pode ser entendida de maneira interdependente, revela-nos algo pontualmente decisivo no modo de encarar o presente. Além disso levanta-se sobre esta característica do mundo do trabalho o seguinte questionamento: tem a informalidade se desenvolvido entre os atores sociais que dela participam como escolha condicionada ou condição escolhida?

Enfaticamente é possível apontar para alterações urbanas e macroeconômicas que privilegiam ambas assertivas. Esta pesquisa contribui, por conseguinte, para reflexão deste aspecto à medida que tem nos revelado um setor que na modernidade atual é fruto de uma re-elaboração sócio-estrutural em que nenhum sistema econômico oficial pode dimensionar, pois suas transformações são reflexos de mentalidades contemporâneas flexíveis e que, na totalidade de sua essência, presenciam a legitimação de uma exclusão aceitável, pois manipulada pelos próprios atores que dela participam e por aqueles que dela se beneficiam, não a assistindo.

Alguns autores como Sena (2002), afirmam que o setor informal no Brasil surge do colapso existente dentro do próprio setor formal, como resultado de um processo econômico de estrangulamento. As décadas de 1980 e 90 são, para muitos, fundamentais no que diz respeito a compreensão dessa dinâmica assim como expressiva do ponto de vista “profético”, na medida em que muito se especulou sobre a existência de fato deste setor e sua dependência em relação ao setor formal, além de que aquele era entendido como um mero aspecto do momento vivenciado pelo país e pelo mundo, entre eles redemocratização dos países sul-americanos, abertura comercial, congelamento de preços, pauperização, reestruturação produtiva do país, subemprego, etc. No entanto os anos passaram, a crise não desacelerou, o desenvolvimento previsto não se confirmou, o neoliberalismo se alastrou e a informalidade assumiu um papel inevitavelmente fundamental para explicar muito daquilo que estava acontecendo; justamente por que havia se transformado na saída encontrada por uma população, que em meio a uma sociedade de consumo em massa, buscava identificação com a cultura do trabalho.

Entretanto esta busca por trabalho em si não explicaria o referencial tomado pela grande onda de desempregados que irrompeu o século XXI no Brasil. Como no caso do mercado de rua, que se tornou amplamente abordado como “saída” para o desemprego, outros tantos trabalhadores se envolviam num ciclo vicioso capaz até de tornar-se naturalmente aceito, pois justificado através da denominação de autônomo, ou informal. Ou seja, personagens como feirantes, camelôs e ambulantes, existentes nos grandes centros urbanos

espalhados pelo interior do país, passaram a ser exemplos de alternativas encontradas pelo “jeitinho brasileiro de ser”.

A pequena empresa agora é possível a muitos desempregados e conseqüentemente melhor para o país, afirmam alguns, na medida em que der certo e constitua agregado financeiro que fundamente a neoliberal política econômica adotada.

Há aí uma interessante relação entre a dimensão de atuação destes atores, dentro da perspectiva economicista fundamentada na relação com o capital, e a fragmentada noção de um *ethos* do “jeitinho” e “malandragem” abordado por Damatta, pois o campo oficial representado por quem vê e finge acreditar é reconfigurado no domínio do mundo real e prático daqueles que trabalham na rua. Cada universo social é em si um teatro onde o *script* já dado é improvisado por aqueles que precisam vender um espetáculo através de gritos no meio da rua, entre um ônibus e outro ou de casa em casa.

A questão informal, por tanto, verificado por este viés, econômico e antropológico, não se limita a um conceito de dominação, subordinação ou dependência dos sujeitos que dela fazem parte justamente por que convivem num paradigma bourdiano de *mundus operandi* em que participam da realidade social como estruturas estruturadas e estruturas estruturantes (ver Bourdieu, 2003), onde não só cabe ao indivíduo que dela faz parte reconhecer sua função social como reestruturar seu mundo de possibilidades, adequando condições e meios a novas lógicas e dinâmicas culturalmente contextuais e economicamente determinantes. Este caso pode ser melhor compreendido quando contextualizado a realidade vivenciada por personagens múltiplos encontrados na Feira da Prainha.

#### A FEIRA DA PRAINHA E SUA DIMENSÃO INFORMAL

Esta feira-livre surge no final dos anos de 1980, num contexto de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais existentes na cidade de Belém e que se associavam as mudanças ocorridas no país—como citado no tópico anterior—e de lá pra cá cresceu expressivamente, uma vez que sua área atual é ocupada por cerca de trezentos a quatrocentos feirantes, o que contrasta em muito com a sua origem.

Naquela ocasião houve um remanejamento de trabalhadores determinado pelo então governador do Estado—Jader Barbalho. Os feirantes que ocupavam a antiga Feira do Brilhante, cuja localização era onde hoje se avista um imenso monumento em homenagem a Revolta Cabana<sup>2</sup>, foram remanejados para boxes localizados dentro do mercado coberto, conhecido como Batistão, que é um galpão fechado, de base retangular, subdividido segundo

---

2 Revolta ocorrida na antiga Província do Grão-Pará de 1835 a 1836.

os produtos comercializados, como área do pescado, da carne, do artesanato. Os boxes pertenciam a seus respectivos donos, e cada um deles pagava uma pequena taxa cobrada pela secretaria de economia do município (SECON), que utilizava este recurso para cobrir despesas como manutenção e conservação do espaço. No entanto, alguns feirantes que não concordavam e até se recusavam a pagar a taxa cobrada pela Prefeitura, resolveram rearmar suas barracas no espaço da rua, como faziam na antiga feira onde trabalhavam. Ao longo da década de 1990 outros feirantes seguiram este exemplo, impulsionados tanto pela rejeição mútua em pagar a taxa que lhes era cobrada assim como pelas condições de trabalho em que se encontravam. Alguns afirmam que o local não chamava atenção dos clientes, por estar fora do percurso dos transeuntes, além de ser quente e sujo.

Hoje, após longos anos de conflito, a rua da Prainha é intensamente ocupada no decorrer dos seus cerca de quatrocentos metros por inúmeros feirantes, entre homens, mulheres, crianças e idosos e inúmeras barracas de diferentes formas e tamanhos.

Segundo Oneide, a mais antiga feirante do lugar, com cinquenta e três anos de experiência no setor informal, os feirantes que se deslocaram de dentro do Mercado para a rua sabiam, e ainda sabem, que é bem diferente trabalhar ao ar livre, no meio da rua. “A gente sabe que o povo não entra no mercado pra comprar, pra gente não era vantagem ficar lá”, diz ela.

Os migrantes que em sua maioria vinham do interior, como Castanhal, Vigia, Colares, Santa Izabel, etc, e também de outras regiões da Amazônia e do Nordeste contribuíram para o nascimento da feira, assim como da ocupação das áreas que envolvem o Entroncamento. Muitos desses migrantes, ali estabeleceram moradia, outros apenas um local para trabalhar de forma fixa, se mantendo num constante ir e vir diário de suas cidades à capital. Alguns, ao contrário, aparecem em momentos oportunos. A feira é neste sentido um lugar de referências, pois expressa sua característica de circularidade. Por sinal, essa expressiva presença de migrantes no local, principalmente oriundos de regiões camponesas e nordestinas, marca uma das principais características do lugar: a repetição diária de atividades antes desenvolvidas em seu local de origem, como moer cana, debulhar milho, comercializar frutas, legumes e verduras. Segundo alguns entrevistados, seus produtos encontraram no espaço da feira um mercado consumidor de ampla aceitação.

Quando avistamos a Feira da Prainha percebemos que esta se localiza no principal acesso rodoviário da cidade de Belém, onde se entrecortam quatro grandes vias: Avenida Pedro Álvares Cabral, Avenida Augusto Montenegro, Avenida Almirante Barroso e Rodovia BR-316. É uma grande encruzilhada onde carros e pessoas se aglomeram, congestionando o



trânsito e gerando um estrangulamento que se transforma em caos, principalmente nos dias que antecipam grandes feriados, como o Carnaval e o Círio. Mesmo após a conclusão daquela “interminável” obra de construção do viaduto o congestionamento ainda causa transtornos a população que circula e que mora na área<sup>3</sup>.

O Entroncamento, este imenso espaço do qual falo, sofreu um inchaço desproporcional de ocupação urbana, pois condensou em sua área um contingente populacional muito acima do que havia períodos antes. Bairros como Marambaia, Guanabara e Souza tiveram sua taxa demográfica elevada, ao mesmo tempo que surgiram problemas no que diz respeito a irregularidade provocada pelas ocupações como os constantes alagamentos de casas daqueles moradores que viviam à beira do Canal de São Joaquim. Este chega a ser um dos principais argumentos utilizados para a denominação da área onde se encontra a feira: Prainha.

A feira ocupa um imenso *triângulo*<sup>4</sup> desde o início da Rua da Prainha – na intermediação entre as Avenidas Augusto Montenegro e Pedro Álvares Cabral – até seu final, no local onde está localizado o citado córrego.

Aquele que se dirigir à feira pelas avenidas Pedro Álvares Cabral e Augusto Montenegro, perceberá que esta surge sob um semáforo, que além de se ocupar da sua função de tentar organizar o trânsito também serve de suporte para uma banca de verduras. Ao longo de seu percurso observamos inúmeros vendedores que dispõem suas mercadorias no chão em cima de sacos plásticos, papelões ou lonas, geralmente pretas. Estes vendedores ocupam não só as ruas, mas também as calçadas da Avenida Pedro Álvares Cabral e da rua da Prainha. As calçadas de que falo são feitas de cimento, obra dos próprios feirantes, e em vários pontos apresentam desníveis que variam de um a dois degraus, alguns deles nos levam às lojas de roupas, ao Mercado Batistão, a um beco, a um sapateiro e a um pequeno açougue, outros servem de encosto para vários homens que dormem à noite entre mendigos, bêbados, carreteiros ou mesmo marreteiros<sup>5</sup> que munidos de um pedaço de papelão jogam-no no chão e dormem sozinhos ou em grupo. Nas calçadas transitam pessoas do bairro em que está localizada a feira – Marambaia – e de outros bairros próximos como Souza, Cabanagem e Nova Marambaia, além de bairros da cidade de Ananindeua como Guanabara e Castanheira. As pessoas que circulam pelo Entroncamento em geral vão à feira, mas também se dirigem ao

---

3 As chuvas, comuns em determinados períodos do ano, e as constantes mudanças de itinerário realizadas pelo departamento de trânsito da cidade (CTBEL) intensificam esse processo.

4 Denominação recorrente na fala de feirantes que tentam distinguir a feira da Rua da Prainha daqueles que ocupam as calçadas em frente ao Mercado Batistão, ao depósito da Y.Yamada e ao Bar 100 Nome.

5 Denominação utilizada para se referir àqueles trabalhadores que compram dos produtores e repassam mercadorias aos feirantes a um preço mais elevado.

Shopping Center Castanheira, as paradas de ônibus, escolas, bancos, comércios e *mercadinhos*<sup>6</sup>,

No início do ano de 2006 com as mudanças de rota do trânsito, devido ao reinício das obras do Entroncamento, alguns dos feirantes que ocupavam o triângulo localizado na cabeceira da rua da Prainha foram deslocados para o outro lado, às margens da Avenida Augusto Montenegro em frente aos armazéns de meio-a-meio<sup>7</sup>. Este fato foi desencadeado mediante a atuação das Secretarias de Obras e Urbanismo e Economia (SECON) e pela Companhia de trânsito (Ctbel) da cidade. Segundo as observações dos feirantes que ocupavam a Prainha e que agora são os novos “donos do lugar”, esta decisão foi tomada com a intenção de evitar possíveis acidentes naquele perímetro que ocupavam anteriormente, pois em dias de sábado e feriados os seus espaços ficavam tomados de tal forma que prejudicavam a circulação dos veículos nas duas avenidas que ali se encontram. Atualmente a obra, que já havia sido finalizada, não impediu que a feira se mantivesse presente no decorrer do dia e da noite, também.

O espaço em que está situada a nova feira é ocupado por um número que está compreendido entre trinta e quarenta trabalhadores (e que vem aumentando progressivamente), entre homens, mulheres, jovens e idosos, e é destinado somente a venda de verduras, hortaliças e frutas, segundo as realizações realizadas. No entanto antes da ocupação desses novos “donos do pedaço”, aquele local era ocupado por vendedores de lanches e cigarros. Em barracas ou carros, estes vendiam seus produtos durante a manhã, sendo que os donos dos lanches adentravam a tarde e a noite vendendo cachorros-quentes, hambúrgueres, vitaminas, sucos, etc. Os vendedores de cigarro comercializavam no varejo e atacado. A marca de cigarros que mais notei ser vendida era Bacana. O comentário das pessoas que freqüentavam o lugar e de quem comprava, era que os cigarros eram contrabandeados, mesmo assim todo o dia tinha um ou outro adquirindo a mercadoria.

Em minhas observações, vi, portanto, nascer um novo pedaço com domínio e controle dividido por antigos feirantes, novos no local, mas antigos trabalhadores que ocupam aquele espaço há anos. Nisso incorre o fato de que ambos dividirão, a partir de agora, um mesmo campo-espaço de poder, e confesso que ainda não tive a oportunidade de presenciar conflitos entre os seus diferentes personagens, somente o tempo e a sociabilidade no local, a qual

---

6 São estabelecimentos comerciais conhecidos pelos moradores do local, em especial pelas donas de casa, por sempre estarem cheios de mercadorias e artigos de primeira necessidade; destacam-se pela venda de produtos populares a baixo custo.

7 Estabelecimentos que comercializam produtos por atacado, i.é, em caixas. No entanto um meio-a-meio tem esse nome por revender caixas cortadas ao meio, amarradas com fios ou barbantes sendo revendidas em geral pela metade do preço e que normalmente são compradas pelos donos de mercadinhos da região.

surgirá desta relação, poderão me fornecer dados suficientes para uma maior análise do caso. Ao mesmo tempo a SECON<sup>8</sup> está se encarregando de regulamentar os seus novos locais de trabalho, para assim serem reconhecidos formalmente como donos deles, mesmo que isso já esteja implícito entre eles e sua clientela, pelo tempo que controlam a venda de suas mercadorias no espaço do Entroncamento.

A feira-livre que neste caso funciona como uma instituição, que representa um riquíssimo espaço de sociabilidades, pode ser interpretada pela sua composição social e econômica verificada ao longo do ano. No caso da Feira da Prainha podemos encontrar um feirante comercializando distintos produtos em determinados períodos, como Natal, Círio e Semana Santa, assim como se dedicando a um ramo de atividade durante toda a sua vida no local. Isto significa dizer que a mercantilização de produtos varia não somente conforme a demanda, mas também com a tradição que os habitantes do local possuem em relação a algum produto e que na feira é possível encontrar segundo características identificatórias, como é o exemplo do pato, do tucupí, do cheiro-verde, da maniva, etc. Este aspecto pode ser visto como determinado pela relação que certa mercadoria possui em relação ao feirante, num contexto de pertencimento simbólico, ou seja, como algo contaminado. Segundo Godbout e seu princípio de contaminação meio e fim os objetos estão intrinsecamente ligados a personalidade do vendedor; o que se consome desde então não é somente seu valor de troca ou de uso mas a o mana atribuído por Mauss na dupla perspectiva da troca.

Portanto, o feirante ocupa um lugar fixo não somente no que diz respeito ao espaço, mas simbolicamente como delimitador de um *lócus*, de onde emanam suas ligações sócio-históricas com o lugar e com sua clientela, elemento fundamental na hora de transferir um determinado sistema de significantes, como o espaço da barraca (“ponto”), mercadorias, conhecimentos, etc. Neste contexto, o feirante se reconhece membro da feira e é reconhecido por todos como pertencente ao ‘pedaço’ (Magnani, 1998).

É importante diferenciar feirante de ambulantes e camelôs, uma vez que estes dois últimos não ocupam lugares fixos para trabalhar, caracterizando-os como nômades do mercado de trabalho, ou se ocupam não estão inseridos num determinado grupo e lugar visivelmente fixo, onde estabeleceriam relações contínuas de sociabilidade. Segundo Sena (2002) estes tem de disputar com outros agentes (carros e pedestres) um espaço para realizar seu trabalho. Alguns aproveitam as oportunidades e ocupam em determinados momentos

---

8 Órgão da Prefeitura que através do DFMP (Departamento de Feiras e Mercados Públicos) controla, regula e fiscaliza o setor informal na cidade de Belém.

regiões que reúnem um grande número de pessoas, como nos eventos esportivos (jogos de futebol) e manifestações populares (carnaval e as comemorações do Círio de Nazaré).

A ocupação da feira, no entanto é marcada por acontecimentos que não serão aqui aprofundadas, mas discutidas, pois fundamentais para entender a relação que o espaço possui com seus membros. Salientamos isso, pois apresentamos um breve momento característico de muitos conflitos existentes entre poder oficial e trabalhadores informais.

Com a acelerada ocupação do lugar o mesmo chamou a atenção da gestão municipal que através de inúmeros mandados requereu a desocupação por parte dos feirantes através do RAPA, atualmente tido por aqueles que re-memorizam alguns episódios vividos como um grupo que destruía de maneira hostil suas barracas, levando embora suas mercadorias e freqüentemente aterrorizando-os. Isto, no entanto, não impediu que muitos resistissem as suas ações, pelo contrário estimulou a formação de uma associação que hoje congrega não só os trabalhadores da Prainha, mas de toda a área em torno do Entroncamento, a feira da farinha e das calçadas próximas ao shopping Castanheira. Hoje reunidos estes trabalhadores participam de inúmeros eventos promovidos pela organização de trabalhadores informais da cidade e prefeitura como o Fórum de Feiras e Mercados da Belém.

No que tange a relação de desenvolvimento e crescimento da Feira da Prainha com a ocupação por parte dos inúmeros trabalhadores no decorrer dos anos uma coisa é fundamental: não é qualquer indivíduo que entendo ser aquele um lugar apto ao desenvolvimento de alguma atividade comercial possa usufruí-lo de maneira independente armando barraca e vendendo sua mercadoria. Existe uma série de códigos que devem ser tornados inteligíveis na hora de averiguar a dimensão de atuação dos laços de sociabilidade existentes entre o grupo.

#### A TRANSFERÊNCIA DE PATRIMÔNIO SOB A ÓTICA DA INFORMALIDADE E DO PARENTESCO

No decorrer de sua formação, o espaço da feira congregava poucos membros, inclusive os três trabalhadores que saíram de dentro do mercado Batistão, mas isto mudava a medida que o Entroncamento sofria alterações devido as obras de urbanização promovidas pelos governos que se sucediam. Com o tempo as ruas começaram a ganhar asfalto, as casas se multiplicavam, a macrodrenagem finalizava suas canalizações no córrego São Joaquim e a Rua da Prainha recebia sua pavimentação, o que trouxe consigo um grande número de informais, uma vez que a grande quantidade de desempregados entendia aquele espaço como apto e possível para desenvolver alguma atividade comercial, desde a armação de barracas até a instalação de pequenos comércios.

Os primeiros feirantes a ocuparem a feira possuíam em geral faixa etária em torno de trinta anos ou mais, embora já fosse comum encontrarmos, através dos depoimentos, crianças presentes gerenciando suas atividades em conjunto com seus pais e mães de maneira informal. Esta informalidade, no entanto, não foi encarada pelo que se pode observar como uma mera falta de contrato, onde a carteira assinada seria para os feirantes o símbolo e suporte de sua razão existencial. Pelo contrário a convivência em família (ou seja, no grupo) é, muitas das vezes, a única garantia de trabalho e mesmo da posse de bens que poder ser herdáveis, vendidos, trocados, isto é, rentáveis, o que expressa a manifestação de um ethos pequeno burguês abordado por Bourdieu. Ao mesmo tempo é possível perceber a existência de contratos informais que regulam informalmente as atividades dos chamados “ajudantes”, categoria nativa, mas que foi resignificada pela Secon como pré-posto.

Portanto falamos de uma informalidade que, apesar de ser pouquíssima tratada fora do contexto econômico, traduz de maneira implícita as noções e representações do sentido de sobrevivência, uma vez que esta característica é frequentemente confundida com a realidade do informal feirante que trabalha na rua. Chamo a atenção para que este conceito seja operacionalizado a partir da convivência contínua e permanente que há entre parentes e/ou amigos no espaço da feira, pois sua interpretação enquanto manifestação da solidariedade permite a construção de uma identidade de grupo *no grupo*, fato que possibilita a circularidade e conseqüente legitimidade no processo de transmissão de um patrimônio que não é só material (bancas e mercadorias), mas cultural e simbólico (“ponto”, respeito, crédito, confiança, reciprocidade, clientela, saberes e práticas).

Para exemplificar esta questão exponho as falas de alguns interlocutores que convivem naquele espaço cotidianamente.

De acordo com Tarzan e Oneide, ambos feirantes os mais antigos ocupantes da feira, a Rua da Prainha passou a ser ocupada da seguinte forma: aqueles que se sentiam prejudicados pela localização de seus boxes no Mercado Batistão, ou mesmo se negavam a pagar a taxa cobrada pela prefeitura, levaram suas mercadorias e armaram uma barraca para expô-las à venda. Consigo cada feirante trazia um determinado número de ajudantes, em geral membros da própria família ou “conhecidos”. No entanto a primeira condição para usufruir do chamado “ponto”, isto é, do espaço para venda, era um reconhecimento prévio, estabelecido por aqueles que já faziam parte do pedaço, ou seja, de um espaço de pertencimento, onde segundo Magnani (1992) “se tece a trama do cotidiano, através da troca de informações e pequenos serviços, em inevitáveis conflitos e na participação em atividades vicinais”, muito comum e por sinal característica marcante no universo que compõe a feira tanto no decorrer do dia

como da noite, entre rifas de pato, rodadas de carteados, festas no Bar Sem Nome, Caldeirão do Alan, entre outras.

Outro aspecto que pode ser levado em consideração, no que diz respeito a ocupação da Prainha, é o fato de muitos indivíduos, em geral desempregados, sondarem o espaço e por meio de uma negociação aberta, realizada com os próprios feirantes já estabelecidos ali, comprarem determinados espaços. Em sentido inverso alguns feirantes optam por sair da banca e, ou repassam seu ponto e sua mercadoria para um parente consanguíneo de primeiro grau, em geral o (a) cônjuge ou o filho ou a filha mais envolvido com as atividades da barraca, que pode ser tanto o primogênito como aquele que é de sua confiança, ou vendem para alguém que esteja inserido no em seu círculo familiar de relações, como amigos próximos ou mesmo os próprio ajudantes. No caso de herança por morte ou abandono do proprietário os bens (barraca, ponto, mercadoria) podem ser repassados tanto ao cônjuge como aos filhos ou filhas, sendo que na maioria das vezes herda aquele ou aquela que estabelecem o maior vínculo com a referida atividade e com o local de trabalho. É o caso por exemplo de Alzenir, mulher, separada, trinta e cinco anos, que herdou de seu pai (falecido em 2003, a principal banca da família, cuja atividade (venda de ervas e temperos) era referência àqueles que se dirigiam a feira em busca de artefatos e elementos usados pela medicina popular. Apesar de não ser a primogênita, Alzenir declara que assumiu a responsabilidade de tomar de conta deste e de outros pontos espalhados em outras feiras da região metropolitana de Belém, pois seu pai confiava à ela, através de suas técnicas, o controle e o manejo da extração, produção e venda de pau-de-verônica, salsaparrilha, boldo, sabugueira, caroba, dente-de-leão, etc.

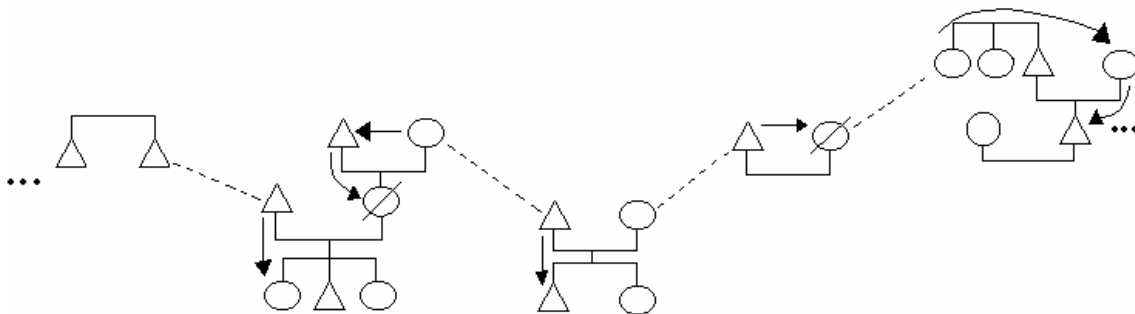
Os ajudantes a que nos referimos anteriormente podem ser jovens, crianças, adultos ou idosos, homens ou mulheres, recrutados ou espontâneos. Recrutados. Pois muitas das vezes o dono de uma banca contrata informalmente alguém de um mesmo clã do interior ou bairro onde mora, ou até mesmo daquele pedaço onde trabalho. Espontâneos por que certos trabalhadores realizam tarefas como comprar água, refrigerante, cerveja, carregar uma sacola, adquirindo assim crédito com o permissionário, dono da barraca, em todo caso sendo solicitados e pagos por este à medida que surge alguma atividade ou problema para resolver.

A referida discussão sobre a dádiva ai se insere a partir do momento que buscamos entender como estão localizados os personagens diante do jogo sábio das trocas, que consiste, de acordo com a Teoria da Reciprocidade de Lévi-Strauss, num conjunto complexo de manobras, conscientes e inconscientes, para adquirir garantias e privilégios (sociais e mercadológicos) o que previne assim riscos no duplo terreno das alianças e das rivalidades

estabelecidos em ambientes como a feira-livre. Com isto procuramos dizer, de maneira contundente, que não é qualquer pessoa que pode se estabelecer enquanto feirante e ocupar sem atender requisitos básicos e primordiais existentes e determinados no conjunto das relações sociais do grupo, os espaços da Prainha. Ir contra esse pressuposto é criar um conflito permanente através de xingamentos, brigas, acusações, característico de vendetas que em inúmeros casos podem até ser levados ao extremo, se manifestando através de agressões físicas e atentados corporais.

Percebemos que em meio a práticas representações, freqüentemente observadas no cenário composto pelo mosaico da feira, a transmissão respeita lógicas criadas no inteiro do grupo, através de marcas identitárias funcional e estruturalmente definidas pelos critérios parentais de matri ou patrilinearidade, incorporações, linhagens ou relações de compadrio, como bem podemos observar neste diagrama, que esta baseado na formulação proposta por Arantes (19XX).

#### Redes de transferência de Patrimônio familiar



Crédito: *Marilia Sidalia*

Verifica-se, pois, a relação estabelecida por Portes (*apud* Noronha, 2003), onde afirma que

a “informalidade” depende de redes sociais. Sem elos comunitários, os contratos “informais” não seriam possíveis. O controle de um grupo [...] sobre determinadas atividades “informais”, encontradas em muitas cidades do mundo, é um bom indício de que mecanismos sociais são requeridos para selar contratos “informais”.

Neste sentido a informalidade enquanto questão econômica apresenta-se entrelaçada ao campo antropológico, principalmente no que diz respeito a questão do parentesco e suas interpretações. No momento, porém é impossível precisar a interação destes importantes aspectos, fundamentais para a compreensão das transformações existentes no mundo do trabalho. Sua temática estará mais bem atualizada quando finalizada as observações necessárias e as respectivas reflexões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antônio A. 1994. Pais, Padrinhos e o Espírito Santo. In: *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. Campinas: Rumo.
- BOURDIEU, Pierre. 1987. “Condição de classe e posição de classe”. In: MICELI, Sérgio (Org.) *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva.
- CAILLE, Alain. 1998. Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38. São Paulo, USP.
- GODBOUT, J. 1998. Introdução à dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 13, n. 38, São Paulo, ANPOCS.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1982. O Princípio da Reciprocidade. In: *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis, Vozes.
- MAGNANI, J. Guilherme. 2000. Quando o campo é a cidade. In: MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, Lilian (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp.
- \_\_\_\_\_. 1998. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed. São Paulo, Hucitec.
- MOTT, Luiz. 2000. Feiras e mercados: pistas para pesquisa de campo. In: FERRETTI, Sérgio (Org.). *Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados*. São Luiz. Edições UFMA; PROIN (CS).
- NORONHA, Eduardo G. 2003. "Informal", ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 53. São Paulo, ANPOCS.
- ORTIZ, Renato (Org.). 2003. *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água.
- SENA, Ana Laura. 2002. *O Trabalho informal nas ruas e praças de Belém: estudo sobre o comércio ambulante de produtos alimentícios*. Belém, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/Universidade Federal do Pará.
- SENA, Ana Laura. 1999. Dimensões da informalidade em Belém. *Cadernos do NAEA*, vol. 2, n.2, Belém, Universidade Federal do Pará.



## **A relação universidade e sociedade: a perspectiva de avaliação dos egressos**

---

*Marizete Martins da Silva (smarizete@yahoo.com.br)*

*Thais Karina Souza do Nascimento (thaisksn@yahoo.com.br)*

*Marcos Henrique Almeida dos Santos (marcosh.ufpa@hotmail.com)*

Graduandos de Pedagogia da UFPA – Bolsistas GESTAMAZON/PROINT

Área temática: EDUCAÇÃO E TRABALHO

*RESUMO: A avaliação é um valioso instrumento de reflexão que nos permite apreender uma determinada realidade. Nesse sentido, este estudo busca refletir o Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará por meio da constituição do perfil profissional de seus egressos. Com esse olhar externo objetiva-se perceber a relação entre a formação acadêmica e as dinâmicas de vida e trabalho dos sujeitos investigados, o que propiciará a identificação de contribuições e impactos deste Curso para a sociedade com a formação profissional por eles obtida. O presente trabalho é parte integrante da pesquisa referente ao projeto “Os egressos do Curso de Pedagogia da UFPA: mundo do trabalho e qualidade de vida”, vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Estado e Educação na Amazônia – GESTAMAZON do Centro de Educação da UFPA.*

Palavras-chave: *Universidade; egresso; avaliação.*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho visa apresentar uma breve análise acerca do projeto desenvolvido pelo Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Estado e Educação na Amazônia – GESTAMAZON<sup>1</sup>, ligado ao Centro de Educação da Universidade Federal do Pará – UFPA. O Projeto, que está em andamento, denomina-se “Os Egressos de Pedagogia da UFPA: mundo do trabalho e qualidade de vida” e é financiado pelo Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão – PROINT. Tem como objetivo desenvolver um estudo sobre a trajetória e situação profissional dos egressos do curso de Pedagogia da UFPA, no sentido de avaliar os impactos dos processos de formação nas dinâmicas do mundo, da vida e do trabalho.

Em tempos de avaliação da educação superior esse estudo importa por ter como foco investigar se a formação em nível superior correspondeu às expectativas de vida desses egressos contribuindo solidamente para sua formação profissional e melhoria de sua qualidade de vida, e conseqüentemente, termos um diagnóstico acerca do papel da universidade pública enquanto instituição produtora de indivíduos capazes de trilharem seus próprios caminhos, reforçando a importância dessa instituição de ensino para o desenvolvimento social e não somente como “formadora” para o mundo do trabalho.

Partimos do pressuposto que a Universidade tem como premissa a formação profissional do indivíduo. No entanto, mais importante que isso, à Universidade cabe a formação cultural do sujeito capacitando-o para atuar na sociedade de forma qualitativa,

---

<sup>1</sup> Coordenado pelo Prof. Dr. Orlando Nobre Bezerra de Souza.

imprimindo-lhe uma identidade que o acompanhará no decorrer de toda sua trajetória de vida profissional e sócio-econômica.

Para se chegar a um olhar avaliativo acerca do processo de formação dos alunos do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará, tendo como atores os egressos desse curso do campus Belém no período de 1995-2005, o encaminhamento metodológico passa pela definição da configuração epistemológica que orientará as ações do estudo dando ênfase ao processo, ou seja, como ocorre na prática a conduta social desses sujeitos e as relações vivenciadas em seu cotidiano de vida e trabalho. Dessa forma, pretende-se buscar na voz desses egressos, elementos que tenham possibilitado a ampliação de seus horizontes de vida e assim contribuir para o processo de avaliação da formação efetivada pelo Curso de Pedagogia da UFPA, aprofundando a relação universidade/sociedade.

## 2 A RELAÇÃO UNIVERSIDADE/SOCIEDADE

A educação pode ser um processo que habilita o sujeito a inserir-se na sociedade de maneira participativa, possibilitando-lhe uma atuação consciente e crítica no mundo em que vive.

Segundo Napolitano (2000, p. 14) sem a sociedade não há estado e sem estado e sociedade não há universidade. A universidade enquanto construtora e difusora de conhecimentos não pode se furtar em desenvolver sua função social, portanto política, pautada no fomento dos valores sociais que devem compreender a constituição do sujeito.

Nossa sociedade, no terceiro milênio, passa por grandes transformações em várias instâncias: sócio-políticas, econômicas, culturais e tecnológicas. Essas mudanças produzem uma sociedade cada vez mais voltada para a atividade produtiva, ou seja, para o mundo do trabalho, que é uma necessidade humana.

Dentro desse cenário de transformações a educação não fica alheia, especialmente a educação superior, que ganha força diante das exigências do mundo do trabalho, que torna-se mola propulsora na corrida para habilitação profissional do sujeito, e conseqüentemente, de melhoria de sua condição social.

No entanto, as vagas para acesso ao ensino público universitário estão cada vez mais difíceis de serem alcançadas devido à acirrada demanda de candidatos. Muitos dos que conseguem entrar numa instituição pública chegam repletos de alegrias, desejos e planos para uma vida futura, que tendem no decorrer do curso, a ficar mais claros e definidos sobre que caminho trilhar a partir da graduação.

Mas, também não podemos nos enganar achando a habilitação profissional de fato significar sucesso na profissão que escolhemos. Por isso, podemos encontrar advogados vendedores, psicólogos secretários e porque não dizer pedagogos auxiliares de escritório.

Esse é o cenário que percebemos no mundo atual. Mas, estudos de Prandi (1982) demonstram que essa situação de desprofissionalização a que são levados os egressos de um curso superior não é um fato recente. Entre os muitos fatos que o autor faz referência destacamos:

Na sua edição de 11 de novembro de 1980, a *Folha de S. Paulo* traz na primeira página a seguinte manchete: ‘Um emprego de babá disputado por professoras’ Sob a manchete, lê-se: “Anúncio classificado procurando ‘pessoa instruída (professora etc.), para ser responsável por duas crianças e por todo serviço de casa’ publicado neste fim de semana, levou o Centro do Professorado Paulista (CPP) a convocar a imprensa, ontem, para protestar contra as más condições salariais a que estão sujeitos os docentes. ‘Mais de trinta pessoas se candidataram’, informou à ‘Folha’ o responsável pelo anúncio, revelando que, ‘entre elas, várias professoras e outras pessoas de formação universitária, como sociólogos e psicólogos’” (p. 16)

Diante de fatos como estes, que ainda hoje são evidentes, levantamos as seguintes questões: Por que isso acontece? Essas pessoas não receberam uma formação adequada? Não se dedicaram a seus estudos? Não foram suficientemente estimulados durante a formação? Escolheram a profissão errada? O problema é mesmo a falta de oportunidades e condições para inserir-se no mundo do trabalho? Enfim, são inúmeros os motivos que podemos encontrar.

Neste sentido, os egressos têm um importante papel social enquanto sujeitos que podem contribuir para o processo de avaliação da Educação Superior, em nosso caso, ofertada pela Universidade Federal do Pará, já que esta tem como missão

Gerar, difundir e aplicar o conhecimento nos diversos campos do saber, visando a melhoria da qualidade de vida do ser humano em geral, e em particular do amazônida, aproveitando as potencialidades da região, mediante processos integrados de ensino, pesquisa e extensão, com princípios de responsabilidade, de respeito a ética, a diversidade biológica, étnica e cultural, garantindo a todos o acesso ao conhecimento produzido e acumulado, de modo a contribuir para o exercício pleno da cidadania mediante formação humanística, crítica, reflexiva e investigativa, preparando profissionais competentes e atualizados para o mundo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2002).

As discussões acerca do processo de avaliação da Educação Superior têm tomado importância mundial no âmbito educacional nos últimos vinte anos.

Com a instituição, no Brasil, do SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, através da lei 10861/2004, um novo desafio se coloca às instituições de nível superior no sentido de reverem seu papel e competências como órgãos difusores e produtores do conhecimento científico e preparação do sujeito com vistas à inclusão social no campo do saber, da formação profissional, da cidadania propriamente dita.

Os caminhos da avaliação institucional sempre estiveram relacionados com as políticas de governo implantadas historicamente na sociedade brasileira, que acabam por configurar-se como um verdadeiro entrave para o processo de avaliação das Instituições de Ensino Superior-IES, pois cada vez mais, observa-se o predomínio de critérios seletivos que geram, muitas vezes, reduções no investimento financeiro destinado à Instituição.

Porém, a crise institucional não decorre apenas da crise financeira. Faz-se necessário entender que houve uma perda de prioridade para as universidades públicas por parte das políticas públicas do Estado que favoreceram perdas nas políticas sociais (educação, saúde, previdência) decorrentes da globalização neoliberal. (SANTOS, 2005).

Sendo assim, Ristoff enfatiza que “uma universidade é antes de tudo uma instituição acadêmica, uma casa de educação. E, embora alguns pensem que não, é também um espaço político, social e cultural” (2002, p. 17). Portanto, a relevância dessa pesquisa reside neste olhar externo para o Curso de Pedagogia, que permitirá aperfeiçoar suas ações educativas, pois a avaliação é um processo de “[...] retroalimentação contínua que permite realizar as correções necessárias [...]” (BLOOM 1971 apud DIAS SOBRINHO 2003a, p. 51).

Um outro argumento significativo está na definição dos parâmetros para efetivação dos processos avaliativos das IES, no qual o Roteiro de Auto-Avaliação (INEP/CONAES, 2004) oferece orientações para avaliação interna e dentre suas inúmeras sugestões, apresenta no item 4.9 a proposição referente às Políticas de Atendimento aos Estudantes Egressos dos Cursos, colocando ênfase na necessidade do desenvolvimento de estudos mais sistemáticos sobre esses ex-alunos, que passaram pelos respectivos cursos de graduação e foram diplomados.

### 3. OS EGRESSOS E A RELAÇÃO ENSINO/PESQUISA/EXTENSÃO

O Art. 207 da Constituição Federal de 1988 refere que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre **ensino, pesquisa e extensão**. (grifo nosso).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/06, “contém 92 artigos. Nela a educação superior possui um capítulo próprio com assinalação de finalidades, abrangência, controles acadêmicos, credenciamento e autonomia, entre outros.” (CURY, 2002, p. 33).

O SINAES surge com concepções e diretrizes inovadoras em relação às políticas de avaliação das IES atribuindo maior importância à relação entre ensino, pesquisa e extensão no processo de auto-avaliação institucional, além de considerar a participação dos egressos como sujeitos participativos, entre outras diretrizes.

Face a essa determinação legal, a Direção do Centro de Educação da UFPA, por meio da Portaria 064/ED de 04 de julho de 2006, designou uma Comissão de Avaliação para Curso de Pedagogia.

Dentre os “procedimentos metodológicos da sistemática de avaliação” referidos no item 4 da versão preliminar do Programa de Avaliação Institucional elaborado por essa Comissão Avaliadora temos a “discussão sobre as trajetórias de formação cultural dos acadêmicos de pedagogia: expectativas de calouros, dos que já cursaram 50% do curso, daqueles que se encontram no último semestre e dos profissionais egressos” (grifo dos autores).

A participação dos egressos nesse processo é de alta relevância por permitir uma visão mais ampla acerca de como a universidade vem se capilarizando fora de seus muros e tendo um *feed-back* sobre o exercício pleno da tríade ensino, pesquisa e extensão levando subsídios para a auto-avaliação institucional.

A auto-avaliação a que nos referimos coaduna-se com que Mancebo (2001, p. 135) defende “uma avaliação institucional que ultrapasse amplamente os limites estritos de uma universidade. Uma avaliação de interesse público e social e que contemple essencialmente uma significação de fundo ético-político (Dias Sobrinho, 1997b)”. Dessa forma, a universidade pode se fortalecer e se manter legítima perante a sociedade e ao Estado.

A extensão tem grande força na dinâmica da universidade constituindo-se em meio pelo qual a sociedade estará fornecendo dados relevantes que podem ser utilizados mais produtivamente no que concerne à melhoria da qualidade do ensino e da importância da pesquisa.

Portanto,

“os egressos constituem-se em fonte importante para investigação das motivações, expectativas, percepções e motivos para o exercício ou não do magistério para o qual foram formados. Busca-se com isso indicar se esses motivos advêm de razões internas à universidade, como a qualidade do curso que frequentaram, ou de razões externas. (LOUREIRO, 1999 p. 10)

A avaliação de um Curso, conforme Sobrinho (2005)

contribui para transformar não apenas essa realidade tomada como objeto, mas a totalidade da instituição educativa da qual faz parte, e, integrando-se a outros conjuntos de avaliação, acaba interferindo em todo o sistema educativo. (p. 17)

Toda avaliação corresponde e quer servir a uma certa concepção de educação, que por sua vez está integrada a uma idéia de sociedade. Desse modo a avaliação é um fenômeno ético-político. Direta ou indiretamente afeta todas as pessoas, na medida em que diz respeito a toda uma sociedade. E também tem um caráter prospectivo; é um processo de construção do futuro. (p. 18-19)

A dimensão desses resultados contribuirá significativamente para que o Curso de Pedagogia possa rever o perfil do profissional que diploma, promovendo as adequações necessárias em seu Projeto Político Pedagógico, da gestão, de políticas e planejamento estratégico que se coadunem com os anseios da sociedade.

Agregando valor à formação profissional consoante com as necessidades sociais, considerando as dinâmicas da vida, do mundo e do trabalho, a universidade estará exercendo plenamente o ensino, pesquisa e extensão, reforçando assim, sua identidade a partir do momento em que se expressa por meio dos profissionais que forma.

Os estudos de Saul (1994) contribuem para as pesquisas no âmbito do processo avaliativo. Ao relatar suas angústias acerca da relação teoria/prática na educação tece comentários sobre as dificuldades que teve para dar andamento no trabalho que se propôs a fazer: desenvolver a avaliação emancipatória dentro de sua práxis pedagógica. A avaliação emancipatória proposta por essa autora

caracteriza-se como um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando transformá-la. [...] O compromisso principal desta avaliação é de fazer com que as pessoas direta ou indiretamente envolvidas em uma ação educacional escrevam a sua própria história e gerem as suas próprias alternativas de ação. [...] Acredita-se que esse processo pode permitir que o homem, através da consciência crítica, imprima uma direção as suas ações nos contextos em que se situa, de acordo com os valores que elege e com os quais se compromete no decurso de sua historicidade. (p. 61)

Para que um processo de mudança se corporifique é necessário ter força de vontade e principalmente acreditar que a melhora é perfeitamente possível. Hoffmann (2004, p. 91) nos ajuda nesse sentido dizendo que

a escola vem sentindo a necessidade de mudar pela expressão contundente da insatisfação estudantil, muito mais do que pelos estudos teóricos, leis ou outras influências. E esta insatisfação diz respeito, essencialmente, à falta de desejo de crianças, jovens e adultos permanecerem, por anos seguidos, em ambientes amorfos de sentido e de desafios, enquanto a vida em sociedade se torna cada vez mais agitada e problemática.

Como despertar o desejo de aprender sobre o que não tem sentido para crianças e jovens? – perguntam os professores, ao invés de refletirem sobre o sentido da escola para eles, a partir do que lhes pode ser, de fato, significativo? Preparar quem para o quê? Crianças e jovens para aceitarem a escolarização? Ou educadores para se aproximarem da realidade estudantil?

A ética e nossa capacidade de aceitar o outro como um ser pensante, colaborador e em condições de trilhar seu próprio caminho rumo a uma vida melhor, são fatores que não podem faltar para que o sucesso seja alcançado.

Se não houver essa preocupação contínua em trazer à tona o verdadeiro papel da IES, estaremos permitindo que as universidades tornem-se meros centros de transmissão de conhecimento. Deformando, ao invés de formar cidadãos. Produzindo profissionais frustrados

com suas carreiras, aumentando o índice de evasão escolar e de desemprego. Fugindo a sua função social.

#### 4. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que essa pesquisa permita um diagnóstico dos efeitos sociais mais amplos pretendidos pelo currículo e pelo projeto pedagógico do Curso de Pedagogia da UFPA, além de contribuir para a construção de uma cultura de auto-reflexão, não somente do curso, mas da universidade de maneira orgânica, de modo a melhorar sua qualidade.

Neste sentido, o projeto do GESTAMAZON pretende que suas ações possam somar-se a outras desenvolvidas pela UFPA, contribuindo para o acompanhamento permanente das atividades internas e externas.

Daí, a importância em focalizar os estudos nas expectativas dos egressos ocasionando uma maior integração entre universidade e sociedade, fornecendo ao Centro de Educação subsídios práticos para o planejamento e avaliação de suas atividades acadêmicas, reforçando e caracterizando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão pra muito além do mero cumprimento de normas legais.

#### 5. APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

Segundo Michel Freitag citado por Sobrinho (2003b, p. 36) “o que caracteriza uma instituição é a natureza de sua finalidade, que é definida no plano global ou universal da sociedade”. Por isso, a Universidade deve prestar contas à sociedade sobre o trabalho de formação que desenvolve e dos benefícios produzidos em prol do bem comum.

Para tal, as Instituições de Ensino Superior devem fazer bom uso da avaliação como meio de buscar, na ação-reflexão-ação, medidas que possibilitem uma reestruturação de seu processo de planejamento acadêmico com vistas ao seu aperfeiçoamento.

Portanto, a temática em estudo é bastante pertinente. O diálogo, a discussão coletiva e análise crítica são fundamentais para atingir resultados satisfatórios numa perspectiva de mudança.

#### REFERÊNCIAS

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Legislação educacional brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Histórico da Universidade Federal do Pará. Disponível em: <[http://www.ufpa.br/portalufpa/historico\\_estrutura.php](http://www.ufpa.br/portalufpa/historico_estrutura.php)> Acesso em 28 nov. 2006.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. 6.ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LOUREIRO, Walderês Nunes. *Formação e profissionalização docente*. Goiânia: Editora da UFG, 1999.

MANCEBO, Deise. A produção sobre avaliação da educação superior. In: SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JR, João do Reis (Orgs.) *Educação Superior: análise e perspectiva de pesquisa*. São Paulo: Xamã, 2001.

NAPOLITANO, Antonio. Universidade, Estado e Sociedade. In: HOYOS, Juan L. Bordalez (Org.) *Educação Superior Latino Americana: análises e perspectivas para o século XXI*. Belém: UNAMA, 2000. p. 13-29.

PRANDI, Reginaldo. *Os favoritos e degradados: ensino superior e profissões de nível universitário no Brasil hoje*. São Paulo: Loyola, 1982. (Coleção "EDUC-AÇÃO")

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*.

SAUL, Ana Maria. *Avaliação emancipatória: desafios à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994. 151p.

SOBRINHO, José Dias. Avaliação como instrumento da formação cidadã e do desenvolvimento da sociedade democrática: por uma ético-epistemologia da avaliação. In: RISTOFF, Dilvo; ALMEIDA JÚNIOR, Vicente de Paula. (Orgs). *Educação superior em debate: avaliação participativa, perspectivas e debates*. v. 1. Brasília: INEP, 2005.

SOBRINHO, José Dias. *Avaliação e compromisso público: a educação superior em debate*. Florianópolis: Insular, 2003.

SOBRINHO, José Dias. *Avaliação: políticas educacionais e reformas da educação*. São Paulo: Cortez, 2003.

SOBRINHO, José Dias. RISTOFF, I. Dilvo (Orgs). *Avaliação Democrática: para uma Universidade Cidadã*. Florianópolis: Insular, 2002.





---

## *Artigos*

---

ÁREA TEMÁTICA  
**MEIO AMBIENTE**

## **A recuperação do rio Cereja junto às escolas que o margeiam em Bragança-PA**

---

*Andressa Galvão Iglesias (dessa\_galvao@yahoo.com.br)*

*Francisca Lucicléia da Silva Maciel (Maciel\_cleia@yahoo.com.br)*

*Maely Rosa de Brito (maelybrito@yahoo.com.br)*

Graduando do curso de licenciatura plena em pedagogia

*Maria de Lima Gomes (marili@ufpa.com)*

Coordenadora do grupo unificado de educação ambiental/UFPA

### Área temática: MEIO AMBIENTE

**RESUMO:** *O Cereja é um pequeno rio, localizado no município de Bragança, Pará, que atravessa toda a zona urbana da cidade, perpassando por seis bairros. Em outros tempos, era um rio de uso doméstico onde as pessoas beneficiavam-se de suas águas para beber, tomar banho e, em alguns locais, uma alternativa para o lazer, além de, até o ano de 1986, servir de ponto de captação d' água para abastecer a população da cidade de Bragança. Atualmente, o assoreamento é tão grande que esse pequeno rio, acaba passando por ruas e pelos quintais, e está sendo usado, pela maioria da população que o margeiam, como local de despejo de dejetos, causando assim a degradação do meio ambiente, o que vem prejudicando as águas, e provocando possível desaparecimento do mesmo. A partir dessas constatações, desde Abril de 2004, vem sendo desenvolvidos nas escolas de ensino fundamental (igual a seis), que estão localizadas nas proximidades do rio, um trabalho de conscientização, com crianças da primeira série no qual a proposta é sensibilizar os alunos, para a necessidade de recuperação do rio, ao mesmo tempo esclarecendo sobre higiene e a relação com o meio ambiente.*

Palavras-chave: *Escola, Recuperação e Educação.*

### INTRODUÇÃO

O município de Bragança está situado na região do nordeste do Estado do Pará tendo a sede localizada à margem esquerda do rio Caeté ocupando uma área de 23.337 km, dos quais 16,1 km pertence à área urbana do município.

O rio cereja corta a cidade de Bragança passando por seis bairros: Taira, Centro, Cereja, Vila Sinhá, Padre Luis e Aldeia desaguardo no rio caeté. Até o ano de 1986 sua água era usada pela COSANPA (Compania de Saneamento do Para), para abastecer a população.

Devido a fatores que estão provocando a degradação do rio, foi observado que parte da população que reside às proximidades do mesmo possuem pouca informação sobre a conservação ambiental, então, surgiu à necessidade de ser feito um trabalho de conscientização para uma boa parte da sociedade local.

Para um bom entendimento é necessário um sentido de recuperação, mas recuperação de que? Das árvores, dos rios, das cidades, da fauna e da flora como um todo, recuperação esta que não cabe somente ao poder público pois trata – se de um processo longo que superará mandatos entre eleições e sucessões de governantes e gestores políticos.

Assim a recuperação do meio ambiente, no caso do rio Cereja, tem que ser uma obra da sociedade, pois se todos levarem para si essa responsabilidade esses atributos da educação como marcas, desejos socialmente compartilhados, não serão indivíduos qualificados dentro de um universo de crenças e valores endereçados a educação.

Assim 'Educação Ambiental' designa uma qualidade especial que define uma classe de características que juntas permitem o reconhecimento ou sua identidade, diante de uma Educação que antes não era ambiental. (BRASIL. 2004, pg 9)

Contudo, desde que se cunharam o termo Educação Ambiental diversas classificações e denominações explicitaram as concepções que preencheram de sentido as praticas e reflexões pedagógicas relacionadas a questões ambientais.

Quando se fala em meio ambiente e educação ambiental faz-se referencia ao meio em que se vive, a todos os acontecimentos, tudo que está em volta. Mas poucos são aqueles que sabem o real significado de meio ambiente e de como conservá-lo, para poder viver em um local limpo e sem riscos de poluição. Principalmente quando se trata dos recursos hídricos

São muitos os problemas referentes à água em nosso país(...) a poluição dos rios, a falta de informação, conscientização e compromisso por parte da população. A preservação das nascentes com a conservação de mata ciliar e a mobilização contra o desmatamento são formas de manter a água limpa. (S.O.S Mata Atlântica, 2004)]

Isso requer esclarecimento e a escola é o local adequado para tal.

#### A REALIDADE DO RIO CEREJA

Atualmente o Rio Cereja está sendo destruído aos poucos, sem que a população perceba o tamanho do impacto ambiental que trás como uma das principais conseqüências o assoreamento, ocasionando a extinção quase que total do rio, onde se não for tomadas às devidas providências para com o mesmo corre-se o risco de perdê-lo.

Essa problemática, despertou o interesse do Grupo Unificado de Estudos Ambientais (GUEAM) do Campus de Bragança, que despertou o grupo que desenvolveu o projeto nas escolas que margeiam o rio, para estimular a consciência dos alunos junto à população frente ao problema.

O Rio Cereja apresenta problemas de degradação com grande parte da mata ciliar completamente removida devido à falta de conhecimento dos moradores que habitam as suas margens, pois os próprios são os maiores causadores de sua destruição, onde muitos conscientemente sabem o que estão fazendo quando liberam todo lixo adquirido em suas casas para o rio não possuindo nenhuma viabilização de saneamento básico, acabam soterrando o mesmo com tantos lixos fechando assim o percurso do rio.

Pela necessidade da moradia e até mesmo por falta de uma política habitacional, a população acaba construindo barracos sobre o rio para servir como moradia e junto com elas constroem também sanitários a céu aberto, despejando todos os dejetos fecais sobre o mesmo, contaminando assim o rio e acabando com a pureza da água que um dia serviu de consumo para a população bragantina.

Devido à degradação das águas pelo o acúmulo de lixo, o rio trás como consequência, no período da chuva, enchentes fazendo com que a água do mesmo juntamente com a da chuva adentre as casas provocando o aparecimento de doenças como: *Tinha Corporis*, *Tinha Capilar* (impinge), *Pitíriase* (pano branco) e um alto índice de verminoses.

## DESENVOLVIMENTO

Para realização deste estudo, primeiramente foi realizado um levantamento sobre a saúde dos moradores, para identificar os males mais frequentes, isso foi feito envolvendo os próprios moradores, através de questionários e junto a Secretaria Municipal de Saúde.

Foi constatado que a maioria da população, principalmente as crianças apresentam dermatoses que são micoses cutâneas causadas por fungos, dermatófitos (dermato-pele) *phytom-planta*. As dermatoses são extremamente contagiosas e a contaminação pode ocorrer através do contato com os pêlos e caspas infectadas com elementos fungicos.

O trabalho tem ênfase em estimular a conscientização das crianças e a população, através da educação ambiental, daí ter sido o motivo da realização deste projeto nas escolas que margeiam o rio, objetivando o esclarecimento sobre a necessidade de conservar os recursos hídricos, ao mesmo tempo que busca desenvolver hábitos de higiene que favoreçam a vida saudável.

A escola cabe uma parcela de contribuição em novas buscas, sendo um espaço privilegiado de informações, e de transmissões, produção de conhecimento de criatividade e de possibilidades. Deve-se trabalhar nas perspectivas da superação de visões distorcidas, ingênuas reducionistas das novas gerações. Para isso cabe perguntar como você professor/professora está trabalhando essas questões com seus alunos no cotidiano escolar. (REIGOTA, 2001, p.)

Logo, a escola deve trabalhar na superação de visões distorcidas, e os educadores de qualquer área, seja ela infantil ou jovem-adulta tem que ter a preocupação de esclarecer como é importante a educação ambiental, tanto para a sociedade em geral como para o pessoal.

O projeto vem trabalhando em cima de crianças com faixa etária de 5 a 10 anos para desenvolver um trabalho que venha contribuir para as novas gerações

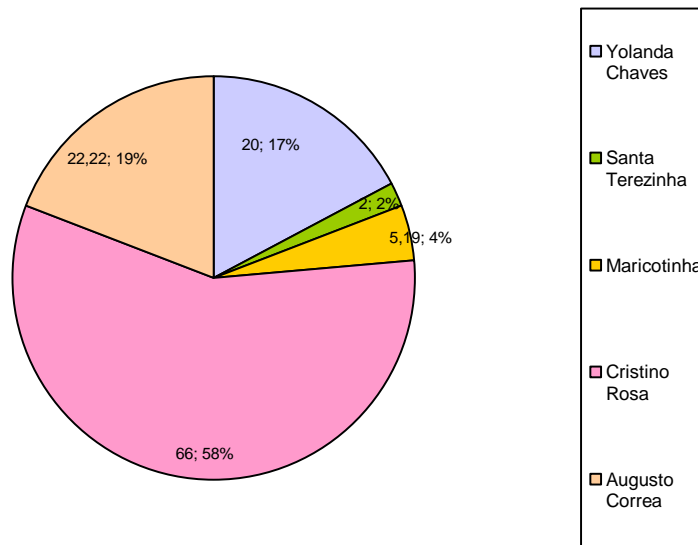
Esse trabalho foi desenvolvido em seis escolas que margeiam o rio, das quais foi retirado o perfil de cada criança das turmas de primeira série, logo em seguida foram

realizadas palestras sobre meio ambiente e conscientização sobre o rio cereja mostrando a importância do mesmo e sua forma de preservação.

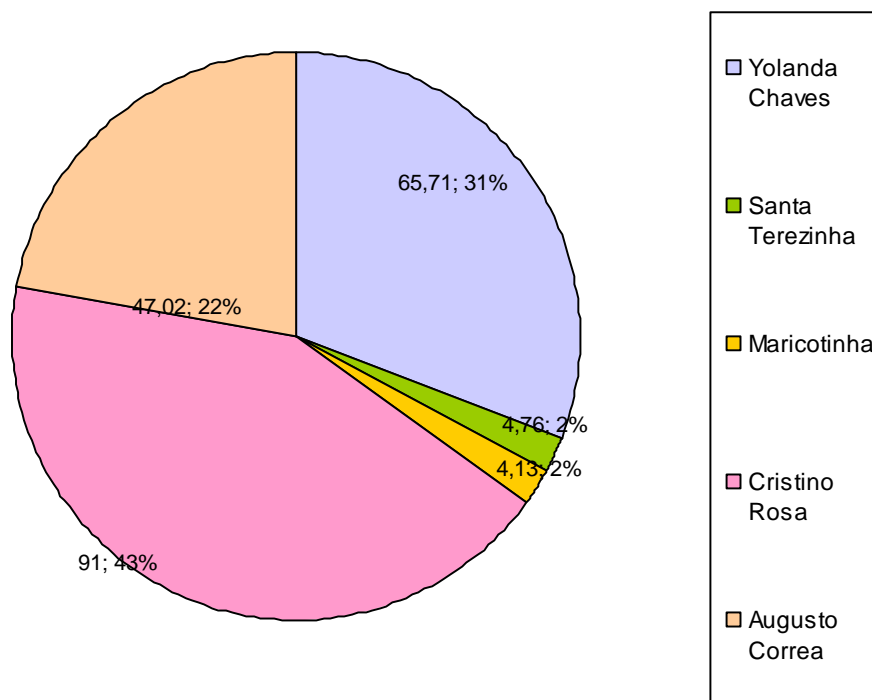
O objetivo é que essas crianças Possam mostra a esse mundo cheio de destruições que é possível inverte esta situação, porque o ser humano deve cuida do seu meio ambiente para nele desenvolver beneficios para a sua vida.

## RESULTADOS OBTIDOS

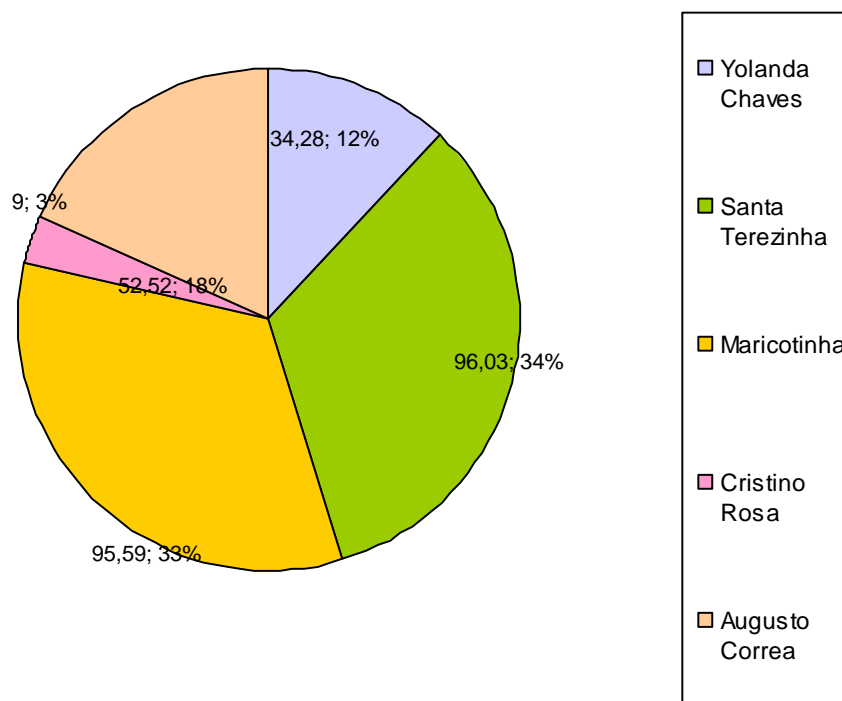
### ALUNOS QUE TOMAM BANHO NO RIO



### ALUNOS QUE MORAM PRÓXIMO AO RIO



## ALUNOS QUE NÃO MORAM PRÓXIMO AO RIO



## CONCLUSÃO

Os resultados obtidos foram os melhores possíveis, pois as crianças estão passando para os seus pais, colegas, e vizinhos o que aprenderam com as palestras, mostrando que são a base para um futuro melhor estando esclarecidos sobre a importância da recuperação do rio cereja.

Considerando o aluno um ser pensante, com idéias próprias, visões de mundiversificadas, enfim, posto da perspectiva de que o educando também é sujeito do conhecimento, seja estes construído, criados, tecido, apreendido ou aprendido. (REIGOTA, 2001)

Qualquer educando, seja ele qual for sua função na área deve- se ter direito de voz em meio à sociedade porque desde o início dos tempos modernos sabemos que existem os direitos e deveres dos seres humanos habitantes do meio ambiente, construindo idéias para a melhoria deste meio tendo todo direito de ser considerado um ser pensante.

A escola é um espaço definido e significativo onde profissionais necessitam de mudanças. É nesse sentido de que a perspectiva de se trabalhar meio ambiente partindo da representação social do aluno pode ser um bom começo para a introdução da temática ou para o aprofundamento do assunto, ou mesmo para a resolução de problemas ambientais locais.

É preciso fazer com que a sociedade se engaje, acompanhe, fiscalize e cobre a execução permanente de programas integrados à conservação ambiental, para que a despoluição do Rio Cereja ganhe característica de cidadania.

Para isso, seria necessário maior empenho e respeito com meio ambiente, pois o dever de preservar o meio em que se vive, trás como fonte à população e as crianças, pois assim estará colaborando com o bem – estar de todos. É dever de cada um lutar por seus direitos e saber quais são as suas obrigações, tudo isso com o objetivo de construir boas escolas capazes de formar bons cidadãos, por isso, alunos representantes das crianças e da população, deixam o alerta de que o futuro do planeta está em suas mãos. Por isso deve-se lutar pela recuperação do meio ambiente e pelos recursos hídricos, isso depende principalmente das crianças, por serem à base da educação e o alicerce para um futuro melhor, pois só a esperança não basta, é preciso ter consciência.

#### BIBLIOGRAFIA

MMA (2003) Conferência Nacional do Meio Ambiente – Conferência Infanto-Juvenil para o Meio Ambiente. *Deliberações*.

PHELIPPE, Pomier Layrargues (coord.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira/Ministério do Meio Ambiente*. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília-2004. 156p.

REIGOTA, Marcos. *Verde Cotidiano o Meio Ambiente em Discussão*. 2.ed. DP&A, Brasil 2001.

RIBEIRO, Maria Luiza T. Borges(org).*Observando o Tietê*.São Paulo- SP, Fundação SOS Mata Atlântica. 111p.

## **O planejamento ambiental através da prática do turismo e a integração da comunidade no processo de planejamento**

---

*Josiel Rodrigues Guedes (josiel.guedes@click21.com.br)*  
*Liliane Carrera Barbosa(lilianecarrera@yahoo.com.br)*

Universidade Federal do Pará

Área temática: MEIO AMBIENTE

*RESUMO: O artigo propõe a discussão dos vários aspectos relacionados ao planejamento sustentável do turismo, trabalhando de que forma esse planejamento é ou não realizado e quais os benefícios e implicações decorrentes de sua implantação.*

*Palavras Chave: Planejamento, meio ambiente, comunidade.*

O turismo é uma atividade que tem ganhado grande força e se mostra a todos como um segmento que mais cresce atualmente. Apesar de o conhecimento científico próprio da atividade ser pouco difundido, a apropriação do conhecimento de outras áreas torna o turismo passível de ser discutido em âmbito acadêmico. A implantação do turismo em áreas naturais passa por questões como os impactos causados na comunidade onde é implantado, envolvendo então uma série de conflitos de interesse.

O modelo de planejamento da Amazônia está pautado nas exigências do grande capital e isso diverge dos modelos apresentados por Molina, segundo ele existem três esferas no planejamento que são o racional o participativo e o transacional, a participação da comunidade está presente nos dois últimos modelos, a sustentabilidade está diretamente ligada a essa participação.

Nos projetos apresentados como modelos adotados para a Amazônia, não se leva em consideração a responsabilidade ambiental fazendo com que muitos impactos sejam causados em detrimento dos interesses capitalistas do grande capital.

O processo de atração dos empreendimentos para a Amazônia também refletem um planejamento que destina grande monta de recursos e incentivos sem mesmo considerar os custos ambientais desse processo.

O capital investido não tem grande relevância já que é subsidiado por políticas de incentivos que cobrem parte dos gastos, Esse descompromisso faz com que muitos dos projetos não sejam implementados, e se forem, sem a menor observância as questões e demandas da sociedade local.

O planejamento requer utilização racional dos recursos, com menor tempo possível e os melhores resultados dentro dos recursos disponíveis. Um fator muito importante é a participação da comunidade no processo decisório.



A perpetuação de modelos de planejamento incorretos decorre da preservação de uma estrutura política e econômica que privilegia os interesses das elites e do grande capital. O rompimento com esse universo de alienação poderá ser realizado com a conscientização dos planejadores de que a tomada de decisão necessariamente deve passar pela comunidade envolvida. Assim planejamento é um instrumento com o qual uma determinada realidade pode ser modificada ou permanecer constante conforme os interesses envolvidos. Segundo Ruschmann (1997, p. 83) planejamento é criar condições favoráveis para que determinados objetivos sejam atendidos ou alcançados. Para que ele ocorra é necessário que o planejador reúna condições técnicas, além de ser um excelente conciliador para resolver os problemas dos envolvidos no processo.

A relação entre o homem e a natureza passa por toda a relação do comportamento na sociedade. O planejamento sustentável requer do homem a discussão de como está sendo feita essa inserção no meio natural, o homem passa a se questionar se as ações de agora irão causar um impacto maléfico no futuro, no entanto essa preocupação apenas esconde o medo com o presente que já vem sendo afetado de alguma forma por essa relação homem x natureza.

O rompimento com essa estrutura de planejamento voltada apenas para o crescimento econômico faz-se necessário, tornando-se uma exigência do mercado e da sociedade, o empreendedorismo já atrai o interesse de muitas organizações, então a questão do desenvolvimento sustentável deixa de ser apenas uma questão de responsabilidade social e passa a ser uma questão de sobrevivência no mercado.

Dentre as opções para exploração econômica dos recursos naturais está o turismo, que requer o enfoque tanto da vertente econômica como da social e ambiental. O planejamento sustentável apresenta diretrizes para que o turismo não obtenha apenas um crescimento, mas sim um desenvolvimento, impulsionando a economia e distribuindo o desenvolvimento por todos os setores envolvidos.

A inserção da comunidade no processo do planejamento pressupõe maior autonomia de decisão e maior descentralização do poder. É preciso que o planejamento participativo e transacional (MOLINA, 2001) sejam conduzidos de modo que dentro das comunidades não sejam atendidos somente os interesses de uma minoria justamente aquela detentora do conhecimento e participante do processo político que envolve o planejamento.

O modelo de planejamento adotado para a Amazônia seguidos de vários planos, levaram em consideração apenas o crescimento econômico, dentro desses modelos sempre o grande capital ainda hoje é privilegiado. As políticas de infra-estrutura apesar de beneficiarem uma parte da população, são voltadas para atender as necessidades empresariais.

O turismo se bem planejado, e isso significa uma base teórica e técnica do planejador, pode se tornar um importante instrumento de gestão sustentável, pois é capaz de inserir a comunidade na atividade econômica e ao mesmo tempo fazer dessa, agente de preservação do patrimônio, na medida em que ela se considera realmente beneficiada pela ação de preservar.

Como já citado anteriormente essa inserção da comunidade através do turismo pode ser feita em dois modelos de planejamento, o modelo participativo que trabalha a inserção da comunidade no processo decisório onde as decisões são tomadas por representantes dentro de um planejamento pré-determinado e o transacional de fora para dentro. No modelo transacional o processo de participação é semelhante com a diferença que é a comunidade quem decide os rumos do planejamento partindo de dentro para fora.

Por receber intensa cobertura da mídia e se destacar no mercado o setor de turismo tem atraído tanto a atenção do setor privado por motivos econômicos, quanto do setor público por se constituir em um instrumento de promoção política. O papel da mídia na divulgação desse turismo como uma atividade com grande potencial é evidente, e isso é importante para o crescimento do mercado, no entanto essa euforia de crescimento e busca de um retorno a curto prazo e essa divulgação prematura ou com fins diversos pode causar sérios problemas uma vez que o turismo como qualquer outra atividade necessita de planejadores capazes de pensar a longo prazo.

O planejamento é fundamental para o desenvolvimento do turismo, destacando a diferença que deve ser atribuída a crescimento e a desenvolvimento, sendo este último justamente a busca por um planejamento sustentável. O turismo como outras atividades também causa alterações espaciais, culturais e ambientais, a atividade também é passível de se tornar um enclave, que nada mais é do que o atendimento dos interesses econômicos do grande capital.

Segundo Quaresma (2006) o turismo deve ser uma atividade complementar a outras do setor econômico, justamente pelo seu caráter sazonal, tornando-se uma atividade de risco para economias que dependem unicamente dessa atividade, a não ser que exista um planejamento para que isso ocorra.

Esta estrutura de planejamento do turismo está diretamente ligada a vários aspectos sociais, culturais, políticos e ambientais, está nas mãos do planejador fazer a inter-relação dos meios para alcançar a sustentabilidade. O processo de planejamento do turismo que em sua composição já é uma atividade multidisciplinar requer uma gama de informações para que ocorra de forma satisfatória.

É importante ressaltar que essa sustentabilidade não significa conservadorismo, a exploração sempre esteve presente em todas as sociedades e a preocupação econômica é pilar da sociedade capitalista, o que se busca é o uso racional dos recursos buscando alternativas para que essa exploração não cause somente impactos negativos.

O eco-empendedorismo torna-se uma alternativa para essa exploração, principalmente quando se trata de integrar o planejamento ambiental com o econômico. O planejamento torna-se uma ferramenta para a integração entre os vários aspectos ligados a cultura, política e meio ambiente, a integração multidisciplinar do turismo necessita do planejamento para alcançar a racionalidade e o desenvolvimento sustentável.

O processo de planejamento é importante para possibilitar uma visão sistêmica e holística do fenômeno turístico. Com a integração entre os vários setores é possível a previsão de problemas, gerando um aprendizado entre setores.

O turismo possui um caráter multidisciplinar, para Molina (1997) as várias disciplinas devem se adequar à especificidade do turismo, para ele o enfoque setorial dado ao planejamento não permite a integração entre fatores culturais, políticas, sócio-ambientais entre outros. A essa forma de planejar são agregadas algumas desvantagens, como a geração de empregos instáveis, choque cultural, e dependência do país receptor em relação aos países que emitem turistas. (MOLINA, 1997).

O papel do planejador é fazer o melhor no menor tempo possível, existe uma semelhança muito afim no processo de planejamento empresarial e acadêmico, em ambos o planejador tanto empresário quanto pesquisador, busca alcançar objetivos que a uma primeira análise podem parecer inalcançáveis. No âmbito acadêmico a situação atual do pesquisador como intelectual alheio as cobranças da instituição que tem o tempo como fator a seu dispor está a iminência de ser finda.

O mercado acadêmico também exige um grau de profissionalismo tanto quanto o empresarial e dentre tantas questões a concorrência está presente. O pesquisador empreendedor é um profissional que se utiliza de elementos tanto do mercado quanto do meio acadêmico.

A ausência de metas definidas e de um comportamento mais agressivo em relação a busca do conhecimento e da transformação desse conhecimento em alternativas práticas, ou seja, ausência de integração universidade-comunidade é que transforma o planejador e as instituições principalmente da região norte em meras reprodutoras da estrutura atual de planejamento baseado em políticas vindas de fora da região e que não se adaptam a realidade local. Esses modelos geralmente seguem interesses econômicos, que se sobrepõe aos modelos

de sustentabilidade, os quais geram mudança de comportamento, privilegiando o uso racional em detrimento do consumismo, base motora do grande capital.

Existem modelos que surgem para tentar a aplicação da sustentabilidade, é o caso do turismo de base local, no qual a comunidade decide quais os passos a serem tomados em relação ao seu desenvolvimento. Com a adoção da integração entre a comunidade e os setores diversos da economia, ligando o turismo ao conceito de sustentabilidade, adotando medidas de prevenção a implantação da atividade o planejamento se transforma em uma ferramenta de desenvolvimento da cultura, da auto estima e de criação de metodologias de planejamento pelo próprio povo, se caracterizando realmente como planejamento sustentável, mas isso só será possível com o rompimento da atual estrutura de planejamento e os planejadores se tornarem empreendedores sustentáveis.

A valorização dos ambientes, assim como a cultura e o conhecimento da população, que é a alma do lugar são de extrema importância para o turismo apesar de poucos se darem conta disso (YASIGI, 2003).

Neste contexto surgem algumas políticas voltadas para a implementação do turismo, apesar de que segundo Yasigi (2003) o que ocorre é apenas a adequação a um turismo que já vem sendo praticado, o qual o mesmo o define como turismo obrigatório.

Surgem iniciativas públicas, como exemplo, a criação de reservas ao meio ambiente, parques nacionais e reservas biológicas extrativistas, essas são apenas algumas das medidas adotadas para a preservação do meio ambiente. No entanto, como já mencionado anteriormente, o turismo necessita de determinada infra-estrutura para que possa se desenvolver, e muitas vezes os projetos são levados a funcionar mesmo sem um planejamento adequado, o que pode acarretar em muitos casos, segregação social da população tradicional e uso inadequado de recursos naturais e patrimoniais.

## O TURISMO COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO SÓCIO-CULTURAL E AMBIENTAL.

O turismo é uma importante ferramenta para o manejo correto de muitas áreas de preservação ambiental no país, se elaborado de forma adequada pode ser uma importante meio de inclusão da comunidade no contexto econômico.

Há muito tempo os estudiosos preferiam que os artefatos arqueológicos ficassem nos museus para que fossem preservados, no entanto hoje surge um novo conceito que são os lugares da memória onde os artefatos são mantidos em seu local de origem onde foram encontrados, e nos quais eram utilizados, preservando também o modo de vida das populações e permitindo uma visita turística agregando um valor maior ao produto turístico, pois

possibilita ao turista uma integração maior com o meio ambiente e faz com que suas percepções sejam aguçadas. Todos esses diferenciais exigem do turismo arqueológico como de qualquer outro produto uma visão abrangente do contexto social, um olhar multidisciplinar possibilitando uma antecipação do futuro, que se materializa no planejamento e na formação de cenários.

A inserção do homem no meio ambiente causa uma série de alterações que são passíveis de serem minimizadas se anteriormente houver um planejamento, que possibilite o estudo integral do meio.

Os impactos causados pela atividade de visitação ao meio ocorre em vários aspectos como, por exemplo, na paisagem, na vegetação, nos sítios arqueológicos e minerais. A presença do turismo gera a entre outros fatores a pressão imobiliária com a área sendo ocupada por casas de campo tornando-se segunda residência para os indivíduos da cidade e afastando o nativo para periferia ou áreas menos favorecidas, também ocorrendo o aumento da quantidade de lixo e outros fatores que alteram a paisagem.

Outro impacto causado pela atividade está relacionado à abertura de vias de acesso que já na sua concepção causa grande impacto, além atuar como limitante ou barreira para a fauna e flora, a abertura de vias também facilita a urbanização nas suas áreas de influência.

Os estudos das questões ligadas ao clima, relevo, geomorfologia, espeleologia, recursos hídricos, resíduos sólidos, arqueologia, além de aspectos culturais e da organização social e política, no caso das unidades de conservação, a questão da disputa entre a população tradicional, grileiros e latifundiários, assim como aspectos da vida da população, infraestrutura de serviços, aspectos jurídicos e institucionais, são primordiais para que o turismo se desenvolva de forma a causar o menor impacto possível.

A relação entre as mais diversas variáveis é que dará subsídio para que o planejador possa integrar as políticas públicas as necessidades da população e do meio ambiente. Dessa maneira conhecendo-se não apenas os técnicos, mais os sociais é que se podem formular diretrizes capazes de ter uma visão holística, partindo da investigação dos aspectos gerias para dar solução aos pontos regionais específicos, como a inserção do turismo em sítios arqueológicos como fator de desenvolvimento do turismo sustentável.

Destaca-se então a importância do profissional obter uma formação empreendedora, e multidisciplinar, não apenas para a construção de negócios sustentáveis, mais principalmente para criação de novos conhecimentos, de iniciativas que inovem a maneira de gestão dos recursos naturais e de serviços que agreguem valor a comunidade e causem uma mudança social, espera-se para melhor, o grande objetivo é criar mecanismos de desenvolvimento que

melhorem a vida e auto-estima da população, para que isso ocorra é necessário ousar buscar novos caminhos de desenvolvimento, arriscar ser o primeiro enxergando, principalmente em outras áreas do conhecimento subsídios para crescimento da sua área, que nada mais é do que trazer desenvolvimento para outras pessoas, para que essas possam trazer na relação ao meio ambiente uma atitude segundo Foladori e Taks (2004), nunca antes experimentada em nenhuma civilização, mesmo pré-industrial, que é a de harmonia com a natureza, no entanto não impossível de ser realizada.

## BIBLIOGRAFIA

- BOO, Elizabeth. *Ecoturismo: potenciales e escollos*. Lancaster-Pennsylvania: wwf-Washington, 1990.
- BOULLON, Roberto. *Planificación Del Espacio Turístico*. México: Trillas, 1986.
- BRANCO, S. Murgel. *O desafio Amazônico*. Edição revisada e ampliada. São Paulo: moderna, 1995. (Coleção Polêmica).
- DUTRA, M.J.S. *A natureza na tv*. Belém: NAEA-UFPA, 2005.
- FIGUEIREDO, S.L. *Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia*. Belém: NAEA-UFPA, 1999.
- FIGUEIREDO, S.L. Ensaio sobre a viagem. In: MIGUEL, Bahl (org). *Turismo enfoques teóricos e práticos*. (S.l): Rocca, 2003, p. 93-119.
- FIGUEIREDO, S.L et al. Estudos de Planejamento Turístico do Parque da Serra das Andorinhas-PA. Belém, 2004. Trabalho inédito.
- FOLADORI, Guillermo; TAKS, Javier. *Um olhar antropológico sobre a questão ambiental*. Mana. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 323-348, out/2004.
- HALL, A.L. *Amazônia: desenvolvimento pra quem?* RJ, Zahar, Sd.
- LINDBERG, K.; HANKINS, D.E. (Org). *Ecoturismo um guia para planejamento e gestão*. 4. ed. São Paulo: Senac, 2002.
- MITRAUD, S (org). *Manual do ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento responsável*. Brasília: wwf-Brasil, 2003.
- MOLINA, S. *Turismo, metodologia e planejamento*. Bauru-SP, Edusc, 2005.
- RUSCHMANN, D.V.M. *Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente*. Campinas-SP, Papirus, 1997 (coleção turis).

## **Projeto Biomet: biometeorologia da malária em Cotijuba-PA**

---

*João Batista Miranda Ribeiro  
Venize Assunção Teixeira  
Lourival Gomes da Silva  
Renata Kelen Cardoso Câmara*  
Universidade Federal do Pará

Área temática: MEIO AMBIENTE E SAÚDE

### INTRODUÇÃO

A malária é uma doença infecciosa, febril aguda causada por um protozoário unicelular do gênero *Plasmódio*, que ao se reproduzir destrói os glóbulos vermelhos do sangue, tornando as pessoas anêmicas. Sua transmissão acontece quando a fêmea do mosquito do gênero *anopheles*, infectada pelo protozoário, pica uma pessoa sadia. Apesar de não ser contagiosa, a malária, é responsável por matar 1,5 milhões de pessoas por ano em todo mundo. Cerca de 40% da população mundial, vive em área de risco e estudos comprovam que, com o aquecimento global, esse número só tende a aumentar.

Cotijuba também se destaca por seus elevados índices de malária, que entre 2001 e 2005 totalizaram 1082 casos, cerca de 54% da população. Os casos notificados (indivíduos identificados na própria unidade de saúde local) e procedentes (indivíduos identificados também na ilha mais àqueles identificados em outro local) assumem picos justamente quando ocorrem os indicies de precipitação mensal.

As regiões temperadas apresentam surtos instáveis de malária, por causa dos invernos longos e do clima frio em geral, em que apenas o *Plasmodium vivax* é capaz de sobreviver. A influência da temperatura na transmissão da malária é muito grande por influir sobre a fisiologia dos insetos.

Nas regiões equatoriais, onde as condições climáticas são relativamente estáveis, a transmissão da malária é permanente. A intensidade com que se propaga a infecção é elevadas. Nas regiões tropicais, havendo alternância de uma estação chuvosa e outra seca, mesmo permanecendo elevada a temperatura, a falta de umidade reduz temporariamente a população de anofelinos mais capazes. A doença adquire um ritmo estacional, relacionado com as chuvas e umidade atmosférica, ainda que possa ocorrer durante todo o ano (Santos, 2002).

FIGURA 1  
Distribuição da Malária no globo  
Fonte: <http://www.who.int/tdr/diseases/malaria/diseaseinfo.htm>



Os principais mecanismo que determinam o regime pluvial na região resultam da combinação ou atuação predominante da Zona de Convergência Intertropical, das brisas marítimas, da fonte de vapor representada pela floresta amazônica e pela atuação das Cordilheiras dos Andes. As precipitações são predominantemente convectivas (Viannelo & Alves, 2000).

Um dos enfoques desse estudo é a influência do fenômeno El Niño na variação pluviométrica e nos índices de malária. De todas as variáveis climatológicas, a precipitação é reconhecida como a variável mais importante na região tropical (Moraes *et al*, 2005). Em virtude disso, foi selecionada a ilha de Cotijuba-PA com condição ambiental propícia à disseminação da malária.

#### METODOLOGIA

A Ilha de Cotijuba possui 2000 habitantes e localiza-se na região norte do Pará, na latitude de 01° 15,58`S e longitude de 48°33,61`W, integrando a região metropolitana de Belém, com altas taxas de umidade relativa, e elevadas temperaturas e cotas pluviométricas. Sua população é muito flutuante, especialmente nos fins de semana, férias e feriados.

Para realização dessa pesquisa, foi feito um levantamento sobre o número de casos de malária em Cotijuba, através da aplicação de questionários epidemiológicos. Utilizamos também os dados fornecidos pela SESMA (Secretaria de Estado de Saúde e meio ambiente) e os cruzamos com os dados adquiridos através da aplicação dos questionários epidemiológicos. Foram visitadas 125 casas, nos anos de 2004 e 2005, tendo sido aplicado em cada residência um questionário que continha informações referentes ao número de crianças e adultos residentes no local, o número de pessoas infectadas pelo plasmódio da malária, o tipo de



plasmódio responsável pela infecção e o ano em que esta infecção foi diagnosticada. Além destas outras informações, como o meio de prevenção adotada pelos moradores do local, e a existência de locais, próximos da residência, que apresentam água parada. Foram coletados, também, dados de precipitação e temperatura, referentes à ilha de Tatuoca, por ser, mas próxima de Cotijuba do que Belém.

Foram utilizados dois aparelhos GPS (Global Position System) modelo Garmim, para demarcar a localização geográfica dos pontos de coletas dos dados.

As informações obtidas através do questionário, foram organizadas em uma planilha no Excel. Utilizando essa planilha foi possível fazer um mapa digital, com o auxílio do software SPRING, onde foram plotadas todas as localizações geográficas referentes a cada casa visitada. Todas as casas que apresentaram casos de malária foram representadas no mapa por um ponto vermelho, já todas as casas que não apresentaram casos de malária, foram representadas no mapa por um ponto azul. Além disso, sobre cada ponto foi criado um atalho, onde é possível visualizar todas as informações obtidas, com os questionários epidemiológicos, referentes ao ponto selecionado.

Os dados meteorológicos utilizados neste estudo, limitam-se aos totais mensais de precipitações, temperatura e umidade relativa do ar de 2000 a 2005.

O estudo foi realizado através de levantamento de dados de malária e precipitação, classificados como locais de risco e localizados na ilha de Cotijuba-PA. A seleção de Cotijuba-Pa baseia-se na classificação epidemiológica do Índice Parasitário Anual – IPA (total de exames positivos notificados, dividido pelo total da população estimada por município ou pelo Estado como um todo para um determinado ano, multiplicado por mil):

$$IPA = \left( \frac{\text{Número de exames positivos notificados}}{\text{população total estimada do ano em uma região}} \right) 1000$$

De acordo com valor do IPA, temos um critério de classificação (Couto, 2002):

TABELA 1  
Estratificação epidemiológica da área malárica de acordo com IPA

<b>Classificação da área</b>	<b>Valor do IPA</b>
Área de alto risco	IPA ≥ 50
Áreas de Médio Risco	IPA >10 < 50
Áreas sem Risco	IPA < 1

Fonte: FUNASA, 2001.

Parte-se da hipótese que os casos de malária apresentem uma correlação com os índices pluviométricos da localidade em estudo.

Os dados são provenientes do Sistema de Informação sobre Malária (SISMAL) e Sistema de Informação Epidemiológica /Malária (SIVEP), ambos do SIAB – Sistema de Informação Básica, referentes ao anos de 1970 a 2005, através da análise de indicador malariométrico (IPA- Incidência Parasitária Anual). Os dados da IPA serão agrupados anualmente e serão correlacionados com o índice pluviométrico anual de cada município, observando também o comportamento da IPA nos anos de ocorrência El Niño e La Nina.

Será utilizado uma série de 35 anos de dados de estações pluviométricas localizadas nos municípios selecionados ou próximo deles, fornecidos pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) e Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), que possuem estações climatológicas dispersas pelo Estado do Pará (Moraes et al., 2005).

Abaixo descreve-se as características principais de cada um deles, nas quais consideramos que as condições econômicas de desenvolvimento e população são elementos importantes no estudo.

FIGURA 2  
Classificação das áreas de risco para malária,  
segundo a incidência parasitária anual (IPA) e o local provável de infecção. Brasil, 2000.



Fonte: FUNASA, 2001.

## RESULTADOS

### Relação da temperatura e umidade com a malária durante as campanhas

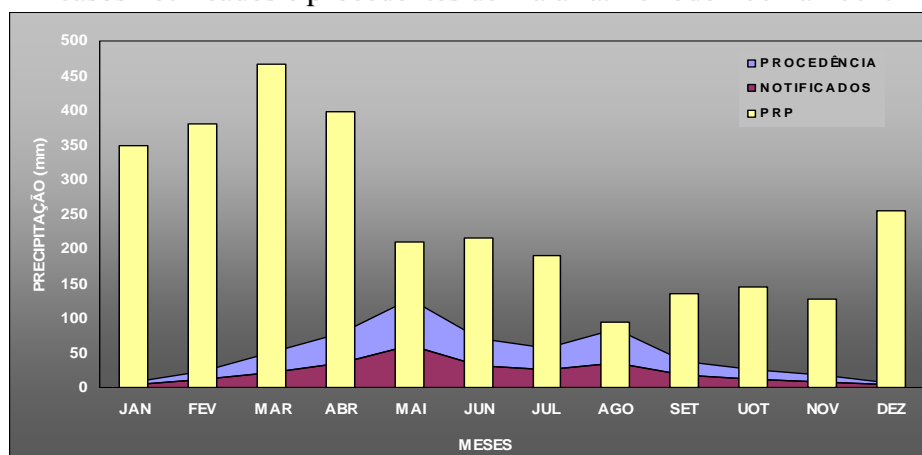
A malária, dentre as doenças tropicais, é a que se apresenta, mais suscetível às variações climáticas. Pesquisas mostram que, para que o mosquito transmissor da malária possa transmitir a doença com maior eficiência, a temperatura deve variar de 20°C a 33°C, sendo o ideal 30°C, a umidade relativa deve ser acima de 60% aproximadamente. O ar seco diminui o período de vida do mosquito.

A temperatura do ar média foi de 26,7°C e apresentou oscilação entre 27,4°C a 26,5°C para todo o período estudado, isto é; manteve-se dentro das condições ideais de temperatura para o desenvolvimento do mosquito transmissor da malária. A umidade relativa média foi de 83%, ou seja, mantendo-se dentro da faixa ideal de umidade (acima dos 60%), e oscilou entre 54 a 100%.

### Relação entre a precipitação e a malária durante a campanha.

Segundo estudos atuais, a chuva tem se mostrado como o parâmetro meteorológico que, mas influencia na proliferação da malária. Afinal, para que o mosquito possa se reproduzir, ele precisa depositar seus ovos em água parada e relativamente limpa, o que se observa é que nos períodos onde há abundância de chuva, a um aumento no número de casos de malária. Geralmente, isso ocorre devido ao aumento do número de coleções hídricas. Porém, chuvas pesadas podem arrastar os mosquitos para locais inadequados, destruindo os criadouros e resultando, muitas vezes, em um conseqüente declínio da incidência da malária. Na região tropical ela apresenta uma transmissão sazonal. Para se obter uma melhor análise da influência da chuva sobre os casos de malária, foram coletados dados, na SESMA e no INMET, equivalentes aos anos de 2001 a 2004. (Figura 2)

FIGURA 3  
Médias mensais de precipitação,  
casos notificados e procedentes de malária. Período 2001 a 2004.



Fonte: SESMA e INEMET.

Na Figura 3, pode se verificar que no período chuvoso (dezembro a maio) o índice de casos de malária sofreu um aumento gradativo, tendo alcançado seu nível mais alto no mês de maio, ou seja, até o início do período seco, observou-se que o número de casos de malária apresentou um crescimento quase que constante, só apresentando redução após o início do período seco (junho a novembro).

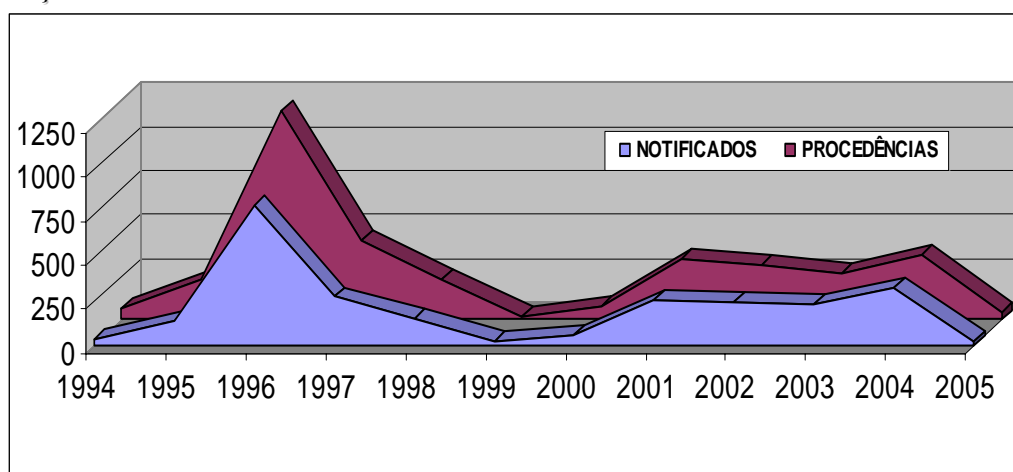
Foram realizadas coletas na ilha de Tatuoca, no período de junho a dezembro de 2005. Dentro dos seis meses analisados, foi possível verificar que o mês de dezembro foi onde a precipitação apresentou um nível mais elevado, 394 mm, tendo ocorrido no mês de novembro, o nível mais baixo, 3,4 mm. Em média, nos seis meses pesquisados, foi possível a verificação de chuva em 13 dias do mês.

### Relação entre ENSO e a incidência de malária entre 1994 e 2005 na ilha de Cotijuba.

Como foi verificado em estudos anteriores, o levantamento estatístico realizado no período de 1994 a 2002, mostrou a evolução temporal do número de casos de malária, esse período foi ampliando de 1994 a 2005, sendo os notificados os moradores da ilha com a doença, que foram identificados na própria unidade de saúde local e as procedências são os moradores identificados também na ilha mais àqueles identificados em outro local. Além da campanha de coleta de dados também houve uma campanha de conscientização e alerta aos moradores sobre métodos de prevenção e identificação de criadouros.

FIGURA 4

Distribuição anual total do número de casos de malária de 1994 até 2005 na ilha de Cotijuba.



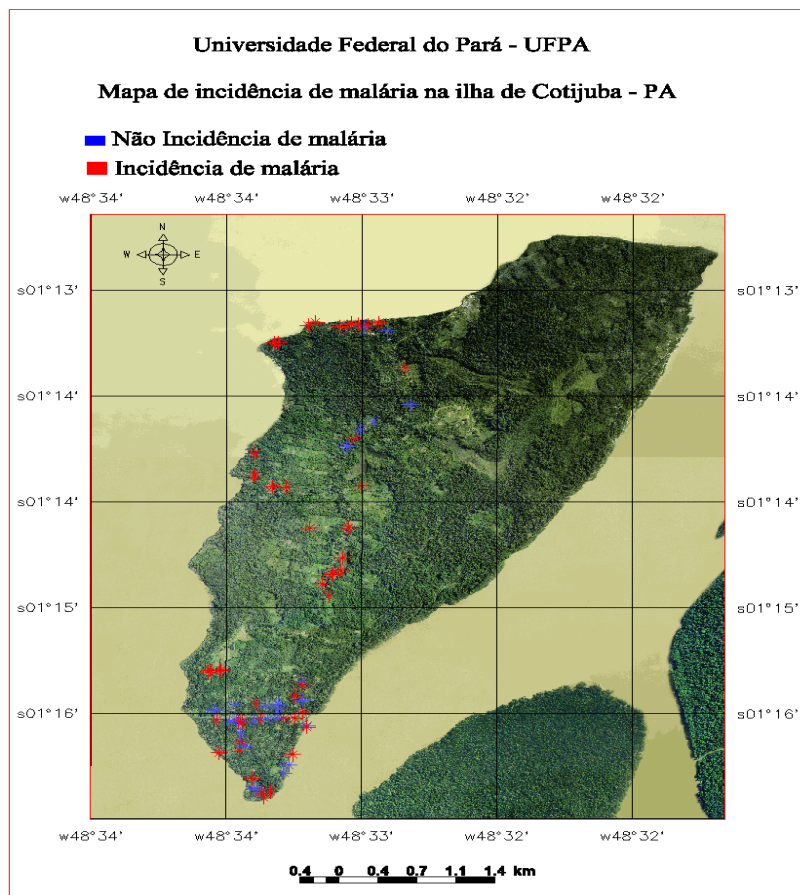
Conforme a Figura 4, observa-se um número elevado de casos notificados em 1996, em torno de 795. Esse número é ainda maior considerando as procedências (1193 casos). Isso pode estar associado ao fenômeno La Niña que foi observado desde outubro de 1995 até abril de 1997 (Climanálise, 1995-1997). Esse fenômeno atua no tempo atmosférico aumentando

consideravelmente as chuvas da região amazônica, contribuindo naturalmente para o aumento da incidência da malária, por aumentar as coleções hídricas.

A partir de 1997 ocorre um decréscimo gradual até 1999, ano em que ocorreu somente 20 casos notificados e 22 procedências. Vale ressaltar que ocorreu um episódio intenso do fenômeno El Niño de 1997-1998 (Climanálise, 1997-1998). Ao contrário da La Niña, esse sistema atmosférico diminui as chuvas na região, contribuindo para a diminuição da população do mosquito, porém o menor número de casos observado só ocorreu em 1999. O aumento verificado de 2000 a 2001, pode ser explicado, quando se observa que passado o efeito do fenômeno El Niño, o nível pluviométrico volta ao seu estado normal, tendo sido verificado também, que só a partir de 2001 as ações em busca de diminuir os casos de malária, por parte dos agentes de saúde, se tornaram mais intensas.

Verifica-se ligeiro declínio de 2001 a 2003 no número de casos de malária, tanto os casos notificados quanto os procedentes, e apesar do aumento sofrido no ano de 2004, o que observamos é que desde 2001 os casos de malária vêm sofrendo um decréscimo que, aparentemente, parece ser contínuo nos próximos anos.

FIGURA 5  
Mapa digitalizado da ilha de Cotijuba-PA,  
representativo da distribuição de incidência de malária na ilha de Cotijuba.



Na Figura 5, foram plotados 92 pontos. Cada ponto referente a uma residência visitada na ilha de Cotijuba, nos anos de 2004 e 2005. Pode-se observar que a maioria das casas visitadas apresentou casos de malária, para ser mais exata, 67 casas tiveram respostas positivas quando perguntadas se houve ou não casos de malária na residência, ou seja, mais de 50%. Sendo nas regiões da Praia Funda, da praia do Vai-quem-quer e na rua Magalhães barata, os locais onde a incidência de malária foi constatada em quase 100% das casas visitadas. Isso pode ser explicado quando se verifica que estes são locais onde existem maiores condições para a proliferação do mosquito anofeles. Devido apresentar um maior número de lagos, alagados, ou seja, criadouros que por estarem em mata fechada, são de difícil localização, fato que só favorece o aumento no número de casos de malária no local. As áreas onde foram aplicados os questionários, são áreas que apresentam o maior número de residências e relativamente acessíveis. Porém, o objetivo final dessa pesquisa é realizar um levantamento por toda a ilha de Cotijuba, identificando, dessa forma, todos os locais de risco. Pelo IPA, foi possível avaliar que nos anos de 2001 a 2003 a região era de alto risco, diminuindo para médio risco de 2004 a 2005, coincidindo com a instalação de sistema de energia elétrica na ilha de Cotijuba.

## CONCLUSÃO

Como foi visto a temperatura ideal para o desenvolvimento e proliferação do vetor da malária permanece entre 20 a 33°C. Através dos resultados, as condições ideais de temperatura do ar na ilha de Cotijuba se mostraram compatíveis, de um modo geral. Tendo sua temperatura média de 26,7°C.

A precipitação é um dos principais parâmetros que contribuem para a epidemia da malária, estando ela relacionada com a época do ano na região tropical. A região amazônica é caracterizada por chuvas abundantes durante o período chuvoso contribuindo fortemente para a incidência da malária. Como esperado, a incidência maior de casos de malária foi encontrada durante o final da época chuvosa até metade do período seco. Observou-se que a partir do mês de dezembro até o início do mês de maio, o número de casos de malária sofre um aumento gradativo. Declinando apenas no período seco.

A incidência da malária anual vista na figura 4, tende aparentemente a decrescer nos próximos anos. O maior pico de número de casos ocorrido em 1996 parece estar associado com a El-Niño.

Este trabalho poderá contribuir para a realização de programas de erradicação mais eficientes na ilha de Cotijuba. Sua continuidade numa escala temporal maior certamente

aperfeiçoará ainda mais o entendimento sobre a doença e suas correlações com o microclima da região amazônica. Além de ter sido possível, através do mapa digitalizado, verificar como ocorre a distribuição da malária na ilha de cotijuba, evidenciando os locais de risco. Dessa maneira fica, mas fácil, para os órgãos de saúde, localizar os focos de proliferação da doença e identificar suas causas. Podendo através disso, organizar campanhas de redução da malária e métodos de borrições, que atuem diretamente nos locais de risco, tornando as campanhas contra a malária, mas eficientes.

## BIBLIOGRAFIA

EPSTEIN, P.R. Climate and health. *Science magazine*. 2002

GAGNON, A.S.; Smoyer-Tomic, K.E.; Bush, A.B. The El Niño Southern Oscillation and malaria epidemics in South America. *International Journal of Biometeorology*. May; 46(2): 81-90. 2002.

GASH, J.H.C.; Nobre, C.; Roberts, J.M.; Victoria, R.L., ed. Amazonian Deforestation and Climate. *Chicester*, UK. John Wiley, pp 549-576, 1996.

HAY, S.I.; Cox, J.; Rogers, D.J.; Randolph, S.E.; Stern, D.I.; Shanks, G.D.; Myers, M.F.; Snow, R.W. *Climate change and the resurgence of malaria in the East African highlands*. Nature 415, 905-909. 2002.

MOTA, M.A.S.; Gusmão, R.H.P; Mascarenhas, J.P.; Linhares, A.C.; Gabbay, Y.D., *Estudo da possível correlação entre ocorrência de Infecção por rotavírus e mudanças climáticas na Amazônia*. Congresso Brasileiro de Meteorologia, Anais. Fortaleza-CE, 2004.

NEVES, J.; *Diagnóstico e Tratamento das Doenças Infecciosas e Parasitárias*, 2ª Edição, Rio de Janeiro – RJ, Editora Guanabara Koogan, 1983.

NOBRE, C.; Sellers, P.J.; Shukla, J. Amazonian deforestation and regional climate change. *Journal of Climate*, vol. 4 (10), p.957-988, 1991.

POVEDA, G., Grahan, N.E., Epstein, P.R., Rojas, W., Quiñones, M.L., Veles, I.D. & Martens P., Climate and ENSO Variabilited to Malária and Dengue Fever in Colombia. *Reunião da AMS*, 1998.

VERONESE, R.; e Focaccia, R.; *Tratado de Infectologia*, São Paulo – SP, Editora Atheneu, 1996.

## **A inclusão dos saberes da pesca no currículo da E. E. F. Domingos de Sousa Melo, na vila José Bonifácio, em Bragança-PA**

---

*Rafaela Santos Rosário (rafaped04@ig.com.br)*

*Alcides Rufino de Oliveira Neto (netinhopa@yahoo.com.br)*

*Marta do Socorro Moura da Silva (mouraped@yahoo.com.br)*

*Halana Lúcia Silva Santos (halanaped@yahoo.com.br)*

Graduanda de Pedagogia – UFPA, membro do GUEAM

*Maria de Lima Gomes (marili@ufpa.br)<sup>1</sup>*

Universidade Federal do Pará

Área temática: MEIO AMBIENTE E SAÚDE

*RESUMO: Este trabalho está sendo desenvolvido na Vila José Bonifácio, a 36 km da sede, no município de Bragança – PA, junto aos alunos da Escola Domingos de Sousa Melo. Trata-se de uma pesquisa-ação, que favorece além do conhecimento da realidade, o desenvolvimento de ações que atendam as necessidades locais. Foram aplicados na escola questionários, desenvolvido observações, realizado reuniões, palestras sobre Saberes da Pesca e outros temas pertinentes ao meio ambiente; além de dinâmicas e textos reflexivos. O projeto tem por objetivo incluir os saberes da pesca no currículo escolar, assim como, a representação das suas relações sociais com o mundo natural e como essas representações são atualizadas em sua vida cotidiana. O trabalho se inicia, portanto, com uma identificação sobre os conceitos, definições e relações de educação ambiental. Em seguida aborda o saber local como um processo de investigação e recriação em torno do conhecimento natural. O procedimento metodológico foi sem dúvida nosso grande desafio, em razão da necessidade de se utilizar informações sobre as complexas inter-relações de conhecimentos, entre comunidade – escola – ambiente, o que direcionou e nos remeteu à algumas reflexões sobre o alcance do problema e das possíveis soluções que efetivamente podem ser aplicadas junto à escola e a inclusão dos saberes da pesca.*

Palavras-chave: *Educação ambiental; saberes da pesca.*

### **1 INTRODUÇÃO**

A sustentabilidade ambiental em localidades praianas adquire um caráter de extrema importância para o entendimento dessa questão, que se manifesta no cotidiano da comunidade. Os exemplos revelados pela comunidade da Vila José Bonifácio, no que se refere ao funcionamento de apropriação, uso e gestão dos recursos naturais podem ser adotados como referência. (Diegues, 1994)

Para o entendimento da Vila José Bonifácio, Ajuruteua-PA, é importante conhecer o município, no qual está localizada, e recebe influência. Bragança é uma das cidades mais antigas do Estado do Pará, fundada em 1613, é reconhecida por suas riquezas naturais e tradições culturais.

No entanto, o acesso dos membros das comunidades praianas ao sistema formal educacional, coloca realmente a questão da aprendizagem de novos saberes, novas relações ao

---

<sup>1</sup>Pedagoga, doutoranda em Ciências da Educação na UNED, Madrid, Professora da UFPA, Campus de Bragança, Coordenadora do Grupo Unificado de Estudos de Educação Ambiental – GUEAM.



saber e novas formas de vida. Entretanto, essa assimilação é baseada em parte no saber local. É claro que uma aprendizagem prática local, baseada na interpretação do formal, informal, e do não formal é um trabalho de compreensão da vida social.

A educação ambiental é necessariamente uma forma de prática educacional sintonizada com a vida da sociedade. Ela só pode ser efetiva se todos os membros da sociedade, partirem das múltiplas tarefas de melhoria das relações das pessoas com o seu ambiente, e se conscientizarem do seu envolvimento e das suas responsabilidades.

A sociedade precisa mudar seus hábitos e atitudes, de forma a reduzir o consumo de água e energia, gerar menos lixo, etc, e isto somente irá acontecer quando esta sociedade estiver educada para transformar o atual modelo de cidades/sociedades de produção e consumo, em cidades/sociedades sustentáveis.

SACHS (1980) afirma que “trata-se de buscar soluções locais aos problemas globais, valorizando da melhor forma possível as potencialidades de cada ecossistema, os recursos específicos do mesmo e as contribuições de cada um”.

Numa visão geral, a Vila José Bonifácio vem sofrendo problemas de ordem ambiental, como queimadas, devastação do mangue e do solo e ocupação desordenada, entre outros.

A natureza pode existir sem o ser humano, porém sabemos que o homem é um fenômeno recente na evolução e depende incontestavelmente dela. No processo educativo o aprendizado envolve um trabalho de prática de todas as áreas que promovam o desenvolvimento no ser humano. Para que efetivamente a educação seja estabelecida junto aos saberes da pesca são necessárias a continuidade e a constante contribuição, interpretação e expressão da realidade.

## 2 OBJETIVO GERAL

Incluir os saberes da pesca no currículo escolar, na escola Domingos de Sousa Melo, Bragança – PA.

## 3 METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

O Estudo foi realizado na Vila José Bonifácio, na E.E.F. Domingos de Sousa Melo nas séries 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> (Modular), dentro da concepção da pesquisa-ação, que favorece o conhecimento da realidade, ao mesmo tempo que envolve a comunidade em atividades, de acordo com as necessidade constatadas (THIOLENT, 2003).

Este projeto foi executado em três momentos, são eles:

### 3. 1 CONHECIMENTO E ADAPTAÇÃO JUNTO À COMUNIDADE

- Visitas freqüentes à comunidade, entrevistas, observações e descrição relacionadas com os aspectos físicos, sociais, econômicos e biológicos da comunidade;
- Reuniões para discussão dos problemas locais e contatos informais com moradores da comunidade;
- Levantamento e diagnóstico das necessidades;

### 3. 2. ATIVIDADES TEÓRICOS-PRÁTICAS COM ALUNOS

- Dinâmicas diversificadas e textos reflexivos, envolvendo os temas propostos pela comunidade em sala de aula;
- Elaboração de textos sobre o meio ambiente;
- Atividades extra-classe: Gincana Ambiental, com tarefas lúdicas contextualizadas no meio ambiente;

### 3. 3. PALESTRAS

Essa atividade realizada na escola, foi aplicada à 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> séries do ensino fundamental (Modular), envolvendo professores, alunos e a presença da comunidade em geral. tendo como objetivo fortalecer a interação da escola e comunidade, dando a oportunidade de expressão e esclarecimento de dúvidas em relação aos problemas ambientais, assim como, socialização de resultados, palestras informativas, mesas-redondas, depoimentos de pescadores e o momento de formação de um grupo de agentes multiplicadores para atuar na escola.

## 4 RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

A Comunidade da Vila do Bonifácio, de acordo com o perfil pesquisado, é formada por 220 famílias e aproximadamente 760 moradores dentre eles crianças, jovens, adultos e idosos. Possui uma economia voltada para a prática da pesca, e o turismo.

A realidade educacional da comunidade passou por pequenas modificações, e ainda resiste o sistema modular de ensino fundamental maior. Na vila existem uma escola e uma creche. Na escola são ofertadas aulas em quatro períodos (manhã, intermediário, tarde e noite), e na creche dois turnos (manhã e tarde).

É relevante observar, que os moradores são em sua maioria do sexo masculino, são pescadores e os alunos em uma porcentagem bem significativa, são filhos de pescadores, e já ajudam seus pais na atividade pesqueira. O que também pode explicar o abandono da escola, em favor do trabalho na pesca.

FIGURA 1  
Alunos filhos de pescadores – Ano: 2006.

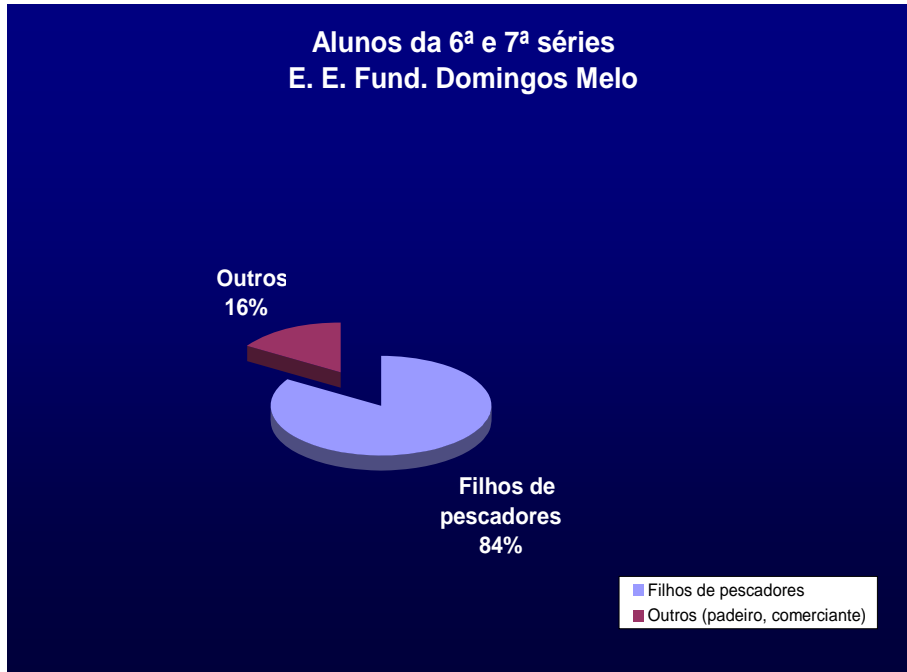
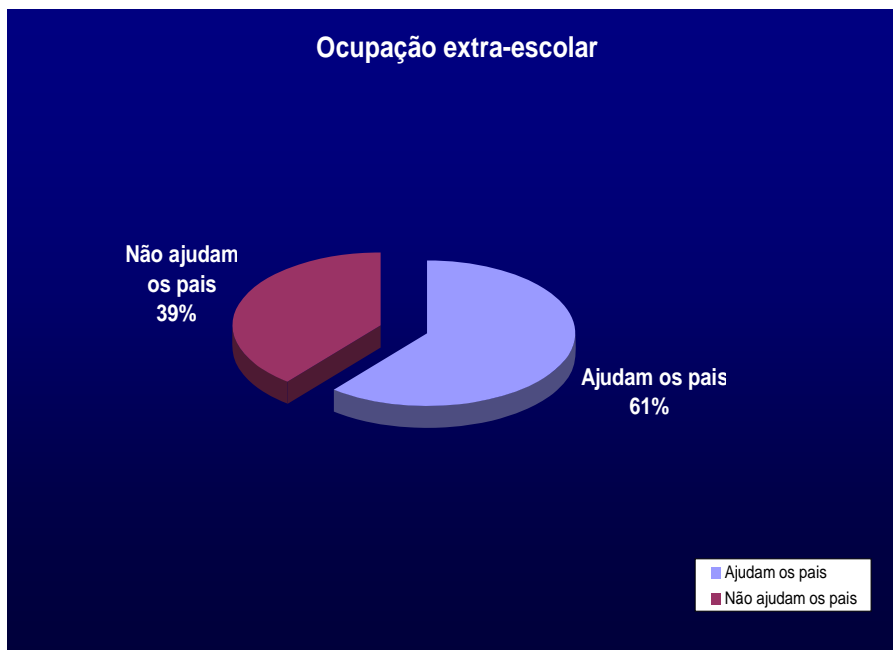


FIGURA 2  
Alunos que ajudam os pais – Ano: 2006.



Durante o levantamento do perfil dos alunos em sala de aula, foi perguntado o que os alunos achavam importante aprender na escola, foi respondido de maneiras variadas, por exemplo:

“(…) aprender a fazer contas, que ajuda na hora de vender o pescado”.

“É importante aprender sobre a pesca, porque ele falando agora e no futuro a gente pode pescar e a gente já vai saber mais ou menos como é”.

Em relação à pergunta: O que vocês entendem por Educação Ambiental? No geral, tivemos o conceito relacionado à preservação da natureza. A partir desses questionamentos ficou clara a necessidade de práticas educativas, que viessem convergir para uma melhor conscientização ambiental.

Sendo a Educação Ambiental por sua vez um processo de aprendizagem voltada para a afirmação de valores e ações que estejam a serviço da transformação humana, social, ecológica, política. Ela dá ênfase a formação de sociedade mais justa e ecologicamente equilibradas na responsabilidade coletiva e individual (LEFF, 2002).

A partir desses resultados parciais, percebe-se a importância da inclusão dos saberes relacionados à pesca, numa contextualização ambiental de sustentabilidade. O trabalho de inclusão foi desenvolvido em duas turmas da escola Domingos de Sousa Melo, tornando-se necessário a formação de um grupo de quatro alunos que seriam os agentes multiplicadores desse trabalho na escola.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados preliminares mostram que a comunidade pesquisada tem determinado suas próprias diretrizes sobre a prática da pesca, diretrizes que partem especificamente dos saberes tradicionais e de sua cultura.

A idéia para implantação desses saberes no currículo escolar deverá partir do estímulo ao compartilhamento do saber entre os jovens, escola e a comunidade. Por outro lado, essa inclusão requer uma mudança de postura da escola no processo de ensino-aprendizagem, baseada na realidade e em suas necessidades locais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIEGUES, A. C. S. Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais. São Paulo: 1994.

LEFF, Henrique. *Epistemologia Ambiental*. 2ª edição. Editora Cortez. São Paulo, 2002.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 12ª edição. Editora Cortez. São Paulo, 2003.

SACHS, I. *Ecodesarrollo: concepto, aplicación, implicaciones*. Comercio Exterior. n.30, p. 718-725. 1980.

## **Conscientização social e educação sexual para populações tradicionais da região bragantina**

---

*Sílvia Clícia Corrêa dos Santos, Graduada (silviaclicia@yahoo.com.br)*

*Danielly de Oliveira Guimarães, Mestre (danielly\_eece@yahoo.com.br)*

*Damyson Patrick Alves Ramos, Graduando (dparbio03@yahoo.com.br)*

*Adryane Gorayeb, Mestre (adryanegorayeb@yahoo.com.br)*

*Nelane do Socorro Marques da Silva, Mestre (nelane@ufpa.br)*

*Campus Universitário de Bragança/UFPA*

Área temática: MEIO AMBIENTE

Palavras-chave: *educação ambiental integrada; sexualidade; Região Bragantina.*

### **INTRODUÇÃO**

O Grupo de Atividades Integradas Ambientais (GAIA) atua em comunidades ribeirinhas da Região Bragantina desde 2005, contando com a participação de docentes e discentes do *Campus* Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará (UFPA). O GAIA trabalha com temas e metodologias que possibilitam as interações entre a equipe e o público-alvo, em especial populações tradicionais, estudantes de Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e agentes comunitários.

Dentre as temáticas exploradas durante as ações educativas, pode-se destacar o tema sexualidade, devido à sua importância no contexto de socialização dos participantes, uma vez que a maioria do público atendido constitui-se de jovens e adultos. Neste contexto, é indispensável um trabalho de conscientização junto a essa população, já que a desinformação aumenta o risco de uma gravidez precoce e indesejada e a infecção de doenças sexualmente transmissíveis (DST).

Desse modo, o presente projeto pretende desmistificar assuntos relacionados à sexualidade, superar tabus que geram ignorância e preconceito, a fim de conscientizar as populações economicamente vulneráveis da importância do planejamento familiar, da prevenção de doenças e do uso correto de métodos contraceptivos.

A partir da mudança do comportamento de jovens e adultos, pretende-se chegar à construção de uma consciência cidadã nos meios sociais mais carentes de infra-estrutura básica e educacional na Região Bragantina.

### **MATERIAIS E MÉTODOS**

Desde o ano de 2005 o GAIA desenvolve atividades educativas na comunidade do Arimbu (Figura 1), em Bragança, e em escolas públicas de Ensino Fundamental, Médio e

Educação de Jovens e Adultos – EJA (Figuras 2 e 3), localizadas nos municípios de Bragança e Santa Luzia do Pará. (Figura 4)

Os conteúdos dos cursos foram adequados à faixa etária do público atendido e às necessidades de cada comunidade, sendo desenvolvidos os seguintes temas principais:

- 1 Conceitos de sexualidade e virgindade;
- 2 Higiene íntima masculina e feminina;
- 3 Planejamento familiar;
- 4 Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST);
- 5 Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS);
- 6 Métodos contraceptivos e
- 7 Gravidez na adolescência.

As aulas são ministradas por bolsistas e voluntários do GAIA e as ações educativas são divididas em palestras e cursos de curta duração. As palestras expositivas, de 2 a 4 horas/aula, são de caráter ilustrativo e abordam os principais temas, interagindo diretamente com o público. Durante os cursos, de 20 horas/aula, as temáticas são desenvolvidas com maiores detalhes, aplicando-se dinâmicas e organizando trabalhos em grupo.

Utilizou-se como recurso didático: a) apresentações temáticas em *datashow*, b) exposições de vídeos educativos, c) *banner* ilustrando os aparelhos reprodutores masculino e feminino, d) cartilha “Saúde da Família” (Figura 5), elaborada pelo GAIA, e) próteses masculinas e modelo de aparelho reprodutor feminino, que auxiliam na demonstração do uso dos preservativos e f) preservativos masculinos e femininos que após o ensino do uso correto (Figura 6 e 7) são distribuídos para todos os participantes, no final de cada curso (Figura 8).

FIGURA 1  
Comunidade do Arimbu, Bragança, Pará.



FIGURA 2

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Corrêa, Bragança, Pará.



FIGURA 3

Escola Estadual de Ensino Fundamental Heraldo da Silva Fonseca, Bragança, Pará



FIGURA 4 – Comunidade de Santa Luzia do Pará.



FIGURA 5  
Capa da cartilha Saúde da Família

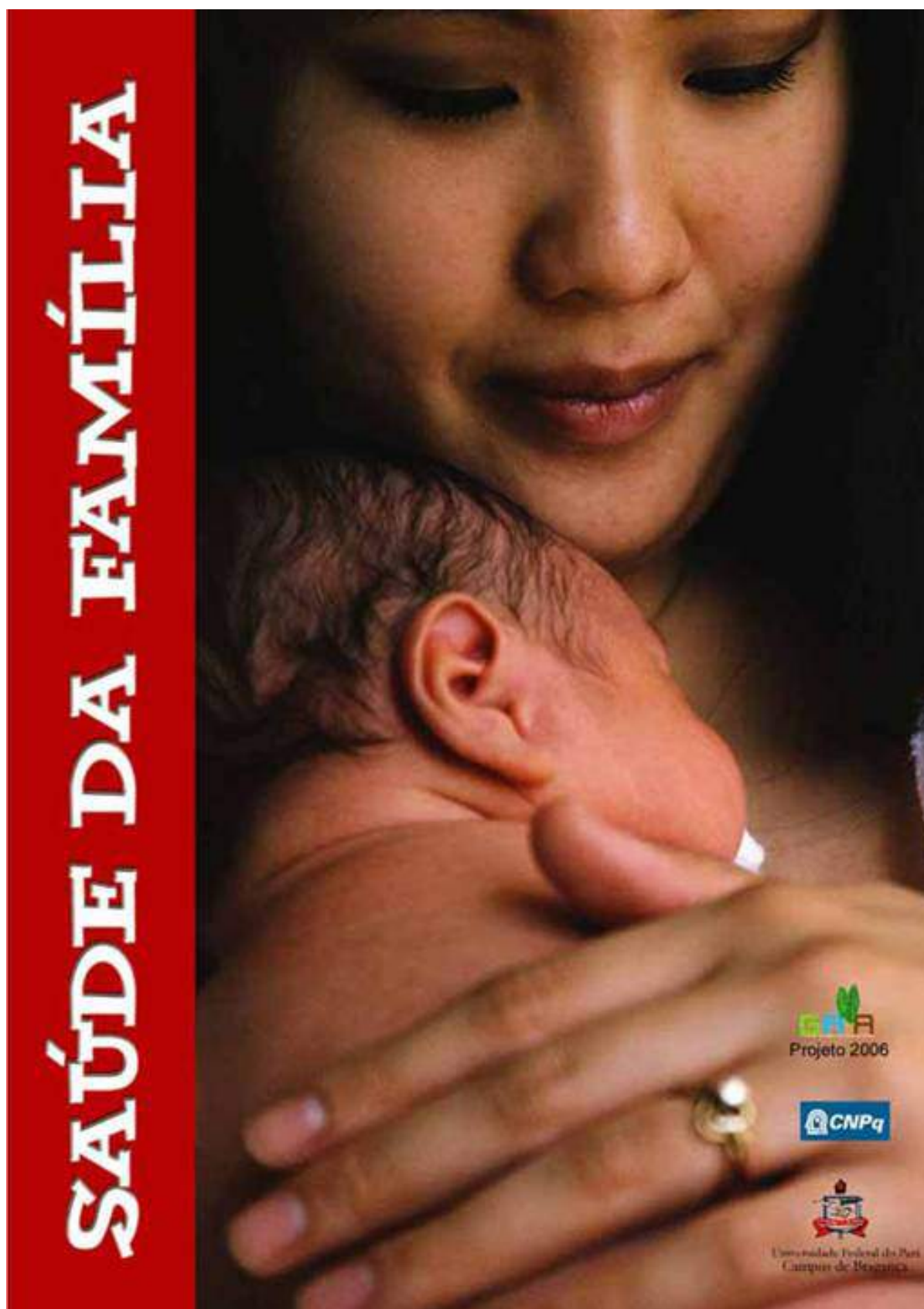




FIGURA 6 – Ensino do uso correto do preservativo masculino



FIGURA 7 – Ensino do uso correto do preservativo feminino



FIGURA 8 – Exemplo dos preservativos



## RESULTADOS

O grupo gestor do GAIA desenvolve ações educativas (palestras e cursos) que interagem com o público-alvo, tendo como intuito principal integrar os conhecimentos científicos com os saberes populares. Promove atividades relacionadas à educação sexual, ao planejamento familiar, ao uso adequado da camisinha feminina e masculina, incentivando as discussões em classe através de relatos de experiências de pessoas que já foram infectadas com DST's e/ou que engravidaram na adolescência.

Em dois anos de atividade, o GAIA já atendeu 590 pessoas nas diversas atividades realizadas pelo grupo (Tabela 1).

**TABELA 1**  
Atividades realizadas pelo GAIA nos municípios de  
Bragança (Comunidade do Arimbu) e Santa Luzia do Pará (escolas públicas)

<b>ATIVIDADES</b>	<b>LOCAL</b>	<b>Carga Horária</b>	<b>Nº de Participantes</b>
Teatro de Fantoques	Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Simpliciano Fernandes Medeiros Júnior	4h	350
Palestra: DST	Escola de Ensino Fundamental Heraldo da Silva Fonseca	2h	40
Palestra: DST e Métodos Contraceptivos	Escola de Ensino Fundamental e Médio Augusto Corrêa	3h	40
Palestra: Sexualidade	Município de Santa Luzia do Pará	4h	40
Curso de Educação Ambiental	Comunidade do Arimbu e Município de Santa Luzia do Pará	20h	80
Curso de Saúde da Família	Comunidade do Arimbu e Município de Santa Luzia do do Pará	20h	40

Conforme o exposto, ressalta-se que o GAIA manifesta-se como um projeto aberto às novas discussões, integrando a universidade pública com as multiplicidades cotidianas das comunidades tradicionais bragantinas.

Como perspectivas futuras, pretende-se desenvolver atividades em outros municípios da Região Bragantina, realizando-se trabalhos integrados com os vários setores da sociedade e o poder público local.

## APOIO LOGÍSTICO E FINANCIAMENTO

O projeto GAIA utiliza o espaço físico do Laboratório de Oceanografia Costeira e Estuarina (LOCE) do *Campus* Universitário de Bragança, realizando os planejamentos das atividades a serem desenvolvidas e preparando os materiais didáticos.

Para as atividades realizadas no Município de Santa Luzia do Pará, o GAIA contou com o apoio (transporte, alojamento e alimentação) da Prefeitura do Município através da Secretaria de Ação Social.

Em relação aos recursos financeiros, o GAIA possui financiamento do fundo setorial CT-AGRO/CT-HIDRO/MCT/CNPq nº019/2005, processo CNPq n. 552760/2005-6, e concessão de bolsas de extensão da PROEX/UFPA.

#### AGRADECIMENTOS

O Projeto agrade à PROEX/UFPA pela concessão de bolsas dos estudantes de graduação; ao CNPq pelo financiamento do projeto; ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Bragança, pelo apoio nas comunidades; à Prefeitura Municipal de Santa Luzia do Pará, pelo apoio logístico; às Escolas de Ensino Fundamental e Médio do Município de Bragança onde foram realizadas as palestras.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M. F. P. Sexualidade e prevenção de DST/aids: representações sociais de homens rurais de um município da Zona da Mata Pernambucana, Brasil. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19 (Sup.): 409, (2003).
- BAZIN, A.R. (1991), Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA). In: *Doenças Sexualmente Transmissíveis*, Passos, M.R.L (Editor). *Cultura Médica*. 3ª edição, Rio de Janeiro, p. 110-168
- BORGES, A. L. V. & Schor, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(2): 499-507, (2005)
- FAÇANHA, M. C; MENEZES, B.L.F.; FONTENELE, A.D.B.; MELO, M.A.; PINHEIRO, A.S.; CARVALHO, C.S.; PORTO, I.A & PEREIRA, L.O.C. (2004). Conhecimento sobre reprodução e sexo seguro de uma escola de ensino médio e fundamental de Fortaleza. *DST – J. bras. Doenças Sex. Transm.* 16(2): 5-9
- PASSOS, M. R. L. (1998). *Doenças Sexualmente Transmissíveis*. 3.ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica.
- TILMAN, H.L. and MANNING, M.P. (1996). Mode of hepatitis C virus infection, epidemiology, and chronicity rate in the general population and risk groups. *Dig. Dis. Science*, 41 (12 suppl.), 27S-40S.
- VIEIRA, M.A.S., GUIMARÃES, E.M.B., BARBOSA, M.A., TURCHI, M.D., ALVES, M.F.C., SEIXAS, M.S.C., GARCIA, M.M.D & MINAMISAVA, R. (2004). Fatores associados ao uso do preservativo em adolescentes do gênero feminino no município de Goiânia. *DST – Jornal Brasileiro Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 16 (3): 77 – 83.



---

## *Artigos*

---

ÁREA TEMÁTICA  
**SAÚDE**

## **Microrganismos envolvidos nos casos de lesão pré-maligna e maligna, corados pela técnica de papanicolaou**

*Aline Holanda Sousa (aline\_hsousa@yahoo.com.br)*

Graduanda do Curso de Biomedicina  
Bolsista do Laboratório de Citopatologia do Centro de Ciências Biológicas/UFPA

Área temática: SAÚDE

**RESUMO:** A neoplasia cervical constitui um problema de saúde pública em âmbito mundial e, segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), no Brasil, estima-se que o câncer de colo do útero seja a terceira neoplasia maligna mais comum entre as mulheres. Como muitas vezes a neoplasia encontra-se associada a agentes microbianos, há a proposta de analisar a frequência em que esses agentes podem ser encontrados e classificá-los, bem como classificar, citologicamente, as lesões pré-malignas e malignas através do Sistema de Bethesda. Para isso foram submetidas ao exame citológico 1021 lâminas, com material cervico-uterino de pacientes da UFPA e do Hospital Amazônia, para identificar as células pré-malignas e malignas e para tentar sugerir quais os agentes microbianos encontrados. Das lâminas analisadas, 24 (2,35%) apresentaram atipias de células escamosas de significado indeterminado (ASC-US), 19 (1,86%) lesão intra-epitelial de baixo grau (LSIL), 17 (1,66%) atipias de células escamosas (ASC-H), 13 (1,27%) lesão intra-epitelial de alto grau (HSIL), 06 (0,58%) carcinoma epidermóide, 02 (0,19%) células glandulares atípicas (AGC) e 01 (0,09%) apresentaram adenocarcinoma. Quando comparados com a respectiva microbiologia, observou-se o predomínio das floras bacilar, cocóide e cocobacilar.

Palavras-chave: Lesão intra-epitelial, Citologia.

### INTRODUÇÃO

A neoplasia cervical constitui um problema de saúde pública em âmbito mundial e, segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), no Brasil, estima-se que o câncer de colo do útero seja a terceira neoplasia maligna mais comum entre as mulheres e que ela seja a quarta causa de morte por câncer em mulheres.

Na realização de exames destinados à prevenção do câncer do colo uterino, é utilizado mundialmente o método do Papanicolaou, pois apresenta 90% de sensibilidade e 97% de especificidade na identificação de células pré-malignas e malignas.

Logo a citologia cérvico-uterina é um dos exames mais apropriados de triagem para detectar lesões pré-cancerosas e cancerosas. Ela permite a prevenção de cânceres invasivos por identificação de suas lesões precursoras, que podem estar presentes muitos anos antes de ocorrer invasão. Ela também permite avaliar a intensidade de lesões inflamatórias e em alguns casos determinar o agente microbiano envolvido. Agentes esses que muitas vezes estão associados às lesões servindo com co-fatores para o processo de cancerigenação.

Alguns dos microrganismos envolvidos como co-fatores são *Gardnerella sp.* e *Mobiluncus sp.* que são bacilos associados a vaginoses bacterianas; *Trichomonas sp.*; Bacilos de Doderlein e as floras cocóide, cocobacilar e bacilar.

A *Gardnerella* é um bacilo Gram-negativo ou Gram-variável, corado em azul pelo método de Papanicolaou. As células atingidas tomam uma coloração violeta ou eosinófila conforme a densidade do acúmulo bacteriano. Ela parasita a superfície de células epiteliais que ficam cobertas por microrganismos bacterianos, formando as chamadas “Clue cells”, células-guia, células alvo, células indicadoras ou ainda célula pista. Adere às células exfoliativas, especialmente em pH alcalino, e confere às mesmas um aspecto granuloso ou pontilhado, com característico desaparecimento das bordas celulares.

É caracterizada por um corrimento homogêneo e mau cheiroso.

*Mobiluncus sp* engloba bacilos com características peculiares tais como forma curva ou crescente, mobilidade e flagelo subpolar, anaeróbicos, gram-variáveis e preferência por pH alcalino. Pelo método de Papanicolaou os bacilos são visualizados sobre células escamosas epiteliais, conferindo-lhes uma aparência “cabeluda”.

O *Trichomonas sp.* é um protozoário flagelado, comumente encontrado ao nível dos órgãos genitais e inferiores da mulher e ao nível da próstata do homem.

Ao exame citológico o *Trichomonas* é relativamente grande, com formato piriforme, apresenta quatro flagelos anteriores, um posterior, uma membrana ondulante e núcleo oval e excêntrico. Toma uma matriz cianófila ou azul-lavanda na coloração de Papanicolaou, e seu núcleo excêntrico, de tamanho pequeno, se caracteriza por um aspecto finamente vesiculoso e pálido. O *Trichomonas* se prolifera durante a depressão da acidez normal da vagina. A sua ação patogênica está diretamente relacionada a sua mobilidade e funciona como meio de transporte para bactérias atingirem o canal cervical.

Os Bacilos de Doderlein, também chamados de Lactobacilos, são bastonetes Gram-positivos, imóveis e não encapsulados. Provocam a fermentação do glicogênio celular em ácido láctico e contribuem para a manutenção do pH ácido do meio vaginal.

Os Bacilos de Doderlein utilizam o glicogênio para produzir ácido láctico, funcionando como o principal mecanismo de autodefesa vaginal, impedindo a colonização por bactérias patogênicas. Os cocos são bactérias piogênicas que provocam leucorréias abundantes e com odor, podendo ser aeróbicas e anaeróbicas. Com a coloração de Papanicolaou só é possível determinar se a flora é do tipo cocóide.

## OBJETIVOS

Fazer uma análise da frequência das lesões encontradas.

Relacionar microrganismos com casos de lesões pré-maligna e maligna e, analisar a frequência em que eles são encontrados nessas lesões.

## METODOLOGIA

Os dados para a realização do presente estudo foram obtidos do arquivo do Laboratório de Citopatologia da UFPA no período de janeiro de 2004 a outubro de 2006. O público alvo foram mulheres, residentes nas regiões de Tomé-Açu e de Belém, que já haviam iniciado a vida sexual.

O material para o exame citológico das pacientes de Tomé-Açu foi colhido lá mesmo, no Hospital Amazônia, e o das pacientes de Belém foi colhido no Laboratório de Análises Clínicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará (UFPA), mas todas as lâminas foram lidas no Laboratório de Citopatologia da UFPA.

As lâminas para o estudo da citologia e da microbiologia foram coradas pela coloração de Papanicolau.

As lesões pré-malignas e malignas foram relacionadas com a microbiologia.

Os critérios utilizados para classificar os resultados, baseados no Sistema Bethesda, foram: ASC-US (células escamosas atípicas de significado indeterminado), LSIL (lesão intra-epitelial de baixo grau), ASC-H (atípicas de células escamosas, sem excluir HSIL), HSIL (lesão intra-epitelial de alto grau), carcinoma epidermóide, AGC (células glandulares atípicas) e adenocarcinoma. Onde ASC-US, LSIL, ASC-H, HSIL e carcinoma epidermóide ocorrem em células escamosas e, AGC e adenocarcinoma ocorrem em células glandulares.

Os microrganismos foram enquadrados em classes para uma melhor análise. São elas: Bacilos de Doderlein; Outras floras, que incluem os cocobacilos, bacilos curtos e cocos que não apresentam características de vaginose bacteriana; Vaginose bacteriana e *Trichomonas sp.*

## RESULTADOS

No período que vai de janeiro de 2004 a outubro de 2006 houve 1021 casos de lesões pré-malignas e malignas. Desses casos, 24 (2,35%) foram classificados como ASC-US, 19 (1,86%) como LSIL, 17 (1,66%) como ASC-H, 13 (1,27%) como HSIL, 06 (0,58%) como carcinoma epidermóide, 02 (0,19%) como AGC e 01 (0,09%) como adenocarcinoma (Tab. 1).

TABELA 1  
Distribuição dos resultados citológicos.

Resultados Citológicos	n	%
ASC-US	24	2,35
LSIL	19	1,86
ASC-H	17	1,66
HSIL	13	1,27
Carcinoma epidermóide	06	0,58
AGC	02	0,19
Adenocarcinoma	01	0,09

Quando as lesões foram comparadas com a microbiologia, dos 1021 exames alterados, 76 casos (7,44%) apresentaram predomínio das floras bacilar, cocóide e cocobacilar, não associadas a vaginose bacteriana (Figura 1).

Os casos com *Trichomonas sp* foram bem reduzidos, tanto nas lesões pré-malignas e malignas.

A vaginose bacteriana concentrou-se mais nas lesões pré-malignas.

FIGURA 1  
Relação entre os resultados citológicos e a microbiologia.

Resultados Citológicos	Microbiologia			
	Bacilos de Doderlein	Outras Floras*	Vaginose bacteriana	<i>Trichomonas sp.</i>
ASC-US	09	32	11	01
LSIL	09	12	09	00
ASC-H	05	12	08	00
HSIL	07	12	06	00
Carcinoma epidermóide	01	04	00	01
AGC	01	03	00	00
Adenocarcinoma	00	01	00	01
Total	32	76	34	03

\*Outras floras – Referentes a cocos, cocobacilos e bacilos curtos que não apresentam características de vaginose bacteriana.

## CONCLUSÃO

Com este trabalho pode-se observar que os microrganismos são mais freqüentes nas atipias de células escamosas de significado indeterminado (ASC-US e ASC-H) e nas lesões intra-epiteliais (LSIL e HSIL). Sendo que a incidência diminui à medida que a atipia progride, o que pode ser confirmado quando se analisa os casos de carcinoma epidermóide e adenocarcinoma.

Há uma redução, sobretudo dos casos de vaginose bacteriana e de outras floras, talvez por já ter sido efetuado um tratamento anteriormente.

Uma outra observação importante é que não diminuem somente os microrganismos patológicos. Também há redução dos Bacilos de Doderlein, que pertencem a microbiota normal do trato genital feminino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Buffon A.; Civa M.; matos V. F. Avaliação de lesões intra-epiteliais escamosas e microbiologia em exames citológicos realizados em um laboratório de Porto Alegre, RS. Revista Brasileira de Análises Clínicas. Volume 38 (2). Ano 2006. Páginas: 87-90.

Instituto Nacional do Câncer (INCA). Disponível em: [http://www.inca.gov.br/conteudo\\_view.asp?id=326](http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=326)

Solomon D.; Nayar R. Sistema Bethesda para Citopatologia Cervicovaginal – Definições, Critérios e Notas Explicativas – Segunda edição.



## **Elaboração de um manual de orientação a cuidadores de crianças com desnutrição primária com enfoque na adesão ao tratamento**

*Ana Paula de Andrade Sardinha (aprena@gmail.com)*  
*Shirley dos Santos Carmona (shirleycarmona@globo.com)*

Bolsistas PIBEX, alunas do curso de Psicologia

*Eleonora Arnaud Pereira Ferreira (eleonora@ufpa.br)*

Profa. Associada I, CFCH

*Eunice Carvalho do Amaral (eucamaral@ufpa.br)*

Nutricionista, HUBFS  
Universidade Federal do Pará

Área temática: SAÚDE

Palavras-chave: *desnutrição primária; adesão ao tratamento; manual de orientação.*

### **INTRODUÇÃO**

O tratamento da desnutrição primária se caracteriza por uma série de cuidados, que envolve desde mudanças de hábitos alimentares a mudanças em hábitos de higiene. No sentido de enfrentar toda essa problemática com a saúde infantil, torna-se necessário voltar o tratamento dessas crianças aos seus cuidadores, visto o fundamental papel dos mesmos na adesão ao tratamento e na manutenção de comportamentos de prevenção de doenças. A descrição das contingências do tratamento da criança para o cuidador (por exemplo: “se você seguir as orientações da nutricionista, então seu filho(a) vai melhorar de peso”, “se você tratar a água que for dar a seu filho(a), então seu filho(a) vai deixar de ter parasitose”) constituem regras que podem exercer algum efeito sobre o comportamento de adesão ao tratamento por parte dos cuidadores. De acordo com Albuquerque e Ferreira (2001), as regras devem especificar o comportamento a ser emitido, as condições sob as quais ele deve ser emitido e suas prováveis conseqüências. Segundo Baldwin e Baldwin (1986), uma pessoa aprende a seguir regras quando o comportamento de segui-las leva ao reforçamento. Quanto mais consistentemente uma pessoa recebe reforçadores para seguir um grande número de regras, apresentadas por muitas pessoas e em muitos contextos diferentes, maior sua probabilidade de seguir regras no futuro. Albuquerque e Ferreira (2001) sugeriram que a extensão e a complexidade de uma regra podem interferir no seguir regras, mesmo quando o seguimento da regra produzir conseqüências reforçadoras. Segundo este autor: “quanto maior a extensão de uma regra menor a possibilidade dessa regra ser seguida e que, quanto menor a extensão de uma regra maior a possibilidade dessa regra ser seguida” (p.144). Alguns estudos demonstram que os tratamentos com menores índices de adesão são aqueles de longo prazo, de múltiplas

exigências, os que produzem efeitos adversos, bem como aqueles tratamentos cujos resultados ainda não foram comprovados (Malerbi, 2000). O Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, da Universidade Federal do Pará (UFPA) desenvolve o Programa de Atenção à Criança de 0 a 5 anos com Desnutrição Primária (PACD). Trata-se de um programa voltado para a atenção primária em saúde, e que sofre a influência de políticas públicas do governo nas esferas federal, estadual e municipal, havendo uma grande mobilidade entre os participantes, exigindo que a cada ano a população atendida seja cadastrada. Seu objetivo principal é reverter o estado nutricional de crianças com desnutrição primária, e assim promover o crescimento e desenvolvimento da criança, através de ações específicas de saúde. Este programa é composto por profissionais de diversas áreas da saúde, tais como: nutrição, medicina, enfermagem e serviço social. Este programa teve a influência de estudos anteriores realizados pelo Serviço de Psicologia, por meio do projeto de extensão *Psicologia aplicada à saúde: integração de ensino, pesquisa e extensão em saúde e desenvolvimento humano*. Por meio destes estudos identificaram-se dificuldades dos cuidadores em aderir ao tratamento, em seguir as regras descritas pelas nutricionistas. Estes estudos foram realizados tanto em ambiente ambulatorial quanto em ambiente domiciliar, havendo a sugestão de uma intervenção mais direcionada aos cuidadores de modo a acompanhá-los no seguimento das instruções nutricionais. Um dos estudos foi realizado com treze famílias (cuidadores primários e familiares que morem no mesmo espaço físico) de crianças inscritas no PACD, selecionadas para participar de uma intervenção em ambiente domiciliar, que teve por objetivo: (1) identificar as variáveis que contribuem para a não adesão dos cuidadores ao tratamento no PACD; e (2) elaborar estratégias de intervenção que possam favorecer esta adesão. Dentre os principais resultados obtidos, destacam-se a falta de esclarecimento quanto ao estado de saúde da criança, o inadequado entendimento, por parte dos cuidadores, das orientações prescritas pelos profissionais de saúde, e a dificuldade dos cuidadores, em seguir as orientações prescritas pelos profissionais de saúde, visto que estas incluem mudanças de hábitos em sua rotina (Moreira, 2003). Outro estudo também realizado com crianças inscritas no PACD teve como objetivo planejar estratégias comportamentais de intervenção para adesão do cuidador ao tratamento de crianças com desnutrição primária. Esse estudo dividiu-se nas seguintes etapas: (a) Contato com o cuidador; (b) Entrevista Inicial; (c) Sessões de Observação de Almoço no Domicílio; (d) Grupo de pais; (e) atendimentos individuais; e (f) Visitas de encerramento. Dentre os resultados mais relevantes destaca-se que, de acordo com os registros feitos durante as sessões de observação, constatou-se que apenas 50% tinham rede de esgoto em suas casas, 40% tinham banheiro interno e nenhum possuía filtro de água.

Sugere-se que esses dados possam ser indicativos das prioridades e do planejamento com os gastos da família, os quais não consideravam os cuidados necessários à recuperação do estado nutricional da criança. (Lima, Tobias & Coelho, 2003). Tomando como referência os trabalhos já realizados e a necessidade de dar continuidade a estudos voltados para a adesão ao tratamento dos cuidadores das crianças inscritas no PACD, o presente estudo teve como principal objetivo investigar as características do comportamento de aderir às instruções do tratamento sugeridas pela equipe do PACD, com vistas à elaboração de um manual, cujo objetivo maior seja facilitar a compreensão de cuidadores sobre desnutrição primária e sobre os cuidados necessários a seu controle. O estudo foi realizado em três etapas, cujos objetivos e procedimentos estão apresentados a seguir.

ETAPA 1: Caracterização da Clientela e da Rotina do Programa.

**(1) Objetivo:** obter informações sobre características da clientela, avaliar o entendimento que cuidadores de crianças inscritas no PACD tinham sobre as orientações de tratamento para desnutrição primária, assim como identificar as dificuldades apresentadas por estes cuidadores para a adesão ao tratamento da desnutrição primária. **(2) Método:** Participantes: 40 cuidadores de crianças inscritas no PACD. Instrumentos utilizados: (a) Roteiro de entrevista em situação de pré-consulta: elaborado para investigar o conhecimento dos cuidadores em relação à etiologia, tratamento e prognóstico da desnutrição primária; (b) Protocolo de observação direta da consulta: contendo espaços destinados ao registro da interação profissional-cuidador-criança, a fim de que fossem obtidas as regras/orientações descritas pela nutricionista ao cuidador durante a consulta, e (c) Roteiro de entrevista em situação de pós-consulta: elaborado para verificar o entendimento das regras descritas pela nutricionista durante a consulta, de acordo com o relato dos cuidadores. Procedimento: Os participantes foram abordados na sala de espera do Serviço de Nutrição do HUBFS e convidados a participar da pesquisa. Esclareceram-se todos os procedimentos. Ao aceitarem participar, os cuidadores foram entrevistados e observados em sala de espera e em consultórios de atendimentos do serviço de nutrição, de acordo com as seguintes etapas: (a) Aplicou-se o *roteiro de entrevista em situação de pré-consulta*. Este procedimento foi realizado no momento em que os cuidadores esperavam ser chamados pelo serviço de nutrição para a consulta mensal; (b) Observou-se a interação profissional-cuidador-criança durante a consulta de nutrição. A pesquisadora entrava junto com o cuidador e a criança no consultório, e posicionava-se de forma que não comprometesse a interação entre nutricionista e cuidador. Registraram-se as recomendações descritas pela nutricionista e observou-se o comportamento

dos cuidadores, de forma que fossem registradas suas perguntas à nutricionista, quando ocorridas; (c) Aplicou-se o *roteiro de entrevista em situação de pós-consulta*. Depois do atendimento com o serviço de nutrição, os cuidadores novamente eram abordados em sala de espera para a aplicação do roteiro.

ETAPA 2: Caracterização da Adesão ao Tratamento.

**(1) Objetivo:** Analisar o nível de adesão ao tratamento apresentado por cuidadores de crianças com desnutrição primária inscritas no PACD do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza. **(2) Método:** Participantes: 37 cuidadores de crianças inscritas no PACD. Instrumento Utilizado: (a) Inventário de adesão ao tratamento: instrumento elaborado para este estudo contendo uma listagem das regras mais descritas pelos profissionais de nutrição durante as consultas, as quais deveriam ser avaliadas pelos cuidadores em uma escala de três níveis de acordo com o seguimento das regras (sempre, às vezes, nunca). Procedimento: Novamente, os participantes foram abordados na sala de espera do Serviço de Nutrição do HUBFS e convidados a participar da segunda etapa da pesquisa. Diante da aceitação dos mesmos realizou-se a aplicação do *Inventário de adesão ao tratamento*. Este procedimento foi realizado posteriormente ao início da primeira etapa da pesquisa, também no momento em que os cuidadores esperavam ser chamados pelo serviço de nutrição para sua consulta mensal.

ETAPA 3: Elaboração do Manual de Orientação aos Cuidadores.

**(1) Objetivo:** elaborar um instrumento que facilite a compreensão de cuidadores sobre desnutrição primária e sobre os cuidados necessários a seu controle, por meio da seleção de tópicos considerados importantes, dentre as dúvidas apresentadas pelos cuidadores, para a elaboração do manual, visando favorecer à adesão a tratamento. **(2) Método:** Procedimento: A elaboração do Manual foi realizada por meio das seguintes etapas: (a) Palestras com equipe multidisciplinar, realizadas duas vezes por semana, com um tema mensal, para identificação de orientações necessárias ao tratamento da desnutrição primária e prevenção de doenças em crianças. Os temas mensais trabalhados foram:

1. **Desnutrição:** No primeiro mês, a estagiária de nutrição realizou as palestras sobre desnutrição, procurando enfatizar o conceito, as causas, as conseqüências e a importância do tratamento. Também foi explicado sobre a importância do Cartão da Criança para o acompanhamento do peso e da estatura da criança ao longo do tratamento. Também falou sobre informações importantes para o bom desenvolvimento da criança. Utilizou-se como recurso didático um álbum seriado, com ilustrações. A pesquisadora observou e anotou o que de mais importante se falava

nas palestras e as dúvidas apresentadas pelos cuidadores. Em seguida a cada palestra, foi realizada uma dinâmica para verificar o entendimento dos cuidadores sobre o tema abordado. Organizaram-se grupos de participantes e distribuíram-se quatro perguntas para cada grupo relativas ao tema da palestra. Foi estipulado um tempo para que eles discutissem e escrevessem num papel a resposta para cada pergunta. Em seguida, era escolhida uma pergunta por grupo para que o mesmo apresentasse seus comentários. Em seguida, era aberta a discussão para os outros grupos. Concomitantemente a esse momento, foram realizadas atividades lúdicas com as crianças (pinturas e desenhos de frutas e verduras). Num terceiro momento, distribuíram-se lanches para os cuidadores e as crianças participantes.

2. **Higiene e Verminoses:** No segundo mês, a estagiária de enfermagem realizou as palestras sobre Higiene e Verminose, procurando enfatizar quais as regras básicas e fundamentais de higiene cujo seguimento se faz necessário para o controle da desnutrição primária. Na primeira parte da palestra, a estagiária falava sobre os tipos de verminoses, prevenção e tratamento, utilizando-se como recurso didático um álbum seriado, com ilustrações. Na segunda parte, trabalhou-se com duas dinâmicas, a do “Telefone Sem Fio” (na qual alguém fala uma mensagem a uma segunda pessoa e esta deve transmitir a terceira o que entendeu, assim sucessivamente até o último participante) e a do “Extra Terrestre” (na qual foi contada uma história onde um ET era descrito; em seguida, pediu-se que os cuidadores desenhassem o ET descrito na história). O objetivo destas dinâmicas era trabalhar a percepção dos cuidadores quanto às informações que lhes eram repassadas pelos diversos profissionais do programa, ressaltando a importância de obterem esclarecimentos diretamente com os profissionais do PACD. A pesquisadora observou e anotou o que de mais importante se falava nas palestras e as dúvidas apresentadas pelos cuidadores. Com as crianças, trabalhou-se a temática da higiene utilizando-se fantoches, buscando-se favorecer a interação entre as crianças através dos personagens e a narradora. Também houve distribuição de material para pintura, e o oferecimento de brinquedos como reforçadores secundários. No último momento, distribuíram-se lanches para os cuidadores e crianças participantes.
3. **Água:** No terceiro mês, estagiários do curso de engenharia sanitária realizaram palestras enfatizando a importância da água para a vida humana, a importância de tratar a água e as diversas formas de tratar água para o consumo e para o controle de doenças. Utilizou-se como recurso didático o data-show, com slides ilustrativos. No

segundo momento de cada palestra, a pesquisadora abria um debate com os cuidadores com perguntas, ressaltando a importância do tratamento da água para a melhora do estado de saúde de seus filhos. A pesquisadora, novamente, observou e anotou o que de mais importante se falava nas palestras e as dúvidas apresentadas pelos cuidadores. Com as crianças trabalhou-se com pintura, desenhos e brinquedos. Num último momento, distribuíram-se lanches para os cuidadores e crianças participantes.

4. **Lixo:** No quarto mês, uma bióloga do Programa de Saúde Ambiental do Planetário do Estado do Pará realizou uma palestra na qual se caracterizou os tipos de lixo, como armazená-los corretamente, os cuidados necessários para com as crianças e os cuidados com os animais domésticos. Utilizou-se como recurso didático o data-show, com slides ilustrativos. Após cada palestra, aplicou-se um inventário com orientações sobre o tratamento do lixo e cuidados com os animais domésticos, avaliando-se o seguimento das orientações descritas na palestra em uma escala em três níveis (1-já faço; 2-não faço, mas poderei fazer, e 3-não faço, nem poderei fazer) (Anexo 5). Com as crianças realizaram-se atividades lúdicas com a mesma temática (desenhos, pinturas e brinquedos). Ao final das palestras, distribuíram-se lanches para os cuidadores e crianças participantes.
5. **Violência:** No quinto mês, as estagiárias de psicologia realizaram palestras sobre violência doméstica, classificando os diversos tipos de violência, apresentando exemplos, falando sobre os direitos da criança, descrevendo dicas de como saber se a criança está sendo vítima de violência e como proceder numa situação desta. Ao final, era distribuído um folder com orientações para cada cuidador (Anexo 6).

Durante todas as palestras, abriu-se momento para perguntas e dúvidas dos cuidadores. Com as crianças, realizaram-se atividades lúdicas (desenhos, pinturas e brinquedos). Num último momento, distribuíram-se lanches para os cuidadores e crianças participantes. (b) Elaboração da primeira versão do Manual. Com base nas anotações feitas pela pesquisadora a respeito das principais orientações descritas pelos expositores durante as palestras, foi elaborada a primeira versão do Manual. (c) Análise da primeira versão do Manual por especialistas. Nesta etapa, o Manual foi submetido à avaliação por especialistas (nutricionista e médica pediatra do PACD), com o objetivo de corrigir possíveis erros nas instruções contidas no mesmo. Neste momento o Manual foi apresentado aos especialistas, esperando-se críticas, sugestões ou elogios ao mesmo. (d) Análise da primeira versão do Manual pelos cuidadores. Após o Manual ter sido analisado pelos especialistas, o mesmo foi apresentado para alguns cuidadores de crianças do PACD, com o objetivo de avaliar se o modo de

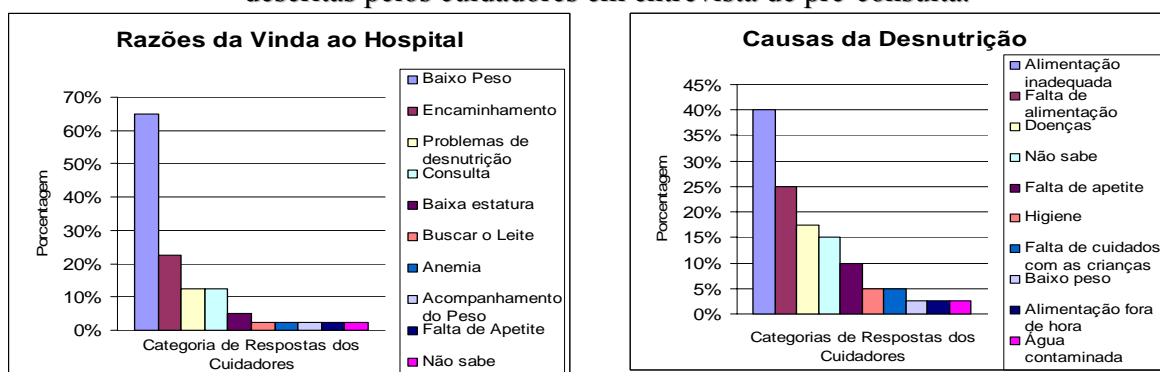
apresentação dos itens do Manual, bem como a linguagem utilizada, estavam adequados ao entendimento dos futuros usuários. (e) Elaboração da versão final do Manual: Após o Manual ter sido analisado por especialistas e por usuários, preparou-se a versão final do mesmo a partir de pequenas modificações quanto à estrutura, visando inclusive uma melhor facilidade para a impressão do mesmo.

## RESULTADOS

**ETAPA 1:** Dentre os cuidadores que participaram da Etapa 1, 85% eram mães das crianças; 7,5 % eram os pais e 7,5% avós das crianças. As Figuras 1 e 2 apresentam as categorias de respostas dos cuidadores quanto às razões da vinda da criança ao PACD e quanto às causas da desnutrição primária.

FIGURA 1

Razões da vinda da criança ao PACD e causas da desnutrição primária descritas pelos cuidadores em entrevista de pré-consulta.



Quanto à razão da vinda ao PACD, 65% dos cuidadores apontaram o *baixo peso* da criança como o principal motivo, embora não tenham estabelecido relação deste com a desnutrição primária, o que foi observado em cerca de 10% dos cuidadores. Por outro lado, apenas 2,5% disseram: *buscar o leite* distribuído no programa, para tratar a *anemia* da criança, fazer o *acompanhamento do peso* da criança, cuidar da *falta de apetite* da criança; e ainda outros 2,5% *não souberam responder*. Quanto às causas da desnutrição primária, 40% dos cuidadores atribuíram à *alimentação inadequada*, enquanto 2,5% disseram *baixo peso*, *alimentação fora de hora* e *água contaminada*. Um outro aspecto abordado durante a entrevista de pré-consulta foi quanto às orientações prescritas pelas nutricionistas para o tratamento de acordo com a descrição dos cuidadores, as quais foram comparadas com as orientações descritas pelas nutricionistas de acordo com as observações diretas realizadas durante as consultas. Dentre as categorias mais citadas pelos cuidadores quanto às orientações prescritas pelo Serviço de Nutrição (Figura 2) estão: *alimentação adequada* (68%) e o *tratamento da água* (43%). Já as menos citadas foram: *fracionamento das refeições* (5%) e *ter*

*cuidado com a criança* (2,5%). As categorias mais observadas durante as sessões de observação direta a respeito das orientações descritas pela nutricionista foram: *alimentação adequada* (100%) e o *tratamento da água* (75%); entre as menos citadas, observou-se descrições sobre o *desenvolvimento da criança* e o *encaminhamento ao pediatra* (ambas com 7,5%) e orientações quanto ao *comparecimento das consultas* (2,5%). Os resultados indicam correspondência entre o que foi relatado pelos cuidadores durante as entrevistas e o que foi observado durante as consultas. Os resultados sugerem também que as principais orientações descritas aos cuidadores no PACD focalizam práticas nutricionais, com menor ênfase a problemas relacionados ao desenvolvimento da criança. Um interessante resultado, representado graficamente a seguir, é quanto às orientações que os cuidadores dizem seguir com regularidade e as dificuldades encontradas por eles para o seguimento das orientações prescritas pelas nutricionistas.

FIGURA 2

Orientações prescritas pelo Serviço de Nutrição segundo relato dos cuidadores em entrevista de pré-consulta e orientações descritas pela nutricionista de acordo com observação direta realizada durante consulta.

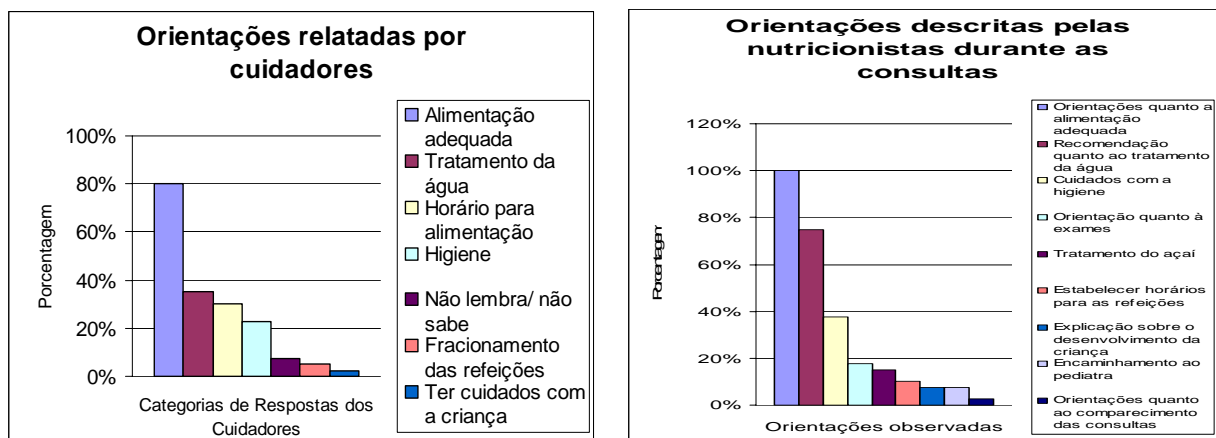
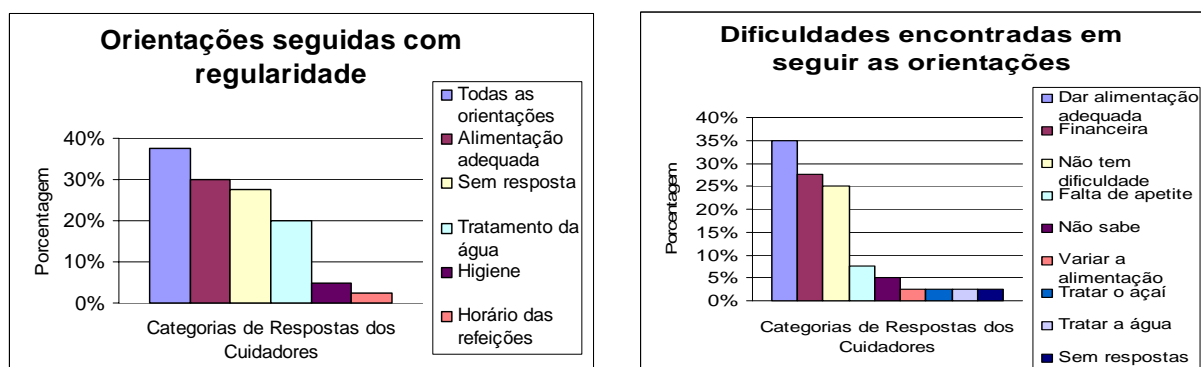


FIGURA 3

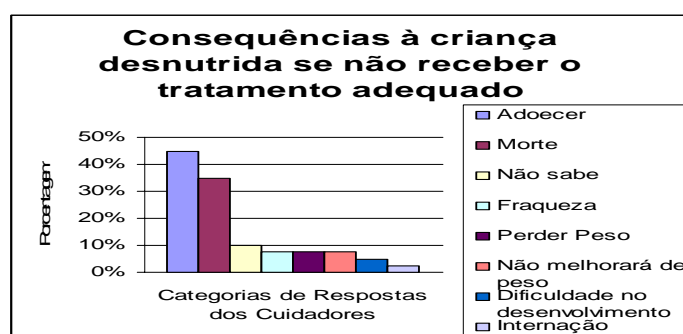
Orientações fornecidas pelas nutricionistas que os cuidadores disseram seguir com regularidade e dificuldades encontradas pelos mesmos para seguir tais orientações.





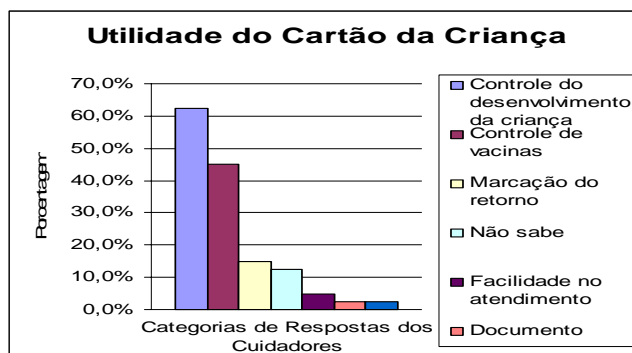
Das orientações que os cuidadores disseram seguir com regularidade (Figura 3), as mais citadas foram: *todas as orientações* (37,5%) e *alimentação adequada* (30%). As orientações menos citadas foram: *higiene* (5%) e *orientação quanto ao horário das refeições* (2,5%). Contraditoriamente, a orientação relatada como a de mais difícil seguimento foi *dar alimentação adequada* à criança (35%). Também foi perguntado aos cuidadores quanto às possíveis conseqüências que a desnutrição primária poderia levar à criança, caso esta não recebesse o tratamento adequado, cujos resultados estão apresentados na Figura 4.

FIGURA 4  
Conseqüências da desnutrição primária para a criança, caso esta não receba tratamento adequado, segundo relato dos cuidadores.



As categorias de respostas dos cuidadores mais citadas quanto as possíveis conseqüências à criança desnutrida, caso esta não receba tratamento adequado, foram: *adoecer* (45%) e *morte* (35%). Já as menos citadas foram: *dificuldades no desenvolvimento* (5%) e possibilidade de *internação* (2,5%). Por fim, foi investigado se os cuidadores sabiam descrever qual a utilidade do Cartão da Criança. A Figura 6 apresenta as categorias de relato obtidas com os cuidadores. As categorias mais citadas pelos cuidadores foram: *serve para o controle do desenvolvimento da criança* (62,5%) e *serve para o controle das vacinas* (45%). Já as categorias menos citadas foram: *serve como documento da criança* e *serve para o recebimento do leite* distribuído pelos programas do governo (ambas com 2,5%). De acordo com os relatos obtidos na entrevista de pós-consulta, todos os cuidadores relataram que haviam compreendido as orientações descritas pela nutricionista durante a consulta, embora a maioria deles, ao serem solicitados a descreverem tais orientações, tenham apresentado dificuldades em seus relatos. Assim também, todos relataram não terem deixado de fazer nenhuma pergunta às nutricionistas durante as consultas, embora os resultados obtidos durante a observação direta sejam sugestivos de que os cuidadores pouco perguntavam aos profissionais sobre o tratamento da criança, pois apenas 7,5% dos cuidadores fizeram questionamentos à nutricionista.

FIGURA 5  
Categorias de relatos dos cuidadores quanto à utilidade do Cartão da Criança.



**ETAPA 2:** A Etapa 2, correspondente à aplicação do Inventário de adesão ao tratamento. A análise dos resultados, apresentados na Tabela 1, indica que os itens com maior frequência de respostas *nunca* foram: oferecer água filtrada para a criança (64,9%), oferecer água fervida para a criança (62,2%) e manter a criança calçada dentro de casa (24,3%). Os itens do Inventário com maior frequência de respostas *sempre* foram: dar banho na criança pelo menos uma vez ao dia (100%) e coletar o lixo doméstico em locais adequados (97,3%).

**ETAPA 3:** Os temas selecionados para as palestras mensais com os cuidadores foram: (1) Desnutrição, (2) Higiene e Verminoses, (3) Água e Lixo e (4) Violência. O resultado referente ao número de participantes por palestra está apresentado na Figura 7. A palestra sobre Desnutrição foi a que obteve o maior número de participantes (n=38), enquanto que a sobre Lixo foi a com menor número de participantes (n=22). A palestra sobre higiene e verminoses obteve 35 participantes, a sobre água obteve 28 participantes e a sobre violência 23 participantes.

TABELA 1  
Porcentagem de respostas a cada item do Inventário de adesão ao tratamento apresentada pelos cuidadores de crianças do PACD.

Orientações fornecidas pela equipe profissional do Programa de Atenção à Criança com Desnutrição Primária	FREQUÊNCIA DE SEGUIMENTO DAS ORIENTAÇÕES		
	SEMPRE	ÀS VEZES	NUNCA
Usar diariamente o hipoclorito na água oferecida à criança	56,7%	32,5%	10,8%
Oferecer água filtrada para a criança	21,6%	13,5%	64,9%
Oferecer água fervida para a criança	19%	18,8%	62,2%
Manter a criança calçada ao andar dentro de casa	54%	21,6%	24,4%
Manter a criança calçada ao andar fora de casa	91,9%	8,1%	-
Lavar as mãos da criança	83,8%	10,8%	5,4%
Supervisionar a criança enquanto esta se alimenta	94,6%	5,4%	-
Estabelecer rotina de horário para as refeições da criança	73%	24,3%	2,7%
Evitar oferecer à criança alimentos entre as refeições	62,2%	32,4%	5,4%
Variar a oferta de alimentos à criança	86,5%	13,5%	-
Preparar para a criança receitas de acordo com as sugestões oferecidas pelas nutricionistas	10,8%	64,9%	24,3%
Dar banho na criança pelo menos uma vez ao dia	100%	-	-

Supervisionar o banho da criança	89,2%	10,8%	-
Supervisionar quando a criança vai ao banheiro (higiene da genitália)	89,2%	8,1%	2,7%
Coletar o lixo doméstico em locais adequados	97,3%	-	2,7%
Oferecer vermífugo a criança quando há indicação médica	94,6%	2,7%	2,7%
Utilizar o sulfato ferroso conforme indicação médica	81,1%	10,8%	8,1%
Observar se a criança comeu a quantidade sugerida pelas nutricionistas	67,6%	32,4%	-
Manter a criança vestida “adequadamente”	48,6%	43,3%	8,1%
Cortar as unhas da criança semanalmente	91,9%	8,1%	-
Escovar os dentes da criança após as refeições	81,1%	13,5%	5,4%
Utilizar o leite oferecido pelo programa na alimentação da criança	97,3%	2,7%	-

De todos os cuidadores, apenas 2 participaram de todas as palestras, 13 participaram de quatro palestras, 12 participaram de três palestras, 11 participaram de duas palestras e 25 participaram de apenas 1 palestra, totalizando 63 cuidadores que assistiram a pelo menos uma das palestras agendadas. A partir das dúvidas apresentadas pelos cuidadores durante as palestras, selecionaram-se tópicos que foram desenvolvidos para a montagem do *Manual de orientação aos cuidadores*. Tais tópicos foram: O que é desnutrição primária? Por que participar de um Programa? Causas da Desnutrição Primária. O que posso fazer para ajudar meu filho? Cuidados com a água. Cuidados com o lixo doméstico. Cuidados com os animais domésticos. Cuidados com a alimentação da criança. Cuidados com a higiene. Seguimento das orientações do tratamento. Estimulando o desenvolvimento da criança, e Como saber se seu filho está melhorando? A versão final do Manual foi impressa na gráfica da Universidade Federal do Pará e está sendo utilizada na rotina do Programa.

## DISCUSSÃO

Os resultados obtidos comprovam a relevância de se ouvir os cuidadores das crianças com desnutrição primária, visto a necessidade de se voltar o tratamento das mesmas a seus cuidadores, conforme aponta a literatura, que refere-se ao papel do cuidador como fundamental na adesão ao tratamento e na manutenção de comportamentos de prevenção de doenças na população infantil. O pouco e até inexistente entendimento quanto à doença e ao tratamento de seus filhos por parte dos cuidadores foi notória neste estudo, confirmando dados do estudo realizado por Moreira (2003) que destacou a falta de esclarecimento quanto ao estado de saúde da criança e o inadequado entendimento, por parte dos cuidadores, das orientações prescritas pelos profissionais de saúde. A dificuldade na adesão dos cuidadores ao tratamento da criança com desnutrição primária também foi identificada neste estudo, o que pode estar relacionada à extensão das regras necessárias para o seguimento do tratamento dessas crianças. Isso confirma o que Albuquerque e Ferreira (2001) falam sobre regras

extensas e complexas, sugerindo que estas características interferem no seguir regras, mesmo quando o seguimento da regra produzir conseqüências reforçadoras. Um outro fator de não adesão ao tratamento pode ser o não entendimento das regras do tratamento por parte dos cuidadores, uma vez que, durante as palestras, observaram-se dificuldades em alguns cuidadores em realizar atividades que exigiam habilidades de leitura e escrita, havendo a necessidade do auxílio das estagiárias. Daí a importância de se realizar atividades educativas (como a realização de palestras e a elaboração de um manual) com uma linguagem acessível à demanda, aspecto este bastante enfatizado pelo serviço de psicologia com a equipe do Programa. Todas essas medidas foram importantes para a melhora do entendimento dos cuidadores quanto à desnutrição e o estado clínico de suas crianças. Isto pode ser confirmado com dados da literatura que indicam que o uso de múltiplas medidas de adesão favorece o seguimento das regras do tratamento de forma mais eficaz em comparação às estratégias que utilizam apenas uma única medida de adesão. É válido ressaltar que as crianças inscritas no PACD ingressavam no mesmo desde bebês e não apresentavam doenças associadas a seu quadro de desnutrição, de forma que não eram desnutridas graves, mas precisam ser cuidadas, porque as conseqüências poderiam vir em longo prazo. A literatura aponta que a desnutrição, quando atinge a fase inicial da vida, pode afetar o desenvolvimento do sistema nervoso central, e este sendo afetado, pode gerar acentuados comprometimentos, principalmente nas regiões onde os processos neurológicos estão se desenvolvendo mais rapidamente. Um fator relevante constatado com esse estudo foi a importância da união dos trabalhos de toda a equipe do Programa. O trabalho em equipe multiprofissional permite troca de experiências, complementaridade de ações e saberes. Neste estudo, todos os profissionais mostraram-se engajados na causa, mobilizando-se em prol deste estudo. A princípio, as nutricionistas não estavam atentas à importância de se enfatizar algumas regras do tratamento, primordiais para o sucesso do mesmo, como o tratamento da água. O tratamento estava voltado principalmente para um protocolo nutricional. De acordo com os resultados obtidos, todos os cuidadores relataram não terem deixado de fazer nenhuma pergunta às nutricionistas durante as consultas. Porém, durante a observação direta, poucos foram os cuidadores que fizeram perguntas aos profissionais sobre o tratamento da criança. Já durante as palestras realizadas, os cuidadores mostraram-se mais à vontade e fizeram uma série de questionamentos que poderiam ter sido esclarecidos durante as consultas. Acredita-se que, a formalidade e a autoridade da figura do nutricionista durante as consultas tenha sido inibidora aos cuidadores, e que, com a quebra dessa formalidade durante as palestras, e também por perceberem que outros cuidadores tinham as mesmas dúvidas e enfrentavam os mesmos problemas, estes se tornaram mais

participativos, favorecendo à adesão ao tratamento. Além disso, os resultados desse estudo deixam clara a importância do psicólogo na equipe do Programa, visto a necessidade do seu auxílio ao cuidador para a adesão ao tratamento.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades de adesão ao tratamento apresentadas pelos cuidadores que participaram deste estudo destacam a necessidade constante de um trabalho de integração entre os serviços de Psicologia e Nutrição, para o melhor seguimento, por parte dos cuidadores, das extensas regras necessárias ao tratamento da desnutrição primária. Espera-se que esse estudo sirva de base para novos trabalhos que busquem estratégias que visem o melhor esclarecimento dos cuidadores, diante de suas dificuldades na adesão ao tratamento. E que o manual que foi elaborado seja trabalhado com cada cuidador e não apenas distribuído entre os usuários do programa, para que se tenha o resultado esperado.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, L. C. & Ferreira, K. V. D. (2001). Efeitos de regras com diferentes extensões sobre o comportamento humano. *Psicologia Reflexão e Crítica* (pp. 143-155). Porto Alegre.
- BALDWIN, J.D. & Baldwin, J.I. (1986). Regras. *Behavior principles in everyday life*. Traduzido por Furtado, L. I. et al. (pp. 192-208). Universidade da Califórnia, Santa Bárbara.
- LIMA, A.B.; Tobias, G.K. & Coelho, N. L. (2003). *Estratégias comportamentais de intervenção para adesão do cuidador ao tratamento de crianças com desnutrição primária*. Relatório de Estágio de Graduação em Psicologia. Belém: Universidade Federal do Pará.
- MALERBI, F. E. K. (2000). Adesão ao tratamento. Em R. R. Kerbauy (Org.). *Sobre Comportamento e Cognição: Psicologia comportamental e cognitiva: conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico*. (pp. 148-155) Santo André, SP: ARBytes Editora.
- MOREIRA, S. A. (2003). *Contribuições da psicologia para a promoção da saúde em um contexto multidisciplinar: programa de reeducação comportamental-alimentar em âmbito comunitário*. Relatório de Estágio de Graduação em Psicologia. Belém: Universidade Federal do Pará.

**Avaliação dos conhecimentos dos professores da Creche Sorena  
sobre a higiene bucal como promoção de saúde:  
uma ação de prevenção coletiva**

---

*Andréa Custódio Barros da Silva  
Camila Lima de Andrade  
Corinta dos Santos Amazonas  
Larissa de Souza Macedo  
Ney Alexandre Sousa Alencar  
Prof. Izamir Carnevali de Araújo, Coordenador do Projeto  
Universidade Federal do Pará*

Área temática: SAÚDE

A odontologia em saúde coletiva requer atuação multiprofissional e interdisciplinariedade no intuito de prestar atenção integral de saúde bucal. Baseado nesta proposta foi elaborado um questionário para avaliar o grau de conhecimento que os professores dos alunos da Creche Sorena possuem em relação a saúde bucal e sobre o papel preventivo realizado nesta Creche, pelo Projeto de Extensão do Curso de Odontologia da Universidade Federal do Pará. Assim sendo, além do trabalho realizado com os alunos, foi importante à aplicação destes questionário, aos professores das crianças, pois eles são um dos principais agentes no processo de promoção de saúde, já que estão ligados de forma efetiva e de maneira direta. Através dos dados colhidos, percebemos o desconhecimento por parte dos professores sobre a cárie dental e os métodos de prevenção das doenças bucais, evidenciando a necessidade de fornecer informações aos professores para corrigirem seus hábitos e ensinarem corretamente seus alunos, gerando assim, oportunidades a toda comunidade de conhecer doenças como a cárie, forma correta de higienização e estratégias adequadas de promover saúde bucal nos alunos, como também em seu núcleo familiar em todos os níveis de atenção, promovendo a saúde em sentido amplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GISH, C. W.; SMITH, C. E. Saúde bucal na comunidade. In: McDONALD, R. E.; AVERY, D. R. *Odontopediatria*. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. cap. 31, p. 590-600.
- KRAMER, P. F.; FELDENS, C. A.; ROMANO, A. R. *Promoção de saúde bucal em odontopediatria*. São Paulo: Artes Médicas, 1997. 144 p.
- UNFER, B. & SALIBA, O. Avaliação do conhecimento popular e práticas cotidianas em saúde bucal. *Revista Saúde Pública*, São Paulo: 34(2): 190-5, 2000.

## **Prevenção da cárie dentária através do controle do uso da mamadeira na infância**

---

*Andréa Custódio Barros da Silva  
Camila Lima de Andrade  
Corinta dos Santos Amazonas  
Larissa de Souza Macedo  
Ney Alexandre Sousa Alencar  
Prof. Izamir Carnevali de Araújo, Coordenador do Projeto  
Universidade Federal do Pará*

Área temática: SAÚDE

A "cárie de mamadeira" ou cárie rampante é uma doença que destrói quase todos os dentes da criança atingida, com ocorrência por volta de 2 a 4 anos de idade. Em geral, se caracteriza por lesões de cárie severas nos dentes decíduos, sendo a arcada superior mais afetada. Sua etiologia pode ser determinada por: uso inadequado do leite materno ou de mamadeira contendo líquidos açucarados como leite e chás, suco de frutas durante o dia ou à noite, uso de chupetas mergulhadas no açúcar ou mel, fatores sócio-culturais e a ausência de limpeza ou escovação. O tratamento requer uma intervenção imediata do cirurgião dentista aliado ao pediatra, mas o aconselhamento e educação aos pais, em se tratando de saúde bucal, é fundamental para o controle da dieta e a promoção de hábitos mais saudáveis. Logo, para a possibilidade de cárie zero, é necessário prevenir a saúde bucal nas crianças desde a gestação, já que estas estão mais suscetíveis a essa doença, por isso este trabalho está voltado para prevenção, diagnóstico e tratamento, com ênfase na atenção integral, mostrando um caso clínico presente no Projeto de Extensão da Universidade Federal do Pará na Creche Sorena.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, T.C.L. et al. Cárie de mamadeira – recuperação estética e funcional. *RGO*, v. 43, N.3, p. 132-4, 1995.

McDONALD, R.E., AVERY, D.R. *Odontopediatria*. Cárie dentária na criança e no adolescente. 6.ed. Rio de Janeiro-RJ. Guanabara Koogan S.A. 1995. p.151-175.

PINTO, A.C. *Odontopediatria*. 4.ed. São Paulo: Santos. 1993. p. 114.

**Análise de manchas brancas em crianças da Creche Sorena utilizando como tratamento a remineralização através do uso da profilaxia, escovação supervisionada e aplicação de flúor**

---

*Andréa Custódio Barros da Silva  
Camila Lima de Andrade  
Corinta dos Santos Amazonas  
Larissa de Souza Macedo  
Ney Alexandre Sousa Alencar  
Prof. Izamir Carnevali de Araújo, Coordenador do Projeto  
Universidade Federal do Pará*

Área temática: SAÚDE

A cárie é conceituada como uma nosologia de caráter multifatorial, o que significa dizer, em outras palavras que há necessidade da interação de vários fatores em condições críticas para que ela se expresse clinicamente. É sabido que apresenta alta prevalência em crianças. O profissional da área de saúde tem o papel educativo e preventivo e curativo no tratamento da doença. sendo assim, foram feitas coletas de dados a partir das fichas clínicas e odontogramas de três crianças que estudam na Creche Sorena. Inicialmente, foram realizados os exames clínicos para posterior tratamento. O tratamento de escolha, já que se tratavam de lesões iniciais de manchas brancas ativas foram: orientação de dieta, higiene e fluoroterapia visando a paralisação da lesão. O tratamento e o acompanhamento das crianças foram realizados num período de seis meses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARIOLOGIA: implicações e aplicações clínicas. In: BARATIERI, L. N. *et al. Odontologia Restauradora: fundamentos e possibilidades*. São Paulo: Santos, 2001. Cap.1, p.1-30.
- McDONALD, R. E., AVERY, D. R. *Odontopediatria. Cárie dentária na criança e no adolescente*. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. p.151-175.
- MENAKER, L. *Cáries dentárias: bases biológicas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1980.



## **Projeto Cinemed: o estudo da ética em saúde**

---

*Annie Caroline Arraes Vieira (annie\_ssp@yahoo.com.br)*

Bolsista PROEX/Hospital Universitário João de Barros Barreto/UFPA  
Área de atuação: SAÚDE

**RESUMO:** *O Projeto surgiu em 2002 no HUIBB como o desafio de incluir no currículo da residência médica a disciplina ética em saúde de forma dinâmica. Situações analisáveis sob o olhar dos cineastas, fundamentados na Filosofia e nos códigos de ética das profissões de saúde são os objetos de estudo. A proposta do Projeto é multicentro e interinstitucional. O Projeto utiliza como referências autores como MORIN (2005), MUÑOZ (2003), BLASCO (2005) e FÁVEROS (2002), que discutem ética da “religação”, a metodologia da linguagem cinematográfica como efetividade de ensino-aprendizagem.*

Palavras-chave: *Ética, saúde, cinema.*

Os objetivos principais são o de contribuir para a formação dos profissionais sobre ética em saúde e possibilitar a discussão sobre direitos humanos e humanização.

A metodologia baseia-se na projeção de filmes. As sessões são acompanhadas de comentários críticos e debate feito pelos convidados, a fim de estimular a reflexão e práticas humanizadas.

Por meio de divulgações, multicentro e interinstitucional, de *banner*, folder, divulgação on-line e acompanhamento das frequências, estimulam à participação dos docentes e discentes nas sessões.

No ano de 2005 foram projetados 11 filmes, estiveram presentes 32 profissionais com um público 954. Em 2006, foram apresentados 09 filmes, estiveram presentes até o período de outubro, 26 debatedores com o público de 900 pessoas, isto é, um crescimento de 16% por sessão. “Usar as horas para ensino da ética de uma forma agradável é muito bom. A discussão no final de cada sessão acaba abordando várias partes da ética” (Residente do HUIBB – Ian Barroso, Belém, 2005).

## **Construção e ratificação das propostas abordadas no Projeto Cinemed**

---

*Annie Caroline Arraes Vieira (cinemed\_hujbb@yahoo.com.br)*

Graduanda de Serviço Social na UFPA  
No Projeto CINEMED desde agosto/2005 e  
Bolsista PROEX desde janeiro de 2006

Área temática: SAÚDE

*RESUMO: Do ponto de vista prático, a Construção e Ratificação das propostas abordadas no Projeto CINEMED, deverá servir como um instrumento pedagógico na área de pesquisa científica, contribuindo para expansão dos conhecimentos adquiridos ao decorrer da pesquisa. Além de propiciar, através do estudo científico, subsídios sobre a realidade educacional dos residentes de medicina, a fim de que a partir de bases concretas, possamos planejar propostas pedagógicas realistas que possibilitem uma prática profissional de intervenção na realidade estudada, na busca de novas alternativas educacionais visando a melhoria da produtividade acerca da educação a partir da Ética em saúde. A fim de cumprir seu propósito social, ao se colocar em pauta as preocupações com o estudo de um projeto pedagógico baseado na Ética em Saúde aos discentes da pós-graduação de medicina do HUIBB. Com intuito de valorizar estes profissionais e garantir a qualidade do atendimento aos pacientes.*

Palavras-chave: *Educação, saúde e humanização.*

### **INTRODUÇÃO**

Faz-se necessário uma recapitulação do histórico da formação Ética em Saúde para compreendemos e analisamos a ética em saúde, tendo como base os residentes, em especial, do HUIBB (Hospital Universitário João de Barros Barreto) como nosso público alvo e motivador para este artigo.

A utilização de termos pedagógicos para a constituição e elaboração deste artigo será de estreita importância para a associação entre Saúde (ação) e Educação (Intervenção) para a compreensão e prática do que conheço, do que aprendo e do que acredito. Ressaltando o tripé que constitui a Universidade: Ensino (teoria, orientação e direcionamento), Pesquisa (contextualização, problematização e análise) e Extensão (execução, práxis e dialética).

A Ética é um conjunto de normas e condutas que direcionam as relações e desenvolvimento social. Por isso, a Ética, segundo o Conselho Regional de Medicina, se torna obrigatória nos currículos da graduação e pós-graduação de Medicina, como Bioética e Ética em Saúde, respectivamente. Mas em ambas as situações são propostas impostas e não dialogadas, melhor, esclarecidas aos discentes acerca de sua importância e utilização.

Segundo MENKSENAS (1994), o discurso humano não expressa a realidade complexa e infinita, apenas delimita a interesses e preposições induzidas de sua vontade. A afirmativa esta que será resgatada por MORIN (2005) e FREIRE (2005). Levando-nos a conhecer a Ética como meio de normalizar e direcionar-nos no meio social.

A temática aplicada a saúde temos a constituição das parcerias, das equipes multiprofissionais e a relação usuário/profissional. Desta maneira irei direcionar a essas relações e suas implicações para o funcionamento e prática dos serviços ofertados, por meio do ensino da Ética em saúde através do Projeto CINEMED, desenvolvido no HUIBB, a fim de confirmar sua utilidade como instrumento, melhor, método eficaz de ensino aos discentes de medicina. "A abordagem metodológicas trabalha as emoções do estudante como ponto de partida para, através de grupos de reflexão, possibilitar a construção de conceitos na relação médico/paciente e criar o hábito da reflexão habitual que pode ser transportada para as atividades do cotidiano. (BLASCO, 2004)

A construção e ratificação das propostas do CINEMED serão de suma importância para a sistematização e divulgação do mesmo no âmbito acadêmico e social como proposta de humanizar *humanizando*, isto é, ensinando através da linguagem cinematográfica o "educar" e o "aprender" em Ética em saúde.

## PENSANDO A ÉTICA

Utilizaremos o pensamento de Edgar Morin<sup>1</sup> que defende uma educação baseada na Cosmologia do conhecimento, ou seja, que tudo está interligado, onde cada ação e resultado de uma ação anterior que delimitará os resultados obtidos, por isso, apresenta a educação como foco de sua análise. Propondo-a como universal e irrestrita. Acrescenta ainda que a Ética pode se torna eficaz para a dominação dos objetos materiais, o controle das energias e a manipulação dos seres vivos. Mas se tornou míope para captar as realidades humanas, convertendo-se numa ameaça para o futuro humano<sup>2</sup>.

A característica da compactação do conhecimento e o nivelamento por meio dos valores que variam do EU a VOCÊ. Isto é, MORIN (2005), apresenta a Ética como uma parte do todo a partir de nossa vontade e historicidade. Distinguindo-a em duas forma principais: moral e política. A primeira está vinculada aos nossos valores adquiridos e costumes conquistados por nossas famílias e repassadas para nos; a segunda, está associada ao que é nos instituído para norma de conduta em sociedade. Paulo Freire, no livro *Pedagogia da Autonomia*, acrescenta: "(...) Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a

---

<sup>1</sup> Pesquisador emérito do NNR nasceu em Paris, em 1921. Formado em História, geografia e Direito, mirou para Filosofia, a Sociologia e a Epistemologia, depois de ter participado da Residência ao Nazismo, na França ocupada, durante a II G. M (Guerra Mundial).

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes para Educação do Futuro*. 2ªed. – São Paulo. Editora Cortez: 2000.

Onde irá apresentar o pensamento da Educação para o futuro, baseado na União, isto é, na junção dos conhecimentos e propõe a Ética como fator predominante e nivelador dos direitos e deveres de cada um. A partir desse referencial, iremos utilizar o seu outro livro *O Método 6: ética*, 2005, para uma análise mais profunda da Ética em sua amplitude.

<sup>2</sup> MORIN, Edgar. *Método 6: Ética*. – Porto Alegre: Sulina, 2007

construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo socialmente (...)" (FREIRE, 2005: 50).

Assim como adverte acerca desta "normalização de conduta", condensação de posturas, ou seja, fragmentação da realidade que gera a compactação do conhecimento e restrição das análises sociais, podendo está ser refletida na relação entre a equipe multiprofissional, profissional e, principalmente, com o usuário. Acredito que este seja o princípio dos códigos de Ética das diversas profissões. Mas que a princípio estaremos restringindo aos código de Ética de Medicina para uma análise mais apurada e associativa a realidade em questão.

### PRINCÍPIOS ÉTICOS: TEORIA OU PRÁTICA?

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo. (Paulo Freire, 2005:22)

A citação de Paulo Freire faz referência as prática educativas a que estamos submetidos (aulas expositivas, professores rígidos e metodologia reprodutivistas – dogmas, concepções e teorias dominantes). Onde cabe ao educador ser motivo inovador, melhor, orientador de teoria e concepções as quais possam ser contextualizadas e práticas na vida real.

Um dos motivos que levaram a pesquisa do “Ensino da Ética nas faculdades de medicina do Brasil”<sup>3</sup> esta fundamentado nos problemas identificados na “disparidade” existente entre o avanço da ciência e o prestígio médico. Por isso, a princípio cita o juramento de Hipócrates como ponto de referência.

Revela ainda a deficiência ou falta de compatibilidade da profissão (medicina) como um dos fatores do desprestígio do médico, associada à deficiência de formação humanística durante o curso.

Assim como é detectado por dados dos Conselhos Regionais de Medicina (CREME’s) que há um considerável número de médicos que infringem o código de ética da categoria por não conhecê-lo. Logo, constitui um dado a ser considerado para rever a formação dos acadêmicos a fim de priorizar o ensino em Ética nas Universidades de Medicina e tentar reverter o quadro apresentado.

Logo, trabalha com as seguintes situações:

- Distanciamento do médico da sua realidade devido aos estudos mais aprofundados da ciência médica.

---

<sup>3</sup> MUÑOZ, Daniele; MUÑOZ, Daniel Romero. O Ensino da Ética nas Faculdades de Medicina. – Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação Médica, v. 27, nº 2, maio/agosto 2003.

- Ressalta a importância da condição médica para seguir a profissão.
- Ausência ou deficiência da Ética na formação médica.

Propõem como solução:

- O estudo da ética como uma intervenção social

Em Muñoz<sup>4</sup>, Fávero identifica que a ética médica é um conjunto que uni o caráter do profissional e suas qualidades que formam o médico e a profissão. Em contra ponto, Gomes não apresenta a ética médica como um de valores e qualidades entre os médicos, mas um dever moral diante da sociedade e dos outros profissionais, fundamentado nos princípios essenciais e alcançar como resultado a moldagem da “virtú” de Maquiavel. E Coura infere que a ética médica deveria ser vista através da ética desde 1º ano da graduação. Souza & Dantas acrescenta quando afirma que a ética médica é “compatível com o aprendizado clínico”, isto é, este em constante transformação e aprendizagem, pois deveria constituir um momento de reflexão pessoal de cada aluno acerca de sua conduta, objetivos e posturas

#### DOUTOR, E AGORA?

Ao longo da vida somos acostumados com a idéia de que médicos são *quase deuses*, pois estes detêm o poder de *vida e morte*. Sim, possuem o conhecimento para intervir pela saúde de outra pessoa. Mas, muitos esquecem, que os mesmos possuem uma vida, são fadados aos "males que curam", possuem família, são *stressados* e o, fundamentalmente, humanos.

Deste modo, o Dr. Venâncio Dantas, apresenta no texto *Etiqueta Médica*, as dúvidas e questionamentos nas quais os médicos estão inseridos. Desde suas vestimentas até a conduta com equipe de trabalho. Pondera ainda o assunto, considerando-o delicado, pois cada caso é um caso; mas se remete ao artigo 4º, dos princípios fundamentais do Código de Ética: "Ao médico cabe zelar e trabalhar pelo perfeito desempenho ético da Medicina e pelo bom conceito da profissão".

Vale ressaltar que dados e reportagens diárias que denunciam práticas ilícitas por alguns destes profissionais que nos faz duvidar da eficácia destes princípios. Porém, antes de julgamentos precipitados, solicito a reflexão sobre as condições de trabalho a que estes e outros profissionais da área da saúde são submetidos. Isso sem levar em consideração os entraves encontrados pelos os usuários para o atendimento.

---

<sup>4</sup> MUÑOZ, Daniele; MUÑOZ, Daniel Romero. *O Ensino da Ética nas Faculdades de Medicina*. – Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação Médica, v. 27, nº 2, maio/agosto 2003.

A realidade apresentada compromete o desenvolvimento da prática teorizada por cada acadêmico, podendo esta ser refletida em sua conduta profissional, seja devido as longas horas seguidas de trabalho, seja pelas filas quilométricas de usuários para atender. As conseqüências são as dificuldades na limitação e mecanização do atendimento ao usuário, tendo como conseqüência a *desumanização*, isto é, a não utilização da Ética na prática profissional e o descumprimento do seu código.

As dificuldades são muitas para o cumprimento dessa proposta. A começar pela a contextualização da Ética em saúde, ou seja, não limita-la apenas aos códigos de ética da profissão médica, mas difundir a disciplinaridade e transdisciplinaridade e inseri-la na realidade de cada médico residentes, aluno da graduação e profissionais sêniores.

Não cabe julgar os culpados ou os vencidos no processo de *desumanização*. E sim oferta saídas para a mudança e adaptação, por meio do Programa de Humanização do S.U.S (Sistema Único de Saúde) com projetos que se proponham a desempenhar essa atividade. Estaremos voltados a Educação médica, em especial, do residentes no HUIBB através do Projeto CINEMED.

#### EDUCAR PARA HUMANIZAR

Tendo como base o Projeto Político Pedagógico do curso de medicina da Universidade Federal do Pará – UFPA, em exercício, prevê que o perfil do profissional médico “(...) deverá exercer a medicina com postura ética e humanística em relação ao paciente, família e à comunidade (...)” (Projeto Político Pedagógico. UFPA. Belém, 2002).

O Hospital Universitário João de Barreto – HUIBB, definido como Unidade Acadêmica Especial (Estatuto da UFPA. Belém, 2006), colabora com a formação de discentes de graduação, através de disciplinas práticas e do internato nas clínicas de Cirurgia e de Clínica Médica. Desenvolve pós-graduação, através dos Programas de Residência Médica. Esses programas atuam com formação de recém graduação, em sua maioria, e prestam assistência aos usuários do hospital. Os programas de Residência Médica exigem em seu currículo o desenvolvimento da disciplina Ética em Saúde.

A formação de graduação e de pós-graduação na área de saúde, especificamente em medicina, exigem a formação com ênfase na ética, com perspectiva de formação humanística e integral. Os futuros profissionais e profissionais em formação contínua através da pós-graduação, necessitam de aprofundamento sobre direitos humanos, com destaque aos cidadãos que utilizam os serviços de saúde.

Possui como objetivos: contribuir para a formação dos profissionais da área da saúde sobre ética em saúde; subsidiar os profissionais em formação para a prática em saúde a partir da visão humanizada; e estimular a reflexão contínua sobre ética em saúde.

A ética como tema transversal, que acompanha a prática dos profissionais de saúde, entendida segundo Morin (2005) como uma ética complexa e lhe atribui uma ética como “meta-ponto de vista que reflita sobre os fundamentos e princípios da moral”, ultrapassa uma moral individualista e egocêntrica e nessa medida indica a necessidade de uma vida cidadã”, uma “vida boa e justa para todos” (princípio da ética Socrática) que hoje nós precisamos reativar. O espaço de construção da vida cidadã ocorre nas práticas cotidianas individuais e coletivas.

Nesse sentido, a relação ensino-assistência como eixo de aprendizagem e a formação profissional humanística, definem, entre outros, as possibilidades de intensificação da relação docentes/discentes/técnicos/usuários que atuam em Instituições de Saúde. Segundo Morin<sup>5</sup> (2002), a capacidade de aprender está diretamente a forma de ensinar tendo a Ética com nivelador da teoria e da prática, ou seja, a educação de forma transversal que uni, em vez de desunir, os diversos saberes. Torna-se essencial para práxis. Essa idéia reforça a utilização da linguagem cinematográfica como recurso metodológico para fixação da união dos diversos temas abordados pelo projeto CINEMED.

#### UMA PROPOSTA DE SENSIBILIZAÇÃO

Assim surgiu o Projeto *CINEMED: o estudo da Ética em saúde através da linguagem cinematográfico*, desenvolvido no Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUJBB), desde 2002, com desafio de estimular e aplicar de forma dinâmica a disciplina “Ética em Saúde”, uma exigência do Programa de Residência Médica do Hospital. As situações cotidianas sob o olhar e linguagem cinematográfica dos cineastas, constituem o objeto de estudo para o problema da Ética em Saúde. Formado por uma equipe multidisciplinar composta por médicos, assistentes sociais e antropólogos desenvolvem uma idéia de ensinar a Ética em Saúde de forma arrojada e inovadora.

Por meio de uma apresentação por mês de filmes que envolvem a Ética e saúde, com intuito de estimular a reflexão e debates dirigidos pode debatedores selecionados para cada sessão com o objetivo de enriquecer a temática abordada. Assim como a sistematização da memória escrita, por meio de transcrições e os instrumentos utilizados foram: a produção de

---

<sup>5</sup> MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes para Educação do Futuro*. 2.ed. São Paulo. Cortez: 2000.

pôsteres, cartazes, folder, divulgação on-line e a sistematização das ações através de tabulação de dados das avaliações do Projeto e a elaboração de sinopses que orientam as sessões.

O Projeto CINEMED busca atuar na formação contínua de profissionais em formação e profissionais formados potencializando os direitos humanos, através da ética. Os participantes do Projeto (discentes, docentes e técnicos) atuam diretamente no serviço de saúde hospitalar atendendo usuários. A relação com a sociedade se estabelece a partir do ensino-assistência e a aplicabilidade dos princípios éticos cidadãos no cotidiano permeiam as relações universidade sociedade e a relação com as ONG's (Organizações não Governamentais) que acompanham programas de saúde.

A perspectiva interdisciplinar é introduzida no Projeto a partir do envolvimento de docentes e técnicos das diferentes áreas do conhecimento, reinterpretando situações complexas retratadas pela abordagem cinematográfica. A ética reinterpretada sob visões cruzadas, por vezes discordantes, mas explorada como resgate dos valores da vida humana.

Nesse sentido, usar a palavra *junção* para definir a prática educativa adotada por esse projeto é fornecer uma outra possibilidade de análise e intervenção na questão educacional médica no HUIBB, a qual deve ser difundida em outras instituições de saúde para benefício e enriquecimento das práticas englobando e executando a proposta de humanização do S.U.S.

Quando se apresenta uma "novidade" pergunta-se logo os resultados. Nesse projeto os resultados são dados por duas maneiras: dados qualitativos e quantitativos. No primeiro caso, obteve, através de da avaliação 2006, foi considerados por 77% dos entrevistados (residentes e internos) como instrumento significativo para formação e práticas profissionais. Assim como 66% afirmam que a linguagem cinematográfica contribui em partes para compreensão e análise das atitudes humanizadas em saúde e 37% afirmam sua total contribuição. Vale ressaltar que os debates desenvolvidos são considerados por 42% dos entrevistados atribui suma importância para a compreensão e análise de atitudes humanizadas sobre a equipe de saúde, e 57% considera sua contribuição em partes. Os resultados quantitativos são demonstrados através da frequências de entrada e saída, as quais demonstram que no ano de 2006 obteve um crescimento de 16% do público por sessão em relação a 2005. Isso significa que o público anual que era de 954 pessoas irá ultrapassar facilmente a média de 1000 expectadores no ano de 2006.

Esses dados contribuem para as metas estabelecidas para 2007: contribuir com o Projeto Político Pedagógico do curso de medicina, através da oferta do Projeto CINEMED como atividade complementar; atuar como disciplina obrigatória dos Programas de



Residência Médica do Hospital Universitário João de Barros Barreto – HUIBB; ampliar a discussão sobre ética em saúde para os diferentes cursos da área de saúde e afins – visão multidisciplinar; sistematizar e divulgar as transcrições (memória escrita do Projeto e sistematização de conhecimento); elaborar pesquisa a fim de verificar os dados acerca dos objetivos apresentados pelo Projeto entre os discentes, docentes e usuários, relação ensino-assistência; e divulgar o CINEMED em outras instituições, busca de parcerias.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar aqui você pode se perguntar: "por que eu?". Acredito que a pergunta mais adequada seria *por que não eu?* Antes que resolva mudar de assunto, sugiro refletir sobre as duas indagações que juntas propõem o ensino e a assistência. Isto é, a primeira por sugerir a indagação de o porquê aprender e a segunda do o porquê ensinar. As duas juntas levam a humanizar, ou a uma *Jornada da Alma*, onde o prêmio será o cultivo de práticas humanizadas como se fosse um *Jardineiro Fiel* cuidando do seu jardim, mas que fora surpreendido por *Um Golpe do Destino* que o fez rever suas *Regras da Vida* para continuar a executar suas metas e objetivos, pois acredita que *tudo por Amor* se torna mais gratificante e edificante para a alma. Admite ainda *Madadayo*, não estou pronto ainda, em japonês, e que a vida àqueles que buscam *A confissão* de seus ideais mais inócuos é um *Amor sem Fronteiras*, onde a regra é ser *Sempre Amigos*. Espero um dia poder está juntos a todos eles quando estivermos *Voltando para Casa*, onde o amor e o respeito ao próximo prevalecem.

O Projeto CINEMED é um instrumento *humanizador* e difusor de uma nova pedagogia de Educar e aprender a Ética em Saúde por meio da linguagem cinematográfica e de debates dirigidos por profissionais gabaritados que estimulam e ampliam o horizonte dos envolvidos. Apesar disso, surgir um questionamento o qual espero ter a resposta e ter proposto uma solução a vocês: Por que parar aqui?

### AGRADECIMENTOS

É incontestável a contribuição e apoio de minha família em todos os meus planos e sonhos. Assim como o apoio de profissionais que acreditam em oportunidades, em especial, a minha coordenadora do Projeto CINEMED pela confiança.

### REFERÊNCIAS

BLASCO, Pablo G; GALLIAN, Dante; RONCOLETTA, Adriana & MORETO, Graziela. *Cinema para o estudante de medicina: um recurso afetivo/efetivo na educação humanística*. Revista Brasileira de Educação Médica. Rio de Janeiro, v.29, n 2, maio/agosto 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. – 13ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MATURANA, Humberto.  *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2001

MEKSENAS, Paulo. *Sociedade, Filosofia e Educação*. – São paulo: Loyola, 1994.

MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. Porto Alegre. Sulina.2005.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes para Educação do Futuro*. 2ªed. – São Paulo. Editora Cortez: 2000.

MUÑOZ, Daniele; MUÑOZ, Daniel Romero. *O Ensino da Ética nas Faculdades de Medicina*. – Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação Médica, v. 27, nº 2, maio/agosto 2003.

Projeto Político Pedagógico. UFPA. Belém, 2002.

Resolução 196-CNM / 22 de fevereiro de 2002. CÓDIGO DE ÉTICA MÉDICA, 1988.

Resolução CNE/CES nº 4, de 7 de novembro de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Medicina.

## **Serviço de assistência psicossocial aos discentes da UFPA: uma análise quantitativa dos atendimentos no ano de 2005**

---

*Benedito Paulo Bezerra  
Rosana Nazaré Leão Souza  
Tatiane de Fátima M. Martins*

Universidade Federal do Pará

Área temática: SAÚDE

### 1. INTRODUÇÃO

Chegar à Universidade se mistura ao gosto de vitória, mas, esse novo “status” requer um novo modo de viver. É tempo de enfrentamento da realidade que demanda horas de estudo, dedicação, inaugurando o compromisso com o outro; o despertar para a maturidade.

De acordo com a pesquisa recente realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES, por meio do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis – FONAPRACE, revelou que 39% dos estudantes das Instituições Federais de Ensino Superior – IFES passam por alguma dificuldade emocional.

As transições pelas quais passam os universitários, não podem ser esquecidas ou colocadas à margem do conjunto de preocupações que integram os programas dos cursos universitários. Essas transições vividas no ingresso à universidade, são permeadas por fortes sentimentos, frutos de separação dos amigos de escola, de seus professores e do núcleo familiar que o protege. São perdas vividas em prol da realização de um desejo que o acompanhou por anos e anos; o percurso que um aluno universitário percorre durante vários anos, desde o 1º ano até o final do curso, lança-o a situações de muito sofrimento que desencadeiam com frequência, o aparecimento de quadros psicopatológicos.

Assim, os relacionamentos que os estudantes estabelecem em diferentes contextos representam um importante papel no desenvolvimento de habilidades sociais essenciais para seu crescimento pessoal e ajustamento psicológico da idade adulta. Dificuldades interpessoais estão associadas a sensações de intenso desconforto e freqüente tentativa de esquiva de situações sociais, o que constitui fator de risco para a fobia social e isolamento. Tais estressores e o restrito contato com contingências reforçadoras podem contribuir ainda para o desenvolvimento de depressão e o risco de abuso de substâncias (INGLÉS et al, 2005).

Além das questões concernentes à experiência vivida durante os anos de universidade, Del Prette, Del Prette e Barreto (1998) colocam que a promoção de habilidades sociais está relacionada a questões educacionais advindas da preocupação com as implicações do desempenho desta população na sua futura atuação profissional.

De acordo com Baker (2003) o ingresso na Universidade representa um período em que os estudantes se deparam com novas demandas sociais e acadêmicas, as quais podem acarretar na vivência de situações estressantes para muitos deles. Alguns podem encontrar dificuldades para lidar com as situações que se apresentam e necessitar auxílio para manter interações sociais satisfatórias. A maneira como os indivíduos lidam com as experiências vividas nessa fase está relacionada à sua saúde física e psicológica e ao seu desempenho acadêmico.

As literaturas pesquisadas mostram que nos cursos universitários, em geral, são frequentes problemas psiquiátricos desencadeados pelos mais variados fatores, entre eles a pré-disposição associada aos conflitos nas esferas pessoal, profissional e familiar, como nos afirma Caballo (1997) “As pessoas passam a maior parte do seu tempo engajadas em alguma forma de comunicação interpessoal, seja no contexto pessoal, seja profissional.”

Baker (2003) afirma que pouco tem sido produzido no sentido de facilitar a adaptação dos estudantes à vida universitária e assim diminuir o estresse e outros resultados desta experiência. Entretanto, Millan, Souza, De Marco, Rossi e Arruda (1998) colocam que desde a década de 50 há uma preocupação em algumas unidades do Brasil em oferecer assistência psicológica ao estudante universitário e, desde então, algumas tentativas tem sido feitas em algumas universidades brasileiras.

As instituições de formação profissional tem buscado, cada vez mais, considerar as necessidades do mundo do trabalho, especialmente as demandas a respeito das relações interpessoais. Assim não basta apenas se preocupar com a formação teórica, mas procurar habilitar os estudantes para atuar em contextos de trabalho que exigirão importantes habilidades interpessoais, aumentando a chance de obter reforçadores após o término do Curso.

O Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, concordando com Millan et al, (1999, p.82) que defendem a idéia da criação de um “espaço aberto, desvinculado das atividades acadêmicas, que funcione como continente das experiências emocionais vividas...” criou em 2000, o Serviço de Assistência Psicossocial – SAPS, com o intuito de oferecer a comunidade discente da UFPA uma possibilidade de acolhimento biopsicossocial, mediante um lugar de escuta clínica.

Assim, o SAPS funciona, antes de tudo, como um espaço de escuta e acolhimento, que visa essencialmente oferecer ao discente universitário uma possibilidade de “ventilação” de sentimentos e angústias.

O Serviço de Assistência Psicossocial – SAPS oferece para o atendimento dos estudantes e seus familiares, uma equipe multidisciplinar composta de Médicos Psiquiatras, Assistentes Sociais, Psicólogos e Pedagogo. As ações realizadas são distribuídas em **Curativas**, são aquelas em que o estudante e/ou familiar já chegam portando patologias e/ou dificuldades emocionais que necessitam de cuidado especializado, são elas: Psicoterapia Individual, Grupoterapia, Consultas Psiquiátricas, Terapia de Família e Terapia de Casal e, as **Preventivas** que tem como objetivo a prevenção de doenças e o acolhimento do aluno na vida universitária.

## 2. OBJETIVOS

**GERAL:** Traçar o perfil da clientela do Serviço de Atendimento Psicossocial – SAPS oferecido aos Estudantes da Universidade Federal do Pará.

**ESPECÍFICOS:** Identificar o perfil dos atendidos pelo SAPS, em 2005; identificar que curso mais procura o serviço; verificar que patologia mais atinge os estudantes e seus familiares;

## 3. JUSTIFICATIVA

A Universidade Federal do Pará oferece aos seus alunos um Serviço de Assistência Psicossocial. Serviço que vem sendo considerado de grande relevância institucional, não só para a UFPA, mais para os alunos das demais Universidades do Estado do Pará, que freqüentemente buscam o atendimento do SAPS.

Assim sendo, por considerar a relevância da temática, a importância de um Serviço de Atendimento Psicossocial a estudantes universitários que poderá servir de modelo para as demais universidades e a experiência vivenciada no SAPS, emerge a pretensão de traçar um perfil da clientela atendida pelo SAPS, no ano de 2005, para apresentar e divulgar aos profissionais de saúde mental, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, médicos psiquiatras, estudantes e demais profissionais que estarão presentes no XXIV Congresso Brasileiro de Psiquiatria, a acontecer em outubro de 2006.

A pesquisa mostrará uma análise, quantitativa, evidenciando a faixa etária que mais buscou atendimento, o sexo; que procedência tem esse aluno, ou seja, quantos são do Pará e de outros Estados; que tipo de atendimento está sendo oferecido; outra análise apresentada diz respeito à patologia, isto é, a doença que mais atinge os estudantes atendidos no SAPS. O estudo ainda mostrará análises quanto ao uso de medicação, qual o Curso mais atendido, quais as queixas mais freqüentes e a movimentação que vai indicar quantos ainda continuam em atendimento, receberam alta ou abandonaram o tratamento.

#### 4. METODOLOGIA

O presente estudo adotará o referencial metodológico da Pesquisa documental, priorizando um caráter descritivo e com abordagem quantitativa. Assim sendo, esta investigação se alinha no enfoque da pesquisa naturalística.

O método aplicado na Pesquisa foi a coleta de dados registrados nos prontuários, da amostra de 100%, correspondendo a 230 alunos e familiares, atendidos pela equipe que compõe o SAPS, no período de janeiro a dezembro de 2005.

A coleta de dados foi realizada a partir de consultas aos prontuários do SAPS referentes aos casos atendidos no ano de 2005. Constam de tais prontuários informações – coletadas pelos autores – referentes à identificação pessoal do estudante e/ou familiar como: nome, endereço, telefone, gênero, idade, cidade de origem, curso, seriação e atividade profissional e uma breve descrição da queixa inicial e do encaminhamento indicado.

Os dados serão analisados em relação às variáveis: faixa etária, sexo, patologias, tipo de medicação, demandas por curso, abandono ao tratamento e serão apresentados quantitativamente, por meio de gráficos.

##### 4.1. RISCOS E BENEFÍCIOS

O estudo trará como benefício à possibilidade de subsidiar novas pesquisas, permitindo portando análises qualitativas, a partir dos dados coletados.

O risco mínimo que o estudo indica é com relação ao sigilo, porém vale ressaltar que os autores tomarão cuidados necessários a fim de evitar esse risco e mais ainda com o sigilo das informações levantadas, garantindo, portanto, que não haverá, em hipótese alguma, identificação nominal na coleta.

#### 5. CRONOGRAMA

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Definição do Tema			X	X	X							
Revisão Literária			X	X	X	X	X	X				
Coleta dos Dados			X	X	X	X	X	X	X			
Análise dos resultados				X	X	X	X	X	X			
Entrega do Relatório Final										X		
Apresentação no XXIV CBP										X		

#### REFERÊNCIAS

- ARRUDA, P.V. O Papel dos professores nas universidades. São Paulo: Santos, 1996.
- ATO, Maria Avancini; JORGE, Miguel. *Medos atitudes e convicções de estudantes de medicina perante as doenças*. Psiquiatria na prática médica. São Paulo: UNIFESP/EPM, 2000.

- BAKER, S. R. A prospective longitudinal investigation of social problem-solving appraisals on adjustment to university, stress, health and academic motivation and performance. *Personality and Individual Differences*, p.569-591, 2003.
- BEZERRA, B.P. *Projeto de implantação do SAPS*. CCS/ UFPA. Belém, 1999.
- CABALLO, V. E. El papel de las habilidades sociales en el desarrollo de las relaciones interpersonales. In: ZAMIGNANI, D. R. (org.). *Sobre comportamento e cognição*. São Paulo: ARBytes, 1997. p. 229-233
- CONDURÚ, M.T.; PEREIRA, J.A.R. *Elaboração de trabalhos acadêmicos: normas, critérios e procedimentos*. 2.ed. ver., ampl. e atualiz. Belém: NUMA/UFPA;EDUFPA, 2006.
- DEL PRETTE, Z. A. P; DEL PRETTE, A.; BARRETO, M.C.M. Análise de um inventário de habilidades sociais (IHS) em uma amostra de Universitários. *Psicologia*, 2003.
- ENCONTRO PAULISTA DOS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA AO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO. Anais. São Paulo: USP, 1998.
- INGLÉS, C.J; HIDALGO, M.D; MÉNDEZ, F. X. *Interpersonal difficulties in adolescence: A new self-report measure*. *European Journal of Psychological Assessment*, 2005.
- MILLAN, L. R; et al. O Encontro paulista dos serviços de assistência psicológica ao estudante universitário. *Revista do hospital de clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo*. 1998.
- MILLAN, L. R; ROSSI, E; DE MARCO, O.L.N. *O Universo psicológico do futuro médico – vocação, vicissitudes e perspectivas*. São Paulo: Caso do Psicólogo, 1999.
- MIYAZAKI, M.C.O.S. *Psicologia na formação médica: subsídios para a prevenção e trabalho clínico com universitários*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- NOTO J.R. S; AVANCINE, M.A.T.O. Serviço de saúde mental dos alunos da escola paulista de medicina. In: *FÓRUM NACIONAL DOS PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E COMUNITÁRIOS – Dez encontros*. Goiânia: Pró – Reitoria de Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Goiânia, 1993.
- RIBAS, A.M. M. *Os Distúrbios psiquiátricos mais freqüentes nos acadêmicos de medicina da UFPA*. TCC (Graduação em Medicina) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Pará, Belém-Pará, 2003.
- SALINAS, P.; SANTOS, M.A. Serviço de triagem em clínica-escola de psicologia: a escuta analítica em contexto institucional. *Psychê*, v.6, 2002.
- YAMAMOTO, K. Prevenção de distúrbios adaptativos em estudantes universitários. *Mudanças*, v.8, 1997. p.267-273.

## **As diferentes atividades lúdicas utilizadas como motivação para a promoção de saúde bucal dos escolares da Creche Sorena**

---

*Andréa Custódio Barros da Silva  
Camila Lima de Andrade  
Corinta dos Santos Amazonas  
Larissa de Souza Macedo  
Ney Alexandre Sousa Alencar  
Prof. Izamir Carnevali de Araújo, Coordenador do Projeto  
Universidade Federal do Pará*

A implantação de métodos eficazes de prevenção e controle da cárie dentária tem sido o objetivo dos discentes do curso de odontologia da UFPA para melhor atendimento dos alunos da Creche Sorena no que diz respeito à saúde bucal. Para o sucesso deste trabalho são realizadas diariamente com as crianças da Creche várias atividades lúdicas como: jogos, pinturas, palestras entre outras sendo estas sempre voltadas para a saúde bucal. Esse método promove uma ação integralizadora, e esta estratégia acaba alcançando toda a comunidade já que os escolares levam informações importantes para os seus familiares. O objetivo deste trabalho é mostrar os materiais lúdicos utilizados pelos discentes na Creche com os escolares e o intenso envolvimento destes no que diz respeito ao conhecimento de doenças como a cárie, a importância da higienização correta, consolidando assim a saúde bucal nas crianças assistidas por essa entidade em todos os níveis de atenção e de acordo com os princípios do Sistema Único de Saúde.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTAZZO, C. Saúde bucal e cidadania: transitando entre teoria e a prática. PEREIRA, A. C. *Odontologia em saúde coletiva, planejando ações e promovendo saúde*. Porto Alegre: Artmed, 2003, cap. 1, p. 17-27.
- PINTO, V. G. Epidemiologia das doenças bucais no Brasil. In: Kringer, L. ABOPREV. *Promoção de saúde bucal*. São Paulo: Artes Médicas, 1997. cap. 2, p. 27-42.
- TOMITA, N. E.; PERNANBUCO, R. A.; LAURIS, J. R. P.; LOPES, E. S. Educação em saúde bucal para adolescentes: *Uso de métodos participativos*. São Paulo: Revista FOB. v.9, n. 1/2, p. 63-69, jan./jun. 2001.



## **Importância da Detecção dos Casos de Hepatite B no Estado do Pará – Impacto na Saúde Pública**

---

*Daniela Maria Raulino da Silveira (danielaraulino@yahoo.com.br)*

*Vitória Carvalho Cardoso (vitoria.cardoso@gmail.com)*

Graduanda do Curso de Medicina da UFPA  
e bolsista da PROEX/UFPA

*Eliete da Cunha Araújo (elietearaujo@superig.com.br)*

Profª Adjunta IV de Pediatria, Mestre em Medicina Tropical, Centro de Ciências da Saúde da UFPA, coordenadora do Projeto Atendimento ao Menor Carente da UFPA

*Manoel do Carmo Pereira Soares (msoares@iec.pa.gov.br)*

Médico virologista do Instituto Evandro Chagas (IEC)

Apoio Laboratorial: *Instituto Evandro Chagas (IEC).*

Apoio Científico: *Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMPA)*  
e *PROEX/UFPA.*

Área temática: SAÚDE.

Palavras-chave: *hepatite, saúde pública.*

### **INTRODUÇÃO**

Estima-se que mais de 2 bilhões de pessoas no mundo estejam infectadas pelo vírus da hepatite B (VHB) e que cerca de 360 milhões sofram de infecção crônica por esse agente. A incidência da infecção pelo VHB e os padrões de transmissão variam no mundo em diferentes subgrupos de populações. Este fato é influenciado principalmente pelo predomínio da idade de aquisição da infecção. O impacto da hepatite B crônica no Brasil ainda não se faz claro (TENGAN, 2006).

A infecção pelo VHB ocorre quando há exposição percutânea ou de mucosa de indivíduos suscetíveis ao sangue ou fluidos corpóreos de pessoas infectadas. As fontes mais comuns de exposição são: contato sexual; agulhas contaminadas; sangue ou produtos derivados de sangue contaminados; exposição perinatal a mães infectadas (TENGAN, 2006).

As estratégias efetivas para prevenir a infecção pelo VHB incluem: evitar comportamentos de alto risco; prevenção em relação à exposição a sangue e fluidos corpóreos; evitar a transmissão materno infantil; imunização ativa pré-exposição; imunização ativa, ou imunização ativa e passiva pós-exposição (TENGAN, 2006).

As hepatites virais têm grande importância pelo número de indivíduos atingidos e pela possibilidade de complicações das formas agudas e crônicas (BRASIL, 2003).

A cirrose por hepatite B é uma das principais indicações para o transplante de fígado, ocupando a segunda ou a terceira colocação entre as principais indicações. Portanto, pelo todo, a melhor medida a se considerar é a ampliação do acesso à vacina contra a hepatite B, hoje incluída no calendário vacinal básico, porém, ainda de abrangência modesta entre populações susceptíveis, que precisam ser priorizados nas políticas de prevenção (TENGAN, 2006).

A transmissão perinatal é o mecanismo predominante de disseminação nas áreas onde se encontram as maiores prevalências do estado de portador crônico do vírus B, pois infelizmente ainda não há conscientização dos médicos em tornar parte da rotina médica a triagem das mães com o vírus B da hepatite, no período gestacional (DINIZ, 1991).

Um fator importante e que deve ser levado em consideração é que quanto mais precoce a idade em que ocorre a infecção, menor a sintomatologia e maior a probabilidade de evoluir para cronicidade, resultando, assim, na necessidade de se averiguar a sorologia das mães como forma de prevenção – realização da imunização precoce – para que os recém-nascidos não sejam infectados (BELÉM, 2001).

A identificação da doença na gestante permite a instituição precoce da terapêutica adequada ao recém-nascido (vacina + imunoglobulina), pois crianças que nascem de mães infectadas com VHB devem receber uma injeção especial de imunoglobulina (hiperimune específica) dentro de 12 horas após o nascimento. A imunoglobulina protege o recém-nascido temporariamente até que a vacina promova a produção de anticorpos para prevenir a infecção (CALIL, 1998).

Todas as crianças e adolescentes (indivíduos com menos de 20 anos), não imunizados, devem receber a vacina contra hepatite B em 3 doses. Entre a 1ª e a 2ª doses obedecer a intervalo mínimo de 4 semanas. Entre a 2ª e a 3ª doses intervalo de 5 meses. A 3ª dose não deve ser aplicada antes dos 6 meses de idade. A vacina é aplicada via intramuscular, dose 0,5 ml, no vasto lateral da coxa (até 2 anos) ou no deltóide em crianças maiores. Não deve ser utilizado o músculo glúteo. Pode ser empregada concomitantemente com outras vacinas e em combinações liberadas pelo Ministério da Saúde (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2004).

A vacina contra o VHB pode ser aplicada em gestantes, durante a gravidez, pois é segura e imunogênica e permitirá a transferência passiva de anticorpos para o bebê. A amamentação não deve ser contra-indicada nos casos em que a criança, de mãe com hepatite B, recebeu imunoglobulina e vacina nas primeiras 24 horas de vida (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2004).

É bem conhecido atualmente que a integração da vacina do VHB no esquema de vacinação da criança só tem efeitos benéficos. As crianças que não foram vacinadas ao nascer devem receber a vacina em qualquer idade (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2004).

A vigilância epidemiológica das hepatites virais no Brasil utiliza o sistema universal e passivo, baseado na notificação compulsória dos casos suspeitos de hepatite viral. Todos os casos suspeitos devem ser notificados, mesmo antes da confirmação do diagnóstico (BRASIL, 2003).

A rede de assistência às hepatites virais está dividida em três níveis: atenção básica, secundária e terciária/quaternária. Estes níveis de assistência devem ser adaptados à realidade local, respeitando os recursos existentes (BRASIL, 2003).

## OBJETIVOS

Geral: Mostrar a situação atual das hepatites virais, dando ênfase para a hepatite B no estado do Pará e a importância de sua prevenção e da assistência frente a esse agravamento.

Específicos: Promover a prevenção da hepatite B de todas as adolescentes contempladas no projeto através de: a) Encaminhamento para vacinação; b) Orientação por meio de palestras educativas.

Obs.: *A faixa etária contemplada com a prevenção por vacina contra o vírus “B” segundo o PNI (Programa Nacional de Imunização) vai de zero até 19 anos.*

Rastreamento da infecção pelo vírus da hepatite B;

Realização de tratamento quando pertinente.

## METODOLOGIA

Foram analisados os dados coletados na Secretaria de Saúde do estado do Pará (Sespa) e os casos atendidos na Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMPA) através do Projeto Atendimento ao Menor Carente.

Realizaram-se palestras educativas para as puérperas com ou sem infecção pelo VHB internadas na FSCMPA utilizando os recursos áudio-visuais do Departamento de Pediatria (vídeo, retroprojektor, data-show, etc.); encaminhamento ao **Grupo do Fígado** da FSCMPA das mulheres com a forma aguda ou crônica de hepatite B para o seguimento adequado; vacinação contra hepatite “B” nas mães adolescentes e em todos os recém-nascidos estudados, independente da sorologia materna; administração de gamaglobulina hiperimune contra o vírus “B” nos recém-nascidos de puérperas com sorologia positiva para o vírus “B”.

As linhas de atuação do Projeto Atendimento ao Menor Carente são: prevenção, diagnóstico, tratamento e direitos humanos. Na área de prevenção, são trabalhadas estratégias que incentivam o uso do preservativo e de seringas descartáveis, a aplicação da vacina contra hepatite B a todas as adolescentes, bem como a socialização do conhecimento para que o vírus da hepatite B não seja transmitido de mãe para filho durante a gravidez/parto. Na área de diagnóstico, as ações visam à detecção precoce, por meio de sorologia para marcadores de hepatites virais, identificando a infecção antes mesmo que a mulher tenha manifestações clínicas possibilitando a intervenção no recém-nascido. As estratégias de tratamento objetivam melhorar a qualidade de vida do paciente por meio de medicamentos fornecidos gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Em relação aos direitos humanos, o Projeto Atendimento ao Menor Carente trabalha o lado social do paciente, esclarecendo o que representa a doença, evitando, assim, a discriminação. Além do que, o conhecimento da soroprevalência possibilita a identificação de surtos e a proposição de medidas para controle e prevenção. O conhecimento da patologia em nosso meio poderá servir de subsídio para a implementação de políticas de saúde por parte dos órgãos competentes.

## RESULTADOS

FIGURA 1  
Distribuição das hepatites virais no estado do Pará no ano de 2006.

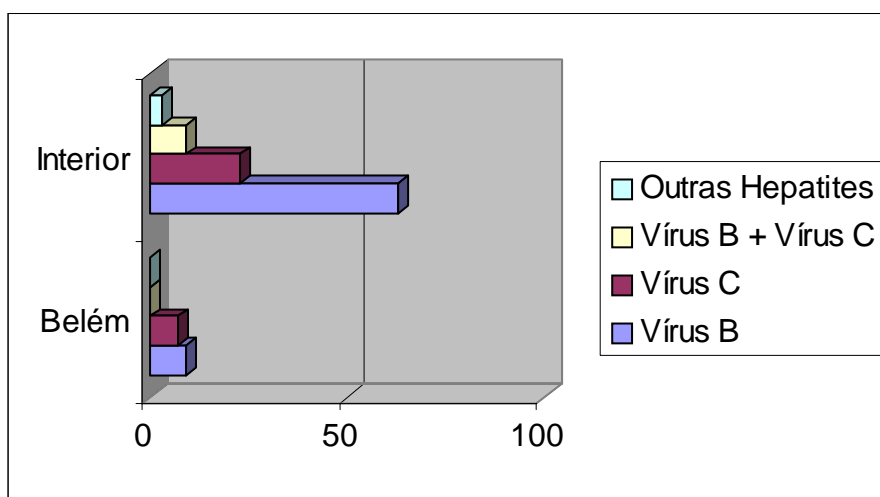
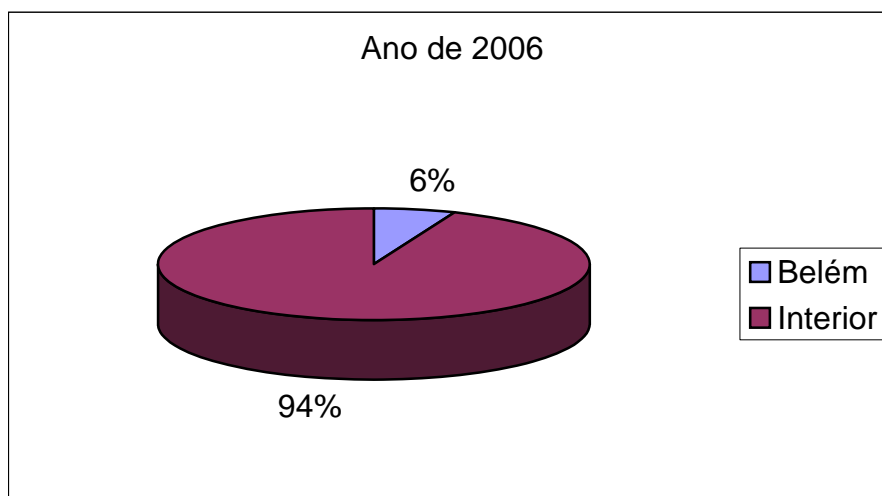
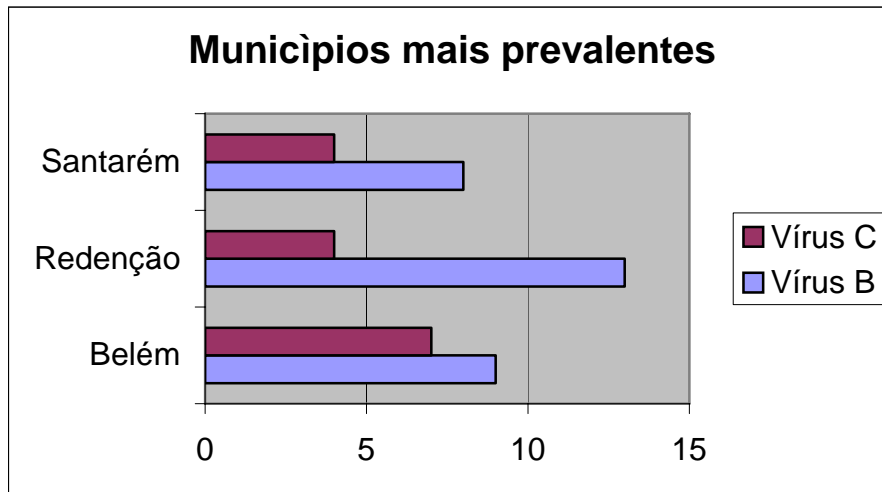


FIGURA 2  
Casos de hepatites virais no ano de 2006 no estado do Pará.



A figura 1 e a figura 2 confirmam o que a literatura mostra, pois a mesma relata que as atividades de assistência médica (sorologia para hepatites virais) são mais eficientes nas áreas urbanas (atividades que exigem maior apoio tecnológico), sendo assim os casos diagnosticados em Belém são inferiores aos do interior (FOCACCIA, 2003).

FIGURA 3  
Municípios mais prevalentes em hepatites virais no ano de 2006 no estado do Pará.



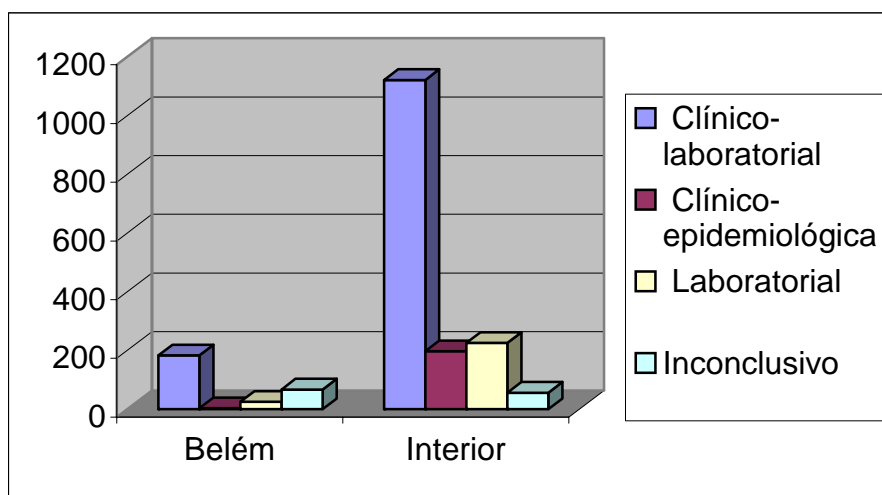
A figura 3 mostra que o vírus B apresentou uma prevalência maior que o vírus C, tanto na capital como no interior, além do que, em n<sup>o</sup>s absolutos, o município de Redenção foi o mais prevalente. Estudos adicionais são necessários para investigar a infecção no município de Redenção.

FIGURA 4  
Série histórica dos casos de hepatites virais de 1998 à 2006 no estado do Pará.



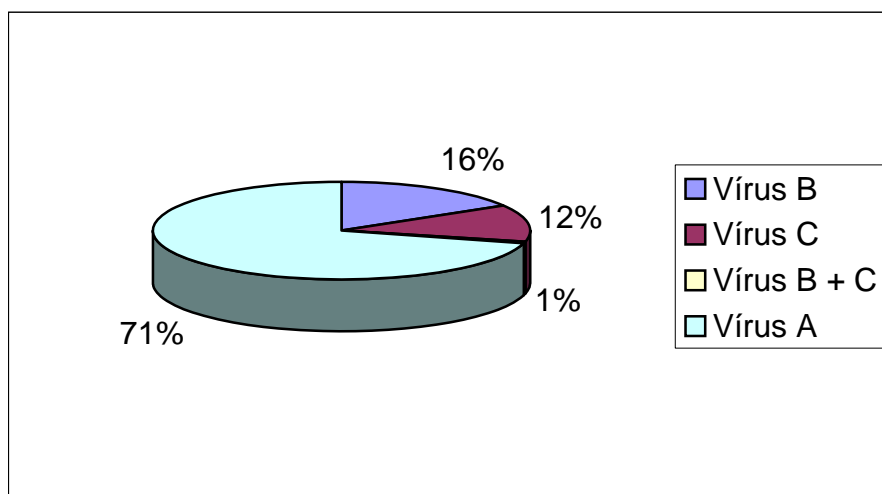
A Figura acima mostra que houve um pico das hepatites virais em 2005, pelo maior número de casos de hepatite A notificados nesse ano, havendo uma queda até o presente momento. A prevalência da infecção pelo vírus da hepatite A varia conforme a região e está intimamente relacionada às suas condições socioeconômicas e sanitárias (CALIL, 1998).

FIGURA 5  
Casos de hepatite conforme diagnóstico no estado do Pará no ano de 2005.



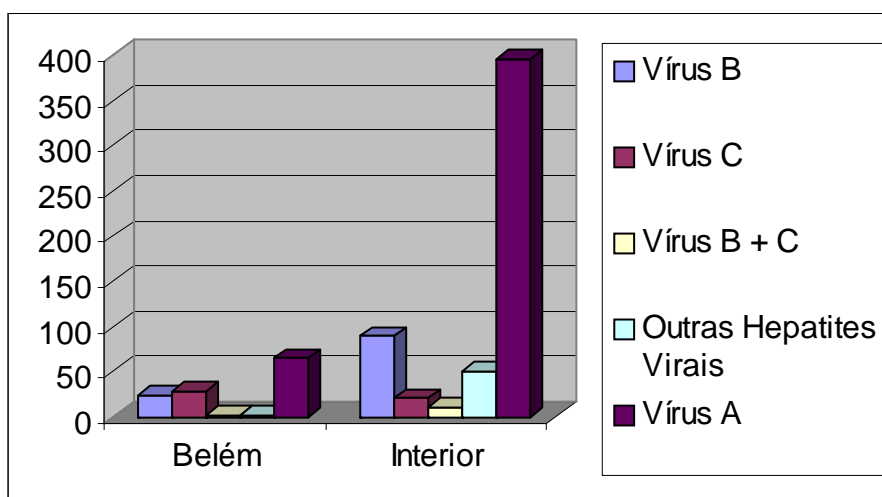
As hepatites virais apresentam similitude dos sintomas com diversas síndromes ictericas de outras etiologias (malária, febre amarela, leptospirose, hepatite alcoólica, etc.), necessitando, assim de uma confirmação diagnóstica completa com dados clínicos, epidemiológicos e laboratoriais.

FIGURA 6  
Etiologia das hepatites virais em Belém-PA no ano de 2005.



A hepatite A é a forma mais comum de hepatite viral aguda em muitas partes do mundo (FOCACCIA, 2003). A figura 6 mostra que os dados encontrados são pertinentes com o que diz a literatura. A hepatite A é doença de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, ou seja, está relacionada às condições de higiene (transmissão fecal-oral) (CALIL, 1998).

FIGURA 7  
Etiologia das hepatites virais no estado do Pará no ano de 2004.



O VHB ocupa o segundo lugar em termos de transmissão, visto apresentar uma forma de propagação mais complexa que o vírus da hepatite A. Entre os vários mecanismos de transmissão do VHB, os mais importantes são: transmissão percutânea via sangue, produtos de sangue ou instrumentos perfuro-cortantes contaminados; via sexual; transmissão perinatal de mãe com hepatite B que infecta o concepto (DINIZ, 1991).

## CONCLUSÃO

As hepatites virais são mais prevalentes no interior do Pará, do que em sua capital. Isso ocorre porque a confirmação sorológica concentra-se na capital e muitos casos diagnosticados como hepatite, podem ser posteriormente descartados mediante a confirmação laboratorial, o que não deve ocorrer no interior, onde o diagnóstico clínico-epidemiológico pode estar contribuindo para que um maior número de casos seja computado. A hepatite B ocupa o 2º lugar em termos de prevalência, sendo inferior a hepatite A.

O diagnóstico laboratorial, ainda pouco utilizado, é ferramenta indispensável para a etiologia das hepatites, sem o que, o diagnóstico será apenas presuntivo.

A falta de diagnóstico impede que medidas de proteção sejam adotadas e com isso, algumas conseqüências, tais como cirrose hepática, carcinoma hepatocelular e transmissão vertical podem se manifestar. As taxas de prevalência da infecção são alarmantes e pela importância do agravo, medidas visando a quebra da cadeia de transmissão devem ser tomadas. Para a prevenção das hepatites virais, em especial a hepatite B, além da educação em saúde é fundamental que se promova a prevenção por meio da vacinação.

As hepatites virais constituem um dos problemas de saúde pública de mais difícil resolução.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELÉM. Instituto Evandro Chagas, Seção de Hepatologia, Estudo e Pesquisa. *Sorologia e Biologia Molecular no Diagnóstico das Hepatites – Informações Elementares*, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Programa Nacional de Hepatites Virais. *Hepatites Virais: O Brasil está atento*. Brasília, 2003.
- CALIL, K.F. In: AZEVEDO, R. A. *Infectologia Pediátrica*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1998. p: 414-426.
- DINIZ, E..M.A. *Infecções Congênitas e Perinatais*. São Paulo: Atheneu, 1991. p.165-185.
- FOCACCIA, R. *Tratado de Hepatites Virais*. São Paulo: Atheneu, 2003.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Documento Científico. Consenso do Departamento de Gastroenterologia da Sociedade Brasileira de Pediatria. *Hepatites Virais – Vacinas*, abril. 2004.
- TENGAN, F.M., ARAÚJO, E.S.A. Epidemiologia da Hepatite B e D e seu Impacto no Sistema de Saúde. *The Brazilian Journal of Infectious Diseases*, v.10, supplement.1, p.6-10, ago. 2006.



## **Saúde e conhecimento da riqueza fitoterápica da Amazônia**

---

*Suanne Coelho Pinheiro  
Helem Rose Jastes Alves*

Projeto Riacho Doce – UFPA

### Área temática: SAÚDE E EDUCAÇÃO

(1) As atividades desenvolvidas pela área da saúde no Projeto Riacho Doce, além de promover ações preventivas e curativas, auxilia no desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescente através de palestras educativas.

(2) Aproveitando os aspectos da biodiversidade da flora Amazônica, a área da saúde ainda oportuniza o conhecimento do uso correto das propriedades curativas das ervas regionais fitoterápicas utilizadas largamente na cultura popular. Essa também é uma estratégia que faz com que os alunos além de valorizar os elementos regionais, possam ter acesso a informações de outros meios curativos alternativos de custos mais acessíveis.

(3) Com saúde não se brinca, mas é possível se aprender brincando. Recursos metodológicos como fantoches, teatros, jogos educativos e musicalidade compõem o trabalho da equipe de saúde do Projeto Riacho Doce. Na hora da brincadeira, a criançada interage com alegria e desenvoltura. É nesse momento que o trabalho em equipe faz a diferença.

(4) No PRD, a escabiose, a dermatite, a parasitose e a pediculose não tem vez. Frequentemente os alunos são monitorados pelos educadores de saúde para que também tenham saúde nota 10. Essa é uma estratégia que além de promover saúde permite que as crianças estejam aptas para as atividades físicas e atividades na piscina.

## **O Grupo de Alta como recurso terapêutico para efetuar o desligamento do paciente do ambulatório de ansiedade e depressão**

---

*Eliana de Jesus da Costa de Souza (eliana.jcs@gmail.com)*

Estagiária do programa AMBAD – Ambulatório de Ansiedade e Depressão

*Rose Daise Melo do Nascimento (daisenascimento@hotmail.com.br)*

Psicóloga voluntária do programa AMBAD – Ambulatório de Ansiedade e Depressão

*Marco Aurélio Valle de Moraes (maurélio@ufpa.br)*

Coordenador do programa AMBAD – Ambulatório de Ansiedade e Depressão  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia Clínica  
Hospital Bettina Ferro de Souza/UFPA

Área temática: SAÚDE

**RESUMO:** *O enfoque de trabalho do AMBAD está pautado na valorização da cultura, na maneira de adoecer do amazônida, utilizando a psicoeducação, psicofarmacoterapia, psicoterapia grupal e individual, adaptando técnicas clássicas para a realidade local, humanizando sobremaneira a forma de atendimento público e estimulando a colaboração do paciente como um dos principais responsáveis pela melhora de seu quadro clínico e qualidade de vida. Assim, o Grupo de Alta se propõe a trabalhar terapêuticamente a saída do paciente oferecendo um espaço humanizado para tal processo. Para tanto utiliza uma metodologia diferenciada para promover o desligamento do paciente do programa de forma terapêutica. O método utilizado para análise dos grupos foi o qualitativo, pois ele permite compreender as experiências vivenciadas pelos participantes bem como a dinâmica dos grupos realizados. Foi observado como resultados que a psicoeducação, aliada aos potenciais terapêuticos dos grupos, proporcionou uma importante ferramenta de atuação no desligamento dos pacientes de forma que os mesmos pudessem entender o momento de tratamento ao qual estavam inseridos.*

Palavras-chave: *Grupo de alta, terapêutico e psicoeducação*

### **INTRODUÇÃO**

O Ambulatório de Ansiedade e Depressão (AMBAD) é um projeto de extensão do Departamento de Psicologia Clínica inserido no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão, Departamento de Psicologia Social-Escolar, Centro Sócio-Econômico e Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, funcionando desde 1997 nas dependências do referido hospital, onde desenvolve atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão.

Possui uma equipe de trabalho multiprofissional e interdisciplinar composta por assistentes sociais, médicos psiquiatras e psicólogos, que prestam assistência, utilizando um modelo de tratamento biopsicossocial, à comunidade carente de todo o estado do Pará, de ambos os sexos, a partir de 18 anos de idade, que apresentem transtornos de Ansiedade e Depressão.

O enfoque de trabalho do AMBAD está pautado na valorização da cultura, na maneira de adoeecer do amazônida, utilizando a psicoeducação, psicofarmacoterapia, psicoterapia grupal e individual, adaptando técnicas clássicas para a realidade local, humanizando sobremaneira a forma de atendimento público e estimulando a colaboração do paciente como um dos principais responsáveis pela melhora de seu quadro clínico e qualidade de vida, facilitando sua reinclusão social no mercado de trabalho e na família de onde por conta do transtorno, via de regra, se encontra afastado.

Desta forma, o paciente recebe um tratamento diferenciado, com múltiplas formas de atendimento integrados entre si onde o enquadre institucional empregado oferece um suporte desde a inclusão do paciente até o seu desligamento do programa, nesse contexto o **Grupo de Alta** se propõe a trabalhar terapeuticamente a saída do paciente oferecendo um espaço humanizado para tal processo.

Sabe-se que desde os primórdios dos tempos, a humanidade tem vivido em grupos, inicialmente como meio de vencer os desafios da vida primitiva e garantir a sobrevivência grupal. Com a evolução da civilização, os homens foram se afastando uns dos outros, vivendo enclausurados em si mesmos e cada vez mais se individualizando. Entretanto, as exigências do mundo moderno e a complexidade do conhecimento vêm forçando o ser humano a buscar parcerias, ou seja, a trabalhar em grupo.

O atendimento de pacientes do AMBAD baseia-se na literatura, mostrando que a prática de atendimento de pacientes em grupo tem apresentado um acentuado crescimento na atualidade, sobretudo quando é levado em consideração fatores econômicos, temporais e novas concepções de tratamento em saúde mental (BIRMAN e COSTA, 1994).

Esta prática também vem se mostrando viável em decorrência dos avanços teóricos e técnicos neste campo. O panorama atual mostra a multiplicidade de intervenções em grupo nos mais variados contextos e evidencia a crescente aceitação entre profissionais, pacientes e principalmente no âmbito institucional (GUANAES e JAPUR, 2001).

O grupo apresenta-se como uma prática importante no que diz respeito à troca de informações entre os pacientes, pois é no momento do Grupo de Alta que o paciente relata que meios ele utilizou para enfrentar o momento de crise e os sintomas que apresentava.

O modelo utilizado nesta intervenção é o de *grupo operativo*, que segundo Pichón-Rivière (1991), visa operar em uma determinada tarefa e o mesmo está sub-classificado como *grupo terapêutico*. Entretanto, o Grupo de Alta do AMBAD desenvolveu um enquadre diferenciado onde o modelo de alta da psicoterapia individual foi adaptado para o atendimento grupal.

Segundo Hegenberg (2004) uma das dificuldades de se trabalhar com saúde mental está relacionada aos critérios que podem ser considerados como resultados satisfatórios para o término de um tratamento. Dentre as limitações, as razões podem ser consideradas muito subjetivas quando se trata de um paciente com condições para alta. Dentre alguns critérios citados pelo autor estão a melhora dos sintomas, uma maior autonomia em relação ao tratamento, maior tolerância às frustrações, melhor capacidade produtiva, superação do momento de crise, etc. Critérios estes também adotados no momento de avaliação do paciente atendido no AMBAD.

O trabalho realizado junto aos pacientes do AMBAD tem revelado particularidades desta clientela e como agravante do momento de crise em que se encontram está relacionado às fantasias, medos, dúvidas, falta de informação e preconceitos associados aos sintomas que apresentam. Neste contexto a psicoeducação é uma importante ferramenta não só para potencializar os efeitos terapêuticos já atribuídos ao grupo, como também auxiliá-los a gerenciar o desespero, medos, angústia, estigmas e baixa auto-estima. Assim, segundo Colom e Vieta (2004), com a psicoeducação os pacientes podem se apropriar de subsídios que os auxiliam a compreender e lidar com as conseqüências da doença, tornando-os responsáveis e ativos no processo de mudança, permitindo a colaboração ativa com a equipe em alguns aspectos do tratamento, inclusive ao se desligarem do programa através da alta.

Diante de tais constatações, a proposta do AMBAD, quando se trata de alta, não é curar o paciente e sim auxiliá-lo em um momento crítico que atravessa, oferecendo suporte e subsídios para desenvolver a autogestão em relação ao seu tratamento e a doença, bem como desenvolver estratégias de enfrentamento diante de possíveis recorrências das crises de Ansiedade e/ou Depressão. Com isso o grupo de alta tem como objetivo utilizar recursos terapêuticos em grupo para efetuar a alta do paciente do programa AMBAD.

## METODOLOGIA

O método utilizado para análise dos grupos foi o qualitativo, pois ele permite compreender as experiências vivenciadas pelos participantes bem como a dinâmica dos grupos realizados. Koizumi (1992) ressalta que “*o método qualitativo é uma abordagem sistemática, subjetiva, usada, para descrever as experiências de vida e dar-lhes significado*”.

Foram realizados três Grupos de Alta com duração de 1 hora, sempre às quartas-feiras no horário de 12h00min às 13h00min. Após a última consulta agendada para os pacientes, os mesmos foram encaminhados para o grupo. Antes do início deste foi realizada uma avaliação, pela equipe, do paciente em pré-alta. As entrevistas foram realizadas com o auxílio de um

instrumento de **Entrevista de Alta** e consistiu em verificar se os sintomas relatados como queixa principal no início do tratamento foram amenizados, controlados ou eliminados, analisar a responsabilidade do paciente em relação ao tratamento (frequência, interesse pelo tratamento etc.), e finalmente a realização dos Grupos de Alta em si que se constituíram em três momentos.

1) Reflexão e sensibilização sobre a evolução do tratamento: os pacientes foram encaminhados ao grupo e recepcionados pela equipe proporcionando um espaço acolhedor; os participantes foram convidados a se apresentar e em seguida ocorreu a apresentação da equipe; os pacientes foram estimulados a relatar a dinâmica de evolução do tratamento, com ênfase na **autoreflexão de seu estado de saúde apresentado no início e de como estava naquele momento com ênfase na escuta das estratégias de enfrentamento utilizadas pelos pacientes**; encerramento do primeiro momento sob a avaliação dos pacientes sobre eles mesmos.

2) No segundo momento foi aplicada a técnica para o **reforço da psicoeducação**. No período em que os grupos foram realizados estava ocorrendo a implementação do protocolo de atendimento e a psicoeducação estava sendo realizada ao longo do tratamento como seu reforço utilizado como técnica aliada ao grupo de alta. Objetivou fazer do paciente um colaborador ativo, aliado aos profissionais de saúde envolvidos e, conseqüentemente, tornar o procedimento terapêutico mais efetivo. Isto é algo mais sofisticado que a simples transmissão de informações “técnicas”, embora exista evidências de que isso, por si, já traga benefícios ao tratamento. A psicoeducação fora aplicada de modo a funcionar como um fluxo de informações de terapeuta para paciente e vice-versa, colocando-se dados objetivos e genéricos acerca da doença **dismistificando a mesma, bem como sobre a medicação: efeitos colaterais, emprego desta como apenas uma parte do tratamento etc.**

O estímulo à perda do estigma e a colaboração com a melhoria do *insight* sobre a doença são essenciais para o êxito do programa educativo e resgate da autonomia do paciente. Esta reflexão fora estimulada usando-se uma atividade de leitura de uma parábola que fala acerca do momento de tomada de decisão da mãe águia ao oferecer autonomia a seus filhotes e empurrá-los para o primeiro vôo – **A parábola da águia** –, como objetivo de levar a uma reflexão do momento de desligamento.

3) Nesta última etapa foram encaminhados para outras instituições de saúde para manutenção do tratamento medicamentoso se necessário e foi marcado com cada pacientes o seu retorno para avaliação pós alta, dentro de 90 dias.

As fontes de dados para análise constuiu-se dos registros escritos realizados pelo registrador e enriquecido pelo observador durante a realização dos grupos.

## RESULTADOS

Foram encaminhados para alta um total de 21 pacientes atendidos no AMBAD no período compreendido entre os dias 09 de dezembro de 2002 e 15 de fevereiro de 2006, sendo que **sete** pacientes participaram do primeiro grupo, **seis** pacientes participaram do segundo e **oito** pacientes do terceiro grupo.

### Dinâmica dos grupos

Um aspecto importante para se entender a dinâmica do trabalho realizado nos grupos foram os papéis desempenhados pelos seus membros. Para Pichón-Rivière (1991) cada um dos participantes do grupo constrói seu papel em relação ao outro e destaca quatro papéis básicos presentes nos processos grupais:

**Porta voz** – aquele que, sendo depositário da ansiedade grupal, a expressa de diversas maneiras, através de palavras, atos, silêncios etc. Este papel era muito variável no processo grupal de alta do AMBAD, onde ora um paciente expressava de forma positiva os sentimentos da matriz grupal, ora outro apresentava de forma negativa.

**Bode expiatório** – é o depositário de todas as ansiedades do grupo e o eleito para culpado de seus fracassos. Este papel não apareceu nos grupos realizados, uma vez que a doença era considerada a fonte dos problemas dentro dos grupos.

**Líder** – é aquele que favorece o processo no campo grupal através de estimulação, do intercâmbio de idéias e *insights* sobre o acontecer grupal. Geralmente este papel, nos Grupos de Alta realizados no AMBAD eram exercidos pelo primeiro participante a falar, seu comportamento era sempre seguido pelos demais e este sempre retornava a falar em alguns momentos do grupo após a fala de alguns deles, variando às vezes em alguns grupos.

**Sabotador** – é aquele que cristaliza em si o papel de cumprir expectativas físicas e de rigidez na comunicação, produzindo um efeito de retardamento da aprendizagem grupal. Representa a resistência. No primeiro Grupo de Alta, este papel foi claramente representado pela paciente **M.** (1º grupo) onde seus relatos iniciais eram de agressividade e entrave do processo grupal.

Observou-se que em todos os grupos realizados, o início do relato do paciente está embasado no **detalhamento dos sintomas no momento da crise**, a paciente **C.** (1º grupo) é um exemplo emblemático, pois descreve o momento de crise minuciosamente, (medo, calafrios, tremores, etc.). A paciente **I.** (1º grupo) também fala pormenorizadamente dos

sintomas que apresentava antes de ser atendida no AMBAD. **G.** (3º grupo) chora ao se apresentar lembrando detalhadamente de tudo que passou e de suas dificuldades. Esta revivência dos sintomas pode estar ligada a um fenômeno também apresentado no Grupo de Acolhimento onde o paciente executa sua **apresentação por meio da doença**, ao ser solicitado ao paciente que se apresenta o mesmo descreve seus sintomas. Este comportamento pode ser cultural e estar ligado ao modelo clássico de atendimento ambulatorial onde o indivíduo está acostumado a falar somente de seus sintomas ao médico. Outra observação importante é **identificação** que ocorre entre os membros do grupo onde nota-se que a primeira apresentação serve de modelo para os demais. Este fenômeno ocorre em todos os grupos.

A **ênfase no trajeto realizado pelo paciente até chegar no programa** é mais uma categoria identificada nos grupos. O paciente sempre se remonta para a “peregrinação” que realiza antes de realizar o tratamento no AMBAD,

A **resistência à alta** manifestou-se com uma frequência significativa nos grupos, apesar de alguns pacientes apresentarem melhora dos sintomas relatam não estarem preparados para receber alta. **S.** (3º grupo) relatou estar com medo da alta, se sentia bem, ainda tomava remédio, mas que se sentia dependente deste tratamento. **M.** (1º grupo) perguntou: “*eu queria saber por que vocês resolveram nos dar alta?*” e ainda diz que não se sente apta a receber alta **R.** (1º grupo) em todas as etapas do grupo fala de sua crise inicial e de medicação. O **medo de ficar desamparado** ao ser desligado do programa pode estar também ter gerado a **raiva** que alguns membros manifestaram, bem como o **ataque e ameaças à equipe de saúde**. **M.** diz que é agressiva que apesar de sua força de vontade para vencer seu problema não consegue por conta dessa agressividade, em outro momento do grupo, diz que sente tanta raiva que é capaz de matar alguém.

Outro sentimento emergente na fala dos integrantes dos grupos foi a **confiança na equipe de saúde** onde a figura do médico, do psicólogo ou da assistente social, ou ainda de toda a equipe se apresenta como uma fonte de ajuda e esperança. **M.** (2º grupo) relata no grupo que não conseguia resolver seus problemas sozinho, até que foi encaminhado ao AMBAD e diz “*A consulta com o doutor foi fundamental*”. **A.** (2º grupo) fala: “*O momento que passei no AMBAD foi muito bom e passei a ter mais confiança que ia melhorar*”. **I.** (1º grupo) diz que quando chegou ao programa se sentiu segura. **E.** (1º grupo): “*fui bem tratada pela equipe e estou bem melhor hoje*”. O enquadre estruturado do AMBAD pode ser uma explicação para tais comportamentos de confiança do paciente, pois uma das características que podemos atribuir aos transtornos de Ansiedade e Depressão é a desestruturação, confusão que o paciente chega para o atendimento.

Relatos importantes dentro do grupo foram os das **formas que o paciente buscou para enfrentar a crise**. **C.** (1º grupo) fala: *“aprendi a respirar, pois os médicos e psicólogos do pronto-socorro me deram algumas dicas sobre controlar sua respiração”*, procurou a igreja e voltou a “andar sozinha” com isso começou a ter forças de vontade pra lutar contra sua doença, procurou ainda sair e conversar com suas amigas, incluiu novas atividades em seu dia-a-dia e começou a “voltar a viver”. **M.** (2º grupo) coloca que recorreu a outras formas de ajuda como pintura, desenho, etc. **S.** (3º grupo) diz estar se esforçando para não depender do remédio. **G.** (3º grupo) relata o apoio fundamental que obteve de seu cônjuge. **F.** (3º grupo) disse que procurou “trabalhar sua cabeça” para ficar bom. As formas de enfrentamento como se pode observar são as mais variadas: atividades lúdicas, com pintura, desenho, apoio de familiar, técnicas aprendidas em consultas, tentativa de mudança de pensamento. Estas formas variam de acordo com o ambiente em que o paciente está inserido, sua personalidade, sua cultura e meio social.

#### A importância da Psicoeducação

O **desconhecimento acerca da doença e dos sintomas** que os pacientes apresentavam ao chegar ao AMBAD surge como um dos temas principais no primeiro grupo. **I.** (1º grupo), em relato inicial no primeiro Grupo de Alta realizado no Ambulatório de Ansiedade e Depressão diz que sofreu uma crise durante dezessete dias e coloca: *“eu não sabia o que eu tinha”* **J.** (1º grupo), relata: *“eu não sabia o que tinha no início”*. **R.** (1º grupo) relata o momento em que ficara angustiada por *“não saber o que tinha de errado com a sua saúde”* Muitos pacientes, em geral, partilham de alguns mitos terríveis sobre sua doença o que pode contribuir para a negação do diagnóstico. Com isso um dos alvos desta técnica diz respeito à melhora da adesão do tratamento, muito relacionado à desinformação e ignorância, entre as razões mais frequentes encontradas no discurso do paciente estão relacionadas ao medo de ficar dependente da medicação, ficar louco, preocupação com os efeitos colaterais do psicofarmaco receitado, sentir vergonha de seu estado de saúde etc.

Com isto, no segundo momento do grupo é abordada a desmistificação da doença, onde é esclarecido que todos temos momentos na vida onde são vivenciados os fenômenos da ansiedade e depressão, mas que isso deve ser enfrentado.

Um importante resultado neste grupo é a fala de alguns pacientes a cerca do aprendizado que obtiveram ao ingressar no programa e ressaltam que o entendimento acerca da doença e dos sintomas proporciona um alívio inicial no sofrimento que os ajuda a enfrentar o problema. Assim muitos pacientes relatam os benefícios da psicoeducação como por



exemplo o relato da paciente **E.** (2º grupo) que fala de sua “luta pessoal” e dos recursos que utilizou para vencer a doença relatando também estar bem melhor por **entender o que tem e que “já consegue andar sozinha”**.

Silva (1996) destaca que as pessoas gostam e precisam de **falas positivas de superação**; que as recebendo, aprendem a usá-las também. Essas falas foram aproveitadas e foi usada a psicoeducação para reforçar esse momento ou exercitar a vontade do paciente, valorizando o potencial de cada um. No grupo em questão percebemos que a retroalimentação partiu não somente do coordenador, mas também de todos os participantes. A partir do momento que os integrantes apresentam suas experiências e expõem suas opiniões, cria-se um clima de confiança, de cumplicidade impulsionando o mesmo ao crescimento. Quando os participantes expõe sua experiência de um modo **positivo** os outros integrantes tendem a escutar e ocorre uma troca favorável ao crescimento grupal. As falas seguintes ilustram esta constatação:

**M.** (1º grupo) “acredito que vou sair desta”.

**M.** (2º grupo): “pretendo ser o melhor possível, principalmente na confiança, tenho fé no futuro e que é possível levar uma vida sadia sem ficar dependente senão vai sempre estar em uma posição de coitadinho.”.

**E.** (2º grupo) ressalta que: “*a crise não é o fim do mundo e o problema que vivenciei foi um momento de aprendizado*”. Diz que aprendeu a lidar melhor com isso e que este é o seu grande avanço tendo a possibilidade de cuidar do problema sem a medicação.

Estas falas eram sempre reforçadas com palavras do coordenador de cada grupo no sentido de que ao se passar a conhecer o problema aprende-se a enfrentá-lo e que todos passaram por um momento de crise, mas que agora, todos possuíam recursos para enfrentar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos Grupos de Alta que foram realizados com pacientes em processo de desligamento do programa AMBAD pode levar às seguintes reflexões: Os grupos foram realizados de modo a favorecer um espaço de entendimento do momento em que os pacientes se encontravam no tratamento. Como para a equipe AMBAD, alta não é entendida como sinônimo de cura e sim de um momento de auxiliá-lo na crise o grupo possui uma orientação diferente, neste contexto. Está mais voltado para a escuta da trajetória do paciente dentro do programa e que recursos ele se utilizou para enfrentar a crise. Estas estratégias de enfrentamento da crise podem servir de modelo para outros pacientes, e isto reforça o desligamento em grupo. Observou-se que a psicoeducação como uma ferramenta importante no manejo das fantasias, medos, etc. com a qual o paciente tinha sua crise agravada.

Especificamente, no contexto brasileiro, o atendimento em grupo teve seu crescimento impulsionado pelas mudanças nas concepções e formas de atendimento em saúde mental, que visavam a reintegração social dos pacientes. Com um atendimento inovador o AMBAD possui uma visão sistêmica do homem, proporcionando uma reflexão dentro dos grupos realizados durante a trajetória do paciente.

Percebe-se, portanto, a necessidade de que as propostas grupais de intervenção em saúde mental considerem as especificidades de seu contexto e da clientela atendida, de modo a manter a qualidade dos atendimentos e suas finalidades terapêuticas.

Os grupos de Alta tiveram uma evolução conforme iam sendo executados, pois possibilitava entrar em contato com novas possibilidades de intervenção. Na avaliação final realizada a cada grupo pode-se constatar que os mesmos funcionavam de forma terapêutica para a maioria dos pacientes, apesar da resistência inicial a alta, uma vez que os mesmos ao final dos grupos avaliavam como boa sua trajetória posterior desligamento do AMBAD.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRMAN, J. & COSTA, J. F. *Organização das instituições para uma reforma comunitária*. In AMARANTE P. (Org), *Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica* (pp.41-72). Rio de Janeiro: Fiocruz. 1994.
- COLOM, F. e VIETA, E. Melhorando o desfecho do transtorno bipolar usando estratégias não farmacológicas: o papel da psicoeducação. *Rev. Bras Psiquiatr.* Out. 2004, vol. 26, supl. 3, p. 47-50. ISSN 1516-4446.
- GUANAES C, JAPUR M, 2001. Reflexões sobre a prática grupal em contexto institucional no tratamento de pacientes ambulatoriais. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 14, 191-199.
- HEGENBERG, M. *Psicoterapia breve*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- KOIZOUMI, M. S. *Fundamentos Metodológicos da pesquisa em saúde*. Ver. Esc. Enf. USP, v. 26, p. 33-47, 1992. Número especial.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- SILVA, M.J.P. *Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde*. 5a ed., São Paulo, Gente, 1996.

**Grupo de Acolhimento:  
uma modalidade de atendimento humanizado  
aos pacientes do Ambulatório de Ansiedade e Depressão**

---

*Girlany Barbosa Tavares (girlanytavares@hotmail.com)*  
*Marilene Silva dos Santos (ssmarilene@yahoo.com.br)*

Estagiárias de Serviço Social / Bolsistas da PROEX

*Ana Maria Pires Mendes (apires@ufpa.br)*

Coordenadora do Projeto, Assistente Social e Mestre em Sociologia

*Rose Daise Melo do Nascimento (daisenascimento@hotmail.com)*

Psicóloga voluntária do Programa AMBAD

*Eliana de Jesus da Costa de Souza (eliana.jcs@gmail.com)*

Estagiária voluntária de Psicologia

Centro Sócio Econômico. Departamento de Políticas e Trabalhos Sociais, HUBFS/UFPA

Área temática: SAÚDE

**RESUMO:** *O Ambulatório de Ansiedade e Depressão é um Programa de Extensão da Universidade Federal do Pará, funcionando desde 1997 nas dependências do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza. Possui uma equipe de trabalho interdisciplinar composta por assistentes sociais, médicos psiquiatras e psicólogos. O enfoque de trabalho do AMBAD está pautado na valorização do sujeito, da cultura, na maneira de adoecer da nossa clientela. O Grupo de Acolhimento é um dos atendimentos oferecidos pelo mesmo, com a proposta de criar um espaço de acolhimento e atendimento humanizado a indivíduos atendidos pela primeira vez no ambulatório; trabalhar a motivação destes no que se refere ao tratamento; conhecer suas expectativas à cerca do atendimento oferecido e coletar os dados sócios-econômicos-demográficos-clínicos, através do instrumento de triagem. A realização do trabalho é feita pela equipe multidisciplinar. Geralmente os pacientes ficam resistentes por terem que participar de um grupo em vez de serem atendidos pelo médico. Mas, ao final de cada trabalho de grupo, eles reconhecem a importância/benefício que o grupo traz. O trabalho interdisciplinar é um recurso que ajuda a melhorar a qualidade dos cuidados de saúde prestados ao paciente, e certamente, contribui não só para o paciente que terá uma recuperação mais rápida, como também, para o crescimento dos profissionais envolvidos.*

Palavras-chave: *Acolhimento, humanização e interdisciplinaridade.*

## 1. INTRODUÇÃO

O Ambulatório de Ansiedade e Depressão é um Programa de Extensão do Departamento de Psicologia Clínica, inserido no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão, Departamento de Psicologia Social-Escolar, Centro Sócio-Econômico e Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, funcionando desde 1997 nas dependências do referido hospital, onde desenvolve atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão.

Possui uma equipe de trabalho interdisciplinar composta por assistente social, médico psiquiatra e psicólogos, que prestam assistência, utilizando como tratamento o modelo

biopsicossocial, à comunidade carente do estado do Pará, principalmente os situados na grande Belém, de ambos os sexos, a partir de 16 anos de idade, que apresentem transtornos de ansiedade e/ou depressão.

O enfoque de trabalho do AMBAD está pautado na valorização da cultura, na maneira de adoecer do amazônida, utilizando como instrumentos terapêuticos a psicoeducação, psicofarmacoterapia, psicoterapia grupal e individual, utilizando referencial teórico e técnicas voltadas a esse eixo, tomando como referência à realidade local. Humaniza sobremaneira a forma de atendimento público e estimula a colaboração do paciente a se perceber como principal sujeito responsável pelo seu tratamento, facilita sua re-inserção social no mercado de trabalho e na família.

Desta forma, o paciente recebe um tratamento diferenciado com múltiplas formas de atendimento integrados entre si, nesse contexto o **Grupo de Acolhimento** se apresenta com a proposta de oferecer um espaço de acolhimento e atendimento humanizado a indivíduos que são atendidos pela primeira vez no ambulatório.

## 2. O GRUPO DE ACOLHIMENTO

Trata-se de um tipo de *grupo operativo*, que segundo Rivière (1991), visa operar em uma determinada tarefa e se enquadra num subtipo classificado como *grupo terapêutico*. Entretanto, o Grupo de Acolhimento do AMBAD desenvolveu um enquadre diferenciado onde o modelo de primeira entrevista psicoterápica individual foi adaptado para o atendimento grupal, utilizando técnicas de relaxamento, psicoeducação, dinâmicas que favorecem *insight* sobre o processo adoecimento-tratamento, anamnese, etc.

Assim sendo, o Grupo de Acolhimento no Programa AMBAD tem por objetivos: prestar atendimento humanizado ao paciente, trabalhar a motivação dos indivíduos no que se refere ao tratamento, conhecer as expectativas dos mesmos acerca do atendimento que estes receberão no ambulatório e fazer a coleta de dados sócios-econômicos-demográficos-clínicos, através do instrumento de triagem.

Os critérios definidos para selecionar os participantes desse grupo estão incluídos no protocolo do programa AMBAD, ou seja, pessoas de ambos os sexos, maiores de 16 anos, de baixa renda, que se queixem de sintomatologia relativa aos transtornos de ansiedade e/ou depressão, que estavam sendo atendidos pela primeira vez pela equipe AMBAD.

Para subsidiar o trabalho no Grupo de Acolhimento, fomos buscar alguns elementos teóricos em Gilliéron (1996) relativos ao enquadre psicoterápico. Segundo esse autor, o método compreende os dados fixos do tratamento (o *setting*): frequência das sessões, limite de

tempo, face a face, divã, poltrona, etc. ele é também delimitado por dados concretos mais fundamentais, tais como o status sócio-cultural da psicoterapia em geral, os direitos e deveres do psicoterapeuta e do paciente, em suma, oferece elementos fundamentais ao tratamento.

Diante desses critérios, no período de 20/01/2006 – 28/04/2006 (03 meses) foram realizados 12 sessões, totalizando o atendimento a 59 pacientes. No grupo, foi estabelecido o limite de 10 (dez) participantes, o mesmo acontecia às sextas-feiras no horário de 12:00 às 13:00, na sala 33 da ala B, do Hospital Bettina Ferro de Souza.

O Grupo de Acolhimento é sempre realizado por três membros da equipe AMBAD, da área do psicossocial, composta por profissionais e estagiárias, com papéis previamente definidos como: coordenador, observador e registrador. Os registros escritos e as observações da equipe constituem o material de análise deste trabalho. Para a realização deste grupo foi previamente necessária a estruturação de um enquadre descrito pelas etapas discriminadas abaixo, respectivamente:

#### PREPARAÇÃO DO AMBIENTE (SETTING):

- **Música ambiente:** som com músicas de relaxamento durante a dinâmica do grupo.
- **Aromatização:** uso de difusor com essências aromatizantes que proporciona o ambiente mais agradável.
- **Organização das cadeiras:** são distribuídas sempre em círculo para que todos possam visualizar e se comunicar de forma uniforme.
- **Identificação dos participantes:** preparação prévia dos crachás para que o coordenador do grupo possa identificar todos os participantes do mesmo.
- **Folha de papel em branco:** são utilizadas para o momento da dinâmica.
- **Fichas de triagens:** questionário semi-estruturado para a coleta de dados. São preenchidas pelo paciente com colaboração da equipe.

#### RECEPÇÃO DOS PACIENTES NA SALA DE ESPERA

O paciente é recepcionado pelos estagiários de Serviço Social, que lhe prestam as primeiras informações a respeito do grupo que participará. Momento em que é esclarecido sobre o serviço AMBAD e a composição de sua equipe. Em seguida, os pacientes são convidados a se dirigirem à sala onde será realizado o grupo. Ao entrarem na sala, os mesmos são recebidos pelo coordenador do grupo. A partir de então, é dado início às atividades do Grupo, onde todos recebem uma atenção igualitária e humanizada.

#### APRESENTAÇÃO DA EQUIPE

A equipe se apresenta de acordo com sua função no grupo, sendo que somente o registrador explica detalhadamente a sua função, esclarecendo que no registro do grupo as identidades dos pacientes serão mantidas em absoluto sigilo.

## APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

O Coordenador convida aos participantes a se apresentarem falando um pouco do que fazem, para que possamos conhecê-los. Geralmente, os mesmos falam seu nome e os sintomas que estão sentindo.

## ANÁLISE DA APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

O coordenador faz uma análise da apresentação dizendo que solicitou aos pacientes que se apresentassem enquanto pessoas, o que a grande maioria faz é apresentar a sua doença. Mas é compreensível esse momento, visto que os mesmos estão passando por um momento muito complicado em suas vidas, e no AMBAD, a equipe privilegia eles como pessoas e não a doença.

## DINÂMICA DE RELAXAMENTO

O coordenador convida a todos para fazer exercícios de relaxamento. Primeiramente, diminui a luminosidade da sala e aumenta o volume do som. Depois transmite os comandos suavemente. Inicia essa atividade com exercícios leves de respiração, chamando atenção para a forma de respirar e suas implicações, ou seja, respirar direito é algo tão simples que faz tão bem. Essa dinâmica acontece aproximadamente em 4 minutos.

Após essa atividade, o coordenador os convida para realizarem exercícios musculares, também leves, mas que fazem os pacientes ficarem menos tensos e mais à vontade.

## DINÂMICA DO PAPEL

O coordenador entrega aos participantes uma folha em branco e pede que todos olhem para a mesma e percebam como ela está no momento. Os pacientes respondem de acordo com suas percepções. Em seguida, pede que eles projetem na folha todo o momento complicado que estão vivendo: suas angústias, sofrimento, medo, tristeza, tudo que estão se queixando. Após isto, o coordenador solicita que eles balancem a folha, e pergunta o que percebem. Os pacientes percebem que a folha emite barulho. Então, diz para amassarem essa folha, depois para desamassarem, abrir e balançar novamente a mesma. Os pacientes percebem então, que ela não emite mais barulho.

## ANÁLISE DA DINÂMICA DO PAPEL

O coordenador explica que a folha é como se fossem os próprios pacientes, o momento que estão passando, um momento complicado que faz barulho, que incomoda. Então, a partir do momento em que eles procuram dar atenção a esses barulhos, eles não irão mais incomodá-los tanto. E que as marcas da folha amassada simbolizam todas experiências

vividas por eles, sejam boas ou ruins, suas lembranças, deixam um aprendizado, e que depende muito de cada um perceber esse momento como uma coisa que pode ser tratada, sendo fundamental a força de vontade de cada um para superar esta situação.

#### INSTRUÇÃO E PREENCHIMENTO DA TRIAGEM

O coordenador mostra e explica a todos a ficha de triagem informando-os como preenchê-la. Diz que é o momento em que eles irão contar em detalhes seus dados pessoais e suas queixas. A equipe se coloca a disposição em ajudá-los a esclarecer qualquer dúvida.

O coordenador explica ainda, que a ficha será analisada na segunda-feira por toda a equipe do AMBAD, no Grupo de estudos de casos, onde ocorre avaliação multidisciplinar dos casos e a proposição do plano de tratamento de cada paciente. E avisa sobre o retorno para consulta médica na terça-feira.

#### TÉRMINO DO GRUPO

O grupo tem duração de uma hora, com previsão de término às 13h, quando todos os pacientes devolvem suas fichas de triagem devidamente preenchidas. Em seguida, a equipe complementa o preenchimento da ficha de triagem, com as falas dos pacientes, faz a avaliação do grupo (se este alcançou seu objetivo), acrescentando no registro as questões colocadas pelo observador e coordenador.

3. Análise dos resultados do trabalho com o Grupo de acolhimento, realizada pela equipe, no período de janeiro a abril de 2006.

De acordo com a análise efetuada, foi possível destacar as seguintes categorias de eventos prevalentes neste tipo de atividade:

- **Ansiedade antecipatória ao grupo** – é uma situação agravada pelo horário de atendimento no Programa, pela expectativa frustrada do paciente em falar com o médico, pela cultura no atendimento público de chegar cedo para ser atendido mais rápido e principalmente pelo horário do almoço, quando a maioria dos pacientes estão com fome.
- **Apresentação pessoal por meio da doença** – os pacientes se apresentam, na maioria das vezes, falando de seus sintomas. Percebemos que alguns acrescentam e exacerbam sintomas com a intenção de sensibilizar todo grupo com o seu caso. Eles geralmente se identificam com a primeira apresentação feita, esta geralmente serve de modelo para que os demais se apresentem.
- **“Contágio” (competição) entre as queixas** – percebemos que existe uma competição entre os pacientes em relação às queixas que relatam. Acredita-se que eles entendem que se estiverem pior do que os demais terão mais possibilidades de serem atendidos.

- **Relato de sua trajetória desde o início da crise até chegar ao AMBAD** – os pacientes sempre falam como iniciou os sintomas relatando todos os passos que realizaram até serem encaminhados para o Programa.
- **Resistência à técnica** – temos pacientes que não correspondem na íntegra aos comandos das dinâmicas do grupo.
- **Boicote ao grupo** – pacientes que ignoram a presença do coordenador, pedindo auxílio a outras pessoas, como o observador; geralmente não respondem a um questionamento direto do coordenador.
- **Questionamento quanto à medicação** – os pacientes geralmente ficam preocupados e questionam sobre a questão da medicação e da consulta com o médico.
- **Avaliações positivas do novo método apresentado pelo AMBAD** – alguns pacientes ao final do grupo agradecem pelo atendimento que lhes foi oferecido, pois o consideram diferenciado dos que estão acostumados.
- **Ameaça ao grupo** – são relatos violentos conscientes ou inconscientes com a intenção de amedrontar o grupo, principalmente a equipe AMBAD.
- **Sedução** – são expressões utilizadas por pacientes ao término de cada grupo “foi muito bom”, “já estou muito melhor”.
- **Raiva** – sintoma frequentemente relatado nos grupos.
- **Incompreensão do problema por terceiros** – segundo relatos de pacientes, os familiares, amigos e vizinhos falam que eles não tem nada, e sim estão com “frescura”, o que sentem não é doença e sim “preguiça” ou desculpa para não fazer as tarefas do dia-a-dia.
- **Ganhos secundários com a doença** – é freqüente os pacientes utilizarem a doença para ter maior atenção de familiares ou amigos e concessão de benefícios.
- **Aliança terapêutica** – relatos relativos à adesão do tratamento, vontade de ficar bom.
- **Luto** – relato de perdas de pessoas significativas e os sentimentos decorrentes da situação.
- **Projeção da causa da doença** – Atribuição de causa e manutenção da doença associada a comportamentos de terceiros quando relatam que estão doentes por causa de tal comportamento de alguém (cônjuge, familiar etc).
- **Não se sentir à vontade para falar em grupo** – temos pacientes que ficam inibidos durante o grupo, pois sentem vergonha de se expressarem no meio de várias pessoas.
- **Auto-medicação** – existem pacientes que tomam dosagens maiores que as indicadas pelo médico ou retiram a medicação abruptamente sem orientação médica.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Pensar em grupo é pensar no coletivo. Toda vez que agimos coletivamente avançamos. O ‘nós’ é mais forte que o ‘eu’” (RIBEIRO, 1994, p. 8). Dessa forma, entende-se que como não se vive isoladamente, também se adoce em grupo, por isso, acredita-se que tratar a doença em grupo, é muito mais produtivo. E neste referido grupo cada um dos participantes tem a oportunidade de falar, de ouvir, de tocar e de se perceber, a partir da experiência do outro.

O AMBAD oferece um tratamento diferenciado a seus pacientes, principalmente com o trabalho do Grupo de Acolhimento, como é o primeiro contato do paciente, deve ser sobretudo humanizado.

Essa atividade se mostrou um instrumento de grande valia no início do tratamento dos pacientes do AMBAD, pois permite que por intermédio do contato entre indivíduos que compartilham de uma realidade semelhante, sejam acolhidos num espaço terapêutico que alivia o nível de ansiedade, esbate fantasias sobre o episódio que estão vivenciando, facilita a integração entre o paciente e a equipe.

Percebeu-se que a maioria dos pacientes ficam resistentes no início, em participar de um grupo, como o primeiro atendimento, pois quase todos os pacientes vêm ansiosos para atendimento com o médico, como já estão acostumados. Mas, ao final de cada Grupo os mesmos reconhecem a importância/benefícios que o grupo traz, e agradecem pelo atendimento e atenção que receberam. Afirmam que é um tratamento diferenciado. Observa-se que se sentem importantes enquanto sujeitos, capazes de superarem seus conflitos.

As dinâmicas do grupo foram analisadas, cautelosamente, pela equipe a fim de verificar se contribuem terapêuticamente para os participantes. Com o decorrer das discussões, constatou-se que realmente os objetivos foram alcançados, pois a dinâmica do relaxamento deixa os participantes mais à vontade e menos ansiosos; e a dinâmica do papel, considerada um momento fundamental do grupo por ser motivadora, transmite segurança e incentiva os participantes a querer superar sua problemática.

Entendemos também, que o trabalho interdisciplinar é um recurso que ajuda a melhorar a qualidade dos cuidados de saúde prestados ao paciente, e certamente, contribui não só para o paciente que terá uma recuperação mais rápida, como também, para o crescimento dos profissionais envolvidos. E a perspectiva do trabalho Serviço Social no Programa e no sentido de contribuir para a formação e melhora do atendimento ao paciente e sua família, que também vivencia a problemática; procurando fazer com que eles aprendam construir novas estratégias para melhorar a sua qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GILLIÉRON, Edmond. *A primeira entrevista em psicoterapia*. São Paulo: Unimarco, 1996.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Gestalt-Terapia. O processo grupal: uma abordagem fenomenológica da Teoria do Campo e Holística*. São Paulo: Summus, 1994.

RIVIÈRE, Pichon. *O Processo Grupal*. São Paulo. 4. ed. Martins Fontes, 1991.

## **Climatério e câncer de colo de útero**

---

*Gisele de Siqueira Rosa*

Universidade Federal do Pará

Área temática: SAÚDE

### **INTRODUÇÃO**

No Brasil, a estimativa de incidência aponta o câncer de colo do útero como o terceiro mais comum entre as mulheres em 2006. Estima-se também que seja a quarta causa de morte por câncer em mulheres. Para o ano de 2006, as Estimativas da Incidência de Câncer no Brasil apontam a ocorrência de 19.260 novos casos de câncer do colo do útero. A infecção do colo uterino pelo HPV é considerada por alguns pesquisadores provavelmente como um pré-requisito para o desenvolvimento desta doença, entre outros fatores. Dentre todos os tipos, o câncer do colo do útero é o que apresenta um dos mais altos potenciais de prevenção e cura, quando diagnosticado precocemente. O diagnóstico é feito através de colpocitologia oncótica e exames de confirmação diagnóstica (colposcopia e biópsia com histopatológico).

### **OBJETIVO**

Este estudo tem como objetivo destacar a importância de se incentivar e realizar a prevenção do câncer de colo de útero em mulheres climatéricas. Método: O presente trabalho foi realizado com 50 mulheres atendidas no ambulatório de patologia cervical da Santa Casa de Misericórdia do Pará no período de setembro de 2005 a setembro de 2006.

### **RESULTADOS**

Observou-se alta incidência de lesões pré-malignas e carcinoma invasor em mulheres de 40 a 49 anos, pós-menopausadas, a maioria com 1 parceiro sexual, sem o conhecimento de serem portadoras de DST, que negam possuírem outros fatores de risco, que relatam não frequentar regularmente os consultórios de ginecologia. O tipo histológico mais encontrado foi o carcinoma de células escamosas em estágio bastante evoluído da doença.

### **CONCLUSÃO**

Verificou-se que o rastreamento do câncer de colo de útero é indispensável para a manutenção da saúde não só de pacientes jovens que estão mais propensas a adquirir o HPV, mas também às mulheres climatéricas que mesmo sem ou com o desconhecimento dos fatores de risco estão sujeitas ao desenvolvimento desta doença.

## BIBLIOGRAFIA

ALDRIGHI, J.M.; ALDRIGHI, A.P.S.; PETTA, C.A. Contracepção hormonal oral, hpv e risco de câncer cérvico-uterino. *Rev. Assoc. Med. Bras.* v.48, n.2, abr./jun., 2002 BRASIL. Ministério da Saúde. INCA, 2006.

Associação Argentina para o estudo do climatério. *Revisión: Rol del HPV en la Patogenesis de las Neoplasias del cuello Uterino*. Disponível em: <[http://www.aapec.org/trab\\_cientificos/23.htm](http://www.aapec.org/trab_cientificos/23.htm)>

Instituto Nacional do Câncer. Disponível em: <[http://www.inca.gov.br/conteudo\\_view.asp?id=140](http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=140)>

NICOLAU, S.M. Existe câncer do colo uterino sem HPV? *Rev. Assoc. Med. Bras.* v.49, n.3, jul./set., 2003.

Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <<http://www.who.int/en/>>

## Prevenir a amputação através da educação

*Jacqueline Lima dos Santos  
Eliana da Silva Sousa  
Lidiane Nogueira da Silva*

Hospital Universitário Bettina de Ferro Souza

Área temática: SAÚDE

### JUSTIFICATIVA

O projeto justifica-se diante da necessidade de se efetuar um atendimento de enfermagem de caráter preventivo e de controle com os pés diabéticos, de custo relativamente baixo, apresentando vantagem de custo benefício em relação ao tratamento de úlceras e amputações.

### OBJETIVO

Geral: Tornar o cliente apto ao auto-cuidado por meio do exame diário e prevenção de complicações com os pés.

### METODOLOGIA

O estudo prospectivo foi realizado em uma amostra aleatória de 100 pacientes inscritos no projeto. A cada consulta os pés foram examinados obedecendo aos seguintes critérios: verificação de pulso periférico, higiene, termorregulação, hidratação, micoses, rachaduras, lesões e sensibilidade.

### RESULTADOS

PULSO	Palpável: 78 Não palpável: 07	Diminuído: 09 Diminuído/palpável: 03 Palpável/não palpável: 03
HIGIENE	Ótima: 08 Regular: 76	Boa: 07 Irregular: 09
PELE	Hidratada: 53 Ressecada: 44	Fria: 03
MICOSES	Sim: 26	Não: 74
RACHADURAS	Presente: 17	Ausente: 83
LESÕES	Presente: 06	Ausente: 94
SENSIBILIDADE	Positiva: 98 Negativa: 00	Diminuída: 02

### DISCUSSÕES

A diabetes é uma patologia múltipla de evolução silenciosa, caracterizada pelo aumento da concentração de glicose no sangue, que pode ser devido a uma ausência da

produção de insulina ou a deficiência da desse hormônio. Embora sejam muitas as complicações sérias e dispendiosas que afetam o indivíduo diabético, aquelas com os pés representam um quadro problemático. Oitenta e cinco por cento das amputações das extremidades inferiores relacionadas a diabetes são precedidas de uma ulceração nos pés. Os fatores mais importantes relacionados ao desenvolvimento das úlceras são a neuropatia periférica, traumas superficiais e deformidades dos pés devido a alteração de sensibilidade dos pés. O pé diabético um problema econômico significativo, a amputação resulta em hospitalização, reabilitação e necessidade de cuidados domiciliares e de serviços sociais; ressaltando-se os custos indiretos como a perda da produtividade do cliente a sua contribuição com a sociedade, gastos individuais, interferência na qualidade de vida e redução da auto-estima.

## CONCLUSÃO

O Hospital Universitário Bettina de Ferro Souza, desde 1997, desenvolve O Programa de atenção multidisciplinar ao paciente diabético, o qual tem possibilitado a prática ligada a assistência, estudo, pesquisa e extensão, possibilitando pesquisas, trabalhos científicos, capacitação de técnicos, docente e discentes visando uma efetiva assistência de qualidade aos clientes diabéticos. Os resultados obtidos têm sido satisfatórios, os riscos de amputação para os 470 clientes atendidos pelo programa são praticamente inexistentes. Os clientes são, em sua maioria, pessoas na melhor idade envelhecendo com qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://www.eerp.usp.br/projetos/feridas/Pediabetico>  
<http://www.abcdasaude.com.br/artigo>  
[http://www.diabetes.org.br/apresentacoes/Congresso\\_Paulista](http://www.diabetes.org.br/apresentacoes/Congresso_Paulista)

**Perfil nutricional dos alunos universitários inscritos no  
Projeto de Atenção Multiprofissional em Saúde com Baixo Peso,  
Sobrepeso e Obesidade do HUBFS/UFPA**

---

*Janete Silva Conceição*  
Universidade Federal do Pará

Área temática: SAÚDE

## 1. INTRODUÇÃO

O estado nutricional adequado é o reflexo do equilíbrio entre a ingestão balanceada de alimentos e o consumo de energia necessário para manter as funções diárias do organismo. Sempre que existir algum fator que interfira em qualquer uma das etapas desse equilíbrio, os riscos de o indivíduo desenvolver desnutrição são eminentes (NETO, 2002).

Avaliar corretamente o estado nutricional é o primeiro passo no processo de intervenção para uma boa nutrição, porque permite reconhecer as alterações por perda ou excesso e, deste modo, orientar na saúde e na doença, o melhor planejamento nutricional (SILVA *et al*, 2003).

No âmbito da saúde pública, os dados antropométricos de populações são de grande utilidade na identificação de grupos que necessitam de intervenção nutricional, na avaliação de respostas a uma intervenção, no estabelecimento de fatores determinantes da desnutrição, do sobrepeso e da obesidade e como instrumento de vigilância nutricional (SILVA *et al*, 2003).

A obesidade pode ser reflexo das dificuldades que os homens ainda enfrentam de se alimentar para se sentirem melhor e mais saudáveis. Contudo, em se tratando de uma doença multifatorial, além dos fatores nutricionais, os aspectos genéticos, metabólicos, psicossociais, culturais, entre outros, atuam na origem e na manutenção da obesidade (CUPPARI, 2002).

O crescimento da obesidade como problema de saúde pública em países desenvolvidos e em desenvolvimento vem provocando uma necessidade ainda maior da aferição de peso, estatura e, conseqüentemente, do índice de massa corporal (IMC) em estudos epidemiológicos. O IMC tem sido utilizado como um indicador válido do estado nutricional de grupos populacionais (NETO *et al*, 2005).

Este estudo objetivou traçar o perfil nutricional dos alunos universitários inscritos no Projeto de Atenção Multiprofissional em Saúde do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza da UFPA.

### 1.1.OBJETIVOS:

Geral: Avaliar o estado nutricional, através da antropometria, de adultos com idade de 20 a 47 anos, estudantes da Universidade Federal do Pará, participantes do Projeto de Atenção Multiprofissional em Saúde aos alunos da UFPA com baixo peso, sobrepeso e obesidade.

Específicos:

- Conhecer o perfil nutricional dos alunos inscritos no Projeto.
- Identificar o estado nutricional através do Índice de Massa Corpórea (IMC)
- Comparar o perfil nutricional da população masculina e feminina.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1. BAIXO PESO

A prevalência do déficit de peso em adultos é igual ou superior a 5% para homens com mais de 74 anos de idade (8,9%) e mulheres com menos de 30 anos. Entre os homens adultos, em geral, o déficit de peso é sempre inferior a 5% em todas as regiões do país, variando de 2% no Sul a 3,5% no Nordeste, sendo ligeiramente maior no meio rural, ainda que, em nenhum caso, superem os 5%. Na população feminina, as taxas variam de 3,7% no Sul a 6,2% no Nordeste e Centro-Oeste. No meio rural, alcança 3,6% no Sul e é de 5,1 % no Norte. Nas áreas rurais do Nordeste, a prevalência de déficit de peso alcança 7,2 das mulheres adultas, no Sudeste, 6,2% e no Centro-Oeste, 6,3%, indicando, nos três casos, baixa exposição a desnutrição (Pesquisa de Orçamentos Familiares, 2005).

O termo peso deficiente ou baixo peso é aplicável a pessoas que estão com cerca de 15 a 20% abaixo do padrão aceito de peso normal (KRAUSE, 2002).

O peso deficiente pode ser causado por uma ingestão insuficiente em quantidade e qualidade de alimentos para atender as necessidades da atividade da pessoa; atividade excessiva; mal-absorção e má utilização do alimento consumido; uma doença debilitante, como tuberculose e hipertireoidismo, que aumenta a taxa metabólica e; estresse psicológico ou emocional ou anormalidade psicológica. A subnutrição por sua vez pode levar a múltiplos distúrbios endócrinos, podendo apresentar sinais de disfunção de tireóide, hipófise, gônadas e adrenais (KRAUSE, 2002).

A desnutrição é definida como uma diminuição da ingestão de alimentos ou até mesmo de jejum, acompanhado, em geral, de um aumento das necessidades energéticas e protéicas, assim como uma utilização alterada das mesmas, caracterizando um desequilíbrio metabólico. Existe conseqüentemente, na doença, um potencial enorme de alteração da composição corpórea e das funções orgânicas do indivíduo (NETO, 2002).



Segundo Rodrigues (2000) a anorexia e bulimia são doenças muito mais complexa do que uma simples inanição, provem das visões que esses indivíduos tem dos seus aspectos físicos. Porém, assim como as pessoas que tem compulsão por alimentos, os anoréxicos e os bulímicos expressam suas angustias através da alimentação. Sua causa não é apenas um fator isolado, mas um conjunto de fatores de ordem biológica, psicológica, familiar e sócio-cultural. Na maioria dos casos nota-se que seu início se dá pela perda de peso corporal, sendo consequência de uma patologia ou a inanição de alimentos.

A redução excessiva do peso corporal pode induzir o organismo a uma série de complicações, notadamente no que se refere à produção e à transformação de energia para a manutenção das condições vitais a para a realização das tarefas do cotidiano (COSTA, 1998; SILVA *et al*, 2003).

É importante avaliar a extensão da deficiência de peso antes de iniciar um programa de tratamento. Utilizando-se os dados antropométricos, é possível determinar se realmente existe uma deficiência de peso perigosa para a saúde (KRAUSE, 2002).

## 2.2. SOBREPESO E OBESIDADE

A obesidade foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como doença universal com importantes repercussões para a saúde pública (CARNEIRO, 2003). Dentro deste contexto, a obesidade consolidou como agravo nutricional associado a uma alta incidência de doenças cardiovasculares, câncer, hipertensão e diabetes, influenciando desta maneira, no perfil de morbi-mortalidade das populações (GIGANTE, 1997).

Defini-se obesidade como sendo uma enfermidade crônica, que se caracteriza pelo acúmulo excessivo de gordura a um nível tal que a saúde esteja comprometida, considerando ainda a distribuição regional, uma vez que o excesso de gordura localizada na região abdominal e um fator de risco maior de morbidade que o excesso de gordura corporal em si (CUPPARI, 2002; NETO, 2002).

Para Mendonça e Anjos (2004) a obesidade pode ser definida, de forma simplificada, como uma doença caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal, sendo consequência de balanço energético positivo e que acarreta repercussões à saúde com perda importante não só na qualidade como na quantidade de vida.

A Pesquisa de Orçamentos Familiares, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada entre 2002 e 2003, com o apoio do Ministério da Saúde publicou dados relativos aos adultos maiores de 20 anos, dos 38,6 milhões de brasileiros que estão acima do peso, 10 milhões são obesos (PAIVA, 2005).

O problema do sobrepeso e obesidade dos brasileiros adultos afeta, proporcionalmente quase o dobro de mulheres em relação aos homens, de certa forma repetindo o que ocorria com o baixo peso, pois em 1974/1975 o baixo peso atingia 6,8 % dos homens e 10,4% das mulheres, e mesmo tendo-se reduzido estes percentuais (3,4% e 6,1% em 1997), a diferença entre os sexos foi mantida (MENDONÇA & ANJOS, 2004).

Os dois aspectos mais apresentados como relacionados a um quadro de balanço energético positivo têm sido mudanças no consumo alimentar, com aumento do fornecimento de energia pela dieta e redução da atividade física, configurando o que poderia ser chamado do estilo de vida ocidental contemporâneo (MENDONÇA & ANJOS, 2004).

A obesidade está associada à presença de várias doenças: hipertensão, doenças coronariana, diabetes melito, dislipidemia, doenças respiratórias, doença da vesícula biliar e distúrbios intestinais. Os indivíduos obesos também têm maior risco de acidentes, alterações emocionais e discriminação social. Entretanto, a obesidade não é necessariamente acompanhada por estes distúrbios, e estes nem sempre acompanham a obesidade (KRAUSE, 2002).

As principais ferramentas clínica para diagnosticar a obesidade em indivíduos maiores de 18 anos são o índice de massa corporal (IMC) (NETO, 2002).

### 2.3. TRANSIÇÃO NUTRICIONAL

É incontestável que o Brasil e diversos países na América Latina estão experimentando nos últimos vinte anos uma rápida transição demográfica, epidemiológica e nutricional, suas características e os estágios de desenvolvimento diferem para os vários países. Sendo que no Brasil o problema da carência nutricional atinge 32 milhões de indivíduos, numero equivalente a 22% da população do país ou 9 milhões de familiares. Tais dados não se explicam pela disponibilidade interna de alimentos. O poder aquisitivo e certos aspectos de produção, colheita, armazenamento e transporte dos alimentos, além certamente de hábitos alimentares inadequados, são fatores envolvidos na alta prevalência de carência nutricional (OLIVEIRA *et al*, 1996; COLOMBO, 2003).

Ao mesmo tempo em que declina a ocorrência da desnutrição em crianças e adultos em um ritmo acelerado, aumenta a prevalência de sobrepeso e obesidade na população brasileira. A projeção dos resultados de estudos efetuados nas ultimas três décadas é indicativa de um comportamento claramente epidêmico do problema. Estabelece-se, dessa forma, um antagonismo de tendências temporais entre desnutrição e obesidade, definindo uma das características marcantes do processo de transição nutricional do país (FILHO & RISSIN, 2003).

Considerando-se, cumulativamente, a prevalência do sobrepeso e obesidade entre mulheres adultas, constata-se que as duas condições agregadas evoluíram de valores iniciais de 22,2% (1974/1975) para 39,1% (1989) e, finalmente, 47,0% (1995/1996), correspondendo, assim, um aumento de 112% (FILHO & RISSIN, 2003).

Embora o estado nutricional energético-protéico seja o aspecto paradigmático da epidemiologia dos problemas nutricionais e seu transito entre a desnutrição da criança e obesidade do adulto, parece interessante sair de uma leitura reducionista para uma descrição mais ampliada das mudanças no itinerário dos problemas nutricionais no quarto final do século (FILHO & RISSIN, 2003).

Neste contexto em que a transição nutricional esta acontecendo se faz necessário cada vez mais a avaliação nutricional e do consumo alimentar de grupos populacionais para se diagnosticar a situação de saúde da população e promover informações para programas futuros que se possibilita modificações dessa situação (PAIVA, 2005).

#### 2.4. AVALIAÇÃO DO ESTADO NUTRICIONAL

A avaliação do estado nutricional tem como objetivo identificar os pacientes em risco nutricional, promover o suporte nutricional adequado e monitorar sua evolução. Para abordar de forma geral o estado nutricional, devem ser considerados os seguintes parâmetros: anamnese alimentar, exame e história clínica, dados antropométricos, bioquímicos e psicossociais (ISOSAKI & CARDOSO, 2004).

O estado nutricional de um indivíduo reflete o grau pelo qual as necessidades fisiológicas de nutrientes estão sendo atendidas. A ingestão de nutrientes depende do consumo real dos alimentos, que é influenciado por muitos fatores. Esses fatores incluem condição econômica, comportamento alimentar, ambiente emocional, influências culturais e os efeitos de varias doenças no apetite e na capacidade de consumir e absorver nutrientes de maneira adequada. Por outro lado, as necessidades de nutrientes são influenciadas por uma serie de fatores incluindo estresse fisiológico, como infecção, processos crônicos ou agudos de uma doença, febre e/ou trauma, estados anabólicos normais de crescimento e gravidez, manutenção do corpo e bem-estar e estresse psicológico (KRAUSE, 2002).

A antropometria pode ser definida como estudo científico das medidas do corpo humano. Ela reúne as principais medidas utilizadas na avaliação do estado nutricional, como as medidas de massa corporal, peso e altura. O peso, que representa o somatório de todos os compartimentos corporais (gordura, proteínas, água, minerais, etc.), é de limitado valor, por si só, na avaliação nutricional do adulto; contudo quando comparado à altura, peso habitual ou

peso ideal, fornece índices importantes, na avaliação do estado nutricional que podem auxiliar na identificação tanto da desnutrição quanto da obesidade. A altura é uma medida antropométrica linear de simples execução. Ela é de pouca valia na avaliação nutricional de adultos, no entanto, é utilizada em importantes índices de avaliação nutricional, como o índice de massa corporal (CUPPARI, 2002; NETO, 2002).

O IMC leva em consideração as diferenças da composição corpórea ao definir o nível de adiposidade de acordo com a relação de peso para altura (KRAUSE, 2002). Ele é o indicador simples de estado nutricional, calculado a partir da seguinte fórmula:  $\text{Peso (P) atual em quilos (Kg) dividido pela estatura ao quadrado (A}^2\text{) em metros (M) — IMC=P/A}^2$ . Os seguintes critérios de diagnóstico nutricional são recomendados para a população adulta. Os limites de corte de sobrepeso e emagrecimento estão descritos no Quadro 1, proposto por Cuppari (2002).

QUADRO 1  
Classificação do Estado Nutricional segundo o Índice de Massa Corporal

IMC	Classificação
< 16,0	Magreza grau III
16,0 – 16,9	Magreza grau II
17,0 – 18,4	Magreza grau I
18,5 – 24,9	Eutrofia
25,0 – 29,9	Sobrepeso
30,0 – 34,9	Obesidade grau I
35,0 – 39,9	Obesidade grau II
> 40,0	Obesidade grau III

Fonte: Organização Mundial da Saúde, 1997; Cuppari, 2002

### 3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal com coleta de dados primários, utilizando as variáveis: peso, estatura e Índice de Massa Corpórea (IMC), realizado no Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza da UFPA.

Foram avaliados 65 alunos universitários inscritos no Projeto de Atenção Multiprofissional em Saúde da UFPA, de ambos os sexos, com idade entre 19 e 47 anos. As pessoas foram voluntariamente avaliadas de acordo com a relação peso e altura através do IMC, obtido através da fórmula:

$$\text{IMC} = \frac{\text{Peso (Kg)}}{\text{Altura}^2 \text{ (metros)}}$$

$$\text{Altura}^2 \text{ (metros)}$$

Obteve-se então o perfil nutricional utilizando-se a classificação proposta pela Organização Mundial de Saúde descrita no Quadro 2.

QUADRO 2  
Classificação do Índice de Massa Corporal

IMC	Classificação
< 16,0	Magreza grau III
16,0 – 16,9	Magreza grau II
17,0 – 18,4	Magreza grau I
18,5 – 24,9	Eutrofia
25,0 – 29,9	Sobrepeso
30,0 – 34,9	Obesidade grau I
35,0 – 39,9	Obesidade grau II
> 40,0	Obesidade grau III

Fonte: Organização Mundial da Saúde, 1997; Cuppari, 2002.

O peso foi verificado através de uma balança calibrada de plataforma do tipo Welmy Modelo 110, com capacidade 150 Kg e divisões de 100g. Os indivíduos foram posicionados em pé, no centro da base da balança, descalço e com roupas leves.

Para a medição da estatura foi aferida com estadiômetro fixo na balança que mede até 190 centímetros e graduado com precisão de 0,5 centímetros. Os indivíduos foram medidos em pé, descalços, com os calcanhares juntos, costas retas, braços estendidos ao lado do corpo e cabeça posicionada num ângulo de 90° com o pescoço.

Os dados foram processados e analisados no Programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) 11.0 e Excel 2003.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada com 65 alunos inscritos no Programa de Atenção Multiprofissional do HUBFS da UFPA, sendo 36,9% do sexo masculino e 63,1% do sexo feminino.

TABELA 1  
Estado Nutricional dos alunos universitários inscritos no Projeto, de acordo com o sexo.

Estado Nutricional	SEXO					
	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Magreza grau III	0	0	4	9,8	4	6,2
Magreza grau II	1	4,2	4	9,8	5	7,7
Magreza grau I	6	25	10	24,4	16	24,6
Eutrofia	4	16,6	10	24,4	14	21,5
Sobrepeso	3	12,5	9	21,9	12	18,5
Obesidade grau I	8	33,3	3	7,3	2	3,1
Obesidade grau II	1	4,2	1	2,4	11	16,9
Obesidade grau III	1	4,2	0	0	1	1,5
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>100</b>	<b>41</b>	<b>100</b>	<b>65</b>	<b>100</b>

A Tabela 1 mostra o estado nutricional de acordo com o sexo, onde se verifica um alto percentual de magreza grau I entre homens e mulheres, que são respectivamente, 25% e

24,4%. Estas proporções de magreza são superior a sobrepeso (21,9%) e obesidade I e II (7,3% e 2,4 %), para sexo feminino e inferior a obesidade I (33,3%), para o sexo masculino. No entanto estas proporções de baixo peso não coincidem com os estudos encontrados por Brabo *et al* (2004) e Silva *et al* (2003), que foram respectivamente, 8% e 4,9%.

Atualmente, observamos que a tirania estética privou a mulher de uma relação saudável com a alimentação, visto que para emagrecer ela come pouco e geralmente mal. As dietas que deveriam ser simples indicadores para uma alimentação menos calórica, virariam uma obsessão e um risco para a saúde (Regimes, 2005). No entanto, o culto a magreza, muitas vezes esconde sérias doenças que podem levar a morte, como a anorexia e a bulimia nervosa, que atingem de 0,5% a 1% e de 2,0% a 4,0% da população, respectivamente (FERREIRA, 2004).

TABELA 2

SEXO						
Estado Nutricional	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Baixo Peso	7	29,2	18	43,9	25	38,5
Eutrofia	4	16,7	10	24,4	14	21,5
Sobrepeso	3	12,5	9	22	12	18,5
Obesidade	10	41,6	4	9,7	14	21,5
<b>Total</b>	24	100	41	100	65	100

Na Tabela 2 indica que as mulheres estão mais abaixo do peso que os homens, totalizando um percentual de 43,9%.

Verifica-se que 40% dos alunos, de ambos os sexos, estão acima do peso. Segundo o sexo, os homens estão mais acima do peso (54,1%) do que as mulheres (31,7%). Destes percentuais, 22% das mulheres estão com sobrepeso contra 12,5% dos homens. Porém, em relação à obesidade, os homens apresentaram maior percentual (41,6%) do que as mulheres (9,7%). Em comparação com os estudos de Silva *et al* (2003), no que se refere ao sobrepeso, os homens foram que apresentaram maior percentagem (27%) em relação às mulheres (20,5%), ao contrário da obesidade aos quais apresentaram uma diferença pequena de 8,1% contra 9,1% das mulheres.

Estes resultados estão de acordo com o estudo da POF (Pesquisa Orçamentaria Familiar, 2003) que indicou o excesso de peso e obesidade, aumentando contínua e intensamente na população masculina. Em 1974, o problema da obesidade era praticamente inexistente e em 2003, duplicou o percentual de homens com excesso de peso (de 18,6% para 41,0%) e triplicou o de obesos (de 2,8% para 8,8%). Até em 1989, os percentuais de excesso

de peso e obesidade, entre homens, eram bastante inferiores àquelas observados para as mulheres. Em 2003, estes percentuais praticamente se igualaram.

Diversos estudos vêm mostrando que as taxas de sobrepeso e obesidade têm aumentado significativamente entre a população adulta brasileira. Em pesquisas realizadas pelo SISVAN, pôde-se observar que o número de adultos obesos e com sobrepeso atendidos em Unidades Básicas de Saúde, pelos Programas Saúde da Família e agentes Comunitários de saúde, aumentou consideravelmente nos últimos tempos.

## 5. CONCLUSÃO

Os alunos avaliados apresentaram em sua maioria baixo peso, totalizando 38,5%, sendo predominante entre o sexo feminino (43,9%) contra 29,2% do sexo masculino.

Em relação à obesidade, verificou-se que 40% dos alunos estão acima do peso, sendo em sua maioria encontrada entre o sexo masculino (54,1%) do que no feminino (31,7%).

Gouveia (1999) ressalta a importância do uso da antropometria na avaliação do estado nutricional, pois através dela é possível elaborar programas de intervenção com base nos resultados obtidos.

Por essa razão, é de extrema importância o incentivo à ação preventiva, para evitar que as pessoas com baixo peso não regridam, as com sobrepeso não evoluam para a obesidade, e os obesos não aumentem o grau de obesidade. Além disso, tal prevenção deve estender-se também às pessoas, para que estas mantenham seu padrão saudável.

## REFERÊNCIAS

BRABO, A. C. S.; SILVA, R.O. Perfil socioeconômico e nutricional dos usuários do restaurante Universitário da *Universidade Federal do Pará*. Trabalho de Conclusão de Curso. Belém-Pa, 2004.

CARNEIRO, G. Obesidade central e risco cardiovascular. *Revista Associação Médica Brás.* v.49, n.3, 2003. p.306-311.

COLOMBO, R. C. R. Caracterização da obesidade em pacientes com infarto do miocárdio. *Revista Latino Americana de Enfermagem.* 11 (4), jul/ago, 2003 p.461-467.

COSTA, R. F. Qual a melhor técnica para a avaliação da composição corporal. *Nutrição em Pauta.* São Paulo, 1999. p.31-35.

CUPPALI, L. *Guia de Medicina Ambulatorial e Hospitalar: Nutrição clínica no adulto.* São Paulo: Manole; 2002.

FERREIRA, C. Muito além da magreza. *Diário do Grande ABC*, Santo André -SP, 2004 Disponível em <[http://www.cfn.org.br/variavel/ultimas/nutricao\\_midia\\_nutri\\_midia1080.htm](http://www.cfn.org.br/variavel/ultimas/nutricao_midia_nutri_midia1080.htm)> Acesso em: 18 ago 2005.

FILHO, M. B.; RISSIN, A. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. *Caderno Saúde Pública.* Rio de Janeiro, 2003. p181-191.

- GIGANTE, D. P. Prevalência de obesidade em adultos e seus fatores de risco. *Revista Saúde Pública*, v.31, n.3, 1997. p.236-246.
- GOUVEIA, E. L. C. *Nutrição: saúde e comunidade*. 2 ed. Rio de Janeiro, 1999.
- ISOSAKI, M; CARDOSO, E. *Manual de Dietoterapia e Avaliação Nutricional do Serviço de Nutrição e Dietética do Instituto do Coração*. Editora Atheneu. São Paulo, 2004.
- KRAUSE, M. V.; MAHAN, L.K. *Alimentos, Nutrição e Dietoterapia*. 10 ed. São Paulo: Roca, 2002.
- LISBOA, M. B. M. C. *Programa Vigilância Nutricional SISVAN*. Disponível em < [http://www.saude.mg.gov.br/coord\\_sisvan.htm](http://www.saude.mg.gov.br/coord_sisvan.htm)> Acesso em: 29 ago 2005.
- MENDONÇA, C. P.; ANJOS, L.A. Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/obesidade no Brasil. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro.v.20, n.3, mai/jun. 2004, p.698.
- NETO, G. A. M.; POLITO, N. D.; LIRA, V. A. Fidedignidade entre peso e estatura reportados e medidos e a influência do histórico de atividade física em indivíduos que procuram a prática supervisionada de exercícios. *Revista Brasileira Medicina e Esporte*. v.11, n.2, mar/abr, 2005. p.141.
- NETO, F.T. *Nutrição Clínica*. 1 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- OLIVEIRA, J. E. A.; CUNHA, E. F. C.; MARCHINI, J.S. *Desnutrição dos pobres e ricos: dados sobre a alimentação no Brasil*. São Paulo: Savier, 1996.
- PAIVA, R. Criança desnutrida adulto obeso. *Saúde, Brasil*. n.104,jan, 2005.p.2.
- Regimes*. Disponível em <<http://www.editora.globo.com/dietas.htm>>.Acesso em: 29ago2005.
- RODRIGUES, T. Informativo da Sociedade Brasileira de Nutrição Parenteral e Enteral. Ano VI, n.30, nov./dez. 2000. p.8.
- SILVA, A. L. V.; DINIZ, C. C.; MENDONÇA, C.C.S.; ESTEVES, G. B.; KUBOTA, K. Y. D.; ARAUJO, M. T. S.; SILVA, K. L. J.; CERRI, C. F. F.; VIGGIANO, C. E. Perfil antropométrico de estudantes adultos de uma escola estadual da cidade de São Paulo. *Revista Nutrição Brasil*. v. 2, n.5, set./out. 2003. p. 279-285.



## **Produção do material didático digital de testes manuais de goniometria**

---

*Laura Maria Tomazi Neves (lmtomazi@hotmail.com)*

Graduanda de Fisioterapia da UEPA

*Iraci Soares de Oliveira (iracifiso@hotmail.com)*

Professora Mestra da disciplina de Avaliação Funcional da UEPA  
Departamento de Ciência do Movimento Humano – CCBS/ UEPA

Área temática: SAÚDE

### **INTRODUÇÃO**

Em todos os países, independentemente do seu grau de desenvolvimento, a Informática tem sido um dos campos que mais tem crescido atualmente. Este processo tem atingido sobretudo as áreas de Educação e Lazer. Em decorrência, constata-se que, no mundo todo, o computador tem entrado cada vez mais cedo no processo educacional, tornando-se então, estratégico saber de que maneira ele pode determinar os novos rumos da construção do pensamento (BARRETO, 1994).

De indicador de modernidade a ícone da chamada “revolução tecnológica”, as multimídias são materiais de ensino/leitura pouco conhecidos e, via de regra, abordados em território híbrido, demarcado por perspectivas tecnicistas e economicistas (CHAUI, 1999).

Tecnicamente falando, multimídia é a tecnologia caracterizada por permitir a combinação, em um mesmo programa e sob forma digital, de mídias diversas: textos impressos, imagens, sons, etc., em movimento. Discursivamente, multimídia é a tecnologia que permite “a coexistência de distintas ordens de materialidade em um mesmo espaço” (NUNES, 1998), implicando, portanto, em condições de realização de um certo tipo de leitura. Novas leituras de textos novos, constituídos pela articulação de múltiplas linguagens.

Está fundado nos sentidos que o termo (“multimídias”) põe em circulação e nas estratégias de constituição do sentido hegemônico de solução para os problemas enfrentados na esfera das políticas educacionais e das práticas pedagógicas. Neste percurso, busca analisar as contradições que sustentam os discursos da sua inserção nas diferentes situações de ensino (da condição de recurso a elemento estruturante), tendo em vista representações como a possibilidade de superação dos limites do discurso pedagógico tradicional/presencial e, ao mesmo tempo, a possibilidade de simplificação do trabalho docente e, ainda, da formação de professores (CYSNEIROS, 1999). A goniometria é uma importante parte de uma avaliação abrangente das articulações e dos tecidos moles que a envolvem. Refere-se à medida de

ângulo, em particular às medidas dos ângulos criados nas articulações humanas pelos ossos do corpo. A goniometria pode ser usada para determinar tanto uma determinada posição articular como sua quantidade total de movimento possível (NORKIN & WHITE, 1997). Assim sendo, a produção de um material didático digital (CD-Rom) na forma de atlas com os conteúdos programáticos de Goniometria aprimoraria os recursos didáticos utilizados na disciplina de Avaliação Funcional do curso de Fisioterapia da Universidade do Estado do Pará como auxiliaria o processo ensino-aprendizagem da disciplina e contribuiria para outros cursos da área da saúde com conteúdos semelhantes.

## OBJETIVOS

- Produção de um material didático digital (CD-Rom) na forma de atlas com os conteúdos programáticos de Goniometria.
- Aprimorar os recursos didáticos utilizados na disciplina de Avaliação Funcional do Curso de Fisioterapia da Universidade do Estado do Pará.
- Auxiliar o processo ensino-aprendizagem da disciplina.
- Contribuir para outros cursos da área da saúde (Terapia Ocupacional, Educação Física e Medicina) que possuam conteúdos semelhantes.

## METODOLOGIA

A produção do material didático digital organizar-se-á em 6(sete) etapas:

### 1. Revisão Bibliográfica

Serão utilizados livros e periódicos publicados nos últimos 10 anos.

### 2. Seleção do material e produção do material escrito

A partir da revisão bibliográfica, o material considerado relevante cientificamente, assim como diferentes pareceres e metodologias dos autores, serão inclusos no atlas.

### 3. Captura de imagens

A captura de imagens será feita no laboratório de Recursos Terapêuticos Manuais com uma câmera fotográfica digital marca Olympus, modelo D590 ZOOM com resolução de 4.0 Megapixel. Serão convidados como voluntários (modelos) alunos do próprio curso de Fisioterapia. Eles demonstrarão a técnica passo a passo e serão fotografados. Outras imagens ilustrativas e esquemas serão inseridos.

### 4. Digitação

O programa utilizado será o Power Point do sistema operacional Windows XP.

### 5. Organização

A organização do atlas dar-se-á da seguinte maneira:

- Introdução a Goniometria.

- Procedimentos
- Testes de Extremidade Superior
- Testes de Extremidade Inferior
- Teste da coluna vertebral e da articulação temporo-madibular.

A revisão do material será feita pelo coordenador do projeto.

#### 6. Produção dos exemplares

Será produzido 1 exemplar de cada volume do material didático digital e disponibilizados aos estudantes para consulta na Biblioteca do Campus II. A gravação será realizada pelo bolsista em gravadora de CD marca LG 52X32X52X disponível no Laboratório de Informática do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da UEPA.

### REFERENCIAL TEÓRICO

#### 1- Conceitos Básicos

O termo goniometria refere-se à medida de ângulos, em particular às medidas dos ângulos criados nas articulações humanas pelos ossos do corpo. A goniometria pode ser usada para determinar tanto uma posição articular como sua quantidade total de movimento possível (NORKIN e WHITE, 1997).

A goniometria é parte importante de uma avaliação abrangente das articulações e dos tecidos moles que as envolvem. A partir da utilização de formas de avaliação padronizadas e da documentação adequada dos dados a goniometria utilizada nas avaliações (inicial, durante o tratamento e ao final) nos permite fazer comparações, comunicar os resultados a outros profissionais e até mesmo avaliar a eficácia do tratamento proposto (MARQUES, 2000).

A confiabilidade de uma medida é a consistência entre as medidas sucessivas da mesma variável, no mesmo sujeito e nas mesmas condições. Há três fontes de erro que podem tornar uma avaliação não confiável: o instrumento de medida, a pessoa que ministra a avaliação e as diferentes características dos voluntários que estão sendo avaliados que é, sem dúvida, a fonte de erro mais difícil de controlar (DIVIR, 2002).

Dentre os objetivos da goniometria destacam-se:

- Determinar a presença ou ausência de disfunção.
- Auxiliar no diagnóstico.
- Desenvolver objetivos de tratamento.
- Avaliar os progressos ou não dos objetivos e da recuperação funcional.
- Modificar tratamento.
- Motivar o sujeito.

Além disto, a goniometria pode contribuir na validação de pesquisas e na fabricação de órteses e de equipamentos adaptativos.

## 2- Princípios necessários para a compreensão da goniometria

### a) Movimento Articular

O movimento articular é a resultante de um conjunto de movimentos intra-articulares e interósseos opostos sendo estes opostos entre si e responsáveis pela amplitude de movimento (ativa e passiva).

#### a.1) Artrocinemática

Os movimentos artrocinemáticos são os movimentos que ocorrem no interior da articulação e, eles descrevem a distensibilidade na cápsula articular permitindo que os movimentos fisiológicos ocorram ao longo da amplitude de movimento sem lesar as estruturas articulares. São cinco os movimentos artrocinemáticos: giro, rolamento, deslizamento, tração e compressão.

- Giro: É um movimento rotatório angular, semelhante a um pião.
- Rolamento: É um movimento rotatório semelhante ao de um pneu na estrada.
- Deslizamento: É um movimento de translação que ocorre quando uma articulação desliza sobre a outra, semelhante a uma roda travada.
- Compressão: Ocorre uma aproximação das superfícies articulares. A compressão causa diminuição no espaço articular entre as partes ósseas.
- Tração: Ocorre o afastamento das superfícies articulares uma da outra. Ocorre separação das superfícies articulares quando são puxadas distalmente uma da outra.

#### a.2) Osteocinemática

Os movimentos osteocinemáticos são os movimentos fisiológicos ou clássicos da diáfise óssea. Estes movimentos podem ser realizados voluntariamente pelo paciente de acordo com os planos cardinais do corpo.

Os movimentos osteocinemáticos são opostos aos movimentos artrocinemáticos. Por exemplo, na flexão do ombro ocorre o deslizamento posterior e rolamento da cabeça do úmero na cavidade glenoide.

### b) Planos e eixos

Os movimentos ocorrem através de planos imaginários e em eixos perpendiculares ao movimento e por convenção os movimentos articulares são definidos com relação à posição anatômica, que coloca o corpo ereto com os pés unidos, membros superiores ao lado do corpo e as palmas olhando para frente (RASCH, 1991).

Descrevem-se, classicamente, os movimentos osteocinemáticos como ocorrendo em um dos três planos cardinais do corpo (sagital, frontal e transverso), e ao redor dos três eixos correspondentes (médio-lateral, antero-posterior e vertical). Esses três planos estão situados em ângulo reto entre si, mas os três eixos estão em ângulo reto tanto entre si como entre os planos correspondentes.

O plano sagital divide o corpo igualmente em lados direito e esquerdo. Os movimentos que ocorrem neste plano são os movimentos de flexão e extensão em torno de um eixo horizontal ou médio-lateral.

O plano transverso divide o corpo em partes superior e inferior. Os movimentos que ocorrem neste plano são os movimentos de rotação medial e lateral em torno do eixo longitudinal ou vertical.

O plano frontal divide o corpo igualmente em partes anterior e posterior. Os movimentos realizados neste plano são o de abdução e o de adução em torno de um eixo ântero-posterior.

#### c) Amplitude de Movimento

A quantidade de movimento de uma articulação é denominada Amplitude de movimento. O sistema de medidas mais utilizado é o 0 a 180 graus. Esta amplitude é dividida em amplitude ativa e amplitude passiva.

A Amplitude ativa de movimento refere-se à quantidade de movimento articular realizada por um sujeito durante o movimento articular voluntário não assistido. O indivíduo ao ser capaz de realizar a AADM sem dor entende-se que este apresenta a integridade dos sistemas osteomioarticular e nervoso bem como de suas conexões.

A Amplitude passiva de movimento é a quantidade de movimento obtida pelo examinador sem a ajuda do sujeito. Normalmente, a APDM é ligeiramente maior do que a AADM, pois cada articulação possui uma quantidade de movimento fora do controle voluntário.

#### d) Fatores que afetam a amplitude de movimento

Sexo: Em síntese, constatou-se que as mulheres costumam ter maiores amplitudes que os homens, apesar nem todos os estudos constatarem isto. Durante a gravidez, as mulheres podem evidenciar um aumento na ADM em virtude das alterações hormonais (ação da relaxina sobre os ligamentos).

Idade: Em geral quanto mais jovem o indivíduo, maior a ADM. Estudos constaram um declínio na ADM entre os 20 e 30 anos, seguindo por um platô até os 60 anos, procedido de um novo declínio (PALMER e EPLER, 2000)

#### e) Sensação Final

A determinação da sensação final deve ser realizada lenta e cuidadosamente, para detectar o final da ADM e para distinguir o fim da ADM de diversas sensações finais normais e anormais. Tabela de sensações normais e anormais (NORKIN, 1997).

TABELA I  
Sensação Final Normal (Fisiológica)

Sensação Final	Estrutura	Exemplo
Suave	Aproximação do tecido mole	Flexão do joelho
Firme	1) Estiramento muscular 2) Estiramento capsular 3) Estiramento ligamentoso	→ Flexão do quadril com joelho estendido → Extensão das MCF dos dedos → Supinação do antebraço
Resistente	Osso contatando osso	Extensão do cotovelo

### 3 – Procedimentos

#### a) Posição

As posições recomendadas de teste são as posições do corpo que se recomenda para obter as medidas goniométricas. Estas devem:

- Colocar a articulação em posição inicial de 0 graus.
- Permitir uma ADM completa.
- Proporcionar a estabilização do segmento articular proximal.

As posições recomendadas de testes envolvem diferentes posições. Quando um examinador pretende testar várias articulações e movimentos, durante uma sessão de testes, deve planejar exame goniométrico, para evitar os movimentos desnecessários do sujeito (NORKIN e WHITE, 1997).

A posição anatômica de 0 grau é a posição inicial para todas as mensurações, com exceção da rotação no ombro e quadril e da pronação/supinação das articulações radioulnares. Na posição inicial, é fácil isolar o movimento, colocar o goniômetro, estabilizar o indivíduo e visualizar os movimentos que estão sendo realizados (PALMER e EPLER, 2000).

#### b) Estabilização

A posição recomendada de teste ajuda a estabilizar o corpo do sujeito e o segmento articular proximal para que se possa isolar um movimento da articulação que está sendo examinada. A estabilização da posição pode ser suplementada pela estabilização manual

proporcionada pelo examinador. A estabilização deve ser suficiente para manter fixo o segmento proximal da articulação, durante o movimento do componente distal (NORKIN e WHITE, 1997).

#### c) Instrumentos

Na obtenção de dados objetivos para ADM o instrumento de medida mais utilizado é o goniômetro do tipo universal. Este instrumento é semelhante a um transferidor, com medidas em graus, com dois braços que são alinhados com o eixo longitudinal dos segmentos adjacentes à articulação, com o centro posicionado sobre o eixo da articulação examinada (TEDESCHI, 2003).

Eixo: É a interseção dos dois braços e deve coincidir com o eixo da articulação que está sendo testada.

Braço Fixo: É alinhado paralelamente e lateralmente ao eixo longitudinal do segmento corporal fixo. Este segmento não muda de posição durante o teste.

Braço Móvel: É alinhado paralelamente ao eixo longitudinal do segmento corporal móvel. O terapeuta palpa as referências ósseas específicas antes de alinhar o braço móvel do goniômetro.

#### d) Alinhamento

Para a maioria das mensurações no plano sagital, o goniômetro é alinhado sobre a parte lateral da articulação que está sendo testada. Os movimentos no plano frontal são medidos tanto anterior quanto posteriormente (PALMER e EPLER, 2000).

#### e) Registro

O registro das medidas é tão importante quanto a execução adequada dos testes. Para isto deve ser utilizado um protocolo para registro onde descreva-se a metodologia e as condições do teste. O protocolo deve considerar se:

- A realização do movimento foi ativa ou passiva.
- A posição utilizada para o teste foi alternativa ou a recomendada.
- O posicionamento do goniômetro foi alternativo ou recomendado.
- Houve uma medição alternativa.
- Qual a sensação final.
- Presença de dor, eritema ou edema.
- Sexo, idade, hora do dia, aquecimento prévio.
- Data para a reavaliação (diária, semanal, mensal, etc).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, R. G. Análise de Discurso do/no ensino: por novas práticas de linguagem na escola. *Em Aberto*, n. 61, p 156-160, 1994.
- CHAUÍ, M. A universidade operacional. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 9 mar.1999. Caderno Mais!, p.1.
- CYSNEIROS, P. G. Professores e Máquinas: Uma Concepção de Informática na Educação.
- DANIELS & WORTHINGHAM. *Provas de Função Muscular: Técnicas de Exame Manual*. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.
- DVIR Z. Isocinético: Avaliações musculares, Interpretações e Aplicações clínicas. São Paulo: Manole, 2002.
- MARQUES, A. P. *Manual de Goniometria – Revisada e ampliada*. 2.ed. São Paulo: Manole, 2003. v. 1. 81 p.
- NORKIN, Cynthia C.; WHITE, D. Joyce. *Medida do Movimento Articular: Manual de Goniometria*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- NUNES, Ivônio. Noções de educação a Distância. *Tecnologia Educacional*, v. 26, n. 141, p.13-17, Rio de Janeiro, abr./jun., 1998
- PALMER, M. L.; EPLER, M. E. *Fundamentos das técnicas de avaliação musculoesquelética*. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- TEDESCHI, M. A. *Goniometria: sua prática controversias*. Fisioterapia Brasil. Rio de Janeiro, v. 2, n. 16, p. 35-40, abr./jun. 2003.



## **Análise da saúde oral em pacientes idosos atendidos na UFPA**

*Lúcia Helena Moura Taketomi (luciataketomi@yahoo.com.br)*

*Luciana de Vasconcelos Leão (lucianavleao@yahoo.com.br)*

Graduandas da Faculdade de Odontologia da UFPA – Bolsistas da PROEX/UFPA

*Helder Henrique Costa Pinheiro (helderpinheiro1979@yahoo.com.br)*

Mestre em Odontologia com linha de pesquisa em Saúde Coletiva

*Marizeli Viana de Aragão Araújo (marizeli@amazon.com.br)*

Professora mestre da Disciplina de Saúde Coletiva da UFPA

### Área temática: SAÚDE

**RESUMO:** *A população mundial esta envelhecendo e é necessário cada vez mais conhecer os pacientes geriátricos para atendê-los de forma digna e justa. Diante desta necessidade foi realizado um levantamento epidemiológico na Universidade Federal do Pará com pacientes acima de 50 anos de idade, avaliando-os quanto ao uso e necessidade de prótese, condição periodontal e sua necessidade de tratamento, cárie dentária e necessidade de tratamento e em relação à higiene oral. Constatou-se que a saúde bucal dos idosos ainda é muito precária, pois se encontra com alta prevalência de dentes perdidos devido à carie, acometidos por doença periodontal em consequência da má higiene bucal, justificando o fato de 93,7% dos pacientes atendidos necessitarem de prótese dentária na arcada superior e denunciando o descaso das políticas públicas em reabilitar esses pacientes mutilados.*

**Palavras-chave:** *Envelhecimento, saúde bucal, assistência odontológica para idosos, epidemiologia*

### INTRODUÇÃO

Os progressos alcançados nos diferentes segmentos da ciência e aplicação de novas tecnologias têm possibilitado uma grande mudança na estrutura demográfica no mundo. O envelhecimento gradativo da população não é mais uma realidade isolada dos países desenvolvidos e industrializados. Nos últimos anos esse processo vem acometendo países em desenvolvimento, resultado de uma série de avanços como saneamento das águas de abastecimento público, controle da natalidade, diminuição da mortalidade infantil, progressos da medicina e conscientização paulatina da população em busca de um estilo de vida mais saudável (Kalache, Veras, Ramos, 1987; Ramos, Veras, Kalache, 1987; Mpasana, 1996; Chaimowicz, 1998).

Projeções demográficas indicavam que de 1980 ao final do século passado cerca de 2/3 da população idosa encontrar-se-iam nos países menos desenvolvidos (Hoover, Siegel, 1986). Segundo dados levantados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 1998, nas últimas décadas o número de pessoas com mais de 60 anos tem aumentado gradativamente na América Latina.

No Brasil este processo é considerado irreversível e de acelerada evolução (Chaimowicz, 1997; Ramos, Veras, Kalache, 1987). Segundo a Organização Mundial de

Saúde (OMS) entre 1950 e 2025, a população de idosos no país crescerá 16 vezes contra 5 vezes da população total, o que nos colocará em termos absolutos como a sexta população de idosos no mundo (Corrêa apud Camargo et al, 1997), ou seja, enquanto a população total brasileira crescerá 3,22 vezes, a fração acima de 65 anos crescerá 8,9 vezes e acima de 80 anos, 15,6 vezes (Cançado apud Camargo et al, 1997).

Diante deste quadro inquestionável é imprescindível que haja um conhecimento mais profundo e específico, por parte dos profissionais da saúde, dos aspectos psíquico-físico, fisiologia e a fisiopatologia oral do idoso para reconhecermos as manifestações bucais decorrentes do envelhecimento. Frare et al (1997) ressaltam a importância do maior conhecimento do estado de saúde bucal e geral do paciente idoso pelo cirurgião-dentista, visto que o mesmo tem peculiaridades inerentes a senescência (velhice normal) e à senilidade (velhice patológica). É necessário conhecermos cada vez mais esses pacientes para atender as necessidades e expectativas trazidas por eles

## PROPOSIÇÃO

Analisar as condições de saúde bucal dos pacientes idosos atendidos no Projeto de Extensão da Universidade Federal do Pará quanto ao uso e necessidades de próteses, as condições de saúde periodontal, o acometimento por cárie dentária e necessidade de tratamento dentário, e avaliar a higiene oral.

## MATERIAL E MÉTODO

Foram avaliadas 80 pessoas acima de 50 anos de idade participantes do projeto de extensão do curso de Odontologia da Universidade Federal do Pará. Os exames e as anotações foram feitos por duas acadêmicas que foram anteriormente calibradas pelos professores de Saúde Coletiva da instituição.

Os pacientes eram examinados de acordo com as normas propostas para o SB2003 (Brasil, 2000), utilizando os índices para o Uso e Necessidade de Prótese, Condições Periodontais e Necessidade de Tratamento, Índice de Carie Dentária e Necessidade de Tratamento e o IHOS proposto por Greene, Vermillion (1964). As referências destes índices foram publicadas no SB 2003.

Quanto ao uso e necessidade de prótese, foram avaliadas informações de seu uso e sua necessidade os quais têm como base a presença de espaços protéticos. Quanto às condições periodontais, os arcos dentais foram divididos em sextantes **cada qual com seus dentes índices** e examinados quanto à **higidez, sangramento, presença de cálculo e bolsa**. Este exame foi realizado utilizando-se espelho bucal plano e sonda específica, preconizada pela

Organização Mundial de Saúde. **Em relação ao índice de cárie e necessidade de tratamento**, foram registrados: coroas e raízes hígidias, cariadas, restauradas com e sem cáries, dentes ausentes devido à cárie ou outros motivos; dentes que foram preparados para serem suportes de próteses; coroas protéticas, facetas ou implantes; dentes não erupcionados; raízes não expostas; traumatismos; dentes excluídos (nos quais, por algum motivo, não foi possível realizar o exame) e/ou não registradas (cujo espaço na ficha ficou sem o registro do código), segundo critérios da OMS 1999. O IHOS foi analisado de acordo com a superfície vestibular e lingual de dentes índices 16,11, 46, 36, 31 e 46 quanto a existência e quantidade de placa e tártaro nos terços dentários.

## RESULTADOS

Quanto ao uso de prótese 60,3% dos 80 pacientes atendidos usam algum tipo de prótese superior e somente 8,8% usam prótese inferior. Quando analisado o uso de prótese na arcada superior verificou-se que 35,9% usam prótese total e 21,8% usam PPR. Na arcada inferior 8,8% usam PPR. Os percentuais de necessidade de prótese demonstram que 93,7% necessitam de algum tipo de prótese superior, sendo que 47,5% precisam de Total. No arco inferior, 96,2% dos idosos avaliados necessitavam de alguma prótese inferior, 75% destes precisavam de uma Prótese fixa ou PPR para substituição de mais de um elemento dentário.

Ao analisar a condição periodontal dos idosos 55,6% dos sextantes estavam excluídos e 21% estavam com cálculo.

Analisando-se a condição da coroa dos dentes constatou-se que 59,1% foram perdidos devido à cárie dentária e 21,1% encontravam-se hígidios. Foi detectado também que 7,3% dos dentes encontravam-se cariados, o que dá uma média de 2,35 dentes cariados por idoso. Quanto à análise das raízes observou-se que 62,7% foram classificadas como excluídos, pois suas respectivas coroas foram classificadas como perdidas devido à cárie e os dentes foram extraídos. 23,5% das raízes estavam hígidias e 10,8 % não estavam expostas (Tabela 1).

TABELA 1  
Condições das coroas e raízes dos dentes dos idosos. UFPA, 2006

<b>ÍNDICE DE CONDIÇÃO DENTÁRIA</b>	<b>% COROA</b>	<b>% RAIZ</b>
Hígido	21.1	23.5
Cariado	7.3	2.2
Restaurado mas com cárie	1.0	0.1
Restaurado e sem cárie	3.6	0.5
Perdido devido à cárie	59.1	0
Perdido por outras razões	4.5	0
Apresenta selante	0	0
Apoio de ponte ou coroa	0.3	0.2
Não erupcionado/Raiz não exposta	0.3	10.8
Trauma	0.9	0
Dente excluído	1.9	62.7

Quando realizado o levantamento do Índice de Higiene Oral Simplificada, mais de 36% dos pacientes não puderam ser avaliados devido à falta de pelo menos dois dentes índices ou substitutos para o cálculo do índice. Dos pacientes avaliados 32,5% apresentou higiene oral regular, seguida de higiene oral deficiente com 17,5%.

## DISCUSSÃO

Em relação ao uso de prótese vale ressaltar que 39,7% dos pacientes não usavam prótese superior e 35,9% usavam prótese total superior, no entanto as necessidades de prótese continuam altas. 47,5% necessitam de prótese total superior, alguns por não terem, outras, porque precisam trocá-las pois já não estão satisfazendo as necessidades.

A necessidade de prótese inferior é maior do que a superior. A necessidade de prótese inferior neste trabalho foi de 96,2%. Esses resultados são maiores que os valores encontrados em Brasil (2000), que foi de 78,9%, e em São Paulo (2003), que foi de 57,39%. Do total de idosos, 75% dos idosos necessitam uma prótese fixa ou removível para substituição de mais de um elemento, seguidas de combinação de próteses fixas e/ou removíveis para substituição de um e/ou mais de um elemento (10%), e de prótese dentária total (7,5%).

Quanto à condição periodontal foi constatada que 55,6% dos sextantes foram excluídos devido à intensa perda dentária ao longo dos anos, 21% dos sextantes apresentavam cálculo, 8,8% encontravam-se hígidos, 6,7% com sangramento, 6% com bolsa de até 5mm e 1,9% com bolsa de 6mm ou mais. Estes dados confirmam a situação de doença bucal dos idosos pelas altas perdas dentárias e falta de cuidado com higiene. Esses dados são compatíveis com um estudo feito na Odontoclínica Central da Marinha que avalia a alta prevalência de cálculo nos pacientes acima de 60 anos (Chagas et al., 2000).

Quanto ao tratamento foi detectado que a 54% dos sextantes não necessitavam de tratamento devido ser excluídos ou até mesmo eventualmente estarem livre da doença, 24,4% precisavam de raspagem radicular, profilaxia e educação em saúde, seguida de 9,6% que precisavam de educação em saúde, 8,5% de profilaxia e educação e 3,5% precisavam de cirurgia, raspagem radicular, profilaxia e educação em saúde.

As duas doenças de maior prevalência no Brasil são cárie e doença periodontal. O cálculo já constitui um estágio crítico, pois potencializa a doença periodontal. É evidente a necessidade de educar essa parte da população quanto à saúde bucal para poder curar a doença e promover a saúde.

Em relação à coroa dentária, constatou-se que 59,1% foram perdidas devido a cárie, 21,1% encontravam-se hígidas e 7,3% cariadas, isto é 2,35 dentes cariado por idoso e 18,9

dentos perdidos devido a cárie. A doença cárie é a maior causadora de perdas dentárias nos idosos e esta realidade precisa ser mudada com implantação de programas de saúde pública voltadas para 3ª idade. Assim como existe uma conscientização e combate severos contra a carie na infância deve haver também na fase de envelhecimento do indivíduo, pois este se torna mais debilitado em relação a saúde e as chances de contrair doenças bucais aumentam.

As raízes analisadas apresentavam-se 23,5% híbridas e 62,7% foram classificadas como dente excluído, pois suas respectivas coroas haviam sido perdidas devido a carie e foram extraídas. E somente 10,8% não estavam com raiz exposta.

Em relação à necessidade de tratamento foi verificado que 57,9% estavam sem informação pois já haviam sido anteriormente classificado com dente excluído, 29,7% não necessitavam de tratamento e 4,5% e 3,6% necessitavam de restauração de uma superfície e duas ou mais superfícies respectivamente, seguidas de tratamento pulpar mais restauração (2,1%), coroa (0,2%) e extração (2%).

É necessária uma atenção maior para os pacientes em relação à cura da doença cárie. Sem a educação e a prevenção dificilmente mudaremos estes dados.

Quanto à higiene oral dos pacientes verificou-se que 36,3% não puderam participar do levantamento porque não possuíam pelo menos dois dentes-índices ou substitutos para realizar o levantamento. Dos 51 pacientes avaliados, 32,5% demonstraram higiene regular e 17,5% deficiente, 8,8% com higiene oral muito má contra somente 6,3% com higiene satisfatória. Ainda é alta a prevalência de má higiene bucal dos idosos, o que justifica a alta prevalência de cárie coronária, de cálculo, de gengivite e até mesmo de uso de prótese já que isto é uma consequência, entre outras, de uma má higiene e saúde bucal.

Dentro do plano de trabalho “Um Sorriso Especial na Terceira Idade” foi feito um trabalho com os pacientes que participaram do levantamento epidemiológico, através de atividades educativas, preventivas e curativas com o objetivo de melhorar a saúde bucal destes.

## CONCLUSÃO

A análise e discussão dos resultados obtidos no presente trabalho permitiram concluir que:

- Dos 80 analisados 47,5% usam prótese total superior. O uso de próteses inferiores é mais negligenciado.
- A doença periodontal é uma das que apresenta maior prevalência nos idosos devido à presença de cálculo dental. A higiene oral comprova esse fato já que ainda é alta a porcentagem de higiene deficiente e muito má.

- É necessária a implantação de programas preventivos voltados para terceira idade bem como uma melhor capacitação de recursos humanos para possibilitar e melhorar as condições de saúde bucais dos idosos que refletem e são reflexo da saúde geral.
- O plano de trabalho “Um Sorriso Especial na Terceira Idade” é um trabalho de significativa importância, uma vez que a atenção em saúde bucal nos idosos é proporcionada de forma digna e humana, exercendo desta forma o direito de saúde do cidadão

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, J. C. *et al.* Doença de Alzheimer. Belém:1997. Dissertação (Graduação em Medicina) – Universidade Federal do Pará, 1997.

CHAGAS, J. I., NASCIMENTO, A., SILVEIRAM, M. Atenção odontológica a idosos na OCM: uma análise epidemiológica. *Revista Brasileira de Odontologia*, v. 57, n. 5, set/out., 2000.

CHAIMOWICZ, F. A saúde dos idosos brasileiros as vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas. *Rev. Saúde Pública* 1997;31:184-200.

CHAIMOWICZ, F. Os idosos brasileiros no século XXI: demografia, saúde e sociedade. Belo Horizonte: Posgraduate, 1998. 92p.

FRARE, S.M.; LIMAS.P.A.; ALBARELLO, F.J. Terceira idade: quais os problemas bucais existentes? *Rev Assoc Paul Cir Dent*, v. 51, n.6, p.573 – 576, nov./dez. 1997.

GREENE, J. C.; VERMILLION, J. R. Simplified oral hygiene index. *J Am Dent Assoc*, v.68, n.1, p.7-13, Jan. 1964.

HOOVER, S.L. & SIEGEL, J.A. International demographic trends and perspectives on ageing. *J. Cross. Cult. Geront.*, 5 – 30, 1986.

KALACHE, A.; VERAS, R.P.; RAMOS, L.R. O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, 21 (3): 200-10, 1987.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Levantamentos básicos em saúde bucal. 4º ed. São Paulo: Editora Santos; 1999. 66p.

Projeto SB 2000: Condições de saúde bucal da população brasileira no ano de 2000. Manual do examinador. Brasília: 2001; 49p.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado de Saúde. Faculdade de SAÚDE Pública da Universidade de São Paulo. Condições de Saúde bucal no Estado de São Paulo em 2002: relatório final.<[www.saude.sp.gov.br](http://www.saude.sp.gov.br)>. Set.2006

VERAS, R.P.; RAMOS, L.R.; KALACHE, A. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na comunidade. *Rev. Saúde Pública*, 21(3): 225 – 33, 1987.

## **Atendimento clínico-laboratorial de pacientes com suspeita de apresentar uma doença metabólica hereditária (DMH)**

---

*Luiz Carlos Santana da Silva (lcss@ufpa.br)*

Professor Doutor em Ciências Biológicas/Bioquímica/UFPA

*Erik Artur Cortinhas Alves (erikg6pd@yahoo.com.br)*

*Lorena Matins Cunha (lorenamcunha@yahoo.com.br)*

*Cleber Monteiro Cruz (cmcsinapse@yahoo.com.br)*

Graduandos em Ciências Biológicas/UFPA

*Thais Silva Vieira (thaismed2004@yahoo.com.br)*

Graduanda do curso de Medicina/UFPA

Área temática: SAÚDE

**RESUMO:** *As Doenças Metabólicas Hereditárias (DMH) são desordens genéticas desencadeadas por deficiências enzimáticas em rotas metabólicas específicas. Uma das principais conseqüências é o acúmulo de substâncias que se tornam tóxicas para o organismo, podendo causar graves seqüelas como a deficiência mental. O Laboratório de Erros Inatos do Metabolismo (LEIM) da UFPA vem configurando-se como um Centro de Referência Regional na Investigação e Diagnóstico de DMH. Desde de 2000 o LEIM implanta protocolos para investigação de DMH. Além disso, realizou convênios com várias instituições públicas de saúde (Hospitais), para investigar a presença de DMH. Em dezembro de 2005, o LEIM promoveu a VI Jornada Paraense de DMH e o I Simpósio Nacional sobre Atendimento em Genética Clínica e Laboratorial, com a finalidade de capacitar profissionais da área na identificação de DMH. No período de 2000 a 2006 o LEIM atendeu cerca de 1003 pacientes, sendo que destes foram diagnosticados 24 casos de DMH. Através da aprovação de diversos projetos nas áreas de extensão, pesquisa e ensino, o LEIM esta aperfeiçoando suas técnica e seus recursos humanos para a investigação de tais doenças. Frente ao número de pacientes encaminhados e diagnosticados, torna-se imprescindível a existência de um Centro de Referência Regional na investigação de DMH.*

**Palavras-chave:** *doenças metabólicas hereditárias; pesquisa; extensão.*

### **INTRODUÇÃO E OBJETIVO**

As ciências biológicas e médicas obtiveram nos últimos anos um grande avanço no que tange ao conhecimento e tratamento de doenças, passando a melhorar a qualidade de vida da população, criando novas metodologias no combate a diversas enfermidades. É nesse âmbito, que as alterações genéticas tornam-se freqüentes nos leitos hospitalares, levando o paciente, na maioria das vezes, ao óbito, devido à falta de experiência dos profissionais da saúde no reconhecimento de tais distúrbios.

O diagnóstico precoce das afecções genéticas oferece a possibilidade de um tratamento adequado e contribui para o controle do quadro clínico e melhoria significativa da condição de vida dos pacientes portadores.

Em 1986 foi criado o Laboratório de Erros Inatos do Metabolismo (LEIM), localizado no Departamento de Fisiologia do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal do

Pará. Várias atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de assistência gratuita à comunidade são desenvolvidas nas dependências do LEIM.

As Doenças Metabólicas Hereditárias (DMH) são doenças determinadas geneticamente, causadas por Erros Inatos do Metabolismo (EIM), que se caracterizam por um defeito enzimático específico que leva ao bloqueio de uma determinada rota bioquímica. Esse bloqueio tem como consequência o acúmulo do substrato, a deficiência do produto da reação ou desvio do substrato para uma rota alternativa (Scriver, 2001).

As DMH compreendem um grupo formado por mais de 500 diferentes distúrbios, a maioria envolvida nos processos de síntese, degradação, armazenamento e transporte de moléculas no organismo. Apesar de individualmente raros, as DMH são relativamente freqüentes em seu conjunto, estimando-se que ocorrem 1 em cada 1000 recém-nascidos vivos. No entanto, se levarmos em consideração apenas a população de alto risco, esta freqüência pode ser aumentada em vinte vezes. (Giugliani, 1997).

O recém-nascido que se apresenta normal ao nascimento, após a gravidez normal e que desenvolve deterioração do quadro clínico sem razões óbvias é suspeito de apresentar alguma DMH. O intervalo entre o nascimento e o aparecimento de sintomas pode ser de poucas horas, algumas semanas ou anos, dependendo da natureza do defeito. Nestes pacientes serão realizados exames laboratoriais que vão auxiliar no diagnóstico clínico.

Alguns exames laboratoriais, denominados de Testes Bioquímicos de Triagem, devem ser realizados nos pacientes com suspeita de EIM. Estes procedimentos são geralmente realizados na urina. Apesar de serem rápidos e de baixo custo, os Testes Bioquímicos de Triagem não são determinantes para o diagnóstico dos DMH. Para suplantar esta limitação, a análise quantitativa de metabólitos, o ensaio enzimático e as técnicas de Biologia Molecular representam procedimentos definitivos no diagnóstico dos EIM.

A detecção precoce para muitas DMH é um passo para o tratamento adequado de tais doenças. Isto levou a introdução de Programas de Triagem Neonatal em Massa (Teste do Pezinho) para algumas DMH que sejam ao mesmo tempo tratáveis, relativamente freqüentes, de detecção simples e de baixo custo, como por exemplo, a Fenilcetonúria. Embora no Brasil, e em particular no Estado do Pará, sejam muito mais prevalentes as doenças decorrentes da pobreza e do subdesenvolvimento, convém lembrar que os EIM existem e não serão diagnosticados se o pediatra e um laboratório especializado não estiverem alerta para essa possibilidade diagnóstica.

Considerando as características dos EIM, a atenção a este problema poderia partir do diagnóstico precoce de pacientes com DMH em populações de alto risco (famílias com um



caso de EIM diagnosticado ou com sintomatologia sugestiva), possibilitando a identificação de grupos familiares em risco, às quais são oferecidas as medidas terapêuticas e preventivas disponíveis. A integração de uma equipe especializada, contando com o apoio de instituições governamentais, proporcionará a formação de um grupo atuante nesta área do conhecimento, economizando investimentos e melhorando a qualidade de vida da população do Estado do Pará. De acordo com o exposto acima acerca das DMH, o presente artigo tem como objetivo principal apresentar os trabalhos realizados no LEIM, que o tornam um Centro de Referência na investigação e diagnóstico de DMH na Região Norte do Brasil.

## METODOLOGIA

– Implantação de Protocolos Laboratoriais e Treinamento dos Recursos Humanos (Estagiários).

No ano de 2000 o LEIM retomou as atividades de ensino, pesquisa e extensão, a partir da implantação de protocolos laboratoriais para investigação de DMH, como a implantação da triagem bioquímica e a padronização de diversas técnicas (Ensaio enzimático para a Biotinidase, Quitotriosidase, Arilsulfatase B, Beta-glicosidase, Beta-glicuronidase, dosagem de aminoácidos – tirosina e fenilalanina, dosagem de succinilcetona, Dosagem de Glicosaminoglicanos, Cromatografia de Aminoácidos e de Glicosaminoglicanos e a Triagem Urinária). Além disso, o LEIM faz investimento em seus recursos humanos, treinando seus estagiários na padronização e desenvolvimento de todas as técnicas do laboratório, contribuindo dessa forma na formação dos alunos de graduação que atualmente desenvolvem trabalhos nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

– Consolidação de Convênios com Unidades de Saúde.

A Consolidação de convênios com várias instituições de saúde pública como o Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza (HUBFS), Unidade de Referência Especializada Materno Infantil e do Adolescente (UREMIA), Fundação Hospital Santa Casa de Misericórdia (FHSCM) e Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), com o objetivo de criar uma rede de comunicação entre o laboratório e essas unidades de saúde para facilitar a investigação e detecção de pacientes com DMH, para a definição de um diagnóstico e, quando possível, oferecer um tratamento adequado, para melhorar a qualidade de vida do paciente.

– Divulgação das Atividades do LEIM.

No período 01 a 03 de Dezembro de 2005, o LEIM promoveu a IV Jornada Paraense sobre Diagnóstico e Tratamento de Doenças Metabólicas Hereditárias e o I Simpósio

Nacional sobre Atendimento em Genética Clínica e Laboratorial, com a finalidade de capacitar o profissional da saúde na identificação das DMH. Além disso, no mês de julho de 2004 o LEIM da UFPA, ficou a frente da organização do XVI Congresso Brasileiro de Genética Clínica, um dos eventos de maior importância no cenário genético do Brasil, que discutiu a situação dos Erros Inatos do Metabolismo no Brasil e, nesse ano, especificamente na região Norte.

Para uma melhor divulgação das atividades realizadas no LEIM, foi criado o site [www.ufpa.br/eim](http://www.ufpa.br/eim), que traz diversas informações sobre DMH, da equipe do laboratório, dos eventos, dos projetos e programas realizados nesse laboratório.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na área de pesquisa o LEIM foi contemplado com a aprovação de diversos projetos, que disponibilizam verbas para a atual reestruturação do serviço de investigação de DMH na população da Região Norte.

Abaixo estão listados os projetos do LEIM que foram aprovados:

- Investigação de Doenças Metabólicas Hereditárias na Região Norte – Aprovado pela Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do Estado do Pará. Identificação e Caracterização Bioquímica, Clínica e Molecular de Erros Inatos do Metabolismo na Região Norte – Aprovado pelo CNPq. Formação e Treinamento Técnico Laboratorial de Acadêmicos do Curso de Ciências Biológicas – Modalidade Biomédica para a investigação de Doenças Metabólicas Hereditárias.
- Investigação de Dislipidemia Associada à Obesidade no Estado do Pará, que conta com o apoio do CNPq e Ministério da Saúde.
- Programa Bem – Te –Ver, que tem por temática o acesso à saúde como elemento de formação cidadã e inclusão social, com enfoque especial para o Teste do Pezinho (Ministério da Educação – MEC).

Além de desenvolver os projetos citados acima o LEIM também é colaborador de outros projetos. Estes estão listados abaixo:

- Projeto Fenilcetonúria Brasil.
- Projeto Mucopolissacaridose Brasil.
- Dietoterapia para Erros Inatos do Metabolismo.

Na área de assistência a comunidade o LEIM desenvolve atividade de investigação e detecção DMH. No período de 2000 a 2006 o laboratório atendeu cerca de 1003 pacientes, sendo que a maioria desses é oriunda de Belém (55,0%) e uma parte provém de outros municípios (37,0%), como Santo Antônio do Tauá, Marituba, Barcarena, Bom Jesus do Tocantins, Benevides, Currealinho, Capanema, Acará, Ulianópolis, Moju, Ananindeua, Óbidos, Santa Maria, Cametá, Portel, Abaetetuba, Bragança, etc... Apenas 8,0% dos pacientes são oriundos de outros estados.

É importante, também, ressaltar o apoio do Serviço de Genética Médica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (SGM-HCPA) com sua ajuda fundamental no diagnóstico definitivo desses pacientes.

Do total de pacientes encaminhados aos serviços do LEIM-UFPA foram diagnosticados 24 casos DMH, que estão descritos nos parágrafos seguintes.

Mucopolissacaridoses (MPS) do tipo VI: (03 casos) Esta doença apresenta uma incidência que varia de 1:10000 a 1:25000 e é caracterizada pela deficiência ou ausência de enzimas lisossômicas, culminando com o acúmulo progressivo de açúcares complexos (glicosaminoglicanos – GAGS). As MPS representam doenças crônicas e progressivas com comprometimento multisistêmico (esquelético, cardiopulmonar, ocular e visceral), retardo de crescimento, macrocrania, fâcies grosseira e alterações oculares. Seu diagnóstico é obtido através de ensaio enzimático, no qual é verificada a deficiência da enzima arilsulfatase B.

Duas das crianças portadoras de MPS do tipo VI foram encaminhadas para Porto Alegre (com todas as despesas pagas) onde participam de um protocolo de tratamento para MPS VI baseado na Terapia de Reposição Enzimática. Entretanto aguarda-se o retorno das mesmas para prosseguimento do tratamento no Hospital Bettina Ferro de Souza (HBFS). Este procedimento terapêutico foi reconhecido pelo Ministério da Saúde do Brasil. O outro paciente foi a óbito antes que fosse possível o seu encaminhamento para Porto Alegre.

MPS II ou síndrome de Hunter (02 casos). Esta doença apresenta herança ligada ao X, sendo causada pela atividade deficiente da enzima iduronato sulfatase (IDS). As manifestações clínicas mais freqüentemente encontradas são face grosseira, alterações esqueléticas, baixa estatura, contraturas articulares, atraso do desenvolvimento neuropsicomotor, infecções recorrentes de vias aéreas superiores e inferiores, surdez e cardiopatia. Estes pacientes estão sendo acompanhados por uma pediatra, mas ainda não é possível a institucionalização de medidas terapêuticas, uma vez que as mesmas ainda não estão disponíveis.

MPS tipo I (02 casos). A MPS tipo I é uma doença de depósito lisossômico, hereditária, rara e é causada pela deficiência da enzima lisossômica alfa-L-iduronidase. As manifestações clínicas da MPS I mostram uma evolução crônica e progressiva; são de natureza multissistêmica e incluem organomegalia (aumento do fígado e do baço), disostose múltipla (ossos com conformação anormal), fâcies característico e artropatia grave. As funções auditiva, visual, respiratória (vias aéreas) e cardiovascular são todas afetadas e, tipicamente, a mobilidade das articulações fica gravemente diminuída. O diagnóstico da MPS I é confirmado por um nível baixo ou indetectável de  $\alpha$ -L-iduronidase nos leucócitos ou nos

fibroblastos da pele, e por uma concentração alta de fragmentos de glicosaminoglicanos (GAG) na urina. Os tratamentos disponíveis oferecem esperança no sentido de evitar ou deter o processo da doença, corrigindo a deficiência de  $\alpha$ -L-iduronidase. Alguns estão em uso (transplantes de medula óssea, no caso de MPS I neuropática), outros estão sendo usados em estudos clínicos prospectivos (terapia de reposição enzimática) e há ainda outros que estão em fase de desenvolvimento inicial (terapia gênica).

Dois pacientes foram diagnosticados com a Doença de Niemann-Pick (Esfingolipidose), sendo uma do tipo A, a qual foi detectada em um paciente, através da suspeita clínica e foi confirmado após o resultado do ensaio enzimático da enzima defeituosa. E o outro paciente está aguardando os resultados específicos para a determinação do tipo da doença. Este é um distúrbio hereditário no qual a deficiência de uma enzima específica acarreta o acúmulo de esfingomiélin, um produto do metabolismo das gorduras. Os pacientes acometidos por Niemann-Pick tipo A, apresentam alterações graves do sistema nervoso porque os nervos não conseguem usar a esfingomiélin para produzir a miélin necessária para a formação da bainha de miélin que normalmente os envolve. A doença não tem cura, mas pode ser tratada através de transplante de medula óssea, reposição enzimática, terapia gênica ou terapia de suporte, dependendo das particularidades de cada caso.

Adrenoleucodistrofia Ligada ao X (X-ALD / 03 casos), que é uma doença genética neurodegenerativa causada pela oxidação deficiente dos ácidos graxos de cadeia muito longa (VLCFA), que ocorre em uma organela celular chamada de peroxissoma. Como consequência, ocorre acúmulo dos VLCFA nas células e plasma do paciente. De acordo com Lacerda 2003, a incidência de X – ALD está estimada entre 1:20.000 a 1:100.000. Os sintomas clínicos advindos desse acúmulo são as convulsões, hipotonia e uma severa regressão neurológica a partir dos 6 a 8 anos de idade. Dois pacientes foram diagnosticados tardiamente e o tratamento acompanhado por neuropediatras da Fundação Hospital Santa Casa de Misericórdia do Pará (HSCM-PA), com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos mesmos. No entanto, um deles acabou falecendo em decorrência das complicações da própria doença. O outro portador foi diagnosticado mais precocemente e também é acompanhado no HSCM-PA.

Distúrbio do Ciclo da Uréia (DCU – 01 caso). Esta síndrome é desencadeada pela deficiência de qualquer enzima envolvida no ciclo da uréia (carbamil-fosfato sintetase, ornitina-transcarbamilase, arginino-succinato sintetase, arginino-succinato liase, e arginase). O quadro clínico é formado por hiperamoninemia, crises de ausência, regressão de linguagem e comportamento e um quadro bioquímico caracterizado por níveis elevados de aminoácidos

no plasma sanguíneo. O LEIM, para definir o diagnóstico do paciente com DCU, manteve contato com centros internacionais especializados na identificação desses distúrbios. O ponto importante é que o paciente já faz uma dietoterapia que previne os severos sintomas dessa doença, além do acompanhamento clínico e laboratorial.

Fenilcetonúria (01 caso). É uma doença hereditária e se caracteriza pela falta ou deficiência da enzima fenilalanina-hidroxilase, impedindo que o organismo metabolize e elimine o aminoácido fenilalanina que, em excesso no sangue, é tóxico, causando, principalmente, deficiência mental. Sua incidência nacional está em torno de 1:12.000 nascidos vivos (FIGUEIRÓ-FILHO, 2004). Para diagnosticá-la é necessário que a criança faça o Teste do Pezinho e se este apresentar alteração (concentração de Phe na circulação maior que 1.200 mmol/L, acompanhada de concentração de tirosina menor que 118 mmol/L) deve ser refeito para confirmação diagnóstica em um prazo de até 48 horas, tempo necessário para que ocorra ingestão protéica e seja possível a realização dos testes. Caso a suspeita seja confirmada, a criança deve ser imediatamente submetida à dieta restritiva com baixo teor de fenilalanina, com o objetivo de reduzir os níveis plasmáticos a concentrações próximas às de crianças sadias (DE MIRA E MARQUEZ, 2000).

A Tirosinemia do Tipo I foi detectada em um paciente através da análise realizada pelo serviço do SGM-HCPA. A Tirosinemia é uma DMH caracterizada pela deficiência de algumas enzimas que metabolizam o aminoácido tirosina, que é um aminoácido não-essencial oriundo da dieta, da hidroxilação da fenilalanina no fígado e do catabolismo protéico. Apresenta incidência mundial de 1:120.000 nascidos vivos (NARDIELLO, SALGADO E BRAVO, 2002).

A tirosinemia tem como principais manifestações clínicas à disfunção hepática, hipoglicemia e anemia. Seu diagnóstico dá-se através da dosagem de alfa-feto proteína, que estará elevada. O tratamento consiste na utilização de um inibidor da degradação da tirosina a 4-hidroxifenilpiruvato desidrogenase com o 2-nitro-4-trifluorometilbenzoil desidrogenase (NTBC) ou ainda por meio de dieta com baixos teores de tirosina e fenilalanina ou ainda transplante hepático. (NARDIELLO, SALGADO E BRAVO, 2002).

Doença da Urina do Xarope do Bordo (DUXB – 01 caso). Esse é um EIM raro que é causado pela deficiência na atividade do complexo (-ceto ácido desidrogenase de cadeia ramificada (branched chain (-keto acid dehidrogenase [BCKAD])). Esse defeito leva ao acúmulo, nos tecidos e fluidos corporais, dos alfa-cetoácidos ramificados e seus aminoácidos correspondentes: valina, leucina e isoleucina. A forma neonatal clássica da DUXB é a mais comum, geralmente manifestando-se nos primeiros dias de vida, caracterizando o fenótipo

clássico, que é o mais comprometedor, visto que, na maioria dos casos, a morte do recém-nascido se dá por volta dos 4 meses de idade, o que é relatado na literatura. Problemas alimentares, danos neurológicos progressivos alternando com hipotonia e hipertonia, aumento de leucina no sangue e letargia são típicos dessa doença.

Galactosemia (01 caso). Esta doença metabólica é causada pela deficiência da enzima galactose 1-fosfato uridil transferase presente no metabolismo da galactose, não permitindo que esta seja transformada em glicose, principal fonte de energia do organismo. Sua incidência mundial varia de 1:60.000 a 1:33.000 (CORNEJO E RAIMANN, 2004). O acúmulo da galactose ou de seus metabólitos é a causa das manifestações clínicas típicas nas duas primeiras semanas (insuficiência hepatocelular, hepatoesplenomegalia, catarata, anemia hemolítica e sepse). Os órgãos mais atingidos são os rins, o fígado e o cérebro. Os sintomas agudos são revertidos após a restrição da ingestão da galactose, a qual deve ser mantida durante todo o período de vida do paciente. Entretanto, nem o diagnóstico precoce nem a dietoterapia adequada parecem prevenir o desenvolvimento da disfunção cognitiva e da insuficiência ovariana. A suspeita diagnóstica é levantada quando é verificada a presença de galactose no sangue ou na urina e a confirmação do quadro é feita através da medida do nível de atividade da galactoquinase no sangue, glóbulos vermelhos, fígado e fibroblastos. A dietoterapia é baseada na restrição de galactose, lactose e derivados. (alteração do metabolismo da galactose)

Leucodistrofia Metacromática (01 caso). É caracterizada pelo distúrbio do metabolismo da mielina, o qual é causado pela deficiência da enzima arilsulfatase A ou da sua proteína ativadora. Seu mecanismo de herança é autossômico recessivo e possui uma incidência de 1:40.000. Os sintomas clínicos dessa enfermidade apresentam-se após os 14 e 16 meses de vida, e as crianças têm dificuldades para se locomover, quedas frequentes, genu recurvatum e pés eqüinos. O diagnóstico é obtido através de ensaio enzimático. Tendo em vista a inexistência da cura, o tratamento é sintomático e voltado para a melhora da qualidade de vida do paciente.

Gangliosidose do tipo 1 (01 caso). Esta é uma esfingolipidose caracterizada pelo acúmulo de gangliosídeos, os quais são depositados em grandes quantidades, especialmente no Sistema Nervoso Central (SNC), sendo causada pela deficiência da enzima beta-galactosidase ácida e manifesta-se através de atraso no desenvolvimento neuropsicomotor (ADNPM), hepatomegalia, dismorfismo facial, manchas vermelho-cereja na retina e crises de atividade tônico-clônicas, quadro que levou ao óbito o paciente em questão, tendo em vista

que esta doença ainda não dispõe de tratamento e as crianças acometidas possuem uma expectativa de vida de no máximo 2 anos.

Doença de Tay-Sachs ou Gangliosidose tipo 2 (01 caso). Trata-se de uma doença autossômica recessiva caracterizada por neurodegeneração progressiva, levando as crianças ao óbito por volta dos 5 anos de idade. Esta anormalidade metabólica tem como causa a deficiência da enzima hexosaminidase A, que é responsável pelo metabolismo de lipídeos no SNC. Seus principais sintomas são hipotonia, ADNPM, irritabilidade, mancha vermelhocereja na retina. Seu diagnóstico é confirmado através da dosagem enzimática das hexosaminidases, a qual mostrará a deficiência da hexosaminidase A, além da aminiocentese quando for o caso de diagnóstico pré-natal. Também não possui tratamento disponível.

Ataxia de Machado-Joseph (AMJ – 01 caso), que é uma doença crônica que afeta as estruturas neurológicas responsáveis principalmente pela coordenação dos movimentos e do equilíbrio. Tem um início sutil e progride de forma gradual, afetando principalmente o caminhar, produzindo oscilações e desvios para os lados e, com o passar do tempo, até mesmo quedas. A AMJ é herdada de modo autossômico dominante.

Doença de Gaucher (01 paciente). É causada pela deficiência da enzima beta-glucosidase, acarretando o acúmulo de glicocerebrosídeos, um produto do metabolismo das gorduras. Apresenta como manifestações clínicas principais a hepatoesplenomegalia, alterações ósseas, palidez, fraqueza e susceptibilidade a sangramentos excessivos. A terapia de reposição enzimática é a alternativa terapêutica de escolha, além de hemotransfusão e esplenectomia, quando necessários.

Deficiência da enzima tirosina hidroxilase (01 paciente), esta enzima participa do processo de biossíntese das catecolaminas (dopamina, epinefrina e norepinefrina). Tal desordem é herdada de forma autossômica recessiva e acarreta uma encefalopatia infantil progressiva caracterizada pelo retardo motor similar à desordem neuromuscular, disfunção extrapiramidal e sintomas vegetativos e oculares. As funções intelectuais estão em geral comprometidas. O diagnóstico é realizado através da análise dos níveis de aminas biogênicas no líquido cefaloraquidiano (LCR). O tratamento com levodopa melhora o quadro clínico.

A frequência mostra que para cada 42 pacientes encaminhados ao serviço de investigação de DMH do LEIM, 1 apresenta algum distúrbio metabólico hereditário. Esta revela uma estatística expressiva da presença de tais afecções na população do Estado do Pará. De posse do diagnóstico correto para os pacientes, o LEIM permite ao médico, quando possível, a instituição do tratamento adequado, contribuindo dessa forma para o controle do quadro clínico e melhoria significativa da qualidade de vida do pacientes. Além da

investigação e detecção de DMH, o LEIM preocupa-se com a conduta que deverá adotar com as famílias dos pacientes diagnosticados com EIM. Estas devem receber informações sobre o aconselhamento genético, esclarecendo os possíveis perigos para uma nova gestação do casal levando-se em conta o padrão de herança do distúrbio.

Se no caso o distúrbio apresentar-se como uma doença autossômica recessiva, esta terá uma probabilidade de recorrência de 25% em uma futura gestação e em outros casos, como as doenças genéticas com padrão de herança ligada ao cromossomo X, terão uma probabilidade de recorrência de 50% entre os filhos de sexo masculino e 50% das mulheres descendentes deste casal poderá carregar o gene para a DMH.

## CONCLUSÕES

No setor laboratorial do LEIM houve um grande avanço com a padronização de diversas provas de triagem em material biológico de recém-nascidos e pacientes suspeitos ou de risco de apresentarem mutações genéticas. As técnicas padronizadas foram: Triagem Bioquímica; Ensaio Enzimáticos da Biotinidase; Cromatografia de Aminoácidos; Cromatografia de Glicosaminoglicanos; Padronização da técnica qualitativa do Nitroprussiato de Sódio: Investigação de Homocistinúria (Aminoacidopatia), ensaio enzimático para dosagem de Quitotriosidase, Arilsulfatase B, Beta-glicosidase, Beta-glicuronidase, dosagem de aminoácidos – tirosina e fenilalanina, dosagem de succinilcetona, dosagem de Glicosaminoglicanos, e a Triagem Urinária.

A realização de eventos organizada pelo LEIM implantou mecanismos educacionais (cursos, palestras, seminários e oficinas) que proporcionaram a conscientização de profissionais da área da saúde e familiares de pacientes sobre a existência, a importância diagnóstica precoce e as conseqüências dos Erros Inatos do Metabolismo.

Uma extensa rede de comunicação foi firmada entre o LEIM e as direções de várias instituições de saúde pública como a do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza (HUBFS), Unidade de Referência Especializada: Materno Infantil e Adolescente (URE-MIA), Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais do Pará (APAE), Hospital Santa Casa de Misericórdia (HSCM) e Centro de Reabilitação e Organização Neurológica do Pará (CEROM – IONPA), procurando identificar pacientes com algum EIM específico, e visando, também, a melhoria do serviço de detecção e investigação de novos casos de EIM.

A partir da aprovação de diversos projetos, o LEIM articulou a interação das atividades de extensão, ensino e pesquisa, as quais são desenvolvidas em suas dependências, incentivando a implantação de novos planos que, futuramente no Departamento de Fisiologia



do Centro de ciências Biológicas – UFPA, definirão uma nova linha de pesquisa na área da Genética – Bioquímica.

As atividades do LEIM foram propagadas na mídia televisiva e na Internet, pelo “Programa Minuto da Universidade”, nos dias 07 e 09 de dezembro de 2002 e pelo site [www.ufpa.br/eim](http://www.ufpa.br/eim), respectivamente. Frente ao número de pacientes encaminhados e diagnosticados, é imprescindível a consolidação de um Centro de Referência Regional na investigação de DMH, pois tais doenças apresentam uma frequência relevante na população da região norte, como mostrado na pesquisa realizada pelo LEIM. Um centro dessa magnitude oferecerá um serviço que ainda é incipiente em nossa região, contribuído para a melhoria do quadro clínico de pacientes portadores de EIM.

O LEIM ao participar de ações de extensão, ensino e pesquisa, contribui para o início da construção de um serviço de investigação e tratamento, quando possível, de EIM oferecidos à população da região norte do Brasil. Dessa forma, o Laboratório proporcionou mudança, ainda em andamento, da realidade da saúde pública da nossa região.

Os graduandos e mestrados, hoje estagiários do LEIM, estarão, certamente, construindo conhecimentos e tendo uma formação diferenciada, que possibilitará estar atento a situações que demandem o conhecimento sobre as DMH.

O processo de ensino desenvolvidos no LEIM oferece embasamento teórico e prático aos seus estagiários, para que estes aperfeiçoem suas atividades profissionais, colaborando, dessa forma, para a formação de profissionais comprometidos com a sociedade na qual estão inseridos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSUBEL, F.M. *et al.* Current Protocols in Molecular Biology. Cambridge, Jonh&Sons, 1997.
- BLAU, N.; DURAN, M.; BLASKOVICS, M. E. Physician's Guide to the Laboratory Diagnosis of Metabolic Disease. London: Chapman & Hall Medical. 1996.
- CORNEJO, E. V.; RAIMANN, E. B. Alteración del metabolismo de la galactosa. Rev. Chil. Nutr., v.21, supl. 1, p.170 – 176, nov., 2004.
- DE MIRA, N. V. M. e MARQUEZ, U. M. L. Importância do diagnóstico e tratamento da fenilcetonúria. Rev. Saúde Pública, v.34, n.1,p. 86 – 96,fev., 2000.
- FIGUEIRÓ-FILHO, E. A. *et al.* Fenilcetonúria Materna: Relato de Caso. Ver. Bras. Ginec. Obst., v. 26, n. 10,p. 813 – 817, 2004.
- GIMENEZ-SANCHEZ, G. *et al.* In: The Metabolic and Molecular Bases of Inherited Disease, 8 ed. New York: McGraw Hill, 1994.
- GIUGLIANI, Roberto. Erros Inatos do Metabolismo no Período Neonatal. 2. ed. Porto Alegre, p. 254-267, 1997.

LACERDA, M. T. C. Análise comparativa das imagens convencionais e espectroscopia de prótons do SNC por ressonância magnética na adrenoleucodistrofia ligada ao X. Radiol. Bras., v. 36, n.2, p. 80, 2003

LATOUR, B. & WOOLGAR, S. A. Vida de Laboratório: Produções dos Fatos Científicos. Rio de Janeiro: Editora Relume – Dumará, 1997.

NARDIELLO, N. A.; SALGADO, B. A.; BRAVO, P. Tirosinemia tipo I, reporte de un caso. Ver. Chilena de Ped. v. 73, n. 6, p. 590-594, nov., 2002.

SCRIVER, C. R. The Metabolic and Molecular Bases of Inherited Disease. 8.ed. New York:McGraw Hill, 2001.

SCRIVER, C. R. Alkaptonuria: Such a Long Jouney. Nature Genetics. 14: 5-6, 1996.

SILVA, L.C.S.; PIRES, R.F.; COELHO, J.C.; JARDIM, L.B.; GIUGLIANI, R. Evaluation of an Aspartame Loading Test for the Detection of Heterozygotes for Classical Phenylketonuria. Clin. Genet.51: 231-235. 1997.

ZSCHOCKE, J. Hoffmann, G. F. Vademecum Metabolicum: Manual of Metabolic Paediatrics. London: Schattauer, p. 1-34, 1994.

## **Opiniões e sentimentos da família na relação com pacientes portadores de episódios depressivos**

---

*Marco Aurélio Valle de Moraes (aurélio@ufpa.br)*

Coordenador do programa AMBAD – Ambulatório de Ansiedade e Depressão

*Marina Dalmácio dos Anjos (marinadalmacio@yahoo.com.br)*

Estagiária de Psicologia / Bolsista da PROEX  
CFCH, Departamento de Psicologia Clínica-HUBFS/UFPA

Área temática: SAÚDE

*RESUMO: A doença mental não deve ser explicada apenas no nível individual, deve-se levar em conta as características do grupo familiar, assim como as relações estabelecidas neste grupo, pois a família é um suporte básico e no caso dos doentes mentais, os mesmos podem necessitar de cuidados e acompanhamentos do grupo familiar. O presente estudo teve como objetivo investigar as opiniões e os sentimentos da família nuclear e/ou extensa na relação com pacientes portadores de Episódios Depressivos. Para tanto se utilizou o método qualitativo de pesquisa. Inicialmente selecionou-se 2 pacientes atendidos no Ambulatório de Ansiedade e Depressão, em seguida se pediu a autorização do paciente pra a entrevista com o familiar, no domicílio dos mesmos. Foram entrevistados 6 familiares, a primeira família era formada por dois filhos e uma nora, a segunda por um filho, uma filha e uma nora. Os resultados obtidos mostraram que quanto as opiniões os entrevistados acreditam que alguma coisa contribuiu para que os sintomas se tornassem mais freqüentes e que em alguns casos os mesmos podiam ajudar a aliviar as crises, em outros nada poderiam fazer. Quanto aos sentimentos todos demonstraram um grande afeto pelo paciente, porém o expressam de diferentes formas. Portanto constatou-se que os entrevistados atuam de várias formas no relacionamento com o familiar e é este atuar que mostra o grau de comprometimento do entrevistado com o familiar. Neste sentido destacamos que este estudo contribuiu para compreensão e intervenção na área de saúde mental em relação ao grupo familiar como um todo.*

Palavras-chave: *Família, doente mental, opiniões.*

O presente estudo foi realizado com a família de dois pacientes com transtorno depressivo de grau moderado, atendidos no primeiro semestre de 2006 no Programa de Extensão Ambulatório de Ansiedade e Depressão (AMBAD) no Hospital Bettina Ferro de Souza, visando identificar e avaliar as opiniões e os sentimentos dos membros dessa família em relação ao indivíduo que apresenta o referido transtorno. O AMBAD é um programa de extensão universitária que visa atender pacientes que apresentem transtornos Ansiosos e/ou Depressivos, especificamente direcionado à comunidade de baixa renda, da capital ou do interior, é formado por uma equipe multiprofissional composta por psiquiatra, psicólogos e assistente social.

O AMBAD tem um protocolo de atendimento que dura aproximadamente um ano, onde durante os primeiros cinco meses são oferecidos aos pacientes atendimento psiquiátrico, terapia de grupo, grupo de apoio para as pessoas que sofreram perdas, atendimentos psicológicos individuais e outros procedimentos terapêuticos. Após esses cinco meses o

paciente participa de um grupo de alta, retornando para avaliação pós-alta com 90 e 120 dias, respectivamente.

Um dos objetivos do programa é conscientizar os pacientes de que no AMBAD serão oferecidas formas de enfrentamento para o momento de crise em que se encontram, porém os atores principais desse processo são os próprios pacientes, que devem, sobretudo, trabalhar para melhorar de forma que não criem uma dependência dos serviços oferecidos pelo AMBAD.

Neste sentido pode-se dizer que o AMBAD prioriza não só a melhora do paciente, mas também objetiva auxiliá-lo no momento crítico da doença, oferecendo suporte e subsídios para desenvolver a autogestão do paciente em relação ao seu tratamento e à doença, portanto, dá uma grande ênfase à psicoeducação onde o paciente deverá aprender lidar consigo mesmo e com os sintomas.

Outro ponto relevante no atendimento diz respeito aos familiares dos indivíduos em tratamento, pois possuem um papel fundamental na promoção de saúde mental de seus membros adoecidos, à medida que haja compreensão e reconhecimento de um quadro clínico manifesto em um membro da família. Por sua posição estratégica, estes familiares podem vir a exercer um o importante papel de co-terapeutas contribuindo para a melhora do paciente.

A família é definida por Bassitt (1989) como um conjunto de pessoas que vivem em uma mesma casa, não importando número de gerações. Considera ainda que pessoas não ligadas por laços matrimoniais ou consangüíneos também podem exercer um papel importante em determinadas famílias.

Para Romagnoli (1999, p. 14) no âmbito social a “função oficial” do grupo familiar seria produzir indivíduos saudáveis e “educados” para integrarem uma sociedade como mantenedores da ordem, porém em um âmbito mais individual, “(...) a família é a unidade básica de crescimento e experiência, desempenho ou falha. É também a unidade de doença e saúde” (ACKERMAN, 1986, p. 29). Assim para Terzis (1998, p. 81) “(...) a doença mental é impossível de ser encarada e enquadrada num plano individual. Para ter maior compreensão, deve ser considerada dentro de um âmbito grupal familiar”.

Segundo o CID 10 os Episódios depressivos são divididos em três graus: leve, moderado e grave. Nesses três graus o paciente apresenta rebaixamento do humor, redução da energia e diminuição da atividade. Existe uma alteração da capacidade de experimentar o prazer, perda de interesse, diminuição da capacidade de concentração, associados em geral a fadiga acentuada, mesmo após um esforço mínimo. É comum que ocorra uma desregulação no sono e no apetite, uma baixa na auto-estima e na autoconfiança. O humor depressivo pode

variar pouco de dia para dia ou de acordo com as circunstâncias e pode ser acompanhado de sintomas “somáticos” como a perda de interesse ou prazer, despertar matinal precoce em relação ao despertar habitual, lentidão psicomotora e acentuada, agitação, perda de apetite, perda de peso e perda da libido.

Os graus de episódios depressivos são determinados pela quantidade e pela gravidade dos sintomas. Neste estudo faremos uso de episódio moderados. O **Episódio depressivo moderado** é caracterizado por apresentar quatro ou mais dos sintomas citados inicialmente, neste episódio o paciente demonstra ter muita dificuldade para desempenhar suas atividades normais.

No que se refere às expressões *opiniões* e *sentimentos* dos familiares, neste estudo compreenderemos segundo o Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1986) que se define *opinião* como “O modo de ver, de pensar, de deliberar como, por exemplo: liberdade de opinião, parecer, conceito” e *sentimento* como “o ato ou efeito de sentir (-se), capacidade de sentir, sensibilidade, disposição afetiva em relação a coisas, tais como afeto, afeição, amor, entusiasmo, emoção, pesar, tristeza, desgosto, mágoa”. Para autores como Ackerman (1986, p. 36):

... os distúrbios emocionais das pessoas converge sobre as experiências da vida cotidiana. O dar e receber emocional dessas relações é o centro exato de todas as forças que constroem ou destroem a saúde mental (...). A estabilidade da família e de seus membros depende de um padrão delicado de equilíbrio e intercambio emocional.

De acordo com o autor acima referido é destacado papel ativo do familiar para contribuir com a melhora ou piora do quadro apresentado pelo paciente, daí a importância de investigar as opiniões e sentimentos dos familiares em relação ao paciente, e as opiniões e os sentimentos dos familiares que apresentam o transtorno. Neste sentido almejou-se também a compreensão e intervenção na área de saúde mental em relação ao grupo familiar como um todo.

## 2. OBJETIVO DO PROJETO

O projeto teve como objetivo investigar e avaliar as opiniões e os sentimentos da família nuclear e/ou extensa na relação com pacientes com transtorno depressivo de grau moderado.

## METODOLOGIA

Foi utilizado nesta pesquisa o método qualitativo, pois segundo Chizzotti (1995):

Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a consciência das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e sua interrupção, a fala e o silêncio (...). Procura compreender a experiência que eles (os participantes) têm (...) as experiências relatadas ocupam o centro da referência das análises e das interpretações, na pesquisa qualitativa.

Um fator importante que deve ocorrer durante as entrevistas é que o entrevistador deve estar atento procurando observar e interpretar a forma como o familiar se comporta através da linguagem verbal e da linguagem não-verbal.

É necessário também que se for possível seja observada a maneira com que o paciente se relaciona com o familiar, antes e depois da entrevista, pois isso pode revelar algo da relação entre o familiar e paciente.

– **Sujeitos:** Foram utilizadas as fichas de triagem do programa AMBAD para que se pudessem selecionar os dois pacientes do estudo que apresentavam as seguintes características:

PACIENTE	QUEIXA PRINCIPAL	SINTOMAS	EPISÓDIO DEPRESSIVO
R.P.M	“tristeza, medo, angústia, desânimo, irritação, agressividade, dores de cabeça constantes, insegurança, rejeição, inquietação, desconfiança, aperto no peito, tontura.”	Humor deprimido, diminuição da auto-estima, sintomas somáticos, agitação.	-EPISÓDIO DEPRESSIVO DE GRAU MODERADO-
J.M.A.C	“medo de sair de casa, medo de tudo, vive chorando, dores em todo o corpo, esquecimento, dor de cabeça, troca o nome das pessoa e dos lugares”.	Humor deprimido, diminuição da auto-estima, sintomas somáticos, lentidão psicomotora.	-EPISÓDIO DEPRESSIVO DE GRAU MODERADO

– **Instrumento:** Para a realização das entrevistas com os pacientes foi utilizada a ficha de avaliação psiquiátrica oferecida pelo AMBAD.

No que diz respeito à avaliação das opiniões e dos sentimentos dos familiares foi elaborado um roteiro de entrevistas semi-estruturado, que procure identificar as mesmas e que alcance os demais objetivos propostos para o estudo, bem como estimular a reflexão acerca do tema.

– **Procedimento:** Para a realização da pesquisa projeto foi inicialmente submetido à Pró-Reitoria de Ensino e Extensão, em seguida foi levado até a direção do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, para que esta autorizasse a realização do projeto na Instituição.

Após a aprovação do Hospital, a pesquisa foi submetida à aprovação do comitê de ética para que todos os dados da pesquisa pudessem ser publicados, o que consistia em um dos objetivos da pesquisa.

Em seguida a esse processo iniciou-se a coleta de dados. Com a autorização do paciente, a pesquisadora foi até o domicílio dos familiares dos mesmos para aplicação dos instrumentos. Após essa etapa realizou-se a análise dos dados e por ultimo a elaboração do artigo.

## RESULTADOS & DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa foram compilados da seguinte forma: identificação, opiniões e sentimentos. Em cada uma das partes agrupou-se um determinado número de perguntas do questionário para que assim se pudesse melhor esclarecer os objetivos da pesquisa.

### I. IDENTIFICAÇÃO:

#### 1) Característica de cada grupo familiar entrevistado

Grupo familiar do paciente 1 (R.P. M)      Grupo familiar do paciente 2 (J. M. A. C):

Identificação	Sexo	Idade	Grau / parentesco	Identificação	Sexo	Idade	Grau / parentesco
O. M. S (1)	M	26 anos	Filho	E. G.C (4)	F	23 anos	Nora
E. B. R (2)	F	23 anos	Nora	J. R. C. J (5)	M	24 anos	Filho
O. M. S (3)	M	29 anos	Filho	L. L. A. G (6)	F	27 anos	Filha

### II. OPINIÕES:

2) Parecer dos entrevistados quanto aos sintomas, frequência, atitudes, nível de envolvimento e opiniões referentes ao paciente e a depressão.

#### 2.1. Tabela referente aos sintomas, frequência destes e reação do familiar.

Identificação	Sintomas	Reação
O. M. S (entrevistado1)	Muito alterada, se aborrece muito rápido, fica muito nervosa, alguns amigos dela fazem atividades, já ela não quer fazer.	Saio de perto, deixo ela em paz.
E. B. R (entrevistado2)	Todo dia é uma novidade, sente dor de cabeça, desânimo, não tem vontade pra fazer nada.	Procuro na hora ficar mais calada, deixo ela falar só. Na hora dá vontade de debater, mais prefiro só ouvir.
O. M. S (entrevistado3)	Não pode se aborrecer que ataca tudo, sente muita dor de cabeça, fica mal humor com facilidade e as vezes chora.	Tento conversar com ela, tento acalmá-la.
E. G.C (entrevistado4)	Se aborrece com facilidade, não gosta de ser contrariada, chora com muita facilidade.	Converso com ela, tento amenizar a situação. Quando ela chora, sinto que ela fica mais aliviada.
J. R. C. J (entrevistado5)	Qualquer coisa ela chora, fica nervosa, sempre é agressiva, agente não conversa mais porque ela se irrita por tudo, principalmente comigo.	Eu desisto, às vezes deixo ela falando sozinha. Sempre sou eu o culpado das coisas.
L. L. A. G (entrevistado6)	Muito nervosa, se irrita quando não consegue algo, as vezes tá triste, as vezes chora do nada (quando contrariamos ela, ela chora) É ansiosa, não sabe esperar.	As vezes falo com uma certa rigidez ou então converso pra ela ter paciência.

#### 2.2. Tabela referente ao nível de envolvimento tempo que passam juntos e o que fazem juntos.

Entrev.	Nível de envolvi.	Tempo que passam juntos	O que fazem juntos
1	Sou próximo	Passo a maior parte do dia fora, falo com ela de manhã cedo e a noite, no fim de semana eu trabalho ou saio.	Não costumamos conversar muito, ela vai mais às coisas da Igreja.
2	Sou mais ou menos próxima, agente conversa, brinca, mas é cada um na sua.	Fico na maior parte do dia com ela, é mais durante o final de semana que fico fora.	Às vezes a comida, ela me auxilia, eu faço as coisas em casa, agente fica conversando.

3	Sou bem próximo dela, até de mais.	Durante o dia fico perto dela umas 10 h por dia.	Agente conversa muito é difícil fazermos programa juntos, mas conversamos muito.
4	Sou próxima, ela é como uma mãe, sempre me ajudou quando precisei, sou mais próxima dela do que da minha mãe.	Praticamente o dia inteiro, fim de semana também.	Ajudo nas coisas de casa, ela é artesã então ajudo no que posso e também aprendo muito com ela.
5	Depende, as vezes somos próximos, as vezes distante. Porque ela sempre me culpa das coisas.	É difícil eu ficar muito tempo com ela, passo quase todo o tempo fora de casa.	Jogo baralho
6	Muito próximo, mesmo com algumas opiniões diferentes, mas somos muito próximas.	Quando eu não saio pra trabalhar durante a semana nós ficamos juntas, no final de semana passamos menos tempo juntas.	Converso muito, todas as coisas da minha vida peço a opinião dela, não saímos muito juntas porque às vezes ela até quer sair, mas o meu pai não gosta muito de sair então ela não, ela as vezes também não gosta do programa que fazemos as vezes porque tem bebedeira e ela não gosta disso.

2.3 – Opinião dos entrevistados quanto ao surgimento e aumento na frequência do sintoma e questões que podem melhorar, aliviar ou reduzir os sintomas.

A) Entrevistado 1 (O. M. S):

**1- Surgimento e aumento na frequência do sintoma:** *Muitas coisas relacionadas ao papai, eles brigavam muito. Acho que a separação teve efeito, mas acredito que foram mais as coisas que aconteceram durante o casamento. O que contribuiu pra se tornar mais freqüente é a falta da filha mais velha em casa (não mora mais com ela), ela também fica muito agitada quando tem muita gente perto dela.*

**2- O que pode melhorar, aliviar ou reduzir os sintomas:** *Acho que ficando só ela poderia melhorar, menos a noite porque ela tem medo.*

B) Entrevistado 2 (E. B. R):

**1- Surgimento e aumento na frequência do sintoma:** *A separação do marido, até hoje ela comenta que foi culpa dela a separação, ela sente falta de um homem em casa. O que aumentou a frequência foi a ausência do esposo, a distância da filha mais velha (é apegada a ela) ela era o braço direito dela.*

**2- O que pode melhorar, aliviar ou reduzir os sintomas:** *Ela tem muita vontade de sair daqui, acho que se ela vendesse essa casa e fosse morar onde ela quisesse ia melhorar os sintomas.*

C) Entrevistado 3 (O. M. S):

**1- Surgimento e aumento na frequência do sintoma:** *Muitas coisas, os problemas da família, a separação foi fundamental, até hoje não entendo porque eles se separaram, mas isso abalou muito a cabeça dela. Quanto ao aumento na frequência acredito que o isolamento fez com que os sintomas aumentassem, tudo fica na cabeça dela, todo problema fica no psicológico dela, não resolve.*

**2- O que pode melhorar, aliviar ou reduzir os sintomas:** *Preparar melhor o psicológico dela, se distrair mais, parar de pensar em coisas ruins.*



D) Entrevistado 4 (E. G. C):

**1- Surgimento e aumento na frequência do sintoma:** *Muito estresse, dívida, aborrecimento com os filhos, problemas de saúde. O que contribui pra aumentar a frequência dos sintomas é a preocupação com os filhos quando eles saem.*

**2- O que pode melhorar, aliviar ou reduzir os sintomas:** *Os filhos terem mais compreensão com ela.*

E) Entrevistado 5 (J. R. C. J):

**1- Surgimento e aumento na frequência do sintoma:** *A doença do pai agravou o nervosismo. O que aumentou a frequência dos sintomas foram os problemas financeiros.*

**2- O que pode melhorar, aliviar ou reduzir os sintomas:** *A conversa, o diálogo, com ela é sempre briga, ela sempre fala alto, falta mais conversa.*

F) Entrevistado 6 (L. L. A. G):

**1- Surgimento e aumento na frequência do sintoma:** *Os problemas de saúde e a preocupação com o filho. O que aumentou a frequência foi o assalto ocorrido com o genro, agora tudo faz ela ficar preocupada (não dorme enquanto todo mundo não chegar em casa).*

**2- O que pode melhorar, aliviar ou reduzir os sintomas:** *Ela se preocupa muito com o filho mais novo, talvez se ele tomasse jeito e assumisse o papel dele como pai e marido acho que ela ficaria mais tranqüila.*

III. SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO PACIENTE:

A) Entrevistado 1 (O. M. S):

**1) O que você sente em relação a esse individuo? Como expressa esses sentimentos?**

*Ela é mãe e pai pra gente. Papai foi embora quando eu era novo, sinto um cainho grande por ela, eu gosto do papai, mas não é como gosto dela. Quando ela precisa de alguma coisa eu vou atrás, dou meu jeito pra conseguir.*

**2) Como você se sente tendo que conviver com um individuo que apresenta crises de choro, mal humor, desânimo etc.**

*Não paro muito em casa, não convivo muito com ela. As vezes fico triste.*

B) Entrevistado 2 (E. B. R):

**1) O que você sente em relação a esse individuo? Como expressa esses sentimentos?**

*Sinto respeito, é uma pessoa que me acolheu na casa dela. Eu gosto muito dela. Não expresso, porque não tenho intimidade, é ela lá e eu aqui.*

**2) Como você se sente tendo que conviver com um individuo que apresenta crises de choro, mal humos, desânimo etc.**

*As vezes nem sei o que fazer, não me sinto bem por não saber como lidar com o problema*

C) Entrevistado 3 (O. M. S):

**1) O que você sente em relação a esse individuo? Como expressa esses sentimentos?**

*Sinto um grande amor, procuro sempre demonstra com carinho.*

**2) Como você se sente tendo que conviver com um individuo que apresenta crises de choro, mal humos, desânimo etc.**

*Fico muito triste de ver um problema desse, a minha mãe nessa situação.*

D) Entrevistado 4 (E. G. C):

**1) O que você sente em relação a esse indivíduo? Como expressa esses sentimentos?**

*É como um amor de filho por uma mãe, converso muito com ela, a considero como uma mãe e uma amiga. Expresso meus sentimentos através das minhas atitudes, não falo. Expresso por que é de mim mesmo, do meu ego.*

**2) Como você se sente tendo que conviver com um indivíduo que apresenta crises de choro, mal humos, desânimo etc.**

*Eu acho normal, nem sempre as pessoas amanhecem bem, eu acho que é normal, com o tempo se acostuma.*

E) Entrevistado 5 (J. R. C. J):

**1) O que você sente em relação a esse indivíduo? Como expressa esses sentimentos?**

*Eu amo ela, mas sinto um rancor, uma mágoa. Por causa da minha irmã, pois a minha mãe protegia muito a minha irmã então é mais próxima dela do que de mim.*

**2) Como você se sente tendo que conviver com um indivíduo que apresenta crises de choro, mal humor, desânimo etc.**

*Me sinto incomodado, pois quero ajudar mas não sei como.*

F) Entrevistado 6 (L. L. A. G):

**1) O que você sente em relação a esse indivíduo? Como expressa esses sentimentos?**

*Sinto muito amor (que inclui preocupação, medo de perder ela, quando to perto fico tranqüila, quando tô longe sinto falta). Não costumo expressar, às vezes faço um carinho, mas não é de dizer te amo, mas pelos atos. Às vezes penso que ela espera uma coisa, mas não fazemos.*

**2) Como você se sente tendo que conviver com um indivíduo que apresenta crises de choro, mal humor, desânimo etc.**

*Aceito, mas não me conformo. Me pergunto porque, pois podia ser diferente. Aceito, pois tudo deve ter um motivo, tudo tem um motivo.*

Os resultados da pesquisa foram divididos em três partes: identificação, opiniões e sentimentos. A parte referente à identificação foi utilizada mais para que se pudesse obter dados referentes à idade, pois só podia participar do estudo familiares com idade acima de 21 anos; outra parte importante estava relacionada ao grau de parentesco, já que este é um dado interessante para avaliar se o nível da relação entre familiar e paciente pode ser influenciado pelo grau de parentesco. Observou-se que tanto na família da paciente R.P. M como da J. M. A. C existe um dos filhos que é mais distante da mãe, no caso da primeira família o filho caçula se julga mais distante, pois trabalha o dia todo e não passa muito tempo com a mãe; enquanto que na outra família o filho mais novo relata que é distante da mãe, pois têm uma certa mágoa pelo fato de que a mãe sempre foi mais próxima da irmã. Quanto às noras observou-se que na família da paciente R.P.M, a esposa do filho não se sente “à vontade” para ter uma relação mais próxima com a sogra, enquanto que na família da paciente J.M.A.C a nora já possui uma relação bem próxima com a sogra, e sente que pode ajudar bastante a paciente no enfrentamento da doença.

Os resultados obtidos na seção de opiniões mostra uma certa contradição quanto ao nível de envolvimento do entrevistado 1, pois o mesmo se julga próximo da paciente, porém quando se leva em conta questões como: o que fazem juntos, tempo que passam juntos, o que faz ao ver o paciente em crise e opiniões com relação ao bem estar da paciente, observa-se que o nível de envolvimento fica comprometido. Já que ele não passa muito tempo com a mãe, não costuma fazer nenhum tipo de programa com ela e quando a paciente está em crise prefere se afastar. No caso dos outros entrevistados observou-se que em cada família tem um filho que se preocupa mais com o paciente, procurando entender o paciente quando o mesmo está em crise através de conversas. Quanto às noras, na família da paciente R.P.M a mesma se considera mais ou menos próxima da paciente e isso se corrobora quando leva em conta o restante do questionário, já na outra família a nora se considera próxima da paciente e isso se confirma através da dedicação, atenção e carinho que a mesma expressa pela paciente.

Um fato interessante quanto a questão referente as noras e que corrobora a literatura é que segundo Bassit (1989) a família diz respeito a um conjunto de pessoas que vivem em uma mesma casa, independente de laços matrimoniais ou consangüíneos e isso fica claro na relação que a nora da J.M.A.C tem com a mesma, pois esta se preocupa muito mais com a nora do que o próprio filho.

Quanto a opinião da família da paciente R.P.M observou-se que com relação aos sintomas os três familiares possuem opiniões semelhantes, já que dizem que o sintoma mais presente na paciente é o nervosismo constante, devido a impaciência da mesma. Quanto ao surgimento do sintoma os três entrevistados concordam que a separação do marido foi primordial para o aparecimento da doença, o que mostra que a ocorrência dos episódios depressivos segundo os familiares foi decorrente de uma perda por separação. Com relação a redução dos sintomas o entrevistado 1 e a entrevistada 2 acreditam que nada podem fazer para ajudar a paciente enquanto que o entrevistado 3 acredita que os sintomas são originados pela paciente (“da cabeça dela”), portanto basta que ela pense coisas boas. Quanto ao segundo grupo familiar observou-se que a origem dos sintomas está relacionada a problemas de saúde (da paciente e do marido), dívidas e a preocupação com o filho mais novo. O filho caçula acredita que se a paciente tivesse mais diálogo com a família os sintomas poderiam aliviar, já a nora e a filha mais velha acredita que o problema está na relação da paciente com os filhos e com os problemas gerados pelo filho caçula.

Com relação aos sentimentos todos os entrevistados dizem ter um grande carinho pelos seus respectivos familiares, alguns demonstram por meio de gestos afetivos, outros por meio dos atos. Quase todos os entrevistados sentem-se inconformados, tristes, sem saber como agir

diante das duas pacientes, com exceção da nora da J.M.A.C que acredita ser normal o que a paciente têm.

Os resultados mostram que o modo de pensar (opiniões) e o modo de sentir-se (sentimentos) são apresentados de diferentes formas de modo geral os entrevistados acreditam que podem ajudar os pacientes de forma superficial, não vêem a família como peça fundamental no processo de adoecimento do paciente. Segundo Figueredo (2002) a doença mental deve ser entendida como um atributo que o indivíduo assume dentro da família, e do contexto social, e não como algo que afeta o indivíduo isoladamente. Neste sentido que o comprometimento dos familiares com os pacientes deveria ser mais diretivo. Os sentimentos mostram que existe um carinho pelo familiar, porém esse é demonstrado apenas por alguns entrevistados que dão mais atenção ao paciente, procurando entendê-los, enquanto outros preferem se afastar durante as crises.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa constatou que alguns entrevistados falaram que a entrevista serviu para ajudá-os a ver que deveriam estar mais presentes na vida de seus respectivos familiares, e que muitas vezes sentiam-se sufocados, porém não tinham com quem conversar, deste modo essa pesquisa também ajudou esses familiares a reverem algumas questões suas quanto ao relacionamento com o paciente e ainda fez com que os mesmos ficassem um pouco aliviados ao exporem algumas questões que os incomodava.

O presente estudo também pode constatar que a presença da família no adoecer mental não é muito participativa, por dois motivos: pelo fato de que o familiar não se importa com o paciente, ou por não saber como lidar com o mesmo. Isso demonstra, portanto, a necessidade de estudos nessa área para que se possa contribuir com a intervenção na área de saúde mental em relação ao grupo familiar como um todo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKERMAN, N. W. *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.
- BASSITT, W. Afamília e a doença mental. In *Temas- Teorias a Prática da Psiquiatria*. V. 19, nº 37, p 56 – 63, jun./dez.,1989
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas Sociais* 2º ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FERREIRA, a. b. h. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Ed.Nova Fronteira, 1986.
- FIGUEREDO, A.E.B. A família e o Dependente Químico: como cuidar? Capítulo 14 (p. 349-370). In *Alcolismo, tabagismo e abuso de drogas: implicações clínicas e Psicossociais*.PALHANO, R et al. São Luís: 2002.

MILLER, FJ. W. O objetivo da família. In: A saúde do mundo, p. 10-156 agosto/set., 1975.

ROMAGNOLI, R. C. *(Des) conhecendo a família*. In: *Cadernos de Psicologia* (Revista do Instituto de Psicologia da PUC de Minas) v. 6 nº 8, julho, 1999. Belo Horizonte, Minas Gerais.

TERZIS, A. *A Psicologia do grupo familiar*. In *Estudos de Psicologia* (Revista do Instituto de Psicologia da PUCAMP) V. 9 n. 2 maio/agosto 1992. Campinas, São Paulo.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID 10. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

## **A extensão universitária e o programa de políticas públicas e seguridade social na área de saúde**

---

*Maria Cristina G. Cardoso*

Coordenadora do Programa de Políticas e Seguridade Social,  
Docente do Curso de Serviço Social UFPA

*Liliam dos Reis Souza*  
*Rosa Maria Maia Paes*

Bolsista do Programa de Políticas e Seguridade Social

Área temática: SAÚDE

**RESUMO:** *Este artigo apresenta experiências de ensino, pesquisa e extensão na área da saúde a partir de práticas extensionistas do Curso de Serviço Social, da Universidade Federal do Pará (UFPA), através do Programa Políticas Públicas e Seguridade Social. Segundo a Constituição Brasileira de 1988, Título VIII, Capítulo 5, da Ordem Social – a Seguridade Social é constituída pela Saúde, Assistência e Previdência Social. Na área da Saúde articula o ensino, a pesquisa e a extensão sendo materializado pelo Estágio Curricular obrigatório desenvolvido em Hospitais Universitários, Hospitais Escolas, Ambulatórios e as Redes de Atendimento e Proteção Social à Saúde, localizados em Belém do Pará. Portanto, é a inserção na realidade social que se estabelece na relação entre sociedade e academia.*

**Palavras-chave:** *Extensão universitária, serviço social e realidade social.*

### **INTRODUÇÃO**

O Programa Políticas Públicas e Seguridade Social encontra-se inserido no contexto da política curricular do ensino de Serviço Social que vem sendo administrado pelo Setor de Prática do Serviço Social desde 1972 com o SEPRASS. O Serviço de Prática do curso de Serviço Social tem como objetivo servir de laboratório de prática e órgão acadêmico de controle e acompanhamento de ações desenvolvidas. As ações ocorrem através do estabelecimento de contato direto com as instituições e organizações demandadas através da inserção discente no Estágio Curricular. Ao longo dos anos o SEPRASS ampliou o leque de instituições governamentais e não-governamentais, além de apoiar os campos já existentes de estágio. Na década de 1990 foram realizados encontros, seminários de avaliação do ensino da prática de Serviço Social agrupando discente e docente, que discutiram não só a questão do Estágio Curricular, mas questões de ordem teórico-metodológica e institucional que dificultava o ensino da prática e a prática de ensino no Curso de Serviço Social, assim como, propor alternativas para superação. (Projeto Pedagógico, 2005).

Como proposta de superação dos problemas enfrentados pelo curso com relação ao Estágio Curricular, foi sua reformulação com um entendimento de que o Estágio Curricular é:

- a) elemento de aplicação de conhecimentos;
- b) instrumento de produção de conhecimentos;

c) prestação de serviços à comunidade. Neste sentido, verifica-se a importância de se promover a articulação entre ensino e extensão universitária, através de experiências de Estágio Curricular envolvendo diferentes organizações e instituições da esfera governamental e da sociedade civil organizada. Para operacionalizar a articulação das propostas cria-se o Programa de Extensão, constituindo-se de uma experiência enriquecedora dos futuros Assistentes Sociais com a realidade que os cercam.

A extensão universitária é uma atividade acadêmica capaz de imprimir um novo ritmo à Universidade Brasileira e de contribuir significativamente para a mudança da sociedade. Nos dez anos de existência do Fórum de Pró-Reitores – com Constituição de 88, uma nova Lei de Diretrizes e Bases e do Plano Nacional de Educação – Seus conceitos amadureceram, seus instrumentos foram aperfeiçoados e suas principais dificuldades foram afastadas. As Universidades Públicas Brasileiras são criadas para defender as necessidades do país. Estão distribuídas em todo o território nacional associando desenvolvimento econômico, social, cultural, político e crítico, constituindo em espaço privilegiado para a produção e articulação do conhecimento e a formação de cidadãos. (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESU/ MEC. Plano Nacional de Extensão Universitária, Brasil. 2000, 2001, p 2-3).

A relação entre sociedade e academia possibilitada pela extensão universitária é uma marca histórica do curso de Serviço Social no contexto da Universidade Federal do Pará. Entre os programas e projetos de extensão existente no interior do curso de Serviço Social, da UFPA, o Programa Políticas Públicas, Meio Ambiente e Ações Coletivas em Áreas Urbanas criado em 1992 e redimensionado em 2004 para Políticas Públicas e Seguridade Social, articulando o capítulo da Seguridade Social, contido na Constituição Brasileira hoje em vigor – Saúde, Assistência e Previdência Social (Programa Políticas Públicas e Seguridade Social, 2004).

Situando esse estudo na área da Saúde, o Programa desenvolve suas atividades hoje na cidade de Belém do Pará, mas já foram desenvolvidas atividades em prefeituras e organizações como: Santa Bárbara, nas Ilhas de Cotijuba, Combu, Mosqueiro e outros do Estado do Pará.

Atualmente, está vinculado aos Hospitais Escolas, Hospitais Universitários, Redes de Atendimento e Proteção aos Usuários que utilizam os Serviços de Saúde na perspectiva da Saúde Coletiva.

O Programa Políticas Públicas conta com corpo docente de cinco professores, aproximadamente trinta discentes engajados em campos de estágio. Os projetos de extensão

que compõem o Programa são: o Ensino da Prática Profissional do Assistente Social no Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, situado no campus universitário IV, Guamá, avenida Augusto Corrêa, UFPA; o Ensino da Prática Profissional no Hospital Ophir Loyola, situado à avenida Magalhães Barata nº 484, São Brás e o Ensino da Prática Profissional no Hospital Escola da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, localizado à rua Oliveira Belo nº358, Umarizal.

Os alunos são inseridos nos Hospitais Escolas haja vista, que a Universidade tem como princípio filosófico a formação integral do homem. O que exige uma visão interdisciplinar de construção de conhecimentos coletivos. O Hospital inicialmente serviu para se espaço de abrigo de pobres, na modernidade teve por finalidade ser um espaço terapêutico, sendo uma estrutura organizacional hierarquizada, onde se conjugam Saber e Poder Institucional, além da atenção aos desassistidos socialmente. Os Hospitais Escolas são organizações específicas da Política Social, que embora autônoma, compõe a estrutura do Estado na prestação de serviços.

Do ponto de vista Weberiano quando ele trata da diferença do poder e autoridade, e sendo um Hospital Escola uma estrutura política podemos considerar que esta instituição também se utiliza da força para afirmar seu poder, em um processo altamente burocrático em que o Assistente Social encontra-se subordinado a essa estrutura hierárquica. A burocracia foi e é um instrumento de poder de primeira ordem para o controle do aparelho burocrático. (WEBER 1979, p 264). Dessa forma, é um desafio aos Assistentes Sociais enfrentar teoricamente a questão da prática profissional que é tão complexa quanto sua própria atuação, cuja atitude investigativa implica em conflitos e confronto de saberes e poderes.

O Programa de Políticas, na área da Saúde, também interliga-se à Rede de Serviços como: Programa Família Saudável, Albergues, Casas de Apoio, Centro de Atenção Psicossocial, Unidades de Referência Materno-Infantil (UREMIA), Unidades de Referência (UREDIP), e Postos de Saúde.

Vários são os objetivos do Programa de Políticas Públicas, veja abaixo os principais:

- Formação de Assistentes Sociais comprometidos com a questão social, uma vez que a necessidade de reflexão, discussão do enfrentamento da questão social, esses são um dos grandes desafios impostos aos profissionais;
- Mediar e possibilitar a criação de políticas sociais que contemplem o desenvolvimento de políticas regionais que atendem as demandas da Região Norte, levando em consideração suas peculiaridades e os direitos sociais;
- Formatação de estratégias de ações coletivas entre as instituições enquanto laboratório teórico-prático, com isso o curso de Serviço Social se insere e contribui para o redimensionamento formação;
- Produzir conhecimentos através do Ensino, Pesquisa e Extensão na área da Saúde, tendo em vista os usuários das políticas públicas;
- Permitir a instrumentalidade teórico-metodológica, da profissão, contribuindo



com ações públicas e humanas para o enfrentamento das questões sociais no contexto amazônico, trabalhando para a melhoria da qualidade das políticas locais, além de possibilitar a criação de condições para o ensino da prática em Serviço Social, tentando consolidar o Ensino, Pesquisa e Extensão nas dimensões interventivas, investigativas e propositivas, criando assim, um espaço de interlocução entre a Universidade e o espaço institucional (equipes de trabalhos, usuários) e as organizações locais.

Esse espaço de trabalho se multiplica onde se interligam as Redes de Serviços existentes em Belém do Pará, como é o caso da Rede de Combate à Violência Sexual Infanto-Juvenil representada por vários órgãos da sociedade organizada, assim como, outros espaços que acabam também sendo local de trabalho e divulgação do conhecimento produzido através da apresentação de CD, seminários, reuniões e outros que multiplicam a extensão universitária.

Segundo Michel Thiolent o Serviço Social tem uma tradição de aplicação metodológica de pesquisa-ação. Tal aplicação, no entanto, é marcada pelas especificidades e pelas ambigüidades próprias ao Serviço Social enquanto forma de atuação. (2002, p. 80-81).

O Programa inserido no contexto da extensão universitária se processa de forma educativa, cultural e científica articulando o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade.

A extensão universitária é uma via de mão dupla, com trânsito segurado à comunidade acadêmica que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência a produção de conhecimento resultante com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além da instrumentalidade desse processo teórico e prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do Serviço Social. (Plano Nacional de Extensão Universitária Brasil, 2001. p. 5).

## METODOLOGIA

O programa de extensão vem sendo desenvolvido significativamente na área hospitalar e ambulatorial dos hospitais-escolas Bettina Ferro, Santa Casa de Misericórdia do Pará, e Ophir Loyola.

Os alunos são inseridos nos campos de estágio em ações, programas e projetos com várias equipes multiprofissionais, tendo como supervisores neste processo um professor e um técnico Assistente Social da instituição.

Os procedimentos metodológicos adotados no processo ensino e aprendizagem desenvolvem-se da seguinte forma:

1. No primeiro momento, são realizadas leituras obrigatórias sobre a história da saúde e do movimento sanitário no Brasil, política de saúde na contemporaneidade, legislação social, leituras complementares e seminários sobre supervisão em Serviço Social, o estudo sobre a técnica de observação, exercícios de observação e a revisão do instrumental teórico-técnico adaptado ao Serviço Social discutidos através de seminários, visita monitoradas as Instituições, prováveis campos de estágio objetivando a inserção, decorrente da escolha por parte do aluno;

2. No segundo momento, o estudo é focalizado na instituição, de acordo com o objeto de estudo no campo de estágio, escolhido pelo aluno. São realizadas no processo de aprendizagem: leituras dirigidas, estudo de instrumentais legais e técnicos, produção de relatório de observação e conhecimento do espaço institucional, aproximação do objeto de investigação, intervenção sob a supervisão individual coletiva e realização do diário de campo;

3. No terceiro momento, com base nas experiências acumuladas, (acompanhamento técnico, supervisão pedagógica, leitura dirigida, diário de campo, relatórios semestrais, anuais, dossiês entre outros), o aluno-estagiário produz o projeto de ação investigativa-interventiva, juntamente com a equipe de trabalho focalizando o objeto de intervenção-investigação e inicia as práticas decorrentes;

4. No quarto momento, os dados empíricos são sistematizados e o aluno elabora o esboço do plano e escreve o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com exigências de um trabalho monográfico, obedecendo as regras da Associação Brasileira de Normas e Técnicas – ABNT, e apresenta o TCC em forma de comunicação oral nas jornadas promovidas pelas instituições, campos de estágio e pelo Serviço de Prática do Curso de Serviço Social da UFPA e outros espaços conforme solicitação.

A avaliação é realizada conjuntamente pelo supervisor de campo com base nas supervisões individuais e coletivas, em todo processo de conhecimento.

Quanto à articulação entre o espaço institucional e a universidade, a equipe desenvolve os seguintes procedimentos metodológicos:

- Reuniões semanais com os Assistentes Sociais orientadores de estágio nos hospitais-escola;
- Reuniões com os coordenadores acadêmicos dos hospitais-escola para tratar da política de estágio e dos projetos de intervenção e investigação que deverão ser operacionalizados pelos alunos estagiários;

- Oficinas de capacitação dos profissionais de campo;
- Assessoria e consultoria aos programas promovidos pela instituição abordando a realidade local;
- Realização de seminários e reuniões avaliativas com as equipes de trabalho das instituições;
- Promoção de eventos como jornadas, encontros, seminários entre outros.

## RESULTADOS

Os resultados das ações desenvolvidas se configuram através da realização de:

- 3 (três) dissertações de mestrado, 1 (uma) tese de doutorado e vários artigos publicados em congressos, seminários, encontros e etc.
- Produção de mais de 240 (duzentos e quarenta) TCC's nos últimos 4 (quatro) anos, focalizando uma diversidade de temas, decorrentes das experiências realizadas nos programas, projetos institucionais ou mesmo de interesse pessoal do aluno e/ou sugestões da equipe profissional. As temáticas versam de uma maneira geral sobre: Municipalização e Descentralização da Política de Saúde, Saber e Poder Institucional, Análise Institucional, Acesso aos Direitos Sociais, o estudo da prática profissional dos assistentes sociais na área da saúde, a Inter, Multi e pluridisciplinaridade, Estudo e Avaliação de Programas relacionados à Violência Sexual Infanto-Juvenil, Doenças Sexualmente Transmissíveis, Doenças Crônico-Degenerativas, Parasitárias e Tropicais, Alcoolismo, Obesidade Mórbida, Doenças Terminais, Desnutrição Infantil/ Fome, Saúde da Mulher, além de contextualizar e avaliar as Redes de Proteção Social na área da Saúde como: Adoção, Albergues, Casas de Apoio, entre outros.
- Intercâmbio entre instituições conveniadas para o ensino da prática contando com o apoio de mais de 50 assistentes sociais e outros profissionais de áreas afins.
- Curso de atualização para Assistentes Sociais envolvidos no processo de ensino da prática;
- Encontros semanais de discentes e técnicos;
- Produção de material sócio-educativo e informativo a respeito do objeto de estudo investigativo no ensino da prática;
- Realização de seminários, palestras, dinâmicas de grupo com o usuário das políticas sociais;
- Atendimento direto a comunidade usuária das políticas públicas de saúde e assistência social;
- Estudo em grupo do corpo docente e produção de artigos a partir da experiência acumulada;
- Realização de pesquisas sobre: Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes na Amazônia, o perfil dos atendimentos na Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, período 2003-2004;
- Elaboração do Perfil das Instituições – campo de estágio;
- Assessoria na elaboração de programas de combate a violência infantil (Ex: Pró-Paz);

- Contribuição de propostas para o funcionamento do Serviço Social na Instituição, fortalecendo o movimento dos profissionais como: aumento de número de profissionais, implantação do plantão na maternidade da Santa Casa de Misericórdia do Pará;
- Projeto sobre Prática Profissional do Assistente Social nos Hospitais-Escola em Belém;
- Pesquisa sobre Câncer de Colo Uterino no Hospital Ophir Loyola.

## DISCUSSÃO

A Região Amazônica apresenta especificidades de ordem geográfica, populacional, cultural e social que implica num direcionamento diferenciado na resolutividade de questões ligadas ao Sistema Único de Saúde (SUS) e à Política de Saúde adotada no país há aproximadamente quinze anos. Essas especificidades territoriais como a distância entre os municípios que compõem o Estado do Pará dificultam o acesso aos serviços de saúde tanto no âmbito da atenção básica como principalmente a atenção de média e alta complexidade. Os agravantes do quadro de saúde pública estatal, portanto, geram deficiências como: ausência, precariedade, carência na implantação e execução de políticas públicas de saúde nos demais municípios além da capital, cidade de Belém do Pará, onde situa-se o Programa de Extensão Políticas Públicas e Seguridade Social. A escassez da prestação de serviços provoca uma migração intensa para a capital paraense, recebendo uma demanda significativa de usuários do SUS que se dirigem aos Hospitais Públicos a fim de ter acesso aos serviços de saúde que seu município de origem não pode assegurar-lhes. Neste contexto o estudo sobre a questão da municipalização/descentralização da Política de Saúde merece destaque considerando a sua complexidade, uma vez que se evidencia um quadro peculiar quanto à demanda atendida nas instituições, principalmente, no caso do usuário que é oriundo do interior do Estado e vive uma ausência das políticas Sociais. Para assegurar os direitos destes usuários, os profissionais envolvidos nas intervenções necessitam agir junto ao município de origem. Podemos evidenciar este fato quando estamos diante de garantir o acesso ao Tratamento Fora de Domicílio (TFD), pois para ter esse benefício é necessário que o município de origem assumam a retaguarda financeira do repasse de recursos, pois o SUS repassa às Prefeituras o recurso para o custeio.

Outro aspecto importante na experiência do Serviço Social junto aos hospitais públicos, que atendem o SUS (Sistema Único de Saúde), é a existência de “demanda reprimida”, principalmente nos hospitais de Alta Complexidade, demonstrada pela precariedade de recursos institucionais para responder o número expressivo de demanda. Conseqüentemente tem-se registrado mortes de usuários, antes de serem atendidos, assim

como, existe um grande número de pacientes em lista de espera para conseguir consultas especializadas, medicação controlada, leito hospitalar e cirurgias. Estes fatos são desafios que ultrapassam a esfera institucional, pois estão também relacionados à conjuntura nacional e ao modelo econômico, social, político e cultural do país.

Ressalta-se como uma das questões identificadas nos hospitais públicos, foco de nossas ações extensionistas, o forte traço conservador nas relações entre os sujeitos institucionais. Observa-se ainda em alguns casos, a centralidade do poder-saber na figura do médico e atitudes de submissão por parte dos usuários. Uma das alternativas que se vem adotando nestes hospitais é o Programa de Humanização (HUMANIZASUS), procurando dar uma nova funcionalidade nas relações institucionais, trazendo diversas ações que primam pela qualidade dos serviços de saúde, na medida em que, aborda a discussão e propõe modificações no modo de atendimento do usuário objetivando possibilitar maior acesso aos serviços institucionais, com mais rapidez e qualidade. Uma das atividades que merece destaque é a implantação das Ouvidorias nos hospitais públicos, espaços em que o usuário pode se manifestar, posicionando-se diante do atendimento, opinando sobre a prestação de serviços.

Outro aspecto a focalizar nesta discussão são os atendimentos com expressividade aos portadores de diabetes melittus, lupus, doenças cardíacas e as complicações decorrentes, tais como: amputações, contínuas reinternações, desconhecimento das doenças, entre outros problemas. Por estar inserido em uma região tropical com constantes agressões ao meio ambiente aborda-se também as doenças causadas pelo mercúrio além de outras sem diagnóstico. Ressalta-se o trabalho com a doença Mola (falsa gestação), Genitália ambígua, ligado ao estudo da genética do sexo, gênero e família.

Outro problema muito evidenciado nos atendimentos em hospitais é a violência infanto-juvenil que é marcada por determinações históricas que reportam ao colonialismo onde crianças e adolescentes não eram considerados sujeitos de direitos e onde a subordinação da mulher se perpetuou por vários séculos. A violência cotidiana está contida no relacionamento do ser humano, ou seja, onde existe mais de uma pessoa, o que anuncia uma perturbadora interrogação, onde há necessidade de estabelecer hierarquias, ou seja, quando falamos que o ser humano é violento, partimos da idéia de que ele busca cada vez mais, sua individualidade, movido, unicamente, por seus interesses particulares, tendo como conseqüência lógica essa visão uma atitude de prepotência na busca de soberania humana, discernindo várias formas de violência. A violência social é percebida quando as desigualdades se colocam contra os seres humanos e estão presentes nos seus gestos e

atitudes. Decorre através da falta de políticas públicas essenciais como: Saúde, Educação, Nutrição, Habitação, Trabalho, Segurança Pública e Lazer

A Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes constitui-se em uma das manifestações extremas de uso do poder da força física, psicológica ou emocional, onde o abuso de poder subjuga a vontade do outro. Trata-se da violação daquilo que a pessoa tem de mais íntimo: sua sexualidade. A violência sexual de uma criança ou adolescente, gera conseqüências psicológicas físicas e sociais, que acabam comprometendo seu desenvolvimento natural e sua personalidade enquanto ser em formação.

Sobre a Saúde da Mulher no Brasil, nos termos propostos pelo Programa de Saúde da Mulher, entender a mulher enquanto ser integral é recente, demarcando a década de 1980, com a aprovação do PAISM. No Serviço Social o debate sobre cidadania feminina demarca a década de 1980/1990 com a produção de artigos, estudos, pesquisas e dissertações, o que está impulsionando os profissionais da área social a lançar olhares de gênero sobre o estudo do ato da concepção e o direito de ter ou não filhos, assim como as demais ações existentes no Programa Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente, como: Pré-Natal, DST's /HIV/AIDS, Gravidez na Adolescência, Maternidade, Planejamento Familiar, Paternidade, Câncer de Colo Uterino, Mama, Climatério, Doença da Terceira Idade.

O debate contemporâneo sobre a política de saúde no país, no contexto do Serviço Social, nos leva a uma ação profissional em conjunto com os hospitais-escolas, por ser esse um espaço privilegiado do saber profissional, onde é possível a troca de conhecimentos, além de garantia do ensino da prática facilitando a troca de saberes, garantido intercâmbio entre as instituições universidade e à comunidade.

## CONCLUSÕES

Essa experiência tem sido tão importante pela esteira de relações que se estabelece entre as equipes multiprofissionais observa-se que essas atividades é um exercício de cidadania que se estabelece entre os pares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSISTENTE SOCIAL: Ética e Direitos. *Coletânea da Lei e Resoluções*. 7.ed. Rio de Janeiro: CRESS, 2001.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESU/ MEC. 2000/2001.

PROGRAMA DE POLÍTICAS PÚBLICAS E SEGURIDADE SOCIAL. Belém: UFPA/ CSE, Serviço Social. 2004.

REVISTA DE SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. Saúde e Serviço Social. n. 85, Cortez, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 18.ed, RJ: Graal, 2003.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

WEBER, Marx. *Ensaaios de Sociologia*. 5.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1979.

## **O Grupo de Acompanhantes: uma Possibilidade de Parceria Terapêutica.**

---

*Marilene Silva dos Santos (ssmarilene@yahoo.com.br)*  
*Girlany Barbosa Tavares (girlanytavares@hotmail.com)*

Estagiária de Serviço Social / Bolsista da PROEX-UFPA

*Alane Gláucia Brito Cruz (alanecaju@yahoo.com.br)*

Estagiária de Psicologia da UFPA

*Marco Aurélio Valle de Moraes (maurélio@ufpa.br)*

Coordenador do programa AMBAD – Ambulatório de Ansiedade e Depressão

*Ana Maria Pires Mendes (apires@ufpa.br)*

Coordenadora do Projeto Assistente Social e Mestra em Sociologia  
Centro Sócio Econômico/Departamento de Políticas e Trabalhos Sociais/UFPA  
Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza

Área temática: SAÚDE

**RESUMO:** *O presente artigo trata sobre o trabalho realizado pela equipe interdisciplinar (Psiquiatria, Psicologia e Serviço Social) do Programa do Ambulatório de Ansiedade e Depressão-AMBAD, especializado em saúde mental, tendo seu enfoque os transtornos de ansiedade e/ou depressão. Um dos trabalhos que a equipe AMBAD desenvolve é o Grupo de Acompanhantes, o qual tem por objetivo estabelecer um diálogo entre os acompanhantes (família/amigos) dos pacientes que vêm para atendimento no referido programa. Desenvolvendo um espaço de acolhimento e esclarecimento a esses acompanhantes; orientando-os como lidar com os momentos de crise dos pacientes, esclarecendo-lhes sobre a doença mental e, além disso, investigar e avaliar a relação acompanhante-paciente no contexto das relações cotidianas.*

**Palavras-chave:** *Acompanhantes, Interdisciplinar e Família.*

### **1. APRESENTAÇÃO**

O Ambulatório de Ansiedade e Depressão (AMBAD) é um programa de extensão do Departamento de Psicologia Clínica inserido no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão, Departamento de Psicologia Social-Escolar, Centro Sócio-Econômico e Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, funcionando desde 1997 nas dependências do referido hospital, onde desenvolve atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão.

Possui uma equipe de trabalho multiprofissional e interdisciplinar composta por assistentes sociais, médicos psiquiatras e psicólogos, que prestam assistência, utilizando um modelo de tratamento biopsicossocial, à comunidade carente de todo o estado do Pará, de ambos os sexos, a partir de 16 anos de idade, que apresentem transtornos de Ansiedade e Depressão.



O enfoque de trabalho do AMBAD está pautado na valorização da cultura, na maneira de adoeecer do amazônida, utilizando a psicoeducação, psicofarmacoterapia, psicoterapia grupal e individual, adaptando técnicas clássicas para a realidade local, humanizando sobremaneira a forma de atendimento público e estimulando a colaboração do paciente como um dos principais responsáveis pela melhora de seu quadro clínico e qualidade de vida, facilitando sua reinclusão social no mercado de trabalho e na família de onde por conta do transtorno, via de regra, se encontra afastado.

Desta forma o paciente recebe um tratamento diferenciado com múltiplas formas de atendimento integrados entre si onde o enquadre institucional empregado oferece um suporte desde a inclusão do paciente até o seu desligamento do programa, nesse contexto o **Grupo de Acompanhantes** se propõe a trabalhar espaço de acolhimento aos acompanhantes de pacientes que vêm para o atendimento no AMBAD, oferecendo um espaço humanizado para tal processo.

O presente artigo trata sobre a importância do Grupo de Acompanhantes, esse grupo surgiu quando a equipe AMBAD percebeu que seus usuários (pacientes), comparecem às atividades ambulatoriais acompanhados de familiar ou amigos, logo, pensou-se que essas pessoas também poderiam contribuir no tratamento dos pacientes, atuando como co-terapeutas, à medida que são informadas sobre a doença e quanto ao manejo na relação com o paciente.

O AMBAD oferece à comunidade um trabalho interdisciplinar. Segundo Mourão (2000), a questão da interdisciplinaridade está sendo muito discutida na atualidade, pois favorece o enriquecimento mútuo; o trabalho em equipe contribui para o crescimento profissional dos terapeutas e acelera a recuperação do paciente. O trabalho que se desenvolve no AMBAD tem como suporte a questão interdisciplinar, onde o Serviço Social contribui com sua parcela junto aos usuários e familiares quanto aos aspectos das relações sociais e culturais.

Essa dinâmica ocorre através de referenciais teórico-metodológicos no diálogo com autores como: Bion (1975), Sarmiento (2005), Ribeiro (1994), entre outros e com o uso de instrumentais como a observação e o diálogo que é mantido com o paciente e/ou família, do qual o Serviço Social coleta dados que habilitam a ele e a equipe compreender e interpretar a relação dos pacientes entre si e com outros grupos a que possam pertencer, bem como repassa informações, orientações e realiza encaminhamentos dentre outras atividades.

Além da intervenção junto ao usuário e família, contribui ainda, com trabalhos de Grupo, tais como: Grupo de Acolhimento, Grupo de Acompanhantes, Grupo Terapêutico e

Grupo de Alta. Esse diálogo interdisciplinar tem o propósito de fortalecer o lado sadio do paciente demonstrando sua capacidade produtiva, além de contribuir com na relação da equipe.

## 2. O GRUPO DE ACOMPANHANTES

O Grupo de Acompanhantes acontece às sextas-feiras das 12:00 às 13:00 h, no Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, ala B, sala 33. É sempre realizado por três membros da equipe AMBAD que pertencem à área do psicossocial, entre profissionais e estagiárias, com papéis previamente definidos como: coordenador, observador e registrador, o Grupo foi coordenado pela assistente social. Sendo que no período de março a junho de 2006, foram realizadas 10 sessões. Em média participam do referido Grupo de 04 a 06 acompanhantes de pacientes que vêm para atendidos de primeira vez no AMBAD, que participam do Grupo de Acolhimento, também funcionando nas sextas-feiras, no horário das 12h às 13h.

Não existem critérios definidos para selecionar os participantes desse grupo, exceto que o participante desse Grupo, tem que estar acompanhando o usuário (paciente) que chegam para tratamento no AMBAD, independente de idade, sexo, raça e outras variáveis. Poderão ser familiares, amigos e até mesmo conhecidos, desde que essas pessoas apresentem uma predisposição em participar do tratamento e demonstrem interesse em colaborar com o paciente.

O Grupo de Acompanhantes é também uma atividade educativa, assim sendo, tem os seguintes objetivos: esclarecer e orientar a esse público específico alguns aspectos ligados aos cuidados dos pacientes com transtorno de Ansiedade e Depressão; investigar a relação acompanhante-paciente no contexto das relações cotidianas; utilizar o método dialogal e da psicoeducação na relação pedagógica com os participantes.

## 3. ACOMPANHANTES DE PACIENTE *VERSUS* PARCERIA TERAPÊUTICA.

Com o avanço das teorias do comportamento e das teorias sociológicas e antropológicas, nossa compreensão da relação entre saúde mentais e físicas vem crescendo rapidamente no século XXI, uma vez que como já sabemos a maioria das doenças, mentais e físicas, é de origem e/ou influenciada por combinação de fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais, ou seja, os transtornos mentais resultam de muitos fatores (multifatoriais).

É dentro dessa perspectiva que o Programa AMBAD trabalha, contando com uma equipe interdisciplinar (Serviço Social, Psicologia e Psiquiatria), que possam dar conta desses fatores biopsicossociais que influenciam no desencadeamento de alguma patologia mental, mais especificamente os transtornos de ansiedade e depressão.

O Ambulatório de Ansiedade e Depressão-AMBAD acredita que família representa a principal instituição balizadora das relações sociais, da construção de identidade pessoal, reprodução material e ideológica. Logo acreditamos que é essa instituição tem sua contribuição decisiva no processo saúde/cura do paciente em tratamento; se não existe essa instituição trabalhamos com o grupo mais próximo desse indivíduo (amigo, vizinho, etc).

Por muitos anos, o cuidado dos pacientes com doenças mentais era realizado apenas por meio dos hospitais psiquiátricos. Aliado a isso, por um dado período, as teorias sistêmicas ligavam a existência de um relacionamento disfuncional dentro da família do paciente à doença, responsabilizando-a pelo que estava acontecendo (CABRAL e CHAVES, 2005 p.32). Como resultado, o indivíduo era afastado do seio familiar para que pudesse ser tratado.

Com o processo da Reforma psiquiátrica e com a desintitucionalização asilar, as famílias passaram a ter para si o cuidado do paciente psiquiátrico, uma vez que a reforma “visou não somente à diminuição de leitos nos hospitais psiquiátricos, mas principalmente ao desenvolvimento de serviços psiquiátricos comunitários adequados para o atendimento aos pacientes e suas famílias” (BANDEIRA e BARROSO, 2005, p. 35).

No entanto, muitas famílias não estavam preparadas para tal responsabilidade, pois tinham pouco ou nenhum conhecimento a respeito da doença e do tratamento adequado ao paciente. Neste sentido, segundo Cabral e Chaves (2005, p. 35):

Supõe-se que o fato de uma pessoa da família apresentar um transtorno mental afete os familiares de diversas maneiras. Eles podem experimentar uma variedade de emoções – culpa, raiva e até mesmo a negação da doença; não se pode esperar que a família seja capaz de fornecer auxílio imediato e apoio ao pacientes. Porém, quando os familiares chegam a um serviço especializado em saúde mental, a maior parte apresenta um forte desejo de compreender o problema e quer um tratamento rápido e eficaz.

A família é o primeiro grupo social que o indivíduo pertence, onde seus membros encontram a ajuda necessária para lidar com as mais variadas situações. Quando há o adoecimento de um deles, é nela que estes indivíduos encontram o cuidado e o apoio para o enfrentamento da doença, independente da faixa etária e do tipo de patologia.

Deste modo, considerando-se que a família está inserida ao mesmo tempo “na objetividade das estruturas sociais e na subjetividade das estruturas mentais” (PALHANO, 2002, p.350) e, por isso, possui um elo constante com o paciente, é importantes que ela tenha conhecimento sobre todos os aspectos relacionados à doença, as suas causas e o seu tratamento, pois isso contribui para um melhor cuidado do paciente. Ela é uma “potente força afetiva que pode e deve ser envolvida no trabalho com o paciente, pois são elas as representantes principais de seus vínculos com a vida” (TRUCHARTE, 1994, p.31).

Além disso, “as famílias sentem necessidade de receber mais informações a respeito da doença do paciente e do tratamento medicamentosos prescrito (...); sentem falta também de uma orientação mais eficaz por parte dos profissionais sobre como lidar com o paciente no dia-a-dia e de um apoio mais eficaz em momentos de crise” (BANDEIRA e BARROSO, 2005, p. 37).

Partindo-se dessas observações, constata-se que novos métodos vêm sendo desenvolvidos, de tal forma que há preocupação com a “educação dos membros da família sobre o transtorno e apoio e orientação para pacientes e familiares”, pois desta forma os familiares “podem ajudar os pacientes a melhorar o seu *insight* quanto à doença e contribuir para a adesão ao tratamento necessário em cada caso” (CABRAL e CHAVES, 2005, p.33;35).

Conforme Bandeira e Barroso (2005) “as famílias dos pacientes muitas vezes têm desempenhado o papel de atendentes, pois tem atuado ativamente na busca de serviços e atendimento das necessidades básicas dos seus pacientes”. Neste sentido, é fundamental que elas tenham conhecimento acerca da doença e da importância de sua atuação junto aos pacientes.

No entanto, na literatura observa-se que são poucos os estudos envolvendo familiares de pacientes e/ou amigos acompanhado pacientes aos serviços de atendimento à saúde. A maioria das pesquisas envolve familiares de pessoas diagnosticadas com esquizofrenia, o que impede a comparação de resultados em pacientes com diferentes diagnósticos.

Além disso, a orientação aos familiares e/ou amigos podem contribuir para diminuir as tensões existentes dentro de casa; melhorar a socialização do paciente; reduzir as possibilidades de recaídas e reinternações, diminuindo assim o custo da doença; ajudar o paciente a assumir responsabilidades, dentro do possível; verificar se está havendo resposta ao tratamento e comunicar às mudanças que surgirem; encorajar o portador a tornar-se independente, para suprir suas necessidades básicas como casa, comida e dinheiro; entre outros (SHIRAKAWA, 2000).

Acreditamos que, quando o problema é de saúde mental, tanto os profissionais quanto os pacientes se beneficiam dos resultados do tratamento, se for incluída a família como parceira nesse processo de recuperação. As famílias, por sua vez, beneficiam-se da aprendizagem e/ou informação do processo de resolução de problemas que acompanham o transtorno mental, além de aprenderem a manejar a doença e o paciente. Consideramos que a família e/ou grupo mais próximo ajuda os profissionais no sentido de que proporcionam não só informação como também ajuda prática e emocional, uma vez, que auxiliam no tratamento além do ambulatório, quando retornam para seus domicílios. Logo esses acompanhantes

atuam como co-terapeutas, parceria na qual verificamos trazem resultados positivos ao paciente. E exatamente no grupo de acompanhante do Programa AMBAD que essa aliança terapêutica é trabalhada. Reforçamos no AMBAD, portanto, que o apoio da família sem dúvida se faz como parte importante do tratamento do paciente de transtorno mental.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos registros e dos questionários aplicados aos participantes pode-se observar que o vínculo acompanhante-paciente é de natureza predominantemente familiar, e o acompanhamento pode ser motivado por esse mesmo laço. No entanto, conflitos podem ocorrer devido à ambivalência de sentimentos que há neste comportamento, porque quando uma pessoa se propõe a acompanhar uma outra que está doente, ela deixa de fazer algumas de suas atividades, e isso pode gerar estresse e desentendimentos dentro da própria família ou no trabalho. O Grupo de Acompanhantes por se tratar de uma experiência recente, do Programa AMBAD, ainda não apresenta resultados conclusivos, por ora conseguimos atingir os objetivos da atividade que é oferecer um espaço de acolhimento, psicoeducativo e, sobretudo humanizados para os acompanhantes do paciente AMBAD. Também criar um espaço de Comunicação e/ou informação. Pois entendemos que esse instrumental é parte integrante de uma prática social, no qual dá sentido e direção à *práxis*.

Entretanto, no momento está sendo investigado e avaliado pela equipe interdisciplinar, quais são os motivos que levam os acompanhantes a se voluntariar a prestar tal apoio ao paciente de ansiedade e depressão. Dessas investigações só temos hipóteses que estão sendo ponderadas, a fim de posteriormente, serem confirmadas ou negadas nos grupos futuros que acontecerão.

Ainda que o presente trabalho seja um estudo de possibilidades, sem resultados conclusivos, revelou-se com o mesmo um promissor campo de intervenção terapêutica coadjuvante ao tratamento do paciente acometido dos transtornos depressivos e /ou ansiosos, além de um excelente veículo para a psicoeducação e promoção de processo de resiliência dentro da esfera abrangente da família, visto que mesmo em níveis não patológicos os fenômenos da ansiedade e depressão são universais. Acreditamos que o desenvolvimento de técnicas grupais dirigidas a este grupo específico denominados de “acompanhantes” por suas características já mencionadas, venham a desempenhar um importante papel na terapêutica do tratamento dos pacientes ansiosos e/ou deprimidos dentro do enquadre institucional proposto pelo AMBAD.

Além disso, os dados obtidos sugerem que outras pesquisas sejam feitas nesta área, para que se possa analisar de modo mais detalhado as questões suscitadas neste trabalho.

O trabalho que o Serviço Social realiza no AMBAD é pautado na perspectiva de contribuir para a formação e melhora do atendimento ao paciente e sua família, que inclusive também vivencia a problemática. Contribuímos também para que paciente e família possam apreender a construir novas estratégias para melhorar a sua qualidade de vida cotidiana. E acreditamos que essa percepção do paciente e da família é mais bem elaborada quando há uma equipe de diferentes profissionais que conseqüentemente, tentarão perceber a totalidade da problemática. E é exatamente dentro dessa ótica e/ou valorização de trabalho em equipe, que o Programa AMBAD tem conseguido resultados qualitativos e quantitativos em seu atendimento psicossocial.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, M. e BARROSO S. M. Sobrecarga das famílias de pacientes psiquiátricos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. (Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro) jan/fev/mar 2005 vol. 54, nº 1, p. 34-46.
- BION, W. R. *Experiências com Grupos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- CABRAL, R. R. F. e CHAVES, A. C. Conhecimento sobre a doença e expectativas do tratamento em familiares de pacientes no primeiro episódio psicótico: um estudo transversal. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. jan/abr 2005, vol. 27, nº1, p. 32-36.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Hoogan. 1989.
- GOMES, J. V. *Família: cotidiano e luta pela sobrevivência*. In: *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/ Cortez. 2000.
- MALDONATO, M. Os aposentos vazios da depressão. *Revista Viver Mente e Cérebro*. Maio de 2006, Ano XIV nº 160, p. 38-45.
- PALHANO, R. e LARANJEIRA, R. *et al. Alcoolismo, tabagismo e abuso de drogas: implicações médicas e psicossociais*. São Luís: 2002.
- Relatório sobre Saúde Mental no Mundo 2001: *Saúde mental: nova concepção, nova esperança*. Organização Pan-Americana da Saúde/ Organização Mundial da Saúde. 2001
- RIBEIRO, Jorge Penciano. *Gestalt-Terapia: O processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística*. São Paulo; Sammus, 1994.
- ROMANELLI, G. Autoridade e poder na Família. In: *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/ Cortez. 2000.
- SARMENTO, Helder Boska de Moraes. *Rediscutindo os instrumentais e as técnicas em Serviço Social*. Textos de Teoria e Prática de Serviço Social – Estágio Profissional em Serviço Social na UFPA. Volume I. Belém/Pa; 2005.
- SHIRAKAWA, I. Aspectos gerais do manejo do tratamento de pacientes com esquizofrenia. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. Maio 2000, vol.22 supl.1, p.56-58. ISSN 1516-4446.
- TRUCHARTE, F. A. R e KIJNIK, R. B. e SEBASTIANI, R. W.; ANGERAMI-CAMON, V. A. (org.). *Psicologia hospitalar: teoria e prática*. São Paulo: Pioneira, 1994.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Serviço Social e Interdisciplinaridade: o exemplo da saúde mental. In: *Saúde Mental e Serviço Social: o desafio da subjetividade e da Interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez. 2000.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Serviço Social e a Intervenção na Família em Saúde Mental. In: *Saúde Mental e Serviço Social: o desafio da subjetividade e da Interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez. 2000.

**Aspectos clínico-epidemiológicos de pacientes hansenianos portadores do vírus da imunodeficiência humana matriculados no Ambulatório de Medicina Tropical UFPA**

---

*Marília Brasil Xavier (mariliabrasil@terra.com.br)*

Doutora e Coordenadora do Projeto

*Rita de Cássia Neves Noronha (rittanononha@gmail.com)*

Aluna da UFPA e bolsista da PROEX  
Núcleo de Medicina Tropical da UFPA

Área temática: SAÚDE

## INTRODUÇÃO

A hanseníase apresenta alta endemicidade no Brasil. Suas manifestações clínicas e evolução têm relação direta com a imunidade celular. A infecção pelo HIV/AIDS é um problema de saúde pública mundial caracterizada por severa supressão do sistema imune celular. A co-infecção HIV/hanseníase ainda é pouco conhecida. As características patogênicas e o aumento da incidência dessa co-morbidade justificam estudos clínico-epidemiológicos. Estudos de caráter clínico, histopatológico e imunohistoquímico, verificaram nenhuma ou apenas leves alterações no curso da hanseníase em casos de infecção pelo HIV (Goodless *et al.*, 1994; Kennedy *et al.*, 1990). Neuropatia periférica pode ser uma manifestação da infecção pelo HIV relacionada ao neurotropismo do vírus e ao *Mycobacterium leprae* (Iyer, 1965; Budka *et al.* 1991). Quanto a possibilidade de modificação da hanseníase no decurso da infecção pelo HIV foi considerada a possibilidade de maior anergia à lepromina, recidiva de hanseníase nas formas TT e maior probabilidade de complicações. Porém não existe evidências de que a infecção pelo HIV altere a evolução clínica da hanseníase. Casos de pacientes HIV-positivos com lesões paucibacilares, que surgiram de forma não usual, com lesões ulceradas após poucas semanas do início da TARV apresentando melhora com poliquimioterapia para hanseníase foram relatos, (Couppie *et al.* 2004; Pignataro *et al.* 2004), tratando-se de um efeito paradoxal como o observado na tuberculose e ocasionada por uma síndrome da reconstituição imune, onde o aumento dos linfócitos T CD4<sup>+</sup> ocasiona a manifestação ou piora do quadro clínico da doença (Lawn *et al.*, 2003; Pignataro *et al.*, 2004; Couppie *et al.*, 2005). Pelo descrito, vários estudos de caráter epidemiológico, clínico, histopatológico e imunológicos têm tentado verificar alguma alteração no curso dessas moléstias quando há co-infecção, sem, no entanto, conseguir resultados uniformes ou definitivos, também por causa da pequena casuística em cada um deles.



O presente estudo teve como objetivo investigar aspectos clínicos da hanseníase em pacientes infectados pelo vírus da imunodeficiência humana.

## OBJETIVO

Descrever aspectos clínico-epidemiológicos da hanseníase em pacientes portadores de HIV/aids.

## MÉTODO

Estudo transversal analítico incluindo 31 pacientes co-infectados, considerando as informações obtidas no momento do diagnóstico da hanseníase, desenvolvido no Ambulatório de Doenças Tropicais e Infecciosas do Núcleo de Medicina Tropical. Foi considerado caso de co-infecção HIV/hanseníase, indivíduos HIV positivos em testes sorológicos de triagem (ELISA) e confirmatórios (Imunofluorescência Indireta e Western Blott), também apresentando sinais e sintomas para hanseníase segundo critérios de diagnóstico recomendados pelo Ministério da Saúde (Ministério da Saúde, 2002) e complementados por pesquisa de BAAR na linfa e histopatologia das lesões. Registraram-se dados epidemiológicos, número de lesões cutâneas, troncos nervosos afetados, presença e tipo de reações, ocorrência de neurites, resposta ao teste de Mitsuda, forma clínica segundo Ridley Jopling, estadiamento da infecção pelo HIV, contagem de CD4+, carga viral. O projeto de pesquisa foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa em Seres humanos do Núcleo de Medicina Tropical da UFPA.

## RESULTADOS

TABELA 1  
Distribuição dos pacientes co-infectados HIV/hanseníase quanto à idade e sexo.

Idade	Sexo		Total	Frequência Relativa (FR%)		
	M	FR (%)			F	FR (%)
25 – 35	7	22,6	5	16,1	12	38,7
36 – 45	12	38,7	3	9,7	15	48,4
46 – 55	3	9,7	1	3,2	4	12,9
Total	22	71,0	9	29,0	31	100,0

FIGURA 1  
Distribuição dos Pacientes Co-infectados quanto à Faixa Etária

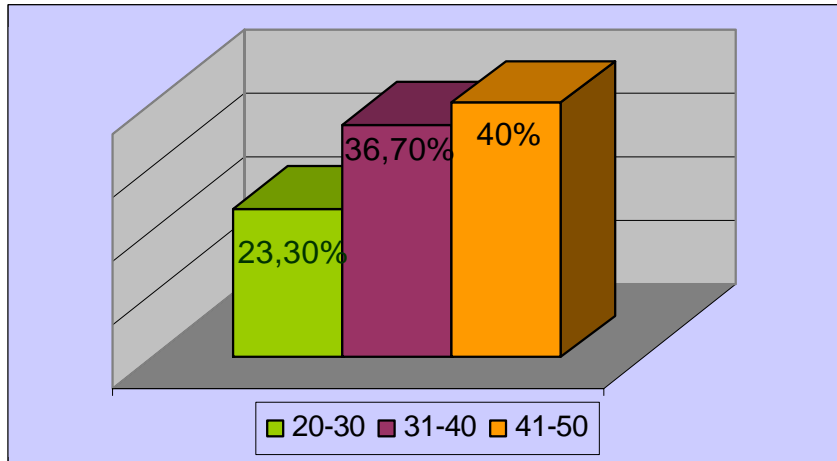


FIGURA 2  
Distribuição dos Pacientes Co-infectados Quanto a Procedência

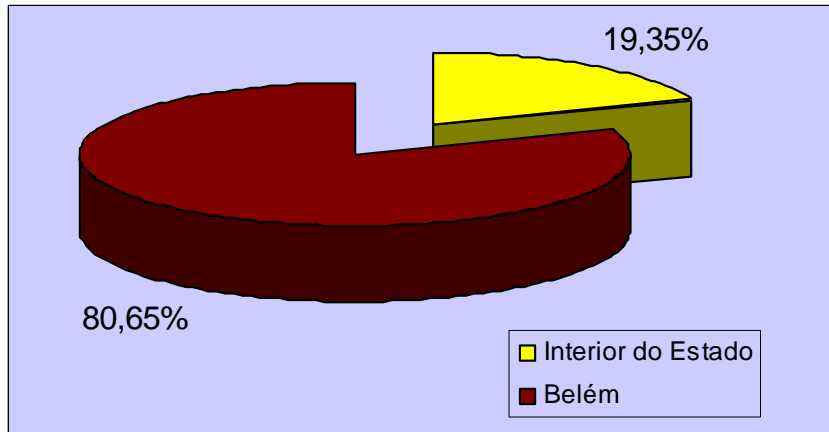


FIGURA 3  
Distribuição dos pacientes quanto à forma clínica segundo critérios de Ridley & Jopling.

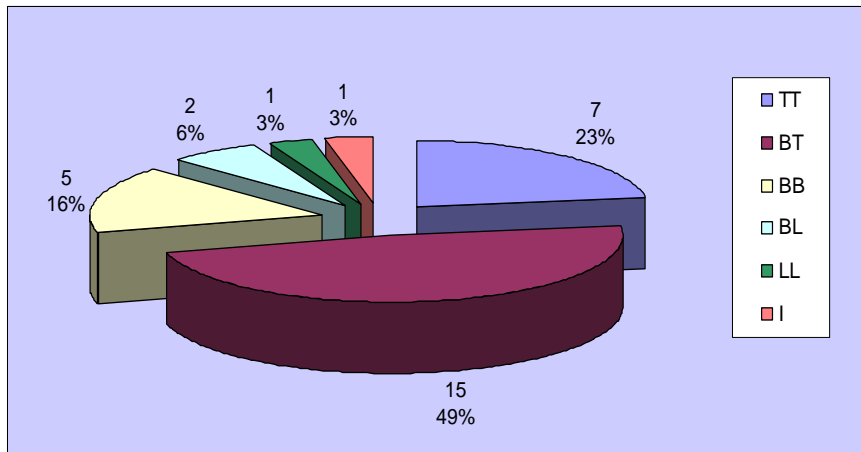


FIGURA 4

Fotografias de pacientes apresentando co-infecção HIV/hanseníase: (a) forma *borderline-borderline* (BB); (b) forma *borderline-lepromatosa* (BL); (c) forma lepromatosa (LL), apresentando estado reacional Eritema Nodoso Hansênico ulcerado.



FIGURA 5

Distribuição dos pacientes co-infectados HIV/hanseníase quanto ao estágio da infecção pelo HIV.

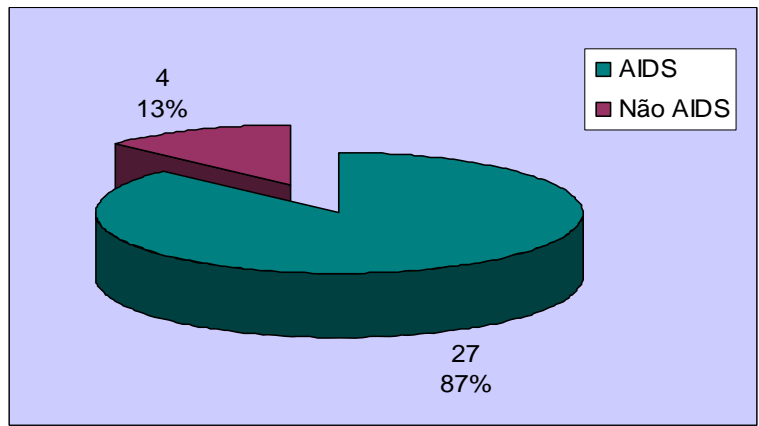
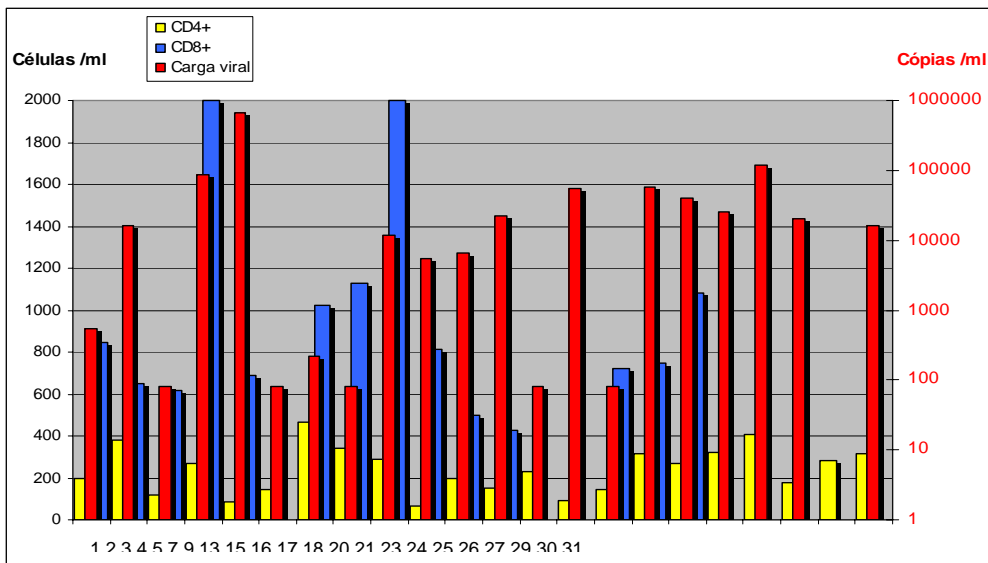
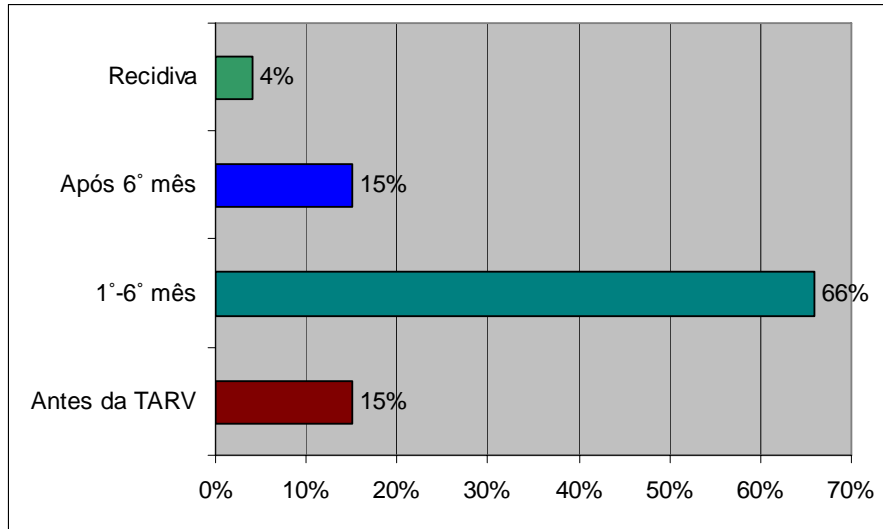


FIGURA 6

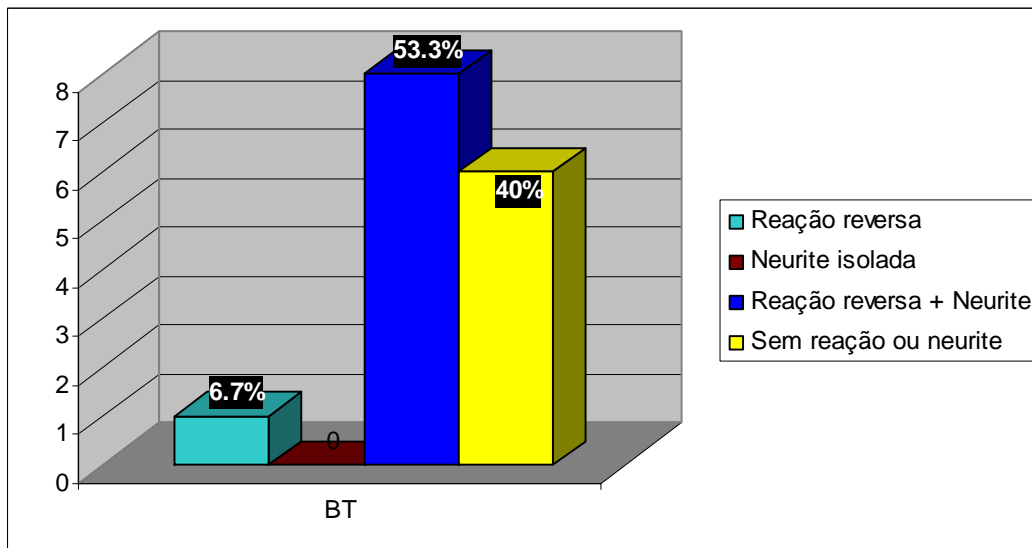
Pacientes com as formas paucibacilares tuberculóides em relação à contagem de células CD4+, CD8+ e carga viral em sangue periférico no momento do diagnóstico da hanseníase.



**FIGURA 7**  
Distribuição dos pacientes co-infectados HIV/hanseníase quanto ao surgimento das lesões de hanseníase e relação temporal com a TARV.



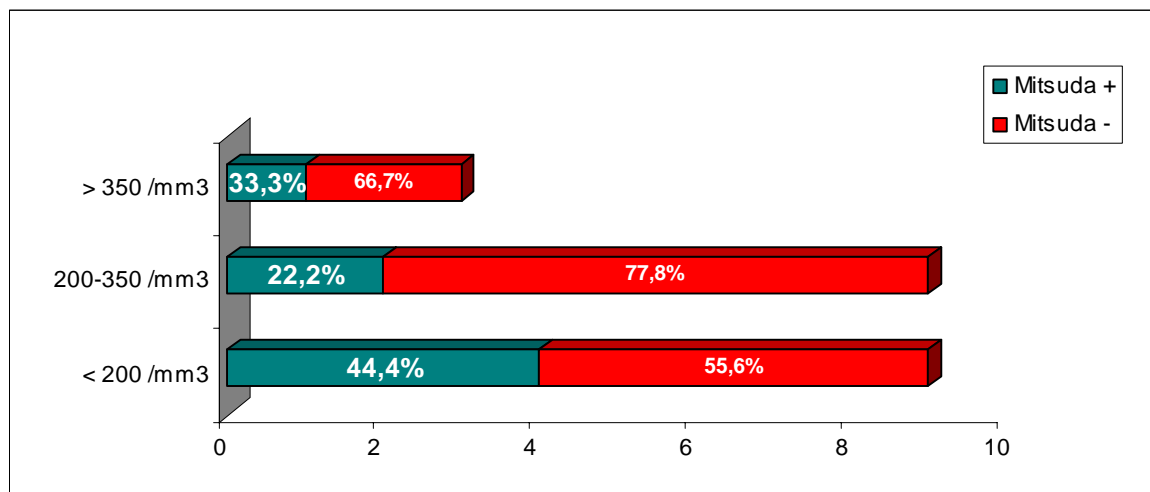
**FIGURA 8**  
Distribuição dos pacientes co-infectados HIV/hanseníase tuberculoides em relação à reação hansênica.



**TABELA 2**  
Ocorrência de reações hansênicas em pacientes co-infectados pelo HIV nas diversas formas clínicas de hanseníase, excluídas as formas TT e I

Forma clínica	Número total de pacientes	Número de pacientes com reação	Frequência relativa (%)
BT	15	9	60,0
BB	5	5	100,0
BL	2	1	50,0
LL	1	1	100,0
Total	23	16	69,5%

FIGURA 9  
Positividade da reação de Mitsuda em formas tuberculóides (TT e BT)  
de acordo com a contagem de células T CD4+.



## DISCUSSÃO

A co-infecção HIV/hanseníase foi mais frequente no sexo masculino, na faixa etária de 41 a 50 anos, compatível com dados epidemiológicos da aids. A forma clínica mais predominante foi a BT seguida da TT, compatível, com estudos em não portadores de HIV, não havendo desvio de prevalência para formas multibacilares representantes do pólo maligno, similar aos achados de Nery *et al*, 2000. Todos os pacientes incluídos no estudo apresentaram lesões cutâneas, com lesões ulceradas não usuais em dois casos de pacientes BT com RR tipo I, onde a presença de neurites colaborou para a elucidação do caso, tais quadros são altamente sugestivos de hanseníase associada à síndrome da reconstituição imune. A maioria (87%) dos pacientes encontrava no estágio de aids, porém não permitem conclusões sobre prevalência de hanseníase em pacientes infectados pelo HIV, pois para tal seriam necessários outros desenhos de estudos. Não houve relação entre níveis de CD4+ periférico elevados e formas benignas de hanseníase ou de carga viral elevada e formas malignas (teste Mann Whinney,  $p < 0,05$ ) semelhante aos achados de Sampaio, 1995 e Nery *et al* 2000. Modlin *et al.*, 1983, concluiu que existem diferenças entre proporções de CD4:CD8, independentes das taxas encontradas no sangue. 66% dos pacientes com aids referiram o aparecimento da hanseníase no período do 1º ao 6º mês após o início da terapêutica antiretroviral ( $p < 0,01$ ), sugerindo ser a hanseníase doença de reconstituição imune onde as doenças inflamatórias tendem a emergir um a seis meses depois que a terapia eficaz é iniciada, durante um período transicional de replicação viral e aumento da contagem de linfócitos CD4+, com isso havendo recuperação resposta inflamatória.

A frequência dos estados reacionais foi de 69,5% sendo representado em sua maioria por reação reversa com neurite. Observou-se maior frequência em BT co-infectados (60%), comparando com os 14 % não infectados descritos na literatura. Considerando todas as formas, 97% apresentavam neurites, apontando a possibilidade de interação no neurotropismo entre os agentes. O teste de Mitsuda, apresentou-se negativo em 60% de formas tuberculóides com forte associação de positividade nos pacientes que encontravam-se em RR (teste exato de Fischer,  $p < 0,05$ ). Fatores que contribuem para a migração e apresentação do antígeno devem ser estudados na co-infecção HIV/hanseníase, uma vez que as células apresentadoras de antígenos, macrófagos e células de Langerhans apresentam alterações induzidas pela infecção pelo HIV.

## CONCLUSÃO

Os aspectos epidemiológicos são compatíveis com a epidemiologia da hanseníase em locais onde também a infecção pelo HIV tem se expandido no Estado do Pará. Embora permaneçam muitas questões obscuras no estudo da co-infecção HIV/hanseníase, os conhecimentos obtidos e apresentados neste trabalho, corroboram para afirmações de que tais moléstias, embora concomitantes, cursam de forma pouco dependente. Certamente as discussões apresentadas possibilitam questões interessantes que devem ser seguidas com outros desenhos de estudo para consolidar a validade dessas conclusões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VERONESI, R. *et al.* *Doenças Infecciosas e Parasitárias*. 8 ed. São Paulo: Guanabara-Koogan, 1991. p.630-641

XAVIER, M B. Epidemiologia e clínica dos pacientes HIV/SIDA atendidos no ambulatório do núcleo de medicina tropical/Ufpa, janeiro/95 a agosto/01. *Brazilian Journal of Infectious Diseases*, v. 5, n. II, p. 74, 2001.

## **Pacientes hebiatras e a odontohebiatria**

---

*Marizeli Viana de Aragão Araújo  
Cleysiane Gonçalves Farias  
Mônica Cristina Benassuly Cardoso*

Área temática: SAÚDE

**RESUMO:** *A adolescência é uma fase de desenvolvimento humano caracterizada como um período de profundas transformações, quando são revistos e consolidados valores e atitudes requerendo, portanto, uma atenção e linguagem especial para essa etapa tão significativa na vida de cada indivíduo. Neste momento, geralmente, o jovem se sente adulto e se entristece quando é tratado como criança. Ao mesmo tempo, fica angustiado quando se sente criança e lhe são exigidos comportamentos adultos. A palavra Hebe em grego significa juventude. Em razão disso, HEBIATRIA destina-se ao estudo da juventude e, portanto, a Odontobebiatria direciona e insere o adolescente na faixa etária de 10 a 20 anos de idade, num programa educativo-preventivo e curativo, quando necessário, enfocando o aspecto estético e cosmético tão valorizado nessa fase.*

**Palavras-Chave:** *Adolescência, adolescente, prevenção, hebiatria.*

### **INTRODUÇÃO**

A adolescência é uma fase de desenvolvimento humano caracterizada como um período de profundas transformações, quando são revistos e consolidados valores e atitudes requerendo, portanto, uma atenção e linguagem especial para essa etapa tão significativa na vida de cada indivíduo. Neste momento, geralmente, o jovem se sente adulto e se entristece quando é tratado como criança. Ao mesmo tempo, fica angustiado quando se sente criança e lhe são exigidos comportamentos adultos. A palavra Hebe em grego significa juventude. Em razão disso, Hebiatria destina-se ao estudo da juventude e, portanto, a Odontohebiatria direciona e insere o adolescente na faixa etária de 10 a 20 anos de idade, num programa educativo-preventivo e curativo, quando necessário, enfocando o aspecto estético e cosmético tão valorizado nessa fase.

### **1. PACIENTES HEBIATRAS**

A adolescência é uma fase específica do desenvolvimento humano, caracterizada por mudanças e transformações múltiplas e fundamentais para que o ser humano possa atingir a maturidade e se inserir na sociedade no papel de adulto.

Segundo o relatório da Unicef “Situação Mundial da Infância 2002” a adolescência é definida como uma “janela de oportunidades”.

“Esse é um período de rápido desenvolvimento para jovens em todos os aspectos: físico, emocional, psicológico, social e espiritual. Fora o período pré e neonatal, a adolescência; é, de fato, a fase de mais rápido desenvolvimento humano”.

Segundo Basso (1987), sem dúvida a aparência facial é de fundamental importância na integração social e em nenhum outro período da vida a imagem do corpo é tão fundamental quanto nessa fase para a aprovação dos parceiros e do sexo oposto.

A odontologia atenta a todas essas mudanças que ocorrem nesta fase da vida jovem, procura dar-lhe atenção especial. A odontohebiatria ocupa-se em cuidar da saúde bucal do adolescente dando ênfase a prevenção e promoção da saúde.

## 2. ALTERAÇÕES BIOPSIKOSSOCIAIS

Segundo Razera (2006) as "intensas" modificações biopsicossociais vividas pelos adolescentes têm de ser percebidas pelos profissionais de odontologia. Atualmente, para garantir uma boca saudável, os olhares devem ir além da preocupação com hábitos alimentares corretos. Ela diz ser fundamental focar o comportamento do adolescente, estresse da vida escolar, pressão familiar. "Alterações hormonais, distúrbios do sono, bulimia, anorexia, podem refletir em problemas gengivais".

Segundo Bussadori (2006) há situações em que os pais não sabem que os filhos usam drogas, mas que em uma simples consulta bucal é possível perceber, pelo aparecimento de manchas, comprometimento do colo do dente. Adolescentes que usam anticoncepcionais, mesmo sem conhecimento dos pais, podem relatar o fato para o profissional. No caso de uso de anticoncepcionais por adolescentes, há diminuição da absorção de vitaminas C, B6 e B12, provocando sangramento gengival. Se a paciente revela a situação ao profissional, ressalta a dentista, é possível reverter o quadro. "Nesse caso, a paciente tem de aumentar o consumo dessas vitaminas e de ferro"

### 2.1. HÁBITOS NOCIVOS

#### 2.1.1. Uso de piercings

Alguns comportamentos e hábitos peculiares aos adolescentes podem repercutir diretamente na saúde bucal a exemplo do interesse dos adolescentes por piercing. O uso do piercing colocado em diversas partes do corpo assim como as tatuagens têm-se tornado fatos extremamente comuns entre os adolescentes que fazem desse ornamento uma arma perigosa, que coloca em risco a saúde do usuário. No Brasil, segundo Cerri (2001), os colocadores do "body piercing" também conhecidos como piercers, têm proliferado de forma indiscriminada, muitos dos quais sem as mínimas condições de higiene e cuidados. A colocação da jóia na boca tem crescido nos últimos tempos, podendo provocar uma série de complicações imagináveis. Na boca sem dúvida nenhuma as regiões onde mais se coloca o piercing são a língua e o freio labial. Pesquisas desse autor revelam que o uso do piercing aumentariam as chances de câncer bucal.



### 2.1.2. Drogas

Outro fator relevante que envolve o adolescente nessa fase de descoberta em que eles se encontram é o contato com as drogas.

Drogas são substâncias usadas para produzir alterações, mudanças nas sensações, no estado de consciência e no estado emocional. Fatores psicológicos e sociais levam os jovens de outras culturas sem tradição a procurar o uso de drogas, a curiosidade de experimentar novas sensações. A disponibilidade da droga e a existência de amigos que a usam ou que aprovam podem induzir o adolescente a experimentá-la pela 1ª vez. Isso é o mais comum nos casos das drogas que não causam dependência física.

Cerca de 7.000.000 de pessoas morrem prematuramente a cada ano em todo o mundo devido ao uso de álcool, tabaco e outras drogas e este número está subindo.

Aproximadamente 587 mil adolescentes brasileiros entre 12 e 17 anos (que equivale a 5,2% da população) são dependentes do álcool e que nessa mesma faixa etária 49 mil são dependentes de maconha.

Diversas alterações na saúde bucal têm sido associadas à utilização frequente de drogas e psicotrópicos. As alterações mais frequentes foram o Bruxismo e a Xerostomia.

A saúde bucal do adolescente está associada às relações sociais, problemas de estômago, halitose e estética.

Silveira (2002) em seu trabalho constatou que as principais mudanças notadas pelos dependentes de drogas foram xerostomia, bruxismo e hipoestesia e dor.

A precariedade da saúde bucal pode estar relacionada ao descaso com a higiene corporal provocado pelo uso abusivo de drogas.

A repercussão de todas as mudanças vividas pelo adolescente, a introdução de hábitos e comportamentos nocivos devem ser reconhecidos pelo profissional de odontologia de modo que este possa interferir positivamente na comunidade.

### 2.1.3. Distúrbios de comportamento

#### 2.1.3.1. Déficit de atenção ou hiperatividade

Nos adolescentes, os principais sintomas são agitação excessiva e inquietação. Diante disso, no consultório, poderá acarretar desatenção e impulsividade, contribuindo para o insucesso de alguns tratamentos necessários e de condutas preventivas diárias.

#### 2.1.3.2. De conduta

A manifestação desse tipo de distúrbio é a persistente forma de conduta, na qual os direitos fundamentais dos outros e principalmente regras e normas sociais são violados.

Costuma ser comum, nesses jovens, o uso de cigarros, álcool e entorpecentes, além do comportamento sexual precoce. Geralmente, apresentam dificuldade de concentração, hiperatividade e impulsividade. Adolescentes com tais distúrbios são mais freqüentes em famílias de marcante instabilidade social e com pais atingidos por distúrbios de personalidade, anti-socialidade e dependência alcoólica, devendo-se considerar que, muitas vezes, são vítimas de abusos sexuais e físicos sofridos em família. As idéias e tentativas de suicídio aparecem frequentemente correlacionadas a essa psicopatologia.

O tratamento desses distúrbios, além de terapia farmacológica, necessita de intervenção psicoterápica, tanto individual quanto familiar. Em casos muito graves, pode haver o afastamento temporário da família.

#### 2.1.3.3. Ansiedade

Nesses casos, a ansiedade é a principal manifestação clínica e pode ocorrer em situações específicas, como separação ou retraimento. Deve-se considerar que, muitas vezes, o jovem pode transferir essa ansiedade para o tratamento, promovendo alterações de comportamento e na cavidade bucal, devido à mudança no fluxo salivar e ao maior consumo de alimentos por causa de picos de ansiedade.

#### 2.1.3.4. Disforia

As características principais são a ansiedade excessiva e irreal e a preocupação com que poderá ocorrer no futuro, como se machucar, cumprir compromissos, atividades em grupos. Em todos os casos, as manifestações clínicas da ansiedade são evidentes, tais como nó na garganta, dor de estômago, cefaléia, náuseas, tonteiras, boca seca e outros males somáticos. Geralmente, são jovens com grandes responsabilidades e consciência. Nesse caso, uma terapia para controle da ansiedade é interessante.

#### 2.1.3.5. Retraimento

Tem como característica principal a retração excessiva no contato com pessoas não-familiares. É tão grave que chega a interferir no relacionamento com jovens da mesma idade. Em adolescente com esse distúrbio, é comum a inibição da atividade normal relacionada à sexualidade, especialmente no sexo feminino.

A alimentação possui um valor que, muitas vezes, pode ser simbólico, de satisfação pulsional, de alcance de prazer ou de agressividade. Os distúrbios acarretarão alterações físicas e comportamentais, de acordo com o aspecto comportamental de cada jovem diante das situações em que se encontram e da busca incessante por ser aceito e ser belo e de, muitas

vezes, “descontar” uma ingestão alimentar excessiva e compulsiva para suprir sua carência ou afetividades transitórias.

#### 2.1.4. Distúrbios alimentares

##### 2.1.4.1. Anorexia nervosa

A anorexia nervosa é um distúrbio alimentar caracterizado pela distorção da imagem corporal e busca constantemente à magreza através de um controle rigoroso sobre a alimentação, como dietas rígidas, jejuns prolongados e até inanição. O quadro tende a se iniciar na puberdade, entre 13 e 20 anos de idade. Estima-se que a anorexia nervosa acomete cerca de 1% das meninas adolescentes, sendo 10 vezes mais freqüentes nas garotas do que nos garotos. Os indivíduos com anorexia tendem provar para si mesmos que são capazes de controlar seus instintos e desejos através de restrições alimentares auto-impostas.

Os portadores de anorexia nervosa insistem em manter seus hábitos alimentares em segredo e sentem-se indiferentes quanto ao seu estado nutricional. A desnutrição faz com que a anorexia nervosa tenha o índice de 20% de mortalidade.

Os indivíduos portadores desse distúrbio alimentar têm o hábito de se alimentarem sozinhos e, quando por algum motivo, são obrigados a compartilhar mesas de refeições, fingem que comem, escondem o alimento no bolso, partem os alimentos em pequenos pedaços, mas não os ingerem, cospem em guardanapos, enfim, tentam livrar-se do alimento.

##### 2.1.4.2. Bulimia nervosa

As características essenciais da Bulimia Nervosa consistem de compulsões periódicas e métodos compensatórios inadequados para evitar ganho de peso. Além disso, a auto-avaliação dos pacientes com Bulimia Nervosa é excessivamente influenciada pela forma e peso do corpo, tal como ocorre na Anorexia Nervosa. Para qualificar o transtorno, a compulsão periódica e os comportamentos compensatórios inadequados devem ocorrer, em média, pelo menos duas vezes por semana por 3 meses.

A taxa de prevalência da bulimia nervosa é de 2 a 4% entre mulheres adolescentes e adultas jovens. A grande maioria dos pacientes com bulimia nervosa é do sexo feminino, na proporção de 9:1. O início dos sintomas vai dos últimos anos da adolescência até os 40 anos com idade média de início por volta dos 20 anos.

### 3. ODONTOHEBIATRIA

Com a crescente preocupação em destinar métodos eficazes ao tratamento de hebiatras os profissionais buscam maneiras de fazer com que esses pacientes se familiarizem com o

ambiente odontológico e busquem cada vez mais sua saúde bucal. Uma vez que essa nova fase da vida lhe traz mudanças de comportamentos e questionamentos de alguns hábitos, havendo a necessidade de reafirmação de hábitos saudáveis indispensáveis à manutenção de sua saúde bucal e geral. Aprofundando essas idéias surge a odontohebiatria que embora não seja uma especialidade odontológica, ainda, concerne um programa eficaz direcionado à essa parcela da população. Uma vez que a nova postura adotada pelo profissional que decide respeitar as peculiaridades desses pacientes permite maior proximidade com este paciente e maiores chances de sucesso no tratamento.

Segundo Bussadori (2006) O trabalho com hebiatras corrobora os esforços presentes em outras áreas do conhecimento de agir como profissionais da saúde e educadores concomitantemente. Deve-se levar em consideração também, que estamos trabalhando com uma faixa etária que apresenta muitas peculiaridades, requerendo cuidados e atenções detalhadas em diversas áreas. É importante salientar aos hebiatras e responsáveis que a função do Cirurgião Dentista será de um coadjuvante ativo nesse processo, levando-se em consideração que o direcionamento e apoio nessa etapa são inestimáveis, pois estár-se-a contribuindo para a formação de uma geração saudável no conceito mais amplo da palavra. A Odontologia voltada para o adolescente requer algo mais que técnico-científico, uma vez que se ocupa de um indivíduo, ultrapassando intensas modificações biológicas, psicológicas e sociais, o que exige saúde mental e enorme estabilidade emocional por parte do cirurgião-dentista.

Observa-se também, que para sensibilizar esses pacientes tem-se de desenvolver uma linguagem específica e um tratamento adequado aos seus anseios. Deve-se respeitar suas necessidades específicas em relação à própria linguagem, modificações comportamentais e estimulando um modelo de promoção de saúde associado à valorização do sorriso.

O tratamento odontológico baseia-se na atuação preventiva com estímulo ao emprego racional de técnicas atraumáticas de remoção de cárie, seguido do tratamento clínico e da valorização do sorriso, por meio de técnicas estéticas, cosméticas e adornos dentais.

A Odontohebiatria ainda não se trata de uma especialidade da odontologia, mas é um novo olhar do profissional voltado ao atendimento de pré-adolescentes e jovens.

Segundo Razera (2006), dentistas que utilizam em seus consultórios a odontohebiatria têm postura diferenciada diante do paciente adolescente. O atendimento vai além da cadeira em que o adolescente abre a boca para o profissional. O tratamento utiliza programas educativo, preventivo e curativo, enfocando aspectos estéticos e cosméticos. O consultório do

dentista deve ser um espaço descontraído, onde o adolescente pode se abrir para o profissional, revelar seus hábitos alimentares, comportamentais.

É necessário trabalhar de forma peculiar com esses adolescentes, avaliá-lo de acordo com o risco de cada paciente, respeitar a fase turbulenta em que estão inseridos e fazer uma anamnese minuciosa e análise de como: formações fornecidas pelo paciente, exame clínico, avaliação da quantidade de placa, informações sobre a dieta, fatores sociais. Para que o tratamento planejado para estes adolescentes seja de acordo com suas necessidades.

#### 4. SAÚDE BUCAL DO ADOLESCENTE

Considerando o conceito de adolescência como uma fase de muitas mudanças e transformações múltiplas, a saúde bucal também está envolvida em todo esse processo. Muitos adolescentes podem negligenciar a sua saúde bucal negando-se a fazer uma boa higiene, fazendo uma alimentação muito cariogênica e desregrada e ainda em muitos casos associada ao uso de drogas e suas conseqüências.

Alguns comportamentos e hábitos peculiares aos adolescentes podem repercutir diretamente na saúde bucal à exemplo de adolescente que se droga que geralmente apresenta índice CPOD elevado, redução do fluxo salivar e capacidade tampão, bruxismo, doença periodontal, halitose, queilite angular e estomatite.

Pesquisa realizada com adolescentes na cidade de Recife (2004) revelou que o adolescente com 20 anos apresentou um maior percentual de visita o dentista, sendo os jovens com 16 anos os que apresentaram o menor percentual.

A má higiene corporal e bucal do adolescente, segundo alguns autores, está relacionada a problemas de auto-estima e mudanças de comportamento devido as intensas transformações que ele vivencia nesta fase.

Segundo Carvalho (1995), apesar dos avanços científicos e tecnológicos no campo da prevenção e controle das principais enfermidades bucais, a maioria dos adolescentes continua apresentando índices consideráveis de problemas e doenças bucais. A autora aponta que estudos publicados indicam que na adolescência se observa um número considerável de cáries em estado avançado, assim como o início da doença periodontal que determinarão na idade adulta a severidade dos problemas de saúde bucal.

Basso (1987) afirma que dentre as causas mais freqüentes de procura às consultas odontológicas estão as enfermidades produzidas pela placa: cárie e doença periodontal, seguidas das maloclusões e traumatismos.

Os estudos epidemiológicos realizados em várias partes do mundo demonstram que a gengivite constitui o tipo mais freqüente de enfermidades das estruturas periodontais nos adolescentes. Os efeitos terminais da enfermidade periodontal observados nos adultos – a perda dos dentes – podem começar na adolescência (CARVALHO, 1995). Depois da puberdade, a doença periodontal é em geral de caráter acumulativo e invade progressivamente as estruturas que sustentam os dentes, de maneira que com o avanço da idade aumentam a prevalência e a gravidade dessas lesões.

Entre os problemas periodontais que se podem identificar claramente durante a adolescência estão: gengivite marginal crônica, gengivite ulcerativa necrosante, gengivite da puberdade, hiperplasia gengival, gengivite associada à respiração bucal, gengivite gravídica e periodontite, entre as quais se encontra a periodontite juvenil, forma bastante grave, embora relativamente rara (CARVALHO AT AL., 1991).

Analisando a relação entre renda familiar e condição de saúde bucal, têm-se que adolescentes com renda familiar de até 2 salários mínimos apresentavam CPOD médio aos 12 anos de 5,8 e presença de todos os dentes aos 18 anos em 17% da amostra. Com renda entre 2 e 4 salários mínimos têm-se CPOD de 5,4 e presença de todos os dentes aos 18 anos em 29% da amostra. E com renda de 5 ou mais salários mínimos de têm-se CPOD de 4,9 e presença de todos os dentes aos 18 anos em 52% da amostra. À medida que a renda se eleva decresce o CPOD médio aos 12 anos e aumenta o percentual da presença de todos os dentes aos 18 anos. PINTO apud LUCAS11 (1995).

Araújo (2003) ao levantar as condições de saúde bucal dos pacientes atendidos no Curso de Odontologia da Universidade Federal do Pará detectou que dos 30 pacientes examinados dos 15 aos 19 anos, apenas 10,0% da amostra era livre de cárie, tendo este percentual diminuído para 3,3% na faixa de 35 a 44 anos. O número de coroas perdidas por cárie aumenta gradativamente de 0,5%, 2,2%, 34,2% a 72,9% conforme o aumento da faixa etária de 12 para 15 a 19, 35 a 44 e 65 a 74 anos respectivamente.

Levantamento epidemiológico das condições de saúde bucal da população brasileira, denominado SB Brasil 2003, realizado pelo Ministério da Saúde em 2002 e 2003 (BRASIL, 2003), revelou que 45% dos adolescentes com 18 anos já perderam pelo menos um dente pela falta de higiene. No Norte do país o resultado da pesquisa do Ministério da Saúde foi mais alarmante. De acordo com o SB Brasil 2003, 13% dos adolescentes brasileiros nunca estiveram em um consultório odontológico, mas na Região Norte, o índice sobe para 16%.

De acordo com SB 2003 quanto á cárie dentária na dentição permanente quase 70% das crianças brasileiras de 12 anos e cerca de 90% dos adolescentes de 15 a 19 anos

apresentam pelo menos um dente permanente com experiência de cárie dentária. Crianças brasileiras de 12 anos de idade e adolescentes de 15 a 19 anos apresentam, respectivamente, em média 2,8 e 6,2 dentes com experiência de cárie dentária. Quanto ao percentual de dentes perdidos, brasileiros de 12 anos apresentam média de 0,18 na média nacional, situação que se agrava na região Nordeste com 0,36 dados semelhantes ocorrem com adolescentes de 15 à 19 anos onde têm-se 0,89 na média nacional e 1,34 na região Norte, região que apresenta o maior índice do país.

De acordo com SB 2003 o Norte apresenta o 2º maior CPOD do Brasil na faixa etária de 15 à 19 anos com índice de 3.47 depois do Nordeste com 3.59

De acordo com levantamento de cárie realizado em Belém os dados epidemiológicos são: ICPOD= 0,02; aos 12 anos, índice que aumenta para 1,58 para a faixa etária de 15 a 19 anos (ARAÚJO 2004).

Para conseguirmos que os adolescentes aprendam como manter a saúde, não basta explicar as causas das doenças e como evita-las. É necessário reinventar formas de transmitir, despertar a atenção e o interesse e tornar a aprendizagem mais prazerosa (PETRY, 1997).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M.V.A. Estudos das condições de saúde bucal e necessidades de tratamento em pacientes do curso de odontologia da Universidade Federal do Pará. 2003. 111 f. Dissertação (Mestrado em Clínica Integrada) – Faculdade de Odontologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL. Ministério da Saúde. Divisão Nacional de Saúde Bucal. *Levantamento epidemiológico em Saúde Bucal: Brasil, zona urbana, 1986*. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1988.137 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas da Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Saúde Bucal. *Projeto SB2000: condições de saúde bucal da população brasileira no ano 2000*. Manual do examinador. Brasília: 2001. 49 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas da Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Saúde Bucal. *Condições de saúde bucal da população brasileira no ano 2000: estudo piloto em Diadema – SP*. Brasília: 2000. 35 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas da Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Saúde Bucal. *Projeto SB 2000: condições de saúde bucal da população brasileira no ano 2000*. Manual do examinador. Brasília: 2001. 49 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas da Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Saúde Bucal. *Projeto SB 2003: condições de saúde bucal da população brasileira no ano 2003 – relatório final*. Brasília: 2004. 51 p.

BUISCHI, Y. *Promoção de saúde bucal na clínica odontológica*. São Paulo: Artes Médicas, 2000. p. 149-168.

KRASSE, B. *Risco de cáries*. 2ª ed. São Paulo: Quintessence, 1988. p. 11-52

LOURO FILHO, P. P. Conceito de risco. *ABOPREV*, Biblioteca Científica. São Paulo, v. 1, p. 2-4, 1996.

MAYER, M. P. A. Avaliação de risco de cárie. *ABOPREV*, Biblioteca Científica, São Paulo, v. 1, p. 5-8, 1996.

NAVARRO, M. F. L.; CÔRTEZ, D.F. Avaliação e tratamento do paciente com relação ao risco de cárie. *Maxi-odonto: dentística*, Bauru, v.1, n.4, p. 5-19, jul./ago. 1995.

THYLSTRUP, A.; FEJERSKOV O. *Cariologia Clínica*. 2.ed. São Paulo: Santos. 1995. 421p.



## **Conhecimento dos acadêmicos de enfermagem acerca do serviço de apoio psicossocial da UFPA**

---

*Misma Suely Gonçalves Araújo de Lima  
Rafael Santiago*

Universidade Federal do Pará

Área temática: SAÚDE

**RESUMO:** *O Serviço de Apoio Psicossocial da Universidade Federal do Pará (SAPS-UFPA) é um serviço que oferece aos estudantes da UFPA melhores condições de saúde e equilíbrio emocional, por meio de uma equipe multiprofissional – psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e pedagogo – que desenvolve atividades especializadas na área de saúde mental que consistem em ações preventivas e curativas: atividade de integração, dinâmicas de relaxamento e laborativas, orientação psicopedagógica, psicoterapia individual e em grupo, atendimento psiquiátrico entre outros. Considerando a importância desse serviço aos discentes, procuramos saber como está o conhecimento dos acadêmicos do curso de Enfermagem da UFPA em relação ao SAPS. Assim, selecionamos uma amostra de 40 alunos matriculados, dos anos de 2003 e 2004, que responderam a um questionário com perguntas objetivas e subjetivas acerca do SAPS. Com a análise dos dados coletados, concluímos que a maioria (70%) desconhece o SAPS, que a procura pelo serviço se limita a apenas 2 alunos (5%), que muitos (62,5%) têm interesse pelo serviço, apesar de a maioria não ter conhecimento do mesmo e, finalmente, todos (100%) se queixam da má divulgação do serviço entre os acadêmicos.*

**TEMA**

É muito comum, no ingresso da universidade, os acadêmicos se depararem com uma nova realidade a qual não estão acostumados, por ser uma fase onde eles irão lidar com novos compromissos e obrigações. Segundo Baker (2003), a entrada na universidade traz novos contextos sociais e acadêmicos, os quais podem causar situações estressantes na vivência de muitos estudantes. Alguns podem encarar com dificuldades para tratar com ocasiões apresentadas e necessitar de auxílio para manutenção da interação social satisfatória. A forma como os indivíduos lidam com determinadas experiências vividas nessa fase está envolvido com seu bem estar físico e psicológico e ao seu desempenho acadêmico. Para isso, a psicologia poderia ajudar a promover caminhos sociais de maneira a evitar tais dificuldades. Isso também pode ser visto nos resultados diagnósticos de um seminário Serviço de Apoio Psicológico e Social a Estudantes nas Instituições Federais de Ensino Superior (2005):

“Segundo o diagnóstico, realizado pelo psicólogo Marcelo Tavares, professor da Universidade de Brasília (UnB), dos 39% de alunos com crises psicológicas, pelo menos 5,5% fazem uso de medicação psiquiátrica e 24% já procuraram ajuda psicológica. Além disso, estima-se que entre 10 e 20% dos estudantes das universidades federais estejam em processo agudo de crise, que requer apoio psicológico imediato.

As crises emocionais prejudicam a vida pessoal do aluno e o seu desempenho no curso, levando à retenção ou desistência dos estudos. De acordo com um levantamento feito pelo psicólogo Marcelo Tavares, que é doutor em Intervenção em Crises e Prevenção ao Suicídio e estuda o assunto há quase 20 anos, 47% dos estudantes, de uma amostra de 420

entre 2.200 alunos recém-ingressos na UnB em 2003, já haviam pensado em suicídio pelo menos uma vez na vida, sendo que, para 9,8% deles, a idéia de suicídio era recorrente.”

Apoiamos a opinião de Almeida (1998) quando ele diz que a adaptação e a realização acadêmica do estudante do Ensino Superior é abalada por uma multiplicidade de aspectos de índole pessoal, relacional e institucional, perpassando pelos grupos de relacionamentos (família, amigos, professores). Neste contexto, Almeida afirma ainda que o ajustamento à universidade é um processo complexo e multidimensional que exige um conjunto de competências por parte do discente, facilitadoras da sua integração e interação ao novo contexto educativo.

Inglês & Cols (2005), dizem que os envolvimento que os jovens estudantes criam em distintos contextos representam um importante papel no desenvolvimento de habilidades sociais essenciais para sua evolução pessoal e regulamento psicológico na vida adulta. Dificuldades interpessoais estão ligadas a sensações de intenso desconforto e freqüente tentativa de desvio das relações sociais. Tais estressores e o restrito contato com a contingência reforçadora podem contribuir ainda para um desenvolvimento de depressão e o risco de abusos de substâncias. No estudo do Fonaprace (Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis), a incidência de crise emocional é semelhante entre alunos que estão no início e no fim do curso, com índices de 39% e 40%, respectivamente. Muitos desses alunos acabam buscando, no álcool e nas drogas, alívio para ansiedade ou crises de fundo emocional.

Tendo essa visão sobre os transtornos passados por jovens estudantes que ingressam na universidade, tem-se a preocupação sobre o que se tem feito por esses estudantes. Baker (2003) afirma que pouco tem sido produzido para facilitar a adaptação dos estudantes para a vida universitária e assim amenizar os estresses e outros incômodos destas experiências. No entanto, Millam, Souza, De Marco, Rossi e Arruda (1998) acrescentam que desde dos anos 50 há uma preocupação em algumas universidades brasileiras em oferecer apoio psicológico aos universitários, a partir de então, algumas tentativas têm sido realizadas, como o Grupo de Assistência Psicológica ao Aluno da USP e Serviço de atendimento Psicológico e Psiquiátrico ao Estudante da Unicamp.

Com esse tipo de preocupação, citado acima, é que o SAPS – UFPA foi criado. O Serviço de Apoio Psicossocial da Universidade Federal do Pará é um serviço que foi implantado pelo Dr. Benedito Paulo Bezerra em junho de 2000 no Centro de Ciências da Saúde (CCS) e, a principio, foi oferecido aos estudantes de Medicina. Hoje, porém, com o aumento da demanda dos demais cursos atende a todos os alunos da UFPA.

O SAPS vem desenvolvendo suas atividades através de uma equipe multidisciplinar formada por profissionais e colaboradores – 2 Psiquiatras, 3 Psicólogas, 2 Assistentes Sociais, 1 Pedagogo, 1 Atendente, 5 Estagiários – na tentativa de proporcionar aos discentes da UFPA, bem como seus familiares, melhores condições de saúde e equilíbrio emocional. A equipe desempenha suas ações em três horários (manhã, tarde e noite), com a finalidade de atender o aluno de forma mais conveniente.

O SAPS desenvolve atividades especializadas na área de saúde mental, que consistem em ações preventivas que objetivam a prevenção de doenças e o acolhimento ao aluno. Tais ações consistem em: atividades de integração; dinâmicas de relaxamento; dinâmicas laborativas; acompanhamento e visita domiciliar; orientação psicopedagógica. Das ações curativas, que são aqueles onde os estudantes e/ou familiares já chegam com dificuldades emocionais que necessitam de cuidados especiais, oferecem-se: psicoterapia individual; grupoterapia; terapia de casal; terapia familiar; interconsulta; atendimento psiquiátrico.

Inicialmente, o SAPS preocupa-se em demonstrar seus serviços na Semana de Recepção dos Calouros, visando facilitar a integração dos novos alunos aos ambientes da universidade. Em seguida há a entrevista com finalidade de melhor conhecimento de problemas de origem psicológica e pedagógica e, por último, sócio-econômica, encaminhando-o para o apoio necessário.

## OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo verificar o conhecimento dos acadêmicos de Enfermagem matriculados nos anos 2003 e 2004 da UFPA acerca do SAPS, assim como a divulgação do serviço junto destes alunos.

## METODOLOGIA

O presente estudo é do tipo descritivo com caráter quantitativo cujo método utilizado para a realização da pesquisa foi a aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas em relação ao SAPS numa amostra aleatória de 40 acadêmicos – 4 são do sexo masculino e 36 são do sexo feminino – do curso de Enfermagem da UFPA matriculados nos anos de 2003 e 2004.

## ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Tomando-se como parâmetro as respostas aos questionários, pretendíamos primeiramente saber como estava o conhecimento dos acadêmicos de Enfermagem acerca do SAPS, assim como a divulgação deste Serviço junto ao corpo discente do curso citado, já que

o programa se situa no mesmo Centro onde estão localizados os cursos de Ciências da Saúde (Enfermagem, Medicina e Nutrição), bem como da importância que o programa representa para os alunos ingressos na universidade Federal do Pará.

A partir da análise dos questionários, verificamos como estava o conhecimento dos alunos em relação ao SAPS.

**TABELA 1**  
Distribuição numérica e percentual à questão: Você conhece o SAPS?

<b>Resposta</b>	<b>Nº</b>	<b>F(%)</b>
Sim	12	30%
Não	28	70%
Total	40	100%

Conforme a tabela acima, percebemos que 70% da amostra de alunos matriculados entre os anos 2003 e 2004 de Enfermagem não conhecem o SAPS, isso é um número muito relevante levando em consideração que esses alunos já tenham frequentado pelo menos 2 anos do curso, que tem uma duração total de 5 anos. Tendo em vista que, segundo Ohi (1995), o aluno de Enfermagem sempre está despreparado para as experiências que irá vivenciar no âmbito hospitalar e admite que na maioria das vezes esse aluno necessita de apoio para enfrentar a crise que pode se instalar de forma abrupta. Então se vê a importância do SAPS para dar apoio aos acadêmicos de Enfermagem que passam por essa dificuldade.

Notamos que, dos 30% dos alunos que conhecem ou já ouviram falar do programa, quando perguntados a respeito de quais os serviços oferecidos pelo SAPS, estes alunos respondem apenas parcialmente, citando no máximo 3 serviços, de acordo com a tabela abaixo:

**TABELA 2**  
Distribuição de respostas abertas em relação ao conhecimento do SAPS:  
Caso afirmativo, cite os serviços que você conhece.

<b>RESPOSTAS</b>
“Já ouvi falar, mas não conheço muito bem os serviços, mas eu acho que tem um acompanhamento para aqueles que tem problemas de se enturmar, ou problemas mais graves como a depressão.”
“É um serviço de apoio psicológico para universitários e seus familiares; Realizam terapia em grupo.”

Com isso, percebemos que esses alunos têm um certo desinteresse por esse tipo de Serviço ou que não conseguiram se informar mais por alguma dificuldade em ter acesso ao local do Serviço. Supomos que isso pode ser por uma visão errônea em relação aos serviços oferecidos pelo SAPS que tem um enfoque psiquiátrico e psicológico. Observa-se isso quando: “Na verdade, vontade não me falta, pois acredito ter problemas psico-emocionais, só que até agora não procurei os serviços, por vergonha e medo de algum diagnóstico sério.”

Em relação ao exposto, concordamos que:

Quando encontramos uma patologia orgânica, “naturalmente” isolamos a totalidade fisiológica do indivíduo; porém, ante uma psicopatologia, necessitamos colocá-la na dinâmica das relações interpessoais e sociais em que está inscrita. O “modo de estar” de doente na sociedade é condicionado pela dinâmica social e histórica que a modela e lhe dá forma, fazendo com que a psicopatologia de um sujeito seja incompreensível fora das práticas do meio em relação a ele (Perrusi: 1995;119).

A partir da amostra de 30% dos alunos que conheciam a respeito do SAPS perguntamos sobre as ações do trabalho em si realizado pelo SAPS:

**TABELA 3**  
Distribuição numérica dos alunos que conheciam o SAPS que responderam à pergunta: No seu entendimento, o SAPS funciona como um Programa:

<b>RESPOSTAS</b>	<b>Nº</b>
Curativo	1
Preventivo	2
Ambos	9
Total	12

Verificamos que dos alunos que conhecem o serviço (12) a respeito do funcionamento do SAPS, 9 respondem corretamente, afirmando ser um serviço que funciona na prevenção e na ação curativa.

Pode-se entender como ações preventivas aquelas que visam realizar antecipadamente medidas de cuidados à vida, com a valorização da mesma, para que certas patologias não cheguem a se manifestar clinicamente ou seja, enquanto o indivíduo não apresenta nenhum sintoma. De acordo com o Ministério da Saúde, um grande número de doenças que acometem os indivíduos é evitável por ações preventivas já conhecidas e comprovadamente eficazes.

As ações curativas, no entanto, visam restabelecer a saúde do indivíduo, aplicando com êxito a esse paciente os remédios correspondentes para a remissão de uma lesão ou doença.

Assim, o SAPS funciona como um serviço que presta atenção integral a todo o corpo que compõe a UFPA – discentes e seus familiares, docentes – pois trabalha tanto preventivamente, evitando que surjam problemas psicológicos graves, como visam à atenção curativa, para encaminhar e tratar doenças já existentes. Segundo Jorge (1997) o apoio é importante para o desenvolvimento de suas potencialidades e para realizações de suas aspirações em direção ao futuro. Este apoio pode ser de docentes, diretório acadêmico ou grupo especializado.

Perguntamos também para estes mesmos alunos se já procuraram o SAPS e apenas 2 responderam afirmativamente. Dentre estes, um utilizou a psicoterapia e o outro recorreu ao SAPS para obter informações sobre o serviço.

**TABELA 4**  
 Distribuição numérica das respostas à pergunta:  
 Caso você necessitasse de ajuda psicológica você procuraria o SAPS?

<b>RESPOSTAS</b>	<b>Nº</b>
Sim	25
Não	14
Os que preferiram não opinar.	1
Total	40

Percebemos na tabela 3 que da totalidade da amostra, que se houvesse necessidade de ajuda psicológica entre os alunos 25 (62,5%) procuraria o SAPS, 14 (35%) deles não procurariam o serviço e 1 (2,5%) não opinou. Relevamos o fato de que há uma grande parcela que não procuraria o SAPS, mesmo sabendo da ajuda que o Serviço pode trazer, suspeita-se que seja o mesmo motivo justificado, já citado acima, por Perrusi (1995).

Dentro os que procurariam, alguns (5) justificaram por ser um serviço gratuito; outros justificaram entre outros, conforme a tabela abaixo:

**TABELA 5**  
 Justificativas da resposta da tabela 4.

<b>RESPOSTAS</b>
Pois confiaria no trabalho deles em proporcionar um apoio psicológico.
Por ser um serviço de fácil acesso, por se encontrar na faculdade e mesma sem conhecê-lo, acredito que tenha bons profissionais e ofereça serviço de qualidade.
Na verdade, vontade não me falta, pois acredito ter problemas psico-emocionais, só que até agora não procurei os serviços, por vergonha e medo de algum diagnóstico sério.

Podemos concluir então, que um número considerável dos alunos não procurariam o SAPS mesmo que estivessem com dificuldades psicológicas o que, em suma, pode significar um problema a se identificar sua causa: medo de haver um diagnóstico sério, preconceito, vergonha, entre outros fatores.

Parece-nos que a dificuldade mais comum é a relacionada ao preconceito que se tem frente à visão de quem possui algum transtorno mental. Este é considerado um estigma pela sociedade que provém do medo do desconhecido, dum conjunto de falsas crenças que origina a falta de conhecimento e compreensão a respeito do tema. Perrusi (1995;118), fala que:

As doenças, especialmente a doença mental, podem ser consideradas como “desvios sociais”, e as normas, as regras e o sistema axiológico que “produzem” e “imputam” – o desvio nunca está simplesmente “lá” – tais desvios são construídos, na sociedade moderna, por grupos sociais específicos, relacionados à gestão do controle social; o desvio social, em particular a doença, é construído socialmente. O problema, conseqüentemente, é elucidar a característica dessa construção: as concepções, as hipóteses, os modos de proceder que modelam a significação do desvio entre os agentes de controle.

TABELA 6

Distribuição numérica e percentual das respostas à pergunta:  
 Você acha que o trabalho do SAPS é divulgado de forma eficiente para os acadêmicos?

Resposta	Nº	F(%)
Sim	0	0
Não	40	100
Total	40	100

A tabela acima mostra que a totalidade da amostra acha que há uma ineficiência no serviço de divulgação do SAPS. Sabe-se que o Serviço de divulgação do SAPS é feito na semana de recepção dos calouros, mas não é o suficiente para manter todos os acadêmicos informados sobre o serviço que é muito útil para comunidade discente.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos a partir do estudo indicam que a maioria dos acadêmicos de Enfermagem da UFPA, matriculados em 2003 e 2004, não conhece ou conhecem pouco o trabalho realizado pelo SAPS.

Através dos questionários vê-se que poderá ser feito um estudo posterior a respeito do tema da assistência psicossocial a acadêmicos bem como orientar para que se planeje um melhor trabalho de divulgação do SAPS, através de meios que os estudantes tenham mais acesso, como a página da Internet da UFPA, reunião com os centros acadêmicos, divulgação semestral de panfletos nos colegiados, tanto para os acadêmicos de Enfermagem quanto para se estender a todo o corpo discente da universidade, pois como observamos ao longo do trabalho os estudantes se deparam com situações novas e necessitam de apoio psicológico para que consigam, assim, organizar essa etapa da vida de forma conveniente e satisfatória.

Também, foi possível através deste trabalho perceber como é a relação social dos acadêmicos de enfermagem em relação ao serviço psicossocial oferecido pelo SAPS e ela é contida de preconceito. Portanto há a necessidade, com isso, de se desmistificar falsas crenças e estereótipos, é o que tenta também construir o trabalho do SAPS. Fazer com que as doenças mentais sejam encaradas do mesmo modo como todos olham as doenças físicas e fazer perceber que quando os cuidados e o tratamento são prestados, espera-se a melhora ou recuperação, permitindo às pessoas regressarem à comunidade e retomarem e mantê-las em vidas normais.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA LS. *Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes do Ensino Superior*: estudo junto aos alunos de 1º ano da Universidade do Minho. Braga. Universidade do Minho, Centro de Estudo em educação e Psicologia, 1998.

BAKER, S. R. A prospective longitudinal investigation of social problem-solving appraisals on adjustment to university, stress, health and academic motivation and performance. *Personality and Individual Differences*, 569-591. 2003.

BEZERRA, B. P. Projeto de Implantação do SAPS. CCS/UFPA. 1999.

INGLÉS, C. J., Hidalgo, M. D. & Méndez, F. X. (2005). Interpersonal difficulties in adolescence: A new self-report measure. *European Journal of Psychological Assessment*, 21 (1), 11-22.

JORGE, Maria Salete Bessa. Indo em Busca de Seu Plano de Vida: a trajetória do estudante universitário. Florianópolis; Papa-livro, 1997.

MILLAN, L. R., E. N., De Marco, O. L. N., Rossi, E. & Arruda, P. V. (1998). O I encontro paulista dos servidores de assistência psicológica ao estudante universitário. *Revista do Hospital de Clínicas da Faculdade de São Paulo*, 53(3), 156-161.

OHI, R. I. B. Ser Preparado x Despreparado? A ambigüidade entre o perceber e o agir do professor de fundamentos de Enfermagem diante das experiências iniciais de graduação no hospital. São Paulo, 1995. Dissertação de mestrado, USP.

PERRUSI, Artur. Imagem da Loucura: representação social da doença mental na psiquiatria. São Paulo: Cortez; Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1995.

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO – Sexo: M ( ) F ( )

1. Você conhece o SAPS? SIM ( ) NÃO ( )

2. Caso afirmativo, cite os serviços que você conhece: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. No seu entendimento, o SAPS funciona como um Programa:

a) curativo ( ) b) preventivo ( ) c) ambos ( )

4. Você já procurou o SAPS? SIM ( ) NÃO ( )

5. Caso afirmativo, qual(s) o serviço(s) que você utilizou? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. Caso você necessitasse de ajuda psicológica você procuraria o SAPS?

SIM ( ) NÃO ( ).

Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7. Você acha que o trabalho do SAPS é divulgado de forma eficiente para os acadêmicos?

SIM ( ) NÃO ( )



## **Relação entre cariótipo e estigmas da Síndrome de Turner**

*Nilza Nei Gonçalves Torres  
Bárbara de Alencar Oliveira*

Universidade Federal do Pará

Área temática: SAÚDE

### **INTRODUÇÃO**

A síndrome de Turner é uma anomalia genética, que acomete mulheres, decorrente da ausência ou deficiência de um dos cromossomos sexuais, que costuma ser atestado no nascimento ou antes da puberdade, por causa das suas especificidades fenotípicas tais como baixa estatura e infantilismo sexual. Há outras manifestações somáticas conhecidas como estigmas de Turner, tais como: palato em ogiva, pescoço curto e alado, tórax em escudo, unhas hiperconvexas. Apesar das características fenotípicas serem um forte indício da síndrome o diagnóstico só pode ser confirmado com exame do cariótipo. Portadoras com cariótipo 45,X apresentam fenótipos mais evidenciados do que o mosaïcismo. Sinais somáticos como a baixa estatura são resultado da perda de material genético no ramo curto do cromossomo X. A insuficiência ovariana tem como fator a redução numérica ou os rearranjos do cromossomo X, que podem ocorrer no ramo longo do X.

### **OBJETIVO**

Fazer levantamento do cariótipo das portadoras de síndrome de Turner atendidas no HUIBB e quantificar a baixa estatura e hipogonadismo presentes por cariótipos.

### **METODOLOGIA**

Os dados foram obtidos através de entrevistas realizadas durante consultas de 58 pacientes que possuem exame de cariótipo e ultrassonografia pélvica.

### **RESULTADOS**

58,62% correspondem ao cariótipo 45,X; 18,97% ao 45,X/46,XX; 1,72% ao 45,X/46,XY; 10,35% ao 45,X/46,Xi(Xq); 1,72% ao 45,X/46,Xi(Xp); 1,72% ao 45,X/46,Xr; 6,90% ao 45,X/ e variantes. Todas possuem baixa estatura e hipogonadismo. 5,17% apresentaram menarca espontânea (todas 45,X/46,XX), contudo a redução do ovário é progressiva, influenciada pelo cariótipo e provavelmente elas entraram na menopausa precocemente.

## CONCLUSÃO

Na infância a queixa principal é baixa estatura, na adolescência ela está relacionada ao hipogonadismo. A síndrome de Turner pode ser tratada com reposição hormonal proporcionando melhora na qualidade de vida. O tratamento adotado para baixa estatura é o hormônio de crescimento e para estimular o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários faz-se estrogênio terapia.

## **Índice de massa corporal como indicador do estado nutricional**

*Sara Araújo da Silva  
Rosilene Costa Reis*

Bolsistas CCS/Departamento de Nutrição – UFPA

*Rosa Maria Dias*

Coordenadora do Projeto de Extensão.  
Apoio Técnico-Científico para  
o Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional na Região Norte

Área temática: SAÚDE

### **INTRODUÇÃO**

Estudos demonstraram que o Índice de Massa Corporal – IMC se correlaciona positivamente com outros indicadores antropométricos utilizados para estimar a gordura corporal e a OMS (1990) adota o IMC como indicador do estado nutricional.

### **OBJETIVO**

Avaliar o estado nutricional de adultos e correlacionar o IMC com as medidas de circunferência da cintura, quadril e relação cintura quadril (RCQ).

### **METODOLOGIA**

Estudo transversal realizado no Dia da Saúde e Nutrição em 2006 com funcionários da Secretaria Executiva de Saúde Pública. Foram realizadas tomada de peso, estatura, circunferência da cintura e quadril, para cálculo dos índices: IMC e RCQ (Ministério da Saúde, 2005). Os dados foram analisados no software SPSS 13.0 e foram realizados os testes do  $\chi^2$  e correlação de Pearson com significância de 0,001.

### **RESULTADOS**

Foram estudados 41 homens e 75 mulheres. Comparando o IMC com outras medidas antropométricas, controlando sexo e faixa de idade, somente os valores do IMC apresentaram-se elevados para as mulheres maiores de 40 anos ( $p < 0,001$ ), sendo observado uma correlação positiva para prever o excesso de peso. O excesso de peso foi mais prevalente no sexo masculino (64,8%) e na faixa de 40 a 60 anos (61,5%) com significância de  $p < 0,001$ .

### **CONCLUSÃO**

O IMC se correlaciona com outras medidas antropométricas, apresentando variação somente entre as mulheres maiores de 40 anos de idade. Quanto ao estado nutricional o excesso de peso foi mais prevalente nos homens e na faixa etária de 40 a 60 anos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAMPAIO, L.R. et all. Correlação entre o índice de massa corporal e os indicadores antropométricos de distribuição de gordura corporal em adultos e idosos. Rev. Nutr. V. 18 n. 1, Campinas, jan./fev. 2005.

PINHEIRO, A.R.O et all. Uma abordagem epidemiológica da obesidade. Rev. Nutr., Campinas, 17(4):523-533, out./dez., 2004.

## **Caracterização da clientela atendida no serviço de psicologia pediátrica do ambulatório de um hospital universitário**

---

*Shirley dos Santos Carmona (shirleycarmona@globo.com)*

*Ana Paula de Andrade Sardinha (aprena@gmail.com)*

Bolsistas PIBEX, alunas do curso de Psicologia

*Jenifer Leda Figueiredo Muniz (jenifermuniz@hotmail.com)*

Aluna do Curso de Psicologia

*Eleonora Arnaud Pereira Ferreira (eleonora@ufpa.br)*

Profa. Associada I, CFCH/UFPA

Área temática: SAÚDE

Palavras-chave: *Psicologia pediátrica, caracterização da clientela, atendimento psicológico.*

A Psicologia da Saúde consiste em um conjunto de contribuições, sejam elas de caráter educacional, científicas e profissionais, da disciplina Psicologia para auxiliar a promoção e manutenção da saúde; a prevenção e tratamento de doenças; a identificação da etiologia e diagnóstico dos correlatos de saúde, doença e funções relacionadas (Matarazzo, 1980, citado em Kerbauy, 2002). A Psicologia da Saúde surgiu, principalmente, devido a inúmeras mudanças ocorridas no âmbito da saúde. Seu desenvolvimento está relacionado a fatores como: (a) a ineficiência do modelo biomédico em explicar adequadamente a saúde e a doença; (b) mudança no tipo de doença predominante encontrada na população em geral, de doenças infecto-contagiosas para doenças associadas ao estilo de vida e comportamento, e (c) aumento nos custos dos tratamentos e a possibilidade de reduzi-los por meio de mudanças no comportamento e estilo de vida (Miyazaki, 2001). A Psicologia Pediátrica é um campo de atuação da Psicologia da Saúde, considerada uma área interdisciplinar que se ocupa de questões relativas à saúde, doença, desenvolvimento físico e mental, e do impacto desses aspectos sobre a criança, o adolescente e a família. Doenças crônicas e seu gerenciamento na infância e na adolescência são temas muito pesquisados nesta área de atuação (Miyazaki, 1997). Em outras palavras, o psicólogo pediátrico colabora na construção de conhecimentos sobre comportamentos de cuidar da saúde, identificando variáveis que estão interferindo neste processo, e auxilia na instalação e manutenção destes comportamentos nos pacientes, no caso crianças, em seus cuidadores e até mesmo na equipe multiprofissional (Ferreira, 2006). A criança muitas vezes não entende a gravidade da doença e acaba por não aderir ao tratamento, daí a necessidade de alguém de sua confiança e convívio que possa estar auxiliando-a a compreender a doença. Nesse sentido, intervenções com os pais, com os cuidadores primários

e/ou com os profissionais que lhes assistem, que funcionem como esclarecedores da patologia, ajudando a traçar estratégias de enfrentamento e estabelecimento de repertórios comportamentais adequados, podem funcionar como facilitadores do tratamento da criança (Löhr, 1999; Santos, 2000). Quando as crianças são muito jovens, e também no caso de crianças com déficits em determinadas áreas de seu desenvolvimento, o cuidador assume o papel de gerenciar o tratamento, em parceria com o profissional da saúde. Nem sempre a criança participa do processo de seu tratamento diretamente, sendo, entretanto, beneficiada pelo atendimento oferecido a seus responsáveis (Marinho & Silveiras, 2000; Löhr, 1999). No caso de crianças que já freqüentam a escola, considera-se importante a participação destas em tratamentos que requerem constante controle, incluindo mudanças nos hábitos de vida e manutenção de práticas de autocuidado, como no caso de crianças portadoras de asma ou diabetes, as quais necessitam autogerenciar o tratamento (La Greca, 1990). Nesse sentido, a terapia cognitivo-comportamental tem sido muito eficaz em Psicologia Pediátrica. Esta consiste em uma modalidade terapêutica baseada em princípios da aprendizagem e em processos cognitivos, tendo como objeto o comportamento e as variáveis que interferem sobre ele. No tratamento da população pediátrica, suas técnicas são utilizadas diretamente com as crianças e na intervenção com a família. Inúmeras técnicas, como dessensibilização sistemática, treino de relaxamento, modelação, são muito úteis na modificação de repertórios e conseqüentemente, melhora na qualidade de vida do indivíduo (Souza & Baptista, 2001). A descoberta dos fatores ambientais, ou das variáveis que contribuem para que os comportamentos problemáticos se mantenham, é o passo inicial da terapia comportamental, independente da etiologia que os tenha gerado ou da história de seu desenvolvimento. E é com base no levantamento desses fatores que se planeja a intervenção que se processa dentro de um ou mais contextos (Silveiras, 2000). Ferreira (2005) fez um levantamento histórico dos serviços-escolas oferecidos nas faculdades de psicologia. A autora defende que é necessário redefinir as funções, os objetivos e as concepções dos serviços-escola para desenvolver técnicas de trabalho que atendam às necessidades sociais e que para isso deve-se considerar as condições sociais nas quais os serviços-escola estão inseridos. Para ela “um serviço ofertado com qualidade para satisfazer às necessidades da população precisa ser concebido de acordo com a amplitude de necessidades dessa população. Ou pelo menos abranger uma amostra da variedade de possibilidades de atuação que a Psicologia pode realizar em relação a essas necessidades” (p.120). Para auxiliar o planejamento de atividades que possam facilitar os atendimentos, estudos sobre caracterização de clientela são de grande contribuição. Estes estudos possibilitam uma melhor atuação da equipe, uma vez que oferecem um melhor

conhecimento sobre a clientela em questão, auxiliando em uma melhor estruturação dos serviços oferecidos à comunidade, possibilitando a oferta de um serviço organizado e eficaz. Para Rocha e Ferreira (2006), é importante analisar as características sócio-demográficas da população infanto-juvenil, pois elas funcionam como indicadores que auxiliam na compreensão de variáveis relacionados à instalação e à manutenção de comportamentos apresentados como queixa aos serviços de atendimento em Psicologia, e orientam o planejamento dos procedimentos de intervenção. O gênero, a ordem de nascimento e o número de filhos da família, o local de moradia, a escolaridade e ocupação do cuidador principal de crianças e adolescentes são algumas dessas variáveis. Perfeito e Melo (2004) defendem que, para uma articulação entre a pesquisa, a extensão e o ensino, fazem-se necessárias pesquisas epidemiológicas que caracterizem a clientela e os atendimentos oferecidos pelos serviços de Psicologia aplicada das universidades. Apenas por meio desses dados, é possível delinear as ações norteadoras à extensão e ao ensino, até mesmo à construção dos currículos. Alguns poucos estudos sobre a caracterização de serviços de psicologia foram realizados em clínica-escola, o que atenta para uma escassez de literatura voltada à área de caracterização de atendimentos psicológicos realizados em hospitais universitários. Marinho e Silvares (2000) defendem que “a proposta de intervenção adaptada às características da clientela que procura por atendimento infantil nas clínicas-escolas brasileiras está num caminho bastante promissor” (p. 182). Bernardes-da-Rosa, Garcia, Domingos e Silvares (2000) caracterizaram a clientela com queixa de dificuldades escolares atendida em um Serviço de Psicologia de um hospital-escola. Os dados mostraram que a maioria da clientela foi do sexo masculino. Entretanto, não houve diferença significativa entre os sexos para a procura pelo serviço com este tipo de queixa. Ainda neste estudo, foi observado que a maioria das crianças foi encaminhada por profissionais da saúde, com dificuldade escolar como queixa principal. Identificou-se também uma predominância de encaminhamentos de crianças nos primeiros anos de escolarização. Os pais destas crianças apresentavam baixo nível de escolaridade. Em outro estudo, Santos e Alonso (2004) caracterizaram a clientela infantil de um serviço de Psicologia com demanda de saúde mental. Verificou-se que a maioria das crianças era do sexo masculino, com idades entre 7 e 9 anos, cursando as duas primeiras séries ou o pré-escolar, procedentes de famílias de baixa renda e moradores da região onde se localiza o serviço. As queixas principais referiram-se a dificuldades afetivo-sociais, seguido de problemas funcionais, destacando-se a família e a escola como principais fontes de encaminhamento. Marturano, Magna e Murtha (1993) caracterizaram a clientela infantil de um serviço de psicologia com queixa de problemas de

aprendizagem escolar em uma clínica psicopedagógica, junto a um centro de referência do sistema de saúde, no interior do estado de São Paulo. Os participantes foram selecionados, totalizando, 50 crianças de ambos os sexos, alunas de primeira ou de segunda série em escolas públicas. Foram realizadas entrevistas com as mães destes participantes para esclarecimento dos motivos da consulta e levantamento da história vital. Os resultados apontaram que a maioria dos pais tinham baixa escolaridade e exerciam ocupações manuais. Os resultados também apontaram que as queixas afetavam outras áreas, como a emocional. Rocha e Ferreira (2006) realizaram um estudo descritivo acerca da caracterização das queixas identificadas na clientela de 62 crianças e adolescentes atendida pelo serviço de Psicologia Pediátrica de um hospital universitário na cidade de Belém-PA. Verificou um elevado número de meninos (n=42) que buscam o atendimento e um alto índice de desistência. Encontrou ainda demasiado uso de práticas parentais coercitivas, destacando-se a violência doméstica. O serviço de Psicologia, no qual este estudo foi realizado, atua em programas oferecidos em um hospital universitário, estabelecendo parcerias com uma equipe multidisciplinar, que envolve profissionais da área de nutrição, medicina, enfermagem, fonoaudiologia, otorrinolaringologia e serviço social. Nos últimos anos tem aumentado a demanda pelo atendimento especializado à criança e ao adolescente sob o enfoque da prevenção e promoção da saúde, sendo o profissional de psicologia solicitado a participar dessa atuação. OBJETIVOS: (a) identificar características da demanda para um serviço público de atendimento ambulatorial de Psicologia Pediátrica de um Hospital Universitário, na cidade de Belém-Pará e (b) dispor de dados sistematizados que ofereçam melhor orientação à equipe de profissionais e à elaboração de programas de atendimento voltados a crianças e adolescentes encaminhados ao Serviço de Psicologia Pediátrica. MÉTODO: (A) **Participantes:** 44 crianças e seus cuidadores atendidos pelo serviço de Psicologia Pediátrica de um hospital universitário (HU) na cidade de Belém (Pará), no período de outubro de 2005 a junho de 2006. Os prontuários continham o Termo de Consentimento utilizado pelo serviço de Psicologia, no qual o paciente autorizava a utilização de seus dados para pesquisa. Dentre os participantes, 26 eram do sexo masculino e 18 do sexo feminino. Estes pacientes atendidos no serviço de Psicologia Pediátrica foram encaminhados ou por outros serviços disponíveis no hospital ou por demanda espontânea. O Hospital Universitário recebe recursos do Sistema Único de Saúde (SUS), possui diversos profissionais e especialidades médicas em seu quadro de funcionários, e disponibiliza à população atendimentos ambulatoriais, realização de exames e procedimentos especializados, além de serviços de hospital dia. (B) **Materiais e recursos utilizados para a coleta de dados:** prontuários dos pacientes participantes. Nestes prontuários encontrava-se o roteiro de



entrevista (protocolo desenvolvido pelo serviço de Psicologia) contendo dados sócio-demográficos dos pacientes, informações sobre a história de vida e queixas iniciais, além do registro dos atendimentos realizados pelos estagiários de Psicologia a cada sessão. Em alguns casos foi necessário recorrer ao registro de outros profissionais, que também estavam nos prontuários dos participantes, para consultar informações que não constavam nos registros do Serviço de Psicologia. (C) **Procedimentos:** 1) Levantamento e organização dos dados: Foi realizado levantamento de dados nos prontuários referentes ao período de outubro de 2005 a junho de 2006. Foram coletadas informações de cada participante referentes a dados sócio-demográficos, queixas, procedência e condução dos atendimentos pelo Serviço de Psicologia Pediátrica. Esses dados foram organizados em tabelas e gráficos. 2) Análise de dados: Os dados foram categorizados e a partir desta classificação, foi realizada uma análise descritiva acerca das características sócio-demográficas, da procedência, das queixas principais e secundárias, dos encaminhamentos realizados e da resolutividade dos encaminhamentos e dos atendimentos. **RESULTADOS: 1) Caracterização das crianças e adolescentes:** Quanto à ordem de nascimento, dentre os 44 participantes, 15 eram filhos primogênitos, 14 eram filhos caçulas, 5 eram filhos intermediários, 4 eram filhos únicos e em 6 prontuários não havia informação quanto à ordem de nascimento dos participantes.

TABELA 1  
Distribuição dos participantes por gênero e faixa etária.

	Gênero		$\Sigma$
	Masculino	Feminino	
<b>Idade</b>	Fa	Fa	Fa
2 a 6 anos	6	5	11
7 a 12 anos	18	13	31
Acima de 12 anos	2	0	2
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>18</b>	<b>44</b>

Como mostra a Tabela 1, a diferença entre a quantidade de pacientes por gênero foi significativa, com predominância do gênero masculino com uma frequência de 8 pacientes a mais que o do gênero feminino. A maior parte dos pacientes estava na faixa de 7 a 12 anos (n=31), com predominância do gênero masculino; seguida da faixa de 2 a 6 anos (n=11). Somente 2 participantes tinham idade acima de 12 anos e estes eram do gênero masculino. Quanto à escolaridade, considerou-se a idade de 3 anos como referência para início na Educação Infantil. Desse modo, contabilizou-se que dos 44 participantes, 43 estavam em idade escolar (ver Tabela 2). Dentre estes, 3 ainda não estudavam; 8 estavam cursando Educação Infantil (maternal, jardim I e II, e alfabetização); 20 cursavam séries do Ensino

Fundamental I (1ª à 4ª série), sendo que um dos participantes se encontrava em faixa etária superior à esperada para a série correspondente; 2 estavam cursando o Ensino Fundamental II (5ª à 8ª série) e 10 não informaram.

TABELA 2  
Distribuição dos participantes por escolaridade e faixa etária.

Idade	Escolaridade					Σ
	Sem escolarização	Ed. Infantil	Fundamental I	Fundamental II	Sem Informação	
2 a 6 anos	3	7	0	0	1	11
7 a 12 anos	1	1	20	2	7	31
> 12 anos	0	0	0	0	2	2
Total	4	8	20	2	10	44

A maioria da clientela atendida possuía residência em Belém (n= 42), 1 residia em cidade da Grande Belém e 1 residia em cidade próxima a Belém. Dentre os que residiam em Belém, 54% habitavam em um dos dois bairros mais próximos ao Hospital Universitário, caracterizados pelo baixo poder aquisitivo dos moradores e com problemas em sua infraestrutura. Os demais (46%) também residiam em bairros caracterizados pelo baixo poder aquisitivo da população, porém distantes do local de atendimento. **2) Caracterização dos cuidadores:** acerca do cuidador principal das crianças e adolescentes atendidos a maioria era a mãe biológica (n=24, ou 54%), 6 eram os pais biológicos, 3 eram as avós (maternas ou paternas). Também identificou-se que 3 cuidadores eram tias (maternas ou paternas) e que 8 prontuários não possuíam informações quanto ao cuidador principal. Quanto à ocupação do cuidador principal, verificou-se as seguintes categorias: do lar (n=15), trabalho informal (n=9), autônomo (n=9), assalariado (n=1), estudante (n=3), desempregado (n=3) e para 6 participantes não havia no prontuário o registro da ocupação. Considerou-se como trabalho informal qualquer atividade laborativa que não tivesse registro em carteira de trabalho (p.e. garçone e empregada doméstica) e como trabalhador autônomo, a atividade laborativa que independesse de vínculo empregatício (p.e. comerciante e costureira). **3) Caracterização dos atendimentos:** **a) Procedência:** Dentre os casos atendidos, 2 compareceram ao Serviço mediante demanda espontânea, e a maioria, 41 casos, foi encaminhada por diferentes especialidades médicas e outros profissionais que atuam em outros programas conduzidos no HU (93%). Em apenas um caso não foi possível identificar informações quanto à procedência (2,2%). Dos casos oriundos dos profissionais que atuam no HU, a maioria foi encaminhada

pela Pediatria (n=16 ou 36%), seguido pela Neuropediatria (n= 8). Dentre os casos atendidos, 18 (40%) eram provenientes de um Programa de Acompanhamento do Desenvolvimento Infantil que é realizado no hospital (ver Tabela 3).

TABELA 3  
Procedência dos casos encaminhados ao Serviço de Psicologia Pediátrica.

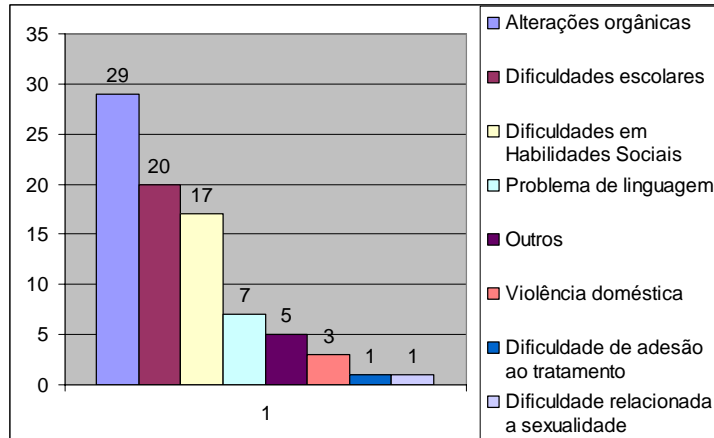
Procedência	Nº de casos encaminhados
Endocrinologia	5
Espontânea	2
Fonoaudiologia	1
Geneticista	1
Médico (sem especificação quanto à especialidade)	5
Neurologista	2
Neuropediatria	8
Otorrinolaringologista	2
Pediatria	16
Sem Identificação	1
Serviço Social	1
<b>Total</b>	<b>44</b>

**b) Encaminhamentos:** No decorrer das intervenções alguns pacientes foram encaminhados a outros serviços. Dos 44 casos conduzidos, 9 obtiveram um ou mais tipos de encaminhamento para outras especialidades ou instituições. Os encaminhamentos foram endereçados, principalmente, a: (a) APAE: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Oferece serviços como: acompanhamento multiprofissional de crianças com atraso no desenvolvimento com terapias e orientação às famílias e preparação para o trabalho e colocação profissional. (b) CISNE: Centro Integrado de Serviços para portadores de Necessidades Especiais. Realiza preparação para o mercado de trabalho e colocação profissional de pessoas portadoras de necessidades especiais. (c) NPJ: Núcleo de Práticas Jurídicas. Presta serviço gratuito de orientação e assessoria jurídica a pessoas de baixa renda. (d) COEES: Coordenação Estadual de Educação Especial. Responsável pelo processo de inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais em escolas regulares. (e) Associação de diabéticos do Estado do Pará: Auxilia os portadores de diabetes a conseguir alguns direitos. Oferece variados serviços também, como atendimento psicológico e assessoria jurídica. (f) Outros: Outros serviços oferecidos no próprio hospital em que este estudo foi realizado, como o Serviço Social e outros programas como o Programa de Saúde Auditiva, bem como outros hospitais da comunidade que oferecem serviços mais especializados, como o Hospital Ophir Loiola e o Hospital de Clínicas Gaspar Viana. **c) Sessões de atendimento:** Dentre os 44 casos atendidos, nos atendimentos realizados individualmente às crianças, 15 crianças foram atendidas de uma até duas vezes, 3 foram

atendidas de três a quatro vezes, 3 foram atendidas de cinco a seis vezes e 6 receberam mais que seis atendimentos individualizados. Dos atendimentos realizados somente com o responsável, 16 casos tiveram contabilizadas entre uma e duas sessões, 4 somaram entre três e quatro sessões, 2 foram atendidas entre cinco e seis vezes e 3 foram atendidos mais que 6 vezes. Quanto aos atendimentos realizados em conjunto com o responsável e a criança, verificou-se que 30 casos tiveram entre um e dois atendimentos, 4 tiveram entre três e quatro atendimentos e 4 tiveram entre cinco e seis atendimentos. Em 3 casos foram realizados entre um e dois atendimentos com a criança e o irmão em sessão conjunta. Quanto à resolutividade destes casos, foram registrados 7 encerramentos, 5 abandonos e 32 casos permaneciam em andamento na época deste estudo ou sem registro de encerramento. **d) Queixas identificadas:** As queixas investigadas neste estudo, tanto as principais quanto as secundárias, foram agrupadas em categorias. Considerou-se como queixas principais aquelas relatadas no primeiro atendimento, sendo consideradas como a principal justificativa para a busca do serviço. Alguns casos relataram queixas múltiplas como principais motivos para a procura pelo atendimento. Como queixas secundárias, considerou-se outras dificuldades relatadas pelo cuidador ou identificadas pelo estagiário ao longo das sessões. Na análise dos resultados foram consideradas todas as queixas, chegando-se a oito categorias de análise, apresentadas a seguir: 1) Dificuldades em Habilidades Sociais: comportamentos opostos (desobediência, agressividade, raiva, brigas com pares/irmãos), timidez, medo e/ou fobias, imaturidade, insegurança. 2) Dificuldades Escolares: problema de aprendizagem, comportamento apático durante as aulas, recusa em ir à escola, timidez no ambiente escolar, dificuldade para concentração em atividades acadêmicas, repetência. 3) Violência Doméstica: violência familiar e violência doméstica. 4) Alterações Orgânicas: autismo, síndromes (Down, Prader Willi), dores de cabeça, convulsão, desmaios, crises de ausência, de audição e fala, nanismo, epilepsia, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, puberdade precoce, alteração fenotípica não específica, tumor no cérebro, obesidade, anomalia da diferenciação sexual, depressão. 5) Dificuldades de Adesão ao Tratamento: baixa adesão ao tratamento de doença crônica, no caso o diabetes. 6) Dificuldades relacionadas à Sexualidade: dúvidas e problemas relacionados à sexualidade da criança ou adolescente. 7) Problema de linguagem: atraso no desenvolvimento da linguagem e dislexia. 8) Outros: Atraso no desenvolvimento e recusa em participar de procedimentos médicos. Quanto às queixas, a queixa mais frequente foi relacionada a alterações orgânicas (n=29), seguida da queixa referente a dificuldades escolares (n=20) e de dificuldades em habilidades sociais (n=17). (ver Figura 1)

FIGURA 1

Frequência das queixas primárias e secundárias identificadas nos participantes deste estudo.



## DISCUSSÃO

A maioria da clientela pediátrica atendida no serviço de Psicologia Pediátrica do HU, no período a que se refere este estudo, era do sexo masculino. Nos estudos realizados por Rocha e Ferreira (2006), Bernardes-da-Rosa e cols (2000) e Marinho e Silvares (2000), o índice de meninos encaminhados para atendimento foi superior ao número de meninas, similar ao encontrado neste estudo (59%). Neste estudo observou-se que, em todas as faixas etárias, o número de meninos foi superior ao de meninas, com destaque para a faixa de 7 a 12 anos de idade. Notou-se ainda uma predominância desta faixa etária em relação às outras, uma vez que 70% das crianças participantes enquadravam-se nesta faixa, que é caracterizada pela inserção na escola, com conseqüente necessidade de adaptação ao ambiente social e escolar. Neste contexto, é freqüente professores identificarem dificuldades no comportamento da criança, como problemas de aprendizagem e dificuldades em habilidades sociais (Rocha & Ferreira, 2006), notificando estes comportamentos aos pais, os quais levam tais queixas até o ambiente hospitalar em busca de auxílio. A proporção de filhos primogênitos submetidos ao atendimento (n=15) foi similar ao número de filhos caçulas (n=14). Tal resultado foi diferente dos resultados encontrados no estudo realizado por Marinho e cols (2000), no qual o índice de filhos primogênitos chegou a 75% dos casos. Estes dados sugerem que, além de se considerar a ordem de nascimento da criança, deve-se levar em consideração também o número de filhos na família. Pode-se supor que, quanto maior a prole, maior a dificuldade de administração dos cuidados e atenção dos pais aos filhos (Rocha & Ferreira, 2006). Quanto à escolaridade da clientela atendida, os dados indicam que a maioria dos participantes estava matriculada em série compatível com a faixa etária, segundo os critérios utilizados na análise. Este é um resultado positivo, pois está implícita uma preocupação das famílias em oferecer formação

acadêmica para suas crianças. Entretanto, apesar de a clientela estar em séries consideradas compatíveis com a idade cronológica, há um número elevado de queixas de dificuldades acadêmicas, presente em 20 casos. Isso leva a um questionamento sobre a qualidade do ensino que estas crianças estavam recebendo, visto que a maioria estudava em escolas da rede pública de ensino e foi observado, durante os atendimentos, que as crianças tinham dificuldades em comportamentos acadêmicos como escrever o nome próprio, reconhecer cores e números, dificuldade de interpretação de comandos. Quanto à moradia, a grande maioria dos participantes é residente na cidade de Belém (95%) e em bairros próximos ao HU (54%). Tal resultado permite inferir que a maioria da população atendida é de baixa renda, pois grande parte destes bairros constitui área de invasão, com diversos problemas de infraestrutura e violência, o que corrobora com estudos realizados por Santos e Alonso (2004) e por Rocha e Ferreira (2006). Dados sobre o local de moradia da criança fornecem ao terapeuta pistas sobre a qualidade do ambiente no qual ela está inserida, como quais atividades de lazer são possíveis, quais os riscos para a saúde e integridade física da criança, e como essas variáveis podem estar influenciando no desenvolvimento destas crianças e até mesmo nas queixas levadas ao atendimento, o que caberia uma investigação mais detalhada em estudos futuros. Com relação ao cuidador, observou-se uma predominância da mãe biológica (54%), com ocupação principal “do lar” (34%). Isto sugere a necessidade de investigações que estabeleçam os efeitos de intervenções realizadas com essas cuidadoras, mães “do lar”, e a generalização a outras interações na família, como os cuidados aos outros filhos e a supervisão de cuidadores substitutos, também. Os dados acerca da procedência dos atendimentos indicam que a maioria dos casos recebeu encaminhamento da Pediatria (36%). Dentre os casos, 18 (40%) são oriundos de um Programa de Acompanhamento do Desenvolvimento Infantil que é realizado no hospital. Neste programa as crianças são atendidas por equipe multiprofissional, que inclui Pediatria, Fonoaudiologia, Terapeuta Ocupacional, Fisioterapeuta, Neuropediatria, Homeopatia, Nutrição, Psicologia e outros. É um Programa bem estruturado e que recebe crianças com diversas queixas, de diversos pólos de atendimento e que fazem acompanhamento do desenvolvimento. Devido a Pediatria ser uma das especialidades que realiza a triagem, justifica-se a predominância de encaminhamentos realizados por esta especialidade. No decorrer das intervenções, alguns pacientes foram encaminhados a outros serviços. Este resultado destaca a relevância do profissional de Psicologia Pediátrica reconhecer outros fatores que interferem no estado de saúde e qualidade de vida do paciente que estão fora de seu alcance e conhecer uma rede de apoio e serviços que possam beneficiar ainda mais o paciente. Quanto às queixas, as mais

freqüentes estavam associadas a alterações orgânicas (29 casos), fato bastante comum em hospital universitário, visto que esta clientela é predominante neste contexto. A segunda queixa mais identificada, dificuldades escolares, presente em 20 casos, corrobora com estudos de Bernardes-da-Rosa e cols (2000) e Rocha e Ferreira (2006), os quais alertam para a necessidade de parcerias com profissionais da área da educação, em especial com o curso de Pedagogia. A grande variedade de queixas identificada na população atendida dificulta a ação do psicólogo pediátrico e sugere a necessidade de sistematização do serviço, com uma melhor especificação da clientela atendida e a estruturação da rotina dos atendimentos, uma vez que, com um serviço especializado é possível aumentar a qualidade ofertada aos usuários e desenvolver conhecimentos sistematizados em uma determinada área (Rocha & Ferreira, 2006; Perfeito & Melo, 2004). Dentre as dificuldades encontradas na realização deste estudo, destaca-se a falta de informações contidas nos prontuários. Observou-se uma necessidade de estabelecer critérios e regras para melhor organizá-los. Foi observada uma desorganização nos registros e até mesmo registros contraditórios nos documentos analisados, tão importantes para a atuação do profissional uma vez que os mesmos contêm o histórico biopsíquico do paciente.

#### REFERÊNCIAS

- Bernardes-da-Rosa, L.T.; Garcia, R.M.; Domingos, N.A.M. & Silveiras, E.F.M. (2000). Caracterização do atendimento psicológico prestado por um serviço de psicologia a crianças com dificuldades escolares. *Revista Estudos de Psicologia*, n. 17 (3): 5-14.
- Ferreira, E. A. P. (2006). Adesão ao tratamento em psicologia pediátrica. Em M.A. Crepaldi, M.B.M. Linhares & G.B. Perosa. (Orgs.). *Temas em Psicologia Pediátrica*. (pp. 147-189). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferreira, V. A. (2005). *Características dos serviços-escola dos cursos de graduação em psicologia no meio-oeste catarinense*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Kerbaux, R. R. (2002). Comportamento e saúde: doenças e desafios. *Psicologia*. USP. vol. 13, no. 1, p. 11-28.
- La Greca, A. M. (1990). Issues in adherence with pediatric regimens. *Journal of Pediatric Psychology*, 15, 423-436.
- Löhr, S. S. (1999). Orientação de pais, algumas propostas: um modelo de intervenção com pais de crianças com câncer. Em: R. R. Kerbaux & R. C. Wielenska (Orgs). *Sobre comportamento e cognição: psicologia comportamental e cognitiva – da reflexão teórica à diversidade na aplicação*. (pp 116-120). Santo André, SP: ARBytes.
- Marinho, M. L. & Silveiras, E. F. M. (2000). Modelos de orientação a pais de crianças com queixas diversificadas. Em R.C. Wielenska (Org.). *Sobre comportamento e cognição*. (pp. 171-185). Santo André: ARBytes.

- Marturano, E. M.; Magna, J. M. & Murtha, P. C. (1993). Procura de atendimento psicológico para crianças com dificuldades escolares: um perfil da clientela. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*; 9 (1):207-26.
- Miyazaki, M. C. O. S. (1997). Asma na infância: pesquisa e prática clínica em Psicologia Pediátrica. Em D. R. Zamignani (Org.). *Sobre Comportamento e Cognição: a aplicação da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos*. (15-20). Santo André, SP: ARBytes.
- Miyazaki, M. C. O. S. (2001). Psicologia da saúde: intervenções em hospitais públicos. Em B. Rangé (Org.). *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria*. (pp. 463-474). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Perfeito, H. C. C. S. e Melo, S.A. (2004). A evolução dos processos de triagem psicológica em uma clínica -escola. *Revista Estudos de Psicologia*, 21 (1): 33-42.
- Rocha, A. C. & Ferreira, E. A. P. (2006). Queixas identificadas em crianças e adolescentes atendidos pelo serviço de psicologia pediátrica de um hospital universitário. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 16, n. 1.
- Santos, W. P. & Alonso, M.Z. (2004). Caracterização da demanda infantil de um serviço de psicologia. *Rev. Min. Saúde Púb.*, A.3, N.5, p.35-42 – jul./dez.
- Silvares, E. F. M. (2000). Avaliação e intervenção clínica comportamental infantil. Em E.F.M. Silvares (Org.). *Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil*. (13-30). Campinas, SP: Papyrus.
- Sousa, C. R. & Baptista, C. P. (2001). Terapia cognitivo-comportamental com crianças. Em B. Rangé (Org.). *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria*. (pp. 523-534). Porto Alegre, RS: Artmed.



## **A expressão do humor das crianças da Creche Sorena frente ao tratamento odontológico e a figura do dentista**

---

*Thaíse Macedo da Costa (thataod@yahoo.com.br)*  
*Gesilene Fernandes Tavares (gesilene\_ft@yahoo.com.br)*  
*Henderson Campos (henderson.campos@hotmail.com)*  
*Vanessa Milhomem (thataod@yahoo.com.br)*

Estudantes da UFPA

*Emily Jamile Silva da Anunciação (emilyjamil@yahoo.com.br)*  
*Edilson Santos da Silva (edilsonsilva@hotmail.com)*

Cirurgiões-dentistas graduados pela UFPA, egressos e voluntários do projeto

*Izamiir Carnevali de Araújo (izamiir@ufpa.br)*

Coordenador do Projeto, Professor da UFPA

### Área temática: SAÚDE

**RESUMO:** *Este trabalho tem como objetivo avaliar o humor dos escolares da creche Sorena frente à tensão da ida ao consultório odontológico, a sensação após a consulta e a figura do dentista. A amostra consta de 102 alunos escolhidos de forma aleatória, de um universo de 398 crianças regularmente matriculadas na instituição. A entrevista foi realizada individualmente e as perguntas feitas de forma direta, afim de que não houvesse indução nas respostas. Foram feitas 4 perguntas às crianças cujas respostas eram indicadas através de figuras de rosto triste, feliz, chorando ou zangado, sendo uma delas com resposta sim ou não. Entre os resultados obtidos destacamos que 96,07 % das crianças vai ao consultório do dentista feliz, e 78,43% continua feliz após a consulta. E que 87,25% consideram seus dentistas bons e 13,72 ainda tem medo de ir ao dentista. Tal pesquisa tem a finalidade de aprimorar os métodos de interação entre os profissionais e as crianças e as técnicas de condicionamento infantil realizadas no projeto, para o melhor atendimento das mesmas, contribuindo para inclusão social e qualidade de vida dos escolares de acordo com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS).*

Palavras-chave: *odontopediatria, condicionamento, escolares.*

### INTRODUÇÃO

Os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) visam a inclusão social e qualidade de vida da sociedade através das políticas públicas vigentes. Programas de atenção à saúde bucal de escolares contribuem de forma direta para isto.

A orientação de cuidados com os dentes e higiene bucal devem ser de domínio de toda a sociedade. A escola, neste contexto, exerce um importante papel na orientação das crianças, apresenta-se como ponto de partida para a multiplicação de conhecimentos, além de levar o profissional da odontologia e seus serviços precocemente a quem necessita. Esta convivência favorece a relação profissional-paciente habituando as crianças com a figura do dentista em suas vidas, reduzindo a ansiedade e medo nesta faixa etária.

No Brasil, são poucas as iniciativas que buscam estes fins. A inclusão destes programas no contexto escolar envolvem não apenas os profissionais da área, mas também

necessitam da contribuição de pais e professores para a melhor execução das atividades. São programas simples de fácil execução e que produzem efeitos benéficos diretos e permanentes para a sociedade.

## REVISÃO DA LITERATURA

A saúde bucal perfeita em controle sempre é importante para o bem estar físico dos pacientes clinicamente comprometidos contribuindo para o sucesso de uma melhora na qualidade de vida.

Segundo Maia et al. (1996) a responsabilidade do profissional de odontologia neste aspecto de condicionamento é grande: ele tem um papel importante na educação dos pacientes jovens e deveria ajuda-los a lidar com suas ansiedades, ajustando-as ao nível apropriado para cada paciente e a cada situação.

A etiologia de medos clínicos severos parece estar relacionada à idade e ao condicionamento direto na presença de dor e vulnerabilidade. O medo do tratamento odontológico torna-se cíclico no sentido de que quando a patologia dentária não é regularmente tratada pelos serviços preventivos ela desencadeia a utilização de serviços odontológicos curativos ou de emergência inerentemente invasivos e dolorosos. Tais tratamentos exacerbam ou produzem medo e comportamento de esquiva a futuros tratamentos (SINGH e MORAES, 2000).

Milgrom *et al.* (1988), Melamed (1982) e Kleinknecht *et al.* (1973) *apud* Singh e Moraes (2000) revelam que o medo é um problema reconhecido na população e que a maioria dos medos iniciam na infância, principalmente na fase escolar.

Em trabalho publicado em 2004, Araújo e cols. apresentam um estudo da imagem do que as crianças constróem em relação ao cirurgião-dentista através da análise de desenhos. O estudo foi desenvolvido em 24 crianças de uma escola pública as quais tinham contato com dentistas. Cada criança desenhou a imagem de um dentista que foi analisada e verificou-se que 91,7% das crianças apresentaram impressão positiva do dentista e que o contato direto com os profissionais contribui para a melhora da sua imagem com as crianças.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para a pesquisa foram entrevistados 102 alunos (faixa etária de 3 a 6 anos), escolhidos de forma aleatória, de um universo de 398 crianças regularmente matriculadas na instituição. Foram feitas às crianças 4 perguntas:

Pergunta nº1: Quando você vai ao dentista você fica...?

Pergunta nº2: Quando você sai do consultório do dentista você fica...?

Pergunta nº3: O meu dentista é...

Pergunta nº4: Tem medo de dentista?

As respostas esperadas foram codificadas com desenhos de expressões faciais. A figura 1.1 codificada como feliz ou uma pessoa boa; a figura 1.2 caracteriza expressão triste; a figura 1.3 alguém chorando; e a figura 1.4 mostra expressão zangada ou pessoa má.

FIGURA 1.1: expressão feliz ou pessoa boa.



FIGURA 1.2: expressão triste.



Figura 1.3: expressão chorando.



Figura 1.2: expressão zangada ou pessoa má.



Nas três primeiras perguntas foram utilizados os desenhos para a obtenção das respostas, a quarta resposta era apenas sim ou não. A cada pergunta o pesquisador mostrava as opções de resposta, desenhadas em folha de papel A4, devendo a criança apontar qual das expressões representava o seu estado (humor) em cada situação e como o dentista se mostra para ela.

Para a primeira pergunta as opções de resposta eram: expressão feliz ou expressão triste; para a segunda: feliz ou chorando; e para a terceira: pessoa boa ou pessoa má.



A entrevista foi realizada individualmente e as perguntas feitas de forma direta, a fim de que não houvesse indução nas respostas.

O estudo envolveu 6 pesquisadores, todos participantes da equipe de saúde bucal do projeto de extensão na Creche Sorena. Cada um deles anotou os resultados em fichas (figura 2.0) para posterior análise. As respostas dadas eram marcadas pelo anotador com um X ao lado do ícone correspondente ao que era dito pelo aluno entrevistado.



FIGURA 2.0  
Modelo de ficha para registro dos dados.

A expressão do humor das crianças da Creche Sorena frente ao tratamento odontológico e a figura do dentista.



1. Quando você vai ao dentista fica...?

2. Quando você sai do consultório do dentista você fica...?

3. O meu dentista é...?

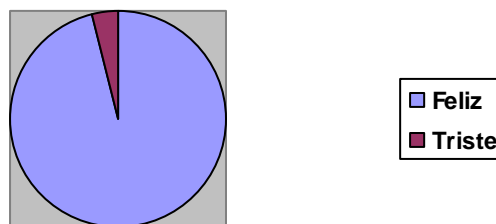
4. Tem medo de dentista?

SIM  
NÃO

## RESULTADOS

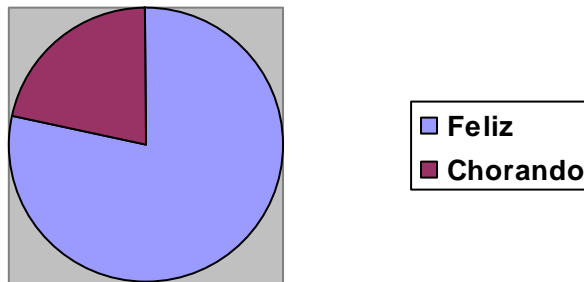
Feita a análise estatística, entre os resultados obtidos observamos que: na primeira pergunta (gráfico 1.1) dentre os alunos pesquisados, 96,07 % deles vão ao consultório do dentista feliz, e apenas 3,93% já vão para o consultório tristes.

Gráfico1.1- Quando você vai ao dentista fica...?



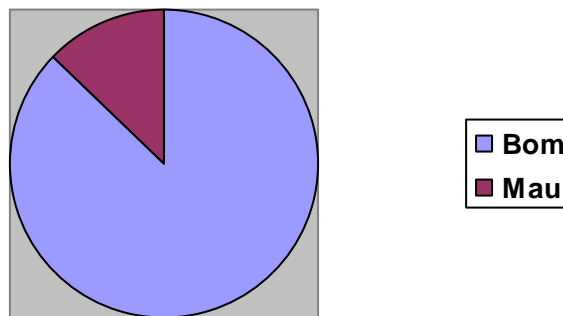
O Gráfico 1.2 referente à pergunta: “Quando você sai do consultório do dentista você fica...?” mostra que 78,43% das crianças continua feliz após a consulta e 21,57% sai do consultório chorando.

**Gráfico1.2- Quando você sai do consultório do dentista você fica...?**



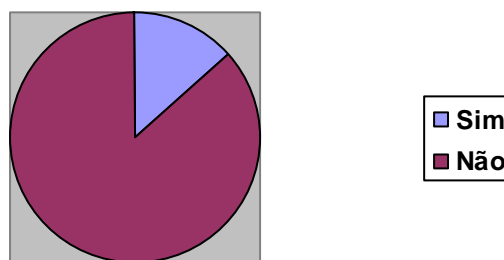
Observa-se também que 87,25% consideram seus dentistas bons e 12,75% os consideram maus.

**Gráfico1.3-Meu dentista é...?**



E no último questionamento (Gráfico 1.4) 86,28% das crianças dizem não ter medo de dentista, contra 13,72% que revelam ainda ter medo de dentista.

**Gráfico1.4- Tem medo de dentista?**



## DISCUSSÃO

Todas as crianças matriculadas na creche Sorena são assistidas pelo Projeto de extensão de atenção à saúde bucal, onde são abordados os aspectos tanto educativos e preventivos quanto curativos. Emmi *et al.* (2006) com o objetivo de analisar a eficácia desse trabalho, realizou uma avaliação do perfil epidemiológico de 57 crianças da Creche Sorena, na faixa etária de 4 a 6 anos, através do CEO e observou que mais da metade dos alunos (64,91%) são “Cárie Zero”, ou seja, apresentam todos os dentes hígidos na cavidade oral.

Logo, o tratamento da grande maioria destas consiste apenas em procedimentos preventivos e educativos, os quais não representam, para a criança motivo de medo, muito menos geram ansiedade, o que confirma o percentual alto de respostas positivas quanto ao tratamento odontológico, já que 96,07 % vão ao consultório feliz, e 78,43% continua feliz após a consulta.

Pelo mesmo motivo obtêm-se uma imagem positiva do dentista que é visto pela maioria delas como uma pessoa boa (87,25%), conseqüentemente não possuem medo (86,28%).

Em outras palavras, a grande maioria delas encara o tratamento e aceita o profissional com alegria e bom humor.

Entretanto, quando se observam somente as respostas negativas, mesmo que em baixos percentuais, revela-se o segmento de crianças que ainda sentem medo, se angustiam e rejeitam o tratamento odontológico. Estas enquadram-se entre aquelas que necessitam de tratamento curativo para sanar suas necessidades ou sofreram tratamento de emergência que lhes tenha condicionado negativamente. Em virtude destas situações todas as equipes de saúde bucal trabalham motivação e adaptação destas crianças com a figura do dentista, através de palestras, atividades lúdicas, entre outros a fim de obter o condicionamento prévio do paciente, já que o controle do medo e da ansiedade é parte integrante do tratamento odontológico, conduta que determinará o sucesso ou fracasso da terapia clínica visando sempre a saúde da criança e da sua qualidade de vida.

A partir dos dados obtidos neste estudo pôde-se ilustrar a situação real da relação profissional-paciente obtida no projeto, e mesmo que com a maioria de resultados positivos, ainda existe uma porcentagem de crianças cheias de medos e ansiedades que devem ser dissolvidos com atuação precoce dos profissionais envolvidos.

## CONCLUSÃO

Os benefícios da presença do Projeto de Extensão da UFPA na Creche Sorena para a promoção de saúde bucal das crianças da instituição já foram comprovados em diversos trabalhos acadêmicos publicados com base em levantamentos epidemiológicos. As respostas positivas do humor das crianças analisadas neste estudo, refletem o grau de aceitação destas ao trabalho realizado pelas equipes de saúde bucal do projeto. A convivência constante dos dentistas e acadêmicos de Odontologia na creche desenvolvendo atividades educativas, preventivas e curativas, constrói novos hábitos e diminui o receio do consultório odontológico e do tratamento propriamente dito. Assim fica claro, que o contato precoce da criança com o cirurgião-dentista, favorecerá a visão positiva do mesmo. Da mesma forma que facilitará quaisquer tipo de atividades com a criança, pois terá maior confiança naquele que se propõe, não só como clínico, mas também como educador, a melhorar e preservar a Saúde bucal dos pequenos como instrumento de inclusão social.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, I.C.; SILVA, K.B.; COSTA, M.C.; MENEZES, R.N.; ARAÚJO, A.J.G. Análise da imagem que as crianças constroem em relação ao cirurgião – dentista e a importância para a prática odontológica. Disponível em: <http://www.odontologia.com.br/artigos.asp?id=515&idesp=13&ler=s>. Acesso em: 15/09/2006.

ELIAS, R.; ELIAS, C. Paciente Especial: Condicionamento na Odontologia. Disponível em: <http://www.odontosites.com.br/artigos/cientifico/pacientespecial.htm>. Acesso em: 25/10/06.

MAIA, M.E.; CORRÊA, M.S.; FAZZI, R.: Estratégias de Conduta Clínica e Psicológica em Odontopediatria – RBO, Rio de Janeiro, março /abril – p. 41-4, 1996

SINGH, K. A.; MORAES, A. B. A. de; BOVI AMBROSANO, G. M. Medo, ansiedade e controle relacionados ao tratamento odontológico. *Pesq Odont Bras*, v. 14, n. 2, p. 131-136, abr./jun. 2000.

## **Educação em Saúde: estratégia da prevenção em sífilis congênita na atenção básica da saúde do adolescente do projeto “Menor Carente”**

---

*Vitória Carvalho Cardoso (vitoria.cardoso@gmail.com)*

*Daniela Maria Raulino da Silveira (danielaraulino@yahoo.com.br)*

Graduandas do Curso de Medicina da UFPA, bolsistas da PROEX/UFPA  
Apoio Científico: Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará

Área temática: SAÚDE

Palavras-chave: *Sífilis congênita, educação em saúde.*

### **INTRODUÇÃO**

A Atenção à Saúde envolve o cuidado com a saúde e isso inclui as ações e serviços de promoção, prevenção, reabilitação e tratamento de doenças. A atenção básica à saúde, o primeiro nível do modelo adotado pelo SUS, engloba um conjunto de ações de caráter individual e coletivo, que envolvem as referidas ações. Dentro deste contexto o projeto “Menor Carente” enfatizou a utilização da informação como ferramenta para a prevenção da sífilis congênita através do atendimento realizado a adolescentes grávidas.

### **OBJETIVO**

Implementação de medidas educativas visando a profilaxia da sífilis congênita.

### **METODOLOGIA**

Abordagem educativa através de palestras às adolescentes grávidas, sobre a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis em geral e sífilis congênita, em particular.

### **RESULTADOS**

As palestras ministradas abordaram de forma objetiva os impactos da doença para um público de 150 pacientes desde o início do projeto até o presente momento. Informações sobre a forma de transmissão da doença e as repercussões ao conceito despertaram a conscientização de que a educação em saúde constitui-se na melhor forma de prevenção.

### **CONCLUSÃO**

A maternidade condiciona a preocupação com a saúde do filho e é durante o pré-natal que ocorre a promoção da saúde do binômio mãe-filho. A adesão das adolescentes infectadas para a instituição do tratamento e a abordagem educativa, neste período, possibilitam não só o nascimento de um bebê saudável, mas também de toda prole. Estratégias que focalizem essa determinante podem contribuir para a redução do número de casos de sífilis na gestante e conseqüentemente de sífilis congênita.





---

## *Artigos*

---

ÁREA TEMÁTICA

# TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

## **Experiências em Empreendimentos Comunitários no Baixo Tocantins: o caso da COFRUTA<sup>1</sup>**

---

*Ronildes Moraes Cardoso (cardosoroni@yahoo.com.br)*

Discente de Licenciatura Plena em Matemática na UFPA, Campus do Baixo Tocantins.  
Ex-bolsista CNPq do Programa Incubadora Tecnológica  
de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES/UFPA

*Wesley Pereira de Oliveira (wesleypo@ufpa.br)*

Discente de Ciências Econômicas na UFPA. Vinculado ao Grupo de Pesquisa  
“Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Desenvolvimento na Amazônia” do PITCPES/UFPA.  
Bolsista NUPEC/UFPA (Proint)

### Área temática: TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

**RESUMO:** *Este trabalho mostra a experiência da Cooperativa de Fruticultores de Abaetetuba – COFRUTA, situada no município de Abaetetuba, nordeste paraense. A COFRUTA é um exemplo de empreendimento comunitário na região do Baixo Tocantins que surgiu como alternativa às precárias condições de vida de agricultores e à falta de acesso às políticas públicas voltadas para este segmento da sociedade. Sua fundação em 03 de março de 2002 teve como principal atividade a produção e comercialização do açaí (*Euterpe Oleracea*), tanto em polpa quanto in natura, além de outros frutos como acerola, abacaxi e taperebá, em menor escala; visa melhorar a condição de vida de todos os cooperados, através de uma produção coletiva e organizada. O presente trabalho está dividido em quatro partes: a primeira expõe um breve histórico da COFRUTA, os motivos que levaram a sua fundação e sua estrutura; a segunda parte versa as atividades da cooperativa, demonstrando dados da produção do açaí no período de 2003 a 2005; a terceira parte trata das parcerias, um importante fator para o sucesso do empreendimento. Por fim, nas considerações finais reflete-se sobre a importância dos empreendimentos comunitários e a necessidade de políticas públicas mais eficientes para este tipo de iniciativa.*

Palavras-chave: *Açaí, agricultura familiar, empreendimentos comunitários.*

### INTRODUÇÃO

Os trabalhadores rurais na Amazônia têm dificuldade em acessar condições que possam garantir-lhes oportunidades no campo, principalmente devido a precariedade de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da agricultura familiar.

Tal cenário se origina da colonização agrícola da Amazônia, iniciada pelos governos populistas e ampliado pela ditadura militar, a partir dos anos 60. Em 1966, por exemplo, a operação Amazônia utilizou principalmente a política de incentivos fiscais, o que favorecia largamente o grande capital geralmente destinado à pecuária extensiva (SABLAYROLLES & ROCHA, 2003) e não demonstrava preocupação com os pequenos produtores. Essa situação fica mais visível a partir da década de 1970 com as políticas de integração nacional, cujo lema era “integrar para não entregar”. Neste período buscava-se abrir as fronteiras amazônicas para o restante do país, visando distribuir terras para que estas fossem desenvolvidas, mas não foi

---

<sup>1</sup> Os autores agradecem a valiosa orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria José de Souza Barbosa.

bem isto que ocorreu. Como resultado observou-se a concentração de terras nas mãos de poucos latifundiários, e o aumento da pobreza entre os pequenos agricultores rurais. Como consequência, houve um intenso êxodo rural, uma notável precarização da agricultura familiar, a qual vem sendo desenvolvida de modo incipiente devido à falta de acesso à tecnologias de produção e de gerenciamento.

Nesse quadro, vê-se a necessidade de criar por alternativas para esta questão. Desse modo, surge a idéia do desenvolvimento dos empreendimentos comunitários como alternativa para tentar solucionar a problemática deste segmento social historicamente marginalizado, visando buscar melhorias coletivas para os envolvidos.

Assim, a espoliação e expropriação no meio rural geraram uma crescente exclusão desta população de seus meios de produção. Os agricultores da região do Baixo Tocantins sentiram a necessidade de se organizarem em forma de cooperativa, objetivando proporcionar melhores condições de vida aos seus familiares, dando origem à COFRUTA – Cooperativa dos Fruticultores de Abaetetuba, localizada no município de Abaetetuba-PA.

#### BREVE HISTÓRICO DA COFRUTA

A COFRUTA foi fundada em 03 de março de 2002 durante a realização de uma reunião que ocorreu no Centro de Treinamento de Tecnologia Alternativa – TIPITI, em Abaetetuba-PA; participaram desta reunião 67 agricultores, sendo 57 homens e 10 mulheres, contando com fundamental apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Abaetetuba – STRA – e da Associação de Desenvolvimento Agrícola dos Mini e Pequenos Agricultores de Abaetetuba – ADEMPA. Vale ressaltar que a COFRUTA foi fundada por alguns associados da ADEMPA devido à impossibilidade desta de realizar transações de produção e comercialização, uma vez que não há regulamentação para tais práticas em seu estatuto.

Desta forma, em 2002, a ADEMPA estimulou a criação da COFRUTA para que esta pudesse atuar neste segmento de beneficiamento da produção, industrialização e comercialização de frutos, tendo em vista que a industrialização aumentaria o valor agregado dos produtos e introduziria o empreendimento à produção e à comercialização com marca própria nos mercados<sup>2</sup>.

Para iniciar suas atividades, a COFRUTA contou com uma estrutura física da fábrica de 10m x 27m, isto é, 270 m<sup>2</sup>, constituída de escritório, almoxarifado, sala de recepção, banheiros feminino e masculino, sala de envasamento, sala de processamento e área de estocagem; e a área total do terreno é de 10.000 m<sup>2</sup> (terreno concedido pela ADEMPA).

---

<sup>2</sup> Mercados local, regional e nacional, além do internacional, a exemplo da comercialização com a Sambazon.

A COFRUTA teve um investimento inicial de R\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais), sendo R\$ 195.000,00 (cento e noventa e cinco mil) provenientes de financiamento do FDE – Fundo de Desenvolvimento do Governo Estadual, através do BANPARÁ – Banco do Estado do Pará; R\$ 10.000,00 (dez mil reais) provenientes de doação da ONG FASE<sup>3</sup> e R\$ 45.000,00 (quarenta e cinco mil reais) provenientes de doação da Embaixada Britânica.

No ano de 2000 foi criada a Comissão Regional de Comercialização do Baixo Tocantins com intuito de comercialização do açaí *in-natura*. Inicialmente, o consórcio foi uma iniciativa da ADEMPA, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Abaetetuba e FASE – Pará. A primeira experiência de venda foi realizada na feira do Ver-o-Peso, em Belém. Com a fundação da COFRUTA, a ADEMPA transferiu esta tarefa. Como a iniciativa de venda coletiva surtiu efeito, sentiu-se a necessidade de articular-se com outros empreendimentos da região do Baixo Tocantins visando a ampliação das vendas. Atualmente a comissão está composta por 4 (quatro) cooperativas: COFRUTA, de Abaetetuba; COOPEBAB, de Barcarena; CART, de Cameté; e Associação Mutirão, de Igarapé Miri, com apoio fundamental da FASE.

Como resultado desta articulação entre os municípios se conseguiu significativos avanços na comercialização do açaí dos produtores pertencentes aos empreendimentos. Hoje se discute a entrada de mais três municípios: Moju, Oeiras do Pará e Limoeiro do Ajurú.

Além disso, a COFRUTA desenvolve ações para a certificação orgânica e manejo florestal das unidades produtivas de seus cooperados, gerando trabalho e renda no município, fortalecendo a agricultura familiar e melhorando as condições de vida das atuais 127 famílias cooperadas.

Atualmente, a COFRUTA é composta por membros de 6 (seis) setores: Assacú, Sagrado, Campompema, Ajuái, Bacuri e Itacupé, e cada setor tem um representante que é o elo de ligação entre a direção da COFRUTA e os cooperados. Isto demonstra a importância da cooperativa para a região.

#### ATIVIDADES DA COFRUTA

As principais atividades desenvolvidas pela COFRUTA são: comercialização do açaí *in natura* e de sua polpa. O processo produtivo de polpa de açaí e vendas *in natura* inicia-se geralmente no mês de agosto (início da safra), e termina em dezembro (final da safra); é o período de maior movimentação administrativo/contábil realizado pela cooperativa. Cabe ressaltar que a cooperativa trabalha com outros frutos (cupuaçu, maracujá, taperebá, abacaxi,

---

<sup>3</sup> Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional; uma ONG que presta assessoria.

buriti, acerola), mas de forma tímida; ainda não foi possível incluir estes produtos no mercado em nível nacional, somente no mercado local em lanchonetes e restaurantes.

O açaí produzido e comercializado pela COFRUTA é um produto agro-ecológico de origem orgânica<sup>4</sup>, uma vez que não necessita de uso do fogo durante o processo produtivo e nem qualquer tipo de insumo químico. Isso faz da cooperativa um exemplo de empreendimento ecologicamente correto, preocupado não só com as quantidades produzidas e vendidas, mas também com a sustentabilidade dos recursos naturais tão importante para a permanência e continuidade das futuras gerações daquelas famílias no campo. Esta característica acaba por possibilitar um grande diferencial no processo de comercialização, uma vez que se observa, em nível mundial, a preferência por produtos orgânicos e ecologicamente corretos. Ao trabalhar dessa maneira, a COFRUTA consegue realizar dois feitos de suma importância hoje em dia: oferecer um produto de alta qualidade aos consumidores e aos próprios produtores e seus familiares (uma vez que eles também consomem parte da produção), e agregar valor aos produtos dos pequenos produtores, deixando mais renda na cooperativa e proporcionando melhor condição de vida.

Tais características têm possibilitado bons resultados ao empreendimento. Nos quadros abaixo, por exemplo, pode-se observar em números a produção da COFRUTA, no período de 2003 a 2005.

QUADRO 1  
Produção da polpa de açaí no período 2003-2005

Ano	Quantidade (Kg)	Faturamento bruto (R\$)
2003	10.000	11.400,00
2004	63.600	91.984,00
2005 <sup>5</sup>	61.020	112.975,00

Fonte: COFRUTA, 2006.

QUADRO 2  
Produção de açaí in natura no período 2003-2004

Ano	Quantidade (tn)	Faturamento bruto (R\$)
2003 <sup>6</sup>	434	206.960,76
2004	932	575.945,02

Fonte: COFRUTA, 2006.

Observando os quadros 1 e 2, percebe-se um aumento significativo na produção da polpa do açaí, especialmente de 2003 a 2004. Isto devido principalmente a uma maior

<sup>4</sup> O diploma de certificação do açaí foi obtido em 2003 através da agência norte-americana *Guaranteed Organic Certification Agency* (GOCA).

<sup>5</sup> No ano de 2005, 19.500 kg de polpa de açaí fino (R\$ 32.175,00) foi adquirido da empresa Açaí Santo Antônio.

<sup>6</sup> No ano de 2003, 170 toneladas (R\$ 80.782,22) de açaí *in-natura* foram adquiridas da Associação Boa Esperança de Igarapé-Miri.

organização produtiva, preços mais satisfatórios, técnicas produtivas mais eficientes, além de retornos sociais aos cooperados, incentivando-os a usarem processos produtivos que promova a conservação do meio ambiente através do uso sustentável dos recursos naturais por eles manejados, e que não explore a mão de obra infantil. Neste mesmo período a produção *in natura* mais que dobrou, também pelos mesmos motivos. Já de 2004 a 2005, a produção da polpa teve uma ligeira queda, isto devido principalmente a grande oferta do produto por outros produtores a preços abaixo dos praticados pela COFRUTA.

Em relação aos outros itens produzidos e comercializados pela cooperativa, mesmo que ainda em escala bem menor que a do açaí, pode-se destacar a capacidade produtiva da fábrica na produção da geléia de açaí, de 2.000 Kg por mês, e do xarope de outros frutos (cupuaçu, acerola, taperebá, abacaxi e maracujá), com 26.000 litros por mês.

Como a demanda pelos produtos da COFRUTA vem aumentando, sua diretoria já discute a possibilidade de ampliação da capacidade produtiva, sendo a aquisição de máquinas mais modernas e a qualificação do corpo humano da cooperativa os principais itens propulsores para tal ampliação, além da continuação dos cursos e apoios técnicos.

#### PARCERIAS NA COFRUTA: UM CASO DE SUCESSO

Um dos segredos do desenvolvimento da COFRUTA está nas parcerias realizadas, que vão deste o contato com a Universidade Federal do Pará – UFPA à ONG. Dentre os principais parceiros, destacam-se o Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES/UFPA (um exemplo de programa de extensão universitária bem sucedido, que articula ensino, pesquisa e extensão), a FASE, a ADEMPA, o STRA; e, em menor grau, a Prefeitura Municipal de Abaetetuba. Estes parceiros auxiliam principalmente no que diz respeito à assessoria e gestão (PITCPES, FASE), e até mesmo financeiramente; além do apoio político do STRA e da Prefeitura.

Através do apoio destes parceiros e de méritos próprios pela forma de como produz e ao grande empenho, a COFRUTA foi convidada a participar do Fórum Paraense de Economia Popular e Solidária; e, quando da realização da I Feira Paraense de Economia Popular e Solidária (realizada na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves – CENTUR, no período de 05 a 11 de Novembro de 2005), foi eleito um cooperado (Ronildes Cardoso) para ser o representante da Área Rural da Rede Amazônia Solidária<sup>7</sup>, além de diversos eventos. Dentre estes, pode-se destacar as duas participações na Feira BIOFACH na Alemanha, em 2005 e

---

<sup>7</sup> Consiste em uma rede para comercialização dos produtos de empreendimentos da Economia Solidária, objetivando compartilhar ações comuns de produção.

2006 (em ambas as ocasiões a COFRUTA foi representada por cooperados); duas participações na Feira Nacional da Agricultura Familiar; a Feira de Produtos Sustentáveis, promovida pelo Ministério do Meio Ambiente. Outro destaque é a realização constante de cursos de capacitação (promovidos pelo PITCPES), abordando assuntos como: elaboração de projetos sociais, plano de negócio, gestão e planejamento, manejo florestal entre outros. Tais atividades realizadas pelo PITCPES, através do processo de incubação da COFRUTA, busca proporcionar a auto-gestão da cooperativa, ou seja, capacitar os cooperados de forma tal que eles sejam capazes de gerenciar de forma independente a cooperativa. Essas atividades já estão trazendo resultados. Um deles é quanto a assistência técnica na cooperativa, que já é realizada em parte por alguns dos próprios cooperados que foram capacitados com auxílio dos cursos promovidos pelo PITCPES (também pela FASE e STRA), e pelas constantes visitas de técnicos e bolsistas deste à COFRUTA; deixando-os cada vez mais independente dos órgãos públicos de assistência técnica, que não conseguem suprir a crescente demanda dos empreendimentos comunitários observada no Estado. Todos estes fatores só reforçam a importância de se realizar boas parcerias para o sucesso do empreendimento; não sendo aconselhável ficar dependendo apenas das precárias políticas públicas.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das exposições realizadas neste trabalho, pode-se afirmar que este tipo de ação, ou seja, a formação e acompanhamento de empreendimentos comunitários, é uma alternativa para solucionar alguns dos problemas do meio rural, a exemplo da falta de oportunidade e da precarização da agricultura familiar. Não é de se estranhar, por exemplo, o crescente interesse dos pequenos produtores rurais pela formação de empreendimentos comunitários (característica também observada no meio urbano).

Assim, nesta experiência pôde-se perceber que para obter êxito neste tipo de atividade é de suma importância a realização de políticas públicas específicas para os setores mais marginalizados do meio rural (e também urbano), a exemplo da facilidade ao crédito, fornecimento de melhores condições de trabalho, assistência técnica etc., e certamente a vontade e capacidade dos empreendimentos em realizar parcerias além das políticas públicas. É necessário aproveitar tais parcerias para tentar cobrir algumas das lacunas ainda existentes, a exemplo de assuntos técnicos quanto ao tratamento químico dos produtos, a rotulagem das embalagens etc. Após tomar tais procedimentos ficará mais fácil comercializar com grandes redes de supermercados e participar de licitações de fornecimento de merenda escolar, por exemplo.

Como visto, a participação de outros segmentos da sociedade também é de suma importância para um fortalecimento sustentado dos movimentos sociais, seja na formação de cooperativas, associações ou ONG's; sempre objetivando proporcionar melhores condições e qualidade de vida às populações menos favorecidas economicamente.

É preciso mais que incentivos ao crescimento na produção, mas sim um crescimento acompanhado de melhoria da qualidade de vida dos envolvidos, ou seja, desenvolvimento. Só assim o cenário de pobreza, visto em grande parte das áreas rurais no Brasil, poderá ser transformado paulatinamente em um desenvolvimento de forma sustentável.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Ronildes M. *Apoio à gestão de empreendimentos comunitários na região do Baixo Tocantins: Cooperativa dos Fruticultores de Abaetetuba – COFRUTA*. (Relatório técnico-científico final – CNPq). UFPA: Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES, 2006. (texto digitalizado)

Mercado Floresta. *Cooperativas do Baixo Tocantins exibem açaí com selo orgânico*. São Paulo-SP. 10 Out. 2005. Disponível em: <http://www.mercadofloresta.org.br/index.cfm?fuseaction=noticia&id=182862>. Último acesso em: 27 out. 2006.

RECH, Daniel. *Cooperativas: uma alternativa de organização popular*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fase/DP&A, 2000.

Revista Proposta. *Economia Solidária II*. Rio de Janeiro: Fase, n. 75, 1998.

SABLAYROLLES, Philippe. & ROCHA, C. (org.) *Desenvolvimento sustentável da agricultura familiar na Transamazônica*. Belém: AFRATA, 2003.





---

*Artigos*

---

ÁREA TEMÁTICA  
**TRABALHO**

## Saúde mental do trabalhador

---

Ana Carolina dos Santos Bentes  
Heliana Maria

Universidade Federal do Pará

Área temática: TRABALHO

Palavras-chave: *trabalhador, saúde, sofrimento.*

Quando o trabalhador começa a sofrer com as exigências do mundo capitalista, a saúde mental passa a ser afetada.

A forma como o trabalho está organizado em nossa sociedade, repercussões psíquicas provocadas pelo trabalho sem sentido, condições e as exigências do mercado do trabalho na atualidade rotinizam e amortecem o sentido da vida, deixando o corpo as marcas do sofrimento e afetando a saúde mental.

Um dos objetivos mais recentes da saúde mental não restringe apenas à cura das doenças ou a sua prevenção, mas envidar esforços para a implantação de recursos que tenham como resultados melhores condições de saúde para o trabalhador.

A saúde mental desloca-se da doença à saúde e à observação de como os seres humanos vivem em seu cotidiano. A psicopatologia tradicional está alicerçada no modelo clássico fisiopatologia das doenças que afetam o corpo. Dedicar-se, exclusivamente ao diagnóstico das doenças mentais, dos transtornos mentais orgânicos, das esquizofrenias de humor e dos inúmeros transtornos de personalidade.

Na UFPA, já tem um projeto voltado para o bem estar do trabalhador, no qual o servidor tem acompanhamento, médico no controle de saúde ocupacional, ginástica laboral educativa, assistência psicossocial ao servidor e ciclo de oficinas que promovam a saúde do trabalhador.

O principal objetivo é prestar uma assistência psicológica ao servidor nas situações de crise em seu ambiente de trabalho, a crise é um estado de perturbação que vem relacionado ao desconforto, que é muito comum deixando o trabalhador passar a ter uma sensação de ineficácia e impotência, associado a uma grande desorganização do seu funcionamento tornado o servidor menos ágil e eficiente do que o comum.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLEGER, J. *Temas de psicologia: entrevista e grupo*. São Paulo: Martins Fontes 1989.143p.
- DEJOURS, C. *Psicodinâmica do trabalho*. São Paulo: Atlas, 1998. 152p.
- FREUD, C. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1987 a (obras completas, v.21).

IANNI, O. *Enigma da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira. 2000. 320p

PAGÉS, M. et al. *O poder das organizações: a dominação das multinacionais sob os indivíduos*. São Paulo: Atlas, 1993. 234p

RIFKIN, J. *O fim dos empregos*. São Paulo: Makron Books, 1995. 250p

## **O processo de incubação na COAFTA e na Associação Mutirão no nordeste do Pará\***

---

*Christiane Pimentel e Silva (christianepimentelesilva@yahoo.com.br)*

Discente do Curso de Serviço Social / UFPA.  
Vinculada ao Grupo de Pesquisa “Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Desenvolvimento na Amazônia” do PITCPES/UFPA. Ex-Bolsista do Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES/UFPA (Bolsa ITI/CNPq).

*Núbia Cristina Assunção Miranda (nubcam@yahoo.com.br)*

Discente de Serviço Social na UFPA.  
Vinculada ao Grupo de Pesquisa “Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Desenvolvimento na Amazônia” do PITCPES/UFPA. Bolsista do Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES/UFPA (Bolsa PROINT).

*Wesley Pereira de Oliveira (wesleypo@ufpa.br)*

Discente de Ciências Econômicas na UFPA.  
Vinculado ao Grupo de Pesquisa “Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Desenvolvimento na Amazônia” do PITCPES/UFPA.  
Bolsista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Econômicas NUPEC/UFPA (Bolsa PROINT).

Área temática: TRABALHO

**RESUMO:** *Este trabalho mostra a experiência da Cooperativa de Agricultores Familiares de Terra Alta – COAFTA, situada no município de Terra Alta, e da Associação Mutirão, localizada no município de Igarapé Miri, na mesorregião do nordeste paraense. A COAFTA é uma organização sócio-produtiva de trabalhadores da agricultura familiar, tendo na mandioca o principal cultivo, além de outras culturas em menor escala. A Associação Mutirão tem na produção e na comercialização do açaí (Euterpe Oleracea) in natura o foco de suas atividades, mas trabalha com outras culturas também. A incubação de trabalhadores rurais tem como objetivo a transferência de tecnologia social para a organização sócio-produtiva dos empreendimentos e conseqüentemente uma melhor condição de vida destes trabalhadores. Ambos os empreendimentos se constituem como alternativa de geração de trabalho e renda em busca da inclusão econômica e social.*

**Palavras-chave:** *Associação Mutirão, COAFTA, processo de incubação.*

### **INTRODUÇÃO**

O acesso às políticas públicas voltadas ao desenvolvimento de mini e pequenos produtores rurais da Amazônia tem se configurado um entrave a estes trabalhadores. O planejamento centralizado nas grandes empresas agrominerais e agropastoris na Amazônia, no século passado, foi um dos principais motivos para a histórica marginalização desses sujeitos sociais. A crise desse modelo de planejamento originou um outro olhar para tal questão pautada em uma nova perspectiva de desenvolvimento centrada no local.

Diante deste contexto, vê-se a necessidade de procurar meios para que esta questão seja minimizada. Assim, nascem, nesse cenário, organizações de trabalhadores rurais em

---

\* Os autores agradecem à professora Dra. Maria José de Souza Barbosa pela valiosa orientação.

empreendimentos comunitários (cooperativas e associações), como alternativa de desenvolvimento sustentável na busca de gerar trabalho e renda às famílias que têm na produção agrícola seu meio de subsistência.

Neste sentido, o presente trabalho trata da experiência de dois empreendimentos comunitários surgidos a partir dessa nova perspectiva de desenvolvimento em virtude das especificidades amazônicas. Os empreendimentos são acompanhados pelo Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES/UFPA, que visa articular ensino, pesquisa e extensão por meio de uma equipe interdisciplinar.

Um dos empreendimentos é a COAFTA, localizada no nordeste paraense (microrregião do Salgado), município de Terra Alta. Sua base social é constituída por trabalhadores da agricultura familiar, tendo no cultivo da mandioca a principal atividade. O outro é a Associação Mutirão, localizada na microrregião do Baixo Tocantins, município de Igarapé Miri, a qual produz e comercializa açaí *in natura*.

Com o processo de incubação de tais empreendimentos, partindo da extensão universitária como papel fundamental nesse processo, objetiva-se, então, apresentar os dois empreendimentos como alternativas bem sucedidas de geração de trabalho e renda, contribuindo para melhores condições de vida dos trabalhadores rurais e suas famílias.

#### CARACTERIZAÇÃO DA COAFTA E DA ASSOCIAÇÃO MUTIRÃO

A COAFTA está situada a cerca de 98 km da capital paraense, Belém; atualmente é formada por 18 famílias, possuindo um total de 33 cooperados e faz parte desse novo processo de organização do trabalho. Os membros da cooperativa fazem parte da pequena comunidade São Lourenço, localizada internamente a uma comunidade maior, a Santa Fé, em Terra Alta. Seu nome, segundo os cooperados, é uma homenagem ao seu fundador, o Sr. Lourenço Cordovil da Silva, um dos agricultores da comunidade. Já o nome da cooperativa foi decidido de maneira democrática entre os cooperados, onde os mesmos colocaram a premissa de que o nome deveria expressar as características e a identidade dos cooperados e da cooperativa. Ao final, com apoio da equipe do PITCPES, decidiram por COAFTA – Cooperativa de Agricultores Familiares de Terra Alta, conseguindo, dessa maneira, colocar a “identidade própria” dos agricultores e seus familiares no nome da cooperativa.

Neste momento, cada família expôs suas principais atividades produtivas. Com isso, foi observado que o principal produto cultivado era a mandioca e, de forma menos expressiva,

a horti-fruticultura<sup>1</sup>, por exemplo, maracujá, coco, milho, abacaxi, macaxeira, cupuaçu, açaí, além do feijão branco e vermelho, e da farinha de mandioca; também a criação de galinha caipira. Como a cooperativa tem primeiramente a preocupação em produzir para a subsistência dos membros (reforçam aqui a necessidade e importância da realização do trabalho em conjunto), boa parte dos produtos é consumida internamente, ou seja, na própria comunidade.

Há na comunidade São Lourenço cinco casas de farinha, onde a mandioca passa por todo um processo até obter o produto final. A farinha de mandioca é um importante elemento na cesta alimentar dessas famílias; além de gerar renda, uma vez que a produção excedente é vendida. Daí vê-se a necessidade e importância da produção unificada, que além de ampliar a capacidade produtiva, proporciona mais força do produto frente ao mercado.

Como o trabalho é realizado de forma conjunta houve a possibilidade de ampliar a produção de alguns produtos, o que gerou um excedente. Assim, a produção dos agricultores ultrapassou a quantidade necessária para subsistência, podendo, então, comercializar alguns produtos; estes são vendidos principalmente no mercado local (município de Terra Alta), mas também em cidades próximas, a exemplo de São Caetano e Castanhal.

Os preços dos produtos seguem o preço estabelecido no mercado. Por exemplo, o abacaxi e o coco são vendidos a R\$ 0,50 (unidade); o feijão vermelho a R\$ 55 (saca – 60 Kg); o maracujá e a macaxeira a R\$ 0,50, a farinha a R\$ 1 e a polpa de cupuaçu a R\$ 2,50 (ambos o Kg); o milho a R\$ 28 (28 Kg); o litro do açaí a R\$ 2 e a unidade da galinha caipira (viva) a R\$ 10. Observa-se que o preço da mandioca *in natura* não aparece. A explicação é a seguinte: o fato de custar muito pouco no mercado, torna-se inviável comercializar a mandioca *in natura*, sendo então produzido a farinha de mandioca, que agrega mais valor comercial.

A Associação Mutirão é localizada no município de Igarapé-Miri que dista em linha reta cerca de 78 km da capital paraense, Belém, pertencente à Mesorregião do Nordeste Paraense é constituído pelos distritos de Igarapé-Miri e Maiauata, sendo sua base territorial de 2.000,7 km<sup>2</sup>, possui cerca de 100 ilhas fluviais, além de rios, furos e igarapés. Seu clima é caracterizado por altas temperaturas (27° C em média), alta umidade (cerca de mais de 80%), chuvas abundantes no período de janeiro a junho, inundam suas áreas de várzeas, que por sua vez, são propícias ao cultivo de palmeiras como os açazais (*Euterpe oleracea* Mart).

---

<sup>1</sup> Como o processo de produção da mandioca dura cerca de dezoito meses, tal cultivo é de suma importância, uma vez que o período de plantio e colheita é mais rápido, servindo tanto para a alimentação como também para comercialização.

Este quadro geográfico do território de Igarapé-Miri nos restringe a um acesso à sede da associação por meio de transporte fluvial, dado através de uma canoa ou um barco pequeno a motor, que os ribeirinhos costumam chamar de *rabeta*. Assim, para se chegar a essa associação é necessário pegar um desses meios de transporte no *Furo do Suspiro*<sup>2</sup>.

A fundação da Associação Mutirão data de 20 de maio de 1990, e sua sede pertence à localidade denominada de Ponta Negra, à beira do Rio Meruú-Açu<sup>3</sup>. Seu quadro social é formado por 128 associados, sendo o açaí *in natura* seu principal produto de comercialização, que recebe certificação orgânica da Agência de Certificação Orgânica Americana (GOCA), para atender as exigências do mercado internacional (USDA Organic). Entretanto, além do açaí, a associação possui como culturas permanentes o cacau, pimenta-do-reino, café, banana, laranja, coco, cupuaçu, limão e abacate; e como culturas temporárias: arroz, milho, feijão, mandioca, macaxeira, maxixe, quiabo, melancia, abóbora, gergelim, cana-de-açúcar, mamão, maracujá e hortaliças diversas, que são utilizadas para a alimentação de seus associados em dias de mutirão, sendo somente o excedente dessa produção, vendidas para a arrecadação financeira do empreendimento.

Até em meados dos anos 80, o município de Igarapé-Miri, constituía-se de um dos principais pólos produtores de cachaça do país, possuindo cerca de 60 engenhos de cana-de-açúcar. Entretanto, a moagem artesanal da cana<sup>4</sup>, empregada no processo de beneficiamento em tais engenhos, acrescentava um valor agregado ao produto final para o mercado consumidor, enquanto que, outros estados como, Pernambuco e Minas Gerais, passaram a ter um preço diferencial no mesmo produto, devido aquisição de maquinário industrial<sup>5</sup>. Essa concorrência levou os engenhos ao processo de falência, provocando grave crise econômica no município, e conseqüentemente desemprego e êxodo rural.

Dessa forma, em 1988 surge o projeto Associação Mutirão, a partir dos movimentos de trabalhadores rurais de diversas localidades, que estavam preocupados: **a)** em encontrar alternativa para questões sociais, como a falta de assalariamento dos trabalhadores e sua conseqüente migração, que provocava o esvaziamento do campo e o inchaço da cidade; **b)** garantir a posse da terra através de culturas permanentes e, ao mesmo tempo, minimizar o extrativismo, bem como, **c)** fortalecer o movimento sindical.

---

<sup>2</sup> Um pequeno rio que desemboca no rio Meruú-acú. Não tem outro tipo de transporte. Para a equipe chegar até esta localidade é preciso contatos previamente com os próprios produtores/associados para que os mesmos possam buscar a equipe, haja vista que a Associação fica em uma localidade isolada.

<sup>3</sup> Área estratégica geograficamente por estar rodeada por 10 municípios e próxima a cidade.

<sup>4</sup> Movido à água e animais

<sup>5</sup> Engenhos movidos a vapor, inclusive alambiques.

É importante ressaltar que desde sua origem, este movimento baseou-se na autonomia dos trabalhadores para a compra e venda de seus produtos, a fim de diminuir os atravessadores, por meio da venda direta e organizada, além da ampliação de outras culturas que pudessem garantir o sustento das famílias campestres.

Todavia, cabe aqui mencionar que, os membros da Associação Mutirão são detentores de unidades produtivas e, por isso, é comum que se utilizem da lógica familiar para atender a demanda solicitada, empregando a mão-de-obra de seus cônjuges e filhos (estes muitas vezes, menores de idade). Nessa lógica, cada associado é responsável: **a)** manejo de seus açaizais, onde é comum a ajuda de mulheres e jovens na faixa etária que varia entre 14 e 17 anos; **b)** colheita, realizada por uma pessoa que sobe na touceira da palmeira, com o auxílio de uma planta chamada peconha, que pelo seu atrito com a haste do açaí, evita possíveis quedas, o representante dessa atividade é peculiarmente conhecido por *peconheiro* e por tratar-se de caule tão ínfimo, é corriqueiro que crianças – normalmente filhos dos associados – entre 7 e 12 anos, por seu baixo peso, desenvolvam a atividade; **c)** debulho, que representa o ato de retirar do galho da palmeira, o fruto maduro. Essa atividade é complementar à colheita, sendo comum que o peconheiro faça também o debulho do açaí, para finalmente armazenar o fruto em recipientes<sup>6</sup> para venda.

Outra característica que merece destaque relaciona-se à produção de base, realizada pela associação, que por se tratar apenas de um processo de venda organizada, em que não há processamento do fruto em seus estágios de produção, não gera um valor agregado ao produto. Ou seja: o fruto é vendido como matéria semi-elaborada (*in natura*) a uma grande empresa, que fará o beneficiamento do produto, lhe conferindo um valor superior.

#### A INCUBAÇÃO NA COAFTA E NA ASSOCIAÇÃO MUTIRÃO E SEUS PRINCIPAIS RESULTADOS

O contato com os trabalhadores rurais da COAFTA e da Associação Mutirão é feito por meio da equipe do PITCPES. O objetivo desse contato que acontece em visitas técnicas, reuniões, oficinas, cursos e palestras é a transferência de tecnologia social para a organização social e autogestão do empreendimento. Nesse sentido, o contato proporciona a troca de conhecimentos entre o popular/tácito e teórico/técnico (DINIZ, 1999).

Assim, após o primeiro contato, na COAFTA foi possível realizar um estudo sobre a possibilidade de implementar o processo de incubação, assim como na Associação Mutirão, pois é realizada uma análise a respeito da possibilidade de viabilidade econômica, social e política dos empreendimentos, isto é, o grau de organização sócio-produtiva dos mesmos.

---

<sup>6</sup> Esses recipientes são conhecidos como rasa e lata, respectivamente com a capacidade de 14 Kg e 28 Kg.



Nesta perspectiva, a metodologia utilizada nos empreendimentos comunitários que o PITCPES desenvolve ações, particularmente a COAFTA e a Associação Mutirão têm como norte a *pesquisa-ação* que, de acordo com Thiollent (1990), é uma pesquisa social de linha interpretativa que detém um estreito conjunto de ações voltadas para a resolução de problemas coletivos. Com base nesta metodologia, respaldada em uma práxis renovada, é que se desenvolvem ações para a autogestão solidária.

Compreender as situações cotidianas, particularmente, em sua complexidade, ou seja, suas diferentes manifestações requerem instrumentos teórico-técnicos adequados. Para tanto, a metodologia de incubação é um processo dinâmico que possibilita tanto aos trabalhadores rurais se entenderem dentro de sua realidade, assim como, a equipe se voltar para o contexto dos empreendimentos com um outro olhar, levando em consideração essa realidade local. Os elementos teórico-técnicos se tornam importante na troca de conhecimentos, haja vista que é necessário se despir de preconceitos e juízos de valores a fim de compreender as situações mais adversas.

Nesse sentido, todos os empreendimentos têm suas particularidades o que leva a equipe pensar estratégias de ações específicas para cada grupo em processo de incubação. Com a COAFTA realizou-se o *Seminário de Nivelamento sobre cooperativismo* tendo como objetivo contribuir para a organização social e política do grupo em processo de incubação para compreender e refletir as ações de cada pessoa no empreendimento. Nesse seminário trabalhou-se a temática organização social e cooperativismo, através de dinâmicas grupais e exposição oral, além de debates referentes ao tema. Foi efetivada também a *Oficina de Formação de Liderança para Gestão de Empreendimentos Solidários*, na qual houve debates sobre temáticas como relações humanas na cooperativa, cooperação mútua etc. Além disso, foi desenvolvida uma dinâmica que tinha por objetivo a percepção dos papéis desempenhados no grupo pelos participantes, bem como avaliar características, possibilidades e dificuldades dos mesmos. Houve certa resistência dos participantes em admitir características semelhantes aos animais.

No entanto, após orientações o grupo se sentiu à vontade, assim, esse momento tornou-se de descontração. É importante ressaltar que a equipe não oferece soluções, análises, diagnósticos ou respostas aos problemas nos empreendimentos, pois todas as atividades foram realizadas com a participação dos mesmos, a partir da observação da realidade, ou seja, “são situações-problemas, codificadas, que serão decodificadas pelo grupo, com o auxílio de um coordenador. O debate em torno dessas situações-problemas (...) leva o grupo a se conscientizar” (VANNUCCHI, 1983, p. 18) sobre sua realidade.

Nestes termos, a equipe procura estimular esses trabalhadores a debaterem os problemas e demandas para que possam descobrir novas perspectivas, uma vez que o momento inicial da incubação é justamente a criação de um elo de ligação e de confiabilidade entre a equipe e o segmento social. Assim, Brede (2001) afirma que por meio das intervenções junto ao grupo deve a equipe primar pela autonomia do mesmo, para que o mesmo se sinta realmente *dono* de seu empreendimento buscando aprimorar cada vez mais suas formas de produção e relacionamento intra e extra cooperativa. A transferência de tecnologia social, portanto, é o propósito da equipe e mote do processo de incubação.

A formação da COAFTA pode ser entendida, portanto, como fruto da organização social dos agricultores da comunidade São Lourenço. Essa cooperativa já vem apresentando benefícios aos seus integrantes como: a aquisição de conhecimentos, por meio da formação e acompanhamento do PITCPES e a realização e participação em eventos estaduais e nacionais, como por exemplo, a participação na I Feira Paraense de Economia Popular e Solidária, realizada em Belém/Pa e a realização da I Feira de Economia Solidária da COAFTA; a melhoria na organização da produção, principalmente, do plantio consociado<sup>7</sup>, além da passagem da produção tradicional para a orgânica; a comercialização organizada, em virtude de sua organização social, o que possibilitou divulgar e agregar valor aos seus produtos; as parcerias com o sindicato dos trabalhadores rurais de Terra Alta e a prefeitura local.

Após a observação em campo das demandas da Associação Mutirão, com as visitas técnicas e reuniões com os associados, além de outras, foi realizada a oficina de *Organização Social e Papéis Sociais* do Curso de Capacitação para Empreendimentos da Área Rural e a *Oficina de Nivelamento sobre cooperativismo*. Tais oficinas tinham por objetivos, respectivamente, capacitar a associação sobre os papéis de cada um no empreendimento, bem como, sobre organização social e cooperativismo a fim que os mesmos se tornassem multiplicadores de informações, isto é, as informações recebidas na oficina seriam socializadas com outros membros e familiares do empreendimento.

Apesar de se tratar de produtores rurais esses associados têm uma visão política sólida e por isso mostram-se mais interessados em trocar conhecimentos, assim como se mostram mais à vontade em demonstrar suas opiniões. Assim, a equipe percebe certa diferença na participação e no modo destes empreendedores olharem o mundo, ou seja, eles têm uma visão mais ampla, apesar de viverem na zona rural.

---

<sup>7</sup> Plantio de outras culturas junto à mandioca.

Alguns dos participantes mostraram desconhecimento a respeito das noções básicas de cooperativismo, assim como de seus princípios e vantagens. Outros demonstraram certo autoritarismo no que diz respeito a assuntos referentes à atuação do corpo administrativo de uma cooperativa. Essa questão ficou evidente quando surgiu a discussão sobre a relação entre cooperado e presidente, pois segundo esses membros a dúvida perpassava pela seguinte indagação: *o presidente da cooperativa tem mais poder que os cooperados dentro da cooperativa?* A maioria se posicionou contrária a essa indagação afirmando que o presidente teria *função* diferente. Após discussão entre os participantes a equipe se posicionou e explicou os princípios do cooperativismo, levando em consideração a posição dos mesmos. Portanto, “não se pode construir o novo repetindo o velho. É preciso destruí-lo. Essa destruição, contudo, não significa aniquilamento, pois (...) o essencial do velho é preservado para se construir o novo” (GADOTTI, 1998, p. 67).

Nestes termos, à medida que o empreendimento econômico solidário prioriza a “descentralização da autoridade e, por conseguinte, o caráter participativo, cooperativo e democrático na administração” (JESUS *et al*, p. 271, 2004) a cidadania e a autogestão são reforçadas. Dessa forma, somente a participação coletiva como “um instrumento muito eficaz para aumentar a motivação e o entusiasmo das pessoas” (CORDIOLI, p. 27, 2001) é possível de desenvolver o potencial da organização no âmbito sócio-produtivo e político-econômico.

Pode-se destacar ainda a participação dos dois empreendimentos no I Encontro de Empreendimentos Solidários do Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – UFPA/UNITRABALHO que aconteceu em Ananindeua/Pa, como expositores na mesa *Experiências de Economia Solidária: perspectivas e planejamento*. Na ocasião, os empreendimentos relataram a realidade vivenciada em suas localidades, atentando para as dificuldades enfrentadas.

Portanto, a experiência da COAFTA e da Associação Mutirão é aqui mostrada como exercício de aplicação do cooperativismo como alternativa de geração de trabalho e renda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho da equipe buscou compreender o processo real de constituição de cada empreendimento para que não houvesse equívoco no momento de pensar quais ações seriam de fato prioritárias para os mesmos. Assim, a metodologia de incubação com base na pesquisa-ação e educação popular por ser diferenciada trouxe resultados importantes em relação aos trabalhadores que participaram das atividades, pois a partir de suas expressões foi possível observar o quanto o momento de troca é fundamental não somente para esses agricultores rurais, mas também para a equipe.

As diversas temáticas discutidas em programas como o PITCPES dão suporte para um maior conhecimento da realidade amazônica e a equipe se torna cada vez mais informada sobre o mundo do trabalho. Assim, a partir da análise deste mundo surgem novas teorias, discussões a cerca do trabalho no âmbito rural, bem como, o desenvolvimento de novas formas de produção no capitalismo. Por isso, a equipe leva essa discussão para dentro dos empreendimentos para que eles também compreendam o processo no qual estão inseridos.

No entanto, apesar dessas discussões ainda encontra-se diversas dificuldades no que diz respeito à apreensão sobre cooperativismo e sobre essa “outra economia”, isto é, a Economia Solidária. Isso ocorre porque apesar de se tratar de produtores rurais existem empreendedores que possuem uma visão individualista. Essa questão torna-se um grande desafio para a equipe do PITCPES, uma vez que esta precisa pensar ações estratégicas para desconstruir esses tipos de comportamentos e atitudes, mas entendendo que os sujeitos envolvidos têm suas habilidades e conhecimentos que podem contribuir para o processo de acompanhamento e conseqüentemente de sua autogestão solidária de seu empreendimento.

A logística dos empreendimentos é considerada uma dificuldade no sentido de localidade, uma vez que a sede da associação Mutirão localiza-se à beira do Rio Meruú-Açu, como já assinalado anteriormente. Isto significa que a localidade fica distante não somente do centro do município, mas também do pequeno porto (*Furo do Suspiro*), que fica aproximadamente a uma hora dessa Associação.

A ausência de políticas públicas nos municípios é outra grande dificuldade, haja vista que uma indagação aparece inevitavelmente: como falar de qualidade de vida a uma população que vive excluída dos direitos básicos, em que o isolamento é sinônimo de segregação sócio-espacial e econômica, e, não possui, portanto, nem condições dignas de sobrevivência. Mesmo assim, as dificuldades trazem experiências importantes para a concretização do trabalho, assim como, reflexão sobre o mesmo a fim de compreender os desafios que ora surgem ao longo deste trabalho.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo. O desenho multifacetado do trabalho hoje e sua nova morfologia. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, ano 23, n. 69, p. 107-119, 2002.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?*: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 5.ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.
- ASSOCIAÇÃO MUTIRÃO. Igarapé-Miri. Regimento Interno. (Texto Digitalizado).
- BREDE, Dunja. A consultoria organizacional participativa: um instrumento de trabalho junto às organizações de agricultores familiares e pescadores artesanais. In: BROSE, Markus (org.). *Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos*. Porto Alegre: Tomo, 2001.

CORDIOLI, Sergio. Enfoque participativo no trabalho com grupos. In: BROSE, Markus (Org.). *Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001. (p.25-40).

DINIZ, Tânia Maria Ramos Godói. O estudo de caso: suas implicações metodológicas na pesquisa em serviço social. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (org.) *Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras, 1999.

GADOTTI, Moacir. Educação e mudança social In: *Pedagogia da práxis*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GEDIEL, José Antônio (org.) [et al]. O trabalho na história, um longo processo de transformação. In: *Os caminhos do cooperativismo*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS DO PARÁ: Igarapé-Miri. *A Província do Pará*, p. 151, Belém, 27 mar. 1994.

JESUS, Paulo de; et al. Introdução ao estudo da economia solidária em Pernambuco. In: GAIGER, Luiz Inácio. Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. (p. 267-322).

LOBATO, Eládio. *Caminho de Canoa Pequena: história do município de Igarapé-Miri*. 2.ed. Belém: Imprensa Oficial – Offset, 1985.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1990.

VANNUCCHI, Aldo (org.). *Paulo Freire ao vivo*. São Paulo: Loyola, 1983. (Col. Educ-Ação, 11).

## **Extensão Universitária: vivenciando a incubação de empreendimentos solidários na Região Metropolitana de Belém**

*Lissany Braga Gonçalves (lissocial@yahoo.com.br)*

Bolsista de Extensão da UFPA, vinculada ao Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES/CSE/UFPA

*Maria José de Souza Barbosa (majose@ufpa.br)*

Professora do Departamento de Trabalho e Políticas Sociais do CSE/UFPA  
Dra. em Serviço Social pela UFRJ e coordenadora do PITCPES

Área temática: TRABALHO

**RESUMO:** *A extensão universitária apresenta-se com uma dupla dimensão: a primeira decorre da ação viabilizadora da aproximação entre universidade e sociedade/comunidade e, a segunda, diretamente vinculada à primeira, diz respeito à disciplina de Estágio profissional do curso de Serviço Social. O que tem como fundamento a promoção da articulação entre o conhecimento técnico/científico e conhecimento tácito, no intuito de construir caminhos de transformação social. Para atingir tal objetivo o Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários/PITCPES é um campo de estágio que viabiliza o ensino e a pesquisa, a extensão universitária a partir da formação de empreendimentos solidários na Região Metropolitana de Belém, na perspectiva de fortalecer o princípio de autogestão sob a base da economia solidária. O trabalho se desenvolve por meio da metodologia de incubação caracterizada pela inter e multidisciplinaridade, que abrange diversas áreas de conhecimento como Serviço Social, Economia, Ciências Jurídicas, Pedagogia, Engenharia Alimentar, Nutrição, entre outras. Neste contexto, essa metodologia é baseada nos pressupostos metodológicos de Eid (2001), Thiollent (1990), Brandão (1985) e Freire (2004), no entanto a realidade amazônica se diferencia de outras regiões por suas especificidades, sendo necessário à reconstrução dessa metodologia a fim de dar conta das especificidades regionais. Deste trabalho resultaram ações como a construção do plano de trabalho dos empreendimentos entre os mesmos e equipe do PITCPES, capacitações sobre Formação de Lideranças, noções de cooperativismo e economia solidária.*

Palavras-chave: *Extensão Universitária; Metodologia de Incubação; PITCPES.*

### **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: APROXIMANDO O ALUNO DO SEU OBJETO DE ESTUDO**

A extensão universitária caracteriza-se como uma ação capaz de resgatar o compromisso maior das universidades públicas, que é servir à sociedade. Permitindo, portanto, que esta possa apropriar-se dos saberes científicos, tecnológicos, artísticos e filosóficos ali produzidos. Para isso, as ações extensionistas funcionam como um elo de aproximação entre a Universidade e a sociedade, visando a construção mútua de instrumentos capazes de alterar as condições de vida da população brasileira.

Neste sentido, por ter um caráter transformador, a extensão precisa estar vinculada a pesquisa, pois esta última dá subsídio teórico-metodológico para as ações de alteração da sociedade. Reforçando a própria teoria, O Fórum de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras (1997) define a extensão universitária como, “um processo

educativo, cultural e científico que articula o ensino a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade”.

Sob essa perspectiva, curso de Serviço Social oferece obrigatoriamente, nos quatro últimos semestres, como parte do currículo, as disciplinas de Estágio Profissional I, II, III e Estágio Específico para Trabalho de Conclusão de Curso – TCC com caráter extensionista, tornando possível o exercício de aplicação da teoria aliada ao ensino da prática profissional. Estas disciplinas visam a aproximação do aluno a um determinado campo, com temáticas relacionadas às pesquisas dos Grupos de Estudos e Pesquisas dos professores do curso de Serviço Social, bem como, aos Programas e Projetos de Extensão. Isto permite aos alunos o contato direto com a realidade social, assim como, ao seu objeto de estudo para a finalização do estágio com a realização de uma pesquisa, a partir dos dados obtidos durante os três níveis da disciplina Estágio profissional.

Assim, no primeiro nível, ou seja, no Estágio I, realiza-se um debate teórico-metodológico a partir de uma bibliografia específica sobre a temática do campo, na finalização é realizado o Plano de Intervenção profissional, que a ser desenvolvido no Estágio II, sob a supervisão do professor responsável pela disciplina e, ao mesmo tempo, campo de Estágio. Neste período, desenvolvem-se estudos sob um olhar crítico a fim de embasar teoricamente o desenvolvimento do aprendizado de habilidades para o exercício das atividades profissionais. É importante ressaltar ainda, a troca de conhecimento entre a academia e o saber tácito/popular, de forma contributiva para ampliar os conhecimentos do aluno, permitindo a este repassar os conhecimentos acadêmicos em uma linguagem abstrata, a fim de construir mediações ente a linguagem “hermeticamente fechada” no processo de compreensão da sociedade como um todo.

#### O PROGRAMA INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES E EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS: UM CAMPO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

O Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários/PITCPES surgiu da ampliação das atividades desenvolvidas a partir do projeto de extensão, como o mesmo título, desde 2002. Este Programa vinculado a Rede Brasileira de Pesquisadores sobre o Mundo do Trabalho – UNITRABALHO, que hoje congrega 94 universidades em todos os estados do país. Trata-se de uma discussão sobre a crise do assalariamento e das novas alternativas dos trabalhadores excluídos do mercado de trabalho, como resultado do desemprego estrutural.

Neste sentido, o PITCPES tem a missão de “realizar a incubação de empreendimentos solidários e a formação técnico-científica integrando ensino, pesquisa e extensão em conjunto com os movimentos sociais objetivando o desenvolvimento regional e local sob os princípios da economia solidária” (PITCPES/Planejamento Estratégico, 2006-2007), tendo em vista a formação de empreendimentos solidários na perspectiva autogestionária, através da experimentação de instrumentais teórico-técnicos capazes de fortalecer o que CATTANI (2003) chama de “outra economia”.

O PITCPES é baseado principalmente na transferência de tecnologia social para a autogestão de empreendimentos solidários, valorizando tanto o conhecimento tácito, quanto o científico. Deste modo há uma “troca de saberes entre os assessores-educadores e trabalhadores” (BARROS, 2004, p. 205), a fim de melhorar a gestão, bem como, a produção, além de instrumentalizá-los à comercialização.

Sob essa perspectiva, o trabalho desenvolvido, neste campo de estágio, caracteriza-se por ser inter e multidisciplinar, cujas ações são articuladas com várias áreas de conhecimento como Serviço Social, Economia, Ciências Jurídicas, Pedagogia, Engenharia Alimentar, Nutrição, entre outras. Tais áreas de conhecimento têm realizado uma reconstrução conjunta, da metodologia de incubação, uma vez que, a Região Amazônica têm suas especificidades e se diferencia das outras regiões do país. Deste modo, nos baseamos em alguns autores para essa reconstrução, podemos entre estes citar os pressupostos metodológicos de Eid e Gallo (2001) que divide a incubação em três etapas: *pré-incubação*, *incubação* e *desincubação*. A *pré-incubação* dá-se efetivamente a partir do mapeamento e identificação dos grupos sociais, o segundo momento é voltado para a formação (capacitação em todos os aspectos até que estes se tornem autogestionários), o ultimo momento, de *desincubação*, compreende o período em que os grupos encontram-se preparados para o mercado, não necessitando diretamente de Assessorias.

Valemos-nos ainda, da *pesquisa-ação* de Thiollent (1986) que é uma pesquisa social de linha interpretativa, que desempenha um estreito conjunto de ações voltadas para a resolução de problemas coletivos. Bem como, a *pesquisa participante* de Brandão (1985) este em sua teoria descreve que “quando o outro [se] transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história”, ou seja, deve-se estreitar a relação entre pesquisador e pesquisado. Deste modo, a educação popular de Freire (2004) também é importante para a construção de nossa metodologia, pois os sujeitos devem se perceber enquanto parte integrante da situação em que vivem, para isso é necessário utilizar uma



“pedagogia capaz de fazer da opressão e de suas causas, objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação”. (FREIRE, 2004, p.32)

Sendo assim, o PITCPES é um campo de estágio novo para todas as áreas de conhecimento supracitadas, pois suas ações são decorrentes de um processo de transformação no mundo do trabalho, ainda recente e em processo de construção. Deste modo, apresenta-se como um campo fértil de estudo para as áreas que desejam desenvolver pesquisas sobre novas alternativas de enfrentamento da crise capitalista contemporânea.

### OS EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS INCUBADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

Em janeiro de 2006 foi lançado o edital de seleção para a incubação de novos empreendimentos da Região Metropolitana de Belém-RMB. Assim, participaram desta seleção 43 empreendimentos. Destes foram selecionados apenas 10 empreendimentos, atendendo as exigências do financiador (Agência de Desenvolvimento da Amazônia/ADA). Dentre os selecionados preencheram os requisitos de seleção quatro cooperativas que já estavam sendo acompanhadas pelo PITCPES e seis novos empreendimentos que passaram a ser acompanhados apenas em 2006. Sendo assim, o objetivo deste tópico busca caracterizar respectivamente os empreendimentos já acompanhados, bem como os novos grupos selecionados.

<b>Grupo empreendedor</b>	<b>Número de sócios</b>	<b>Atividades principais</b>	<b>Breve histórico</b>
Cooperativa de Serviços Gerais/ COOPSEG	24	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Limpeza e conservação de ambientes públicos, localizados em praças e feiras de Belém.</li> <li>• Gerenciamento de um bar e restaurante no complexo turístico do Mercado de São Brás.</li> </ul>	O grupo foi formado por pessoas oriundas do Programa Bolsa Escola, que após o término de alguns cursos de capacitação ofertados por esse programa, decidiram formar a cooperativa que surgiu em fevereiro de 2001.
Cooperativa de Empreendedores do Ver-o-Rio/COOPEV	24	Desenvolvem atividades nos quiosques do complexo turístico do Ver-o-Rio, na produção e comercialização de comidas típicas e bebidas em geral.	O grupo também é constituído de pessoas oriundas do Programa Bolsa Escola, no entanto só se constituiu como cooperativa em janeiro de 2005.
PARAMAZONCOOP	15	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzem guloseimas regionais, como bombons, biscoitos, licores, cocadas etc.</li> </ul>	Já existia uma produção familiar há sete anos. Após participação no Fórum de Empreendedores de Economia Solidária, esse grupo familiar resolveu se juntar ao grupo de mulheres do Tapanã e formar a cooperativa que funciona desde 2004, mas ainda não é formalizada juridicamente.

Cooperativa de Empreendedores Solidários Produtores de Moda do Pará/ASCOOP	53	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de confecções, bijuterias e bolsas.</li> </ul>	A ASCOOP foi fundada a partir da fusão da COOPESBA (que era uma cooperativa que fabricava bolsas e Acessórios). Após esta fusão, houve união desta cooperativa com vários outros pólos de produção, fundando a ASCOOP em 11 de fevereiro de 2004, a cooperativa ainda não se formalizou juridicamente.
Associação de Apoio aos Portadores de Transtornos Mentais e seus Familiares/Brilho e Luz	50	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de moda e acessórios.</li> </ul>	Esta Associação nasceu na Unidade de Saúde da Pedreira. Quando técnicos da área da saúde mental, juntamente com usuários e familiares, passaram a se organizar e discutir sobre a produção de trabalhos artesanais, produzidos pelos portadores de transtornos mentais. A mesma foi fundada em agosto de 2004.
Grupo de Artesanato Revelação	15	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de artesanato, pintura em tecidos e bombons regionais.</li> </ul>	O grupo surgiu após cursos oferecidos pela prefeitura de Marituba.
Cooperativa de Marceneiros e Moveleiros de Águas Lindas/COOPMARLINDA	28	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de móveis e serviços em madeiras (restauração, concerto).</li> </ul>	O grupo surgiu após uma palestra de sensibilização no bairro de Águas Lindas, para explicar sobre o projeto Cidadão Empreendedor da prefeitura de Ananindeua. Após essa palestra os moveleiros resolveram montar a cooperativa que ainda não tem um ano de funcionamento e está em processo de legalização.
Associação Cerâmica Chicano	8	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de peças em cerâmica como vasos, luminárias, bijuterias etc.</li> </ul>	O grupo é formado somente por moradores da comunidade Chicano, no município de Santa Bárbara. Estes começaram a produzir suas peças em 1999, num galpão cedido pela prefeitura deste município e que funcionava as margens de um rio nesta comunidade. Em 2000 ela se formalizou juridicamente.
Cooperativa de Profissionais Autônomos de Confecções e Artesanato de Marituba/COPROACAM	33	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de confecções em geral, com ênfase em uniformes escolares, além de trabalhos em serigrafia e artesanatos.</li> </ul>	O grupo foi criado em 2002 por mães de crianças que faziam parte do Programa Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Essas mulheres fizeram cursos de capacitação, e passaram a produzir em máquinas doadas ao grupo pelo prefeito do município, visando uma geração de renda as mesmas.
Grupo de Bombons do Maguary	20	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de bombons regionais.</li> </ul>	O grupo surgiu após uma palestra de sensibilização em Ananindeua, para explicar sobre o projeto Cidadão Empreendedor desta prefeitura. Após essa palestra algumas mulheres resolveram montar a cooperativa que ainda não está legalizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação desses empreendimentos através das ações do PITCPES, contribui para fortalecer a extensão universitária. Uma vez que, por meio da troca de conhecimento entre os alunos e trabalhadores, além de aproximar o aluno da realidade social destes últimos, contribui para a construção de ações viabilizadora da resolução dos problemas surgidos no decorrer da pesquisa.

Deste modo, ao enfrentar os problemas esses atores sociais se tornam capazes de desenvolver seus empreendimentos, tornando-os mais competitivos no mercado, gerando trabalho e renda aos seus sócios. Realizando uma transformação na sua condição de vida, alterando a antiga condição de pessoas excluídas do trabalho assalariado, para gestores de seu próprio negócio.

Neste sentido visando fomentar essa capacidade autogestionária foram desenvolvidas nesse segundo semestre de 2006, as oficinas de capacitação sobre Formação de Lideranças, Noções de Cooperativismo e Economia Solidária a esses dez empreendimentos que estão sendo acompanhados, bem como, uma construção conjunta entre equipe e empreendimentos, do plano de trabalho que seria desenvolvido durante o processo de incubação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Joseane Fonseca de. O projeto educativo das ITCPES: encontros e desencontros na incubagem de cooperativas populares. In: PIKANÇO, Iracy; TIRIBA, Lia (Orgs.). *Trabalho e Educação: Arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular e solidária*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.
- BRANDÃO, Carlos R. *Pesquisar-Participar. Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CATTANI, Antonio David. *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz, 2003.
- EID, Farid e GALLO, Ana Rita. *Metodologia de Incubação e desafios para o cooperativismo popular: uma análise sobre o trabalho da Incubadora de Cooperativas Populares da UFSCAR*. UFSCar, 2001. (texto digitalizado).
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 37.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- ITCPES. Relatório do Planejamento Estratégico 2006/2007.
- SINGER, Paul. Economia Solidária. In: CATTANI, Antonio David (Org.). *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz, 2003.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1990.

## **A Cooperativa de Serviços Gerais sob a perspectiva da incubação \***

*Maria Estrela Costa de Sousa (estrela072002@yahoo.com.br)*

*Michele Lima de Souza (micheleassist@bol.com.br)*

Bolsistas PROEX/CSE/UFPA do Projeto Formação de Empreendimentos Solidários;

*Núbia Cristina Assunção Miranda (nubiacam@yahoo.com.br)*

Bolsista PROINT

Área temática: TRABALHO

**RESUMO:** *Este artigo trata do processo de incubação realizada junto a Cooperativa de Serviços Gerais – COOPSEG, em Belém no Estado do Pará, no ano de 2005. A incubação é realizada por uma equipe interdisciplinar do Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES, da Universidade Federal do Pará – UFPA. Descreve-se inicialmente o processo de incubação e em seguida menciona-se a experiência desenvolvida na COOPSEG, com base nos princípios da economia solidária. A incubação é, na realidade, o processo de formação e acompanhamento sistemático para a autogestão de empreendimentos populares. Para efeito de demonstração didática, o processo de incubação é dividido em três momentos: pré-incubação, incubação e desincubação. No entanto, este artigo trata do primeiro e segundo momento respectivamente. Na pré-incubação há o conhecimento do empreendimento a partir de visitas técnicas, seguidas da aplicação do questionário socioeconômico, a fim de se obter o diagnóstico do empreendimento tendo como objetivo a incubação, propriamente dita, ou seja, a formação e acompanhamento ao empreendimento, a partir da elaboração conjunta de um plano de trabalho.*

**Palavras-chave:** *Economia solidária, incubação, cooperativismo.*

### 1. INTRODUÇÃO

O artigo trata das atividades de incubação desenvolvidas pelo Programa de Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES, no ano de 2005. A incubação realizada constitui-se no acompanhamento freqüente aos empreendimentos constituídos legalmente ou não. O trabalho é desenvolvido a partir do resultado obtido pelo diagnóstico elaborado pela equipe do PITCPES, cujo objetivo é conhecimento do mesmo.

O processo de incubação é uma forma de extensão universitária que se realiza através de visitas técnicas, reuniões, entrevistas, oficinas, seminários, cursos etc. Por meio destas atividades há a difusão de informações aos cooperados e também à aprendizagem da equipe, a medida em que se constitui como forma de troca do conhecimento acadêmico e o conhecimento popular.

O empreendimento COOPSEG, inserido no processo de incubação, é acompanhado pela equipe do PITCPES, dando ênfase à economia solidária que, segundo Singer (1999), envolve um conjunto de experiências coletivas de trabalho, produção, comercialização e

---

\* Artigo elaborado sob orientação da Assistente Social e Ms Ana Maria Pires Mendes coordenadora do projeto Formação à Empreendimentos Solidários vinculado Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES; apires@ufpa.br e da profª Drª Maria José de Souza Barbosa coordenadora do PITCPES; majosé@ufpa.br

crédito organizado por princípios solidários. Dessa forma, trata-se da associação de empreendedores que se reúnem voluntariamente com o propósito de gerar trabalho e renda, de forma coletiva em que os empreendimentos buscam acessar tecnologias sociais para a melhoria da sua produção e da sua autogestão.

## 2. O PROCESSO DE INCUBAÇÃO NA COOPSEG

O Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES realiza a incubação de empreendimentos solidários na perspectiva da formação técnico-científico de alunos de graduação e pós-graduação, assim como, de trabalhadores vinculados à economia solidária. A relação entre ensino, pesquisa e extensão tem como finalidade a consolidação de uma linha de estudos e pesquisas centradas no desenvolvimento regional e local, sob os princípios da economia solidária, inserindo alunos em áreas de conhecimento como: direito, economia, serviço social, engenharia de alimentos, nutrição etc.

As ações desenvolvidas pelo PITCPES são direcionadas aos empreendimentos da área urbana e rural e tem por princípio os valores da economia solidária, ou seja, ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade, sendo portanto, um tipo de economia que permite articular diversos elos da cadeia produtiva, a partir de tais valores. Nesse sentido, articula o consumo solidário com a produção e a comercialização de modo orgânico e dinâmico em nível local e global.

A incubação nos empreendimentos, tanto da Região do Baixo Tocantins quanto da Região Metropolitana de Belém – RMB, contempla o acesso a tecnologias sociais para a autogestão e, conseqüentemente, a garantia da viabilidade dos mesmos destituídos de meios necessários para sua sobrevivência no mercado.

Neste contexto, o trabalho da equipe inicia-se com o processo de conhecimento e identificação dos grupos, realizado a partir da aplicação de questionários socioeconômicos com o objetivo de elaborar o diagnóstico dos empreendimentos. A essa fase a equipe do PITCPES denomina de pré-incubação, uma vez que, se trata do momento de verificar se os empreendimentos têm existência enquanto grupo sócio-produtivo e quais suas necessidades para a melhoria sócio-econômica dos mesmos.

Assim sendo, em abril de 2005, após a elaboração do diagnóstico da Cooperativa de Serviços Gerais – COOPSEG, foi desenvolvida uma oficina de planejamento e construção do plano de negócio. Na ocasião, o empreendimento pôde mencionar suas demandas e ainda expressar seus desejos por meio da utilização de uma dinâmica de grupo. A partir dessa dinâmica foi construído o planejamento do empreendimento, estabelecendo metas para buscar

soluções a curto, médio e longo prazo. O empreendimento expressou diversas necessidades como: resolução de conflitos interpessoais, noções de direito referente às cooperativas, contabilidade básica a empreendimentos populares, elaboração de projetos, manipulação de alimentos, *design* etc. Nesse sentido, para a efetivação das ações de incubação na referida cooperativa se levou em consideração os interesses do grupo, o que possibilitou a realização de cursos<sup>1</sup> solicitados pelos membros do empreendimento, a partir de 2005.

A metodologia utilizada nesse processo tem como base a pesquisa-ação que, segundo Thiollent (1996), é entendida como uma pesquisa social interpretativa a qual possui ações voltadas para solução de problemas, consistindo não somente no levantamento de dados, mas também na intervenção da equipe, para garantir a transferência de tecnologia social à autogestão.

Assim, pode-se dizer que os técnicos, professores e alunos desempenham um papel ativo para a melhoria da qualidade da produção e gestão das cooperativas. A pesquisa-ação é uma estratégia metodológica de pesquisa social, que visa à ampliação e a interação entre os atores sociais envolvidos neste processo de cooperação.

Vale ressaltar que a incubação da COOPSEG tem possibilitado, para a equipe do serviço social, experiências que permeiam a relação entre a academia e o saber popular. O *link* existente entre esses saberes permite ampliar o conhecimento de técnicos e discentes de graduação, tendo em vista que não deve haver dicotomia entre teoria e prática, pois essa prática se estabelece no contato direto com o outro, ou seja, com os empreendimentos solidários.

Compreender a realidade da cooperativa é saber que a mesma não está isolada do contexto social, mas sim que ela possui uma história a ser respeitada no momento em que é realizada a visita a campo.

Assim, realizar a incubação é estar comprometido com as atividades que o processo exige, é portanto, estar capacitado para dialogar, interagir, participar e desenvolver estratégias de ação para a resolução de problemas que o empreendimento possa ter.

Saber ouvir a fala do grupo durante a realização dos cursos possibilita entender as palavras, as emoções e os gestos que cada um manifesta durante a participação nos mesmos, por isso é preciso que saibamos “(...) desenvolver capacidades e habilidades no campo da lingüística e buscar captar os conteúdos motivacionais, ideológicos, bem como emocionais/cognitivos (...)” (GOHN, 1999, p.106-107).

---

<sup>1</sup> Os cursos foram realizados em dois horários: manhã e tarde.

O saber ouvir contribui para o avanço da equipe, pois o contato com os cooperados possibilita o conhecimento de experiências sociais e o significado que atribuíam a elas. Para Martinelli quando não se conhece o modo de vida das pessoas, suas experiências etc. vão “(...) se instituindo verdadeiras lacunas no processo de conhecimento e os dados obtidos acabam não sendo geradores dos avanços da prática.” (MARTINELLI, 1999, pp.20-21).

Trabalhar com pessoas exige um olhar crítico da problemática a qual está vivenciando, nesse caso, dos empreendimentos. Esse olhar parte da observação realizada durante as visitas de campo permitindo um contato maior com os cooperados.

O uso da observação é muito importante nas visitas aos empreendimentos, pois servem para clarificar situações e contribuir para a canalização de informações sobre determinadas questões sociais. Numa perspectiva crítica, segundo Sarmiento, a observação não é um simples olhar, é compreender as inter-relações, “(...) é ver fundo o singular sem desprezar o geral, é aproximar-se da realidade observada para ver o aparente, identificando-o e, ser capaz de ver além do que se apresenta no imediato (...)” (SARMENTO: 2005, p.24). Assim, a observação enquanto instrumento necessário ao serviço social é muito utilizada no processo de incubação, pois consiste em compreender o cooperado, sua fala, suas expressões e seu silêncio..

Na incubação não se trabalha a imposição de conhecimento, ao contrário, busca-se a troca do conhecimento acadêmico com o saber popular, pois a vivência constitui matéria prima da incubação, tendo em vista, o respeito ao modo de vida das pessoas com as quais se troca conhecimentos. Dessa maneira, a partir da “(...) compreensão somos capazes de entender melhor os aspectos rotineiros, as relevâncias, os conflitos, os rituais, bem como, a delimitação dos espaços (...)” (NETO, 1994, p.62).

Assim, a práxis social não se constitui em apenas desenvolver um trabalho operacional, mas numa estreita relação entre teoria-prática imprimindo, nessa prática, uma dimensão produtiva e investigativa, para se alcançar os objetivos almejados. Nesse sentido, buscou-se aprofundar o conhecimento sobre as temáticas da economia solidária com o intuito do fortalecimento da cooperativa enquanto alternativa de geração de trabalho e renda, na perspectiva da inclusão sócio-econômica desse empreendimento.

O recurso metodológico utilizado no processo de incubação possibilitou trabalhar a concepção do coletivo, uma vez que, o importante no contexto “(...) não é o número de pessoas que vai prestar a informação, mas o significado que esses sujeitos têm, em função do que estamos buscando com a pesquisa” (MARTINELLI, 1999, p.24). Dessa forma, a metodologia é essencial para qualquer trabalho, visto que “(...) é também considerada como modo de conduzir a pesquisa (...)” (THIOLLENT, 1996, p. 25).

Nessa perspectiva, a equipe do PITCPES buscou desenvolver a incubação na COOPSEG, com ênfase no conhecimento do grupo como um todo, não somente os integrantes da diretoria e do conselho fiscal. Diante disto foi necessário interpretar seus problemas e, a partir daí, encontrar juntamente com eles, a solução para os mesmos.

Os procedimentos metodológicos foram necessários para o primeiro passo em termos de planejamento das ações de incubação, assim sendo, é relevante considerar que “(...) nenhuma metodologia se aplica por si só, pois ela é sempre relacional e depende de procedimentos (...)” (MARTINELLI, 1999, p.25).

Mediante a compreensão do diagnóstico buscou-se traçar o perfil da COOPSEG. A mesma surgiu da necessidade de algumas pessoas que participaram de um curso de serviços gerais, oferecido pela Prefeitura Municipal de Belém, no período entre 1999 a 2000. Fundada em 2001, hoje a COOPSEG é composta por 23 cooperados, residentes em vários bairros de Belém. Suas atividades estão relacionadas à limpeza e a conservação de ambientes<sup>2</sup> de praças públicas, desenvolve também atividades relacionadas à alimentação<sup>3</sup>.

Com relação à gestão da cooperativa, essa possui um fundo de assistência ao cooperado – FAC, o qual consiste nos benefícios que a mesma disponibiliza aos seus sócios. Assim, pode-se dizer que a COOPSEG é uma cooperativa concretizada e o seu fortalecimento, enquanto empreendimento solidário, é observável durante o processo de incubação, o que a torna como incentivo para outras cooperativas em processo de legalização.

O processo de incubação na cooperativa COOPSEG proporcionou conhecimento e experiência tanto a equipe quanto aos membros do empreendimento.

Cabe salientar também que no processo de incubação constatou-se que a cultura é um elemento fundamental para a interpretação da realidade dos empreendimentos. Ela é compreendida, segundo Lévi-Strauss (*apud* GOHN, 1999, p.27), como “um conjunto complexo de códigos que asseguram a ação coletiva de um grupo”. No entanto, a cultura possui diversas formas, ela pode ser compreendida como modo de vida, interioridade natural, vida comunitária ou associada a transformações sociais. Para Geertz (1986), a cultura compreendida como teias e significados a qual o homem tece e está amarrado, como uma ciência interpretativa em busca de significados.

Cabe ressaltar que as ações realizadas pela equipe do PITCPES são planejadas no coletivo e para o coletivo. Nesse sentido, perceber as expressões dos cooperados durante a

---

<sup>2</sup> Banheiros públicos de praças e feiras de Belém

<sup>3</sup> A cooperativa possui bar e restaurante denominado *Coisas do Pará*, este fornece alimentação semanal com cardápio variado e serviços de bar durante os fins de semana.



realização dos cursos é muito enriquecedor porque possibilita a apreensão do que está sendo satisfeito ou não para eles.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de incubação na COOPSEG mostrou que é possível melhorar a capacidade dos empreendimentos populares em desenvolver suas atividades produtivas com base em tecnologias sociais para a autogestão. No entanto, não se trata de uma tarefa fácil, muitos foram os problemas encontrados, como a organização da parte administrativa, os registros contábil-financeiros e ainda a compreensão do que seja uma cooperativa propriamente dita, particularmente, quando se trata de uma outra economia, ou seja, a economia solidária.

Assim, pode-se dizer que a incubação é uma metodologia que garante a articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão e que tem grandes desafios a vencer, porém o mais importante é estar ciente que juntos (equipe x cooperados) torna-se mais fácil ultrapassar os obstáculos que surgem. Nessa perspectiva, cabe a academia fornecer subsídios para o fortalecimento desse tipo de empreendimento, uma vez que reúne as condições para a formação de profissionais e, ao mesmo tempo, tem o compromisso social em transferir os conhecimentos acumulados para a sociedade.

Com base nos conhecimentos adquiridos no processo de incubação da COOPSEG foi possível a equipe identificar os impactos positivos da incubação em termos da melhoria da gestão, mostrando mudanças consideráveis na organização destes empreendimentos.

O aprendizado, devido à troca de saberes, tem sido uma questão essencial para a formulação de novas hipóteses acerca do trabalho e da organização social. Esse tipo de aprendizagem exige sua implicação para a inserção sócio-produtiva dos cooperados, principalmente, quando se toma como meta o trabalho coletivo.

As contribuições dos cooperados para a equipe têm possibilitado a construção de procedimentos metodológicos próprios, gerando novas habilidades e qualificar os estudos realizados no âmbito da extensão, que diferentemente da invasão (considerada como uma prática de apropriação de conhecimentos sem gerar resultados concretos para os grupos sociais objetos de estudo), busca transferir os conhecimentos já dimensionados pela pesquisa acadêmica dos professores e mestrands, a fim de garantir o acesso a serviços de assistência técnico-científica à gestão de empreendimento comunitário sob o princípio da autogestão.

Os conhecimentos sobre temáticas econômicas e sociais, financeiras e mercadológicas (produto, mercado, logística, *marketing*), sócio-políticas (cooperação antes de competição), administrativo (organização da produção e de pessoal), jurídico (legislação) e contábil

(tributos e encargos), organização social (estratégias de produção associativista e do trabalho produtivo), são necessários à incubação tornando-se um diferencial significativo para a melhoria da gestão dos empreendimentos e, conseqüentemente, a manutenção da vida dos empreendimentos compatíveis com as características econômicas, sociais e culturais dos grupos envolvidos e, sobretudo, o debate sobre o trabalho precário e a informalidade do mercado e as tendências do trabalho na pós-modernidade.

Por isso é fundamental que a equipe do PITCPES esteja se capacitando cada vez mais, para ampliar seus conhecimentos e articulá-los ao saber popular dos empreendimentos solidários, visto que estes visam o crescimento e o fortalecimento enquanto cooperativas.

Nessa finalidade a participação em eventos, palestras e seminários possibilitam aprendizagem para a equipe que está direcionada para o acompanhamento de cooperativas seja no meio rural ou seja no meio urbano.

Em suma, as atividades realizadas, a partir de 2005 junto a COOPSEG, tiveram êxito, embora haja muito a fazer, visto que a luta dos empreendimentos é constante para se manterem no mercado altamente competitivo. Isso infere que os mesmos precisam estar qualificados, seja para a prestação de serviços, ou seja, para a produção de alimentos, artesanatos, bijuterias etc. Pois só assim ampliarão seus espaços de empreendedores solidários.

## BIBLIOGRAFIA

- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. São Paulo: Guanabara Koogan, 1986.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo, Cortez, 1999. (Col. Questões da nossa época; 71)
- MARTINELLI, Maria Lúcia. *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras Editora, 1999.
- NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- SARMENTO, Hélder Boska de Moraes. Rediscutindo os Instrumentais e as Práticas em Serviço Social. In: *Textos de Teoria de Serviço Social - Estágio Profissional em Serviço Social na UFPA*. Vol. I, Belém, 2005(texto digitalizado)
- SINGER, Paul. Economia Solidária. In: CATTANI, Antonio David (org.). *A Outra Economia*. Porto Alegre: Veraz, 2003.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TÍTULO:

Anais da Nona Jornada de Extensão Universitária UFPA

PROJETO GRÁFICO, EDITORAÇÃO E CAPA:

Elizabete N. Raiol Lopes  
Jorge Domingues Lopes

FORMATO:

29,7 x 21cm

NÚMERO DE PÁGINAS:

498

FORMATO DEFINITIVO DO ARQUIVO:

Portable Document Format

EDIÇÃO ELETRÔNICA:

Parte integrante do CD-ROM da  
Nona Jornada de Extensão UFPA



NONA

jornada   
de extensão  
universitária  ufpa

# Anais

## SUSTENTABILIDADE E DIVERSIDADE NA AMAZÔNIA

A Universidade Federal do Pará, em sua Nona Jornada de Extensão Universitária/2006, tem como tema *Sustentabilidade e Diversidade na Amazônia*. A escolha do mesmo e sua importância estão ligadas à visão de Extensão que queremos ver enraizar-se em todas as dimensões acadêmicas da formação universitária da UFPA. Temos que compreender a Extensão como processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade e coloca para o ensino outras possibilidades inovativas de construção do conhecimento. A Extensão é uma via de mão dupla, assegurando à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis e um conhecimento acadêmico socialmente referenciado.

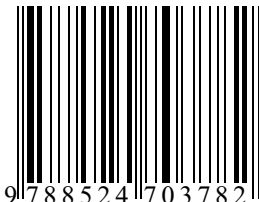
Profa. Dra. Ney Cristina Monteiro de Oliveira  
Pró-Reitora de Extensão da UFPA



UFPA 50 Anos  
DE AMAZÔNIA,  
PATRIMÔNIO DO BRASIL

PROEX  
U F P A

ISBN 85-247-0378-4



9 788524 703782